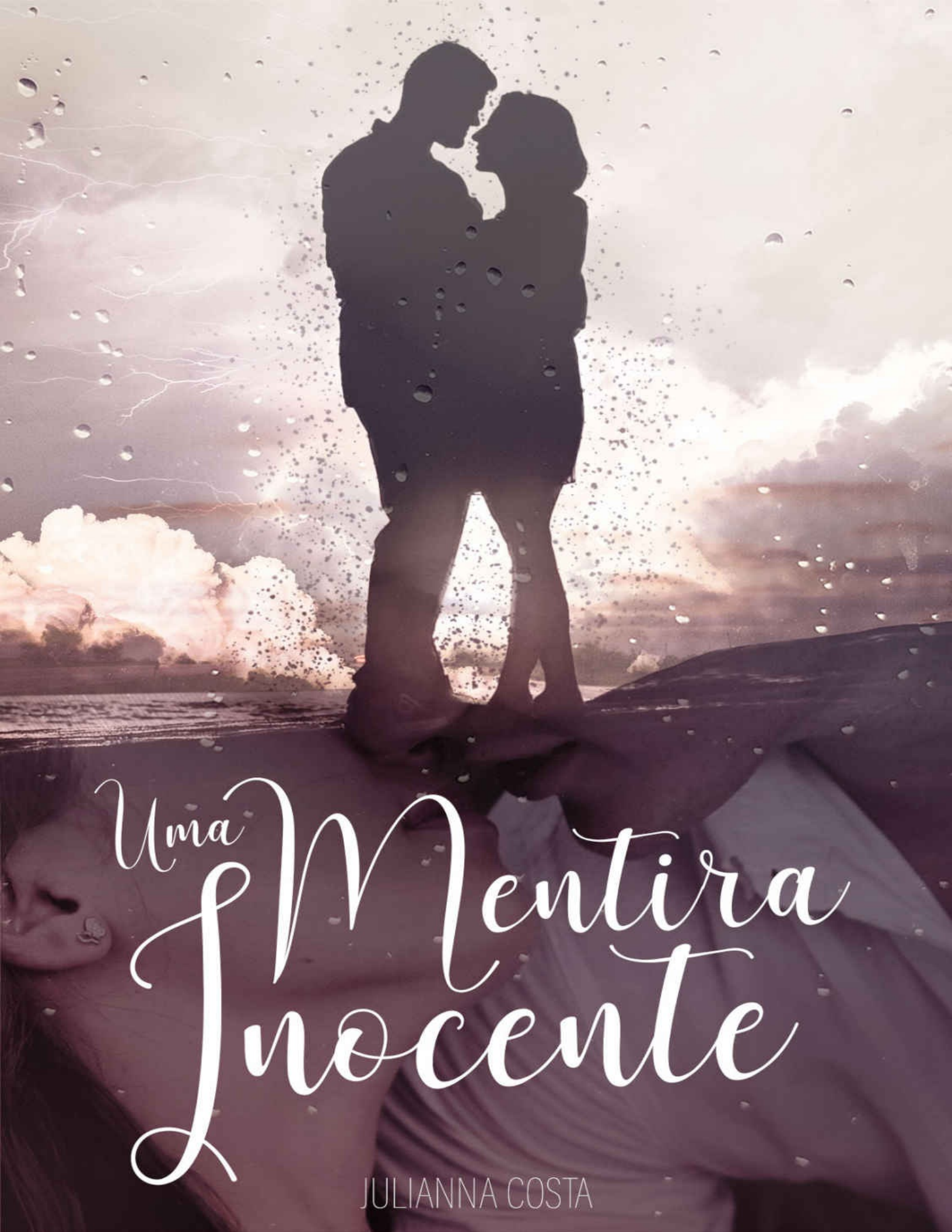




Uma Mentira Inocente

JULIANNA COSTA



PERIGOSAS

Julianna Costa

Uma Mentira Inocente

São Paulo
2018

Gogo Books

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Este livro, ou qualquer parte dele, não pode ser reproduzido por quaisquer meios sem prévia autorização expressa da autora.

Capa Camila Smid

Revisão Virgínia Barbosa

Prólogo

Essa é uma daquelas histórias que, desde o prólogo, você acha que sabe o que vai acontecer.

Faz sentido: minha vida nunca foi imprevisível.

Quando você nasce em uma cidade pequena e bucólica que sobrevive de um turismo de beira de estrada, não existe muita pretensão em sua vida.

Você vai crescer trabalhando na lanchonete. Vai fazer algum curso noturno na única faculdade próxima. Vai cuidar da loja de antiguidades da sua avó. Talvez se case com um cara decente, se o encontrar no caminho.

E é isso.

Esse era o prólogo da minha vida e eu tinha certeza do que esperar para um epílogo, por um motivo muito simples: eu sou a pessoa mais desprovida de ambições que você jamais vai conhecer.

Todas as pessoas da minha idade falavam sobre um único assunto: sair dali.

Sair dali.

Como se nossa cidade fosse um prisão.

Como se o resto do mundo não fosse só um aglomerado diferente, de casas diferentes, com pessoas diferentes.

Como se o resto do mundo fosse "liberdade".

Bem... "liberdade", para mim, era fazer o que eu quisesse.

E eu queria crescer trabalhando na lanchonete. Adorava o dono, o Eduardo, que ajudou a cuidar do meu irmão e de mim depois que nossos pais se foram.

Eu queria fazer um mestrado em uma faculdade próxima. Quem sabe um dia me tornar professora universitária, como minha mãe.

Eu amava a loja da minha avó.

A impressão que sempre tive, no entanto, é que "não ter ambição" era um pecado grave no mundo de hoje.

As pessoas me encaravam como se eu fosse preguiçosa, incapaz ou simplesmente desajeitada. Uma peça do quebra-cabeça que não encaixa em nada. Uma sobressalente esquisita que você joga fora sem pensar duas vezes.

Eu era o ponto fora da curva em uma geração de jovens adultos que só queriam *sair dali*.

Mas meu epílogo seria *justamente ali*.

Dentro da casa que meus bisavós construíram.

Na mesma cidade em que cresci.

Na mesma vida que nunca se atreveu a mudar.

Mas agora...

Não sei como cheguei aqui...

Olho ao redor e tento me encaixar em uma cidade que nunca me convidou. Em uma nova vida que nunca imaginei que seria minha.

Respiro fundo e tento mover o meu ombro, rígido de estresse.

Mechas de cabelo escapam do meu coque. Minha roupa é adequada para o ambiente, mas inadequada a minha personalidade. Nunca fui do tipo que usa saia lápis com blusa de manga comprida. É elegante demais e eu...

Eu sou a mecha que escapa do coque.

A tentativa de elegância falhando de um jeito miserável.

Era mais fácil você me encontrar enfiada na terra.

Enfiada em uma poltrona, lendo, em um dia de chuva.

Enfiada na loja de antiguidades que era da minha avó antes de ser minha.

Era mais fácil você me encontrar enfiada em montes de livros, louças e lençóis, antes de me encontrar enfiada em uma saia lápis.

No entanto, aqui estou eu.

No vigésimo oitavo andar de um empresarial em São Paulo e suspeito que nunca estive tão alto em minha vida. Minhas pernas ainda tremem com qualquer relance das janelas de parede inteira, cercando todo o perímetro do escritório principal da Moura & Valença. A vista do outro lado é belíssima, mas alta demais para que minhas pobres pernas se mantenham coesas.

- ... vinte e três cópias frente e verso. Verifique se todos os pagamentos já foram processados e depois ligue para todos os parceiros confirmando a reunião das 16 horas.

- Sim, senhor. - aceno devagar.

Vicente Rodriguez é alto e largo. Tem um par de olhos castanhos que, por qualquer motivo, sempre me lembram os de um falcão. Seu nariz reto e seu queixo anguloso lhe dão uma expressão severa de homem que sabe o que quer. Os cabelos são de um dourado sujo, como se nunca tivesse resolvido se queria ser loiro ou moreno. No entanto, o que mais chama atenção é que ele é jovem demais para ser o diretor daquele setor inteiro. Talvez por isso transborde competência.

Bem... "competência" ou "arrogância"... impossível saber qual dos dois.

Mas é meu chefe, então eu respiro fundo e aceito seu olhar condescendente. É minha primeira semana de trabalho e tenho certeza que já é o oitavo desses que recebo dele.

O senhor Rodriguez inspira fundo para me perguntar - pela milésima vez - se eu não quero anotar os detalhes.

Eu vou precisar inspirar fundo para sorrir e lhe responder - pela milésima vez - que "não". Minha memória é excelente. Vou desmaiar de medo dessa altura desnecessária umas quatro vezes antes de esquecer qualquer item da lista de coisas que precisa que sejam feitas.

- Tudo bem. - sorri, com seus olhos de falcão. Acho que está olhando para o meu decote, mas deve ter sido impressão minha. Um chefe nunca faria isso a uma secretária em um ambiente de trabalho.

Secretária.

Era um degrau.

Para onde?

Não faço ideia.

Mas pagava as contas enquanto meu mestrado não acabava e eu não decidia o que fazer.

A sala do senhor Rodriguez era antecederada por uma pequena sala comprida e imponente. Tinha que ser: não era aceitável que a sala do chefe do departamento de arquitetura fosse esquisita ou brega.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Tudo ali era novo, reluzente e limpo. Mesmo as antiguidades. *Faux Antiques*, era como ele chamava. Significava que era novo mas fingia ser velho. Vovó iria rir alto.

Mas, vovó era uma mulher que media o valor de uma coisa pela quantidade de poeira que ela trazia em cima.

Ótimo para os negócios.

Péssimo para os alérgicos.

O senhor Rodriguez nunca sobreviveria a minha avó.

De todo modo, a ante-sala cheia de velharias recentes é onde eu fico. Eu e Renata. As duas secretárias do senhor Rodriguez porque homens importantes nunca podem ter secretárias demais ou alguma besteira do gênero.

- Anotou tudo? - ela pergunta, solícita, antes de estalar o indicador na própria testa - Ah, esqueci! Sua memória sobrenatural. - brincou.

Eu gosto de Renata.

Ela parece simpática e confiável.

Mas... eu gosto de todo mundo, não sou exatamente a melhor juíza de caráter. Já errei de modo tão colossal no passado que...

Não.

É melhor nem pensar nisso.

Não aqui.

Não agora.

De volta ao trabalho, Mia. Sem devaneios.

- Vamos sair hoje! - Renata avisa, sentada na mesa do outro lado da minha. Está com o telefone no ouvido quando sorri, passando os dedos pelos cabelos muito curtos, escuros e lisos - É sua primeira semana. *Happy hour*, novata. - pisca um olho, divertido - O Fábio também vai.

- Não sei. - dou de ombros.

Não sou exatamente um modelo de diversão. E a insistência da Renata com essa coisa do Fábio está começando a me incomodar.

- Garota, você vem. Não aceito colega de trabalho que não *confraterniza*.

Ela diz a última palavra de um jeito estranho, eu estou prestes a recorrer quando ela acena pedindo silêncio e se volta para sua ligação.

Abro a agenda para confirmar todas as presenças da reunião das 16 horas.

Ligo para cada um dos números, desenhando padrões no papel timbrado enquanto espero, pacientemente, que cada secretária reafirme o comparecimento do empresário que representa. É um verdadeiro submundo esse, o das secretárias. Temos uma linha de comunicação paralela que mantém todo o organismo funcionando mesmo sem nunca trocar qualquer palavra com as pessoas que sentam nas poltronas caras atrás das portas fechadas.

Desenhei flores ao redor do timbre. Flores, livros e gaivotas.

O timbre não é mais o da Moura & Valença, apenas. Mas o da OM3.

O maior conglomerado multinacional de alimentos e bebidas do mundo.

Na minha aula de comércio exterior na semana passada, o professor usou a OM3 como exemplo... aparentemente, ela era o tipo de monstro empresarial que tinha sido proibido de adquirir qualquer outra empresa do ramo em pelo menos oito países, sob o risco de se tornar um monopólio.

Era o que a OM3 fazia com a concorrência: dobrava, falia ou comprava.

E agora, ao que tudo indicava, tinham começado a partir para novos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mares - já que o seu de origem estava completamente dominado. Aproveitaram um momento específico de crise para investir em construtoras e é aí que entrava a Moura & Valença.

Confesso que esse foi um ponto que me fez hesitar quando encontrei a vaga. Mas quais eram as chances?

- Tudo confirmado, gatíssima? - Renata veio sentar sobre minha mesa. Ela devia ser um ano mais velha, mas já tinha quase dois como secretária do senhor Rodriguez, o que a colocava acima de mim na cadeia alimentar.

- Tudo. - ergui os polegares ao cumprir a lista.

- Ótimo. Então, faz o seguinte... - bate os cílios, preparando-se para me dar algumas instruções quando algo além da porta atrai seu olhar - *Ai meu Deus!*

Renata parece um personagem de desenho quando pula para fora da mesa em um salto ansioso, rodeando-me para se esconder no canto da porta e investigar a comitiva que saía do elevador, apressada para a sala de reuniões.

- Novata, vem ver isso aqui! - ela dá dois tapas no meu ombro. Sinto sua empolgação no ardor em minha pele.

Ainda estou massageando meu ombro atacado quando inclino as costas contra o espaldar da cadeira, em uma tentativa de descobrir que evento foi capaz de transformar mulher em *cartoon*.

- Ai meu Deus, queria que me comesse. - geme.

Meus músculos tesos e minha fronte contraída em uma careta de nojo.

- Que?

- Ih, desculpa o português, novata, mas olha para aquele homem. - ela parece sofrer de dor.

Dor física e genuína quando encara o homem que, sem dúvidas, é o centro da comitiva.

É mais alto que a média e seu porte atrai o olhar como se fosse todo feito de ímã. O corpo musculoso não é perfeitamente evidente sob o paletó escuro e o colete justo. Sua barba está bem feita, exibindo um queixo quadrado que evidencia a masculinidade transbordando dele sem qualquer esforço. Os cabelos pretos e escuros penteados para trás, com gel apenas suficiente para mantê-los adestrados. Está distante, mas os olhos são de um azul muito escuro.

Dependendo da luz.

- Dá pra acreditar? Ele é só um pouco mais velho do que eu e é presidente da maior empresa do mundo.

Olho para aquele homem como Renata mandou. E, meu bom Deus, ela está certa.

Ele é lindo de um jeito imperial, de um jeito...

Respiro fundo e foco meu olhar sobre os papeis em minha mesa.

- Sabe quanto ele vale, novata?

- Han? - gaguejo, sem querer estimular Renata.

- Sabe qual o valor do homem? - ela se aproxima em ares de segredo, mas o que vai dizer dificilmente é confidencial: está estampado em diversas capas da *Forbes* e em lugar de destaque da *Fortune 500* - 98 bilhões de reais. - sussurra - Isso é "bilhões" com um "b", novata. É O homem mais rico do país. Ninguém ganha dele. Um dos *vinete mais* do mundo. Um ano mais velho do que eu, dá pra acreditar? É um desperdício que não esteja na minha cama.

- E só porque ele é rico, deve ser bom? - defendo.

- Ah que fofinha você. Amore, já tive na minha cama um cara que não

tirava as meias, um que não sabia onde ficava o clitóris e um que achava que "orgasmo feminino" é lenda. Sexo vagabundo com homem que não presta é uma coisa que eu *já tenho* na minha vida. Se é pra ser ruim, pelo menos que seja rico. E o Oscher ali é conhecido por encher suas garotas de presentes.

- Ah é? - eu queria mudar de assunto. Vida sexual alheia (fosse a de Renata ou de outrem) era algo que me constrangia profundamente.

- Pode ler em qualquer coluna de fofoca, novata! A última que saiu com ele ganhou uma *Lamborghini*. Era usada, mas foda-se. Acho que com a chave de uma Lamborghini na minha cabeceira, eu gozava até mais depressa.

- *Meu Deus, Renata.* - recrimino.

Ela gargalha, encarando meu espanto.

- Você devia investir. - ergue um ombro - As santinhas normalmente conquistam os CEO's poderosos e inatingíveis. Ou isso ou todos os romances que eu já li na vida deveriam ser processados por propaganda enganosa. Se joga, meu bem. Mas é caçada aberta porque eu vou me jogar também, fique avisada.

- Pode ficar. - sibilo.

- Muito generoso de sua parte. - ri - Mas sério, novata, um mês de sexo com esse daí e você ganha *presentinhos* para te sustentar por um ano. E ele pega mulheres que trabalham para ele, ou seja... - arruma os peitos no decote de um jeito indecoroso - Mas também... considerando a quantidade de empresas que ele tem! - ri - Deve ser difícil achar alguém que *não* trabalhe pra ele.

O grupo desaparece na sala de reuniões levando consigo todas as atenções. O andar inteiro parece ter parado de trabalhar para assistir a passagem de Leonardo Oscher.

Mas agora ele se foi levando hordas consigo e o caminho para a copiadora está livre e seguro mais uma vez.

- Vou trabalhar enquanto você arruma os peitos. - aviso e ela acena, dedicada, passando os dedos pelas curvas mais uma vez, verificando se está no seu primor. Deve estar... Renata é uma mulher linda.

Não teria dificuldade em conseguir homem algum.

E, se as notícias que tenho lido estão certas, Oscher não deve ser exceção.

Vinte e três cópias frente e verso.

Coisas eletrônicas não gostam de mim de modo geral, mas aquela copiadora em particular deve achar que eu matei seus pais ou algo que o valha. Juro que não faz o que eu mando. Nem sequer se esforça, a maldita. E ainda emite os grunhidos peculiares que soam cada vez mais como gargalhadas sádicas.

- Amélia? - a voz grave me sobressalta - Desculpa! - Fábio acrescenta depressa, ao perceber o meu susto - É o Rodriguez, ele pediu que você vá até a sala de reuniões. Precisa de alguma coisa.

Ah, não.

Esfrego os olhos, rapidamente, e preciso de um segundo inteiro para respirar.

- Obrigada. - aceno com um sorriso polido.

- E ei! Hoje a noite? Você vai? - não vejo maldade em seu sorriso... mas definitivamente há algo ali que não parece mera educação. Talvez o Fábio esteja interpretando meu jeito casual como intimidade e eu não preciso disso na minha vida, não agora.

Ele é lindo, talentoso, simpático, bem sucedido.

Mas...

Não agora.

- Ainda não sei. - desfaço-me, sugerindo urgência para obedecer ao chamado do meu chefe - Preciso ir para... - não termino a frase porque ele já me entendeu e me isentou.

Abro a porta lateral da sala de reuniões com cuidado para não ser percebida e atravesso o espaço até a poltrona ocupada pelo senhor Rodriguez. A lotação do lugar, hoje, é algo especial. Noite de estreia de peças famosas não devem ver público tão cativo ou dedicado.

O chefe dos chefes ocupa a cabeceira e ninguém quis perder a oportunidade de ter alguns minutos de atenção. Três diretores mantêm uma discussão apaixonada sobre algo envolvendo "fundos" ou "participação nos lucros", é impossível entender suas ideias porque todos insistem em falar ao mesmo tempo.

Na parte estreita da mesa, Leo Oscher apoia os cotovelos sobre a mesa de mogno e parece ter pouquíssima paciência para perdas de tempo de qualquer tipo. Despiu o paletó antes de começar a reunião: uma demonstração clara de quem sabe que o trabalho vai ser longo, mas não está nem um pouco preocupado com isso.

Oscher é o tipo que enfia as mãos na terra se for preciso. Não se esconde atrás do título para delegar trabalho que seria melhor executado se o fosse por ele mesmo. Respeito isso. Ao menos isso.

A discussão segue como ecos de palavras repetidas porque, como ninguém consegue se fazer ouvir, todos precisam repetir o que já foi dito vezes demais, até mesmo para aqueles que, como eu, entraram há dez segundos.

- Chega. - a voz de Oscher é grave e firme. Todos se calam ao seu comando e eu sinto um tremor possuir-me o corpo.

As janelas. Murmuro inocentemente a mim mesma.

Com certeza são só as janelas.

É autoritário com sua voz rouca e solene. Recita suas sugestões devagar de modo que elas soam cada vez mais como ordens incontestáveis.

Meu tremor se aprofunda.

Preciso sair dali antes que ele me note.

Preciso sair dali antes que aquela voz grave seja mais do que eu posso suportar.

- Senhor? - sussurro para o meu chefe.

- Preciso dos demonstrativos do projeto da Souza Vieira do trimestre passado. Pegue tudo com Renata e traga até aqui, agora mesmo.

- Sim, senhor. - devolvo baixinho.

É quase um milagre que Oscher sequer perceba que alguém entrou ou saiu da sala.

O poder mágico da invisibilidade que é concedido apenas à secretárias.

Ele não me nota quando saio, com o coração batendo apressado. Assim como não nota o assistente que entrou aproveitando a porta que eu mantinha aberta.

Não deve ter notado ninguém além dos diretores presentes na reunião.

Estou tremendo quando volto a ante-sala que me cabe e gaguejo duas vezes antes de conseguir explicar a Renata o que preciso.

- Balance a bunda. - ela sugere, voraz - Ouvi dizer que ele é um homem de bundas.

- Shh! - ordeno para sua risada indecente.

Coloco a mão sobre o peito e o sinto explodir.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Achei que nunca aconteceria.
Mas bastou uma semana.
Talvez fosse um sinal para pedir demissão.
Talvez fosse um sinal de que, se eu sobrevivesse àquilo, sobreviveria à todo o resto.
Entrei na sala mais um vez.
Um pé atrás do outro.
Devagar.
Silenciosa.
Não me note.
Por favor, não me note.
Abaixo-me devagar para entregar os papéis nas mãos do senhor Rodriguez e considerar cumprida minha missão. Posso voltar a me esconder atrás da minha mesa e esperar que o pesadelo termine.
Respiro fundo, mas quieta. Ponho-me de pé.
Só preciso sair.
Só preciso abrir a porta.
Estou de costas para a mesa.
Estou à salvo.
Acabou.
Vai ficar tudo bem.
Estou fechando a porta quando sinto seu calor de relance.
Bastou-me o canto do olho para perceber seu movimento.
Sua *inquietação*.
Já estou do outro lado, fechando a porta atrás de mim, quando encaro a sala mais uma vez e vejo o inescapável.
Oscher tem seus olhos azuis escuros firmes sobre mim. Deitando-se em meu corpo. Cada curva. Cada detalhe. Pararam em meu rosto como se me desafiassem a parar o tempo e lhe dar justificativas que nunca seriam suficientes.
Engulo em seco e o sinto queimar.
Fecho a porta.
Minhas mãos tremem. Mas não tanto quanto o resto do meu corpo.
Renata devia estar falando algo quando sentei.
- Novata? - aproxima-se - Amelia? Você tá legal?
- Han? Sim. - agito as mãos sobre minha mesa, tentando ocupá-las - Ótima. Sim. - balbucio.
- O que aconteceu?
- Nada. Estou bem.
Mentira.
Não estou bem.
Não estou bem naquele instante.
Não estou bem pelos próximos vinte minutos que se seguem.
Não estou bem quando escuto um barulho no caminho para a porta e percebo a mobilização de pessoas, interessadas em um transeunte em especial.
Entrelaço meus dedos e imploro a Deus que não me deixe desmaiar.
- Ah... - Leonardo Oscher bate na porta aberta com os nós dos dedos, pedindo uma licença que é tacitamente sempre sua, já que é dono do prédio e de cada sala ali dentro.
- Senhor Oscher. - Renata está de pé, encarnando sua versão desenho animado de novo - Precisa de alguma coisa, senhor? - caminha até ele tentando ocupar seu campo de visão. Ou talvez tentando conseguir mais proximidade.

Eu sei lá o que Renata quer.

Estou dedicada em entreter meus próprios dedos e não passar mal.

Oscher, por sua vez, está dedicado em destruir todas as mulheres a menos de dez metros de distância. O colete justo delineando o tórax viril, prendendo-se nos ombros fortes de modo a enaltecer a potências de seus braços longos e largos. Meu lábio inferior vacila.

- Ah, sim! - ele fala como se tivesse acabado de decidir. Sei que está olhando pra mim. Tenho certeza. Não olho de volta - O... ah... essa sala - gagueja. Ainda não decidiu o que dizer. Não posso culpá-lo - Essa sala é do...

- Do senhor Rodriguez, senhor. - explica.

- Sim! O Rodriguez. Eu preciso... - ele não precisa de nada. Está encarando minhas coxas. Está encarando meus seios. Está sendo inapropriado e invasivo. Eu não quero que pare. Qual o meu problema? - Preciso dos relatórios. Do trimestre.

- Quais relatórios, senhor?

- Os do... - ele se cala. Respira fundo - Vocês são suas secretárias?

- Sim, senhor.

- Umhum. - morde as palavras - E trabalham aqui há muito tempo?

- Eu estou há quase dois anos. A Amelia chegou essa semana.

- Essa semana? - inclina a cabeça e sinto o tom de interrogatório em sua língua.

- Sim, senhor.

Eu deixo Renata nos guiar porque não consigo articular palavras no momento. Mas até ela começa a suspeitar que algo não está certo.

- Prazer, Amelia. - seu sorriso não tem alma - Bem vinda. - oferece a mão em cumprimento.

Vou precisar tocá-lo.

Sorrio, mas meus lábios doem.

Seguro sua mão e seu calor é virulento. Infeccioso. Fatal.

Não nos tocamos por mais que um instante e acho que ambos concordamos que foi uma péssima ideia.

- Senhorita...? - ele olha para Renata sem qualquer calor.

- Oh, Renata, senhor.

- Um prazer. - completa, seco, e aperta a mão dela também.

- O senhor ainda vai querer os relatórios? - pergunta, acesa.

Ele já está quase de costas. Seu retorno é mecânico e desiludido.

- Resolvo com Rodriguez. Não se preocupe.

- Ah.

Ele não espera que Renata aceite a instrução e já se foi. Mas quando ela se vira para mim está rindo entre um misto de satisfação e inveja.

- Pikachu, eu escolho você.

- Quê? - estreito os olhos, recuperando o fôlego.

- Parece que Oscher já decidiu quem é a próxima vítima! - volta a se sentar em minha mesa, curvando-se em seus ares de fofoca - MEU DEUS, novata! Ele não tirou o olho de você! Não me diga que não percebeu! Porque sua cegueira com o Fábio eu até aceito, mas se você me disser que não sentiu um pré-orgasmo com uma secada dessas vinda de um macho do porte do Oscher... eu vou te dar uns tapas. Estou morrendo de inveja. - torturou-se - Quero um desses pra mim.

- Renata, você entendeu tudo errado. - balanço a cabeça, mas ela parece resoluta no curso de adivinhar o futuro ou, nesse caso, o passado.

- Vocês se conhecem, não é? - abre os olhos. Eu até tentaria negar,

mas minha habilidade de mentir é pior que minha habilidade de usar a copiadora - Vocês se conhecem! - ela agarra o peito - Ele te comeu na semana passada, não foi? Foi isso! - aponta o indicador para o meu nariz - Essa é uma daquelas histórias que começa quando você come um cara delicioso, sem saber quem ele é, aí no dia seguinte descobre que é seu chefe. Não é isso?

- Ele não fez nada comigo semana passada.

- Mês passado, então? Ou ontem?

- Renata. - empurro seu quadril para que saia de cima dos meus papeis. Era pouco provável que eu conseguisse trabalhar, mas eu podia tentar - Você entendeu *tudo* errado.

- Como assim?

Aceno, sugerindo que não vou falar sobre isso agora.

- Novata, juro por Deus! Não me deixa fora dessa fofoca ou eu faço uma besteira! - implora - Eu digo pro Fábio que você tá apaixonada por ele! - ameaça.

- Você entendeu errado! - repito - Essa coisa com o... Oscher. Isso que você viu acontecer, não foi o começo de uma história... foi o fim.

- O quê? Ah! - leva as mãos a boca aberta, arregalando os olhos como quem compreende coisa demais - Vocês já foram amantes?

Respiro fundo. As palavras escapam antes que eu decida dizê-las. Uma desistência, muito mais que uma decisão:

- Não. Nós já fomos casados.

1.

Cinco anos atrás...

Leo

Eu acho que vou morrer.

Essa tempestade só pode ser castigo divino ou sinal do Apocalipse. Não consigo imaginar nenhuma outra opção viável.

O Porsche está enfiado na lama até a metade. É uma coisa gloriosa de assistir, de verdade: quatrocentos mil reais navegando em lodo, folhas espatifadas e gosma cinzenta de natureza duvidosa.

Saí do carro quando percebi que a água - até então contida ao exterior do veículo - tinha decidido fazer um turismo de alto luxo, visitando o interior de um 718 Cayman. Entrava, líquida e marrom, pelas frestas da porta me fazendo suspeitar que estava preso em um pesadelo filmado por James Cameron.

Estamos afundando, Rose, melhor abandonar o navio.

A merda era que - como o próprio Jack já tinha nos ensinado - fora da água era ruim, dentro da água era pior.

E a chuva não tinha pena de homens ricos e mal-acostumados que estavam destruindo o segundo carro do ano.

Era tanta água que eu não conseguia enxergar. A crescente escuridão não facilitava nada e eu estava bem certo de que ia morrer.

Tentei ligar para o seguro assim que os pneus falharam na lama, mas o sinal não funcionava durante o Fim dos Tempos. Outro detalhe que eu já deveria ter aprendido.

Estava sendo um bom dia de aprendizagem para o Leo.

E pensar que fui embora mais cedo da fazenda do meu amigo porque não queria ficar perdido na lama.

"Dorme aí, Oscher. São três horas de estrada. Amanhã você volta."

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

"Não" eu tinha dito.

Fiquei com medo da chuva engrossar e eu acabar ficando preso naquela fazenda no meio do nada, ilhado pela lama.

Ilhado. Taí uma palavra bonita de dizer.

Eu, parado aqui, encharcado até a porra dos ossos, vestindo um moletom emprestado e sentindo os pés afundando na gororoba mole mais nojenta que já vi.

Parabéns para o Leo.

Está fodido mas, pelo menos, está apreciando a ironia.

Sete meses de intervalo entre a destruição do carro número um e a destruição do carro número dois. O pai não podia reclamar. Sempre olhava pra mim como se eu fosse a merda do garoto dourado que veio para resolver todas as desgraças da vida.

Quer me manter por perto porque eu sempre fui certinho, papai?

Sem problemas.

Fodo uns dois carros seguidos. Três até, se tiver chances.

Não quero ficar aqui.

Não tem nada que preste nessa cidade. Nesse país.

Se eu tiver que ir para mais uma reunião e escutar empresários dizendo coisas como "encher o mercado de abacate para atacar a concorrência" ou "estocar coentro para subir o preço do mercado", eu ia enfiar um lápis no olho.

Consegui uma vaga na universidade de Oxford para o meu mestrado, depois de fazer tudo que ele queria, e o velho me diz "não"?

SÉRIO?

Vamos destruir uma porção de carros, paizinho.

Vamos ver se eu não consigo.

O celular não ia funcionar e eu não estou muito resignado em passar o resto da noite na lama. Está escurecendo depressa e eu decido voltar uns dois quilômetros para a lanchonete que vi na beira da estrada. Ou pelo menos espero que tenha sido uma lanchonete. Do jeito que minha visibilidade estava reduzida, pode ter sido só um outdoor luminoso prometendo uma pasta de dente aprovada por uma porrada de dentistas em uma pesquisa que ninguém nunca foi confirmar.

Enfio as mãos nas axilas e ando devagar sobre a pista escorregadia de terra. Aquela porra deveria ser uma estrada de asfalto, mas tinha tantos buracos que o barro lutou, dominou e, no fim do dia, foi tudo que sobreviveu.

Caminho depressa o suficiente para diminuir meu tempo de exposição, mas devagar o bastante para não tropeçar nos pés, no barro, nos buracos ou na gosma. Parece uma missão bem impossível e, embora eu já tenha abandonado o carinho que tinha pelos meus sapatos ou minha dignidade, estou andando bem mais devagar do que gostaria.

"Estou contando com você, Leo".

Meu pai repetia essa frase para mim tantas vezes que eu já sentia uma vontade de revirar os olhos na terceira sílaba.

Eu tenho vinte e cinco anos, não quero viver como quem cumpre um fluxograma.

E quando eu falo "fluxograma" não estou sequer sendo lírico. Meu pai realmente tem uma merda de um fluxograma estampado em um de seus diários, estabelecendo toda a história da minha vida. Ele tem um desses para o Fernando? Para o Matheus? Para a Heloísa? Não! Só para o Leo. O Garoto Dourado que vai herdar a empresa da família porque sempre foi o mais certinho.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

O que precisa fazer Administração na Universidade nacional escolhida pelo pai. E depois precisa fazer um MBA, um mestrado e um doutorado. Mas *tudo* no Brasil, na esquina de casa, para nunca ficar longe dos olhos do pai e nunca perder o contato com a sede da empresa.

Qual a graça de ter uma porra de uma multinacional se você tem que ficar ancorado no uninacional? *Mononacional*?

Ah, foda-se, eu to molhado como o caralho.

Na verdade, acabo de encontrar um respeito novo pela expressão "molhado até os ossos". Não achei que era literal. Não achei que era possível. Mas acredite: é.

A água da chuva atravessou minha roupa e minha carne antes de seguir descendo.

Encaro a fachada da lanchonete mais deprimente que já vi na vida.

O letreiro descascado é visível mesmo debaixo d'água, duas vidraças parecem velhas o suficiente para cair ao toque e tem uma corrente estranha fazendo as vezes de fechadura em uma galpão estreito bem ao lado.

É. Tô em um filme de terror.

Vou morrer, hoje.

Legal.

Mas lá dentro tem luz e o teto parece capaz de aguentar o temporal pelo tempo que o guincho deve levar pra chegar. Ou pelo menos é o que eu espero.

Maldita hora que eu inventei de ir pra fazendo do Magalhães, vai se foder, viu?

E tudo porque eu queria pegar a prima dele.

A maldita é gostosa, mas não vale um Porsche enfiado na lama.

Não vale a travessia pela tempestade dos infernos.

Empurro a porta de vidro que balança perigosamente, ameaçando se desfazer na minha mão, e me joga para dentro, fugindo da água que desaba como se para me punir.

Ainda estou tentando reaprender como viver no seco quando escuto um grito estridente.

- Sério? Dá pra bater os sapatos lá fora, pelo menos? Acabei de limpar o chão!

Encaro o chão, primeiro. Manchado e esquisito. A escolha do piso foi feita por alguém com bolso raso e péssimo gosto. Não me parece digno de proteção.

- Não vou sair nesse torrencial só para poupar o chão. - argumento. Já inspirei para continuar a bradar contra a pessoa mal educada quando a coloco em foco.

Usa uma saia comprida de um tecido pesado e estampas discretas que se prende a suas curvas, desde a bunda proeminente até as pernas longas. A blusa é de manga curta e, apesar de mais folgada que o tecido da saia, ainda é justa o suficiente para que eu consiga calcular o tamanho de seus seios.

Seu corpo é bem decente. Sei que sou um cachorro, mas é a primeira coisa que noto.

A segunda são os olhos. Verdes, de um tom que nunca vi antes.

Não aquele verde opaco que parece quase misturado com outros tons... um verde vivo que parecia brilhar, mesmo a distância. Mas era aquele cabelo que... *puta que pariu*. Longo e preto, trançado ao cair comprido pelo seu ombro. Parecia coisa de cinema.

No geral, não era a mulher mais linda que já vi na vida. Mas era bem boa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Engulo em seco.

- Foi mal, mas tá um inferno lá fora. - imploro por misericórdia.

Ela, no entanto, não parece inclinada a me conceder qualquer tipo de perdão.

- Então tira os sapatos. - decide - Deixa eles ali. - aponta para um canto perto da porta e eu obedeço porque... qual a alternativa, não é? - Aliás. - ela torce o nariz para o meu corpo. Estou encharcado e pingando pelo seu precioso chão - Vou te trazer uma cadeira e você fica aí. - resolve.

Fora a mandona, o lugar deve ter outras duas pessoas. Um cozinheiro com uma televisão ligada, usando algum tipo de habilidade metafísica para assistir o que deve ser um jogo de futebol. Tem tanto chiado na tela que é impossível discernir. E que tipo de sinal é aquele que a tela ainda mostra ruído? Sinal digital ainda não chegou para essa gente?

O outro habitante é um cara que não parece ter mais de quarenta anos, sentado em uma das mesas, comendo um sanduíche em silêncio.

Certo. Não parece tão filme de terror assim.

Principalmente por causa da mandona.

Ela não é o tipo de atriz que escalariam para a líder dos canibais, então acho que estou seguro.

Sento na cadeira e agradeço porque me parece seguro.

- Vai comer alguma coisa, garoto molhado? - ela deve ser a garçonete.

Eu estou com alguma fome.

- Ahm, claro. - verifico a integridade do meu cartão de crédito antes de me comprometer - Vocês aceitam Visa?

- Umhum. - aprova - Quer olhar o cardápio?

- Não, ahm... o que você tem que é...

- Gostoso?

Eu queria dizer "higiênico", mas claro, "gostoso" também serve.

- É. Claro. Gostoso. E posso usar seu telefone? Preciso chamar um guincho.

Ela pensa por um instante. Acho que está me analisando mais do que considerando pratos ou respostas.

- Telefone público ali. - aponta para a parede - Vou te trazer um americano. Você tem cara de americano.

Dou de ombros porque sinto que não vai fazer diferença e me adianto para o telefone tentando não sujar o chão mais que o necessário.

A seguradora está bem no clima do resto do meu dia e só tem notícias boas para me dar: por causa do clima e do movimento, o guincho mais próximo só pode me atender em cinco horas.

Cinco.

Horas.

Lindo.

Estou preso em Lugar Nenhum, onde sinal digital é proibido e todo chão é entidade sagrada.

Bato o fone de volta com um desânimo profundo e tento fingir que meus ossos não estão congelando até cristalizar. Se a lanchonete fechar, eu estou fodido.

Melhor dizendo: estou *mais* fodido.

- Tudo bem por aí? - ela não demora a voltar com o sanduíche que escolheu pra mim, trouxe uma caneca de algo quente que eu não pedi e não tenho qualquer intenção de beber.

- Tudo ótimo. - meu sorriso é um de desgosto e sei que ela nota.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Problemas com o guincho, garoto molhado?

- Cinco horas para me atender.

Ela torce o nariz. Sente pena.

Valeu.

- A lanchonete fecha? - implorei.

- Em quinze minutos. O Eduardo quer ir embora. - aponta para o cozinheiro assistindo a televisão sobrenatural - Só estamos esperando o último cliente acabar. - indica o cara e o sanduíche.

- Ótimo. - mexo nos cabelos, salpicando água no arredores.

- Ei, ei, ei. - reclama.

- Desculpa. - acrescento depressa ao perceber minha falta de tato - Tem algum lugar por perto onde eu possa me esconder da chuva? - peço.

Ela me mede de cima a baixo.

Faz alguma soma que não entendo e então acena.

- Quer vir para a minha casa? Tirar essas roupas molhadas?

Entendi a soma.

Presa nesse fim de mundo, eu devo ser, de longe, o cara mais gostoso que já cruzou seu caminho.

Passo a língua em meu meio sorriso. *Olha pra isso!*

Acho que na verdade, eu só estava pagando adiantado pelo bom karma que me seria presenteado no futuro.

- Claro. - aceito, engolindo o sanduíche depressa.

Estava até decente. Na verdade, considerando meu contexto, estava puta delicioso. Engoli até os restos e ela sorriu de meu desespero.

- Fome. - explico. Ela acena como se aquele fosse um fato que não precisa de explicação.

- Não vai beber o chá? - pergunta.

- Hmm... não gosto de chá.

- Vai te fazer bem, garoto molhado. Precisa se esquentar.

- Tenho outras ideias de como me esquentar. - prometo.

- Tudo bem. - aceita, sorrindo - Pronto?

- Quando você estiver. Sou Leo, por sinal. - ofereço a mão.

- Mia.

Ela nos guia até seu carro estacionado nos fundos da lanchonete. É uma caminhonete velha e robusta. Forte o suficiente para nos proteger da chuva e da lama, então, é perfeita.

O caminho que Mia escolhe é o oposto ao que tomei: enfiando-se na cidade ao invés de fugindo dela. É pequena mas, mesmo na chuva, percebo que é bonita. *Arrumadinha*. Parece uma dessas vilas coloniais antigas que foi virando outra coisa com o passar do tempo. Seria um bom ponto turístico se houvesse algo ali além de... bem, absolutamente nada.

Sua casa, no entanto, é a primeira coisa a realmente me surpreender. É grande e bonita. Tem um desses telhados inclinados, preparados para neve de um tipo que o Brasil nunca viu. O exterior é todo forrado de madeira e tem uma cerca baixa e pintada que parece rústica de um jeito singelo.

- Casa bonita.

- Obrigada.

Ela estaciona abaixo de um passadiço coberto e desce do carro sem cerimônias. Eu a sigo para dentro de casa e me acomodo em um canto, tentando não fazer sujeira, enquanto ela acende uma porção de luzes.

- Pode ligar para o seu guincho de novo. - aponta para o telefone - Te dou meu endereço e eles te pegam aqui.

- Obrigado. - obedeço enquanto ela desaparece no corredor.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Volta com uma porção de roupas secas.

- Melhor tirar essas para não ficar doente. Tem um banheiro subindo as escadas.

Ela me entrega as coisas e...

Estou confuso.

Não vai ter sexo?

- Ah... e você? Você vai... trocar as suas?

Mia pisca sem compreender.

- Não estou molhada. - afirma.

Está falando das suas roupas e da chuva? E não vai ter sexo?

Ou está falando de outra coisa e quer que eu a provoque? E vai ter sexo?

Estou muito confuso.

Mas subo as escadas e troco de roupas. O risco é que ela ria de mim e me chame de inocente assim que eu descer vestido. Mas a alternativa é ser confundido com um tarado.

Nada daquilo faz muito sentido. Talvez eu tenha atravessado um espelho em algum lugar e tenha caído de cabeça em uma história de Lewis Carroll onde tudo parecia insano porque era justamente esse o objetivo.

Estou refletindo sobre as intenções de Mia enquanto desço as escadas e me choco contra um vulto no escuro.

- Mas o qu... - uma mão alcança um interruptor na parede e estou de frente para um cara dez centímetros mais alto do que eu e consideravelmente mais forte.

O namorado da garçonete.

Agora, eu estou fodido.

Porra, Karma.

- Mas quem caralho é você? - ele me agarra pela camisa.

- Calma, a Mia! - peço depressa. A real é que, mesmo sendo dez centímetro mais baixo, ainda posso dar uma surra nesse cara, se eu quiser. Uma vida inteira de artes marciais tinham que servir para alguma coisa, não? Mas não me parece o melhor caminho aqui - Sou amigo da Mia.

- Amigo da Mia? - ruge - Duvido bastante. Conheço todos os amigos da Mia.

Alerta relacionamento abusivo, hein? Quanta possessividade.

- Escuta, não quero problemas, eu só...

- Gustavo, larga o garoto!

- Oh, Amelia, quem é o cara?

Ela parece entediada quando empurra os braços do meu algoz, libertando-me.

- E por que ele tá usando minhas roupas?

- Olha cara, sua namorada me convidou, eu não sabia que...

- Não é minha namorada. - rosna - É minha irmã.

Os olhos.

Verdes.

Os dele também.

- Amélia! - ele reclama - Onde você achou esse cara? - suas palavras saem devagar e eu percebo que aquela parece ser uma conversa reincidente.

- Na lanchonete, Gustavo. Ele estava encharcado como um coitado. O carro quebrou no meio do nada, o guincho vai demorar muitas horas. Convidei ele para esperar aqui.

Gustavo fica em silêncio esperando que a irmã conclua a explicação.

Só que a explicação acabou e Gustavo não está satisfeito.

PERIGOSAS

- Mia. - ele pede, unindo as mãos - Me diz que você não trouxe um completo estranho pra dentro de casa, com você, sozinha. Por favor. Me diz que conhece ele de algum lugar.

- Guga, ele não parece ser ruim.

- Meu Deus, Mia! - Gustavo esfrega os olhos e eu estou começando a sentir por ele - Um dia essa tua inocência ainda te mata, eu juro. Você precisa começar a ver maldade nas pessoas. E você chega mais pra lá. - aponta, colocando uma distância maior entre eu e sua irmã.

Obedeço porque estou começando a entender o que se passou.

- Ai, Gustavo, o que ele ia fazer? Roubar a gente? Não tem nada nessa casa que valha o esforço.

- Eu sei lá quem é o maluco! - reclama - Ele pode te machucar.

- E por que alguém iria me machucar no meio dessa tempestade?

Gustavo leva a mão a boca e eu percebo que está exausto. Se estou certo e aquela é uma discussão reincidente, o pobre deve viver em pânico pela segurança da irmã que, a cada segundo que passa, me parece mais desmiolada.

- Olha, ele tá certo. - defendo - Não é seguro você trazer estranhos para casa.

- E eu ia te deixar esperando na chuva?

Reflito sobre minha situação. Seria péssimo para mim... mas poderia ser pior para ela.

- É. Da próxima, deixa o cara esperando na chuva. - aconselho.

- Viu? Até o maluco da beira da estrada tem mais noção que você, Amélia.

- Tá e agora? - pergunta - A gente bota ele pra fora?

- Não sou maluco e não vou machucar ninguém. - aviso - Prometo!

Não quero ser posto pra fora e, como o Gustavo chegou, espero de coração que não faça isso comigo.

Ele me analisa de cima a baixo e espreme os lábios como se toda a situação fosse insuportável.

- Você fica aqui embaixo até seu guincho chegar.

- Certo.

- E se te ver rondando os arredores da minha casa de novo, te dou uma surra.

- Parece justo.

Gustavo dormiu sentado na poltrona.

Mia riu apontando para seu protetor quando trouxe outra caneca de chá.

Até que não era ruim.

- Vai me forçar a tomar outro? - reclamo.

- Só forcei o primeiro. Agora que você gostou, vai tomar quantos eu trouxer.

- Eu não gostei. - torço o nariz, mentindo, e ela sorri.

Tem um sorriso bonito.

Tem um sorriso incrível.

- Então, onde eu estava? - senta-se ao meu lado no sofá.

- A sua avó se fingindo de louca para espantar os turistas da loja. - seguro uma gargalhada baixa, imaginando a cena, com receio de acordar Gustavo. A verdade é que a conversa fluiu muito melhor depois que ele

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

apagou.

- Ah, essa história eu já acabei. Acho que vai precisar me parar antes que eu comece outra.

- Não me incomodo.

Tenho horas pra matar e gosto de ouvir sua voz. Um timbre suave e melódico que parece acariciar a pele antes de se enfiar pelos ouvidos.

- Não acho que tenho muitas mais, de qualquer modo. - ergue o ombro e ele escapa pela sua camisa. Preciso combater o instinto de ajeitá-la por saber que seria só uma desculpa para tocá-la.

- E o que pretende fazer? - pergunto - Vai para universidade ou...

- Não sei. Comecei o mestrado, mas a faculdade não é exatamente perto e tenho trabalho demais por aqui.

- Contabilidade? Sêrio? Não me parece o tipo.

- E tem um tipo? - ergue a sobrancelha, mas o sorriso nunca lhe abandona.

Eu me rendo, pedindo desculpas.

Ela ri baixinho, Gustavo se mexe e nós dois prendemos a respiração.

- Ele não é muito sociável, han? - arrisco.

- Não com estranhos que eu trago pra casa.

- Faz isso com frequência? - estou mais preocupado do que minha voz admite - Realmente não devia.

Ela dá de ombros mais uma vez.

É adorável.

- Acho que tem muita coisa boa no mundo. - acena - Claro que tem coisas ruins mas... Não acha que, às vezes, as pessoas ficam tão desesperadas em fugir do ruim que não percebem o bom?

- Não é assim tão simples, Mia.

- Talvez. Mas se ninguém faz um ato de gentileza a um estranho por receio de receber rispidez em troca, então não vai mais haver gentileza entre estranhos e aí todos só iremos receber rispidez.

Sua lógica é inocente.

Quase infantil.

Mas, por algum motivo, me aquecia em um lugar que eu sequer percebi estar congelado.

Trocamos sorrisos e eu a empurro com o ombro.

- E para onde vai com seu diploma de contabilidade?

- Para onde vou? Preciso ir para algum lugar?

Estreito os olhos em descrença.

- Você... *quer ficar aqui?*

- Qual o problema?

Olho ao redor com uma cara de incredulidade.

- Não faz isso. - recrimina - É legal. Quando não está chovendo tanto é bem bonita.

- Tudo bem, mas... não tem vontade de morar em outros lugares?

- Aqui é minha casa. Gosto daqui.

- Mas... Mas você não quer *mais?*

Ela sorri.

Tem tanta paz no sorriso de Mia que acho que nunca pode se abater por algo sombrio.

O sorriso de Mia é para onde a desesperança vai para morrer. Não há tempo ruim em seu coração.

- Você não é o primeiro. - ri alto - Todo mundo acha que "tem algo errado com a Mia". Mas é realmente um problema tão grande? Que eu esteja satisfeita onde estou? Que eu não precise de *mais?*

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Não parece estar mentindo.
Parece genuíno.
Parece... lindo.
- Você acha que eu sou estúpida. - encara a própria caneca.
- Não. - confesso e sei que é verdade - Na verdade, te acho incrível.
Tomei um gole da bebida quente e gemi baixinho.
- "*Não gostou*", han? - provoca.
- Não está mal. - faço graça - Vai compartilhar a receita comigo?
- Eu gosto de inventar. - explica - Sempre coloco umas coisas diferentes a cada vez. Gengibre, mel, folha de louro. Ah! Gosto de botar coentro também, sei que parece estranho, mas fica bom.
- Colocou agora? - reviro o líquido na língua.
- Não. Ficou caro demais, de repente. - sorri - Precisei buscar alternativas. Mas e você? Tem histórias de família maluca ou vai me deixar passando vergonha sozinha?
Engasgo com o chá.
Caro demais de repente.
Um punhado de coentro?
Passo a língua nos dentes, tentando fugir de seus olhos verdes.
Tenho uma história bem legal de família maluca para você, Mia: a minha, que estoca um monte de coentro para poder lucrar na venda de milhões, enquanto você é roubada do seu chá.
Acho que sua inocência não duraria muito tempo se soubesse disso, não é?
Se soubesse como o mundo funciona.
Não traria desconhecidos para sua casa.
Não acreditaria na bondade entre estranhos.
Uma frase e eu poderia roubá-la de sua inocência.
Uma única explicação.
Inspiro fundo e dói o tanto que aquilo me parece errado.
Seus olhos verdes e profundos encarando-me. Esperando uma história. Esperando uma continuidade.
Parece tão errado macular uma pessoa tão pura.
Mantenha sua inocência, Mia. Em breve, estarei tão longe que não vai fazer diferença.
- Eu, ahm... não tenho família. - minto. Parece-me o modo mais rápido de enterrar o assunto.
- Ai, Leo, sinto muito. - toca meu braço com sua empatia que não parece conhecer limites. Sua pele é tão quente e suave. Estico os dedos e toco os seus. Um carinho descompromissado e preguiçoso.
- Tudo bem. - murmuro. Estou entretido com o desenho da sua boca. O que acontece se eu beijá-la? O que acontece se eu beijá-la agora? - Já faz muito tempo. - Nem sequer penso mais em minhas palavras. Só penso na boca dela.
- E você? - pergunta, quebrando a hipnose - Com o que trabalha?
- Ah, eu... eu viajo. Representante comercial. - *É o quê, Leonardo?*
- Parece divertido.
Mordo o lábio.
- Não, não é. - estou rindo alto e Mia me acompanha por um instante, antes de tapar nossas bocas pedindo silêncio e apontando para Gustavo. Sua mão raspa em meus lábios e eu a tomo nas minhas antes que ela se afaste demais - *É só que...* - *conte pra ela* - Acho que sou o oposto de você. Não faço a menor ideia de para onde quero ir.

- Hm. - Mia acena, considerando - Esse é realmente o primeiro passo. - sorri como se lembrasse de algo - Você precisa decidir para onde quer ir, e depois precisa começar a ir para lá.

- Só isso?

- Só isso. Aqui. - ela se levanta para analisar a estante pesada de livros que ainda não cedeu por um acaso ou um milagre - Esse. - enfia nas minhas mãos um dos livros escolhidos.

É uma edição velha e abarrotada de O Apanhador no Campo de Centeio.

- Já leu esse?

- Não.

- É daí que vem essa citação. É a história de um adolescente perdido.

- Acha que sou um adolescente? - provoco.

- Não. Mas você disse que está perdido. E livros são histórias de pessoas que viveram vidas diferentes das nossas. Dá pra aprender um bocado com os erros delas.

- Mesmo com as de mentira?

- *Especialmente* com as de mentira! - ri - Elas fazem as melhores loucuras. Pode levar esse pra você. - decide.

- Mia, essa edição parece antiga e...

- Eu já li várias vezes, não faz diferença.

- Posso comprar um depois...

- Se deixar para comprar depois, vai esquecer. Se levar, é um compromisso.

- Não sei se vou poder te devolver. Não sei se vou voltar por aqui.

- Não tem importância. Quando terminar de ler, passe adiante. - pede.

Acho que Mia é a pessoa mais extraordinária que já encontrei.

- Tudo bem. - prometo.

Adoro o presente. Detesto o fato que ela tenha abandonado minha mão ao se levantar e que eu ainda não tenha arranjado outra desculpa para tomá-la de volta.

Conversamos a noite inteira, Mia e eu.

O guincho se atrasou horivelmente e nós sequer percebemos. Principalmente quando ela trouxe o baralho e insistiu que eu lhe ensinasse pôquer.

Suas péssimas habilidades de blefar e seu excesso de confiança nas mentiras alheias fariam com que ela fosse uma excelente perdedora de Texas Hold'em a vida inteira. Mas ainda assim, foi divertido.

Foi muito divertido.

Quando o guincho chega a sua porta para me conduzir de volta ao carro, fico quase decepcionado.

Não posso voltar ali.

Não faria sentido voltar ali.

No entanto, isso é tudo que consigo pensar.

- Tchau, garoto molhado. - Mia me beija na bochecha e meu coração queima de um jeito esquisito - Vai descobrir para onde quer ir.

Ela é linda.

Muito mais bonita do que notei na lanchonete.

Ou talvez tenha ficado mais bonita durante a noite. Era possível?

Tudo que sei é que minha bochecha fica ardida no lugar onde ela me beijou.

Arde por todo o caminho de volta para casa.

Arde por muito tempo depois.

Todo o caos daquela experiência resta completamente esquecido: eu só consigo pensar em Mia.

A garota que conheci em Lugar Nenhum, onde sinal digital é proibido e todo chão é entidade sagrada.

A garota que valia um Porsche enfiado na lama.

A garota que valia a travessia pela tempestade dos infernos.

A garota que valia mais que qualquer uma dessas coisas.

Muito, muito mais.

2.

Priscila é gostosa pra caralho.

Mesmo sentada naquela cadeira ali, vestida, no meio de uma reunião, experimentando a pontinha da caneta como se fosse revestida de chocolate. Ela quer que eu veja sua língua. Quer que eu *sinta* sua língua.

Funciona.

Funciona todas as vezes.

É por isso que já a levei pra cama em umas três ocasiões.

Não. Isso é mentira.

A coisa com a língua é o que me fez levá-la pra cama a primeira vez.

As outras duas foram porque ela é gostosa pra caralho sentada naquela cadeira, vestida, mas é umas trinta vezes mais gostosa rebolando, nua, em cima de mim.

E ela tem um rebolado que Deus me salve... Parece que treinou a vida inteira para aprender como sacudir um pau ereto dentro de si e está de parabéns. Deve ter tirado dez em todas as provas.

Seus olhos são mais azuis que os meus, os cabelos loiros não parecem ser verdadeiros e os cachos largos que caem em cascata pelos seus ombros também parecem ter sido cuidadosamente produzidos. Sua tez alva está coberta por um bronzeamento artificial e, na verdade, tudo em Priscila parece falso. Dos implantes em seus seios ao clareamento de seus dentes alinhados.

Mas... pergunte se eu ligo?

Não. Nem um pouco.

Os implantes são uma delícia de apertar, mais ainda de morder.

Ela sorri para mim, cheia de malícia e duplo sentido.

Eu devolvo.

Adoro malícia.

Adoro duplo sentido.

Acho que ela é secretária de alguém. Ou *trainee*.

Não sei. Sempre me esqueço de perguntar.

Mas está sentada na lateral da sala de reuniões anotando tudo que é

dito. Ou *quase tudo*, considerando que perde metade do que se fala em suas tentativas nada discretas de chamar minha atenção.

Não, eu não estou pensando em Mia.

Não estou pensando na garota bonitinha e interessante que conheci essa semana.

Deveria?

Que pena.

Porque não estou pensando nela. Não estou pensando em seus olhos verdes e inocentes, no raspar de sua mão em meus lábios, no beijo em minha bochecha que não parou de arder ou no... Não.

Foco Leonardo.

Estou pensando em Priscila.

Priscila nua experimentando meu pau do mesmo jeito que experimenta a caneta.

Passo a mão em minha gravata Charvet de um jeito obsceno. Deixo o polegar deslizar pela seda atraindo o olhar libidinoso da assistente sentada na lateral da sala. Seu sorriso se expande e eu estou prestes a acompanhá-la.

- Quero você acompanhando isso de perto, Leonardo. - a voz do meu pai é ríspida e autoritária.

Engulo em seco e aceno.

É curioso assisti-lo em reuniões, esse homem que me ama mais que qualquer coisa na vida. O homem que soprou remédio nos meus joelhos arranhados quando caí de bicicleta pela primeira vez e se enfiou embaixo dos cobertores comigo, para se certificar que o Monstro do Armário - entidade com a qual dividi meu quarto dos seis aos oito anos - não me tocaria durante a noite.

Sabe essa história de que pais não têm favoritos? É mentira.

Pelo menos para o meu pai.

Ele tem um filho favorito: sou eu, e os outros três que choraminguem o quanto quiserem.

Claro que Arthur Oscher nunca disse um *absurdo* desses em voz alta. Mas não é como se ele precisasse.

Então, é engraçado ouvi-lo tentando ser ríspido e profissional comigo durante as reuniões já que, assim que elas acabam, ele me pede para colar em seu ombro e assistir algum vídeo idiota no Youtube.

No entanto, depois de uma vida inteira colhendo os privilégios de ser o *queridinho do papai*, agora eu finalmente começava a pagar o preço.

Ele queria o favorito na frente da empresa, forçando-me a questionar se ele me queria na liderança porque me amava mais, ou se me amava mais porque - desde sempre - percebeu que eu seria melhor na liderança.

O fato é que, enquanto minha irmã mais nova ganhava o mundo, uma Fashion Week de cada vez, e meu irmão mais novo estudava Escrita Criativa em Oxford, eu tinha que ficar em São Paulo. Tinha que fazer a dupla-graduação de Publicidade na Cásper Líbero e Economia na USP. Tinha que estudar seis línguas e sair do país apenas em férias calculadas ou oficinas de negócios nos Estados Unidos.

Meu pai me amava *muito* e, por isso, se achou no direito de decidir minha vida inteira.

Hoje, eu estou aqui sentado: Um homem de quase vinte e seis anos - barba e gravata cara comprada com meu próprio salário - sentindo-me como um adolescente impúbere que ainda precisa da autorização dos responsáveis para comprar bala na esquina.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

O único que parece tão incomodado com o plano de papai quanto eu é meu irmão mais velho, Fernando. O primogênito. A empresa deveria ser dele, não é? O Herdeiro Número Um.

Mas Fernando passou a infância inteira sendo um pirralho mimado e insuportável, a adolescência inteira tirando notas que raspavam perigosamente na média e boa parte de sua vida adulta tentando responsabilizar outras pessoas pelas coisas que fazia errado.

É triste dizer isso, mas acho que não ter passado na USP foi o último prego em seu caixão. No dia seguinte, papai estava colado em mim como granulado em brigadeiro.

- Vou preparar a equipe para você. - o patriarca decide, olhando feio para minha interação com a assistente.

O único problema que meu pai tem comigo é Priscila.

Bem, não "Priscila" no singular. Mas as *Priscilas* da vida.

Sou mulherengo, não acho que - a esse ponto - ainda precisa ser dito, mas é isso que sou.

Quando o assunto é companhia feminina, eu sou descarado, imprestável, perigoso e safado.

Desde muito novo, eu já curti quebrar corações. Meu tio Ricardo brinca que meu único ponto fraco é o ponto G e ele está certo como o demônio. Não consigo ver um rabo de saia sem pensar no rabo por baixo dela.

Sei que isso faz de mim um escroto de primeira categoria, mas Deus concorda comigo. Ou isso, ou sou o filho favorito dele também, porque olha: não se nasce gostoso assim sem algum tipo de benção especial.

Todas as linhas do meu rosto são masculinas e angulosas de um jeito que faz as mulheres na rua virarem a cabeça uma segunda vez para observar melhor, o sorriso *moleque-safado* é uma coisa que aprimorei ao longo da vida, meus cabelos castanhos estão sempre bagunçados no penteado "*acabei de foder alguém bem gostoso*", meus olhos azuis são profundos e angelicais, alternando entre a inocência e a indecência. E quando minha barba começou a crescer, soube que as mulheres do mundo estavam fodidas.

Papai do Céu também me presenteou com um corpo alto e largo que eu cultivo há anos na academia, com um zelo maior que religião. Natação, crossfit e artes marciais. Se você me ver sem camisa, vai precisar de um babador. Sabe essa história de que "6% de gordura corporal" é coisa de atletas e atores que interpretam super-heróis? Balela. 6% bem aqui na sua frente. Vai precisar procurar com cuidado se quiser encontrar um ponto macio em mim. Sem problemas, adoraria te deixar procurar.

Você ou a Priscila.

Mas, não me leve a mal, de preferência a Priscila.

A reunião acabou e ela rebola ao passar por mim. Viro-me para olhar, é claro. O show dela foi um presente, seria mal educado de minha parte não recebê-lo.

- Pare. - papai murmura.

- O que? - argumento, o retrato da falsa inocência.

- Não pode ficar com subordinadas assim, Leo. Isso dá um processo de assédio de todo o tamanho. E qual é a regra número um dessa empresa? - seus olhos azuis são calorosos. O homem me ama, nunca duvidei. Só gostaria que ele não enxergasse minha Certidão de Nascimento como se fosse uma Declaração de Propriedade dele.

- *Ficar longe de corrupção e longe de escândalos.* - narro, obediente.

- As pessoas sempre precisam comer e beber, Leo. É por isso que a

OM3 é eterna. É produto que as pessoas *nunca* vão parar de consumir. Mudam as formas de lazer, de educação, de transporte, de energia... mas as pessoas *sempre* precisam comer e beber. A empresa cresce sozinha. Nós somos os únicos que podem matá-la. Não mate nossa empresa, Leo.

- Não pretendo fazer isso, senhor. - aceno.

Arthur Oscher respira fundo. Está tentando decidir se acredita em mim. Decide que não acredita, mas não há muito que possa fazer no momento.

Eu levanto para sair da sala.

Atrás de Priscila me certificar que ela ainda pretende trocar a caneta pelo meu pau, mais tarde.

Nem meu próprio pai acredita na minha capacidade de ficar longe de uma boa bunda, quem sou eu para discordar?

- Leo, sente. Ainda preciso falar com você.

Respiro fundo.

Sei exatamente que conversa vai ser essa.

Sou um homem adulto. Ele vê um adolescente. Mamãe vê um bebê.

- Pai, foi só um acidente.

- Você entalou um carro na lama e passou a noite na chuva esperando um guincho. Por que não ligou para um de nós? Teríamos mandado um carro para...

- Eu sei. Mas eu consigo me virar, está bem? Além do mais, não queria preocupar vocês e o guincho estava a caminho.

- Leonardo. - resmunga. Então interrompe seu discurso para respirar profundamente e parece exausto - Você confunde "ser um homem livre" com "ser um homem distante". Pode contar com sua família, sabia?

- Distante? - gaguejo, descrente - Pai! *Distante*? Você acha isso justo?

- Você não conversa conosco, não nos conta...

- Não *converso* com vocês? E o que estamos fazendo agora?

- Estou te apertando contra a parede, é isso que estou fazendo. - reclama - Porque é o único jeito de te fazer interagir comigo, fora dos assuntos de trabalho. Sua mãe sente sua falta.

Por que as pessoas precisam ser assim? Ou melhor, por que *os meus pais* precisam ser assim?

Por que cada uma de suas conversas comigo tem que ser sobre a vida inteira? Confissões prolongadas do que se passou, histórias desinteressantes sobre o que queremos para o futuro. Com aqueles dois, nunca pode ser apenas uma conversa simples sobre coisa nenhuma. Ou sobre um único evento que mereça ser mencionado.

Eu sou o filho favorito e toda conversa parece a porra de um divã. Chamem o Freud e descubram minhas aflições, analisem meus sonhos.

- Quantos dos seus filhos estão em casa para jantar, uma vez por semana? - pergunto - O Fernando, ok. Mas ele dá bem mais trabalho do que eu.

- Leo...

- Quando foi a última vez que o Matheus conseguiu ter uma conversa de mais de quinze minutos com o senhor sem virar briga sobre as desventuras da classe trabalhadora? Quando foi a última vez que a Heloísa conseguiu baixar o cartão de crédito por tempo suficiente para ligar para a mamãe? E eu sou o distante? EU?

- Você se recusa a pedir ajuda e...

- Eu não precisei de ajuda. - ridicularizo, categórico - Se tivesse precisado, teria ligado.

Ele assente. Não vai ganhar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Estou liberado, agora, chefe? - divirto-me.
- Sua mãe quer que você ande com um segurança.
- Não. - levanto.
- Seria como um motorista, Leonardo. Você nem vai sentir.
- Não quero alguém atrás de mim acompanhando cada movimento.
- Você tem noção de como é arriscado? Se alguém decidir te fazer

mal...

- Eu não sou um Kardashian, pai. Ninguém sabe quem eu sou.
- Um o quê...?
- Ninguém sabe quem eu sou. - repito.
- Seu rosto aparece em revistas e jornais, se é isso que quer

dizer.

- Colunas de economia em jornais europeus. - reviro os olhos - Ninguém lê isso.
- Sua mãe quer assim, e vai ser um dia frio no Inferno quando eu recusar algo para sua mãe, garoto. Vai fazer isso.

Garoto.

O garoto que ele quer supervisionando uma aquisição de trezentos e dezoito milhões de dólares. Mas que ele não quer andando pelo Iguatemi sozinho.

Tudo bem, né?

- Certo, pai. Vou conseguir alguém essa semana.
- Não precisa. Sua mãe quer alguém de confiança.

Minhas pernas ficam fracas e eu sento porque sei o que está vindo.

Não. Por favor. O Diogo não.

- Ela já escolheu alguém do nosso grupo de seguranças mais antigos.

Nãonãonão. Qualquer um, menos o Diogo.

- O Diogo já está te esperando na sua sala. Vai ficar com você a partir de agora.

Largo a cabeça frouxa e escuto o estalo quando minha testa bate na mesa em frustração.

- Por que o Diogo? - imploro.

- Porque ele te conhece bem, sua mãe confia nele e... pare com isso, Leonardo. Você não é mais criança.

Nunca fui criança. Não para o Diogo. Eu tinha dezesseis anos quando ele começou a trabalhar na nossa equipe de segurança e, Deus do Céu, como eu o detesto.

- Vai fazer isso pela sua mãe. - repete, intransigente.

Sorrio, melancólico e me afasto.

Mais um elo arrancado da minha algema. Uma coleira de diamantes que fica cada vez mais apertada.

Saio da sala e nem mesmo a bunda gostosa de Priscila consegue afastar a sombra escura pairando sobre minha alma.

Diogo deve ter uns trinta e cinco anos.

Talvez um pouco mais.

Ou talvez idade não seja contada em anos lá no Inferno que é, claramente, de onde ele vem.

Tem os cabelos loiros muito escuros e os olhos castanhos e impiedosos. É mais alto e mais forte do que eu. Deve ter... o quê? 3% de gordura corporal? Ou talvez ele meça o nível de seus músculos em número de

almas que já levou ao seu senhor, Satanás.

- Diogo.

- Senhor Oscher. - desdenha.

Não me entenda mal, houve respeito e profissionalismo em seu tom. Mas sempre que ele fala comigo, *sempre*, eu escuto desdém.

Está na antessala do meu escritório e senta em uma poltrona que, a partir de hoje, será sem dúvidas seu assento cativo. Eterno espectador do Show do Leo, primeira fila. Estou fodido. Se antes era ligeiramente incômodo escapar dos olhares e julgamentos dos meus pais, agora seria impossível.

Eu ia comer Priscila, meu pai ia ficar sabendo e eu precisaria ouvir um sermão para cada orgasmo.

Dava um cansaço só de pensar.

Talvez eu devesse começar a namorar com a Sara de uma vez.

Uma mulher que minha família aprova.

Largo as costas na cadeira considerando a infelicidade do meu poço: cogitando fazer algo que *definitivamente* não quero, só para me livrar dos meus pais. Saudável.

Não, Sara, desculpa, não vai dar.

Esfrego os olhos.

Os formulários de inscrição para a Universidade de Oxford ainda estão abertos no meu computador. Qualquer dia desses eu ia precisar tomar coragem para enviar a porcaria ou então transforma-la em meu fundo de tela. Provocando-me para sempre, gritando por trás dos ícones na área de trabalho que eu sou um covarde de merda.

Ia ser incrível. Só eu e o Matheus, dominando a Inglaterra. Sabe a coisa dos pais e filhos? Bem, irmãos também têm os seus favoritos e o meu é o Matheus. Tudo bem que, nos últimos anos, ele parece ter virado um rebelde desesperadamente buscando uma causa, mas é divertido ainda assim.

Livre.

Enquanto eu estou algemado à empresa, Fernando ao meu pai e Heloísa ao cartão de crédito.

Matheus é livre.

Acho que foi por isso que escolhi a mesma Universidade que ele.

Mexo na minha pasta procurando o carregador. Meu celular nunca consegue sobreviver um dia completo.

É então que minha mão bate em algo fino e comprido.

A encadernação de O Apanhador no Campo de Centeio é velha e parece capaz de se desfazer.

Tchau, garoto molhado.

Meu rosto arde no lugar onde ela me deu um beijo.

Espero que descubra para onde quer ir.

- A história de um adolescente perdido, han? - digo para ninguém, em minha sala vazia - Bem...

Mal não pode fazer.

Estou irritado, frustrado, *perdido*.

Faz sentido tentar aprender com os erros de outra pessoa, não é?

Mesmo que uma pessoa fictícia?

Abro a capa cinza sem ilustrações e deixo o narrador tentar me conquistar.

"Se querem mesmo ouvir o que aconteceu" ele me diz "a primeira coisa que vão querer saber é onde eu nasci, como passei a porcaria da minha infância e o que os meus pais faziam antes de eu nascer. Mas, para dizer a verdade, não estou com vontade de falar sobre isso. Não vou contar

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

toda a minha autobiografia nem nada. Só vou contar esse negócio doido que me aconteceu no último Natal".

Estou sorrindo para as páginas amareladas de um livro emprestado.

Um rapaz que não está interessado em confissões prolongadas ou histórias desinteressantes. Apenas um evento. Um que merece ser contado.

Ainda estou sorrindo quando desço os olhos para continuar a leitura.

Prazer, protagonista. Acho que vamos nos dar bem.

Mia

Esquisitas são as pessoas que não têm um livro favorito.

Leitores, normalmente, tem uma porção deles.

"Qual seu livro favorito?"

"Não dá pra escolher um só".

E aí começam as listas. Por ordem de cronologia, de preferência, de gênero... Uma vez, teve essa garota na loja da minha avó que separou os livros favoritos por tipos de capas.

Eu sou uma leitora, mas não sou assim.

Eu tenho um livro favorito.

Um único.

E o mais estranho é que eu nunca terminei de lê-lo.

Estou curvada sobre o balcão da lanchonete do Eduardo. Ele chama o lugar de "Maçã Verde". Esse mês. Ele muda o nome do lugar com frequência. Comprou um letreiro desses que se pode arrancar as letras para rearranjá-las como quiser. Faz uns oito anos desde a aquisição, a lanchonete não passou mais de dois meses com o mesmo nome desde então.

O pessoal da cidade só chama do Lugar do Eduardo e acho que ele deveria considerar deixar assim.

Não que isso me preocupe, no momento. As mesas estão praticamente vazias e eu arrasto os olhos pela minha leitura da vez. Ainda não tinha lido O Morro dos Ventos Uivantes e, depois de mais da metade das páginas, não posso dizer que fui conquistada.

- Oi, Mia.

Levanto os olhos para Heitor. Seus cabelos estão dourados de Sol, assim como sua pele. Tem uma mancha de graxa no queixo e me encara com olhos pretos e determinados.

- E esse fim de semana?

- Tenho que lavar as janelas. - minto, com um sorriso. É nossa brincadeira. Ele me convida para a praia. Eu recuso.

- Um dia, essa sua faxina eterna vai acabar e eu vou te levar comigo.

- Um dia, essa minha faxina eterna vai acabar e vou precisar começá-la de novo. - devolvo. Molho uma folha de papel toalha para passar em seu queixo. A mancha se atenua, mas não cede.

Eu tive quatro namorados na minha vida.

Namorado Número 2 me traiu. Com uma amiga.

Namorado Número 3 foi um pouco insistente demais com a coisa do sexo. O Gustavo estava em casa. Hoje, o Namorado Número 3 não tem um dente.

Namorado número 4 foi o repeteco do namorado Número 2 que eu decidi perdoar.

E o Namorado Número 1 foi o Heitor.

Ele é lindo. Charmoso e inteligente. Mas não o quero.

Meu coração não bate daquele jeito gozado quando ele está por perto.

Já bateu, um dia. Foi quando namoramos. Mas não mais. E não acho certo enganar o coração dos outros enquanto não decido o que fazer com o meu.

Por isso, os convites do Heitor.

Por isso, minha faxina.

- Vai almoçar? - inclino a cabeça esperando seu pedido. Sei o que vai pedir. Vai ser...

- O de sempre. - acena.

Eu me afasto para fazer o pedido dele. Outro prato está pronto e eu o conduzo para o outro lado do balcão deixando-o na frente de Estela.

- Se você continuar recusando esses convites do Heitor, um dia, aceito eu. - ameaça.

- Fique a vontade. Você fica linda de biquíni. - aviso a minha melhor amiga.

Ela tem imensos olhos cor de chocolate e um cabelo que nunca resolveu quão escuro queria ser. Ela não pinta, mas as mechas se alternam em cor, em uma profusão linda e confusa de tons de castanho. É baixa, esbelta e fica, de fato, linda de biquíni.

- Ele só quer você. - resmunga - Uma pena, porque se me quisesse, já estava na minha cama.

Recrimino com um olhar e tento voltar para o meu livro, mas ela não deixa.

- Ele é um partidão, Mia. Ouviu como está indo bem na fábrica? Vai receber uma promoção e sair daqui a qualquer instante.

Sair daqui

"Sair da cidade" é o que ela quer dizer. A linha de chegada para onde todos correm.

Estela hierarquiza os pretendentes pelo seu potencial em "sair daqui" e ao fazer isso, coloca homens como Heitor no topo da lista. Ele não vai ficar aqui muito tempo... perderei um amigo.

Mais um.

Já perdi vários.

Vou perder a Estela também.

Ninguém fica muito tempo.

Só eu.

Só o Gustavo.

Mas tudo bem.

- E no fim de semana seguinte? - sorri quando trago sua refeição.

- A garagem. - estreito os olhos.

- A garagem você limpou há duas semanas.

- Não. Não limpei. Há duas semanas, eu disse que ia lavar os tapetes.

- A sua memória é absurda. - elogia.

Faço uma reverência de gratidão.

- E você está roubando. - ralho - Só pode fazer um convite por vez.

- Ou pode parar de fazer os convites. - Gustavo se aproxima com ares de irmão mais velho.

Ele não gosta do Heitor.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ele não gosta de ninguém.

Gustavo vive na falsa suposição de que alguém está sempre tentando me enganar.

Estico-me para beijar sua bochecha e ele se senta, resmungando e limpando o rosto. Beijo de novo assim que ele acabou de se limpar. Encara-me, sem emoção e pede o que quer.

Faço os pedidos ao Eduardo, mas percebo, com o canto do olho, que Estela ficou dura como se tivesse engolido um poste. Preciso rir baixinho.

- Viu alguma coisa que te interessou?

Sua queda por meu irmão é uma coisa engraçada de assistir. Estela durona e decidida, destruindo homens em seu caminho, amolecendo a mera visão de Gustavo.

- Shh, quieta. - reclama.

- Você não devia estar em casa estudando?

- Estudo melhor aqui. - ajeita os cabelos atrás da orelha.

- Estuda? - o lugar não está lotado, mas é barulhento ainda assim.

Ela mantém os olhos em Gustavo.

- "Estudar"? Ah, me enganei. Eu quis dizer "procrastinar". Eu procrastino melhor aqui.

Dobro o lábio e aceito suas desculpas.

Verifico o relógio. Mais uma hora e preciso seguir para a loja de vovó. Ela tem uma cliente fiel chegando mais tarde e prefere quando estou por perto para alcançar as coisas nas prateleiras mais altas.

- Vovó? - Guga pergunta quando me vê analisando o relógio.

- A própria.

- Você está conseguindo estudar, Mia? - encara os livros que Estela tem, abertos e inutilizados. Minha amiga cora imediatamente - Já te disse que não precisa trabalhar tanto. - resmunga.

Gustavo, como as pessoas rapidamente aprendem, não sabe se comunicar sem rosnar as palavras. Parece que ele está sempre irritado e ranzinza. Talvez esteja. Mas eu acho que não. Acho que ele desaprendeu a falar de outro jeito.

Nossa vida não foi fácil e a dele foi ainda pior.

Teve um pai pelos primeiros cinco anos de vida, e então, mamãe engravidou mais uma vez e nosso pai decidiu que dois filhos eram filhos demais. Foi a última vez que Guga o viu e eu nunca o conheci.

Acho que algo nessa despedida quebrou meu irmão. Acho que ele encarou o caminho de poeira por onde nosso pai se foi e decidiu que nunca arrastaria seus pés naquela mesma direção. Ele não abandona ninguém, o Gustavo. Nunca. Se fosse a guerra, seria um desses soldados que recebe um milhão de medalhas por ter resgatado os colegas em uma situação impossível em que - sem ele - teriam sido todos deixados pra trás.

Mas é bom que nunca tenha ido para qualquer guerra porque acho que estariam salvos seus colegas, mas morreria eu.

Gustavo tinha seis anos quando resolveu que era seu trabalho cuidar de mamãe e de mim. E, quando tinha doze, precisou fazer isso mesmo porque mamãe ficou muito doente e eu era pequena demais para interferir.

Tinha quinze anos quando ficamos órfãos.

Um garoto de quinze anos rodando pela cidade atrás de todo e qualquer tipo de trabalho. Ainda tínhamos vovó, é claro. E Eduardo sempre ficou por perto. Mas foi Gustavo quem me criou. Em sua cabeça, ele sempre foi o principal responsável por meu bem estar e nunca deixou que ninguém o convencesse do contrário.

Quando fez dezoito anos, sua primeira atitude foi assumir minha

guarda legal. Vovó não contestou.

Aperto suas bochechas e ele faz uma careta rabugenta.

- Você não terminou os estudos e está bem.

- Amélia...

- Já sei tudo o que preciso para o meu trabalho.

- De qual trabalho está falando? Precisa do mestrado se quiser ensinar.

- Já dou aulas para minhas crianças.

- E tenho certeza que adora. Mas você não queria dar aulas na faculdade? Como a mãe fazia?

- Não quero mais. - minto. Muito mal.

- Amélia. - rosna, por cima das mordidas - Você largou o mestrado?

- Não. - sorrio, complacente. *Ainda não.*

- Não vai largar dessa vez, me ouviu?

Gustavo trabalha na fábrica de automóveis. Ele, o Heitor e quase todo mundo da cidade. A proposta de promoção para trabalhar em um escritório na capital? A proposta que o Heitor estava perto de receber? Já tinha sido feita a Gustavo duas vezes.

Gritei com ele para que aceitasse.

Ele merecia uma casa sua, ganhar mais, cuidar de si, viver um pouco.

Mas... Gustavo não abandona ninguém. E tinha gente na cidade que precisava dele.

Tinha eu. Tinha a vovó.

Tinha a oficina do Jaime e a lanchonete do Eduardo, onde ele fazia bicos em troca de quase nada.

Tinha a loja de antiguidades.

E Gustavo não abandona ninguém.

Então ele ficou.

Come enfiando comida demais na boca, como se estivesse com pressa. Está sempre com pressa. Olha feio para um Heitor que desiste de manter uma conversa comigo depois de duas ou três rejeições educadas.

- Deixa a menina ler. - resmunga meu irmão, quando se levanta colocando o dinheiro sobre o balcão.

- Não é mais uma menina, Guga. - Eduardo ri, folheando o jornal.

Acho que Gustavo nunca recebeu o memorando informando que eu já tinha passado dos dezoito, quem dirá dos vinte. Acho que terei cinquenta anos e Gustavo ainda vai me olhar com cara feia, resmungar e me mandar não ir dormir muito tarde.

- Vai estar casada qualquer dia desses, é bom o Gustavo ir controlando os ciúmes. - Janaína, a outra garçonete, ri.

Mas a risada de Gustavo é ainda mais alta. Ele duvida seriamente que eu encontre um homem disposto a ficar.

- Tá certo. - diverte-se. Pego seu dinheiro e somo a gorjeta exagerada que deixou. Meu irmão sempre deixa gorjeta demais quando estou trabalhando.

- Gustavo... - começo a reclamar.

- Pega o dinheiro, Amélia. - me beija na bochecha, rápido e desajeitado - E quando terminar a coisa com a vó, vai direto pra casa estudar.

Nunca tive um pai, mas imagino que seja assim que eles falam.

- Não fica batendo papo na calçada. Vai estudar. - ainda ordena antes de sair.

Eduardo não tira os olhos das matérias de esportes que acompanha

como se fossem os sinais vitais de seu próprio coração. Ele é redondo e pequeno. Tem uma cabeça careca por opção. Quando os cabelos começaram a lhe abandonar, Eduardo resolveu que, se era para se separarem, era ele quem ia redigir os papéis do divórcio: foi ao barbeiro e arrancou tudo de uma vez. Sua pele morena era manchada de sol e seus dentes, de nicotina. Uma que ele abandonou há muito tempo, mas ainda tinha deixado seus resquícios aqui e ali. Mas eram seus olhos que diziam tudo que precisava ser dito sobre sua personalidade. Ele era adorável e gentil.

Estela reuniu os livros e, agora que Gustavo já foi embora, parece ter desistido de *estudar* na lanchonete.

- Já vou, Mia. - acena, sorridente.

É um sorriso de confiança. Sei exatamente o que ela foi fazer ali, do mesmo jeito que ela sempre soube minhas intenções quando eu perseguia os rapazes por quem me interessava, na biblioteca da escola ou nos jogos de futebol.

Palavras se tornam repetitivas e desnecessárias.

Melhores amigas precisam apenas de um sorriso.

Leo

Essa porra deste livro está me fodendo.

Estou refletindo sobre minha vida e me achando um banana.

Normalmente, eu diria "um merda", "um escroto", "um pau mole". Mas a edição da Mia é antiga... do tipo que teve um tradutor que ainda usava as expressões "bonita pra cachorro" ou "fila longa pra burro", o que significa que, depois de umas duas horas de leitura, o livro está quase no fim e minha capacidade de usar palavras apropriados está comprometida.

Mas serviu ao seu propósito.

Ou não.

Ainda não tenho certeza.

Tem um trecho específico que ficou em minha mente o dia todo por dois motivos.

Já vou explicá-los.

O primeiro é que Sara está me ligando.

Ligou duas vezes, logo depois que recebi uma mensagem de mamãe dizendo "Sara vai te ligar".

Só essas quatro palavras, juro por Deus.

É bem típico da minha mãe: avisar algo óbvio sem explicar coisa nenhuma, só para que eu saiba que ela está envolvida.

"*Seu bolo de aniversário será de limão*", apenas para que eu saiba que ela está ocupada organizando uma festa, ou "*Deixei a chave de volta na portaria*", para que saiba que entrou no meu apartamento.

E agora, ela quer que eu saiba que conversou algo com Sara.

Sara.

A filha de uma das milhares de famílias genéricas que somos obrigados a interagir por causa do código de conduta da alta sociedade. A garota que, desde os meus quinze anos - quando Fernando não entrou na USP - meus pais decidiram que seria o par perfeito para mim.

Ela não é má.

Mas é *bobinha* demais. Essas mulheres muito cheias de inocência não parecem mulheres de verdade.

Mamãe diz que isso é questão de tempo: basta eu me apaixonar por Sara e começarei a achá-la a mulher mais incrível da Existência. O problema é que - e acho que ninguém avisou a mamãe - eu tenho zero intenções de me apaixonar por Sara.

Eu prefiro mulheres como a Elisa.

Elisa que está nua, esfregando os peitos pequenos nas mãos e meu pau entre as bandas da bunda.

Elisa é mesmo um tesouro. Tem uma habilidade bem particular de manter o homem sempre a um segundo do gozo.

Não, não estou com Priscila. Ela precisava trabalhar e eu nunca fui dado a esperar.

Elisa estava no bar e, abençoado seja seu amor por carros, porque bastou ver meu Aston Martin novo e já estava bem interessada na minha personalidade.

Agora, está bem interessada na minha cama.

Tenho dois quartos no meu apartamento.

Um para encontros casuais.

Um para dormir.

Não porque sou um desses caras maníacos que acha que não pode trazer nenhuma mulher pra cama, mas apenas porque... é estranho. Deixar uma desconhecida suando nos meus lençóis parece mais íntimo que deixá-la suando na minha boca. Não faz sentido e nem precisa fazer. Tenho dinheiro o suficiente para manter os dois quartos que preciso, então, foda-se o sentido.

Elisa está montada no meu corpo no quarto número dois e estou fazendo um esforço para não gemer o nome de Priscila. Ou o de Sara.

Não porque esteja interessado em qualquer uma das duas, mas porque ocupei minha mente com um pouco de cada ao longo do dia e... nunca se sabe.

Então mordo meus lábios e tento fazer sons guturais que sejam sensuais sem expressar titularidades.

Gozo sem ter me enfiando em qualquer parte de Elisa e ela mantém minha mão sobre seu clitóris até que eu a faça gozar com os dedos. Não é problema. Tenho meus muitos defeitos no departamento "relacionamentos", mas não sou egoísta.

Elisa encontra o orgasmo com uns gritinhos sacanas, choramingando umas putarias sem sentido que me fazem querer colocá-la de quatro para comer sua bunda do jeito certo.

Mas tenho um jantar na casa dos meus pais e preferia não me atrasar.

Ultimamente, tenho escutado sermões até mesmo por respirar. Não quero lhes dar mais motivos.

Elisa faz menção de me acompanhar quando decido ir ao chuveiro, mas banho é uma coisa que eu prefiro fazer sozinho. A coisa toda do "mulher molhada e cheia de sabão" não é um fetiche que eu tenha e... mais uma vez, a coisa do banho me parece mais íntima que a coisa do sexo.

Mais uma ligação de Sara e eu realmente vou precisar lidar com isso em algum momento.

Estou embaixo do jato quente quando o trecho do livro volta a me atingir.

O Apanhador no Campo de Centeio. Ta aí uma história que fica com você.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mia estava certa. Eu precisava desse livro.

Eu conhecia o título, quero dizer... sei que há um bando de assassinos e malucos famosos que eram doidos pela história, mas nunca me dei o trabalho de efetivamente ler. E agora, bem... não estou dizendo que entendo a ideia de sair de sua casa e ir matar alguém, mas definitivamente entendo a obsessão pelo livro.

Maldita história que fica presa, girando na sua cabeça.

Eu sou como a porra do Holden Caulfield. Sou o riquinho mimado que tem tudo e ainda assim está estressado pela liberdade que não pode ter. E, sempre que encontro um pouco de liberdade, alguém aparece para arrancá-la.

Papai com o seu segurança.

Mamãe com as ligações de Sara.

Passo o sabonete pelo corpo, retirando os restos de Elisa de mim e não consigo afastar as palavras do livro.

"Fiquei sozinho no museu" ele tinha dito "Estava tudo tão quieto e agradável. Aí, de repente, vi aquilo na parede. Outro 'Foda-se'. Escrito com lápis vermelho ou coisa parecida, bem embaixo da parte envidraçada da parede."

Outro Foda-se.

Respiro fundo.

Seco o corpo molhado e passo a toalha pelos cabelos.

Ainda estou com a toalha amarrada na cintura quando minha campainha toca.

Diogo querendo me avisar que está na hora de irmos.

"Esse é o problema todo" o livro continua "Não se pode achar nunca um lugar quieto e gostoso, porque não existe nenhum. A gente pode pensar que existe, mas, quando se chega lá e está completamente distraído, alguém entra escondido e escreve 'Foda-se' bem na cara da gente. É só experimentar. Acho mesmo que, se um dia eu morrer e me enfiarem num cemitério, com lápide e tudo, vai ter a inscrição 'Holden Caulfield', mais o ano em que eu nasci e o ano em que morri e, logo abaixo, alguém vai escrever 'Foda-se'. Tenho certeza absoluta".

Abro a porta ainda de toalha. Quero dizer um "foda-se" ao Diogo.

Mas não é Diogo que está do outro lado.

É Sara.

Ela cora diante do meu torso nu e úmido.

- Oh. Ainda não está pronto? Sinto muito, eu...

Ela tem os cabelos dourados e longos, cairiam até quase a cintura se estivessem soltos. Os olhos são de um azul educado, assim como as sardas que cobrem as bochechas e o nariz. É pequena, mas usa sempre saltos muito altos que disfarçam para aqueles que não a conhecem. Seu corpo é magro e longo, há pouca carne onde quer que seja.

- Sara. - dou um passo involuntário para trás - Oi. Nós... ah... tínhamos marcado algo?

- Não vamos jantar na casa dos seus pais?

Passo a mão nos cabelos molhados.

Valeu, mamãe. Te amo.

- Você também vai. - aceno - E mamãe te disse que eu te daria carona.

- Se não for problema. - insiste.

"Carona" é o jeito de mamãe bancar o cupido. Veja bem, na nossa classe social, todo mundo tem carros para escolher, motoristas de plantão e motoristas de suporte caso o motorista original falte. A única exceção a essa regra é para aqueles de nós que acham que, já que gastaram centenas

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

de milhares de reais em quatro rodas, é melhor dirigi-las você mesmo.

Sara não precisa de carona.

Sara nunca precisou de carona na vida dela.

Sara na minha porta enquanto estou de toalha com uma mulher nua deitada na minha cama, é mamãe entrando enquanto eu estou distraído para escrever "Foda-se" na minha vida.

Não tenho um momento de paz, nem mesmo nas mulheres que escolho.

- Sua mãe não te avisou. - ela entende.

Está interessada por mim.

É educada e jamais investiu de modo claro, mas ainda assim, é algo perceptível. Há anos.

O modo como analisa meu corpo quando acha que não estou olhando. O modo como sorri ou coloca os cabelos atrás da orelha. O modo como tenta manter o assunto sempre engajado ou até mesmo o modo como descobriu minha cor favorita e tenta se vestir sempre de acordo.

Está usando azul agora mesmo.

Ela é bonita.

É uma mulher linda.

Mas... não pra mim.

Não funciona, desculpa, Sara. Boa sorte nas tentativas futuras.

- Não, sinto muito. - respondo - E, na verdade... - respiro fundo - Estou acompanhado. Preciso me despedir, antes de sairmos, tudo bem?

Sara cora ainda mais furiosamente.

Eu ainda estou de toalha e sei que isso não está colaborando. Mas não tenho vergonha do meu corpo.

6% lembra? Por que teria vergonha?

Além do mais, se essa toalha cair... aí é que não terei vergonha mesmo.

Visto-me depressa e aproveito Sara como desculpa para me livrar de Elisa.

Uma mulher que não me interessa me livrando de outra que também não me interessa. História da minha vida.

Sou um lixo. Eu e o Holden. Estamos juntos.

Levo Sara para o jantar e gostaria de dizer que foi uma noite agradável e acabei me apaixonando por ela.

Ou até mesmo dizer que foi uma noite memorável, cheia de eventos inesquecíveis.

Mas não.

Foi apenas um tédio.

Parece que não tenho mais reuniões naquela manhã e estou relendo a porra do livro porque... bem... foda-se, não é assim?

Os formulários da Universidade continuam abertos em segundo plano e só ler o título na barra de ferramentas me causa calafrios.

Decidir para onde ir.

Começar a ir pra lá.

O que fazer quando você não consegue?

Rer o livro não está me ajudando.

E é só quando estou quase na metade que percebo que quero conversar com alguém.

Preciso.

Mas quem?

Sara iria entender um desabafo como uma investida.

Mamãe e papai iriam analisar cada palavra minha com interesse terapêutico.

Priscila estava mais interessada na minha nudez e Diogo não se interessava em nada que me dissesse respeito.

Já tinha passado das dez da manhã quando percebi que estava pensando em Mia.

Pensando em Mia sem parar.

Na verdade, estava *divagando* sobre Mia. Sobre como seria legal ter uma amiga que não fizesse a menor ideia do que "Oscher" significava e com quem eu pudesse simplesmente *conversar*.

Era balela, é claro. Tinha um bilhão de aplicativos anônimos para conversar pela internet, sobre livros inclusive. O que eu queria era ver aqueles olhos verdes e receber um daqueles beijos na bochecha.

Mas essa era um pensamento tão inocente que me recusei a entretê-lo.

Eu queria conversar sobre o livro.

Só isso.

Olho para o relógio.

Se fizer a coisa direito, posso ir e voltar antes de anoitecer.

Puxo o telefone do gancho porque sei que vou precisar me livrar de um certo segurança.

- Diogo, prepare o carro e me espere no estacionamento. Vou sair.

Puxo o celular do bolso e chamo um *Uber*. Marco o ponto de encontro na frente do empresarial vizinho e corro para os elevadores.

Vou precisar me livrar do paletó.

Vou precisar alugar um carro.

Está soando como uma aventura.

Vamos lá, Holden.

Eu e você.

3.

Acho que faz mais sentido procurar por ela na lanchonete, primeiro. Eu tenho o endereço da sua casa - por causa do guincho - mas algo me diz que cruzar com seu irmão por lá seria a pior coisa que poderia me acontecer no ano. Se o cara andar armado, certeza que vou levar um tiro na bunda. Ou no saco, se ele tiver uma boa mira.

Aluguei um Siena cinza com nenhum dos confortos com que estou acostumado. Ainda bem que sempre preferi dirigir câmbio manual ou estaria bem enrascado agora.

Parei em uma loja popular de departamentos no caminho. Me enfiei em uma porção de roupas que não tinham nada a ver comigo e preciso admitir que estou me divertido com a brincadeira de espião.

Paro o carro no estacionamento coberto por brita na lateral da lanchonete. Sem a Chuva do Apocalipse, o lugar não parece terrível. Precisava de uma boa mão de tinta e... não, o lugar é um lixo. Uma espelunca. Mas tem algo legal sobre ele...

Não. Mentira. Não tem nada legal. Estou tentando ser gentil mas não consigo sequer pensar em um elogio falso.

O lugar é estranho, feio e de mal gosto.

O letreiro é velho e esquisito. Tem umas letras pretas bem grandes dizendo "Maça Verde" e me parece um nome péssimo. "Marketing" é uma lenda nessas terras. Algo do qual as pessoas ouviram falar em canções antigas, mas nunca se ocuparam de aplicar na prática.

Desço do carro, analisando as grandes janelas. É hora do almoço e o lugar está cheio.

Ai, merda. Eu devia ter pensado nisso melhor.

Se ela estiver aí, eu vou precisar comer? O sanduíche do outro dia não estava ruim, mas as circunstâncias eram outras.

Empurro a porta de vidro e ela cede com facilidade.

As mesas estão quase todas ocupadas, mas há três ou quatro vazias. Sento em qualquer uma? Mas e se não for uma das mesas que ela atende?

- Está seco. - diz uma voz familiar - Não posso mais te chamar de garoto molhado.

Mia usa um short mais curto e uma camisa mais folgada.

Nossa, seu corpo é...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Não encare, Leo.

Sorrio. Ela sorri de volta e eu esqueço como usar as pernas.

- Pode me chamar de "Leo", sabe, o meu nome? - provoco - Vim devolver seu livro. - ergo o objeto como faria a um prêmio.

- Veio até aqui só para devolver um livro velho. - está impressionada - Trouxe as roupas do meu irmão?

Abro a boca e sou tomado pelo pânico.

- Não tem problema. - ela sorri, me libertando do crime. - Ele não usa mais aquelas. - Hoje, veste um avental azul por cima das roupas e limpa as mãos nele antes de pegar o exemplar em minhas mãos. Seu rosto pequeno de linhas alongadas emoldura aquele imenso par de olhos verdes que dirigi por duas horas para ver. Seu meio sorriso é simpático e acolhedor. Aproximou-se e eu não consigo mais escapar de seu perfume.

Seu sorriso se prolonga. Sei que estou encarando.

- Estava de passagem. - gaguejo - O trabalho... - gesticulo e ela acena dispensando a explicação.

- Obrigada. - ergue um ombro. Por algum motivo, lembro da noite em sua casa, quando ergueu o ombro exatamente daquele jeito e ele escapou pela gola larga de sua camiseta. Lembro de como senti vontade de arrumar sua roupa, qualquer desculpa para tocá-la. Engulo em seco. Minha saliva parece esquisita e fica presa na minha garganta. *Mas que merda?* - Vai aproveitar para almoçar?

- Lógico. - respondo, rápido demais.

Lógico?

LÓGICO?

Certo. Acho que vamos almoçar, então.

Ela me guia até uma mesa e eu sento, obediente e comportado. Coloca um cardápio na minha frente, mas eu já sei o que quero.

- Ah, no outro dia... Você me deu um...

- Americano.

- Esse. É isso que quero.

- Vai almoçar um sanduíche?

Abre seus olhos verdes e eu percebo que perdi o controle sobre o meu queixo também. Já se foram minhas pernas, agora minha boca está entreaberta e vazia de palavras.

Ela ficou mais bonita?

Deus que me perdoe, mas parece que essa mulher tem alguma habilidade especial de ir ficando mais linda com o tempo. Foi a mesma coisa na noite em sua casa. Se a cada vez que eu voltar aqui ela estiver mais bonita, vou acabar ficando louco.

Calma, Leo. Como assim "a cada vez que voltar aqui"? Não vai voltar aqui. O que diabos ia fazer voltando aqui?

Meu coração bate de um jeito nervoso.

Mas que merda?

Qual o meu problema?

Ela ainda está esperando uma resposta e meu silêncio se traduz em um sorriso curioso em seus lábios.

- Leo?

- Han... Qual foi a pergunta?

- Você vai almoçar um sanduíche?

- Isso é um problema?

- Não. - ela ri - Só confirmando. O que achou do livro?

O livro! O que você veio fazer aqui!

- Legal. - aceno.

"Legal?" Sério, Leonardo?

- Certo... - vira o rosto quando alguém chama sua atenção - Já volto com seu sanduíche.

Eu tenho quase um metro e noventa de altura. Uma barba mal feita no rosto e pouco mais de noventa quilos de peso, que são basicamente só músculos. Estou dizendo isso para ilustrar o quão ridícula é a minha situação, sentado na mesa, entrelaçando os dedos como uma criança, esperando ansiosamente que Mia voltasse para que eu pudesse lhe dizer não sei o quê.

Sorrio assim que ela se aproxima de novo.

Um sorriso bem imenso.

É ridículo.

- Vai beber alguma coisa?

- Um... suco?

- Isso foi uma pergunta?

Estou decidindo o que responder. Mia é um mutante, como em X-Men. Certeza. Ela tem as habilidades de ficar mais bonita com o tempo e de me fazer perder as palavras.

- Se eu lavar suas janelas, você viaja comigo no fim de semana? - o estranho surge em meu campo de visão de repente, colocando as mãos na sua cintura e eu travo os punhos com força.

Estou torcendo o nariz para o desconhecido antes que possa me controlar.

O que ele pensa que está fazendo? Colocando as mãos nela assim, em seu ambiente de trabalho?

Sinto vontade de dizer algo azedo.

Leonardo!

Put a que pariu.

Não posso estar com ciúmes.

Primeiro, porque não faz sentido.

Segundo, porque não faz nenhum sentido.

Terceiro, porque não faz nenhum caralho de sentido.

Cruzei o caminho da garota uma vez. De que me importa com quem ela viaja?

- Gosto de lavar minhas próprias janelas, Heitor. - sorri, inocente.

- E é uma pena. - ele murmura perto do seu ouvido, enchendo as palavras de um duplo sentido que Mia não parece escutar porque me observa, esperando uma resposta, como se nada tivesse acontecido.

Meu queixo ainda está frouxo. Desisti de adestrá-lo.

Ela não vai dar uma dura no safado?

Ele se foi e eu estou encarando o cardápio por motivo nenhum.

- Devia contratar um serviço.

- Perdão?

- Para suas janelas. - olho para ela e percebo que foi uma péssima ideia. É mais fácil falar olhando para outro lugar - Se quiser lavá-las, pode contratar alguém para fazer isso.

- Prefiro gastar meu dinheiro com outras coisas. - brinca. Soa safada. Mas... não é. Será que ela sabe que faz isso? Ou serei eu que estou ouvindo o que não devia? - Além do mais, não é sério. É só uma brincadeira entre eu e Heitor. Você decidiu se vai querer mesmo o suco?

- Suco. Sim. De qualquer coisa. Que tipo de brincadeira?

Ela ri e leva o cardápio. Não me deu uma resposta.

Volto a entrelaçar meus dedos e esperar, comportado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

A camisa me pinica de um jeito chato. Estou puxando a gola com frequência.

O pervertido do *fim de semana* está sentado no balcão. Parece ter pedido almoço e está se esforçando para manter uma conversa com Mia. *Excelente*. Dirigi duas horas para conversar com a mulher, esqueci como diálogos funcionam e vou dirigir mais duas horas de volta para *nada*.

Ideia péssima.

Ideia estúpida.

Ela coloca o suco na minha frente e eu aceno uma gratidão silenciosa. Não estou acostumado a ficar perdido na frente de uma mulher. É irritante.

- Só "legal"? - sorri.

- Mais que legal. - confesso - Na verdade, acho que vai pra minha lista de favoritos.

- Tem uma lista? - ela se inclina na mesa e a gola de sua camisa folga sobre os seios. É por isso que essa lanchonete fica cheia. Por causa daquela porra daquele decote bem ali. Se ela se abaixar um pouco mais vejo seu sutiã e, se não estiver usando sutiã, vai ser um dia bem feliz.

- Tenho. Você não?

Dá de ombros.

Dá. De. Ombros.

E eu estou tendo flashbacks da nossa noite juntos. De novo.

Ela tem que parar de erguer o ombro desse jeito doce ou eu vou precisar comê-la.

- Quais os seus? - pergunta.

- Quer sentar? - experimento - E aí te conto.

- E quem vai atender todas essas mesas? - sorri.

Merda.

- Escolhi uma hora ruim, han?

- Para almoçar?

- Para conversar.

- Achei que só tinha vindo devolver o livro.

- Não dá pra devolver um livro que pegou emprestado sem conversar sobre ele. Além do mais, decidi retribuir o favor e trouxe um pra você.

Mia me analisa por um instante.

- Se não estiver com pressa, eu saio em uma hora. Aí você conversa sobre o livro e eu posso te emprestar outro.

Ela tem um meio sorriso. É lindo, ainda assim. Mas é como se ela economizasse o sorriso completo para as ocasiões que realmente valem a pena.

O meio sorriso é lindo daquele jeito.

O completo deve ser deslumbrante.

Estou sorrindo de volta quando assinto:

- Fechado.

Papo fiado é uma merda.

Sabe quando você entra no elevador, encontra com um vizinho cujo nome você sequer lembra e imediatamente não existe nada no mundo que seja mais interessante do que o clima?

É uma merda.

Você não acha que está tão frio assim.

Ele está pouco se fodendo para as calotas polares.

Nenhum de vocês dois seria capaz de explicar com detalhes porque a poluição é ruim para a camada de ozônio nem que suas vidas dependessem disso.

Mas a proximidade faz o papo fiado ser necessário.

Existem outros contextos na vida - além do malfadado elevador - que também exigem essa aberração das interações sociais, e um deles é o momento em que você é uma mulher - ou homem - estão decidindo se vão ou não ficar pelados juntos.

Papo fiado é o gatilho, o fio de pólvora, a fagulha.

Se a conversa imbecil virar um papo engajado e houver interesse, a probabilidade de você usar as camisinhas que traz no bolso - sim, eu disse "camisinhas" no plural - é maior. Se a conversa imbecil cair e morrer afogada, o desinteresse mata o tesão e os preservativos sobrevivem por mais um dia.

Normalmente, eu sou do tipo objetivo.

Cumprimento meu vizinho, mas prefiro não me prolongar em discussões ambientais.

Topo a dança-pré-sexo, mas prefiro a mulher que sabe o que quer.

Adoro as mulheres que querem me foder pelo meu dinheiro. Facilita o procedimento e eu não preciso me dedicar ao papo fiado.

No entanto, aqui estou eu... dirigindo com Mia até sua casa e debatendo um livro que não me interessa nem de longe tanto quanto o azul da alça de seu sutiã, insistente em fugir da manga.

Não me entenda mal: o livro é do caralho. Mas o corpo dessa porra dessa morena do meu lado... Deus que me perdoe.

Ela fica, sim, mais bonita com o tempo e eu já desisti de combater. Quando chegar na casa dela estarei duro dentro das calças, é uma merda mesmo.

Já vejo sua casa ali no fim da rua.

A de telhado inclinado. É mais bonita contra o céu azul.

O lado bom é que, pelo menos, eu admiti a verdadeira motivação por trás da minha jornada: Colocar Mia de quatro e comê-la bem devagarzinho. Encher minhas mãos naqueles peitos redondos enquanto sussurro no seu ouvido que eu a peguei encarando meu corpo e mordendo o lábio. Não adianta esconder, viu gostosa? Já notei que você também me quer.

E, na minha religião, quando dois querem, dois transam.

É por isso que estou me dedicando ao papo fiado.

Eu não ligo para o clima, mas ligo para o sexo.

Se tiver 30% de chance de precipitação, eu deixo o guarda-chuva em casa. Mas com 30% de chance de orgasmo, meu bem, eu saio de casa com uma camisinha em cada bolso e duas na carteira.

Estaciono sob o passadiço e tento abrir a porta do passageiro. Mia, no entanto, foi mais rápida e já está do lado de fora do carro quando me aproximo. Raspo meus dedos em seu corpo sempre que posso. Estou guiando-a pela cintura agora mesmo.

- Mas não me disse sua lista. - Mia lembra assim que nos coloca para dentro de sua sala. Está tudo ali: as estantes de madeira escura carregadas de livros, o jogo de sofás antigos e a mesinha de centro com um dos pés apoiados em um livro pequeno para manter seu equilíbrio - Seus livros favoritos?

Veja bem, essa é a hora do abate.

A conversa até aqui foi incrível.

Fiz comentários pertinentes e sagazes sobre O Apanhador, fiz

questão de mencionar que o li duas vezes e que trouxe, em agradecimento, um livro que aposto que ela vai adorar.

Elogios, inteligência e um presente. Eu estou na reta final, percebe?

Ela é minha, basta que eu lhe dê um empurrão final.

E, para uma leitora, a chave pra sua cama está nas páginas de livros.

Basta eu me revestir de intelectualidade e essa mulher vai me devorar.

- Precisa de um instante para pensar? - ela provoca diante da minha ausência de resposta.

Estreito os olhos e tento lembrar dos livros mais consagrados que já li.

Não são meus favoritos mas, que tipo de respeito eu conseguiria dela se citasse um livro de Dan Brown atrás do outro?

- "Jardim de Cimento" do Ian McEwan, "Neuromancer" do William Gibson, "Irmãos Karamazov" do Fiódor Dostoievski, "Os Miseráveis" de Victor Hugo e "O Apanhador no Campo de Centeio" do JD Salinger. - aceno, confiante.

Há uns anos, meu pai me levou para pescar. Nunca foi uma atividade que eu gostei, nunca fui bom na coisa do sentar e esperar. Nunca. Veja o exemplo de Priscila: Precisou trabalhar? Então, quem vai pra minha cama é Elisa. Eu não espero. Nunca espero.

E eis que chegou o dia da pescaria. Matheus sempre foi o mais habilidoso de nós. *Paciência* é um dom.

Por isso que, daquela vez, eu soube que era meu momento: um peixe agarrou minha isca nos primeiros segundos do anzol na água e eu estava preso a vara como um trapezista sobre aros de fogo. O bicho era forte. Era fenomenal. Ia ser um peixe imenso, era certeza. O maior que qualquer um de minha família já conquistou, Matheus inclusive. Eu já estava pensando nas fotos que ia tirar e em como ia contar a história repetidas vezes para quem quisesse ouvir. E, é lógico, não importa o tamanho do peixe que saísse daquela água, nas minhas histórias, ele seria maior.

Na minha cabeça, o peixe estava frito e no meu prato.

Foi aí que ouvi o estalo. Não percebi que a linha tinha se partido até que já estivesse longe. Caí para trás em um sobressalto, batendo meu joelho com força.

A dor na minha perna, no entanto, não foi pior que a dor em minha moral.

A sensação foi bem parecida com o olhar que recebi de Amélia assim que terminei de narrar minha lista.

Perceba: ela estava perfeitamente interessada, fosse em meu corpo, minhas palavras ou meus toques. Pelo modo como me olhava, parecia *particularmente* interessada em minha boca, inclusive.

E então, cinco títulos depois, ela se foi. Linha está partida. Sem peixe frito, prato vazio.

O que houve?

- Hm. - ela sorri, sem jeito - Quer beber alguma coisa?

Eu podia responder alguma safadeza, mas bastou olhar uma vez naqueles olhos imensos - verdes e inocentes - para que...

- Não, obrigado.

Mia olha ao redor como se, de repente, não soubesse por qual motivo me levou até ali.

Mas que inferno... será que algum dos livros que citei era racista ou

machista e eu não lembrava?

- Está tudo bem? - arrisco.

- Ótimo. - estreita os olhos.

Ela não sabe mentir.

Não sabe nem fingir que talvez consiga mentir.

Hesita ao inspirar fundo e está virando para se afastar quando toco seu braço com cuidado.

- Mia?

- Hm? - abre os olhos, culpada.

Sei que não gostou de algo que eu disse e isso meio que estraga meus planos eróticos da tarde, mas... Ela é a criatura mais adorável que já pisou sobre o planeta. Ainda mais com essa aparência indisfarçável de culpada. Mia é a criança que jura não ter comido qualquer bolacha de chocolate antes do almoço, alheia ao fato de que a boca está coberta de farelos.

Estou rindo.

- Não gostou dos meus livros?

- Não é isso... - está espremendo os dedos, apertando-os e entrelaçando-os.

Tomo-os para mim para que pare de atacá-los. Suas mãos estão frias, então as esfrego em meu toque, tentando lhe dar um pouco de calor.

Acho que é aí que algo acontece.

Seus dedos longos e frios presos em minhas mãos. Um toque que se transforma em carícia. Meu polegar desliza em sua pele e eu adoraria dizer que estava cheio de intenções safadas e descaradas, mas...

Eu só queria que ela me dissesse o que estava pensando.

Só queria que ela confiasse em mim.

Ela olha de volta em meus olhos.

Tanto verde.

Não estou respirando muito bem.

- É... genérica. - diz, por fim.

- Genérica?

- Sua lista. - acena.

- Genérica?

- É. Só uma porção de autores famosos. Um monte de homens brancos e velhos. Falta mulheres na sua lista. Falta brasileiros. Falta um pouco de... espírito.

Pisco duas vezes.

E, como não foi suficiente, pisco mais duas.

- Certo... E qual sua lista de favoritos?

- Não tenho uma lista. - assente.

- Não tem... Não tem livros favoritos?

- Tenho um só.

- Que é?

- Pessoal.

- É o título do livro?

- A natureza da resposta.

- Você não diz para as pessoas qual seu livro favorito?

- Não. - ela se afasta para procurar algo em sua estante e pesca, com facilidade, um livro do emaranhado de páginas e capas nas prateleiras.

Eu estou muito confuso.

- E se eu adivinhar?

- Não vai adivinhar.

Inclino-me em sua direção para encarar seus olhos, tentando

enxergar a resposta estampada em sua honestidade.

- Experimenta ler esse. - entrega-me um exemplar.

A capa escura lê "Enclausurado".

- Isso é Ian McEwan. - reclamo - Um dos meus favoritos é McEwan e você disse que era...

- Um dos seus favoritos é "Jardim de Cimento" que é um dos piores livros da história. - abana a cabeça, desagradada.

- É o mais famoso dele!

- É. Assim como "Irmãos Karamazov" e "Os Miseráveis". Você tem um talento para gostar do livro mais famoso de cada autor. - torce o nariz - Quais são os próximos da lista? "Metamorfose" e "Por Quem os Sinos Dobram"?

Abri minha boca para reclamar, mas Mia tem uma expressão no rosto que é...

Carinho.

Ela está discutindo comigo *de verdade*, mas, ao mesmo tempo, não está *brigando*. Não está *competindo*.

Está apenas se divertindo.

Isso me desarma.

Completamente.

- Ahh! - provoco - Então você é uma dessas que acha que a opinião só é válida se for diferente?

- Se todo mundo está pensando a mesma coisa, então ninguém está pensando.

- Bonito.

- É uma citação de George Patton.

- Não. Na verdade é uma adaptação de uma citação de Humphrey Neill. Creditá-la a Patton é um erro comum. - dou de ombros.

Mia deixa o queixo cair sem pudor de esconder sua admiração.

- Nada mal. Mas acho melhor você aceitar o livro ainda assim. - balança "Enclausurado" na minha direção - Ou vai ficar relendo O Apanhador eternamente?

Sorriso.

- Acho que o autor iria preferir *ser lido quinhentas vezes pelo mesmo leitor do que uma única vez por quinhentos leitores*.

- Machado de Assis. - um brilho em seu rosto. Estou conquistando meu espaço de volta. A linha partida está sendo magicamente remendada.

- Diz a lenda. - lembro e ela concorda. Tudo bem, acho que não vai haver momento melhor que esse - Quer sair comigo?

- Sair? - seu lábio inferior treme. Ela sabe exatamente o que eu quero.

- Jantar? Hoje?

Leonardo, você precisa voltar pra São Paulo.

- Posso vir te pegar. - acrescento. Seja lá quem for que está no controle do meu corpo, claramente não sou mais eu.

Mia massageia a nuca com uma mão incerta. Encara o chão, mas a resposta não está em seu tapete.

- Por quê? - murmura.

- Porque eu adoraria continuar essa conversa. - ataco - E porque você é linda.

Um sorriso de um tipo novo: tímido e inocente.

- Você escolhe o lugar. - prometo.

O peixe.

O maldito peixe está tão próximo que sinto seu cheiro. Sinto seu

gosto salgado.

Sinto suas pernas macias se abrindo pra mim.

Passo a língua nos lábios.

Estou com uma fome do cacete.

- E podemos...

- Não. - ela murmura, educada - Obrigada pelo convite, Leo. Mas... não.

Minha boca ainda está aberta até porque eu estava no meio de uma frase.

- Tudo bem. - aceno, insatisfeito - Posso perguntar por quê?

- Porque... - ela fica muito vermelha e sei que vai mentir - Porque eu não faço isso. Não... não saio com estranhos.

Seus lábios estão presos e apertados enquanto ela tenta não olhar diretamente para mim.

Meu coração bate de um jeito esquisito ao ver Mia constrangida.

Não é exatamente uma questão de ritmo, é uma questão de... calor.

Como se meu coração tivesse subitamente aprendido a gerar calor a partir do nada.

Toco seu queixo com cuidado e trago seu olhar de volta.

- Acho que vou precisar deixar de ser um estranho então.

Ela sorri. Se fosse apenas educação, não estaria me observando daquele jeito profundo... deixando no ar palavras não ditas que gritam "sim, por favor, faça isso".

- Vai... - reviro os olhos - Me dá essa porcaria aí. - tomo o livro, estirando a língua.

Ela ri alto. Sua risada gostosa enchendo a sala.

- O próximo passo vai ser te fazer ler "Crime e Castigo" e "O Último Dia de um Condenado". Para você ver que Dostoievski e Hugo escrevem melhor do que você imagina.

Balanço a cabeça para sua graça e entrego o livro que trouxe.

- E esse é pra você, Dona Inteligência. Um pra virar seu mundo literário de cabeça pra baixo.

Aceita meu presente com um sorriso imenso.

Nada de meio sorriso, dessa vez eu recebo um *completo*.

E é ainda mais magnífico do que imaginei.

Covinhas aparecem em suas duas bochechas e minhas pernas fazem aquela coisa esquisita - em que parecem ter virado mingau - pela segunda vez no dia.

Um homem adulto esquecendo como se usa as pernas por causa de um par de covinhas.

Não sei que merda está acontecendo, mas não tenho certeza se gosto.

Mia tem um efeito curioso sobre homens e acho que seria melhor se eu me afastasse de uma vez. No entanto, minhas pernas-mingau parecem ter engrossado o suficiente apenas para decidir que não sairiam dali.

Acho que vamos ficar, então.

Ela revira o livro nas mãos e o sorriso desaparece.

Aliás... não completamente.

Mas deixa de ser o completo e magnífico para se transformar em um pela metade... que parece antecipar uma gargalhada ruidosa e...

Aí está.

Mia está rindo no meio da sua sala. Sua risada é divertida e deliciosa de ouvir. Queria saber o que a causou para que pudesse repetir

- "Memorial do Convento"? - tenta segurar o sorriso com a mão - Eu já li Saramago, Garoto Seco, tente de novo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ela coloca o livro contra o meu peito e eu seguro mais suas mãos do que o exemplar.

- Ah é? Isso foi um desafio?

- Não. - ela revira os olhos, sapeca e sei que vai me provocar - "Desafio" seria se eu dissesse que, pela sua lista e por essa tentativa, você *nunca* vai conseguir sugerir um livro que eu ainda não tenha lido. Agora é um desafio. - pisca um olho e a vontade de colocá-la de quatro volta com força.

- Tudo bem. - aceito imediatamente - E o que eu ganho se conseguir?

- Tem que ganhar alguma coisa?

- Claro! Do contrário, que tipo de desafio seria?

- Ganha respeito. - decide.

- Um jantar. - ergo o indicador - Se eu encontrar um livro que eu já li e você não, você sai para jantar comigo.

Mia não consegue me desvendar mas vejo em sua expressão que está tentando.

- Eu posso mentir e dizer que já li. - lembra.

É minha vez de rir alto.

- Te conheço há dois segundos e tenho certeza que não vai conseguir mentir.

Espreme os lábios, considerando.

- Só pode escolher um de cada vez. - avisa.

- De acordo. - estico a mão e ela a aperta, sorrindo.

- Boa sort...

Ela não consegue terminar os votos porque a porta se abriu atrás de mim e a voz masculina que exclamou, surpresa, não parecia nem um pouco feliz com minha presença em sua sala.

- Mas que diabos... Eu não te mandei ficar longe daqui?

Gustavo avança na minha direção fazendo com que eu me esconda atrás de sua irmã mais nova sem sequer perceber que decidi fazer isso. Meu ato de covardia, no entanto, gera revolta ainda maior no homem a minha frente.

- Te disse que ia chamar a polícia! Que acha que está...

- Guga, fui eu que o convidei. Ele só veio devolver o livro.

- Que livro? - não tira os olhos de mim, mas parou de avançar então estou contando o momento como uma vitória.

- Guga, relaxa.

- Amélia, eu não pos... - esfrega os cabelos.

- Não quero confusão. - peço - Só vim devolver o livro, de verdade.

Ele olha de mim para Mia e de volta.

Se nosso encontro anterior serve de referência, Gustavo deve viver em pânico pela segurança da irmã sem noção. Não o culpo, mas também não quero apanhar. Ou, pior, ser obrigado a bater no irmão de Amélia. Porque *isso sim* ia destruir minhas chances de jantar e *sobremesa*.

- Já devolveu? - ele sorri para mim e, sangue de Cristo, seu sorriso é assustador.

Engulo em seco.

Por que eu estou com medo desse Zé Ninguém? Por que começo a me tremer sempre que ele encosta?

Estou me sentindo ridículo.

De novo.

Preciso ir embora dessa cidade. Preciso...

Mia toca em meu pulso. Não está chamando minha atenção, então deve ter sido só instinto. Uma tentativa de me tranquilizar.

E meu coração...

Lembra que eu disse que não era uma questão de ritmo, mas uma de calor?

Bem, agora é uma questão dos dois.

As batidas explodem no meu peito.

Por causa de um toque inesperado em minha mão.

Quando eu me enfiar na boceta dessa mulher vou ter um aneurisma.

- Já devolveu. Estávamos conversando sobre o livro, Guga, e ele vai levar outro.

- Viramos uma biblioteca, agora?

- São meus livros e eu empresto para quem quiser. - sua voz é autoritária e Gustavo me oferece uma carranca mas não discorda. Balança a cabeça e pega alguma coisa em uma das gavetas que, provavelmente, é o motivo de sua presença. Depois abre a porta para sair e a mantém aberta para mim.

- Te acompanho até o carro. - o sorriso assustador está de volta.

Mia ri e esfrega os olhos.

- Tchau, Leo.

- Tchau. Eu... - eu queria outro beijo na bochecha. Mas Mia está parada com os braços cruzados e, considerando o algoz que me aguarda na porta, não acho uma boa ideia perdurar - Obrigado pelos livros.

- Obrigada pela tentativa. - pisca um olho, sorrindo diante de nossa brincadeira.

- O próximo vai ser melhor.

Ela não responde, mas ainda há algo quente em seu olhar e eu percebo que não preciso de uma resposta.

Estou sorrindo um pouco demais quando sigo Gustavo e ele fecha a porta entre nós.

O caminho de volta até o passadiço, sob o jugo de Gustavo, parece umas doze vezes mais longo do que o caminho de vinda, segurando Mia pela cintura.

- É um bom livro. - gaguejo.

Cala a boca, Leo. O cara te detesta. Foda-se ele.

- Umhum. - rosna.

- Você já leu? "O Apanhador no Campo de Centeio"?

- Já. Eu *moro* com a Amélia. - resmunga como se aquele fato fosse explicação para todas as leituras que já fez na vida. Ou uma ameaça velada para que eu pensasse bem antes de voltar. Ou uma coisa ou outra.

Talvez as duas.

- É um bom livro. - repito. Por que estou tentando fazer esse cara gostar de mim? - Visceral.

- Visceral? - entediado. Chegamos ao meu carro e ele está esperando que eu entre e vá embora.

- É. A coisa toda do "decidir para onde ir e começar a ir pra lá". Traz um pouco de realidade para a ideia de perseguir os sonhos.

Gustavo ri.

Mas, ao contrário da irmã, sua risada é um grasnado pouco amigável. Desprezo e desdém concorrem pelo primeiro lugar.

- O que foi?

- Nada. Você tem as mesmas ideias desmioladas da Mia.

- Como assim?

Gustavo prende a carne da boca entre os dentes, considerando se eu sou ou não digno do seu tempo.

Balança a cabeça como um bulldog faria com um pedaço de osso.

- Não é um livro sobre sonhos e aspirações adolescente, moleque. A

Mia lê aquela história e tudo que vê é um garoto cheio de potencial com a vida inteira pela frente. Ele pode fazer o que quiser, desde que tenha um pouco de determinação. Decidir para onde ir. Ir para lá. E você comprou a ideia bonitinho.

- E não é isso?

- Não, não é. - ele me encara e existe uma força em seu rosto que... não acho que já vi em mais ninguém na vida - Não é uma história de sonhos. É a história de um adolescente imbecil que precisa parar de achar que o mundo inteiro é dele e assumir um pouco de responsabilidade. Chega de desculpas. Chega de achar que você pode ser quem quiser e, de preferência, mais de uma coisa ao mesmo tempo. Você só pode ser uma coisa. Cresça e encare a realidade. Se quer ir, vá. Se quer ficar, fique. Mas o Holden é um idiota que acha que pode ir-ficando ou ficar-indo. Não dá pra ter as duas coisas. Não dá pra ter tudo. Qualquer que seja sua escolha, ela vai ter um preço e uma consequência. "Apanhador" não é um livro sobre sonhos, é um livro sobre responsabilidades... e pessoas que são mimadas demais para reconhecê-las. Não se esconda. Não se engane. Decida para onde quer ir. E vá. E, seja lá o que acontecer depois disso, encare de frente. Lide com seus problemas. Pare com as desculpas de merda.

Ele termina seu breve monólogo e eu sinto vontade de me esconder dentro do carro.

Quando você tem algo preso em sua mente por tempo demais é como se tudo que qualquer pessoa falasse fosse feito sob medida para você. Toda música que toca no rádio, todo filme que está em cartaz... tudo dialoga com você.

Mas o que o Gustavo disse...

O que o Gustavo disse resolveu o meu problema.

Chega de brincar de criança.

Está na hora de crescer.

Abro a porta do carro, mas não consigo fechá-la. Gustavo a segura com uma das mãos.

- Minha irmã... - morde as palavras - Minha irmã *confia* fácil demais.

Eu aceno. Ele respira fundo e continua:

- Mas eu não. - ergue as sobrancelhas.

É um aviso.

- Pode ficar com esse livro. - ele diz - Não precisa devolver. Não volte.

Ele me deixa fechar a porta.

Algo na voz de Gustavo. Algo na sua postura. Algo no modo como rosna e balança a cabeça.

Ele é um bulldog.

O protetor de sua irmã.

Vai estraçalhar qualquer um que tentar se aproximar.

Uma merda.

Ligo o carro e sei que Gustavo vai me matar.

Porque eu vou voltar sim.

Se Gustavo é um bulldog, Diogo é um rotweiller.

Quando eu chego de volta em casa, ele está parado na minha sala, trincando os dentes e espumando pela boca.

- Onde você estava? - provoco, erguendo os ombros - Procurei por

você em toda parte.

- Tenho certeza que procurou. - seus lábios tremem como fariam os de um cachorro que não se preocupa em latir porque sabe que pode morder.

- Deixa eu adivinhar: minha mãe te deu a chave?

Ele não responde. Não precisa.

- Fui contratado para prestar um serviço. - ele fala muito devagar me deixando perceber que está furioso. Problema dele. Não sou mais uma criança. - Se você foge, não posso fazer o que fui pago para fazer.

- Diogo. - esfrego os olhos - Você foi contratado porque minha mãe infernizou meu pai. Não porque eu preciso de um acompanhante.

- Claro que precisa de acompanhantes pagos. - sibila - Mas de um tipo *diferente*.

- O que disse?

- Você me ouviu.

- Está demitido.

- Não pode demitir. Não foi você quem me contratou.

- Com licença?

- Sou funcionário da OM3, encarregado da proteção de um de seus funcionários *senior*.

- Isso é uma palhaçada.

- Um moleque de vinte e cinco anos saído da faculdade ser um funcionário *senior*? - sorri - Também acho. Mas é meu trabalho. Você não quer um motorista? Dirija seu próprio carro, então. Mas não se engane: essa foi a primeira e única vez que você conseguiu escapar de mim. Eu vou ser sua sombra a partir de hoje. Certifique-se que seus segredos estão bem escondidos, a não ser que queria compartilhá-los com seu pai.

- Vai pro inferno, Diogo! Isso tudo é por causa da sua sobrinha? Eu não sabia! Se soubesse, acredite! - arregalo os olhos - Teria ficado BEM longe dela.

- Longe dela e perto de outra menina inocente. São todas presas para você. - resmunga

- Ótimo! E aí sua missão de vida vai...

- Eu não ligo para quem você fode, Oscher. Não dou a mínima. Mas seu pai liga. E, se ele quer relatórios detalhados sobre sua devassidão para poder irritá-lo de acordo... - sorri - será meu prazer ajudá-lo.

- Achei que estava aqui para me manter a salvo.

- É. - Torce o nariz - Mas meus objetivos secundários vão ser bem mais divertidos. Estou lá fora se precisar de mim.

4.

Três meses depois...

Eu sou um homem de muitos recursos.

Ou isso ou Diogo é um péssimo segurança.

Mas, seja lá qual das duas afirmações seja verdadeira, o fato é que visito Mia há três meses em uma frequência quase semanal e o homem que jurou ser minha sombra permanece absolutamente alheio a minha vida dupla.

Claro que não posso julgar seu talento - ou falta de - apenas pela sua incapacidade de me perseguir vinte e quatro horas por dia... Desde que desisti de meu mestrado em Oxford e passei a me dedicar 100% à OM3, meu pai deu alguns passos para trás, afrouxando a coleira que me prendia.

Menos cobrança em cima de Diogo se traduzia em maior liberdade para mim.

Acho que, na cabeça do patriarca Oscher, eu me jogar na empresa com tanto afinco significava maturidade adquirida de um homem responsável. Ele tinha feito sua parte, eu era um adulto. Não precisava mais se preocupar tanto.

Ainda me queria a salvo, mas estava consideravelmente menos interessado em minhas companhias.

Melhor assim.

Tenho uma pequena pilha de livros nas mãos.

Resolvi mudar minha abordagem para tentar vencer o desafio imposto pela beldade demoníaca de olhos verdes que recusava cada um de meus convites para sair. Até então, eu contava apenas com uma sorte levemente instruída: evitar autores que ela já tivesse mencionado ou livros famosos demais para restarem *não-lidos*.

Hoje, eu tenho uma pequena seleção de potenciais vencedores.

De hoje, Amélia não passa.

Estaciono no campo de brita ao lado do "Na Brasa" e sorrio para a placa. Ainda é "Na Brasa", parece que o Eduardo encontrou um nome que o agradou.

Comecei a calcular meu horário para evitar o pico do almoço. Assim

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ganho mais atenção e não preciso lidar com *Heitor*, ou, como eu prefiro chamá-lo "o pervertido do fim de semana". Sério, quantas vezes Mia vai precisar recusar seus convites antes dele se tocar?

Coloco meus livros sobre a mesa e me preparo para convidá-la para cinema e jantar, assim que disser qual deles ainda não leu.

Ela está do outro lado da sala e vejo Eduardo sorrindo para mim enquanto tento chamar sua atenção.

- Mia, seu namorado chegou. - ele ri, balançando as folhas de jornal.

Ela me encontra e sei que revirou os olhos para o chefe. Ergue a mão em um cumprimento apressado indicando os clientes que ainda está atendendo.

"Tudo bem" gesticulo.

Eu espero.

Sempre te espero, não tem problema.

Estou ensaiando meu convite. Tem que ser sutil, mas ao mesmo tempo evidente. Quando ela disser "sim" tem que saber exatamente com qual grau de nudez está se comprometendo.

Um homem senta na cadeira a minha frente e preciso lhe avisar que o lugar está ocupado, ou não vou ter privacidade para conversar com Mia e isso não vai...

- Diogo? - minha garganta resseca e fecha.

O homem alto que sentou na minha frente me encara com conhecidos olhos castanhos.

Vou morrer sufocado ali mesmo. No Na Brasa.

- Olá, senhor Oscher.

Merdamerdamerdamerda.

- O que... o que está fazendo aqui? - murmuro baixinho, procuro Mia a distância, ainda de costas entretida em seu trabalho.

Ai caralho.

- Estou te acompanhando, senhor. Sei que esquece disso com frequência, mas é meu trabalho.

Minha boca não fechou. Mas também não se move porque não há palavras. Só desespero.

- E por algum tempo, meu trabalho tem sido te seguir até aqui quando achou que conseguiu fugir de mim.

No segundo que ele disser quem eu sou, Mia vai recusar meu convite porque eu sou um mentiroso, ou vai aceitar porque eu sou rico.

E...

Que inferno do cacete!

- Precisei reprogramar o gps do seu carro. Te segui desde a locadora. - aponta para minhas roupas - O que está acontecendo? Tenho algumas teorias, Oscher, mas, à distância, nunca consegui confirmar.

Perdi minha chance.

Não, não perdeu. Sempre preferiu as mulheres que te fodem pelo seu dinheiro, lembra? Deixa as coisas mais fáceis.

Mia cruza o salão. Está usando calças compridas e um casaco escuro com as mangas puxadas até o cotovelo. As roupas justas desenharam seu corpo inteiro, o sorriso deslumbrante exibe o par de covinhas e eu...

Não quero que se interesse por mim só pelo meu dinheiro, Mia.

Não você.

Por favor.

Ela está perto demais.

Bem... já estou fodido mesmo.

- Me chama de Leo. - imploro ao Diogo antes que ela chegue a mesa com os cardápios.

- Está acompanhado? - ela sorri.

- Ah, esse é o Diogo. - esfrego as mãos nas coxas - Ele trabalha comigo.

Diogo me observa, confuso, quando Mia lhe estende a mão em cumprimento.

- Prazer. Sou Mia. Você também é representante comercial?

- Rep... - ele tem um meio sorriso de satisfação nos lábios. Não sabe o que está acontecendo, mas adora meu desespero.

- É. - respondo depressa - Ele está no negócio há mais tempo do que eu, está me dando umas dicas.

- Ah, que legal! É como o seu chefe?

- Exato. - Diogo pula na oportunidade e eu queria que se calasse.

- Vi que o Eduardo não trocou o nome. - mudo de assunto - Já faz umas semanas, não é? Temos um vencedor?

- Que nada. - ergue o ombro com seu jeito doce e eu quero mordê-la. Puta merda, toda vez - Faltou criatividade. - ri - Não vai ter um vencedor nunca. Já você, por outro lado. - encara os livros que tenho na mesa.

- Mudei de estratégia.

- Percebi. Oh. - alguém chama sua atenção a três mesas de distância - Já volto.

Ela se vai e Diogo tem um sorriso imenso só para mim.

- Representante comercial?

- Diogo - tremo - Só joga o jogo. Só dessa vez, por favor!

- Está fugindo da cidade para comer uma garçonete, Oscher? - seus olhos escuros brilham de alegria diante da minha evidente desgraça.

- Não é assim. - rosno - Não com a Mia.

Diogo coloca o cotovelo sobre a mesa ao se inclinar em minha direção.

Ele já entendeu tudo, mas quer dizer as palavras ainda assim.

- Ela não faz ideia de quem você é, não é?

Aperto os lábios por uma eternidade antes de abanar a cabeça em uma negativa.

- Nossa. - seu sorriso some - Coitada. Alguém precisa avisar pra ela com quem está se metendo.

- Diogo. - toco seu braço em pânico - Por favor.

Mia volta e eu entalo com as palavras.

- E então? - ela enfia as mãos nos bolsos e espera.

Pelo quê?

- Leo? - sorri. As covinhas. Ai, Deus me proteja.

- Han?

- Não vai mostrar o livro?

- Ah! O livro!

Diogo se mexe ao meu lado, divertindo-se e eu quero que o chão se abra e o engula.

Tive três meses.

Três meses maravilhosos de boas conversas e sorrisos e covinhas e beijos na bochecha.

Agora, ia tudo ser jogado fora porque meus pais não conhecem limites.

Respiro fundo e espalho os três livros sobre a mesa.

- O que me diz? - arrisco. Uma última chance. Diogo ainda está em silêncio então talvez eu tenha pelo menos uma oportunidade.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ela me encara cheia de suspeita.
- Tem que escolher um só.
- Mas são três do mesmo autor. - advogo - Não conta como mais de um.
- Conta sim. - ela observa minha seleção com escrutínio clínico - Tem que escolher um.
Analiso minhas opções. São três livros de Dan Brown.
Ponto de Impacto. Inferno. O Último Segredo.
- Escolha com sabedoria, Garoto Seco. - provoca e meu queixo cai.
Sucesso.
- Não leu um deles, não é?
Toco meus livros preciosos sobre a mesa. *Um de vocês vai ser o guerreiro que domou a Fera.*
- Tenho um vencedor bem aqui. - suspiro.
Só preciso escolhê-lo.
- E então? - Mia incentiva.
Inferno é o mais popular. Leu esse, com certeza.
Ponto de Impacto ou Último Segredo são escolhas melhores.
Toco o Ponto de Impacto e empurro o exemplar para frente.
Mia suspira com uma dor falsa.
- Sinto muito. Fica pra próxima. - está quase indo embora.
- NÃO! - peço - Eu estava eliminando esse. Ia eliminar esse e esse.
- empurro o Inferno fora do caminho, deixando apenas o Último Segredo.
Quase vejo pena em seu olhar.
- Sinto muito, de novo. - dá de ombros e... ai meu Deus.
- Não tenho uma segunda chance? - imploro.
- Leo - ela ri - Eu já li todos os três, querido. Não vai adiantar.
- Já leu todos? - reclamo, descrente.
- Já. Todos.
A frustração é grande demais para ser contida e eu deixo minha testa cair sobre a mesa.
- Vai comer alguma coisa? - pergunta, cheia de carinho.
- Vou. - resmungo, levantando o rosto.
- Americano?
- Americano. - aceito, infeliz, encarando o tampo manchado da mesa.
- E você? - vira-se para Diogo.
- O mesmo que ele.
- Tudo bem.
Ainda estou encarando a madeira riscada quando sinto seu toque.
Tão ínfimo e suave.
Apenas as pontas dos dedos resvalando em minha testa para tirar meus cabelos do caminho do olhos.
Um único toque que me faz levantar o rosto para assisti-la.
Tão linda, meu Deus. Por que tão linda?
Sorri me dando as covinhas de presente.
- Já volto. - promete.
Eu abano a cabeça como um idiota e a assisto partir.
Não consigo mais desviar o olhar.
É a risada tossida de Diogo que quebra minha hipnose.
- Que foi? - reclamo.
- Nossa, Oscher. - murmura - Você tá apaixonado pela garçonete?
- Ai, Diogo. Sério? Você não me conhece?
- Conheço. É por isso mesmo que...
Mia passa por nós e toca meu ombro, descontraída, vira-se para

piscar um olho brincalhão e lá estou eu, rindo como um imbecil.

Diogo tem uma crise.

- Impagável. - ruge - Parece um adolescente.

- Dá pra ficar quieto. Diogo... - peço - Por favor, não conta para ela que... - me dói a cabeça só imaginar - Por favor.

Ele está julgando meu caso e preparando minha sentença.

- O que é a brincadeira do livro?

- Se eu trazer um que já li e ela não, vai sair para jantar comigo.

- Está há três meses escapando de mim, da cidade e de todo mundo, para dirigir quatro horas, ida e volta, na esperança que uma garota genérica talvez aceite jantar com você?

Parece genuinamente impressionado.

Eu respondo a única coisa que posso.

- Ela não é genérica.

Diogo fica em silêncio quando Mia traz nossos pratos, então agradece, educado.

- O que faz depois? - pergunta depois de duas ou três mordidas.

- Depois do que?

- Depois da brincadeira dos livros?

- Eu a acompanho até sua casa. Sempre chego no fim do seu turno.

- E o que faz com ela quando chega lá?

- Qual o seu problema?

- Estou me certificando que não está se aproveitando de uma moça inocente.

- Você é o pior segurança da história.

- E você é o pior cliente. - dá uma mordida gigante - Isso aqui está gostoso.

- Devia proteger a mim e não aos outros.

- Que nada, você sabe se virar.

Torço o nariz para seu sorriso de maionese.

- Não faço *nada* com ela. Satisfeito? Só conversamos.

- E por que ela não quer sair com você? Sentiu o cheiro de problema no ar? Garota esperta.

- Deixa de ser imbecil, Diog...

Meu raciocínio é interrompido pela voz alegre de Mia.

- O quarto do Guga. - ri - Está imundo.

- Não me engana, Mia. - é *ele*. O Perverso do Fim de Semana.

Engulo minha porção de sanduíche rápido demais e sinto o calombo na minha garganta - Tenho certeza que *esse fim de semana* você não vai trabalhar. O Gustavo nunca ia te deixar fazer faxina no seu aniversário.

- Eu não comemoro, Heitor.

Ela está passando pelas mesas enquanto ele a persegue.

Deixa a mulher em paz, idiota.

- Abre uma exceção esse ano?

- Não, sinto muito. Mas obrigada pelo convite.

- Quem sabe um dia, Heitor. - Eduardo abana o jornal.

Mas que droga, Eduardo, achei que você era do meu time!

- Quem é o cara? - Diogo está se espalhando pelas fofocas locais. Se isso significa que ele não vai expor meu pequeno segredo, estarei bem feliz de compartilhar todos os podres com ele.

- O psicopata. Vive convidando ela para sair. Não aceita "não" como resposta, o idiota.

- É "psicopata" e "idiota" por convidar ela para sair várias vezes

mesmo que ela sempre recuse? - me encara, sugestivo, indicando a semelhança entre nossas situações.

- *Completamente* diferente!
- Claro que é.
- Cala a boca.

Leo está me acompanhando até a loja de vovó, dessa vez.

Normalmente, me dá carona até minha casa, quando não estou com o carro do Gustavo. Nas últimas semanas, no entanto, temos caminhado. Ele deixa o carro estacionado no Lugar do Eduardo e seguimos a pé. Arranjou uma desculpa besta da primeira vez que sugeriu isso, mas acho que, na verdade, ele só quer prolongar o tempo de conversa.

Eu sei o que ele está fazendo aqui.

A Estela vive dizendo que *não é porque eu sou inocente que preciso ser idiota* justamente para me manter viva em casos como esse. *Casos de risco*.

E, o homem andando ao meu lado, tocando-me sem sequer perceber, é um caso de risco de proporções épicas.

O Leo é um desses homens lindos que parece ter sido arrancado a chutes das páginas de um romance de época. Os outros personagens não aguentavam mais perder suas mulheres para ele, precisou ser expulso, é a vida.

Sua pele está sempre quente quando me toca. Está sorrindo agora e eu luto contra o impulso de ofegar, ou me abanar, ou morrer. Seu olhar é calmo e profundo, mas, se eu for perfeitamente honesta, precisarei admitir que a razão da minha ansiedade não são seus olhos azuis ou seu corpo forte. É sua voz.

Grave e rouca. Como se ele tivesse masculinidade demais enfiada na garganta e até o ar precisasse sair raspando em alguma coisa. Inclina-se para sussurrar uma de suas brincadeiras literárias como se confessasse um segredo e seu tom mais baixo e suspirado me causa arrepios de um tipo muito específico.

Prendo meus cabelos em um rabo de cavalo improvisado para ocupar as mãos. Se deixá-las soltas e inúteis por tempo demais vou acabar experimentando seus braços e isso é um caminho sem retorno.

- Alguma coisa da Jane Austen? - ele tenta.

- "Alguma coisa da Jane Austen" não é um título, Leo. Mas, não, meu livro favorito não é dela.

Ele coça os cabelos e o assunto morre por um instante.

Toca a gola da camisa como se precisasse de ar, atraindo meu olhar para a base do seu pescoço.

Estela vive falando sobre corpos masculinos e seu interesse normalmente cai sobre peitorais, abdômens definidos e algo que ela chama de "caminho para o paraíso", que envolve um caminho de pelos e um destino bem descarado.

Já eu sinto palpitações por antebraços largos, ombros fortes e pescoços viris. Leo marca pontos em todas as categorias. Primeiro lugar. Medalha de ouro. Fim da competição.

Um tremor.

Olha pra frente, Amélia.

- E como está o mestrado?

- Não estou mais no mestr... - repito pela milésima vez.
- O curso! - corrige - O curso de contabilidade?
Desisti do mestrado há um mês e Leo ainda não se adaptou com a nova nomenclatura.
- Está bem, obrigada.
- Se precisar de ajuda, eu entendo alguma coisas.
- Já ofereceu e eu agradeço, mas estou bem. Na verdade, estou até ajudando a Estela.
- Como anda o preparatório dela?
- Para o concurso? Vai passar sem problemas, se conseguir parar de pensar em homens pelo menos durante a prova. - brinco.
Ele ri.
É o tipo de piada inapropriada que eu jamais faria. Mas minha melhor amiga pegou intimidade com o Leonardo mais rápido do que eu. Já estavam trocando ofensas indiretas e, da última vez que se cruzaram, ela lhe prometeu um tapa na bunda caso fizesse... eu sei lá, nem me lembro o que foi. Mas quem promete um tapa na bunda de um quase desconhecido, pelo amor de Deus?
Sua mão está na minha cintura assim que chegamos a porta da loja.
- Bem... - ele enfia as mãos nos bolsos - Está entregue e a salvo. - sorri.
- É melhor você voltar logo - abraço minha cintura - pra não deixar o Diogo esperando.
- Que nada. - torce o nariz, com descaso.
O silêncio surge e se prolonga.
Eu sei o que você quer, Leo.
Conheço o tipo.
Homens lindos e deslumbrantes que viajam demais.
Só tem uma coisa que vocês querem com mulheres aleatórias nas cidades pequenas por onde passam.
Inocente, mas não idiota.
Ele toca meu braço. O indicador desliza pela minha pele como se pronto para fazer um desenho, antes de desistir.
Está perto.
Estava perto, antes de me tocar, mas então deu um passo adiante e agora estamos respirando o hálito um do outro.
- É seu aniversário no fim de semana? - sua voz morna me causa tremores.
- No... no sábado. - gaguejo.
- Hm. - agora é seu polegar que experimenta meu cotovelo. Uma carícia interminável que me dá vontade de fechar os olhos e me entregar - E nenhuma chance de eu te convencer a sair comigo... para comemorar?
- Nenhuma. - sorrio, baixinho.
- Certo. - ele ri de volta, já antecipava minha resposta - E se eu vier, no sábado, pro... pro lugar lá do Eduardo, e pedir dois chás com coentro. Você se senta e toma um deles comigo?
Deus me salve, ele tem um sorriso lindo.
Um desses que transforma em manteiga tudo que você tem dentro do peito. Estou me abraçando com força para não ceder a vontade do toque.
- Seria falta de educação recusar.
- Seria. - murmura, quente - E eu ficaria muito ofendido.
Ainda estou sorrindo, mas decido encarar o chão.
Não consigo olhar para o azul dos seus olhos agora.
Não consigo.

PERIGOSAS

Eu juro.

Sua mão encontra a parte baixa das minhas costas, queimando minha pele através do casaco e da blusa. Minhas pernas se contraem involuntariamente ao perceber que, não fossem por poucos centímetros, nossos corpos estariam colados.

- Está marcado, então. - promete. Suas palavras não são mais que sussurros a esse ponto.

Inclina-se para mim e minha respiração é uma coisa que não me pertence mais.

Sinto sua barba raspar em minha bochecha e é bom que eu esteja encarando o chão porque desisti de resistir e fechei os olhos.

- Mia? - ele parece levemente preocupado com minha incapacidade de erguer o rosto. Mas sua voz grave e profunda, perto demais do meu ouvido, me arrepiou por inteiro.

- Amélia? - a voz de vovó me arranca do estado de torpor como um porrete de pedras rudes.

Afasto-me, sobressaltada, e vejo seu sorriso maternal e indiscreto.

- Olá, Leonardo. - cumprimenta.

- Dona Joana. - acena, educado - Só vim acompanhar sua neta.

- Bondade sua. - seus olhos são jovens apesar da idade avançada.

Ninguém engana vovó e é nos olhos que você percebe isso - Já acompanhou, não foi?

Ela tem um jeito parecido com o Gustavo quando o assunto é manter homens perigosos longe de mim. "*Homem nenhum presta*" é o que ela sempre diz. "*Só o Gustavo. E só às vezes.*"

- Sim, senhora. - ele solta minha cintura e eu ainda estou me abraçando.

E tremendo.

- Boa viagem, Leo. - sorrio, envergonhada.

- Obrigado. - murmura, buscando meus olhos.

Mas eu não consigo encará-lo por muito tempo, de modo que ele me oferece apenas uma risada baixa e curta de satisfação, antes de me beijar a bochecha. É um pouco *perto demais* dos lábios.

Não perto o suficiente, é claro.

Aceno e me afasto. Andando o mais depressa que posso para dentro da loja.

Mia

- Vai te comer.

- Estela! - vovó rosna - Olhe o vocabulário dentro da minha loja.

- Vai te despir e consumir o ato. - ergue as sobrancelhas, indecente.

- Não vai. - prometo.

Estela ri.

Vovó não acompanha a brincadeira. Mantem os olhos mornos em mim e eu sei no que está pensando. Ela acha que eu tenho o sangue de mamãe para escolher homens.

O sangue que só queima pra homem que não presta.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

E, fora o Heitor, até hoje, ela sempre esteve certa. Nenhum dos que escolhi acabou bem.

Passo o pano úmido nas prateleiras enquanto minha amiga se espalha com seus livros de atividades sobre o balcão. Já não precisa mais de minha ajuda há uma boa hora e deveria ter voltado para casa para estudar. Mas Gustavo vem me buscar no fim do dia, então... Estela ficou.

O letreiro do lado de fora é firme e imutável: "Velha Jô Antiguidades".

"Velha Jô" é minha avó e, se acreditar em suas histórias, ela é velha desde o dia que nasceu.

Nunca teve paciência para novidades tecnológicas, música alta ou o gergelim que os americanos decidiram colocar em cima do pão.

Ela é uma peça, a minha avó. Mais antiga e preciosa que qualquer uma das antiguidades em suas prateleiras. Não que isso seja um elogio pleno: a maioria das coisas que vende são, inegavelmente, porcarias.

No entanto, Itajaúna é uma cidade no meio de uma estrada que leva do Nada a Lugar Nenhum (e do Lugar Nenhum de volta ao Nada, já que ela tem duas mãos) de modo que, quem passa por ela, tem poucas opções de pontos de pausa. E é isso que nossa cidade é: um ponto entre o A e o B ao qual jamais foi designado qualquer letra, e que acaba servindo como um banheiro, uma refeição quente e umas lojinhas de qualquer coisa para que você possa esticar as pernas em uma longa viagem ou comprar um mapa caso esteja perdido.

Por isso, minha avó vendia mapas também. Pelo menos até o GPS dos carros e celulares destruir suas vendas.

Ela odeia novidades tecnológicas, a minha avó.

- Não acho bom esse rapaz te visitar com tanta frequência. - avisa, com seu tom maternal.

- Ele não é ruim, vovó. De verdade.

- Mia, você não conseguiria achar uma pessoa ruim nem que ela estivesse atirando no meio da sua testa. E isso é parte do problema. - resmunga, ao se afastar - Vai ficar com ele e vai se arrepender.

- Não é assim com o Leo! É só um amigo!

- *Só um amigo?* - Estela sussurra, aproveitando a falta de atenção de vovó. - Fala pra mim que não sente um comichão entre as pernas sempre que ele se aproxima?

- Não sinto.

Não sinto.

Sinto uma vontade insuportável de apertar as coxas. É disso que ela está falando?

- Mentirosa. - sufoca a gargalhada. Inspirou fundo e sei que vai seguir com suas provocações. Em seguida, entala com as palavras e assume um tom estranho de azul.

Só existe uma presença capaz de causar timidez nessa daí.

- Oi, Guga. - cumprimento, sem me virar.

Ele beija a testa de vovó e aceita seu abraço antes de dar boa noite para o resto de nós.

Estela está ajeitando a roupa e eu sempre tenho vontade de rir.

Ela devia me deixar bancar o cupido de uma vez.

- Ouvi que o Heitor te convidou para a praia no fim de semana. - Guga murmura, descontraído. Vovó desapareceu para colocar comida na mesa. Não vai nos deixar sair antes de nos alimentar, como manda a regra das avós.

- Você sabe como ele é. - molho a ponta do pano na água com

vinagre, seguindo na limpeza das prateleiras - Mas já recusei, então nem vem com sermões.

- Não... - ele me ronda como um tubarão - Não ia dizer isso. Acho que você devia ir.

Estela rompe o transe sempre imposto por meu irmão e arregala os olhos para mim.

Não posso ajudar, amiga. Também não estou entendendo.

- Calma... Você acha que eu devia viajar com o Heitor? - sou a personificação da incredulidade.

Dá de ombros.

- Acho.

- Por quê?

- Ele é decente. Trabalhador.

Vou precisar rir.

- Você vive dizendo que ele não presta pra mim!

Gustavo faz uma careta e pisca. Seus olhos tem um tom idêntico aos meus. É curioso. Quando não é irritante. Se olho diretamente para eles, parece que estou falando com minha própria consciência.

- Acho que você consegue coisa melhor. - acena - Mas... *te conhecendo*, tenho medo que acabe conseguindo coisa pior. - acrescenta com um muxoxo.

E então eu entendo.

Coloco as mãos na cintura e estou pronta para ralhar com ele.

- O Leo! Você não gosta do Leo e quer me empurrar para cima do Heitor?

- Também não gosto do Heitor. - admite - Mas pelo menos confio nele.

- Por que não confia no Leo?

- Porque não vivo no mundo da Lua que nem você. - chia - Tem algo estranho naquele moleque. - rosna para si mesmo - Algo que não encaixa.

- Tipo o quê? O fato dele ser atencioso ou gostar de livros?

- O fato dele sempre dirigir um Siena cinza com placas diferentes.

Abro a boca para questionar sua insanidade, mas a loucura é demais para lidar com palavras simples.

Abano as mãos e desisto.

- É sério, Amélia! Se o carro é dele por que muda de placa? E se é alugado por que *sempre* um Siena cinza? É como se ele quisesse fingir que o carro é dele e estivesse contando com nossa falta de atenção.

- Guga, eu te amo. Você tem problemas.

- E ele tem um cheiro estranho.

- Ai meu Deus. - levo as mãos aos cabelos - Sério, Gustavo? O cheiro dele? *Isso* é o que te incomoda?

- Um cheiro de roupa nova. É esquisito. Homens na estrada há muito tempo não deviam cheirar daquele jeito.

- Já ouviu falar em "tomar banho", Poirot? Só porque não é um hábito seu, não significa que não é um hábito comum. E o carro pode ser locado pela empresa! Pode ser um modelo padrão!

- Quando um cara precisa de desculpas demais para seu comportamento, tem algo errado.

- O cara só precisa de desculpas demais porque você está implicando com cada detalhe. Desapega, Gustavo. - reclamo.

Mas ele não vai desapegar.

Sei que não vai.

Quando era adolescente, Gustavo aprendeu como funcionam absorventes

porque, quando eu menstruei pela primeira vez, foi ele quem me levou a farmácia. Vovó riu muito daquilo na semana seguinte e lembrou meu irmão mais velho que ele ainda tinha família viva e podia pedir ajuda.

Ela não entendia o Guga.

Não era assim que ele funcionava.

Ele era responsável por mim e isso sempre o tornou pro-ativo.

Com a coisa dos absorventes quando éramos mais novos, com a coisa do Leo agora.

Gustavo era o cara que andava quilômetros a mais para ter certeza que eu não estaria no caminho errado.

Eu o amava mais que tudo e me sentia protegida pelo seu jeito bruto.

Mas em horas como essa... era simplesmente irritante.

- Só acho que você devia dar uma chance pro Heitor.

- Está estagiando pra Santo Antônio, Gustavo? Eu não vou viajar com o Heitor. Eu *não gosto* do Heitor.

- Mas gosta do tal Leonardo?

- E se gostar? Não é da sua conta!

- O cara não presta, Amélia.

- Ninguém presta, não é? - estou rugindo de indignação - Você vive nessa ilusão de que alguém está sempre tentando me enganar! Nem todos os homens do mundo são o nosso pai, Gustavo. Cresce!

- Ah, sou eu que preciso crescer? E você é muito adulta, escondida do mundo entre as saias da avó.

- É o quê?

- Por que desistiu do mestrado, Mia? Você tirou a nota que precisava, podia ir fazer o resto do curso em São Paulo.

- Ah meu Deus, essa conversa de novo? Que diabos, Gustavo! Eu não quero ir embora da cidade! Gosto daqui.

- Gosta mesmo?

- Gosto!

- De que você gosta? De qual parte? Han? - ele avança na minha direção e eu me sinto uma criança - Qual a sua parte favorita?

- Não posso gostar da minha cidade?

- Pode. E muita gente gosta! O Eduardo, a vovó, a Isa. Mas você... Você não fica porque gosta. Você fica porque *tem medo*.

- Medo de quê?

- Medo de arriscar. Você gosta de conhecer o mundo pelos seus livros, sentada na segurança do sofá. Mas tem medo.

- Falou o cara que já recusou duas propostas para mudar de cidade.

- Só saio daqui se tiver condição de levar você e vovó comigo. - rosna - Não é a mesma coisa.

- Tem certeza que não está só projetando seus medos em mim, irmãozão?

Ele morde o lábio e estreita os olhos.

Espremendo uma ferida metafórica inflamada há tempo demais com palavras não ditas.

- Não se apaixona por um cara que você mal conhece, Mia. Não entrega seu coração pra um cara que só consegue te ver uma vez por semana. - sua voz é paternal e sofrida - Não se dedica a um cara que nunca vai estar aqui pra você e que vai acabar indo embora na primeira chance que tiver. Não vive e morre nessa mesma casa só por medo de tentar outra coisa. Não ignora teus sonhos. Nessa casa, só quem pode fazer isso sou eu. - acena, resoluta - E eu *fiz isso* para que você não precisasse. Então, não

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

se atreva. - morde as palavras.

E agora eu estou me sentindo péssima.

- Guga...

- Eu vou ficar na casa da Isa. - enfia as chaves do carro nas minhas mãos.

- Guga... - eu tento mais uma vez.

Mas ele já está de costas, oferecendo suas despedidas a Estela e vovó.

Leo

Jaqueline é gostosa pra caralho.

Sei que já devo ter dito isso antes sobre uma mulher.

Ou vinte.

Mas eu sou um homem solteiro com uma visão excelente. E Jaqueline se inclina contra a mesa na sala do Horácio para que eu veja sua bunda. Veja bem: a não ser que trabalhe no circo, não existe razão para uma mulher praticar aquele movimento contorcionista no meio do trabalho. Mas é isso que Jaque está fazendo agora mesmo: inclinando a coluna de um jeito que certamente vai doer caso ela mantenha-se firme por tempo demais.

As saias justas desenhavam toda a glória do seu traseiro, terminando em coxas grossas e torneadas.

Horácio também percebeu.

Horácio é casado mas é mais safado do que eu em um nível que sequer dá pra medir.

Jaqueline precisa parar de conferir aqueles relatórios logo ou nenhum de nós vai conseguir terminar a reunião.

Ela morde um meio sorriso, só pra mim, e, como já foi pra cama comigo duas vezes, sei que sabe exatamente seu efeito.

Não me entenda mal... a OM3 é cheia de mulheres talentosas e inteligentes que não se interessam por confraternização extracurricular de qualquer tipo. O problema é que elas raramente cruzam o meu caminho.

E, me perdoe se soar ríspido, mas a verdade é que mulheres do outro tipo - as sem talento que preferem avançar profissionalmente através de lençóis - também são uma realidade.

Essas são as que cruzam meu caminho.

As Jaquelines e Priscilas.

Uma delas inclinada sobre a mesa.

A outra batendo na porta no exato instante.

- Senhor Oscher? - Seus cabelos loiros e longos estão soltos, atingindo sua cintura de um jeito erótico, emoldurando o vestido marrom escuro muito justo, acinturado por uma faixa vermelha apertada. Tem um óculos discreto sobre os olhos azuis e olha... eu tenho certeza que são falsos.

Conheço Priscila o suficiente para saber que sua visão é melhor que a minha.

Mas é uma merda porque aqueles óculos naquela mulher leva sua mente direto para os pornôs que você assistia quando tinha doze anos de idade e...

Sabe quando você vira adulto e escuta, por acidente, a música do seu desenho animado favorito? Está tocando em um lugar inesperado e, de

repente, você é acometido por uma sensação poderosa de nostalgia da qual você não consegue escapar? É uma sensação feliz e prazerosa que mexe no âmago da sua personalidade e te faz sorrir por reflexo?

Pronto.

Os óculos de Priscila são a mesma coisa.

Só que pro pau.

Filha da puta.

- Sim? - pergunto.

- Tenho as informações que o senhor pediu. - ela aponta para o corredor querendo um instante a sós.

Veja bem: eu não pedi qualquer informação a Priscila e, pelo sorriso em seu rosto... Horácio já entendeu isso e - mais perigoso - Jaque também.

Cruza as pernas, apoiando sobre a mesa a bunda que tão agradavelmente oferecia há poucos instantes.

Mede a outra com um olhar clínico e desprovido de óculos.

- Claro. - levanto - Só um instante. - peço aos dois colegas.

Esqueci de avisar que estou comendo Jaqueline. E Priscila.

E Mônica, que eu conheci na época faculdade.

E Elisa, que eu conheci no bar.

E outra garota que, pela minha vida, não consigo lembrar o nome.

Esse é o resumo sexual dos meus três últimos meses. Quase uma música de Gabriel, o Pensador.

É, eu sei que estou dando em cima de Mia. Mas ela não aceitou, aceitou?

Se ela estiver fugindo para a praia com Heitor não posso julgá-la.

O mesmo vale para mim.

Fecho a porta atrás de nós e Pri aproveita o vazio do corredor para espalhar as mãos em minha gravata.

- Perdeu meu número? - pirraça, a mim com as palavras, aos lábios com os dentes.

- Achei que tinha "*informações que eu pedi*".

- E tenho. - suspira - Está pronto?

- Claro.

Aproxima os lábios vermelhos e brilhantes de meu ouvido.

- Não estou usando calcinha.

Se um homem jovem e heterossexual te disser que escuta uma frase dessas e não fica duro no mesmo instante, ele está mentindo.

Mentindo.

Começo a nutrir um princípio de ereção dentro das calças e Priscila sabe que pode me manipular com isso.

- Não lembro de ter pedido essa informação. - sorrio.

- Ah, eu me adiantei. Acho que é importante se manter *ativa* em uma empresa assim.

- Está certíssima. - aceno.

Ela passa o braço ao meu redor e aperta minha bunda.

Belisca com força e deixa o toque se prolongar. Guardo minhas mãos para mim não porque estou ausente de tesão para arrancar aquele vestidinho justo, mas porque eu tenho limites.

- Me liga mais tarde?

- Ligo. - prometo.

- Encontra comigo, hoje?

- Não tenho certeza se posso.

- Umhum. - ela brinca com o nó de minha gravata, aproximando nossas

coxas - Vou ter que invadir sua sala, qualquer dia, Oscher.

- Não faça isso. - peço - Tenho que voltar. - indico a sala de Horácio com o polegar. Ela faz um biquinho mimado de insatisfação e se vai.

Assisto a bunda que ela rebola com gosto, antes de virar o rosto sobre o ombro para me provocar com uma última piscadela que eu adoro. Imaginei que estava rebolando para mim, mas é sempre legal ter certeza. Ainda estou abanando a cabeça para minha própria situação quando uma voz familiar gargalha atrás de mim:

- E aí, Malabarista?

Estou sorrindo antes de me virar.

- Pirralho! - agarro meu irmão mais novo pelo pescoço e o prendo em um abraço forte.

Matheus é um pouco mais baixo que eu, mas é imperceptível. É o único dos quatro irmãos que parece com mamãe. Os olhos castanhos e suaves, os cabelos ainda escuros, mas tentando imitar um dourado. Seu sorriso é marcante, cheio de personalidade, assim como ele.

A camisa polo de mangas curtas exhibe os braços preenchidos por tatuagens. Costumava ser mais esguio do que eu, agora, no entanto, está quase me ultrapassando em músculos.

- É tão estranho te ver arrumadinho. - puxo a gola de sua camisa polo e ele ri.

- *Eu* sou o arrumadinho? - aponta para o meu paletó completo.

- Uniforme de trabalho. - complemento - O que está fazendo aqui? Achei que só ia te ver amanhã.

- É, eu fugi da mamãe. - abre os olhos - Percebeu que ela incorporou a Casamenteira?

- Se eu percebi? Irmãozinho, eu *moro* aqui. É meu dia-a-dia.

- Tenho pena de você. Mas enfim! Decidi que você vai me levar pra jantar. Já acabou aí?

- Não, mas...

- É filho do chefe. - aponta.

- Exato! Espera um segundo. - abro a porta e coloco apenas parte do corpo para dentro - Horácio, podemos terminar amanhã? Vou precisar sair. - sorrio.

Jaqueline não parece nem um pouco satisfeita, mas Horácio me *libera* sem qualquer contraindicação.

Mia

Termino de preencher o formulário de inscrição. Leva uma eternidade porque eu tenho pouca prática com essa coisa de digitar e até escrever meu nome parece demorar uma eternidade.

- A faculdade em São Paulo ou a daqui? - vovó pergunta.

- Aqui. - aceno.

As palavras de Gustavo me atingiram, mas não fundo o suficiente para me fazer querer abandonar minha casa.

Dona Joana morde o lábio de um jeito peculiar. Eu também faço isso: enfio os dentes na boca desse jeito, quando sou contrariada. E, se posso

confiar nas palavras do Guga, mamãe tinha um trejeito similar. Deve ser genético.

- O que foi, dona Joana? - ralho, carinhosa - Pare de morder as palavras e diga o que quer.

- Devia ir pra São Paulo.

- Quer se livrar de mim, vó?

- Não. - belisca meu queixo, investigando a tela do computador com uma intimidade ainda menor que a minha - Mas você sabe o que eu acho.

Minha risada sai baixa.

- Sei.

- Porque já te disse...

- *Um milhão de vezes.* - recito.

- Não te faz bem ficar aqui. - murmura. Suspeito que para si mesma, porque eu nunca escuto esse discurso e ela já sabe bem disso - O Gustavo só quer seu bem, Deus o abençoe, mas não lidou direito com as coisas. E eu bem sei que tenho minha parcela de culpa.

- Vovó, eu estou bem!

- Sei que está, meu amor. Mas você depende demais do seu irmão.

- Vó! Se bobear, tem mês que eu ganho mais do que ele! - preciso sorrir - Não todo mês, porque eu dependo das minhas aulas particulares também, mas...

- Não estou falando disso. Você é trabalhadora, ganha seu dinheiro, sabe fazer suas próprias refeições e lavar as próprias roupas. É mais do que posso dizer sobre seu irmão. - ergue a sobrancelha com a crítica. - Não é disso que estou falando.

- E do que é?

- Você depende demais dele *emocionalmente*. Nunca ficou sozinha, Mia. O Gustavo nunca permitiu que ficasse. E eu tenho medo que acabe como sua mãe: sempre trocando um homem por outro, porque não sabe ser só você. E, no final, acabe sentindo-se incompleta se nenhum relacionamento der certo.

- Não vai ser assim, vovó, prometo!

- Você é muito inocente, Amélia. E isso é culpa do seu irmão. Nunca permitiu que você quebrasse a cara. Quebrar a cara faz bem, de vez em quando, sabia? Fortalece o sistema imunológico. Você é como uma criança que nunca foi vacinada pra nada.

- Eu sou mais durona do que me dão crédito.

- Hmhum. - murmura, descrente - Só espero que esse Leonardo não acabe colocando essa sua frase a prova.

- Vó. - esfrego os olhos, cansada - Você também? Já me basta o Gustavo querendo controlar minhas amizades.

- Não confio nesse rapaz, Amélia. Algo sempre me parece errado com ele.

- Não gosta dele porque queria que eu fosse pra São Paulo sozinha, fazer meu mestrado e quebrar a cara para melhorar meu sistema imunológico e não acabar como mamãe. E não ficasse de conversa com um rapaz por quem acha que vou me interessar.

- Mia, você já está interessada nele.

- Vó, é só um amigo!

- E o Inferno é só uma sauna. - revira os olhos - Entre nós duas, querida, a inocente é você. - beija minha bochecha e se vai.

Leo

O bar e restaurante fica na cobertura de um dos hotéis mais luxuosos de São Paulo.

Não preciso fazer reserva. Estou ali quase uma vez por semana e clientes da casa com bolsos profundos sempre têm mesa garantida.

- Como estão as coisas por aqui? - Matheus olha ao redor e tenho certeza que o descarado não está falando de família ou trabalho.

O miserável tá falando de *mulheres*.

Já falei que amo meu irmão caçula?

- Se seu anzol não estiver enferrujado, sempre tem peixe.

- Enferrujado? Ficou louco? - ri, quando faço nossos pedidos - A única coisa que aprendi com você é que nossas ferramentas favoritas precisam estar sempre polidas.

- A única coisa? - estou ofendido.

- A única que presta. - acena, ignorando-me. Com um olhar rápido, ele já fispou duas mulheres. Não é tão bom quanto eu... no caminho da porta para a mesa, já teria fispado quatro.

Isso é... se estivesse pescando.

Mas não estou.

- Tem quantas no ar, Malabarista? - provoca.

- No momento... - estreito os olhos - Cinco. Tenho alternado entre elas nos últimos meses.

- Meses? - Matheus está rindo alto - Nunca te vi passar tanto tempo com a mesma mulher.

- É um grupo delas, Theu. Presta atenção.

- Ainda assim. Quanto tempo faz que não tem carne fresca?

Hmm...

Três meses.

Desde que conheci...

Limpo a garganta e nossas bebidas chegam para me salvar.

- Ei. - ele me empurra com o cotovelo - O que houve?

- Nada.

- Está perdendo o jeito? - pisca um olho para uma das mulheres mais próximas ao balcão e, pelo sorriso que recebeu de resposta, já sei com quem ele vai voltar para o quarto.

- Não, é só que...

Eu amo o Matheus.

É o meu irmão favorito por causa de momentos como aquele.

O único da minha família que consegue sair para se divertir e conversar futilidades a noite inteira sem julgar ou ser julgado. Mas, ao mesmo tempo, é o único que consegue parar tudo para te ouvir, se for disso que você precisa.

Vira-se para mim e a garota do balcão não vai aceitar ser ignorada muito tempo.

Engajar-se em uma conversa vai lhe custar a companhia. Ele não se importa.

- Leo, o que foi? - seu olhar é rígido e sério - É o pai? Ele não pode cobrar mais nada de você, sabe disso, não é? Não depois de te forçar a desistir de Oxford para...

- Ele não me forçou, Theu.

- Não? - sua testa se enrugou de incredulidade - Mas você estava...

- Eu sei. Mas... Eu sou um adulto, sabe? A OM3 é meu trabalho. É importante para o pai, mas também é importante para mim. É importante para as pessoas que dependem da empresa que eu seja um bom... *gestor*. Preciso aprender como fazer as coisas. Dois anos na Inglaterra não ia ser um tempo de aprendizado. Ia ser festa. E nós dois sabemos disso. - aponto - Não é justo que eu tire dois anos de férias enquanto tanta gente se mata para fazer a empresa crescer. E é mais injusto ainda que eu volte depois desses dois anos para mandar nelas.

Matheus parece legitimamente impressionado.

- Nossa. Acho que foi por isso que o pai escolheu você e não o Fernando, hein?

- Cara, nem fala isso em voz alta.

- Sério? Você imagina o Fernando decidindo algo com tanta sobriedade? - ri - Acho que a última decisão altruísta que o Fernando tomou foi há duas encarnações.

- Cara, não brinca com isso. - repito, mas estou sorrindo.

- Ele ainda não superou você ter sido indicado pra presidente da empresa, não foi?

- Não, mas vai superar. A empresa da Tati está crescendo muito. E a OM3 tem investido nela.

- Guiar a empresa da esposa não deve ser o que o ego do Fernando queria. E o ego do Fernando é uma monstruosidade sem tamanho.

- A gente pode falar de outra coisa? Eu achei que você queria se divertir, mas se quiser sofrer, eu ligo pro Fernando de uma vez e chamo ele pra cá. Ninguém melhor do que ele para falar de si mesmo. - ofereço um sorriso amarelo para o meu irmão que ri alto, virando uma dose. Eu o acompanho. - Oscar! - peço ao garçom - Se você conseguir nunca deixar nossos copos vazios, multiplico sua gorjeta por cinco! - prometo, e o rapaz corre para executar sua função.

- Do que você quer conversar, então? - ele pergunta.

- Que tal da garota que a mamãe arranhou pra você?

- Não, obrigado! - rosna.

- Já encontrou com ela?

- Sabe o que eu não entendo? Porque nossa família quer casar você com a delícia da Sara, mas pra mim, eles arranjam Josephine March.

- Josephine? O nome dela não é Daniela?

- Foi uma analogia, Leonardo. "Josephine March" é uma personagem de... ah, esquece. A menina é doida.

- Doida?

- Doida. Jogou uma pedra na minha cabeça.

- Uma pedra na sua cabeça?

- No meio da hípica.

- Da hípica?

- Cê vai ficar repetindo tudo que eu digo?

- Não, desculpe. - começo a rir.

- Ah, mas a minha vida é hilária mesmo, não é? E você, campeão? Qual o motivo dos repetecos na cama? Perdeu a criatividade para dar em cima de mulheres?

Mia.

Engulo em seco.

- Não... - dou de ombros e tento manter a risada, mas...
- Leo? O que tá pegando, cara? Você tá esquisito.
- É só que... - danço o dedo pela borda úmida do copo. *Ah, merda* -

Tem essa mulher, sabe? Que é...

- Gostosa?

Mordo o lábio.

- É. Só que ela é tipo... *muito gostosa.*
- E você tá ficando com ela?
- Não... eu to... *tentando.*
- Tentando?
- É. Ela ainda não topou sair comigo. E acho que... não sei. Tenho me concentrado tanto nela que... não tenho mais *paciência* para dar em cima de outras pessoas. - Matheus me observa, analítico e preocupado. Não estou mentindo. Mas também... *não é a verdade.* - Pelo menos não até comer ela. - acrescento e Matheus parece mais tranquilo.
- Você não presta. - ri.
- Não, não presto. - finjo um sorriso, mas não consigo sustentá-lo.

Escondo a boca no copo.

- E tá com as outras ainda porque...
- Porque gosto de sexo. E as que já são garantidas não me dão trabalho. - admito.
- E o que precisa fazer pra levar essa mina pra cama?
- Bem... Ela fez uma aposta comigo.
- Sério? - Matheus abre um sorriso e eu olho ao redor esperando pelo Papai Noel, porque, pela cara dele, adiantaram o Natal - MANO! Que tipo de aposta?
- Ela sai comigo se eu conseguir fazer uma coisa.
- Adoro sua vida.
- Não coloque isso em um livro.
- Jamais. - promete, falso - O que precisa fazer?
- Sugerir um livro que ela ainda não tenha lido e eu sim. -

explico, derrotado.

Matheus junta as sobrancelhas.

- Só isso?
- É mais difícil do que parece. A mina é uma bibliotecária, eu juro.
- Tá, mas... - Matheus parece incrédulo - Escolhe um livro bem imbecil que ninguém nunca se dê o trabalho de ler, como... sei lá... "Os dez tipos de areia mais comuns no deserto do Atacama", lê e leva pra ela. Entrega e diz algo tipo "esse daqui vai mudar sua vida!", aí quando ela olhar o título e torcer o nariz perguntando "como assim?", você diz "porque esse é o livro que vai te levar para um encontro comigo".

Ele gesticula como quem diz "fim da história".

Eu estou com os olhos arregalados e uma palpitação desagradável.

- Puta que pariu. - gemo, sofrendo - Que ideia perfeita!
- Mano, sério que você não pensou nisso? - ele está genuinamente desapontado.
- NÃO! - sofro.
- IMBECIL! - gargalha - Tá! Há quanto tempo você tá tentando cumprir o desafio?
- Três meses. - choramingo - Já levei mais de dez livros.
- Ih. - resmunga - É... se tivesse feito isso de primeira seria fofo.

Mas agora... vai parecer besta e desesperado. Do tipo "só está fazendo isso

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

porque é um inculto que não consegue achar livro nenhum". É o tipo de plano que só funciona se for feito logo.

- Por que você mora tão longe? - imploro.

- Já era, Malabarista, desculpa. Acho que está perdendo o dom, han?

- Vai pro inferno.

- O bom malabarista tem que ficar de olho em todas as bolas ao mesmo tempo. Você se concentrou em uma só e perdeu seu jogo. - se compromete a metáfora que gerou meu apelido - Agora, vai ter que fazer o que todo cara em sua posição faz e usar o dinheiro.

- Usar o dinheiro?

- É, sei lá, pensa fora da caixa, cara. Você tá muito preso a literalidade do desafio com essa coisa de levar um livro de cada vez. Pensa comigo: o que ela ganha com essa brincadeira? Se a mulher não te quisesse, ela te diria "não". Se ela arranjou um desafio é porque não quer dizer "sim" de cara, mas quer dizer "sim" no fim. Então faz uma coisa que ela não espera... compra um milhão de livros de uma vez. Deixa um caminhão na porta dela com um laço de fita dourado e um cartão com algo sagaz, ou safado.

Eu estava boquiaberto.

Sim.

Agora, eu tinha um plano.

- Theu... eu te amo.

- Eu sei.

5.

- Feliz aniversário!

- Obrigada. - Mia me recebe na porta da sua casa.

- Sai comigo hoje? - junto as mãos.

Mia bate os cílios com um sorriso engraçado.

- O Gustavo está em casa. - aponta o polegar para a porta de entrada atrás de si - Fique avisado.

- Ele vai te levar pra sair? - me faço de desentendido.

- Não, eu não comemoro meu aniversário.

- Então, não pode sair comigo por quê?

- Porque eu não comemoro meu aniversário. Oi Diogo! - ela se inclina para o lado para cumprimentar meu *colega de trabalho*, parado vários passos atrás de mim.

- Oi, Mia! Parabéns!

- Obrigada!

É, estou trazendo o Diogo.

Ele prometeu não dizer nada a quem quer que fosse e eu não quero prejudicar seu humor. Ele quer vir? Ele vem. Estou tentando não abusar da sorte.

- Vai sair comigo? - trago-a de volta para o assunto.

- Leo. Escuta. - ela pega meu rosto entre as mãos e eu preciso morder minha boca com força para não perder o foco - *Eu não comemoro meu aniversário.* - explica, devagar.

- Tá, mas quem disse que a gente vai comemorar?

Ela me solta e parece confusa.

- Você não quer sair?

- Quero. Mas não por causa do seu aniversário. Não ligo para o seu aniversário. É hoje? - exagero, dando de ombros e ela começa a rir - Você me deve essa porque eu ganhei o desafio.

- Não ganhou o desafio.

- Ganhei o desafio.

- Não gan... Leonardo, eu sou uma mulher de idade. - abre os olhos e sou eu que estou rindo - O que está acontecendo?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Aqui. - estive escondendo o pacote comprido atrás das costas. Está devidamente embrulhado em um papel cor de cereja, padrão da loja. Normalmente eu teria pago por uma embalagem mais memorável e elegante, mas... Isso era o Leo OM3, o Leo *representante comercial* não devia fazer isso.

- O que é isso?

- Seu presente de aniversário. *E* a solução do meu desafio.

O embrulho é do tamanho de um livro. Mia o aceita, curiosa.

Observa-me antes de começar a rasgar o papel de presente e para quando encontra a embalagem cinza e preta.

- Mas o que...

A ilustração na caixa é bem autoexplicativa, mas ela a abre antes de acreditar.

- É um Kindle. - bato o dedo sobre a tela do aparelho desligado - É um leitor digital. Esse daqui tem 4g, o que significa que você pode acessar a biblioteca online dele em qualquer lugar, a qualquer hora. Tem milhões de livros aqui dentro.

Ela tira o aparelho do suporte e ainda não olhou de volta para mim.

- Fiz uma assinatura, pra você, de um ano. Eles têm um sistema de locação de livros, então você pode ler o que quiser. E... tinha uma promoção porque acabou de sair um aparelho novo... então, fora os livros disponíveis para locação, você pode gastar o equivalente a 500 reais por mês com compras avulsas.

É mentira.

Não tem promoção coisa nenhuma.

O que tem é o meu cartão de crédito registrado na conta dela e que diferença me faz se Mia gastar uns 500 reais por mês?

Ela deixou a caixa sobre o móvel mas ainda não conseguiu tirar os olhos do aparelho.

Espero que tenha gostado, mas está muda... e eu estou começando a entrar em pânico.

- Conta como um só? - enfio as mãos nos bolsos - Quero dizer... certeza que aqui dentro tem pelo menos um que eu já li e você não. - arrisco.

Sua atenção volta para mim e vejo que está espremendo um sorriso, segundos antes de me abraçar.

Joga os braços ao redor do meu pescoço e me aperta com força, sua risada em meu ouvido aquece meu coração.

- Obrigada!

Afundo o nariz em seus cabelos e seguro sua cintura em meus braços, pressionando nossos corpos.

É só aí que percebo que nunca a abracei antes.

Foi a primeira vez.

A primeira vez de suas mãos em minha nuca, despretensiosamente brincando com meus cabelos. A primeira vez do cheiro de sua pele fundo em meu nariz. A primeira vez de minhas mãos agarrando sua cintura.

Mia colocava sentido nos clichês.

"Queria ficar ali para sempre" é algo que eu esperaria de uma comédia romântica, não da minha vida.

Mas ter aquela mulher nos meus braços era uma sensação poderosa. Indescritível.

E eu estava pouco me fodendo para os bordões. Queria, sim, ficar ali pra sempre.

Apertei sua cintura fina, sentindo o encaixe dos nossos corpos. Seu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

calor, seu cheiro. O carinho em meu pescoço.

Você vê os filmes, lê os livros, escuta as histórias... e é sempre igual: as pessoas só descobrem que estão apaixonadas durante uma briga, berrando emoções sem sentido, quando estão distantes, quando se separam, quando sofrem.

Mas, para mim, não foi nada tão épico.

Para mim, foi um abraço.

Foi aquela morena presa ao meu pescoço, sussurrando gratidão contra minha pele, me fazendo abraçar sua cintura e os bordões.

Ai, Mia.

Eu sou teu.

Percebe isso?

Consegue ver?

Ela me solta e está fascinada pelo aparelho mais uma vez. Não consigo parar de sorrir.

Ela gostou.

- Vale como um só. - aceita.

- De verdade?

- De verdade.

- Então, vou te levar ao cinema. Agora? Você pode? Te trago de volta antes de escurecer!

Mas que merda, Leonardo!

O plano não era deixar claro pra ela o tipo de nudez que a gente queria? Que merda é essa?

Mia acena, satisfeita, diz que sim.

E aí eu esqueço por qual motivo minha escolha foi ruim. Vou passar a tarde com ela! A escolha foi perfeita!

- Guga, vou sair! - ela avisa na direção da cozinha.

Gustavo aparece na porta com sua típica carranca.

- E vai pra... *ai, meu Deus.* - resmunga, assim que me vê.

- Oi, Gustavo!

- Oi. - chia.

- Volto mais tarde. - dá um beijo na bochecha do irmão ao pegar a bolsa - Olha! Ganhei um kindle, tem um milhão de livros aqui.

- Não tem um milhão de livros aí. - inspeciona o objeto, suspeito.

Mia revira os olhos antes de sorrir pra mim.

- O Guga desconfia de tecnologias.

E vem para os meus braços.

Putá que pariu, gente.

Pros meus braços.

Toca minha mão com uma intimidade linda e eu sou um sorriso imenso.

- Ah, o Guga desconfia de tudo, não é? - brinco.

Os olhos de Mia se abrem forçadamente antes de olhar sobre o ombro e eu sinto um arrepio traiçoeiro.

Gustavo torce o nariz para mim em uma careta de fúria.

- É o quê, moleque? Quem te deu intimidade?

Engulo em seco.

- Eu disse que é... é bom desconfiar de tudo. - gaguejo.

Mia me empurra pelo estômago para fora de sua sala e da vida de Gustavo.

- Tchau, Guga.

Acho que ele ainda está reclamando quando ela fecha a porta atrás de nós.

- Corre. - sibila.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Eu obedeço.

Convencer Diogo a vir até aqui em dois carros foi difícil. Convencê-lo a me deixar sozinho com Mia foi quase impossível.

Mas estava feito e o Siena prata desliza pela estrada a cem quilômetros por hora.

O cinema mais perto é distante pra cacete e isso é simplesmente maravilhoso. Vou ter uma hora de Mia antes de chegarmos ao nosso destino.

- Vai me contar qual é seu livro favorito?

- Não. - experimenta as estações de rádio e escolhe uma com uma música latina de ritmo marcante.

- Uma dica?

- Não. - ri.

- Me diz o que você mais gosta nele? Os personagens? Alguma surpresa? O final?

- Não sei o final. Mas os personagens são ótimos.

- Não sabe o final? - busco seus olhos, confuso.

- Olha pra estrada, Leo.

Sorrio e acato.

E quero corrigir o que disse há pouco. Não foi "impossível" convencer Diogo. "Impossível" é uma palavra muito forte.

"Impossível" é não olhar para Mia, sentada ao meu lado, a cada vinte segundos.

Literalmente. Não consigo me impedir. Vou bater o carro. Matar a nós dois. E Gustavo vai tocar fogo nos meus restos.

Uma pena.

- E como estão as coisas com o seu chefe? Ainda está te dando dor de cabeça? - muda de assunto.

"*Meu chefe*" é meu pai em todas as versões de histórias que conto pra Mia. Todos os eventos são verdadeiros, só os detalhes que eu... *omito* um pouco.

- Melhorou depois que eu desisti de fazer o curso.

- Ainda não acredito que fez isso, Leo! - balança a cabeça.

- Foi melhor, de verdade. Assim posso me dedicar mais ao trabalho.

- Você é responsável demais. E o Diogo? Ele parece legal.

Respiro fundo.

Não vai ter "omissão" que me ajude a responder essa.

- É... Ele é... *dedicado*.

- Seu chefe pega no pé dele também?

- Com certeza.

- E ele não se incomoda de ficar esperando? Você devia ter convidado ele pro cinema também.

- Não, não está esperando! Ele está com outro carro. Já deve ter voltado pra São Paulo.

- Vieram em carros diferentes?

Opa.

- Estávamos fazendo circuitos diferentes. Nos encontramos ontem.

- Ah.

Ela parece ter acreditado. Mas ainda assim era melhor mudar de assunto.

- Por que não comemora seu aniversário?

- É estranho. Foi quando nosso pai foi embora. - responde, sem hesitar.

Você consegue perceber a quantidade de emoção na fala de uma pessoa apenas pela pausa que ela faz antes da confissão. Há pouco eu estava conversando com o Matheus na cobertura de um hotel. Ele quis saber quantas mulheres eu estava pegando e a pausa que fiz foi apenas para contar. E então ele quis saber por que eu ainda não tinha ficado com Mia e eu não soube o que responder.

A pausa - seja sua duração, natureza ou tipo - sempre revela mais do que as palavras em si.

As palavras de Mia, cuspidas sem qualquer intervalo, me diziam duas coisas: era uma verdade que ela admitia sem pudor, não era uma verdade que a incomodava.

- Ele foi embora no dia que você nasceu? - eu conhecia a história em termos gerais, mas nunca ouvi os detalhes. Foi só depois que fiz a pergunta que me ocorreu que era o pior momento para uma conversa daquele tipo.

- Bem perto.

- Não precisamos falar sobre isso. - peço desculpas.

- Não me incomodo. Nunca conheci o homem, não me faz diferença, sabe?

Agora sou eu quem pauso.

- Então, por que não comemorar já q... - antes de terminar a frase, eu já entendi - O Gustavo. Você não comemora para poupá-lo?

- É uma dessas coisas da vida. Foi completamente irrelevante pra mim, mas moldou a personalidade dele inteira. E eu não faço questão de festa ou de lembranças. Prefiro assim.

- E o Gustavo... deixa? - estou rindo - Ele não parece o tipo que ia deixar você sem festa só para se poupar.

- Está certo! - morde a ponta da língua - E fez festas toda minha vida, mas agora eu sou adulta e posso decidir. Ele tem que me obedecer.

- E... obedece? - estou completamente incrédulo.

- De vez em quando! - ri, admirada. Estou perdido em sua beleza - Além do mais... Leonardo! Olha pra frente! - ralha e eu sinto minhas bochechas ficarem quentes.

Devem ter ficado vermelhas e permanecido assim o caminho inteiro, enquanto Mia cantarolava suas músicas latinas e me encorajava a contar as poucas histórias dos meus dias que podia compartilhar com ela.

Quando chegamos na bilheteria, eu estava me sentindo vazio.

Uma hora não foi tempo suficiente para processar o que percebi sentir por Mia e eu queria muito viver aquele instante ali, com ela, sem ter que pensar em *tudo*.

Ela escolheu um filme de ação genérico sobre uma família sequestrada em Paris. Eu já tinha assistido, mas não me importei.

E me importei menos ainda quando compramos as pipocas e os refrigerantes...

Se você já tomou bebidas de máquina algumas vezes, sabe como aquelas tampinhas plásticas são pouquíssimo confiáveis. Os atendentes sempre colocam de qualquer jeito, na velocidade para atender o próximo cliente. Depois do seu terceiro banho, você cria o hábito de dar uns tapinhas na proteção de plástico só pra ter certeza que a decolagem está autorizada.

Mia, no entanto, tem a habilidade mágica de destruir minha concentração.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Principalmente quando toma o meu braço daquele jeito para sussurrar alguma brincadeira. Seu tom feliz de confiança destrói minhas estruturas e os necessários tapinhas sobre o plástico restam esquecidos.

A consequência? Emborco a porcaria no meio do ar e, embora não tenha derrubado tudo de uma vez, respingo meu queixo e pescoço com gotas de coca-cola.

Bobagem, não é?

Com certeza.

Ou, pelo menos, teria sido se, em meu ato de estabamento, não tivesse derrubado uma porção do líquido escuro sobre os seios de Mia.

Ela usa uma camiseta de alças finas com um decote baixo que exhibe toda a carne do topo de seus seios de um jeito glorioso. Glorioso e, no momento, molhado.

Sabe qual é a merda de ser homem?

A merda que te fode com vigor?

Que agora eu tô olhando pros peitos de Mia e imaginando qual o gosto daquelas gotinhas de coca-cola ali, espalhadas pela sua pele quente. E, logo depois disso, começo a pensar na cor dos seus biquinhos, se seriam escuros ou clarinhos. Uma aureola grande ou estreita? Estou pensando em para onde seus peitos devem apontar quando soltos de camisa e sutiã com nada para cobri-los a não ser o refrigerante e minha saliva.

Peguei um guardanapo em um ato de cavalheirismo. Pretendia ajudá-la e nada mais. Antes de seguir, no entanto, preciso contemplar minha ideia estúpida e que bela coisa vai ser: limpar a carne dos seus seios com um papel ínfimo que logo vai ficar úmido. Com minha sorte? Vai rasgar, aquela porra, e eu vou esfregar os peitos de Mia com os dedos e...

Ela sorri e toma o guardanapo da minha mão, salvando-me de um afogamento iminente.

Limpa os peitos e eu quero chorar.

Literalmente.

Um homem adulto, segurando a vontade de se agarrar a uma cintura feminina e desabar em lágrimas.

Será que ela estaria disposta a fazer outra aposta de livro em troca de uma lambida naquele decote? Uma só?

Porque eu tenho certeza que há uma livraria aqui perto e a ideia de Matheus já está no gatilho.

Meu lábio inferior está tremendo quando ela termina de controlar o dano do meu refrigerante, desfazendo-se de meus infinitos pedidos de desculpas, antes de erguer outro guardanapo limpo para mim.

Limpa meu pescoço e queixo como faria a um amante.

Sim, porque a intimidade como me olha é o tipo de coisa que você reserva a quem você já viu nu em cima de uma cama.

Ainda temos dez minutos pro filme e eu quero beijá-la mais do que quero ver seus peitos.

NÃO ACREDITO que ainda não beijei essa mulher.

Tomo sua cintura.

Porra, Leonardo, que ideia de jumento.

O lugar, o clima... tudo é péssimo para um primeiro beijo.

Um oitavo ou vigésimo... ok.

Mas o primeiro?

No meio do hall de entrada do cinema, com adolescentes empipocados esbarrando em nossos braços?

Mordo o lábio com força. Mia me observa com o sorriso de quem espera qualquer coisa e coisa nenhuma.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Um beijo.

Só um.

- Vamos? - ela se livra dos guardanapos sujos.

- Vamos. - ofereço o braço que ela aceita prontamente.

É.

Vamos.

A companhia de Mia é muito melhor quando não preciso ficar preocupado com seu irmão, interrupção de terceiros ou as outras mesas que ela precisa atender. Quando não preciso ficar sob os olhares de sua avó ou contando o tempo no relógio para não me atrasar para alguma reunião.

Acho que quando Deus fez Amélia, era assim que pretendia que ela fosse apreciada: sem pressa.

Estou explicando para ela o funcionamento de um dos meus jogos online favoritos, ela torce o nariz, mas promete experimentar quando tiver a chance. Sei que está mentindo, mas não me importo.

Sentamos em uma cabine nos fundos da pizzaria e ela só reclamou uma vez. Eu tinha prometido que já estaria em casa a essa hora, mas fora sua manifestação inicial, Mia estava tão entretida quanto eu.

- Não gosto de tiroteios. - explica sua indignação em relação ao meu jogo.

- Mas gostou do filme. - analiso sua hipocrisia.

Ela pensa por um segundo.

- Não gosto de tiroteio em jogos. Em filmes tudo bem. Ou em livros. Além disso, gostei do filme por causa do lugar e da história, não por causa dos tiros.

- História? - brinco - Que história? Aquele filme *tinha* história?

- Tá. - sua risada ressoa, deliciosa - Mais por causa do lugar, então. Será que Paris é linda daquele jeito ao vivo? Ou é coisa de filme?

Estou quase respondendo, mas engulo as palavras junto com a mordida da fatia.

O Leo Representante Comercial já foi em Paris?

Não sei se isso faz sentido. Melhor não responder agora.

Dou de ombros, genérico.

- Quem sabe um dia a gente descobre. - prometo. Mia sorri, mas a ideia de que aquela promessa é muito mais real do que ela poderia imaginar me aquece. - Qual o lugar que você mais queria conhecer no mundo? Se alguém conseguir te arrancar da sua querida cidade, lógico. - provoco e ela me belisca na mão - Se só pudesse escolher um lugar... tá, um só é muito difícil, se pudesse escolher cinc...

- México. - ela já respondeu.

- Nossa, você tinha essa pronta. - admirado - Por que o México?

- Por causa da agência de viagens, eu acho. - está rindo - Quando eu era pequena, a vó fazia umas entregas em Santo André. Eu ia com ela e ficava esperando na porta da loja. Do lado, nessa galeria onde ela fazia as entregas, tinha uma agência de viagens e eles estavam sempre oferecendo uns pacotes de viagem para o México. Cancun. Acho que era um cartaz antigo e eles nunca trocavam, mas eu adorava as fotos da praia. O lugar parece lindo.

- Que motivo específico. - estou rindo.

- Eu peguei uma brochura uma vez. Eles têm essas ruínas Maia perto da cidade. Uma delas fica na praia. Você acredita nisso? - sorri - Ruínas de uma civilização antiga de frente pro mar, pra você admirar enquanto toma um sorvete assistindo o por do sol.

Consigo acreditar.

Já vi.

Não é o lugar mais bonito que já fui na vida.

Mas, pelo olhar de Mia, para ela, eu acho que vai ser.

O sítio arqueológico fecha na altura do por do sol, então ela e seu sorvete seriam expulsos. Mas não preciso quebrar seu encanto, não é?

- Parece incrível.

- Deve ser. E você? Se pudesse ir para qualquer lugar?

- Ahm...

Não tenho uma resposta boa como a dela.

Na verdade, tenho resposta nenhuma.

Já conheço todos os lugares que já quis ir.

E... agora que paro pra pensar... não sei se já *quis* ir para algum lugar ou se simplesmente fui.

Nunca considere o "querer"... sempre me bastou apenas pegar um avião e, na maior parte das vezes, eu estava repetindo locações já que desde muito novo viajava o mundo inteiro com a família.

Diga qualquer lugar.

- Japão. - escolho.

- Japão?

- Eu gosto de sushi.

- Nunca comi.

Eu entalo com o molho.

- Nunca comeu sushi?

- Parece ser nojento!

- Amélia! - eu olho ao redor - Não acredito que você nunca comeu sushi e eu te trouxe em uma pizzaria.

- É meu aniversário, eu gosto de pizza. Não vou comer coisa crua.

- Vamos mudar isso.

- Não, obrigada. - ri.

Em algum momento durante o jantar, nossos dedos se entrelaçam e ficam ali.

- Vou te levar para comer sushi. E no México. E em Paris.

- Tá certo. - balança o rosto.

Acaricio seus dedos, buscando seus olhos.

Seus olhos são lindos. Ela inteira, na verdade. É a mulher mais linda desse mundo.

- Não acha que eu posso juntar muito dinheiro, um dia? - sorrio - Ser um desses bilionários que não precisa se preocupar com nada?

- E que graça teria? - ergue um ombro.

O ombro.

O meu ombro.

- Não ter que se preocupar com nada? Precisa ter uma *graça*?

Ela limpa os lábios no guardanapo branco antes de dar um gole no refrigerante.

- Ah, claro que deve ser *incrível* não se preocupar com dinheiro. Mas, em compensação, tem umas alegrias na vida que essa gente com dinheiro demais nunca vai conhecer.

- Tipo?

- Imagina. Se a pessoa pode ir para onde quiser, ela simplesmente

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

vai. Por mais que deva ser maravilhoso conhecer o mundo inteiro... não deve ter *emoção*. Não *emoção* de verdade, em cada um desses lugares.

- Estou perdido, Mia.

- Imagina a diferença! Uma pessoa muito rica indo pela oitava vez ao Japão, ou você indo ao Japão uma única vez. Ou eu indo ao México. Quem você acha que aproveitaria mais? Para quem você acha que a viagem seria mais... intensa ou sei lá. Você sabe como é... a economia que a gente faz para trocar de televisão, ou de carro... e aí quando você finalmente junta o dinheiro e compra a coisa e ela é sua! É uma sensação muito boa, não é? Pequenas conquistas. Uma pessoa muito rica vai viver a vida inteira sem conhecer essa satisfação. Ela tem a melhor televisão, mas que diferença faz? Enquanto isso, na periferia, a outra pessoa pode ter uma televisão bem inferior, mas que conquistou com um suor cansado e está muito mais feliz. Muito mais satisfeito com sua televisão inferior do que o rico com seu cinema particular.

- Você acha que uma vida de pequenas satisfações é melhor que uma vida de rico?

- Acho que as pessoas comparam qualidade com facilidade.

- O quê?

- Uma vida com dinheiro é uma vida mais fácil. Não obrigatoriamente uma vida melhor. Tem uma diferença.

Fico mimando seus dedos, presos aos meus, em uma carícia que dura quase a refeição inteira. Estou usando apenas uma mão para comer e ela me imita. Bom sinal.

Mas o que ela disse fica comigo.

Fica até pedirmos a conta e por todo o caminho de volta.

O assunto navega por águas mais brandas, leves e divertidas, distraíndo-me da verdade que - cedo ou tarde - vou ser obrigado a lidar. *Estou mentindo pra ela.*

Estou apaixonado e estou mentindo.

Estaciono na frente da sua casa. Está escuro e Diogo já me mandou um milhão de mensagens.

Desço para abrir a porta para Mia que, como sempre, já saiu do carro assim que chego lá. Andamos até sua porta, estou esticando o assunto enquanto a porta se aproxima rápido demais até que, enfim, aí está ela.

- Obrigada por hoje, Leo. - segura a bolsa em uma das mãos e coloca os fios compridos atrás da orelha de um jeito tímido. Também está tentando se demorar na conversa.

Coloco as mãos no bolso, decidindo o que dizer.

Ela sorri.

- O que foi? - quero saber.

- Nada. Você faz muito isso... coloca as mãos nos bolsos desse jeito. Fica adorável.

Ergo uma sobancelha.

- Vou me lembrar de fazer mais vezes.

Mia respira, profunda e lenta. Estou perdido em seus olhos e suas covinhas.

- O que foi? - devolve minha pergunta.

- Nada. - repito - Só estou pensando que... daqui a uns anos quando a gente estiver casado e com filhos vai ser legal contar essa história.

- Ah é?

- É. O dia que eu finalmente te convenci a sair comigo.

Ela está rindo, desconcertada. Mas eu não acabei:

- Vai ser uma história que eu vou gostar de contar. Só acho que o

final ainda não está bom.

- Como assim?

Veja bem, eu já estava perto dela antes.

Agora, estou *mais*.

Sempre achei que tem dois jeitos de ficar perto de uma mulher.

O jeito físico, em que você só está... bem... *fisicamente* perto dela e pronto.

E o jeito visceral, em que você se aproxima e, de repente, parece que está ao seu redor. Parece que ela se aproxima de você como se suas essências estivessem gritando uma pela outra. Esse jeito de se aproximar é o que normalmente antecede o beijo ou o sexo. É o meu jeito favorito.

Respiro o hálito suave de sua respiração hesitante.

- Acho que merecia um primeiro beijo. Estive pensando nisso a noite toda, mas não achei um momento que me agradasse.

- Um momento que te agradasse?

- É. Pra ser sincero, quase te beijei na bilheteria mas... não dá uma boa história.

- E precisa dar uma boa história?

- Lógico que precisa. Tem que ser memorável. Imagine que vai ser sua última história de primeiro beijo. - ela está rindo - Mas o problema é que não consigo achar o momento certo. Vou precisar esperar.

Mia fica parada por segundos muito longos. Não tiro as mãos dos bolsos, estou esperando pela confirmação que não vai vir com palavras.

Seus olhos murcham, decepcionada com minha demora, ao olhar para o chão com um aceno curto.

- Bem... acho que não posso te ajudar. - ela se despede com um sorriso triste e aquele movimento no ombro que, foda-se, a partir de agora é *meu* - Boa noite, Leo.

Ela não deu dois passos quando a tomo pelo braço. Trago-a de volta para meu peito com carinho e a aperto pela cintura.

- Claro que pode. - sorrio, em um raspar de nariz. Deslizo meu polegar por sua bochecha e beijo sua boca.

Mia agarra minha camisa e se entrega, entreabrindo os lábios para que eu tome sua língua.

Espremo seu corpo com força, curvando-a em meu braço.

O beijo dura até que ela solta minha camisa, tomando meu rosto entre as mãos quentes e gentis. Dedos que se afundam em meus cabelos, braços enlaçados em meu pescoço.

É aquele beijo bem ali, a razão da minha certeza sobre estar apaixonado.

Nunca um toque de lábios foi tão bom. Nunca foi tão violento. Nunca foi tão certo.

Eu nunca quis tanto ficar *tão* perto de alguém ao ponto do beijo não ser mais suficiente. Queria nós dois nus. Queria-me dentro dela. Não apenas para gemidos e orgasmos. Mas para suprimir essa vontade descontrolada de saber que não há nada entre nós. Nem mesmo espaço. Ficar perto dela até colar nossas almas.

Tiro uma das mãos de sua cintura para enfiá-la em seus cabelos, segurando sua cabeça firme apesar do corpo curvado, impedindo nossa separação.

Mia mordisca meus lábios e eu estou ficando duro. Sei que estou.

Quero sorrir e arrastá-la de volta para o carro. Para São Paulo, se for preciso.

Eu preciso dessa mulher *agora*.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mas ela coloca os cotovelos contra o meu peito, empurrando-me por razões que eu não consigo conceber.

Busco sua boca, pressionando meus lábios contra os dela uma última vez antes de deixar que interrompa o beijo.

Não consigo, no entanto, separar meu nariz do dela. De verdade, vou morrer se tentar.

- Leo... Não. - pede, baixinho.

Aquela única palavra, mole e amorfa, é como um jato de água gelada sobre minha cabeça. Como a chuva do Apocalipse que me levou até ali. Apagando qualquer rastro de intenção, forçando-me a dar um passo para trás. Sua mão ainda repousa em meu braço e eu a mantenho ali. Perto.

- Eu... fiz algo que...

- Não. - promete - Não é você... é só que... Não posso fazer isso. - suspira.

Estou tremendo. De frio. De tristeza. De...

Nem sei.

Ainda sinto o gosto de sua saliva em meus lábios e não foi - nem de longe - o bastante pra aplacar minha sede.

Quero mais, Mia.

- Mia, aconteceu alguma coisa que...

- Leo. - ela pede - Olha. Eu... - coça a sobrancelha. Quer me contar algo, mas está com receio - *Deus*, isso vai ser constrangedor. - murmura.

- Me conta. - peço, macio - Seja lá o que for. Por favor?

Ela ergue os olhos para os meus. Vejo sua timidez estampada bem ali.

- Não é o tipo de coisa que eu contaria assim... - murmura - Mas... Leo, o que você está fazendo aqui? - pede - Por que sempre para na cidade?

- Eu te expliquei. - engulo em seco - É no meu caminho.

- É só por isso? - encara-me e eu não sei que resposta ela quer ouvir.

Escolho a verdade e aceno negativamente.

- E por que mais? - quer saber.

Respiro fundo.

- Gosto de você. - me sinto como um adolescente. Como uma merda de um moleque - Gosto *muito*.

Mia se afasta e se abraça.

Ai, droga! O que ela queria ouvir?

- Mia...

- Acho que você não devia mais voltar, Leo.

- Han? Mia, você estava me beijando há dois segundos. - exclamo em indignação - Pelo menos me diz o que está acontecendo? Foi alguma coisa que eu fiz?

- Eu sei... - esfrega as têmporas - Eu sei o que homens como você querem e...

- "Homens como eu"?

- *Todos* os homens. - ela gesticula e parece absurdamente confusa - Eu sei lá! Eu... - encara o chão, está reunindo forças. Não vai me olhar nos olhos - Leo, olha, eu não sou nenhuma puritana, sabe? Acho que uma mulher tem direito de ficar com quem ela quiser.

- Claro!

- Ou com quantos ela quiser.

- Com certeza!

- Inclusive com *nenhum*.

Calma.

O que?

- Nenhum?

Mia morde o lábio trêmulo e eu entendi tudo.

- Você... é... Você é... *virgem*. - gaguejo as palavras que ela não consegue dizer.

Ela balança a cabeça, confirmando.

Ok.

- E não tenho intenção de mudar isso. - completa.

Agora, eu perdi o chão.

A mulher é celibatária?

Meu Deus, como eu to fodido...

- Não tem intenção...

- Não por enquanto. - completa e eu respiro aliviado. Mas só um pouco - Não é por nenhum falso senso de moral ou conservadorismo ou... - ela apenas gesticula, sem usar palavras que possam terminar a frase - É só porque...

Está se abraçando de novo e eu enfiei as mãos nos bolsos, esperando... não sei pelo quê.

Mia respira fundo de um jeito definitivo.

- Minha vó casou um milhão de vezes. Minha mãe nunca casou e foi abandonada. Você me conhece há tempo suficiente para saber que eu não sou uma pessoa de muitas pretensões ou sonhos grandiosos... mas eu tenho vontade de me casar, acho que é o meu... sonho. E queria que significasse alguma coisa. Sei que isso pode ser besteira para outras pessoas, mas, para mim, é simbólico. Eu queria... queria que o Gustavo me levasse ao altar, queria me vestir de branco e queria que isso significasse alguma coisa. Queria que a noite de núpcias... - ela engole a vontade porque não parece capaz de concluir a frase - *Meu Deus, como isso é constrangedor*. - esfrega os olhos - Só estou te dizendo isso porque... porque se está vindo aqui com alguma ideia de... algum plano de... *sabe?* É melhor não voltar. Está gastando seu tempo com algo que não vai acontecer.

Ela terminou.

Ainda está olhando para o chão.

E é isso.

Mia não quer sexo.

Não vai ter sexo.

Não vai rolar sexo.

E sabe qual é a merda?

A merda de proporções épicas?

Eu estou apaixonado.

Ou seja: já era.

- Dez horas funciona pra você?

- O quê? - ela finalmente olha pra mim.

- Dez horas da manhã? Queria te ver de novo amanhã, mas já que vou ter que dirigir até aqui, imaginei que seria melhor se eu te levasse pra almoçar. A gente vê uns dois filmes seguidos, e eu te trago depois do jantar. Parece bom?

- Leo. - ela acena - Não vou mudar de ideia.

Eu me aproximo mais uma vez. O carinho que faço nas suas mãos é para assegurar nós dois.

- Eu sei. - prometo, baixinho.

- Não acho que você devia voltar, está bem? - ela trava a mandíbula e vejo algo em seu olhar tremer - Boa noite. - suspira. Então se inclina, indecisa sobre onde deveria me beijar, e escolhe a boca.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

O beijo é rápido, como se fosse uma despedida.
Eu me demoro sentindo seu gosto.
Já está se virando.
- Dez horas, pode ser? - insisto.
Ela se volta para mim com seu meio sorriso. Mas o completo está logo ali, com seu par de covinhas maravilhosas.
- Tem certeza? - duvida.
Mas eu não preciso responder.
Não *quero* responder.
Ao invés disso eu a puxo pela cintura.
Eu a beijo até Gustavo acender as luzes de casa matando - nós dois - do coração.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

6.

Seis meses depois...

Mia

Eu sei que pareço protagonista saída de um curta da Pixar, mas isso não significa que minha paciência é infinita.

E pra Isadora...

Pra Isadora eu tenho paciência *nenhuma*.

Ela está sentada no meu sofá usando nada além de uma calcinha verde evidente, uma camisa do Gustavo e o colar que foi da minha mãe e que o estúpido do meu irmão achou de bom tom lhe dar de presente. Eu queria que ela fosse embora da minha sala e do meu planeta.

- Oi, Tê, entra. - abro a porta pra Estela. O plano era ajudá-la com contabilidade, mas não sei se estudar vai ser possível porque enquanto a Isadora ocupa um aposento só, o ego dela se ocupa de todos os outros.

- Mia, você não vai acreditar no que aconteceu! Sabe o Luis? Ele... Oh. Isadora. Bom dia.

Ela não dá bom dia de volta, a beldade. Ela é dessas estrelas que acha que palavras são coisa para meros mortais, a divindade pelada nas minhas almofadas só pisca um olho. Detesto quando ela faz isso. *Tá bom que você é péssima com as palavras, minha filha, mas não te custa abrir a boca, de vez em quando.*

- Se você quiser estudar em outro lugar. - sugiro - A gente pode ir e a Isa fica esperando o encanador, por mim.

- Não posso. - murmura, ainda assistindo televisão, comendo fatias do bolo que eu *não fiz* pra ela, e de repente estou lutando contra a vontade de jogar um dos jarros de vovó na sua cabeça.

- Mas você é muito folgada, mesmo. - começo, inspirando fundo porque pretendo continuar.

- Mia. - Estela sussurra, apertando meu braço, impedindo-me. Deixa

suas coisas sobre a poltrona, antes de conduzir nós duas para longe de Isadora e para a mesa da cozinha - Você não pode fazer isso. - pede, com seus olhos fraternais.

- Isso o quê?

- Você me fode quando fica psicopata desse jeito com a Isadora! - implora - Porque aí eu, que também quero estalar a cabecinha dela fora como se fosse um graveto, tenho que engolir minha raiva para te impedir de cometer um homicídio. Eu quero ficar com raiva dela também! Não dá pra você ficar gentil e melosa como sempre?

- Com ela? Não.

- Mia? - Guga entra na cozinha, sem camisa, e Estela para de respirar. Por que, meu Deus, ele não podia namorar com ela? - Oi, Tê.

- Guga. - ela cumprimenta, tentando olhar para outro lugar.

- A Isa vai ficar aqui hoje, estão pintando a casa dela.

Maravilha.

- E não tem nenhum outro lugar que ela possa ficar? - choramingo desesperada - A casa de uma amiga? O lixão?

- Amélia. - recrimina.

- Eu dou carona para onde ela quiser.

- Amélia! - pede - Só faz isso por mim? Por favor.

Odeio quando o Gustavo me pede para fazer algo "por ele". É a única coisa da vida que não consigo recusar.

- Tá. Acho que eu consigo não envenená-la. Mas não chega tarde, ou eu mudo de ideia.

Beija minha testa.

- Obrigado. Vocês vão que horas, na sexta?

- Depois do expediente. - explico.

- Certo. - morde a parte interna da bochecha - O Leonardo vai?

- Acho que não. Ele precisa trabalhar.

- *Trabalhar?* No fim de semana? - ele soa desconfiado. Mas já tive essa conversa antes e não quero repeti-la.

- É, Guga, ele precisa trabalhar no fim de semana.

- Sabe, se você fosse desconfiada com esse cara do jeito que é com a Isa, eu dormia mais tranquilo.

- Ah, e se você fosse intolerante com a Isa do jeito que é com o Leo, eu vivia mais feliz. - abro um sorriso imenso e ele me estira a língua com uma careta.

Ele empurra a porta para sair da cozinha e vejo que dois dos seus amigos da fábrica estão de pé, na porta, esperando por ele. Sinto a força da educação me compelindo a convidá-los para entrar. Mas, de onde estão, já devem ter uma visão boa de Isadora de calcinha, boa o suficiente para constrangê-los.

Quem fica de calcinha na frente dos amigos do namorado, meu Deus?

É muita liberdade ou muita cara de pau.

Está de joelhos sobre a poltrona, enfiou os óculos de Estela no próprio nariz e pela careta cômica de exagero sei que está fazendo graça às custas de minha melhor amiga.

- Somos gêmeas, Tê. - ela ri, forçando uma careta feiosa.

Já aconteceu do seu sangue gelar e ferver ao mesmo tempo?

É como eu estou agora.

Dou um passo pra frente e Estela segura meu braço.

POR QUE ela fica tão comedida na frente da Isadora? Preciso da minha melhor amiga assassina aqui pra discutir onde vamos esconder o corpo!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Um dos colegas de Gustavo sorri, mais por causa da beleza de Isadora do que pela graça da piada. Qual o problema de homens com mulheres bonitinhas?

Gustavo se enfia em uma camisa e ela provoca sua gola, lançando olhares irritantes para uma Estela que virou especialista em encarar os próprios pés.

- Pareço mais inteligente, agora? - toca os óculos, oferecendo um sorriso conquistador em seus lábios vermelhos.

- Parece. - devolvo - Agora basta ficar calada e ninguém vai suspeitar.

Ela me olha sobre o ombro do meu irmão, irritada. Sabe que foi uma ofensa. Suspeito, no entanto, que ainda não tenha entendido *por quê*.

Gustavo, por sua vez, entendeu muito bem e ralha comigo usando nada além dos olhos verdes que são cópias dos meus.

Sorrio, com uma falsa inocência que, diante do contexto, enganaria ninguém.

- Comportem-se. - ele beija Isa na boca, a mim, na bochecha e se vai.

Reviro os olhos e estou quase me enfiando de volta na cozinha quando:

- Eu sei qual o seu problema. Te entendo direitinho, Amélia.

- Isa, você não conseguiria me entender nem com um manual de instruções e aula particular.

- Ah é? - ela tem um sorriso perverso enquanto brica com o pingente de mamãe, preso em seu pescoço, e acho que talvez fosse melhor deixá-la falando sozinha - Todo mundo já notou como o seu homem olha pra mim.

- Ai, garota, sério? Vai querer criar briga por causa de homem? Cresce, Isadora.

- Ele me olha como se tivesse fome. Mas não é fome de mim.

- Ainda bem que você sabe.

- E eu já olhei para o seu homem. O Leonardo é... - ela geme e sabe o jarro da minha avó? Eu já calculei a distância entre eu e ele - Comida demais pro teu regime infantil.

- Do meu estômago cuido eu.

- Mia... - Estela pede. Mas seu temor parece aumentar as forças de Isadora.

- É tão bonitinha essa sua coisa de querer casar virgem. Bem inocente. Assim como o pensamento de que você vai conseguir convencer algum homem a passar vontade junto com você.

- Isadora, se você quer dizer alguma coisa, diz de uma vez.

- Teu namorado tá comendo geral, lindinha. Certeza. Vocês estão juntos há quanto tempo? Seis meses? Acha mesmo que um macho que nem o Leonardo vai passar seis meses na seca só porque você tem medo de se molhar? "Trabalhando no fim de semana", você é mesmo um doce. Ele deve estar comendo duas por dia. Curtindo o sábado a noite como um homem do século XX deve fazer, enquanto você está presa no século III.

- XXI. - corrijo e nem me incomodo em questionar seu século III, porque... Isadora - E só porque você não consegue entender um relacionamento sem sexo, não significa que o mundo inteiro seja igual.

- Você tem inveja de mim porque eu não tenho vergonha disso. - aponta para si mesma - Porque, se eu quiser, pego seu homem pra mim. Eu já peguei o da Estela, não foi? - ela pisca um olho jocoso que é mais agressivo que qualquer murro.

Acho que meu corpo começou a avançar em direção ao jarro, mas

Estela me segura, de novo.

- Mia. - pede - Isadora, vai cuidar da tua vida. - reclama.

Pego as coisas na poltrona e me enfio na cozinha pela segunda vez em poucos minutos.

- Ela é ridícula. - aviso.

- Eu sei.

Sua voz é frágil. Estela sentiu o impacto.

Ela gosta do Guga.

Gosta de verdade.

E eu sinto por ela.

- O Gustavo também. - sussurro.

Estela trava os lábios e eu os vejo tremer. Enfia os óculos usados por Isadora embaixo da água e o esfrega com a impetuosidade de um exorcista.

Eu a abraço, não sei por quê.

- Tá tudo bem, Mia, de verdade. - promete e, assim que os óculos estão limpos, acredito nela - E você é inacreditável. Ela falou coisas bem piores de você, e ainda assim está me consolando. - sorri - Devia ser ao contrário.

Bato os dedos sobre o balcão da cozinha, apenas para ocupá-los mas, antes que perceba, estou tocando minha boca.

Leo, não vou mudar de ideia.

Eu tinha lido os termos, sem meias palavras.

E ele concordou.

Tem certeza?

Ele sequer respondeu.

Só me tomou e beijou.

Consigo sentir seu gosto nos meus lábios. Mas, sempre que penso em Leo me beijando, o que sinto primeiro é um tremor oco como se, de repente, meu corpo inteiro vibrasse se descobrindo vazio, desejoso de um preenchimento que eu ainda não tinha descoberto como chamar.

Seus olhos azuis como um anel de emoções, sempre mudando de cor. Um hálito quente que raspava minha pele fazendo um carinho que transcendia toques. Era o calor do seu corpo inteiro, que avançava roubando o espaço que havia entre nós, atacando meu coração e me enchendo de vontade.

Nunca um homem tinha me feito sentir tanto com apenas um toque, e o Leo, Deus... Às vezes ele sequer precisava do toque.

Seu jeito descontraído, seu sorriso exuberante, o péssimo gosto literário que ele tentava a todo custo disfarçar.

Eu estou apaixonada.

E sei que isso é um problema.

Inocente, não idiota, lembra?

- Tê? - chamo, ouvindo-me gaguejar embora nunca tivesse sido minha intenção - Você acha que é verdade? As coisas que a Isadora disse sobre o Leo?

Estela pisca compulsivamente.

O conflito da melhor amiga.

Somos nós duas contra Isadora, todas as vezes que a maré nos jogar umas contra as outras.

Então, ela não quer concordar.

Mas amiga é aquela que te diz a verdade mesmo quando dói.

Então, ela não quer discordar.

- Esquece a Isa. - peço - Só me diz o que você acha.

Estela engole em seco, olha ao redor, respira fundo, encara os pés

e, quando não tem mais qualquer trejeito atrás do qual possa se esconder, vira-se para mim com uma resposta que - a essa altura - já é exatamente a que espero.

- Mia, eu te amo mas... é estranho.

- Estranho?

- Eu adoro o Leo, você sabe. Ele é legal, parece ser decente, te trata bem. É lindo de pedir misericórdia. Mas... é estranho um cara como ele, solteiro, viajando muito... o tipo de homem que pode ter mulheres fazendo fila pra atendimento por ordem de chegada... e ele simplesmente *desistiu* de sexo. Eu acho que ele gosta de você, amiga. Acho mesmo. Mas...

- Mas acha que ele não está sendo fiel.

- Acho que é irreal esperar isso de um homem que você não conhece bem. Pelo menos nessa situação.

Estou me abraçando.

- Eu sei que você gosta dele, Mia, e não to te dizendo isso por...

- Eu sei. - aceno.

- É só que... Eu espero de verdade que ele seja honesto. Acho que ele pode até ser. Só não acho que...

- Não acha que vai durar.

- E é uma pena, sabe? Porque vocês dois combinam muito.

- Acha que eu devia transar com ele só para segurar um relacionamento, Tê? - estreito os olhos, descrente.

- Não! Até porque eu sei que essa coisa do Guga te levando no altar de branco e virginal é uma coisa super importante pra você. Eu não concordo! - acrescenta - Mas é sua vida, e eu entendo.

- Então, o quê?

- Mia... - ela se encolhe. Acabamos de declarar um armistício na batalha contra Isadora. Estela não queria mais um conflito, não quando estava se sentindo fragilizada. Mas eu precisava que ela dissesse.

- Me diz, Tê. Por favor.

- Amiga. - ela pisa em ovos com tanto cuidado que dá a impressão que eles são literais e não metafóricos - Você nunca nem se masturbou. - sussurra a palavra temendo que as paredes tenham ouvidos e que eles sejam da Isadora - Que mulher chega aos vinte e dois anos sem nem se experimentar?

- Estela, eu já tentei! Já te expliquei isso. Só não cons... é estranho! - agora sou eu quem se encolhe.

- Eu sei! - ela toca meus braços, acolhedora - Eu me preocupo com você, Mia. Você... desiste depressa. Não tem nada de errado com não ser ambiciosa! - acrescenta com uma velocidade típica das melhores amigas, que conseguem antecipar seu próximo argumento antes que você mesma decida fazê-lo - Mas com você... sempre que algo não é fácil ou simples, você deixa pra lá. Me preocupo que você não faça as coisas, não por *não querer*. Mas por achar que *não consegue*. Então, olha, mantém a tua virgindade! Não to falando sobre isso, tá? Mas tem... *outras coisas* - seu sorriso é sugestivo demais - que você pode fazer pra se divertir. Com o Leo, inclusive. Não pra segurar o homem! - ergue o indicador - Se esse for seu único motivo, melhor acabar o namoro de uma vez! Não por ele, mas por você. Porque é uma experiência boa, que pode te surpreender. Porque é legal uma mulher conhecer seu próprio corpo... sozinha ou acompanhada.

Respiro fundo. Ela não soltou meus braços e me olha com curiosidade.

- Você só precisa descobrir se é algo que você realmente não quer fazer, ou se é apenas algo que passou tanto tempo dizendo não querer, que

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

acabou se convencendo. E... - seus olhos brilham com o fulgor que só acomete sujeitos de boas ideias - Faz o seguinte. - enfia a mão na bolsa e pesca um livro - Lê isso aqui.

Ela me entrega o exemplar. A capa escura mostra apenas curvas femininas e um título que lê "O Amor não tem Leis".

- Um romance? - pergunto.

- É... *erótico*. - explica.

- Ah. - encaro a capa sem saber como devo reagir.

- Ainda não terminei de ler, estou te fazendo uma caridade ao te emprestar assim, no meio da leitura. Então, para o que estiver lendo e começa esse.

- Tudo bem. - aceito.

Engulo em seco.

Esfrego meus braços.

- Estela? - peço, assistindo seus olhos investigativos - O que você quis dizer com "tem outras coisas que eu posso fazer pra me divertir"?

Ela abre um sorriso imenso.

- Amiga. - ergue as sobrancelhas - Lê o livro.

Eu li o livro.

Eu odeio a Estela.

Não consegui dormir.

Não consegui parar de xingar minha amiga.

E, agora, não consigo parar de pensar em certas coisas.

Tantas coisas.

Pra piorar, parece que eu desenvolvi algum tipo de alergia entre minhas pernas.

- Teu corpo acordou. - Estela ri quando compartilho minha aflição, no Lugar do Eduardo.

- Ótimo. Qual livro faz ele voltar a dormir? - imploro - Porque isso não é jeito de viver.

- Bem vinda ao time.

- Eu te odeio, Estela.

Uma mão pesa sobre o meu ombro, viro-me com palpitações.

- Calma. - Heitor brinca - Tudo certo pra sexta? Pego vocês duas?

Estela ergue o polegar confirmando, mas eu estou agarrada ao meu coração ouvindo-o martelar no meu peito.

Tem umas cenas do livro que não vão sair da minha memória tão cedo.

- Mas amiga, depois de todo esse tempo, não transa com o Heitor. - pede, assim que ele se afasta.

- Que transar com o Heitor, menina! - reclamo, enojada - Perdeu o juízo?

- Sei lá. Quem disse que tá com *alergia* é você. - ri - O remédio pra isso é um só.

- Eu te odeio, Estela.

- Quer o segundo livro da série?

Mordo o lábio, controlando tremores.

- Quero. - admito.

Ela não consegue parar de rir.

Leo

Sara está muito gostosa naquele vestidinho curto azul. A saia desce folgada até a metade de suas coxas modestas e o decote está suficientemente preenchido. Estou certo que a encarei por tempo demais porque ela me entrega sorrisos com a eficiência de um bom delivery. A cada dez minutos ou meu dinheiro de volta.

Esfrego as têmporas e viro a dose de uísque.

Sara deve imaginar que suas insistentes sugestões de interesse devem - finalmente - estar gerando frutos.

Sara não deve imaginar, no entanto, que meu verdadeiro problema é a abstinência sexual imposta por uma morena que sequer sabe minha cor favorita.

Não que Sara saiba... ela está desatualizada, vide o vestido azul que - mais uma vez - foi a escolha da noite.

Agora, minha cor favorita é verde. Um tom bem específico de verde que me provoca as duas vezes na semana que faço questão de vê-la, e todas as noites em meus sonhos, que tem ficado cada vez mais eróticos.

Ontem mesmo, estávamos espalhados em seu sofá, sozinhos em uma casa escura, experimentando o sabor dos mamilos um do outro. Em meus sonhos, é claro.

Na vida real, última vez que vi Mia ela estava perfeitamente vestida, sob eterna vigília de sua avó, amigos ou - o pior dos meus supervisores - seu irmão mais velho.

Mesmo quando estávamos sozinhos, era tudo tão inocente que toda vez que me despedia para partir, sempre esperava que um Teletubbie pulasse de trás da estante anunciando a hora de dar tchau. Eu estava fodido de todos os modos, menos do que gostaria.

Mas, por Deus, eu estava apaixonado.

Seis meses ladeira acima e eu estava mais enlouquecidamente aos pés de Amélia do que estive no dia que me abraçou pela primeira vez. Sabe quando teu cachorro te vê segurando a coleira de passeio e imediatamente enlouquece de alegria? Era eu sendo possuído por palpitações assim que me aproximava de sua cidade. Adestrado como um animal obediente.

Estar apaixonado destrói a dignidade de um homem mais que qualquer coisa na vida, por um motivo muito simples: ele *não se importa* de perder a dignidade.

Se Mia escolhesse algum apelido estúpido e degradante, eu adoraria ouvi-lo, sempre que me chamasse no timbre doce de sua voz.

Se Mia decidisse que preferia homens com menos músculos, eu abandonaria a academia.

Se Mia decidisse que eu precisava usar camisas mais estampadas, com unicórnios e bob esponjas, eu ia fazer o pedido online porque não sei se conheço alguma loja física que venda as iguarias para adultos.

Entendo as pessoas que ficam descrentes diante da paixão alheia. Diogo com certeza ficou.

Ele não me entregou nos primeiros dias porque - acredito - estava esperando a melhor oportunidade para me causar o maior estrago. Depois que Mia me submeteu a dieta erótica, no entanto, o jogo mudou e Diogo passou a adorar meu sofrimento que, sem dúvidas, era visível; e se tornou o maior

guardião do meu segredo.

Ele duvidou que eu durasse uma semana.

Até aqui, durei vinte e quatro.

Claro que toda vez que eu sento naquela porra de lanchonete, fico pensando no gosto da maionese nos peitos de Mia, lambidos direto dos seus biquinhos. Mas eu respiro fundo e bato uma punheta furiosa assim que chego em casa.

Tem funcionado.

Não vai funcionar para sempre.

E aí eu não sei o que caralho eu vou fazer.

Mia é o tipo de mulher com quem eu casaria, mas... fazer isso só para poder experimentar sua boceta me parece um motivo...

Bem, agora que eu parei pra pensar, me parece um motivo maravilhoso, na verdade. Preciso comprar as alianças hoje mesmo.

Coço minha cabeça com violência, bagunçando meus cabelos comportados.

- Vai comer a Sara hoje, Malabarista?

Respiro fundo.

- Ficou louco?

- Ce ta olhando pra ela como se estivesse com fome.

É... "fome" parecia a palavra certa.

Não obrigatoriamente "fome de Sara", é claro. Mas "fome" com certeza.

- Matheus, por que você não vai ficar com a mina que a mãe arranjou pra você e me deixa em paz?

- Como se ela fosse aparecer. - gargalha - Essa mina foge de mim mais do que fujo dela, Deus abençoe. Além do mais, hoje, a noite é da Heloísa. Se ela ver alguém se divertindo sem ser por causa dela, vai ter um ataque. Quanto você acha que ela gastou nessa festa? - Matheus inspeciona os arredores do evento para trezentos convidados, organizado para comemorar mais um ano de vida de nossa irmã do meio.

- Não preciso achar. Eu sei. - gesticulo para o garçom completar minha dose.

- Ai. O suficiente para alimentar um vilarejo?

- Mais. E amanhã vai ser pior.

Os aniversários de Heloísa sempre eram eventos para o fim de semana inteiro. Normalmente, eu adorava ficar preso em um resort afastado da cidade, cercado por suas amigas deliciosas, mas... dessa vez...

Preciso dizer?

Cocei minha cabeça, de novo. Com violência, de novo.

- Nunca me contou se comeu a mina. - Matheus encara meu comportamento estranho - A dos livros.

Engulo em seco.

- Comi. - minto, não querendo me demorar nesse assunto - Deu um trabalho do cacete. - resmungo sozinho.

Meu irmão caçula abana a cabeça como se estivesse compadecido de minha dor.

- E ainda está com ela?

O que responder?

Mordo o a língua.

- Não. Você me conhece. - sou de ombros - E não vai fazer graça de mim? - questiono. Não era típico dele perder a oportunidade.

Mas apenas dá de ombros.

- Acho que simpatizo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Simpatiza? - viro-me com um sorriso estampado na cara - Endoidou por alguma mulher, Theu?

Ele me oferece um sorriso amarelo padrão para idiotas e apaixonados.

Meu irmãozinho está bem fodido também, que lindo.

- Vai me contar os detalhes?

- É uma longa história. - promete, observando por cima do meu ombro - E nosso tempo acabou.

- E aí, chefe? - a mão de Fernando pesa em meu ombro.

Detesto quando ele me chama assim. É como uma provocação azeda, um pedido para que eu reclame apenas para que ele possa começar uma briga.

- Fernando. - aperto sua mão antes de assisti-lo enlaçar Matheus pelo pescoço para lhe bagunçar os cabelos. Theu não parece muito feliz, mas aceita a interação para - assim como eu - não precisar começar uma discussão.

- Qual o assunto?

- Faculdade. - Matheus acena. A mentira é descarada e o papo morre imediatamente. Fernando sabe que não é o irmão favorito de ninguém. Nem mesmo de Heloísa, que vive em seu mundo particular e acho que nunca recebeu a circular informando que tinha mais gente na família fora ela.

- Cadê a Tati? Ainda não a vi hoje. Está bem? - sigo, educado.

- Ahn. - torce o nariz - Tá ótima. Como sempre.

Fernando acaba sendo o mais baixo de nós, mas é quase idêntico a mim em muitos dos traços. Se ele fosse um ator, eu poderia ser seu dublê. Essa ideia o encantaria profundamente, inclusive. O mesmo nariz reto, os mesmos lábios desenhados, o mesmo queixo quadrado, o mesmo tom de azul nos olhos. Em minha defesa, sou mais alto, mais forte e as pequenas diferenças em nossos rostos e portes faz de mim um pouco mais másculo.

Outra diferença comum entre nós é a barba. Gosto de manter a minha mal feita, por causa do seu efeito positivo em calcinhas, enquanto Fernando faz a sua religiosamente.

Essa diferença, no entanto, não existe mais, porque Mia decidiu que não gostava de barbas e... já conversamos sobre isso, não foi?

- Quero falar com você sobre essa nova separação de departamentos. - enfia o indicador no meu peito e Matheus arregala os olhos pra mim.

- Fernando, já está feito.

- Não é uma boa ideia, Leo. Vai dar merda e vou te explicar como...

Você já revirou os olhos internamente? Naquelas ocasiões que você sabe que, se revirá-los de modo evidente vai causar toda uma comoção que preferia evitar, mas, ao mesmo tempo, a situação é ridícula demais para se conter? Aí você encara o chão meio discretamente e tenta não enfiar os olhos na nuca?

É isso que estou fazendo agora.

Fernando não tem como me explicar nada que uma equipe inteira de contadores com trinta anos de experiência, mestrado e doutorado, não consigam. E essa equipe definiu a separação de departamentos. Fernando não sabia do que estava falando, gostava de fingir que sim.

Eu tolerava suas divagações na maior parte das vezes, se por mais nada, apenas para que não se sentisse excluído. Mas eu estava há vinte e quatro semanas sem enfiar a mão no pacote de biscoito e "paciência" é uma coisa que era pouca e se acabou.

- Cara, não é hora para conversar sobre isso. - interrompo - Se você acha que a decisão não foi boa, fala com a equipe de contabilidade ou com o pai. Eu não vou resolver e, mesmo que pudesse, não teria como fazer

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

agora.

- O pai disse que a decisão é sua. - recita as palavras em um tom de deboche.

O pai é um covarde que não consegue te encarar e dizer "não" porque te mimou a vida inteira.

Aí joga a galinha pulando pra cima de mim.

Essa coisa de ser o filho favorito tem se provado um presente de grego do caralho. Será que dá pra devolver?

- Bem, minha decisão vai ser seguir a galera da contabilidade. Então, se discorda, se resolva com eles na segunda, tá bem? - enfio as mãos nos bolsos.

- Tudo bem. - estala a língua - Mas quando eles perceberem a merda que fizeram, eu vou levar tudo direto pro pai. Não pra você, entendeu?

- Entendi. - encaro o chão, orando para que ele se cale.

- Fernando, deixa o pai em paz. - Matheus interfere - Se ele disse que o Leo ia resolver, o Leo vai resolver. Deve ser por causa dessas suas criancices que ele tá querendo se aposentar mais cedo.

Arregalo os olhos em pânico.

Ai, Theu, cala a boca!

Não posso culpar meu irmão caçula: ele não sabia dos acontecimentos da semana anterior.

O pai tinha deixado para contar para ele e pra Helô depois da festa de aniversário.

Engulo em seco e percebo que meu copo está vazio.

Fernando ruma a resposta por tempo demais e eu não sei para onde olhar.

Matheus já percebeu que falou besteira, mas ainda não entendeu por quê.

- É. E que bela aposentadoria, não é, Leo? - sua mão pesa em meu ombro mais uma vez, palavras carregadas de desprezo e desdém - Mas será que o velho decidiu se aposentar por causa da minha... como foi que você disse? - estreita os olhos - *Criancice?* Ou será que decidiu passar a coroa adiante por causa das maquinacões traiçoeiras de um certo príncipe Hamlet aqui? - ele faz um tom jocoso para sugerir boa brincadeira entre irmãos, mas aponta para mim com fúria nos gestos.

- Reunião dos irmãos! - Heloísa se joga sobre nós, puxando o celular para mais uma de suas infinitas *selfies*. Ela virou uma... como é que ela chama, meu Deus? Influenciadora digital, eu acho.

Não sei o que significa, mas sei que tira muitas fotos e as entope de legendas falsas.

Seus cabelos escuros fazem cachos folgados e majestosos, caindo pelo seu vestido perolado de alguma marca impronunciável. O vestido me faz sorrir da inocência de Matheus porque *só o valor dessa peça* já dava pra alimentar o vilarejo inteiro. Seus olhos imitavam os meus e os de Fernando. As três cópias de papai, enquanto Matheus era filhinho de mamãe até no sentido genético da coisa.

Deu seu clique glorioso de quatro irmãos sorridentes, verificou a integridade da foto, acenou satisfeita e se foi, sem olhar nenhum de nós nos olhos.

A legenda provavelmente leria "laços de sangue não se quebram, meus companheiros da vida toda!" ou algo igualmente piegas e mentiroso.

Fernando aproveita a deixa para se afastar. Não gosta de nossa presença assim como não gostamos da dele.

Assim que se vai, Matheus começa a rir.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- *Príncipe Hamlet* vindo para roubar a coroa do pai? Ele já leu o caralho da peça? Sabe quem ele seria nessa analogia? Cara, eu juro por Deus, o Fernando fica mais burro a cada vez que eu volto aqui.

- Acalme-se, Shakespeare. Você tocou na ferida.

- Que ferida?

Respiro fundo.

- O pai só ia falar sobre isso amanhã, mas... ele não está só se aposentando, quer fazer uma antecipação da herança.

- O quê?

- Quer passar adiante os bens para cada um dos filhos, logo.

- Ele pode fazer isso? - parece curioso.

- Na maior parte dos países em que temos bens, sim. Considerando o tamanho do patrimônio da família, vai ser trabalho para meses, mas... o pai quer tudo definido até o fim do semestre. Ele disse que está cansado e está na hora de passar a tocha. Mas eu acho que ele só quer assistir de primeira fila como as coisas vão ficar, enquanto ainda está vivo, para ter certeza que não vamos destruir tudo.

- A Helô com certeza vai.

- É... - coço minha cabeça. Se continuar assim, vou criar um buraco - É por isso que... - mordo o lábio. É constrangedor falar sobre isso com o Theu - O pai decidiu que...

- Que você vai ficar com a maior parte dos bens?

Ofeguei, incerto.

- É.

Ele apenas acena, compreensivo.

- Faz sentido. Alguém precisa cuidar da Heloísa e manter o Fernando sob controle. E você já é o presidente da empresa para todos os efeitos. Como ele está pensando em fazer a divisão?

- Bem... em países que permitem, ele vai passar a integralidade dos bens vinculados a OM3 pra mim e vai dividir o resto igualmente. No Brasil, pela lei atual, ele só pode dispor de metade dos bens para um único herdeiro e é isso que vai fazer. Vai me dar metade, e dividir o resto entre todos. Pelas contas dele, no fim eu devo ficar com 70% dos bens totais e 90% da OM3. Parte desses bens, na verdade, seriam da Heloísa, mas ele quer me colocar como encarregado.

- O Fernando já sabe?

- Já.

- E ele colocou um ovo ou dois? - ri.

- Cara, não ri disso.

Mas era tarde demais, ele estava rindo.

- Olha, Leo, no que me diz respeito, o pai fez uma escolha excelente.

- Sabe que se precisar de mais dinheiro eu faço a doação pra você, não é?

- Leonardo, sabe quanto é 1% de 81 bilhões? Dinheiro pra caralho.

- O pai não vai te deixar só com 1%, Matheus.

- Sabe quanto é um salário mínimo?

- Ai meu Deus, não começa a falar assim comigo também.

- Meu ponto é que a OM3 não é um reino, sabe? O Fernando vê a empresa como o parquinho dele e está com raiva porque você vai ficar com mais brinquedos. Mas essa empresa movimenta um capital que faz todo um setor funcionar. Imagina a quantidade de pessoas que depende das suas decisões para colocar comida na mesa? É uma responsabilidade que eu não quero, a Heloísa não entende e o Fernando não merece. O pai tá certo. -

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

brinda.

- Bem... Obrigado, eu acho.
- De nada. Me dê presentes caros. - pisca um olho.
- Se importa com isso, agora? - caçoo, rindo
- Sou anarquista, não monge franciscano.

Eu tinha uma resposta para o comentário engraçadinho do meu irmão, mas algo vibrou em meu bolso, atraindo minha atenção para um dos celulares em meu bolso.

Ao longo dos últimos quatro meses, eu precisei manter uma vida dupla rebuscadamente produzida, que envolvia, inclusive, um novo endereço de email e número de celular. Eu poderia ter dado meus contatos verdadeiros para Mia... o problema é que eu já estava jogado no poço, entalado até o pescoço com todas as mentiras e omissões que escolhi, por que criar um vínculo que poderia ser um problema, quando eu podia simplesmente fazer surgir um elo novo com uma simples ligação para a companhia telefônica?

Puxei os celulares.

Mia.

- Dois telefones? - Matheus estreita os olhos.
- Um profissional e um pessoal. - dou de ombros.
- Ergo o indicador, pedindo licença.

- Linda? - chamo, baixinho, assim que estou longe o suficiente de ouvidos conhecidos.

- Leo! - sua voz animada faz meu coração derreter *todo cacete de vez* - Tem certeza que não consegue vir esse fim de semana? - tem um dengo estranho em sua voz.

Mia nunca foi do tipo insistente ou cheia de cobranças. Acho que sua genuína inocência sequer consegue conceber traição, o que é espetacularmente curioso já que - ela mesma - já foi traída. Então, sua pergunta indica que existe algo ali.

- Não, linda. Eu queria muito. - *maldita Heloísa e seus aniversários prolongados.* - Mas preciso trabalhar. O que houve?

- Ah. - ela soa desapontada - Se mudar de ideia, vamos para a praia! Me liga e tenta aparecer por lá? Se conseguir? Eu te passo o endereço do...

Eu não estou ouvindo.

Ela vai pra praia?

No fim de semana?

Com quem, Amélia?

- Mia... - chamo, interrompendo seu discurso - Você vai com o Guga? - tem um tremor na base da minha garganta, implorando que ela diga que "sim".

- Não! Ele e a Isa estão brigando... de novo. Eu juro por Deus! Não sei o que o Gustavo vê naquela garota.

Ele vê uma bunda deliciosa.

Porque a Mia é gostosa, mas a Isadora... Sangue de Cristo, parabéns, viu Gustavo?

- E você vai com quem, linda?

- Ah! Eu e a Estela vamos pegar carona com o Heitor e uns amigos. Tem um monte de gente da época da escola indo acampar lá. A previsão do tempo tá dizendo que o fim de semana vai ser lindo.

- Hmhum. - eu não consigo sequer entreabrir os lábios para emitir palavras.

- Eu e Estela fomos em São Cristovão hoje de tarde, compramos uma

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

barraca e uns biquínis. Acho que a gente deve dividir. A barraca, não os biquínis! - ela ri.

- Hmhum. - eu repito, estou lívido e azedo.

Mia de biquíni, na praia, com o Heitor. E eu preso aqui, esperando um aniversário interminável e uma revelação paterna de divisão de bens.

- Talvez a gente fique na casa do amigo do Heitor, hoje de noite. Porque o resto do pessoal só deve chegar no sábado.

- Vocês vão hoje? Mia, pegar estrada de noite não é...

- Já estamos chegando. Paramos pra abastecer.

- Ah. - sibilo - Mia, o Gustavo tá sabendo desse plano?

- Sabe.

- Ele conhece esse amigo do Heitor?

Veja bem.

Eu nunca fui do tipo ciumento que precisa saber quem são as companhias da mulher que está comigo.

Mas quando Deus estava distribuindo a habilidade saudável de suspeitar das intenções alheias, Amélia se distraiu com borboletas e esqueceu de entrar na fila.

Então...

- Conhece! Eles trabalham juntos!

- E você vai dormir na casa dele? Você e a Estela? Com o Heitor e um amigo? E o Gustavo não disse nada?

- Leo, quando você fala desse jeito parece que a gente vai dormir *juntos*. - diverte-se - A casa tem dois quartos. Vou ficar em um deles com a Estela. O resto do pessoal chega amanhã de manhã.

O resto do pessoal vai chegar *nunca*.

Não tem *resto do pessoal*.

- Hmhum. - mordo meu lábio.

- Leo, não é assim. - promete - O Heitor sabe que eu to namorando! Foi só por isso que aceitei vir dessa vez!

A lógica de Mia é mesmo uma coisa preciosa.

Apesar de amar praias mais que a vida, quando estava solteira, nunca aceitava o convite de Heitor porque não queria magoá-lo ao lhe dar esperanças.

Quando está namorando, no entanto, vai embora para o pôr-do-sol com um cara que é - claramente - a fim dela, porque acha que ele vai respeitar o voto implícito de compromisso entre ela e outra pessoa.

Juro por Deus, fosse outra mulher, eu ia ter certeza que estava me provocando com ciúmes.

O problema é que... mesmo se estivesse me provocando, que autoridade eu teria para julgá-la? Eu, que escondia uma família, uma vida e um emprego da mulher por quem me apaixonei?

Uma ida a praia com uma porção de amigos era um grão de areia se comparado ao meu aterro.

- Me diz o endereço? - esfrego os olhos - Vou tentar passar aí.

Ela emite um gemido feliz e eu sorrio, mas apenas um pouco.

- Promete que vai tentar?

- Prometo.

Ela desliga com a promessa de enviar o endereço por mensagem, mas eu ainda estou agarrado ao aparelho, procurando um contato específico para despejar minha amargura.

- Alô. - a voz do outro lado é grave e mal humorada.

- Então, você não gosta que eu cruze a porta da sua casa, mas Mia viajar com o Heitor tá tudo bem? - reclamo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Não preciso justificar minhas ações pra você. Nem minha irmã.
- Não, não precisam. Mas você sabe melhor do que ninguém como a Mia é... Heitor vai se aproveitar disso.
- O Heitor é honesto e decente. Ao contrário de certas pessoas...
Esfrego os olhos com força.
- Gustavo, qual teu problema comigo?
- Não tenho um só, mas posso citar uns exemplos.
- Olha, me detesta o tanto que você quiser. Mas esse papo da Mia ficar em uma casa de praia, só ela e a Estela, com o Heitor e um amigo... você acha mesmo que não tem malícia nessa história? Me diz que você acha, de verdade, que o Heitor não tá criando uma oportunidade, e eu vou acreditar em você.
- Não tem malícia! Eles estão indo com um monte de amigos.
- Não, não. - corrijo - Os "amigos", se é que existem... só vão chegar amanhã. Mia e Estela já estão na casa do cara desde hoje de noite. Só as duas.
- Mia disse que os amigos iriam!
- Sim. Porque a Mia *nunca se engana ou confia cegamente das informações dos outros*.
Eu sinto Gustavo, do outro lado, hesitando.
- Gustavo, por favor, me diz que você conhece esses caras.
- O amigo do Heitor trabalha lá na fábrica.
- Mas você *conhece* ele?
Gustavo não responde.
Putá que pariu.
- Ótimo. Então, Mia tá sozinha na casa de um cara que ninguém conhece direito, a não ser o Heitor, que foi quem levou ela pra lá.
- Os caras são gente boa, Leonardo. Relaxa. Você não é dono da minha irmã e eu também não. Ela faz o que quiser.
- Não é questão de ser dono, Gustavo! - rosno - É questão de suspeitar dessas situações, porque a Mia é...
Ele desliga na minha cara.
Meu humor desaparece. A carranca em meu rosto vai ser algo difícil de afastar.
- Foi pessoal ou profissional? - não notei a aproximação de Matheus.
- Ahm... pessoal. - gaguejo.
- Problemas?
- Sempre. - resmungo.
- Seu telefone "pessoal" é para mulheres, não é? - ri - Porque a família inteira tá aqui nessa festa.
Não estou interessado no que ele diz.
- Matheus? - chamo - Você já mentiu para alguém sobre quanto dinheiro a gente tem?
- A gente precisa mentir sobre isso? - ri.
- Não para "mais". Para... "menos".
Ele engole em seco.
Eu repito.
- Você já disse para alguém, para alguma... mulher... que tinha menos dinheiro do que tem?
Matheus acena devagar.
- Não sei se *expressamente*. Mas já as deixei imaginar isso. Sim.
- Por quê?
- Você sabe por quê.

- E como fez para contar a verdade, depois?
- Leo, nós não estamos falando hipoteticamente, não é? O que está acontecendo, cara?
Viro o que resta de minha bebida.
- Preciso sair daqui, Theu. - murmuro - É isso que está acontecendo.

Mia

Homens são barulhentos.
Heitor e Luis entram na casa falando alto, abrindo as primeiras cervejas e levando a carne direto para a churrasqueira nos fundos, enquanto empurram um ao outro com murros fraternais e provocações infantis. É curioso assisti-los. Como acompanhar um animal selvagem no habitat natural.
Estela solta a mochila sobre o sofá na sala e olha ao redor.
- Cadê o resto do pessoal? - murmura, baixinho, inspecionando as conversas masculinas no quintal dos fundos.
- Que resto do pessoal?
- Você disse que a galera toda ia vir. - ela mantém os olhos muito abertos.
- Ah! Eles chegam amanhã de manhã! Você achou que ia dormir todo mundo na casa do Luis?
- Eu achei que a gente ia acampar na praia! Ou no quintal dele, eu sei lá.
- Vamos fazer isso amanhã de noite. Hoje, como é só a gente, ele tem um quarto. - explico.
Estela está em silêncio.
Espera algo.
Começa a me deixar constrangida.
- O que foi? - reclamo, finalmente.
- Você é inacreditável.
- Por quê?
- Isso é um encontro. - sussurra, me dando um tapa nos braços. Abre um sorriso imenso e sapeca, buscando os meninos no fundo - Tô supondo que o Luis é meu? - sua língua escapa rapidamente para cobrir o lábio inferior.
- É o quê?
- Você acabou com o Leo? Ficou eriçada por causa dos livros e não conseguiu aguentar?
- Não, não acabei com o Leo! Ficou louca?
- Não, mas você tem devorado eróticos como se fosse refeição única. Já leu quantos da segunda pra cá? Um por dia?
Um por dia parece certo. No mínimo.
Eu estava viciada. Essas escritoras deveriam ser consideradas criminosas. Bando de mulheres horríveis que vieram para destruir minha paz. Eu não conseguia parar de ler.
O pior eram os sonhos.
Meu Deus.
Os sonhos.

- Não é nada disso. - minto, mas não a engano.
- Por que marcou o encontro com o Heitor, então?
- Oh, Estela, não é um encontro! O pessoal está chegando.
- *Amanhã*. E você aceitou vir *hoje*. - ergue as sobrancelhas, sugestiva. O que, no entanto, ela está sugerindo é algo que fica para a imaginação.
- Aceitei vir hoje porque eles vinham hoje e era nossa carona. - explico.
- Ai, Amélia! - ela revira os olhos - Um dia você precisa me levar pra conhecer seu planeta. Vou virar Imperatriz em uma semana.
- O Heitor sabe que eu estou namorando. Ele disse que eu podia convidar o Leo, inclusive!
- É. E cadê o Leo? - lembra - Eu sei que você é louca por ele, mas o Heitor sabe que, se ele resolver concorrer, tem chance de ganhar.
- Eu não sinto mais nada pelo Heitor. - sussurro - Você sabe.
- Eu sei. Mas ele não sabe. Só o que ele sabe é que vocês dois já namoraram, acabaram por besteira e que agora, depois de Eras, você finalmente aceitou vir pra praia com ele, *sozinha*, com um casal de amigos.
- E você e o Luis são um casal?
- Em breve, meu bem. - ela desataca os primeiros dois botões da blusa.
- Existe algum homem sobre a Terra que você *não* queira?
- O seu irmão. - dá de ombros.
- Amham.
- É sério. Muito complicado. Chega.
- Ei! Se perderam? - Heitor volta para nos buscar. Toma-me em um abraço fraternal, guiando-nos para a porta dos fundos.
Estela ri como se eu não tivesse salvação.
A partir daí a coisa se desenrola *nada* como eu imaginei.
Se não era um encontro antes, Estela fez questão de mudar os termos da equação. Estava transformando o papo a quatro em um a dois com uma frequência tão grande que, da última vez que nos excluiu para focar sua atenção em Luis, eu e Heitor nos entreolhamos, confidentes, rindo de seu comportamento perceptível. Tocava Luis mais que sino em coleira de gato e ele devia estar achando que ainda não era o bastante porque, em um momento, simplesmente irritou-se com a distância e arrastou sua cadeira para colá-la na dela.
Foi aí que eu desisti da minha amiga: inclinada na direção de Luis, era só sorrisos e toques e promessas. Ele devolvia em perfeita intensidade, encontraram-se, bom para eles.
Eu e Heitor, por outro lado, éramos uma operação completamente diferente.
Uma conversa gentil e educada entre amigos, sem quaisquer segundas intenções, apesar da incredulidade alheia.
- A sua vó tá legal? - pergunta, oferecendo-me uma porção de carnes.
- Ótima. Por quê?
- Passei na frente da loja essa semana, esteve fechada uma porção de dias.
- Ah! - rio - Namorado novo é mineiro.
- Como ela conheceu um mineiro? - diverte-se.
- Lembra como ela detestava tecnologia?
- Claro.
- Descobriu um site de relacionamentos e agora não detesta mais.

Heitor ri alto.

- E é seguro? Vocês conhecem o cara?

- Ele veio passar uns dias com ela. Deu tudo certo. E você conhece a vovó: o Gustavo todo estressado e ela só diz que está velha demais para "não viver", por preocupação de algo dar errado.

- Uma boa filosofia de vida. Gustavo deve enlouquecer.

- É. E ela já está com vários outros pretendentes. - estou rindo, também.

- Não é difícil acreditar. - murmura - Os encantos das mulheres Sampaio. - seu olhar não é sugestivo... é *incriminador*.

Porque quando eu percebo segundas intenções, é sinal que elas já viraram *primeiras*.

Heitor ergue sua cadeira, aproximando-se da minha.

- Já que eles nos excluíram. - brinca - Vamos excluí-los também.

Nossa distância anterior era perfeitamente adequada. A que ele impôs agora, por sua vez, faz com que seja impossível me mover sem esbarrar nele de algum modo.

Minha dúvida faz o assunto gentil se transformar em inexistente e quando alguém sugere que está na hora de dormir, confesso que fico aliviada.

O Diabo, no entanto, é aquela coisinha miúda que mora nos detalhes e eu demoro pra perceber que os arranjos para a noite foram drasticamente reorganizados para suprir os interesses amorosos de Luis e Estela.

Estou subindo as escadas quando Heitor toma minha mão em uma carícia inconfundível, antes de achar que eu preciso ser guiada pela cintura. Desvencilho-me de seu toque com educação e grudo em minha amiga traíra.

- Você não vai me deixar sozinha. - seguro seu braço quando nos enfiamos no banheiro. Eu com um pijama, ela com... *meu Deus*, eu não vou nem tentar adivinhar o que é isso que Estela tem nas mãos.

- Claro que vou! Você quer assistir?

- Estela! Por favor, não me deixa sozinha!

- Ah, mas eu não estou te deixando sozinha. - seu tom diabólico deixa claro que eu não vou gostar do que virá a seguir - Estou te deixando com o Heitor. Achei que você tinha deixado claro que está namorando e que não é um encontro e etc, etc. Não foi?

- Eu posso ter me enganado. - sussurro urgente.

- Amiga, eu te amo, mas você se engana o tempo inteiro.

- Toda vez que você diz que me ama, me ofende logo em seguida.

- É porque eu te amo, mas você merece. - sorri.

- Estela! - rosno, com os dentes cerrados.

- Amélia, você tá me devendo! Por favor, amiga! Você não se coça porque não quer, mas eu to na privação não-voluntária há dois meses, me ajuda!

- Não me coço? - aí eu entendo a analogia. Tarde demais porque Estela está me encarando, me julgando e segurando a risada.

Ela vai embora para o quarto de Luis e eu fico sozinha com pensamentos desagradáveis e uma perspectiva pior ainda.

Já peguei tudo que preciso quando Heitor entra no quarto, sem camisa.

Eu culpo Estela e seus livros malditos pela necessidade que tive de me demorar em seu peito dourado. Passo a língua no lábio inferior, tentando controlar a timidez.

- Parece que sobramos nós dois. - sorri.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- É. - eu passo por ele segurando meu travesseiro e uma porção de lençóis - Belos amigos, han?

A confusão fica explícita em seu rosto quando me segue para a sala.

- Mia? O que está fazendo?

- Vou dormir no sofá. - explico - Vocês já foram gentis de dar carona pra gente e tal. Não posso roubar sua cama.

- Mia. - ele coça a cabeça. É adorável - Olha, não precisa disso. Somos bem grandinhos e perfeitamente capazes de ficar cada um do seu lado da cama.

- Heitor...

- Mia, por favor. - toma minhas mãos com um sorriso - Não vou te deixar dormir no sofá. E parece que você está determinada a fazer o mesmo por mim. Nada demais. - promete - Você me conhece há uma eternidade. - está perto. Por que está tão perto? - Sabe que eu não tentaria nada que você não quisesse.

Tiro minhas mãos das suas apenas para percebê-lo tomando minha cintura.

- Heitor, eu tenho namorado. - lembro.

As palavras não parecem surtir muito efeito.

- Não preciso de motivo pra te respeitar, você sabe.

- Não é isso que estou dizendo. - passo o polegar em minha testa, encaro o chão porque não sei para onde olhar e seu peito, nu e musculoso, está perto demais - Estou dizendo que não estou interessada em *nada*. - suspiro - Com *ninguém*. Porque já estou com a pessoa que gosto.

- Eu entendi.

- Entendeu? - pergunto, com carinho - Não parece ter entendido.

- Mia, eu não fiz...

- Heitor. - peço - Você sabe do que eu *to* falando. Eu ter vindo dessa vez foi só uma diversão entre amigos. Nunca teria vindo se soubesse que podia te dar esperanças de qualquer coisa, você sabe disso. Eu tô com o Leo.

Ele solta minha cintura e suspira como se desdenhasse de minhas palavras.

- Com o Leo? O cara que você mal conhece? Que te vê *quando dá*? Sério, Mia?

- Eu conheço o Leo bem o suficiente.

- Ah é?

- No último ano, conversei mais com ele do que com qualquer outra pessoa na minha vida, fora a Estela.

- E acha que dá pra conhecer alguém só pela conversa?

- Acho. Não preciso de CPF e comprovante de residência como você e o Gustavo.

- Confia em um cara só pelo papo?

- Ah, porque estou mais segura confiando em você? O cara que eu conheço há anos, mas que me traz para uma casa de praia com segundas intenções, mesmo quando eu já deixei claro em que página estou?

Ele hesita.

- Eu confio em você. - aviso - Sei que não ia tentar nada desde que eu dissesse que não quero. E estou dizendo que não quero, Heitor. Vou dormir no sofá. E você vai deixar. - digo devagar.

Ele se afasta dois passos.

Depois três.

Acho que ia dizer algo.

Mas a campainha toca interrompendo suas palavras e meus

pensamentos.

Leo

Olha, eu to tentando - com muito empenho - não ser o tipo de namorado merda que surta de ciúmes.

Amélia é uma mulher adulta que pode fazer com a própria vida o que bem entender.

Mas quando Heitor abriu aquela porra daquela porta sem camisa, e eu vi Mia atrás dele usando nada além de um shortinho de pijama e uma camiseta folgada com um sutiã timidamente aparecendo, eu tive vontade de fazer um escândalo.

Nunca na minha vida passei por uma provação que exigisse tanto autocontrole de minha parte.

Encaro Heitor com fogo nos olhos e minha boca amarga está bem prontinha para fazer comentários vis de toda sorte.

Mas aí é a merda que acomete os apaixonados e ninguém mais.

A mulher que é a fonte de toda minha alegria e todo meu desespero está bem ali atrás. E quando ela sorri pra mim - uma porra de um sorriso deslumbrante desse que mostra todos os dentes e todas as emoções - enlaçando meu pescoço em um aperto gostoso, fazendo-me ainda mais ciente que ela usa nada além do shortinho e a camiseta... é aí que eu perco as forças de reclamar sobre qualquer coisa.

Passo o braço em sua cintura, prendendo seu corpo bem perto do meu.

Ainda não voltei a respirar, mas farei isso assim que Heitor se afastar.

- Você veio! - pega meu rosto entre as mãos e eu esqueço que Heitor existe - Achei que tinha que trabalhar.

- E tenho. - encosto-me em seu nariz - Vou precisar sair cedo, amanhã. Mas dei um jeitinho.

Ela sorri e me beija, satisfeita.

A saliva de Mia tem um gosto diferente. Eu juro, parece água quando você está com muita sede. Aquele gosto refrescante que te faz conseguir viver em paz.

É o jeito súbito como se afasta que me garante que há algo errado. Olha ao redor procurando Heitor, trocando palavras que não precisam ser ditas.

- É. - ele concorda, sombrio, com uma pergunta que não foi verbalizada - Desculpa, Leonardo. - sua mandíbula se enrijece, antipático - Disse pra Mia te convidar quando tínhamos lugar suficiente para todos.

- Lugar suficiente? - só então vejo os cobertores e travesseiro sobre o sofá.

- A Estela e o Luis meio que ocuparam um dos quartos. - ela me explica.

Olho de Amélia para Heitor.

Quero perguntar "tá, e isso significa que você ia dormir onde?". Ou talvez eu queira gritar essa pergunta. Na cara dele. É. É isso que eu quero.

- Eu ia dormir no sofá. - Mia continua.

- Não ia deixá-la dormir no sofá. - Heitor revira os olhos.

Sou como um crocodilo encarando seu movimento escorregadio.

Não, não ia. Ia insistir que ela dormisse na cama.

A questão é: sozinha ou com você?

- De todo modo, só temos dois lugares. - Heitor acena, seu sorriso não tem qualquer emoção fora asco - Então...

- A barraca! - Mia agita-se - A gente pode acampar no quintal. - brinca - O que acha?

Enfiado em um espacinho pequeno com Amélia a noite toda. Eu não ia dormir, mas ia ser maravilhoso.

- Parece ótimo. - aceito.

- Espera. - ela faz menção de correr, avançando pelo corredor para buscar o que precisa, quando Heitor interrompe seu movimento. Segura seu braço com autoridade e eu quero tanto enfiar minha mão na sua cara.

Dei um passo a frente para exigir que ele a solte.

- Não precisa. - murmura, incomodado - Olha... - respira fundo e desiste - Dorme no quarto com ele. Eu fico com o sofá.

- Não, Heitor. - começa - De verdade, eu...

- Mia, vocês são dois. Eu sou um. Relaxa. Eu fico no sofá. - garante.

Ela toca seu braço com gratidão e eu preferia que ele tivesse criado caso, para que Mia pudesse vê-lo miúdo e mesquinho. Talvez eu é que esteja sendo miúdo e mesquinho.

O toque gentil em minha mão nos conduz pelo corredor depois de desejarmos boa noite ao hóspede do sofá. Sorrio para ele, tentando parecer agradecido, mas tenho dificuldade em esconder minha antipatia.

A porta que Mia fecha atrás de nós, no entanto, é uma barreira mágica de madeira que nos separa em absoluto de toda a realidade lá fora, enclausurando-nos no quarto pequeno que guarda pouco mais que uma cama de casal. Enfio as mãos nos bolsos e, superado o Problema Heitor, começo a encarar o Problema E Agora?

- Já que tem que acordar cedo, talvez a gente devesse ir dormir ou oh! Você está com fome? - lembra-se de repente.

- Não, obrigado. Estou bem. - sorrio.

Ela está perto e tímida. Escorrego os dedos pela linha do seu queixo, trazendo-a para mim.

É engraçado que as pessoas dizem que "amor" é uma coisa que mora no coração, como se fosse uma energia que abre suas costelas e se enfia no peito. Eu discordo. Acho que "amor", se ele precisa *ficar* em alguma parte do corpo, é na boca que se esconde. Uma emoção habitando entre os lábios, forçando-os a se curvar em paz sempre que ela se aproxima, porque essa é minha verdade: quanto mais perto Mia está, mais impossível é impedir meu sorriso.

Minha intenção era um beijo breve e carinhoso, mas a mulher em meus braços tinha planos diferentes e no dia que eu recusar a língua de Mia na minha, pode mandar me enterrar, porque estou morto. Rápido demais, nosso carinho se intensifica em vontade. Suas mãos agarram-se aos meus cabelos, guiando minha boca a sua mercê. Quando seus dedos longos descem para minha camisa, experimentando meu peito, por um instante acho que ela pretende arrancá-la para ter-me nu... mas logo os dedos voltam aos cabelos e eu estou bem frustrado, já que estamos sendo sinceros. As mãos de Amélia em meu peito nu era basicamente o que eu pretendia pedir a Papai Noel de qualquer modo, e eu nunca fui de recusar presentes, principalmente quando eles chegam adiantados.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Esse, no entanto, não veio. E eu fiquei só na fome, como era de praxe.

Agarro sua cintura, como vingança, e ela sequer hesita. Deixa o beijo durar até a respiração pesar entre nossas bocas, então solta-me, encarando o chão com os olhos semicerrados, indecisa entre o desejo e a prudência.

Ainda me acaricia a nuca com o polegar quando afasta-se, sugerindo um sono que eu demoraria a acreditar ser real. Beijo sua bochecha antes de deixá-la a ir. Já está sentada na cama quando eu aponto para minha camisa.

- Você se importa?

Juro que não tem safadeza na minha pergunta.

Nem uma gota.

É só uma questão pragmática.

Mas o olhar arregalado de Mia e sua respiração irregular sugerem que, pela primeira vez, talvez a inocência que sobre em mim, falte nela.

Acena, liberando-me, mas não se permite dizer as palavras.

- Tem certeza? - seu comportamento errático me força a pedir confirmação.

- Umhum. - acena, baixinho. Não me olha.

Desfaço-me da camisa e sento em uma cadeira estreita para fazer o mesmo com meus sapatos e meias. Quando coloco-me de pé, Mia desvia o olhar, veloz.

Estava me observando.

O sorriso está ali de novo. Em mim, apenas. Porque nela, só se vê a vermelhidão das bochechas evidenciando a vergonha de um jeito quente, difícil de esfriar.

Não deitou. Ao invés disso, apenas recostou-se contra a cabeceira da cama, apoiando-se no travesseiro. Estava sob o lençol, mas as mãos permaneciam sobre ele, repousando em seu colo. Retorcia os dedos compulsivamente, como se fossem pedaços longos de papel.

- Mia? - chamo devagar - Você tá legal?

- Hm? To. - acena com um sorriso estranho - Foi bom que você tenha vindo.

Não me olha diretamente. É a primeira vez que me vê sem camisa e eu estou contando os dias para que decida retribuir o favor. Talvez eu fique tão perdido quanto ela. Ou mais.

Inspiro fundo e me preparo para contar uma anedota ou algo que o valha, qualquer coisa para aliviar o clima tenso criado pela nudez e o confinamento sobre a mesma cama. Mas meu plano é grotescamente interrompido pelo som erótico que emana das paredes.

Não tem nada na vida que seja inconfundível como um gemido de sexo. Aquele arfar denso e poderoso de um sofrimento cheio de devassidão. A mulher, do outro lado da parede, está sendo atacada por um suplício certamente causado por um pau hábil que - dada a frequência de seus gemidos - devia estar se perdendo em sua carne quente com impactos vigorosos.

Sexo é o tormento que só se encontra na carne do outro, ao mesmo tempo que busca por um alívio que só a carne do outro pode dar.

Tormento e alívio esses que Mia desconhecia em absoluto.

Arregala os olhos, constrangida com os sons eróticos da amiga, e me olha pela primeira vez em algum tempo, procurando minha reação. Assumiu uma tonalidade diferente de vermelho e está prestes a entrar em desespero quando eu desato em gargalhadas abafadas. Mia hesita, encarando-me como se procurasse sinais de loucura.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Não quero fazer pouco dela ou de sua timidez.

O problema, na verdade, é que a cena inteira é risível e, em poucos segundos, Mia também percebeu isso e está rindo junto comigo.

- A Estela me paga. - ri.

- Deixa sua amiga se divertir. - peço, ainda sufocando as risadas.

- Vou dar uns murros na parede pra ver se ela percebe. - promete.

Escuto atentamente os gemidos de Estela atingirem aquele nível típico de desespero. É pouco provável que Estela sequer perceba *que está viva*, no momento... quem dirá que está fazendo barulho.

- Acho difícil ela perceber alguma coisa. - afirmo, casual - E, se perceber, não acho que vai se incomodar.

Estou rindo baseado em um bom conhecimento adquirido sobre orgasmos. Mia, no entanto, coloca os cabelos atrás da orelha e sorri como fazem os desavisados que não entenderam a piada.

Os gemidos de Estela quebraram o gelo. Meu comentário congelou tudo de volta.

Parece que leva uma eternidade para que Mia diga:

- Quando foi sua... sabe? *Primeira vez?* - murmura, discreta.

Estou sentado ao seu lado. Nossas costas contra a cabeceira, sob a trilha sonora sexual de sua amiga. A cama é suficiente para nós dois, mas estreita a ponto de fazer nossos braços colarem. Ela não se afasta ao perguntar, eu também não.

- Bem... ah... Faz um tempo. - respondo, sem jeito.

- Na adolescência? - inclina-se, procurando meus olhos, ainda cheia de vergonha.

- Isso.

O assunto é uma preliminar saborosa mas, saber que não chegaremos às vias de fato, me faz pensar que abandoná-lo de uma vez deve ser mais saudável. Para ela, talvez. Para mim, com certeza. Bolas pesadas e doloridas já são uma constância na minha vida sem ter que ouvir essa voz deliciosa de Amélia me perguntando sobre sexo.

Por outro lado... era material pra masturbação pro resto do mês.

Pensar no que eu faria com você, gostosa. Em como arrancaria esse teu pijaminha e te faria gritar mais alto que Estela. Pra você entender como é.

O dia que ela ficasse nua na minha frente... meu Deus... eu não sei nem que parte eu ia lamber primeiro.

Mordo minha boca.

- E já fez... quantas vezes?

Ela também morde o lábio assim que termina sua pergunta.

- Algumas. - decido.

- Mulheres diferentes? - ela parece ficar mais a vontade.

Ótimo pra ela.

Eu, por outro lado.

- Mia... - peço.

- Não estou perguntando do tipo... *namorada ciumenta*. - garante - É só... curiosidade. Prometo.

Engulo em seco.

- E então? - insiste - Mulheres diferentes?

- Mulheres diferentes. - afirmo - Algumas. - repito.

Mia acena. Não sabe o que fazer com minha resposta e volta a encarar as mãos.

Estou prestes a abraçar a ironia e fazer algum comentário estúpido sobre o clima, mas ela ainda não largou o osso.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- E você já... ahm... - engole as palavras sem mastigar.
Respiro fundo.

- Mia. - tomo sua mão e isso lhe dá coragem para me olhar nos olhos

- Pode perguntar o que quiser.

- Você já... *fez em si mesmo*? Tipo... se... *tocar*?
Solto sua mão.

Solto porque, se Mia quer falar sobre minhas masturbações é melhor que não haja toques envolvidos ou eu fico duro e aí fodeu a conversa civilizada.

- Não quis te ofender! - exclama - Desculpe se...

- Não! Não ofendeu! - prometo - Ah... Sim. Eu... já fiz.

- Hm. - observa-me.

Ela quer me perguntar com que frequência.
Quer me perguntar no que eu penso e como funciona.
Tenho certeza que quer.
Mas desiste.

Estou quase respirando aliviado, porque, na minha inocência, não percebi que ela guardava para mim algo pior.

- E já fez... *em alguma mulher*? Não sexo! - acrescenta - Já... *tocou nelas? Desse jeito*?

Estou balbuciando e vou começar a babar a qualquer segundo. Vai ser ridículo.

Estou pensando em Mia, é lógico.

Estou pensando no calor que ela deve ter entre aquelas coxas gostosas. Estou pensando na sensação de rolar seu carocinho entre os meus dedos e ouvi-la gemer.

O que será que ela geme, meu Deus?
Será que grita?
Oh, por favor, que ela grite.

- Ahm... - eu sei o que responder, mas não sei como.

Quero dizer, eu conheço as palavras, mas, por algum motivo, pareço ter desaprendido a dizê-las.

- Já. - murmuro, por fim - Já fiz... *isso*... em mulheres.

- Hm. - assente mais uma vez.

Engulo em seco.

É a típica sensação de uma prova oral. Você fica em silêncio orando a todos os Santos que conhece para que o professor escolha uma pergunta fácil na lista. Eu, infelizmente, sou o tipo de católico não praticante que só se apegua com reza brava quando precisa de ajuda pra pegar mulher. Acho que Jesus já deve ter me colocado na lista de casos perdidos e desistido de mim.

Respiro pelos lábios entreabertos e penso que talvez seja minha chance de devolver algumas perguntas, mas:

- Leo?

- Hm?

Mia gruda seus olhos verdes em minha alma e por um segundo eu temo ter feito minhas divagações sobre Jesus Cristo em voz alta.

- Por que quis ficar comigo?

- Como assim?

- Não precisa ser cuidadoso. - pede - Mas por que quis ficar comigo? Sabendo que não ia ter... *você sabe*... por um bom tempo?
Porque eu sou louco por você.
"Louco" do tipo "jogar no hospício e perder a chave".
Não percebeu ainda?

- Mia... Eu gosto de você. *Muito*.
- Eu acredito. - balança a cabeça devagar - Mas... também sei que o que eu peço não é exatamente fácil.
Não, não é.
- Me diz uma coisa? - seu olhar treme.
- Digo, claro.
- Você... ficou com outras mulheres nesses últimos meses?
- O quê?
- Todo mundo parece achar bem impossível você conseguir ser fiel e ficar sem... *sabe?*
Ah não!
Eu não passo vinte e quatro semanas de JEJUM para alguém ficar questionando minha lealdade!
- Mia! Não! Não fiquei com ninguém desde que começamos a namorar! Ninguém. De jeito nenhum.
Move o rosto. Ela acredita.
Isso não significa que eu sou convincente... a mulher na minha frente é do tipo que acreditaria em correntes de email e responderia.
- Me promete uma coisa, Leo?
- Claro. - eu nem hesito, ela sorri.
Prende a respiração, como se aquela fosse a coisa mais importante do mundo.
- Não mente pra mim. Promete? Se ficar difícil demais e você quiser ficar com outras mulheres... acaba comigo. Pode ser por mensagem! - ri, prendendo minha mão - Não tem importância, só não mente pra mim? Promete?
Meu lábio treme.
Não pelas mentiras que ela tem medo que eu conte, mas pelas que já sei que preciso contar.
- Prometo. - minto.
Ela parece satisfeita quando deita ao meu lado.
Viro-me para ela e, primeiro, só sorrimos em uma brincadeira de carícias inocentes, mas logo ela está nos meus braços, dividindo o mesmo travesseiro, deixando nossas respirações se misturarem.
Estela não para e Deus abençoe, acho que ela ainda consegue ir por horas. Tomara que seu acompanhante resista, ou logo os gemidos se transformariam em uns de frustração.
Eu e Mia trocamos risadas baixas de confidência.
Ela finalmente reúne coragem para tocar meu peito. Seus dedos estão frios e nervosos, mas ela desbrava minha pele sem recuar, traçando pequenos padrões sobre meus músculos.
Seu perfume está me deixando doido.
- Eu não sei como é. - a confissão sai tão baixo que eu mal escuto.
- O que disse?
- Não sei como é. - repete, com um ofegar tenso - Eu nunca *fiz* em mim mesma. Nunca... me... toquei.
Esquece o que eu disse sobre os dedos de Mia serem frios.
Frio sou eu.
Estou congelado.
Petrificado.
O que diabos eu respondo?
- Já tentei. - ela cora, ainda traçando seus padrões sobre mim - Mas... não sei.
Aceno, compreensivo.
Tenho medo de respirar do jeito errado e afastá-la.

Mas ao mesmo tempo, ficar mudo enquanto ela joga todos os seus segredos sobre o colchão não me parece inteligente.

- Precisa experimentar um dia. - estímulo - É... bom.

Mia se move, parece concordar, mas não fica claro. Não tira os olhos do meu peito. Sua respiração vacila e ela fecha os olhos.

- O que foi?

- Hm? Nada. - promete. Mas não abre os olhos.

- Mia. No que está pensando?

- Nada. - nem ela mesma deve acreditar nisso.

- Conta pra mim?

- Não é nada. É só... é estranho. - sua risada é baixa e aflita - É... esquisito.

- Mia. - suspiro em seu ouvido - No que está pensando?

Ela ofega, trêmula. Suas pálpebras estão muito apertadas.

- Estou pensando que... queria te lamber.

Você já viu um daqueles bonecos infláveis em posto de gasolina? É apenas um amontoado de nada até que alguém ligue seu ar e aí ele se enche de baixo para cima em um instante?

Foi exatamente isso que aconteceu com meu pau nesse segundo. Exatamente.

Encheu-se da base ao topo como se tomado por uma corrente elétrica.

Fiquei rijo e dolorido dentro das calças que começava a me arrepender de não ter tirado.

- Desculpe. - sorri, constrangida. Foge do meu olhar como se fosse o demônio. - Eu sei que é estranho...

- Mia. - puxo seu queixo para que me olhe. Agora sou eu quem tremo. Mas precisa ser dito - Pode fazer isso. - estou quase implorando - Se quiser. - acrescento.

Seu peito sobe e desce indicando o descompasso de sua respiração. Um pouco mais perto e eu sentiria seu coração batendo no meu. Ela raspa os lábios em meu queixo e fecha os olhos.

Beija meu pescoço e permite que uma das mãos escorregue para meu estômago rígido. Testa os músculos do meu abdômen como fez com os do meu peito. Mas nada de padrões singelos e comportados... Mia arranha as linhas ao redor do meu umbigo como se quisesse um pedaço do meu tanquinho pra levar pra casa.

E eu não me incomodaria, principalmente com sua boca entreaberta experimentando meu pescoço daquele jeito, descendo até a base, até atingir meu peito.

Estava buscando coragem. E, quando finalmente a encontrou, lambeu-me. Lenta. Suave. Deliciosa.

Fechei os olhos.

Era eu quem não respirava mais.

Mia me beijava o peito com provocações que envolviam cada vez mais língua e menos lábios. Não parecia capaz de saciar a vontade.

Foi por isso que me surpreendeu quando ela simplesmente parou. O nariz pressionado com força contra meu tórax, a respiração completamente fora de controle.

Agarrou meu antebraço.

- Leo? - sua voz era quase um choro.

- O que foi, linda? - enfio os dedos em seus cabelos.

- Você pode fazer pra mim? - sussurra.

Sinto seu hálito contra o meu peito e estou destruído.

- Se eu p... posso...?

- Leo, não me faz pedir. - implora, com uma voz miúda - Só me diz se você pode.

Beijo sua testa, seus olhos, sua boca. E é só quando trago seu olhar para mim que aceno um "*sim*" modesto.

Mia inclina-se e despe o sutiã daquele jeito que as mulheres fazem: arrancando-o pela manga. Eu me lembro das pescarias que eu tanto detestava: "tem que fazer silêncio" era o que me diziam "para não espantar o peixe". Bem, se o que saísse daquela água fosse Amélia, eu teria ficado bem quietinho e comportado. Exatamente como estou agora. Eu sequer iria me mexer.

Ela toma minha mão e a conduz para dentro da blusa. Seu estômago é quente e macio. Interromper meu caminho para cima me dói.

- Mia. - interrompo, mesmo assim - Eu vou ficar duro. - murmuro, o mais gentil que posso.

A verdade é que já estou duro... mas estou tentando ser educado.

- Eu sei. - sussurra - Tudo bem.

Aquele "tudo bem" foi o que me fodeu.

Com força.

Minha mão avança sem precisar mais de liderança e agarra a carne pesada de seus seios.

Ai, *sim*.

Sim, sim, sim.

Brinco com seu mamilo apenas o suficiente para percebê-lo rígido enquanto Mia se agarra aos meus antebraços em carícias pecaminosas.

Tudo bem, chega.

Subo a barra de sua camisa até que libertem os seios, deixando o pano logo acima dos biquinhos estreitos.

Os seios de Mia são gordos e fartos, pesados de biquinho arrebitados, apontando para cima em um desafio a gravidade. Estou salivando.

E eis que está decidido: aquela é a parte dela que vou lamber primeiro.

Enfio o mamilo na minha boca e rolo o pontinho duro em minha língua. Mia geme e eu estou desafiando a física também, ficando mais duro do que uma porção de carne e sangue jamais teve o direito de ficar.

Prendo sua cintura em meu braço, meu rosto enfiado no vale dos seus peitos, mordiscando toda porção de Mia que consigo encontrar, inspirando sua pele quente. Poderia passar a noite toda aqui, mas não foi para isso que fui convocado.

Desço a mão pelo seu estômago e enfio-me por dentro de short e calcinha. Mia ofega mais alto e eu pauso apenas um instante para ter certeza que ela não se arrependeu. Suas pernas afrouxam e eu passo os dedos pelos seus pelos até encontrar sua entrada.

Dizer que Mia está molhada seria subestimar a quantidade de mel que banhava sua bocetinha.

Mia está encharcada.

Meu tesão - que eu já acreditava estar no limite - encontra um jeito de se multiplicar assim que a noção da localização de meus dedos me atinge.

Besunto os dedos em seu suco, tomando o máximo de cuidado para não introduzir nada em lugar nenhum. É preciso ser cuidadoso nessas horas ou o piloto automático assume e eu estaria fodendo Mia com os dedos antes de perceber.

Estou tão duro que é sofrível.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mordo o peito que ela tão adoravelmente oferece e encontro seu clitóris.

Mia parabeniza meu sucesso com um gemido mais alto. Um que ela tentou controlar e não conseguiu.

- Tudo bem? - arrisco, querendo um beijo.

Ela me beija e confirma. Os lábios eternamente entreabertos para que ela possa respirar.

- Certo. - aceito - Deixa eu te explicar, agora, por que tua amiga estava gritando.

Esfrego seu clitóris uma única vez e Mia contrai as coxas, atravessada pelo prazer.

Seus ombros estão tesos, consigo ver as veias em seu pescoço, as mãos fechadas em meus antebraços. Mia é um grande bloco de músculos nervosos e contraídos.

- Shh. - peço - Calma. Relaxa.

Ela me escuta, mas enquanto continuo esfregando seu clitóris, ela não parece capaz de reagir.

- Mia, minha linda, eu preciso que você respire. - murmuro, quente e gentil.

Acena e força-se a respirar. Aos poucos vejo seus músculos se soltarem. Não está relaxada, mas é um começo.

Abocanho um de seus peitos de novo, esfregando seu grelinho com uma pressão e velocidade crescentes.

Mia começa a gemer, agarrando a boca com os dentes para se impedir de ser tão alta quanto a outra que, a essa altura, se ainda está gritando, eu parei de ouvir.

- Linda, respira. - solto seu peito apenas para lhe dar instruções de calma, mas logo percebo que não vai ser suficiente. Volto para sua boca e a beijo, engulo sua língua com vontade. - Mia, respira. - peço. Ela abana a cabeça como se fosse incapaz de obedecer.

- Parece... parece... que eu to... pegando fogo. - choraminga.

- Eu sei, meu amor. - beijo seu lábio inferior - Mas ainda vai piorar antes de melhorar. Tenta relaxar. Respira. Calma.

Mia está agarrada ao antebraço que a atormenta, ofega como se sobrevivesse a um afogamento.

Belisco seu clitóris com força e cubro sua boca com a minha.

Estou duro nas calças, doendo como o cacete, mas não paro. Nem mesmo para descer o zíper e me permitir algum espaço. Toco Mia até ouvi-la enlouquecer.

O orgasmo a ataca como se fosse um inimigo antigo e ela morde minha boca com ímpeto. Sei que vai sangrar e doer por dias, mas sequer tento resistir. A convulsão a alcança, poderosa, arrebatando-a com uma crise que já chegava atrasada.

Finalmente, solta minha boca para respirar e seu corpo cai, sem vida, leva as mãos aos cabelos esparramados pelo travesseiro como se tivesse perdido a lucidez.

Espero que volte a respirar como um ser humano, cobrindo-a de pequenos beijos enquanto isso.

- Isso... - gagueja, incoerente - Isso é *bom*.

Ela geme a palavra "bom" como se não conhecesse adjetivo poderoso o suficiente e nem tivesse forças para tentar achar.

Eu preciso rir.

- É, é o que dizem.

Seus lábios estão frios quando a beijo de novo.

- Sua vez. - pede.
- Han? - eu já entendi, mas... será que entendi mesmo?
- Sua vez. Vai precisar me mostrar como é. - engole em seco - Me mostra?
- Mia... - abano a cabeça.
Oh Leonardo! Por que caralho você tá hesitando? Diz "sim, por favor" e "obrigado" e só.
- Não precisa. - insisto.
- Sei que não. Mas eu quero. Vai me fazer pedir? - murmura.
Suas mãos tocam minha braguilha. Sua falta de experiência com roupas alheias me mantem a salvo por algum tempo, mas não muito.
Mia abre meu botão e desce meu zíper. Estou congelado mais uma vez. Sua mão entra pela minha cueca e agarra minha ereção.
Fecho os olhos.
Não vou durar dois segundos.
Aquela mão macia.
Sua outra mão em meu peito.
- O que eu faço? - pede.
Eu tento falar alguma coisa, mas instinto fez Mia fechar o punho ao meu redor e movê-lo.
Ela fez isso uma vez e eu perdi as palavras.
Duas e eu perdi a razão.
Na terceira eu estava esporrando na cueca.
- Leo, precisa me dizer o que fazer.
Eu ainda estava esporrando, um jato gordo e farto melando minha roupa em um orgasmo prolongado, enquanto eu entretia pequenas convulsões contidas.
- Leo... Oh. - e então ela percebe o que aconteceu e cala-se.
Engulo em seco e agora sou eu quem respira como um animal.
- Nossa. Homens são rápidos. - sorri.
- É. - gargalho alto. Vou precisar lhe explicar que não é exatamente assim. Mas depois. Agora, uso todas as forças que tenho para nos limpar, agarrar Mia pela cintura, puxa-la para os meus braços e dormir.

É nessa manhã que eu decido que vou casar com Mia.
Talvez não imediatamente... mas em algum momento.
Passei a noite inteira sonhando com ela. Acordar para vê-la nos meus braços foi uma emoção avassaladora ao ponto de ser indescritível.
Ela se aninha no meu corpo, usando-me de travesseiro. Eu fico parado, derretendo com seu calor, fazendo um carinho preguiçoso em seus cabelos e suas bochechas, assistindo-a dormir não por necessidade de observação, mas por incapacidade de desviar o olhar.
*Não estou apaixonado por você.
É diferente...
Eu te amo.*
Seguro sua mão contra o meu peito e embalo seu sono. Minutos se passam desde o momento em que me considero completamente desperto, até Mia piscar os olhos pela primeira vez na manhã.
- Bom dia. - murmuro. Pra variar, o sorriso dos idiotas está atravessado na minha cara, de novo.

- Bom dia. - ela morde meu queixo e me beija com um sorriso que, com certeza, iguala o meu. Talvez seja uma idiota também, han? Dedos cruzados.

- Dormiu bem?

Ela acena vezes demais, sem se separar do sorriso.

Preciso construir um diálogo e criar a oportunidade para dizer que a amo.

Preciso que ela saiba disso, principalmente depois de suas dúvidas sobre minha fidelidade e o que aconteceu ontem.

- Ontem foi incrível. - começo.

Mia inspira e vai dizer algo.

Mas a porta se abre.

- O que...

É o Gustavo.

Claro que é o Gustavo.

O que ele tá fazendo aqui?

Não sei.

Não faço ideia.

Mas seja lá o que queria antes, o plano com certeza mudou para incluir um homicídio.

O meu.

- Filho de uma puta. - ele chia - Então é assim que você fica preocupado com a inocência da Amélia?

- Guga, eu só vim porque fiquei preocupado com ela. - defendo, tirando o lençol do caminho para que ele saiba que estou usando calças.

- Não me chama de Guga que não te dei intimidade.

- Guga. - Mia interfere - Primeiro, shh! - ordena - Segundo, o que você tá fazendo aqui?

- Acho que eu vou fazer as perguntas, Amélia.

- Sou uma mulher adulta e transei com o Leo. Responde suas perguntas?

Estou lívido. Gustavo me encara e eu sei que vai comer meu fígado.

Não, não é uma figura de linguagem. Gustavo vai abrir minha barriga com uma faca cega, tirar meu fígado e enfiá-lo em um dos espetos na churrasqueira.

- Não, não, não. - abano as mãos, desesperado - A gente não... Mia! Ficou doida? Ele vai me matar.

- Ai, Leo, se a gente disser que só dormiu juntos, ele não vai acreditar. Se disser que não é da conta dele, vai insistir. Melhor dar logo a resposta que ele quer.

- Em que universo essa é a resposta que eu quero, Amélia?

- Gustavo, a gente não... - ofego, nervoso - a gente não fez... nada. - *mentira*. Mia ri pra mim e eu fecho os olhos em pânico.

- O que você tá fazendo aqui, Guga? - ela insiste.

- O Romeu aí me deixou preocupado com você. Dormi mal pra caralho e acordei de madrugada. Aí decidi vir de uma vez.

- E entrou no quarto sem bater?

- O Heitor disse que você estava dormindo, mas eu podia entrar.

Claro que disse.

Gustavo tem fogo nos olhos.

Deixa eu explicar: eu to apaixonado por essa mulher. Acabei de perceber que a amo e quero casar com ela.

Isso significa que eu vou ter que sentar e contar a verdade.

Estou mentando desde o dia que a gente se conheceu.

Vai ser quase impossível que ela me perdoe e dê tudo certo, mas... se eu tenho *qualquer* chance de fazer isso acontecer, a ÚLTIMA coisa que eu preciso é do Gustavo fazendo o trabalho de advogado do diabo.

Então, novo plano!

Etapa um: fazer o Gustavo se apaixonar por mim.

Etapa dois: dizer pra Mia que a amo e contar a verdade. Acho que as duas coisas juntas assim podem me ajudar.

Etapa três: casar com ela.

Etapa quatro: ahm... já pode ser "felizes para sempre"? Não sei exatamente como funciona essa parte.

Ok.

- O Heitor não devia ter dito isso. - Mia defende - E você vai precisar esperar lá fora, Gustavo, enquanto a gente troca de roupa.

- Só ela! Eu já estou vestido! Eu dormi vestido!

Nem percebi que já tinha me enfiado de volta na camisa.

- Cala a boca, você não engana ninguém. - rosna.

- Não estou tentando enganar ninguém! Amélia, diz a verdade pro seu irmão.

- *Meu irmão* anda firme na alucinação de que controla minha vida. - sibila para mim a mensagem que, na verdade, é direcionada para ele - Vai fazer bem ouvir certas coisas.

- Antes de você aparecer, eu não tinha problema nenhum com minha irmã. - avisa.

- E vai continuar não tendo! - exclamo - Eu, inclusive, já estou indo embora.

- Claro que vai. - reclama, desagradado - Passa a noite com a menina e se manda com o cantar o galo.

Mas que merda.

Não ganho uma.

- Não, não. - gaguejo - Eu posso ficar. É só que...

- Você tem que trabalhar, Leo. - Mia ri - Para de querer agradar o Gustavo, é impossível.

- É, Leo. - sorri, amarelo - *É impossível*.

Meus ombros murcham de decepção.

- Tá. Eu já vou, então. - Mia inclina-se para um beijo que eu não dou porque, porra Mia, na frente do Gustavo? Aí você me fode. Ela ri de meu receio - Me liga? - murmuro, nervoso - Te aviso quando chegar lá. Te vejo essa semana. - prometo, beijando sua bochecha - Te amo.

Já estou a caminho da porta quando noto que a mulher que deixei para trás ficou de olhos abertos e imóveis.

Gustavo grasna um som rouco que não parece humano.

Eu engulo em seco e sigo meu caminho porque, caralho né, o que eu vou fazer? Voltar pra discutir relacionamento, agora? Na frente do Heitor e do Gustavo? Aí ela não diz que me ama de volta e eu faço o quê? Dou um chute literal na minha própria bunda? Já que o metafórico eu já dei com gosto?

Esfrego meus olhos.

Pior declaração de amor da história.

Puta que pariu, Leonardo.

Puta que pariu.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

7.

- Esses dois eu quero até o dia dezessete. - decido - Os outros podem esperar.

- Tudo bem, Leo. - Amanda faz suas anotações velozes na margem do papel - E o pessoal do marketing já está pronto para a nova apresentação, assim que você puder.

- Vamos ter que adiar pra próxima semana. Essa transição vai ser o inferno. - aviso, passando a língua em meu lábio inchado.

Amanda sorri, educada, mas não aceita minha decisão muito bem.

- A transição vai durar meses, Leo. Mesmo com o seu pai querendo tudo pra ontem, essa antecipação de herança só vai ser assinada no fim do ano. Com sorte. Não pode adiar todas as outras reuniões. A máquina precisa continuar funcionando.

Lembra que eu falei que existem mulheres competentes e dedicadas trabalhando na OM3? Amanda é uma delas. Se tivesse nascido na minha família, era para ela que o pai deixaria tudo.

- Sexta? - decido, sabendo que antecipar essa reunião vai me custar um dia com Mia.

- Melhor. Vou deixar marcado.

- Acabamos aqui? - verifico as horas - Almoço com a família. - explico.

Amanda ergue uma sobrancelha antes de me liberar. Ela é Vice-Presidente da OM3 e vai estalar o chicote nas minhas costas até essa transição ser concluída.

Fico de olho no celular por todo o caminho até o restaurante. Diogo me observa pelo retrovisor. Não consigo parar de sentir o inchaço em meu lábio. O lugar onde Mia travou os dentes até fazer rachar a pele.

- Problemas no paraíso? - Diogo provoca.

- Mais ou menos. - suspeito - Quer mesmo que eu desabafe?

- Só se for uma história que termina com você sofrendo.

- Hm. - rio - Sem querer, disse pra Mia que a amo, logo antes de ir embora e na frente do Gustavo.

Diogo hesita por dois segundos e depois sequer tenta esconder a gargalhada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Eu adoro o Gustavo. Já disse isso? - ri - Adoro aquele cara, ele é o máximo.

- Vai se foder, Diogo. - verifico o celular de novo.

Minha troca de mensagens com Mia tem sido... superficial, para dizer o mínimo.

Nenhum dos dois quer falar algo profundo porque esse é o tipo de papo que é melhor ter olhando nos olhos.

- A merda é que não sei quando vou conseguir ir pra lá de novo. - suspiro.

- Você precisa de um esquema melhor.

- Han?

- Seu pai já começou a reclamar dos seus horários?

Respiro fundo.

Ver Mia duas vezes na semana significa horários erráticos e uma série de desaparecimentos que funcionavam bem quando eu era só *filho do dono*. Mas, em breve, eu seria o *dono* e minhas habilidades de ilusionista seriam colocadas a prova.

- Levei um sermão no aniversário da Helô.

- Levou uma bronca no meio da festa?

- Festa Parte III. - reviro os olhos - No fim do domingo.

- Ainda assim. Legal.

- Cala a boca. E o velho me dá sermões diários, você sabe. Melhorou um pouco logo depois que desisti de ir pra Inglaterra... mas agora... voltamos às origens. - travo o celular e desisto.

- É porque seu sistema é um lixo.

- Meu sistema?

- Locar carro, dirigir duas horas... Você não tem um helicóptero e um monte de dinheiro?

- O helicóptero tem um registro de voo, Diogo.

- Compra uma fazenda lá perto pra ter uma desculpa. Arranja um gerente que toque as coisas pra você, constrói um heliponto. No meio de uma fazenda, não deve ser difícil. Compra um carro e deixa por lá. Transforma a viagem de duas horas em uma de meia hora.

Estou boquiaberto.

- Por que não sugeriu isso antes?

- Você é bem burro, Oscher. Como *você* não *pensou* nisso antes?

- Obrigado, viu. - resmungo.

- Disponha. Chegamos. - avisa.

Verifico a gravata quando o manobrista do restaurante abre minha porta. Estou quase descendo do carro.

- Oscher? - Diogo chama.

- O que?

Colocou a mão no espaldar da cadeira do passageiro para poder me observar de frente.

- Foi verdade? O que disse pra moça? Ama ela mesmo?

Quase tem fraternidade nos seus olhos.

Quase tem pena.

- Amo. - murmuro - Estou fodido, não é?

Diogo acena antes de abrir um sorriso.

- Bastante.

A distância, já percebo que o almoço é uma armadilha.

Beijo a testa de mamãe assim que me aproximo.

A mesa está posta com quatro lugares, cumprimento o resto dos presentes antes de me sentar na única cadeira vazia.

- Theu, não vai voltar pra casa nunca? Seu folgado, vai estudar.

- E perder a crise do Fernando por causa da sua herança? - aperta minha mão e dá um meio abraço - Nunca.

- Matheus! - mamãe recrimina.

- Sara. - cumprimento.

- Oi, Leo.

Ela aceita minha mão e inclina o rosto. Beijo sua bochecha e devolvo o sorriso. Usa um vestido preto elegante, de mangas folgadas e decote sugestivo. O lugar que me foi designado é do lado dela, obviamente, já que mamãe não pode ser acusada de brincar em serviço.

- Estávamos falando da festa da Helô. - Sara começa, educada - Foi incrível, não é? Ela se supera todas as vezes.

- Ah, sim! A Heloísa não conhece limites. - brinco, cobrindo o colo com o guardanapo.

- Já pedi por você. - mamãe avisa. A punição por chegar atrasado é sempre a mesma. - Estive pensando, querido...

Eu controlo a risada, Matheus me imita.

Minha mãe é uma mulher incrível.

De verdade.

Não é uma dessas pessoas ricas impossíveis que acha que todos os outros podem ser comprados ou alugados. Mas seu problema é que, assim como papai, encara os filhos com a crença imutável de que se saiu de suas entranhas, então lhe pertence.

Enquanto o pai acha que deve controlar toda minha vida profissional, mamãe se acha no direito de cuidar da minha pessoal. Não é um divórcio mas é certamente uma divisão igualitária dos bens. O bem, no caso, sendo eu.

E quando mamãe diz que "estava pensando" em algo... normalmente ela já decidiu o que preciso fazer, e esse é seu jeito discreto de dar uma ordem.

Estive pensando que suas notas seriam melhores se você estudasse nesse fim de semana ao invés de ir pra festa. *Cancele.*

Estive pensando que esse outro carro é melhor que o seu, tem mais espaço e você já vai se acostumando para quando precisar levar uma família grande e cheia de filhos. *Troque.*

Estive pensando... e aí vem.

- Você não tira férias há uma eternidade! Isso não está certo. Por que não tira duas semanas no fim do mês?

Perceba que ela ainda não deu o golpe final.

- Sara está indo para Miami, um Cruzeiro! Parece jovem e divertidíssimo! Por que não a acompanha?

E aí está.

Minha bebida chegou, Deus salve o garçom.

- Ah... - olho pra Sara, sem graça.

- Acho que preciso de um tempo pra fugir de tudo. - ela explica, seu sorriso é sempre grande e convidativo - Você sabe como as coisas ficam loucas, por aqui. Mas não me incomodaria com a companhia. - sugere - Na verdade, acho que seria divertido.

- Tenho certeza que seria. - aceno - Mas mamãe esqueceu que estou cheio de trabalho. Uma certa transição, lembra? - aperto sua bochecha

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

matriarcal.

- Bobagem! Todo mundo sabe que esse negócio vai demorar um ano. Seu pai acha que, se falar muito alto, pode moldar o tempo a sua vontade, mas estou casada com ele há muito tempo e garanto que não pode. Tire duas semanas.

- Theu, por que você não faz companhia pra Sara? Você é mais espírito livre do que eu.

Jogar a tensão para cima do meu irmão soou como uma brincadeira em minha cabeça, mas...

Ninguém nessa mesa é criança. *Todo mundo* sabe que mamãe está arquitetando um encontro, um romance e um casamento. Então, quando jogo a viagem para cima de Theu, logo percebo que soou como se eu estivesse jogando Sara em cima dele.

Ou livrando-me dela do modo mais breve.

Soou rude e essa é a merda dos papos velados: eu sequer podia me desculpar por recusar o encontro porque *não estávamos* falando sobre um encontro.

- Seria o maior prazer da minha vida. - Matheus salva - Mas tem uma dama, dona do meu coração, que ficaria chateada caso não fosse incluída.

- E quando vamos conhecer essa dama? - mamãe respira fundo, incomodada.

- Oh, nunca! - Matheus exclama, teatral - Ela me detesta.

- Está apaixonado por uma mulher que te detesta? - rio, Sara me acompanha timidamente e eu agradeço Matheus pela sua personalidade contagiante capaz de resgatar o clima.

- Apaixonado? Não, nunca! - continua - "Paixão" é uma coisa de corações. E o que sinto por ela não tem a ver com coisas carnavais e pulsantes e mundanas. É o nome errado. O que sinto por ela deve ser chamado de outra coisa. Mas qual o nome? Qual o nome da coisa que vincula os espíritos? As vontades? As saudades e os prazeres?

- Drogas. - decido.

- Então que seja, meu irmão. - sorri - Estou *drogado* por ela.

- Você precisa de ajuda profissional. - lembro.

- Se essa mulher está envolvida com drogas, não quero ela na minha casa, Matheus.

- Mamãe. - aperta, ele também, suas bochechas - Só está chateada porque a Pedrita que escolheu para mim não me atingiu com a flecha do cupido.

- Pedrita? - pergunto.

- A garota Flinstone que me jogou pedras.

- Quietto, Matheus, não chame a menina assim. E foi uma pedra só.

- Que eu, certamente, mereci. Se não por esse crime, então por outros. Mas Pedrita não me causou *drogas*. Não há o que fazer, mamãe. Ou o *barato* pega ou não pega.

- Você soa mais inteligente quando está do outro lado do oceano e não me força a ouvir absurdos. - ela diz.

Matheus me encara, comicamente, pedindo socorro.

- Não olha pra mim, eu concordo com ela. - abandono.

- O jato leva vocês no dia treze. - me informa.

- Que jato? - gaguejo - Leva quem pra onde?

- O nosso jato. Você e Sara. Para Miami. - decide e eu noto que ela terminou nossa discussão, sozinha, em sua cabeça, como normalmente faz - O cruzeiro sai no dia quinze. Já fiz sua reserva.

- Fez a reserva sem que eu concordasse?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Você *precisa* disso, Leonardo! Trabalha demais. Não é escravo do seu pai! Não vou ter um filho viciado em trabalho! Já desistiu do seu sonho de estudar na Inglaterra por essa empresa! Quantas concessões mais pretende fazer?

- Ah! Agora é um sonho que eu precisei desistir? Agora é uma "concessão"? Lembro vividamente da senhora e papai dizendo que estudar fora era uma "besteira" e "perda de tempo" há poucos meses.

- Talvez eu tenha percebido o erro do meu caminho. - abre os olhos. Amo essa mulher, mas ela me leva a exaustão.

- Mãe, eu não posso.

- Claro que pode.

- Mãe. - respiro fundo quando o clima torna-se inescapavelmente desagradável - Pare.

- Leo. - Sara toca meu braço - Vem comigo um minuto?

Sua pergunta direta me deixa sem escapatória.

- Claro. - levanto e ajudo com sua cadeira antes de nos afastarmos da mesa.

O garçom chega com os pratos mas imagino que, diante do contexto, ninguém se incomode com nossa ausência.

- Leo, o que está acontecendo? - ela para próxima as janelas, o espaço entre o salão principal e o jardim.

- Como assim? - não é falsidade, pela Virgem Maria, eu realmente não sei do que ela está falando.

- Você sabe o que sua mãe está tentando fazer. - não é uma pergunta, não respondo - Sabe o que *minha mãe* está tentando fazer. - revira os olhos, mas a tensão em seus lábios não a deixa esconder o constrangimento - Estão querendo nos... *juntar* de algum jeito. - sua voz se eleva em uma timidez avassaladora.

Ela deve ter desejado dizer essas palavras assim, abertamente, por tempo demais. E, finalmente, juntou coragem para fazer. Parabéns, Sara. É isso aí.

- Acho que todos sabemos. - concordo - Elas não estão sendo discretas.

- Não, não estão. - sorri, encara o chão em um segundo de hesitação - E então?

Abro os olhos.

- "Então"?

Pela Virgem Maria, de novo.

Não sei, de novo.

Ela engole em seco e prende o ar. Vai dizer de uma vez ou não vai dizer mais.

- É algo que você quer? - não me olha nos olhos.

Assim como fez Mia.

A diferença é que, o olhar de Mia, eu queria.

O de Sara, honestamente, não me faz muita diferença.

- Sara...

- Ou quer, ou não quer, Leo. E eu estou cansada de... - engole saliva e palavras - No aniversário da Helô você parecia... *querer*. Mas agora sua mãe sugere algo que... - esfrega os olhos, morta de vergonha - sinceramente, é o mais perto que se pode chegar de um encontro arranjado e você recusa, entregando as rédeas pro seu irmão. - soa levemente enojada. Ou decepcionada. Não sei dizer.

Sara é uma mulher linda e é um sofrimento verdadeiro que sinto algo por mim.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Então, preciso que diga de uma vez se é algo que você quer ou não. Para que possamos seguir em frente, de um jeito ou de outro. É. - cruza os braços, resoluta - É isso que estou dizendo. - seu monólogo ensaiado parece ser direcionado a si mesma, mais que a mim - Estou dizendo que é hora de sair de cima do muro. Então - trava os lábios - É algo que você quer?

Sua postura é determinada, mas seus olhos são frágeis.

Ela gosta de mim.

Que merda.

Seu corpo inteiro diz "tanto faz", mas seus olhos dizem "por favor".

Algo que fiz no aniversário de Helô - eu e minha fome de Mia - a fez nutrir expectativas ainda mais violentas.

Quando eu era criança adorava os livros de "Onde está, Wally?", sabe aqueles grandes e coloridos? Com um personagem listrado de branco e vermelho perdido em uma multidão insana. Eu gostava do título. Gostava da ideia.

A ideia do livro era *procurar Wally*. Não obrigatoriamente *encontrá-lo*.

"Onde está Wally?" é uma pergunta que pode ser respondida com "Não sei".

Isso é bom porque o caralho do Wally pode ser impossível de encontrar e era isso que eu gostava no livro. Desde seu título ou sua premissa: ele não criava expectativas irreais. Era um desafio. Uma possibilidade. Mas não uma expectativa de sucesso.

Sara, por sua vez, veio a esse almoço depois de conversar com a mãe e uma porção de amigas. Relatou nossa interação no aniversário de Helô e ouviu de cada uma delas que eu - fruta solteira e inconsequente - estava finalmente maduro e pronto para ser arrancado do pé.

Todo seu discurso de descaso, somado a um ultimato objetivo, declarava aceitar minha recusa enquanto esperava minha aceitação. Ela dizia "um dos dois", mas queria ouvir "um só".

Só que não é esse o nome do jogo.

Não é "encontre Wally", Sara.

Sinto muito.

Aceno devagar.

É quase impossível não pensar em Mia.

Duas semanas de férias para colocar aquele corpo lindo em um biquíni nas praias do Caribe. Duas semanas de férias para tirar aquele corpo lindo de dentro do biquíni para colocar na minha boca.

- Sara. - passo a mão pelos cabelos - Você é uma mulher linda. Inteligente, talentosa e...

Ela expira baixinho e balança a cabeça. Já sabe o que eu vou dizer. Claro que sabe.

Se eu quisesse ir, apenas diria "vamos".

- Então, não. - ela interrompe.

- Sinto muito, mas... não. Não é algo que eu queira.

- Não precisa se desculpar. - dá de ombros, simulando um descaso que engana ninguém - Eu só queria resolver isso de uma vez para que nossas famílias não ficassem insistindo tanto, é horrível!

- Eu sei.

Minha concordância parece deixá-la ainda mais irritada.

Seu sorriso não é mais gentil ou carinhoso quando nos conduz de volta para a mesa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Sinto muito, mas vou precisar sair. - ela pega a bolsa assim que volta a cadeira. Não se senta.

- Mas querida, o que houve? - mamãe abre os olhos, nervosa.

- Nada, uma pequena complicação em casa. A reforma. - gesticula - Sinto muito mesmo. - beija mamãe na bochecha e se despede do resto de nós com um gesto genérico - Nos falamos, sim?

- Claro.

- Sinto muito, mesmo. - aponta para o prato que a aguarda.

- Imagine! Não por isso.

Ela se vai e mamãe me encara com o fogo do inferno nos olhos.

É.

Vai ser um almoço bem legal.

Mia

- Não dá pra dividir porque é um número primo. - Felipe murmura inquieto, encarando seu exercício de matemática.

- Como sabe? - Andressa questiona, afiada.

- Termina com 1 e 1 é número primo.

- Mas número primo é divisível por um e por ele mesmo. 1 só é divisível por ele mesmo. Conta como primo? - Thiago está mordendo a ponta do lápis, de novo. Vai perder um dente, um dia.

Tem cinco crianças espalhadas pela mesa da sala da minha vó. É ali que eu conduzo minhas aulas de quarta-feira. Reforço de matemática para crianças de dez a treze anos.

- E se termina com número primo, é primo também, Mia?

- Não, a regra não é essa. E 501 não é um número primo. Ele é divisível por três.

- Poxa! A gente podia ter testado! - Thiago regula o resto do grupo.

- Mas não adianta testar de um por um. - sorrio, tomando o lápis que ele usa de mordedor para salvar seus dentes e rascunhar as operações - Tem um truque fácil para você eliminar alguns números da suspeita de primos. Aqui. - escrevo na folha de papel, inclinando-a na mesa para todos verem - Pares são sempre divisíveis por 2, certo? Então a gente elimina esses da lista. - risco os suspeitos mais improváveis - Se você quiser saber se um número é divisível por 3, basta somar os dígitos. Se a soma for divisível por três, o número completo também é. E esse é o caso do 501. Cinco mais zero mais um é igual a seis. Seis é divisível por três. - risco 501 da lista de suspeitos também - Números que terminam em zero e cinco são divisíveis por cinco. - risco mais alguns - Então quais sobram?

- 1117 e 1621! - encontram.

- E aí esta.

- Gostei desse truque! Vou anotar. - Thiago é sempre excepcionalmente cuidadoso com minhas explicações. Faz algumas semanas que percebi que devo ser sua primeira paixão de criança... a professora de matemática, quem diria?

Está sempre me trazendo flores ou pequenos origamis que aprendeu a fazer. Eu lhe digo que é um rapaz muito talentoso e que, um dia, vai fazer

uma garota de sua idade muito feliz. Ele me olha com olhos sonhadores e eu beijo o topo de sua cabeça, bagunçando seus cabelos, para que saiba que é querido mas é criança.

Adoro crianças.

E adoro dar aulas para elas.

Ao contrário de adultos, elas sempre parecem escutar.

"Ouvir" é seu modo padrão de funcionamento, enquanto adultos estão sempre mais interessados em viver em seu próprio mundo e acham que não há nada novo para descobrir. Crianças são mais receptivas.

E confiáveis.

Por exemplo, nunca preciso ouvir alguém dizendo "Mia, melhor tomar cuidado com essas crianças, nunca se sabe o que elas querem..."

Em tese, minha aula já deveria ter acabado há quinze minutos. Mas aqui estou eu, divertindo-me ao compartilhar pequenas dicas.

- Tem mais algum truque pra gente? - Bea abre os olhos, interessada.

- Ah, a Mia conhece todos os truques. - uma voz masculina atrai nossa atenção - Ela é muito inteligente.

Heitor traz uma caixa nas mãos e eu levanto para ajuda-lo.

- É alguma coisa do seu irmão. - explica depressa, sorrindo carinhoso - Ele pediu pra deixar aqui.

É mais pesada do que eu imaginei e não consigo suportá-la. Heitor ri e assume o peso de volta.

- Pode colocar em qualquer lugar. - peço, agradecida.

Ele escolhe um espaço vazio no chão para deixar a caixa de Gustavo e observa-me, com as mãos no bolso. Está inquieto como se tivesse algo a dizer.

Encaro o relógio ao virar para minhas crianças:

- A gente se vê na próxima quarta, pequenos.

Thiago faz uma careta para Heitor ao passar pela porta e eu não consigo controlar o sorriso.

- Ele ainda tá apaixonado?

- É coisa de criança. É fofinho. Logo passa. - ergo o ombro.

- Não sei, não. - dobra o lábio - Se apaixonar por você é um caminho meio sem volta.

Meu sorriso se desfaz.

- Heitor...

- Olha, desculpa. - abana as mãos - Foi isso que eu vim aqui dizer.

Aceno e deixo que fale.

- Não achei que você e o Leo estavam tão sérios assim. Achei que ele estava só se divertindo. Aparecendo aqui só quando é conveniente pra ele ou...

- Heitor? - recrimino.

- Desculpa. Não quis te colocar em uma situação chata. Só achei que estava... *aceitando* meu convite. Principalmente quando disse que iria sozinha.

- Eu tenho dificuldade em perceber no que estou me metendo.

- É, eu sei. - ele ri, desajeitado. Passa as mãos nos cabelos soltos e bagunçados. É um homem lindo. Gentil, educado e inteligente. Em algum lugar no mundo, existe uma mulher que terá sorte em tê-lo. Ele só precisa encontra-la. - Eu recebi a proposta da fábrica pra ir trabalhar na central. - acena - Vou me mudar pra São Paulo em algumas semanas.

- Heitor! Parabéns! - aperto seu pescoço em um abraço fraterno.

- Obrigado... É, vai ser uma aventura. Minha primeira vez longe de

Itajaúna.

- Vai ser incrível. Será o dono da cidade antes do ano acabar. - sorrio.

- Vem me visitar? - estreita os olhos de um jeito curioso.

- Claro! E você também precisa voltar para nos ver, de vez em quando!

- Vou fazer isso. - morde o lábio e ainda parece querer perguntar algo.

- Bem! Boa viagem! E sucesso!

Ele se balança onde está e parece tomar coragem:

- Alguma chance de você vir terminar seu mestrado na USP?

Ergo um ombro.

- Não... por enquanto, não.

- Devia terminar. - sugere - Mesmo que fosse na faculdade aqui perto, mesmo. Quero dizer, você é ótima com eles. - aponta na direção por onde saíram as crianças - Mas seria excelente na Universidade também.

- Obrigada pela confiança. Mas não é o melhor momento. A vovó foi embora. Preciso cuidar da loja, além de tudo. Não... não é o momento certo.

- É. - murmura, quente. Mas não vai embora.

- Mia! - Estela aparece pela porta - Oh! Oi, Heitor!

- Oi Tê. - cumprimenta, sem jeito. Acho que desistiu de dizer o que queria - Bem, a gente se vê. - me abraça, sem jeito e está quase na porta

- Olha, sabe que pode contar comigo, se precisar, não é?

Sorrio.

- Você também. - prometo.

Heitor se vai e agora é Estela que me encara como se quisesse dizer um milhão de coisas.

- O que foi? - pergunto, arrumando a mesa da minha avó.

- Ele ligou?

- Estela... - sussurro.

- Mia, ele disse que te amava e saiu. - agarra minhas mãos quase derrubando minhas maçãs que foram o presente do dia, do Thiago - Eu to doida pra saber o resto da novela.

- Não é novela. É minha vida.

- Não acredito que ele disse isso na frente do Gustavo! Também não acredito que o Gustavo me viu usando só a camisa do Luis. Mas aí já é um tipo de descrença diferente.

- Ele acabou com a Isa, sabia? - provoco.

Ela espreme os lábios e coloca os cabelos atrás da orelha.

- Ah, daqui a pouco eles voltam. - geme, baixinho - Não é sempre assim?

- É. A não ser que ele encontrasse outra pessoa...

- O Gustavo já me encontrou, Mia. - ergue o ombro - Ele sabe exatamente onde eu estou. Só não se interessa.

- É porque ele está acostumado a te ver como a melhor amiga da irmãzinha dele. Como miúda e mais nova... a gente precisa te enfiar em uns decotes safados pra ele entender que você é uma mulher.

- Olha pra isso! Uma noite de prazer e virou especialista foi?

- Não acredito que você disse "noite de prazer".

- Quer que eu repita?

- Não, por favor. - rio - Mas acho que você devia seguir o conselho do seu próprio manual e experimentar algo com o Guga. Eu até te ajudo, desde que você prometa que só vai ter suas *noites de prazer* com ele na sua

casa. Não preciso ouvir você e meu irmão... - deixo as palavras no ar.

- Como se eu não tivesse te ouvido com o Leo. - ri.

- Está mentindo. Eu fui silenciosa.

- Você *acha* que foi. Até o Heitor deve ter te escutado.

- Estela! - ralho - Pare!

- E qual o plano agora? Você gostou, não gostou, vai tentar de novo, vai desistir...?

Não consigo impedir o sorriso e essa é a única resposta que Tê precisa.

- Hmm... vejo noites de prazer no seu futuro! - diverte-se - No plural!

- Quieta.

- Vai ligar pra ele?

Faço que "não".

- Por quê? Ele disse que te ama!

- Foi o jeito como ele falou. - explico - Parece que... saiu por acidente. Ele estava nervoso, o Gustavo estava atacando o coitado, ele tinha que ir embora trabalhar... e depois de tudo que aconteceu naquela noite. Acho que ele pode ter se confundido, sabe?

- Amiga, homem se confunde e diz "eu te amo" antes do sexo. Não depois.

- Eu só quero ter certeza que ele não se arrependeu. Se ele quiser voltar atrás, tudo bem. De todo jeito, é o tipo de conversa pra se ter pessoalmente.

- E ele disse quando vem?

- Ia vir na sexta. Mas me mandou uma mensagem mais cedo... vai ter que ficar em São Paulo. Trabalho.

- Então, só no sábado?

- Talvez. - respiro fundo - Espero que sim.

- Nossa, esse trabalho do Leo é um saco.

- Nem me fala.

Ela me observa com o canto do olho, como se esperasse algum ato falho de confissão.

- Que foi, Tê?

Seu sorriso é discreto, mas presente.

- O que vai dizer? - pergunta.

- Han?

- Se ele confirmar que te ama mesmo, que não vai voltar atrás. O que vai dizer? O que sente por ele, Mia?

O que sinto por ele.

Tem nome pra esse tremor no peito?

Pro sorriso que me domina a mera menção do seu nome?

Pra o jeito como perco o controle de minhas pernas quando ele me beija?

Tem nome, isso?

Acho que, mais uma vez, meu sorriso serviu como melhor resposta.

- Então, tomara que ele consiga vir no fim de semana. - ela toca meu ombro com carinho - Pra você não precisar morrer de ansiedade. Ou então... - sua seriedade se vai, permitindo que seu rosto se ilumine como fazem as más ideias - Ai! Mia! Tem um jeito mais fácil e rápido de resolver isso!

- Não vou ligar pra ele, Tê. Quero conversar sobre isso pessoalmente.

- Já entendi! Não é disso que estou falando. Estou falando de outra

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

coisa. Sabe o que a gente precisa fazer, não sabe?

- O quê?

Seu sorriso é cheio de malícia.

- Maomé e a Montanha, gata. A gente precisa ir pra São Paulo.

- Vocês vão pra onde?

- Pra São Paulo, Guga.

- Atrás do Vale Nada?

- Gustavo. - torço o nariz.

- Mia, não gosto dessa ideia.

- Isso é porque você é um ranzinza que não gosta de nada. - beijo a ponta do seu nariz.

- Disse pra ele que está indo?

- Ainda não. Vou ligar mais tarde.

- O Luis vai também? - ele engole em seco.

É rápido e deveria ter sido imperceptível, mas eu conheço meu irmão bem demais.

- Por que o Luis deveria vir?

- Porque ele tá com a Estela. Não é? - mexe na gola com desconforto

- E olha... não sei se gosto daquele cara, Mia.

Não gosta.

Eu deveria ser a inocente da cidade, mas quando o assunto é o Gustavo, a Estela é pior do que eu.

A história que nenhum dos dois quer lembrar ou reconhecer:

Assim que expulsou Leo do quarto, Gustavo se virou para o corredor dando-me espaço para que me trocasse. Antes que eu fechasse minha porta, no entanto, Estela abriu a dela, usando nada além de calcinha e uma camisa do Luis, chocou-se de corpo inteiro contra o meu irmão.

E aí, duas coisas que Guga nunca tinha percebido esbarraram nele com força naquele corredor: Estela é uma mulher e é linda.

Ou talvez Gustavo tenha uma coisa por mulheres usando nada além de calcinhas e a camisa do namorado. Taí uma informação que eu não faço questão de ter.

Seja como for, ele se viu solteiro, na praia, encarando Estela de biquíni o fim de semana inteiro. E, se ela não percebeu isso, é cega ou louca. Porque até eu percebi.

É só isso que ela precisa: colocar o equivalente a um biquíni e provocá-lo um tantinho assim. Nada mais.

- Vou trocar minha folga para levar vocês. - decide.

- Não precisa.

- O Luis vai? - repete - Você... não respondeu.

- Não vai.

- Ele não devia ir com a namorada?

Olha, eu sei que posso salvar a alma do meu irmão. Basta quatro palavras "eles não estão namorando" e ele vai ficar em paz.

Mas um Gustavo em paz é um Gustavo folgado, acomodado e imbecil que volta pra Isadora semana sim, semana não.

Então, é por amá-lo e querer seu bem que eu digo:

- Não sei qual é o esquema daqueles dois.

Emite um muxoxo e acena.

- Vou trocar minha folga. Para vocês não irem sozinhas.

- A gente pode sair pra jantar! - decido com uma alegria difícil de conter - Nós quatro! Isso! A gente dorme em São Paulo e fica o fim de semana!

- "Fica o fim de semana" onde? Na casa do Vale Nada?

- Gustavo. - reclamo.

- É. - aceita, dobrando o lábio - Vai ser até bom ver onde ele mora e conhecer esse trabalho dele. - estreita os olhos como se adubasse uma ideia.

- Não vamos ficar na casa dele! A gente fica em um hotel ou sei lá! A gente não pode se impor na casa de alguém assim.

- Mas aparecer na porta dele pode?

- Não vou aparecer no trabalho dele de roupa íntima, Gustavo. Só vou chegar na cidade. O Leo sempre vem me ver, eu nunca fui retribuir o carinho. Nem uma única vez em todos esses meses. A Estela tá certa! Vai ser legal!

Gustavo respira muito fundo.

Parece contrariado.

Então sorri.

- Não liga pra ele. - sugere.

- Han?

- Acho que você está certa. Ele sempre vem, vai ser legal retribuir. Vocês já estão juntos há muito tempo, eu preciso crescer e aceitar o cara.

Deixo meu queixo cair de felicidade.

- Ai, Guga, aleluia!

- É. Mas não avisa que está indo. Faz uma surpresa pra ele. - sugere, apertando meus braços - Ele vai gostar.

- Tem certeza? Não seria melhor eu avisar que...

- Tenho certeza! Eu ouvi quando ele disse que te ama, viu? Se a mulher que a gente ama aparece de surpresa, é sempre uma notícia boa. Ele vai adorar.

Ergo um ombro e decido seguir a dica.

- Bem... se você diz.

8.

Leo

Nunca senti tanto respeito pela expressão "nutrindo uma dor de cabeça", quanto no fim da tarde daquela sexta. Porque é isso mesmo que dores de cabeça fazem: elas se alimentam de você. Arrancam sua vida, sua paz, seu autocontrole, sua sanidade. É assim que ficam mais fortes.

Algumas dores de cabeça curam-se com remédio e sono. Outras com álcool e sexo.

A de hoje, no entanto, só deveria curar-se com minha morte.

Era o único jeito de fugir daquele problema.

Eu já estava exausto do trabalho, da transição, do pai e a Amanda no meu pé, do chique do Fernando, das provocações do Matheus, da perseguição da minha mãe, da culpa por causa da Sara, da Heloísa com suas invenções empresariais... mas isso tudo desapareceu como névoa assim que meu celular acendeu com uma mensagem de Mia.

Ela estava em São Paulo.

Mia.

Em São Paulo.

Com o Gustavo.

Queria me ver.

Esfreguei os olhos deixando que a dor de cabeça se alimentasse de mim como um grande prato gourmet.

De vez em quando, a vida te apresenta umas situações e você percebe que não existe palavrão poderoso o suficiente para lhe jogar como resposta.

Porra, Vida, que sacanagem do caralho. O que eu te fiz?

A mensagem de Mia trazia três problemas:

Primeiro, Gustavo estava de carro e sugeriu que eles se encontrassem no meu trabalho para irmos juntos a algum lugar.

Segundo, Gustavo sugeriu a Mia que trouxesse alguns livros para me

emprestar, e imaginou que seria legal deixá-los na minha casa.

Terceiro, era óbvio, pela soma dos fatores, que a porra do Gustavo estava querendo descobrir mais sobre minha vida.

Ele sempre suspeitou que tinha algo errado (e quem pode culpá-lo) e agora estava me fodendo no mais glorioso dos formatos.

Isso já seria bem ruim em qualquer momento, mas agora eu queria que Gustavo me aceitasse para que eu pudesse contar a verdade para Mia em paz. Nada disso seria possível, no entanto, se eu fosse pego agarrado com a mentira como amantes incorrigíveis.

Tento soar feliz em minha mensagem de resposta, digo que estou em reunião com um cliente e que os encontraria para o jantar.

Sushi.

Mia quer experimentar sushi.

Aperto os olhos.

Amar essa mulher tá sendo uma das piores merdas que já aconteceu na minha vida.

Sushi é que nem sexo. Quando você já está acostumado, você come em qualquer lugar e em qualquer posição. Você já sabe como as coisas funcionam e mesmo que tenha uma experiência ruim, no fundo, não questiona mais a qualidade do negócio.

Se, no entanto, é sua primeira vez, não dá pra comer de qualquer jeito. Tem que comer com cuidado, de um jeito gostoso, bem preparado, levando sua virgindade em consideração.

Eu conheço restaurantes em São Paulo que deixariam até os japoneses com inveja.

Mas nenhum deles tem um valor acessível.

Então, a solução é sugerir outro lugar, não é?

E é aí que vem a merda: eu amo essa mulher.

E amar alguém - como vim a descobrir - é um estado perpétuo de desespero pelo bem-estar dessa pessoa. Então, me causava revoltas no estômago sequer considerar não dar a Mia tudo que eu poderia dar, apenas por causa de uma mentira.

"Preciso de ajuda" digito a mensagem depressa, antes que Amanda rosne para mim.

"Que foi agora?" Diogo é um raio de Sol, não é?

"Preciso que vá até minha casa, pegue algumas de minhas Roupas-Mia e traga-as até aqui"

"Não sou seu assistente. Sou seu segurança."

"Diogo, eu te pago mil reais para buscar umas roupas para mim"

"Não, obrigado".

Eu sinto a dor.

Não é mais dor de cabeça apenas, é dor de existência, eu acho.

"Dez mil reais, Diogo" torço o nariz "Te dou dez mil reais se for buscar umas roupas pra mim, agora, e me deixar usar sua casa"

"HAHAHAHAH"

"Pelo amor de Deus! Mia veio pra São Paulo, Diogo! Ela está aqui. Agora. Com o Gustavo. Se eles descobrirem tudo, sua diversão acaba, já pensou nisso?"

"Vinte mil?"

"Isso é extorsão!"

"Boa sorte, Pinóquio"

"Vinte mil. Mas dê um jeito no seu apartamento!"

"Pode deixar, chefe"

Esfrego meus cabelos com violência.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Amanda limpa a garganta atraindo minha atenção.
Ergo o olhar como se tivesse acabado de acordar em minha cama, descobrindo que não é fim de semana.
Se o apartamento do Diogo estiver imundo e fedorento, eu estou fodido também.
Mia vai dar uma olhada no lugar e sua opinião sobre mim vai...
Não dá pra pensar nisso agora, dá?
Não, não dá.
Amanda fala sobre os resultados líquidos da última campanha digital no mercado vegano.
Um problema de cada vez.

Mia

- Prontas? - Gustavo bate na porta do banheiro, com impaciência.
Eu e Estela somos um par de contorcionistas, na frente do espelho, fazendo milagre para conseguir terminar a maquiagem com quase nenhum espaço. O cotovelo dela está por cima da minha cabeça, dedicada ao rímel, enquanto eu me aproximo do espelho para dar o último retoque no batom.
- Mia? - Gustavo reclama, do outro lado da porta.
Ficarmos os três no mesmo quarto foi uma ideia excelente para os bolsos, mas péssima para o humor. Principalmente o meu, já que Gustavo e Estela estavam naquele estágio elétrico da proximidade. Tanto que, nos últimos quinze minutos, ele já tinha repetido uns vinte comentários apressados, todos dedicados a mim, nenhum a ela.
Eu simpatizava, já tinha sobrevivido a isso com alguns namorados, Leo tendo sido o pior deles... juro por Deus, tinha dias em que eu ficava certa que, se não o tocasse, entraria em combustão.
Mas, enquanto o amor que vivemos é maravilhoso, o amor vivido por outros pode ser profundamente irritante.
O Gustavo era um folgado que deixou as coisas espalhadas pelo quarto nos primeiros doze segundos de check in, mas a Estela achava tudo lindo e ainda fazia caretas quando eu tentava recriminá-lo. Sem contar que Estela demorava mais que eu para se arrumar, ainda assim, no entanto, era eu quem ouvia as constantes reclamações de Gustavo. Entre as desordens e rosnados dele, e a passividade dela, eu estava ficando doida.
E não estávamos no quarto há mais de duas horas.
O que aconteceria no fim dos dois dias, quem viver verá.
E começo a pressentir que não serei eu.
- Já estamos indo. - bato na porta de volta e o escuto sobressaltar.
Estela ri achando fofo.
Tudo que o Gustavo faz ela acha fofo.
Ele reclama da gente, ela sorri.
Ele se espalha pelas camas, ela sorri.
Ele demora uma vida no banho, ela sorri.
Ele nos apressa depois que já ficou pronto em paz, ela sorri.
Já preciso lidar com isso em casa, tendo vários aposentos para dividir com ele. Aqui, presos em um só, estou bem perto de jogar meu

querido irmão pela janela.

- Sei que você não aguenta quando ele tira a camisa. - sussurro - Mas dá pra ficar do meu lado um pouquinho?

- Você tá muito intolerante, Mia. Ele não fez nada demais.

- Se você gosta, leva pra casa. Pode ficar pra você.

Estela sorri em sua melhor atitude de "adoraria".

- Ele perguntou mesmo sobre o Luis? - sussurra muito baixo e eu não vou conseguir controlar a risada. Desde que lhe contei isso, Estela já me obrigou a repetir a história, catorze, eu juro, catorze vezes. E todas as vezes ela quer *mais detalhes*.

- Perguntou.

- Mas *como* ele perguntou? - abaixa o rímel - Foi casual ou foi...

- Amiga, já te contei tudo com o máximo de detalhes que eu consigo lembrar. Se quiser que eu te conte *mais* detalhes, vou precisar inventar.

- Tá, tá. - sorri.

Ela escolheu uma camisa de botões de mangas compridas. É comportada, a não ser que ela desfaça três botões: que foi o que ela fez. Então, se arrependeu e fechou um deles. Aí se arrependeu de volta e o abriu.

O topo dos seios está bem exposto a quem quiser observar, e, se a viagem até aqui serve de indicativo, o Gustavo *vai* querer observar.

Sabe quando você se despede de uma pessoa apenas para descobrir que vão, as duas, para o mesmo lado? Então, continuam andando lado a lado e nenhuma das duas sabe se é melhor manter o assunto para evitar o silêncio constrangedor ou se é melhor ficarem quietas porque constrangedora será a conversa? Isso resume nossa jornada até São Paulo.

Guga e Tê queriam muito conversar, mas, ao mesmo tempo, não queriam nem um pouquinho.

Uma mistura de vontade de interagir com medo de dizer besteira e estragar o potencial.

Na metade do caminho, eu desisti de conversar sozinha, liguei a música e esperei que os dois crescessem a tempo do jantar.

- Nós já estamos atrasados, Mia.

Mia.

Como se fosse eu, sozinha, naquele banheiro.

- Ai, Gustavo! - eu abro a porta e começo a ralar com ele. Demoro alguns segundos para perceber que não está prestando atenção, já que divide seu foco entre eu, Estela e o decote dos três botões.

Eu tenho vontade de dar um tapa na testa de cada um e rir.

Será que o Leo também fica estúpido desse jeito quando está perto de mim?

E pior: será que eu fico estúpida desse jeito quando estou perto dele?

- Prontas. - aviso.

Não recebo muita reação de nenhum dos dois. Reviro os olhos e saio do caminho. Deixa o Guga admirar os peitos da Estela, não é?

Quando pego minha bolsa, ela saiu do banheiro e ele está falhando em tentar fingir que não está desconcertado. Mas é bem ruim nisso porque, veja bem, o Guga fica desconcertado *nunca*. Não é questão de autoconfiança, é questão de "dane-se". Ele não liga para o que ninguém pensa. Nunca ligou. Acho que nunca sequer considerou essa possibilidade.

Se ele quer fazer algo, ele faz. Se não quer, não faz.

Então, pegá-lo incerto sobre como agir socialmente é realmente uma novidade.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ele deve estar se *divertindo horrores*, inclusive.

Estela atacou um dos botões de volta e é mais ou menos aí que eu tenho certeza que, basta eu sair do caminho, e eles vão ter um fim de semana bem intenso. Minha melhor amiga é do tipo que desabotoa a camisa, mas, pelo Gustavo, está fazendo o inverso.

Devia ter pego dois quartos.

O Gustavo para o carro na frente do restaurante e o preço do manobrista é mais do que eu pretendia gastar com a refeição inteira.

- Que roubo! Cidade grande é uma merda mesmo. - resmunga, atrás do volante.

Entrega as chaves pro manobrista, desistindo de tentar estacionar sozinho em um lugar que não conhece e nós atravessamos as gigantescas portas de vidro para entrar no lugar mais chique que já botei os pés na vida.

- Que restaurante é esse que o Leo escolheu, Mia? - Estela puxa meu cotovelo.

- Ele disse que tinha uns cupons de desconto e que o lugar era muito bom.

- Espero que "muito bom" sejam esses cupons de desconto. - Guga investiga o cardápio.

A pompa e circunstância do lugar é suficiente para me deixar incerta e intimidada. Quando a moça na entrada me pergunta se tenho reserva quase esqueço meu nome.

- Deve estar como Amélia Sampaio. - aviso - Ele fez a reserva hoje, no meu nome.

- Hoje? - a moça da recepção ergue uma sobrancelha. Tem um brilhante miúdo preso no nariz que brilha quase tanto quanto seus olhos castanhos e perolados - Nossas reservas estão com dois meses de espera. Tem certeza que... Ah! Aqui está. - ela encontra meu nome com um tom cético.

Encontramos nossa mesa e eu distribuo os lugares pare deixar Estela e Gustavo sentados um ao lado do outro.

- Cadê o Vale Nada? - olha ao redor.

- Pare. - peço.

- Está atrasado. Quinze minutos.

- Nós também estamos atrasados.

- Ele está mais. Estou com fome, não vou esperar.

- Guga!

Encara o cardápio e então descobre que não sabe o que pedir.

- Se ele demorar demais eu vou pro Burger King. - decide.

- Nossa, um Burger King agora ia ser muito bom. - Estela concorda.

Traidora!

Estou rindo.

- A gente vai esperar o Leo e vai comer aqui. - ordeno às duas crianças a minha frente.

- Que seja. - engole em seco, puxando a gola da camisa - Eu vou procurar o banheiro. Licença.

Ele levanta e eu tenho certeza que a Estela está encarando sua bunda.

Certeza!

Ela nem está disfarçando. Inclinou o rosto e tudo.

Bato em seu braço com um guardanapo.

- Não estimula o Guga a ser desagradável com o Leo? Obrigada. - aviso.

- Eu estou com fome também. - ela tem um sorriso sonso.

- Sei. Então, pelo menos me ajuda, distraíndo ele? - sussurro, secreta, e ela se inclina sobre a mesa.

- Como?

- Eu tenho uma ideia.

Passo o braço por cima da mesa e desato o terceiro botão.

Estela faz menção de fechá-lo de volta e eu ergo o indicador.

- Você me deve uma! Por causa da coisa com o Luis! - lembro.

Ela baixa os braços.

E, assim que volta do banheiro, o Gustavo esquece que o Leo existe.

Ou que está atrasado.

Na verdade...

Olho para o relógio.

Está *bem* atrasado.

Leo

Eu estou *bem* atrasado.

A reunião terminou uma hora depois do que deveria e, mesmo que eu conseguisse me livrar de Amanda *agora*, Mia já estaria esperando há meia hora.

Ótimo jeito de conquistar o Gustavo.

Um chá de cadeira em um restaurante chique.

Mas essa não é sequer a pior parte.

Se minha vida fosse um livro, estou certo que boa parte dos capítulos referentes a Mia começariam com "a merda é que...".

Veja o exemplo atual: tem uma mulher linda, que eu amo, esperando por mim em um dos meus restaurantes favoritos. Ela vai passar o fim de semana na cidade, com sorte, ficará comigo e disposta a algum nível de nudez.

Maravilhoso, não é?

É.

A merda é que eu preciso manter certas aparências para não destruir sua confiança por mim ou construir um frenesi de fúria em Gustavo.

Liguei para o restaurante, inventei uma história de cupom, Diogo está trazendo minhas roupas e vou usar a casa dele como se fosse a minha.

Bom plano não é?

É.

A merda é que São Paulo é uma cidade com um trânsito do caralho até no domingo às quatro horas da manhã.

Mas sexta-feira às seis da tarde... é uma coisa do demônio.

É sério. Tenho certeza que o redator da Bíblia se enganou, porque um dos Cavaleiros do Apocalipse é o engarrafamento de São Paulo. Certeza.

E aí o Diogo, que atravessou a cidade para buscar minhas roupas, não ia conseguir chegar a tempo. A marcação do seu GPS avisava que eu precisaria esperar pelo menos mais meia hora.

Eu estava bem perto do restaurante, mas seria meia hora para chegar lá ainda assim.

Olho o relógio.

"Me encontra no restaurante" aviso ao Diogo.

Troco de roupas lá.

Se o Edmundo colocou Mia e os outros na mesa que sempre separa para mim, posso entrar discretamente, ir ao banheiro e trocar de roupa sem ser percebido.

Bom plano, não é?

É.

A merda é que não tem lugar pra estacionar em São Paulo. Se estivesse determinado que o caminho para a Salvação Eterna era conseguir estacionar um carro em uma área comercial na Zona Sul, o Paraíso ficaria vazio. Uma tristeza para os povos do mundo, mas pelo menos lá o trânsito seria bom.

Paro o carro no acesso ao manobrista e aí estou sentado no banco do motorista de uma Lamborghini. Se Amélia sair do restaurante para conseguir sinal e ligar pra mim, não vai haver muitas opções de respostas aceitáveis.

Entrego as chaves ao manobrista e deixo o paletó no banco do passageiro.

Agora só preciso esperar Diogo.

Dez minutos, meu Deus. Eu precisava de dez minutos!

A merda é que a Vida olha pra mim e diz "foda-se"... "foda-se seu playboy mimado que teve tudo a vida inteira e agora está mentindo para uma mulher de bom coração que fez nada a não ser confiar em você e te dar amor e carinho mesmo que você não merecesse". Assim mesmo. Sem vírgulas, porque a Vida gosta de ralar comigo em um fôlego só.

- Leo?

- Mia!

Deus abençoe o manobrista que já levou o carro embora.

Eu a tomo em meus braços e aí...

Aí a Terra para de girar.

- Eu já ia ligar para você.

Estou uma hora atrasado.

- Desculpa! O trabalho, eu...

- Tudo bem! Só estava preocupada. - sorri - O que está vestindo? - brinca com minha gravata.

- Ah, a reunião com os clientes. Tenho que ir mais apresentável. Detesto isso. - folgo o nó.

- Fica bonito.

- Ah é? - aperto sua cintura.

- Charmoso. - promete.

- Adoro isso, então. - mudo de ideia.

- Mas prefiro suas roupas normais. - seu sorriso se expande diante de minha brincadeira e eu a beijo porque é impossível evitar.

- Deixa eu te avisar. - balança a gravata - Estela e Gustavo estão quase se pegando.

- Aleluia. - abro os olhos.

- É. Mas estão bem...

- Insuportáveis?

- Exato. - ri.

- A gente precisa ter paciência com eles. Tenho certeza que já tiveram que suportar nós dois, também.

Ela espreme os lábios, escondendo um sorriso, como se eu tivesse respondido alguma pergunta que ela nunca fez.

- Vamos? - pede - A gente precisa de apoio moral pra desvendar o cardápio, estamos contando com você.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Tomo sua mão e passamos pelas portas de vidro.

No meio do salão, eu vejo o *Maitre*, Edmundo, sorrir educado enquanto caminha na nossa direção. Ela vai me cumprimentar pelo nome, vai ser excepcionalmente solícito e Mia pode até não desconfiar, mas a mesa - com um Gustavo bastante atento - vai estar logo atrás de nós assim que Edmundo me alcançar.

Alguma chance do interesse de Gustavo por Estela tê-lo deixado surdo?

Não acho que posso contar com isso.

- Amor? - murmuro em seu ouvido, conduzindo-a pela cintura - Senta com o pessoal, vou resolver a questão do cupom e já chego. Um minuto, eu prometo.

- Ah, certo! - ela se afasta e eu caminho para encontrar Edmundo.

Minhas mentiras são bem intencionadas, mas, como diz mamãe, de boas intenções o inferno está cheio.

- Senhor Oscher, bem vindo. Está tudo conforme suas preferências?

- Tenho certeza que está tudo ótimo. - eu toco seu ombro, trazendo-nos para o balcão do bar e para longe da mesa do Gustavo - Edmundo... tenho um pedido *pouco convencional* para fazer, hoje.

- Claro, senhor Oscher. Como posso ajudar?

- Preciso que... não venha falar comigo, essa noite. Não me trate pelo nome... como se não nos conhecêssemos.

- Oh. - ele enrugando a testa, confuso - Tudo bem. Claro, senhor. Houve algum problema?

- Não, nenhum problema. Só preciso que o tratamento, hoje, seja normal. Não me trate como um cliente frequente. Peça aos garçons para fazer o mesmo e... preciso que segure a conta.

- Segurar a conta, senhor?

- Sim, eu vou pagar a conta da mesa inteira, entende?

- Sim, senhor.

- Mas farei isso amanhã. Não hoje. Pode fazer isso?

- Segurar a conta para pagar amanhã? Tudo bem, senhor, sem problemas.

- Obrigado e... mais uma coisa.

- Sim?

Sou interrompido por uma voz atrás de mim e uma mão pesada em meu ombro.

- Você é difícil de achar, Malabarista.

Congelo.

Imediatamente.

- Matheus? - eu não consigo colocar lógica ou sentido no Universo.

Mas que caralho?

- Estou te ligando desde cedo.

E eu estou ignorando desde cedo. Não posso colocar você e Mia no mesmo metro quadrado.

- Sua secretária disse que você tinha uma reserva aqui.

- Disse? - estou tonto - Theu, eu não estou sozinho, eu...

- Posso sentar com vocês. Você sabe que eu sou ótima companhia. Oi, Edmundo.

- Senhor Oscher. - ele cumprimenta meu irmão e então pede licença para atender alguns clientes.

- Theu, olha. - seguro seus ombros. *Ai, merda.* Só tem um jeito de fazer isso - Cara, você confia em mim?

- Vai me pedir pra subir no tapete mágico, Alladin?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Matheus. - esfrego os olhos.

- Tá, tá, calma. - me observa, preocupado - Claro que confio, Leo. Tá tudo bem?

- Preciso que faça uma coisa pra mim. E preciso que não me faça nenhuma pergunta.

- Você está me assustando.

- Está tudo bem. Só preciso que não fale comigo, aqui, no restaurante. Preciso que não me cumprimente. Na verdade... sinto muito, irmãozinho, mas se você pudesse ir embora, era melhor.

Olho por cima do ombro, certificando-me que estamos bem protegidos por uma meia parede, longe dos olhares de Mia, Estela e, principalmente, Gustavo. Mas basta que qualquer um deles levante da mesa para me procurar e dê dois passos.

Dois passos e eu estou fodido.

- Leo, eu faria isso, sem problemas. Mas... como vai explicar pra eles?

Matheus aponta para o que eu posso descrever apenas como a visão do inferno.

Os clientes que Edmundo se afastou para atender são Fernando e sua esposa, Tati. Estão sentados com seus cardápios e já parecem ter feito a primeira rodada de pedidos. Nada além de uma meia parede separando minhas duas vidas.

Estou lívido.

- Leo, o que tá acontecendo?

- Theu, preciso que você tire o Fernando daqui. Diz que eu estou em outro lugar, que estou chamando vocês para lá. Diz qualquer coisa. Eu prometo que te explico depois, mas preciso que faça isso por mim.

Matheus acena e sei que vai fazer o que pedi.

Meu plano é desesperado mas tem boas chances.

E eu até poderia manter esperanças de que tudo acabaria bem.

A merda é que Fernando ergueu os olhos.

A merda é que Fernando me cumprimentou.

A merda é que com o canto do olho, eu vejo Mia se aproximar.

9.

Ergo a mão para cumprimentar Fernando e Tati a distância.

- Vou ao banheiro. - aviso a Matheus que concorda, ainda confuso, mas leal.

Sequestro Mia no meio do caminho, levando-a de volta a mesa. Não viro de costas para ver se meu irmão caçula me descobriu.

- Amigos seus? - ela sorri, investigando os arredores. *Viu meu cumprimento.* Engulo em seco.

- Um cliente com a família. - tento soar casual. Não foi Gustavo quem me pegou no ato, então estou salvo com minha mentira meia boca - Boa noite!

Estela me oferece a mão, um sorriso e um cumprimento educado.

Gustavo me oferece nada.

Só um olhar de desprezo e um nariz torcido, resmungando um "até que enfim".

- Desculpa o atraso. - peço - A reunião atrasou e o trânsito nessa cidade é impossível.

- Que nada, Leo. - Estela salva - A gente ficou conversando.

- Seu trabalho é longe daqui? - Gustavo testa.

Ele quer dançar.

Vamos dançar, Gustavo.

- Não estava no trabalho, hoje. A reunião foi em um empresarial aqui perto. Sede de um cliente.

- Qual cliente? - insiste.

Bem... foda-se.

- Uma empresa chamada OM3.

- Nunca entendi exatamente o que você faz.

Talvez porque eu nunca expliquei exatamente o que é.

- É bem desinteressante.

- Eu monto carros. - lembra - Eu me interesso com facilidade.

- Gustavo. - Mia reclama - A gente pode pedir comida, por favor?

Estou bem perto de começar a comer esse prato.

Eu aceno e me desculpo mais uma vez. Ao contrário do irmão, ela me perdoa e beija minha bochecha quando faço o pedido pela mesa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Vocês me dão licença um instante? - folgo minha gravata - Preciso ir ao banheiro.

Levanto antes de receber permissão porque temo que Gustavo não me dê uma.

E eu tenho outra mesa para atender.

E mais uma porção de mentiras para contar.

- O chefe chegou. - Fernando me ofende assim que me aproximo.

Porque é uma ofensa.

Sorrio, mais por pânico do que por cortesia. Olho por cima do ombro para ter certeza que não fui pego e noto que estou suando.

Leonardo, isso não vai dar certo.

Não pode dar certo.

Não tem como dar certo.

Volta pra mesa, puxa a Mia pro canto, conta a verdade pra ela e reza pra dar tudo certo.

Melhor ser honesto em desespero do que ser pego no desespero da desonestidade.

Edmundo volta para a mesa, nos atende pessoalmente sempre que Fernando está conosco.

Lembra do que eu disse sobre minha mãe não ser uma pessoa rica desagradável que acha que todos lhe pertencem? O Fernando *não* é assim. O Fernando é o oposto.

Faço um pedido de cabeça e Edmundo me encara, a epítome da confusão. Ele não entende por que estou comendo em duas mesas diferentes e, mais importante, não sabe se deve ou não me cumprimentar.

Acena, escolhendo educação impessoal e se vai.

Sei que estou dirigindo, mas peço um uísque em cada mesa e tenho toda intenção de fazer bom uso de cada gota. Folgo ainda mais o nó da gravata.

Olho para o relógio.

Quanto tempo faz sentido que eu demore no banheiro?

- Como está a transição, Leo? - Tati pergunta e, ao contrário do marido, é perfeitamente educada.

- O caos. - expiro o sofrimento e ela ri, discreta.

- Imagino. Papai tentou fazer algo parecido há dois anos e desistiu.

- Verdade? - ergo a sobrancelha - Não sabia.

- Foi ideia do Fê, na verdade. - aperta o ombro do marido com um carinho que nunca o vejo retribuir. O Fernando é assim, não tem nenhuma qualidade redentora. Nenhuma - Você conhece a Mariana, ela vai acabar fazendo confusão depois da morte de papai. É melhor que ele resolva tudo de uma vez.

- Entendo.

Detesto esse assunto de herança antecipada e, acima de tudo, detesto discuti-lo com o Fernando.

Nas três semanas desde a decisão do pai, conversamos sobre isso cinco vezes. Ele ainda tentou ser polido nas primeiras duas vezes, imaginava que seria capaz de manipular o velho para que voltasse atrás na decisão. Mas, depois do último fim de semana, com o anúncio formal para a família, Fernando tinha substituído as provocações indiretas por ofensas claras.

Eu não conseguia sequer imaginar o estrago que ele seria capaz de fazer caso descobrisse minha Mia do outro lado da meia parede. Ele ia falar coisas horríveis sobre mim - falsas ou verdadeiras, não faria

diferença - a ponto de levar Gustavo para longe dali às pressas, levando uma Mia traída e descrente consigo.

Eu conhecia o veneno do Fernando bem demais para saber que, mesmo que eu não conseguisse imaginar quais tipos de coisas horríveis ele seria capaz de dizer, ainda assim ele conseguiria me surpreender.

Considerando, acho que era bom que eu não conseguisse *imaginar*.

Uma coisa a menos para torturar minha imaginação naquele instante.

- Peço licença. Preciso fazer uma ligação. - aceno - Não me esperem, pode ser que demore.

- Faça sua ligação aqui mesmo, chefe. - Fernando ordena - Ou é algo que nós, plebeus, não podemos ouvir?

- Fernando, precisa mesmo fazer isso? - Matheus rosna.

- É uma ligação pessoal, Fernando. - explico - Não é trabalho.

- Mais um motivo para fazê-la aqui.

- Não tenho direito a privacidade, então?

- Não mais. Vamos estar todos de olho em você agora, irmãozinho. Está mexendo com nosso dinheiro.

- Estou mexendo com o dinheiro da Helô. - lembro - Não com o seu.

- E o do Matheus.

- Ai meu Deus. - nosso caçula chia.

Eu continuo:

- Só porque o Matheus me pediu para ficar de olho em seus investimentos! É um favor.

- Por que está se explicando pra ele? - Matheus indigna-se - Não lhe deve satisfações.

- Por que deixou seu dinheiro com o Leo? - Fernando ataca Matheus - *Eu* sempre fui o investidor principal da família. Por que não deixou comigo?

- Porque não confio em você, e os investimentos do Leo sempre foram melhores. - responde, categórico e sem hesitar - Viu como se faz? - desafia-me.

- Você é ridículo, Matheus. - Fernando resmunga.

- E você é um pau no cu. Desculpa, Tati.

Ela gesticula, perdendo. O comportamento agressivo de meu irmão diante desse assunto é algo com o qual ela, infelizmente, se acostumou. Quero dizer, se eu, que moro bem longe dele, já precisei ouvir suas reclamações vezes o suficiente para contar, imagina ela que divide a cama?

- Preciso fazer uma ligação. - repito, formal - Me dão licença? - não foi exatamente uma pergunta, mas Fernando responde ainda assim.

- Não damos. - insiste, com um sorriso amarelo.

- Ai, Leonardo, pela Misericórdia! - Matheus exaspera-se - Vai fazer tua ligação de uma vez. Fernando não é teu dono. Aliás, daqui a poucos meses, Fernando não vai ser dono *de nada*.

O problema de ser um homem de literaturas como o Matheus é que ele sabe afiar as palavras como ninguém. O Barbeiro Demoníaco da Rua Fleet só não matou mais porque usava apenas uma navalha e não o vocabulário de Matheus.

Fernando para de respirar e um murro é uma possibilidade.

- Meninos, por favor. - Tati interfere, implorando.

- Certo. Desculpe. - Matheus acrescenta depressa, em respeito a Tati mais que a nosso irmão - Isso foi desnecessário.

A comida chega. E, mais importante, as bebidas.

Fernando vira seu uísque. Eu viro o meu.

- Tati. - peço - Com licença.

Tiro o celular do bolso porque sei que meu irmão está me encarando como uma águia faria a uma presa indefesa. Não posso lhe dar motivos para suspeitar da narrativa-ligação ou ele acaba descobrindo a narrativa-Mia.

Sento de volta na mesa do Gustavo.

- Se perdeu?

- Han?

Estou suando. Folgo a gravata. O nó se assemelha cada vez menos com uma peça elegante e cada vez mais com uma força.

- O banheiro fica pro outro lado. - Gustavo desconfia.

Ai, Nossa Senhora, cuida de mim!

- É, eu... - aproveito o celular em minha mão - Uma ligação de trabalho, me distraí.

Minha bebida chegou. Viro mais uma dose de uísque.

Nossa Senhora tá olhando pra mim e dizendo que se eu ficar bêbado aí não tem ajuda que resolva.

- Algum problema? - Mia toca meu ombro, preocupada.

- Não. Não. - sua preocupação me desarma - Só está sendo uma semana... ruim.

Ela sorri, compreensiva e toca meu pescoço.

- Vai melhorar. - promete.

Mia tem alguns superpoderes que eu descobri com o tempo:

Ela consegue me fazer esquecer as palavras.

Fica mais linda a cada dia que passa.

Derrete minhas pernas com um olhar.

E basta um sorriso, *aquele sorriso*, para que eu esqueça que deveria existir um mundo ao nosso redor.

Um com pessoas e problemas.

Seus dedos desfazem o nó de minha gravata completamente. Apoio um dos braços no espaldar de sua cadeira, inclinando-me para o seu toque enquanto ela retira a peça de pano caro, puxando-a por um dos lados do meu pescoço.

Deixa minha gravata sobre o próprio colo e traz os dedos para os primeiros botões de minha camisa, desatacando dois deles.

Eu fico quieto e em silêncio. Pareço um adolescente, me deliciando com cada um de seus toques doces. Quero inclinar meu nariz para os seus cabelos e respirá-la. Toca meu peito e eu consigo respirar pela primeira vez nas últimas horas.

Amo você.

Raspa o nariz no meu antes de me beijar a boca.

Foda-se o Fernando. Foda-se o Gustavo.

Aquela mulher na minha frente, agarrada a minha camisa, pressionando os lábios quentes contra os meus... ela é tudo que importa.

Preciso contar a verdade.

Agora.

Mas eu abro os olhos e, atrás dela, o mundo volta a entrar em foco. E com o mundo, vem Matheus, de pé, no meio do salão, sem saber onde enfiar as mãos ou parar os olhos.

Mia está sorrindo, mas minha paz se transformou em uma carranca.

- Eu... - gaguejo - ... banheiro. - estalo os dedos e Gustavo me encara como um detetive mal humorado - Preciso ir ao banheiro.

Levanto e tropeço nos meus pés, sorrio desajeitado, e avanço pelo corredor que leva ao banheiro.

Matheus me segue lançando pouco mais que um segundo olhar para Mia.

- Leo... - ele me alcança - Lembra a explicação que você disse que ia

me dar depois? Tem alguma versão resumida dela que sirva pra agora?

Respiro fundo. Esfrego os olhos.

- Credo, cara, você *ta* suando como um porco.

Enfio as mãos debaixo da água e começo a molhar minha cabeça e nuca.

- O que tá acontecendo?

- Theu... você...

- Eu não conto pra ninguém, *tá certo*? Quem é a garota? O que *tá* acontecendo?

Sento contra o balcão da pia e começo a ver manchas negras. Meu pulso está acelerado, explodindo em meus ouvidos.

- Eu estou com ela. - engulo em seco - Ela não sabe quem eu sou. Quer dizer... sabe meu nome, mas não...

- Não contou pra ela que é o cara mais rico do país.

- Não. - mordo a língua.

- Era sobre ela que você estava falando no outro dia? Na festa da Helô?

- Era.

- Ela é *bonita*.

Dou um tapa em seu ombro. É o jeito lascivo como diz a palavra "bonita". Não gosto.

- Ai, calma.

- Olha o respeito, eu gosto dessa garota está bem?

- Gosta? *Gosta* gosta? - confirma - Achei que era só mais uma das suas bolas no ar, *Malabarista*.

- Não. - levo a mão a nuca. Minha dor de cabeça está muito bem alimentada. - Eu gosto dela. Muito.

- Merda, cara. Não deixa o Fernando encontrar com ela.

- É, estou ciente do problema.

- Não consegue arranjar uma desculpa e tirá-la daqui?

- Viu o homem na mesa com a gente?

- Vi.

- É o irmão mais velho. Já me detesta como está. É desconfiado como o inferno.

- Não podemos culpá-lo.

- Não, acho que não. Mas também não posso tirá-lo daqui às pressas sem que ele perceba que há algo errado.

- Tudo bem. E como vai fazer?

- Na verdade, decidi agora mesmo começar a investir muito dinheiro em pesquisas de viagem no tempo. Se tiver sucesso, minha primeira viagem será para cá, daqui a trinta segundos. E aí o Eu de Agora fica com Mia e o Eu do Futuro vai para a mesa ficar com o Fernando e salvar meu couro.

- Não vai dar certo.

- Não seja tão pessimista. - encaro o relógio. - Nunca se sabe.

- Não, não vai dar certo porque é um paradoxo do tempo. Se esse problema é a motivação que te faz querer criar uma máquina do tempo, você não pode voltar no tempo para resolvê-lo. Porque sem o problema você não tem a motivação, e sem a motivação não tem a máquina do tempo. Então, se a máquina é criada, o problema deixa de existir, aí você não tem a motivação para criar a máquina, então não tem máquina, e aí o problema volta a existir, então você faz a máquina... o ciclo é infinito. Um paradoxo. Não vai funcionar, percebe? É que nem no...

- Matheus?

- Han?

- Cala a boca.
- Certo. - acena.
- Eu preciso contar pra ela. - gesticulo - É isso que vou fazer.
Agora mesmo e pronto.
- Gosta mesmo dela? - segura meu braço.
- Muito. - repito.
- Então, não pode contar.
- O quê?
- Não pode contar pra ela.
- Por que não?
- Porque se ela não gosta de você, saber que é rico pode mudar as coisas e nunca vai ter certeza se ela gosta de você pela sua personalidade ou pelo seu dinheiro. E, se ela gosta de você, aí é que não pode contar mesmo.
- Por que não?
- Lembra da garota que estou apaixonado?
- "Drogado" foi a palavra que usou. Lembro.
- Lembra que eu disse que ela me detesta?
- Lembro.
- Bem... - ele encara os pés - Fiz a mesma besteira que você e... ela não me detestava até saber que eu menti sobre quem eu era. Descobriu a verdade e agora nem sequer responde minhas mensagens.
Respiro fundo. Passo os dedos pelos cabelos.
- É fácil a mulher se sentir traída com uma mentira assim. - continua - Como se você tivesse feito isso porque não confia nela. Porque acha que ela só iria querer dinheiro.
- Então, vou mentir pra sempre?
- Cara, não pra sempre. Mas contar no meio de um restaurante me parece a pior ideia possível.
- O que eu faço, ent...
Um barulho.
Gustavo.
- Você tá bem? - ele me encara.
Matheus vira para o outro lado quase que no mesmo segundo.
Enfio as mãos na água de novo.
- Sim. Já estou indo. - aceno, culpado.
Meu problema não é Fernando ou Mia.
Meu problema é que Gustavo vai descobrir tudo em quinze segundos.
Quinze.
Não me despeço do meu irmão e, diante das circunstâncias, tenho certeza que ele não se incomoda.

Mia

Não foi uma boa ideia ter vindo sem avisar o Leo. Ele ainda está muito ocupado com o trabalho, levanta a cada dez minutos para atender uma ligação diferente e é evidente que está preocupado. Deve ter feito um esforço enorme para nos ver essa noite e o Gustavo sequer está educado ou compreensivo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Estou muito arrependida, mas agora já estamos aqui e é tarde demais para conjecturas.

Leo fica lindo com sua camisa formal de mangas compridas e a gravata que eu tirei de seu pescoço apenas porque parecia sufocá-lo. A falta de costume deve destruir o coitado toda vez que tem uma reunião com clientes assim.

Dobrou as mangas para liberar os antebraços e eu me pego encarando o desenho masculino de suas veias caminhando em sua pele até desaparecer sob o tecido da camisa, dobrada perto dos cotovelos.

Aqui e ali, ele me toca. Às vezes, passa o braço ao meu redor, envolvendo-me em um meio aperto com o polegar escorregando em meu ombro, e eu tenho vontade de me aninhar em seu peito para sentir o seu perfume direto da pele em seu pescoço. Tenho vontade de lambe o queixo quadrado com a barba que ele não teve tempo de fazer. Abrir mais alguns botões de sua camisa comportada para enfiar meus dedos pelo espaço disponível e sentir seu tórax quente e rígido.

Leo, no entanto, quase parece alheio à minha presença. Investiga os arredores sempre que me aproximo, como se quisesse escapar de nossa proximidade. Parece nervoso e confuso de um jeito que... pode ser apenas o trabalho, mas *pode não ser*.

Talvez ele tenha se arrependido do que me disse, afinal.

Talvez tenha cancelado a visita do fim de semana porque não queria me ver e eu, com minha bela inocência, sequer considerei essa possibilidade antes de pegar a estrada.

- Aqui. - ele pega minha mão, tranquilizando meus pensamentos não compartilhados - Deixa eu te ajudar. - seu sorriso quente atinge minha bochecha quando ele me toca em uma aula improvisada. Nunca usei aqueles palitinhos na minha vida, mas ao contrário de Gustavo, estou insistindo em aprender - Apoie com o dedo, assim. E movimente, assim. - ele murmura. Eu quero fechar os olhos.

Li em algum lugar que 75% do corpo humano é composto de água. No caso do Leonardo, isso não é informação precisa. Ele é 75% composto de calor. Basta que se aproxime e consegue colocar meu corpo inteiro em estado de ebulição. Eu seria capaz de suar até derreter só com seu hálito morno atingindo minha bochecha, tão perto dos lábios.

Atrapalho-me com os palitinhos. Não por falta de destreza, mas por falta de concentração. Acho que, assim que Leo se afastar, conseguirei operar melhor.

No entanto, não quero que se afaste.

E ele parece concordar que aquela seria uma má ideia, já que fica em minha órbita imediata, mesmo quando já terminou as lições e está fazendo pouco mais além de raspar o nariz em minha bochecha e respirar meu cheiro.

Eu entendo sexo agora.

Juro que entendo.

Porque eu queria que Leonardo me jogasse em cima daquela mesa e me experimentasse com a língua.

Qualquer parte que ele lambesse seria adorável.

Qualquer uma mesmo.

Eu não estava conseguindo respirar direito.

Já Gustavo conseguia respirar e falar. Muito bem, por sinal. E, normalmente, quando o Leo precisava levantar para fazer uma ligação. Achei que o coitado ia virar a noite trabalhando... aí o Diogo apareceu no restaurante e eu tive certeza.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Só um minuto, amor. - beijou meus cabelos.

Se chamou de amor é bom sinal?

- Ele passou mais tempo fora da mesa do que sentado. - começa de novo.

- Deixa ele em paz, Guga.

- Só estou dizendo que precisa prestar atenção.

- E eu só estou dizendo que não aguento mais te ouvir reclamar.

- Mia, você é...

- Eu vou pegar uma bebida. - decido.

Amo meu irmão, mas ele é excelente na arte de ser impossível. E quando se esforça, é insuportável.

Consigo ver Diogo e Leo do outro lado das grandes portas de vidro. Conversam apressados e parecem preocupados. Principalmente o Leo.

Estou me sentindo péssima. Ele deveria estar no escritório... se tiver problemas no trabalho por causa desse jantar vou morrer de arrependimento. Isso e enfiar um garfo na mão do Gustavo para ele aprender a respeitar os momentos alheios.

- Boa noite. - cumprimento o bartender. Ele sorri, educado - Estou... ahm... naquela mesa. - aponto - Posso conseguir uma piña colada?

- Senhorita, eu posso levar até lá. - um homem brota do meu lado, sobressaltando-me - Oh, perdão! - ele acena, apreensivo, ao notar que me assustou.

- Tudo bem. - acalmo - Eu posso pegar aqui, estou precisando fugir da minha mesa, um pouco. - brinco.

Ele parece perturbado. Com o que eu digo. Ou talvez com meu desconforto.

Não sei.

- Há algo que eu possa fazer para melhorar sua experiência? - abre os olhos, nervoso.

- Não, eu estou bem, prometo. - sorrio.

Curioso.

- Mas posso esperar pela bebida. - garanto.

- Como a senhorita preferir.

- Garçom, quero a garrafa inteira. - Leo pede, atrás de mim. Entrelaço nossos braços assim que encosta no bar.

- Acho que vai precisar mesmo, merece relaxar um pouco. - encosto a cabeça em seu ombro antes de me virar para beijá-lo com carinho e... *Jesus!*

Não é o Leonardo!

Meu Pai do Céu! Parece com ele! Os mesmo olhos azuis, os mesmo cabelos castanhos, os mesmos traços do nariz. Até a voz é igual! Preciso verificar umas três vezes antes de ter certeza que realmente não é ele.

- Oh, sinto muito. Achei que era... outra pessoa. - balanço a cabeça.

Ele não se incomoda. Pelo contrário, sorri, promissor ao piscar um olho.

- Sem problemas, linda.

Seu timbre grave e rouco é tão parecido com o do Leo que me assusta.

- O que está bebendo? Posso te acompanhar?

Começo a perceber a diferença. A primeira delas sendo o nível superficial de embriaguez que se faz notar na pronúncia das consoantes.

- Não, obrigada. Desculpe-me pelo engano.

- Vou desculpar. - ele baixa os olhos, sem pudor, para admirar meu corpo de um jeito profundamente agressivo - Assim que beber algo comigo.

Toca minha cintura e eu me encolho para longe dele.

- Acho que vou querer a bebida na mesa, obrig...

Mas o garçom não estava mais ao meu lado.

De repente, não estava mais lá. Sumiu como se nunca tivesse existido e eu fiquei sozinha, percebendo-me oprimida contra o balcão por um homem que tinha umas três vezes o meu tamanho e - decido - *nada a ver com meu Leo.*

- Por favor, com licença... - peço.

- Tá bem, já chega. - uma mão firme puxa o homem pelo ombro afastando-o do meu corpo e eu respiro, ainda controlando o pânico.

Leo? Gustavo?

Abraço meu corpo e tento dar um passo para o lado, mas o meu resgate veio de outro rosto desconhecido.

- Desculpe o meu irmão. - tem um sorriso torto - Ele bebeu demais e esqueceu os bons costumes. Ou o fato de que é casado. - ralha - E que sua esposa está sentada bem ali atrás querendo arrancar sua masculinidade com um hashi.

Levo a mão ao peito e sinto meu pescoço se contrair.

- Mas eu não fiz nada. - sorri, lascivo. Detesto homens assim. Não parece em nada com Leonardo, eu estava perfeitamente enganada - Foi essa linda aqui que me provocou primeiro. Ela sugeriu que eu precisava relaxar.

- Eu... eu te confundi com...

- Tudo bem! - o outro me interrompe, depressa - Erro honesto. - sorri - Vem, Fernando. Não vou te carregar pra casa, então engole a comida e dá um jeito de ficar sóbrio. Sinto muito. - acrescenta para mim - Mas escuta, por que você não vai sentar? Acho que é melhor. - seu tom é querido e educado. Como se me conhecesse e quisesse meu bem.

Mas... já me avisaram que eu sou dada a ver o melhor nas pessoas.

Assinto e agradeço.

Ainda estou sobressaltada quando volto a mesa.

Leo está rígido e trêmulo.

- Tudo bem? - ele me pergunta. E essa é justamente a pergunta que queria lhe fazer.

Se eu disser que tinha um cara querendo me apalpar no balcão quais as chances de Gustavo e Leonardo deixarem passar? Quais as chances de irem atrás do cara procurando esclarecimentos?

- Tudo bem. - decido.

Seu queixo treme e eu o toco com cuidado.

Sinto-me miúda quando ele me abraça, possessivo, como se pudesse cheirar no ar o que acabou de acontecer. Espero que Gustavo faça algum som de reprovação e me surpreendo com o silêncio.

Quer dizer... quase.

A visão a minha frente me faz sorrir de imediato.

Estela convenceu o Guga a experimentar os palitinhos, finalmente, e segura sua mão como o Leo fez comigo, mais cedo. Movendo seus dedos sobre os dele em uma aula íntima que faz meu irmão calar e corar.

É ele quem está preso, agora, em seu universo particular. O resto de nós deixou de existir.

Encaro Leo, segurando uma risada e ele me beija na ponta do nariz. Parece alheio a interação entre Gustavo e Estela. Na verdade, parece alheio a qualquer coisa que não seja eu, dentro de seus braços. Como se temesse que alguma entidade abstrata se materializasse entre nós para me roubar.

Mas eu não pretendo deixar que ninguém me roube dali.

Enfio-me mais fundo em seu abraço e assisto Estela e meu irmão nos

ignorarem.

Leo

Parece que eu vou conseguir sobreviver.

Sabe aqueles filmes de zumbis e vampiros e desastres nucleares? Pode mandar, amigo. Eu sobrevivo a qualquer coisa.

Tive um pequeno aneurisma quando voltei para a mesa do Fernando sem a gravata - retirada por Mia - e Tati, abençoada Tati, notou minha mudança de figurino.

Ainda bem que o Matheus me salvou com alguma justificativa sobre molhos e sujar a roupa.

Eu amo meu irmão.

Só me restava pagar a conta e dar o fora.

Parece simples, não é?

Só parece.

- Pode trazer a conta, por favor? - Gustavo pede ao garçom quando o suplício finalmente chega perto do fim.

- Ahm... - o garçom explica, desavisadamente - O senhor Oscher pediu para segurar a conta.

- Segurar a conta? - Gustavo me observa.

- Não. - eu escuto o pânico em minha risada - O cupom. Eu avisei para segurar a conta no cupom. - sorrio.

- Cupom? - o garçom interfere.

- O de desconto. Da refeição. - o rapaz continua me observando como se entendesse nada do que eu digo. Faz sentido, já que eu não consegui explicar ao Edmundo o meu plano com o cupom... Matheus me interrompeu quando eu estava tentando fazer justamente isso. Estreito os olhos, esperando um milagre. Gustavo está esperando que meu cérebro exploda. Não deve demorar - Fale com o Maitre, por favor. - imploro, limpando a testa das gotas de suor que começam a se condensar - Ele vai explicar tudo. Já está tudo pago. Podemos ir. Gustavo, vai pegando o carro?

Estou atropelando as palavras e minha única sorte é que Mia e Estela já se colocaram de pé. Tê roçou as pernas nas de Gustavo, sem querer, e eu só sei disso porque ele ficou estupidamente vermelho e tenho certeza que não me ouviu. Parece que seu interesse por Estela realmente foi capaz de causar uma surdez momentânea.

- Ah, tudo bem. - ele também se levanta, indeciso sobre se deve conduzi-la ou não.

Os olhos de Estela brilham enquanto espera que ele se decida.

Mas Gustavo é um frouxo do caralho e enfia as mãos no bolso quando poderiam enfiá-las na cintura de Estela.

Desde que não as enfie em minha cara, eu estou contando a noite como um sucesso.

Preciso de apenas um minuto para conseguir explicar ao garçom que me deixe em paz. Edmundo corre ao meu auxílio e me libera.

Do lado de fora, parece que a Vida decidiu que eu preciso do Aneurisma Número Três.

- Seu carro, senhor?

- Ah, sim, claro. - enfio a mão no bolso para pegar o bilhete do manob...

A Lamborghini.

Mano do Céu.

Não é possível.

Gustavo, Estela e Mia esperam que eu entregue o bilhete para o homem com a mão estendida a minha frente.

- Não vim de carro. - sussurro, rouco - Esqueci! - dou um tapa curto na testa - O Diogo me deu carona. Posso ir com vocês?

- Claro. - Mia decide.

Estela se apoiou no braço de Gustavo para ajeitar algo na sandália e ele perdeu a habilidade de falar.

Simpatizo.

Principalmente porque, do jeito que ela está se inclinando, ele está vendo muito mais decote do que um homem deveria ver, assim, em público.

O carro de Gustavo chega e eu mantenho a porta traseira aberta para Mia. Estela me pergunta se quero ir na frente, mas eu já disse que não e já me enfiei ao lado de minha namorada, na proteção das portas fechadas.

Estou tentando reaprender como respirar mas meus pulmões parecem querer expirar antes de inspirar e isso não está dando muito certo.

Estou começando a ter algum sucesso quando estacionamos no prédio do Diogo e aí minha crise de pânico ataca novamente. Aceno para o porteiro que - obviamente - não me reconhece. Diogo prometeu que tinha deixado o homem avisado.

- Boa noite. Sou Leo Oscher. Me mudei para o 802 há pouco tempo.

- Ah. - ele coça a cabeça, confuso - Claro. Pode entrar.

Temo as perguntas de Gustavo, mas a benção que é esse decote de Estela! Estou emocionado a ponto de beirar as lágrimas. Gustavo descobriu os peitos de Tê e, como o bom homem heterossexual que é, não pretende abandoná-los tão cedo.

Eu sei exatamente o que está se passando na cabeça dele.

Está medindo os tamanhos e imaginando se cabem inteiros em suas mãos. Está tentando adivinhar sua textura e o peso. E, mais que tudo, está divagando sobre os seus mamilos. O tamanho, o formato, a cor, se já estão durinhos de frio ou de tesão, como ficariam pressionados contra seu polegar.

Eu conheço bem essa sensação de desvendar a nudez de uma mulher usando nada além da imaginação.

É difícil se concentrar em outras coisas enquanto faz isso. É por esse motivo que ele se sobressalta e engole em seco sempre que lhe fazemos qualquer pergunta. É por esse motivo que me deixa em paz.

Mia tem nas mãos os livros que pretende me emprestar e está narrando sinopses que eu não consigo ouvir porque tem sangue latejando em meus ouvidos.

Chegamos ao andar certo e eu abro a porta do apartamento de Diogo.

Está limpo e metodicamente organizado.

Sua sala se divide em dois ambientes, um com um conjunto de sofá e poltrona beges, ao redor de uma mesa estreita de madeira escura, apontando para uma televisão bem grande presa a parede. Do outro lado, uma mesa quadrada de madeira larga é cercada por cadeiras de couro de espaldar baixo. A decoração é sóbria e quase inexistente, com um espelho circular por trás da mesa de jantar de quatro lugares dando profundidade ao espaço.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

A cozinha americana pode ser vista além do balcão improvisado pela parede a meia altura ladeada por dois banquinhos altos e escuros. O corredor está escuro em seu caminho para os dois quartos. Não tem qualquer varanda, mas as janelas são grandes e uma delas está aberta o suficiente para permitir que o ar circule agradavelmente.

Bonito, limpo e organizado.

Respiro aliviado.

Dura sete segundos esse meu alívio.

Aí eu vejo a merda.

- Mas que caralho? - Gustavo rosna ao meu lado.

Pro Gustavo ter desistido dos peitos da Estela, você imagina o que pode ter sido.

Mas eu acredito que seja pior:

Espalhados por cima do sofá da sala estão todos os tipos de produtos eróticos, em látex e sado-masiquismo sexual que o Diogo conseguiu encontrar. Tem tiras de couro, algemas negras, chicotes, mordanças, plugs e coisas que eu prefiro nem tentar adivinhar o que são.

Filho da puta.

Eu não sei o que dizer.

Tem algo que eu possa dizer diante disso?

- Rá. - eu tento levar na esportiva, mas minha risada sai mansa e atormentada - Isso foi uma piada. Do meu amigo, eu... eu tinha esquecido.

Gustavo esqueceu os peitos.

Esqueceu a porra dos peitos.

Encara-me com o demônio no sangue.

Começo a recolher tudo para jogar no lixo e Gustavo toma a liberdade de investigar o resto do meu apartamento inteiro, temendo que eu tenha alguma mulher presa em um cômodo escondido e pretenda fazer o mesmo com sua irmã. E eu até queria me sentir ofendido, mas depois da piada do Diogo e do meu comportamento nas últimas horas... deixa o Gustavo investigar o que quiser.

Trago cervejas geladas e peço desculpas, constrangido.

Mia achou tudo muito engraçado e Estela ainda está rindo.

Só o Gustavo continua rabugento.

- Estou dirigindo. - recusa a cerveja.

- Vocês querem ficar aqui? - convido. Vou fazer O MÁXIMO de bagunça nesse apartamento. O máximo que for humanamente possível - A gente pode assistir um filme ou...

- Na verdade. - Estela esfrega os próprios joelhos e olha para Gustavo de um jeito tímido quando diz - Eu estou cansada. Estava pensando em... voltar pro hotel.

Gustavo engasga com o ar.

Com o ar.

- É. Eu também prefiro encerrar por hoje.

- Ah, eu queria ver um filme. Não estou com sono. - Mia olha pra mim - É problema se eu ficar?

- Problema? - meu sorriso é imenso. *Não, linda. Você ficar é uma solução* - De jeito nenhum.

- Tem certeza? - Gustavo torce o nariz. Percebo que nunca vi a cara de Gustavo sem essa carranca de desgosto. Acho que se, um dia, cruzar com ele na rua e estiver sorrindo, vou passar direto sem reconhecê-lo.

- Tenho. - ela decide.

Finalmente, uma boa notícia para acalmar o coração dos sofreadores.

Estela retorce os dedos em antecipação ao que lhe aguarda no quarto

de hotel. E, sem dúvida, será sexo, a não ser que Gustavo seja otário.
Ela nos dá tchau e sorri para Gustavo de um jeito sugestivo.
Sexo. Com certeza.
A não ser que Gustavo seja *muito* otário.

Fernando

- Coloca na boquinha, agora. - peço, manhoso, tocando seu lábio inferior com o polegar.
- Colocaria. - pisca seus olhos azuis - Mas você se atrasou. Homem atrasado não recebe brinde na minha cama.
Está nua por cima de mim. Provocando minha nudez com a sua.
- Oh meu amor. - sorrio, agarrando sua bunda - O jantar demorou. Já te expliquei.
- Um dia vou começar a sentir ciúmes de sua esposa.
- E quando esse dia chegar, vou precisar me livrar dela.
Priscila ri, como se eu tivesse contado a piada do ano.
- Até parece. Como se você tivesse coragem de perder os negócios dela.
- Bem, quando nós dois terminarmos, eu não vou *precisar* dos negócios dela, não é?
Chupo a boca que ela não quis me oferecer.
Priscila é a mulher mais gostosa que eu já vi na vida.
Dá um significado diferente pra expressão "boa pra cacete". Só de me esfregar devagarzinho aqui no pé da barriga dela, já sinto como se pudesse gozar de um jeito furioso.
Homem nenhum conhece uma gozada de verdade até esguichar seu leite dentro da boquinha gulosa de Priscila.
Prazer que eu conheço uma vez por semana.
E o Leonardo, por muito tempo, também. É claro.
Existe algo de bom na Terra que não passe pelo caminho do Pequeno Príncipe?
As uvas mais doces, a grama mais verde, os bocetas mais coradas.
Leonardo tem tudo e joga fora sem repetir.
O merdinha.
Essa porra era assim desde que ele era criança.
O Especial.
Deus, como eu queria lhe dar um murro.
Aliás. Três.
Um na cara, um no estômago e um no saco.
Deixá-lo deformado, sem ar e sem conseguir uma nova ereção pelo resto da vida.
Respiro fundo sentindo o álcool no meu hálito. Priscila me beija, agarrando-me os ombros.
- E você? - murmuro em sua língua - Se o *Leonardo* - rosno o nome com nojo - quisesse casar com você? Aceitaria?
- Ser a senhora Oscher? Claro. - geme, sem hesitar.
Mordo sua língua.
- Ai! - gargalha na minha boca - Você já tem a sua *senhora Oscher*, Fê. - seus murmúrios de confissão se assemelham aos de luxúria e eu estou

duro - Não vai casar comigo e nós dois sabemos disso. Não haveria mal algum em arranjar esse sobrenome de outro jeito.

- Se eu contar pra ele a menina danada que você é, duvido que se casasse.

- Os homens fazem coisas insanas quando estão apaixonados. - pisca um olho safado - Até casar com a mulher que come o próprio irmão.

- Ele está apaixonado por você?

Ela desvia o olhar.

- Acho que sou eu quem deve ficar com ciúmes. - resmungo, mas ela nega com um gesto.

- Já te disse. A Jaqueline passou algum grude na boceta. Ele deve estar agarrado com ela. Nunca mais me ligou.

- A Jaqueline? O Horácio não tá comendo ela?

- Deve ter parado. Apesar de que... - seu sorriso é maldoso - Nós já sabemos que o seu irmão não liga em *dividir*. - gargalha, apontando para o nosso arranjo. Bem... Leonardo nunca soube que estava *dividindo* qualquer coisa. Até porque, "dividir" nunca foi o ponto forte do Pequeno Príncipe.

- Quem você acha mais gostoso? - busco a garrafa de champanhe na lateral da cama.

- Entre seu irmão e o Horácio? - arregala os olhos.

Paro no meio do gole.

- Entre meu irmão e eu, Priscila.

- Ah bom! - ela exclama, divertindo-se - Porque se fosse entre ele e Horácio acho que não conseguiria mentir, nem pra salvar seu ego.

- Meu ego?

- É. - toca a ponta do meu nariz com o seu e rouba uma porção de champanhe - Todo mundo sabe como você detesta ser tão parecido com ele.

- Não detesto que sejamos parecidos. Isso é genética. Detesto como todo mundo parece achar que ele é *um pouquinho* mais bonito em tudo.

- Ai, querido, não é assim. Mas o pau dele realmente te coloca em desvantagem porque, Deus que me perdoe...

Empurro Priscila para levantar da cama, mas ela me segura às risadas.

- Estou brincando, amor. - beija minha boca com ânimo de permanecer.

- Não brinque assim comigo. - ordeno.

- Nunca mais. - promete, manhosa.

Passamos longos segundos no colar de testa e nariz.

- Preciso resolver isso. - resmungo - Você era um trunfo que poderia ser útil, enquanto ele te comia. Mas agora que parou...

- Estou trabalhando nisso.

- E tenho certeza que vai funcionar. Não tem como um macho resistir a essa tua bunda. Não dá.

Ela sorri, exagerando no encantamento.

- Mas preciso de um plano B. - aceno devagar.

- Como assim?

- Até essa transição ser concluída, ainda posso fazer algo para impedi-la. Preciso encontrar um modo de provar para o velho que o Leonardo não merece.

Priscila rebola apenas um pouco e puxa uma de minhas mãos para o seu seio.

- Homens me levam para a cama porque não resistem a minha bunda, como você disse. - explica - É assim que chego aos seus lençóis. Mas sabe como permaneço? Sabe qual meu truque para que nunca me deixem ir?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- E tua bunda não basta? - inclino-me para vê-la - Precisa de mais?
- Todo pessoa tem um ponto que, se você aperta, ela geme mais alto.
Um ponto de prazer. Um ponto fraco. Todo mundo tem. E não só no sentido literal. - pisca um olho - O Leo também tem um ponto fraco. Você só precisa encontrá-lo.

Deixo a sugestão de Priscila me invadir aos poucos.

Um ponto fraco.

Só preciso encontrá-lo.

Bem, então acho que devo começar a procurar.

Estela

Quando Heitor se apaixonou pela Mia a primeira vez, nós éramos adolescentes e a Mia era ridícula.

Eu digo "ridícula" porque o Heitor não conseguia lhe dizer duas frases sem que três delas fossem "você é linda", e ainda assim ela dizia que era "só amizade".

Ridícula, não é?

Como é que um cara dá TODOS os sinais que está de quatro e você se recusa a enxergar? "Ele só quer ser meu amigo" era o mantra que ela repetia. O Heitor queria beijá-la, casar com ela e ter oito filhos. Mas, enquanto eu tinha certeza, a Mia tinha um mantra que parecia nome de filme da Sessão da Tarde.

O desastre da minha vida é que, sentada no carro ao lado do Gustavo, eu começava a entender a Mia.

Ele tinha perguntado pra Mia se eu estava solteira, bom sinal.

Mas ele não tinha conversado comigo no caminho para São Paulo, mau sinal.

Ele parecia levemente hipnotizado pelo meu decote, bom sinal.

Mas não tinha me feito qualquer elogio, mau sinal.

Ele fica trêmulo sempre que o toco, bom sinal.

Mas não faz qualquer tentativa de me tocar de volta, mau sinal.

Ele topou voltar mais cedo e sozinhos para o hotel, bom sinal.

Mas agora estamos no carro e ele está mudo como um velório.

Péssimo sinal.

Então, o que é?

Ele me quer ou não?

Está apaixonado e vai tirar minhas roupas como se me descascasse?

Ou somos só amigos e eu estou vendo o que quero porque sou doida de paixão por esse homem desde os meus treze anos de idade?

Eu não sei como funciona a lista de punições para equilibrar o Karma, mas se apaixonar pelo irmão da melhor amiga é suplício de um tipo bem desnecessário. Imagina crescer ao lado de um cara que você queria na sua boca, o cara que é objeto do seu primeiro sonho molhado e da sua primeira vez brincando consigo mesma. Gustavo era o colar de diamantes na vitrine da loja. Deus tinha colocado ele ali com um aviso: Estela, você pode olhar mas não pode tocar.

E por anos, minhas mãos coçaram.

Até eu crescer e começar a coçar em outra parte também.

Só que o Gustavo tinha me colocado na mesma prateleira que a

Amélia. A de mulheres que a gente gosta, cuida e protege mas... "olhar de um jeito erótico?" *Quê, mano? Ficou doido?* E, por muito tempo, eu achei que estava lacrada ali e nunca conseguiria sair.

Até o fim de semana na praia e as afirmações intermináveis de Mia de que algo estava acontecendo.

É claro que eu queria acreditar. Eu *sempre* queria acreditar.

Mas os sinais não estavam exatamente unânimes.

E então?

Eu era uma apaixonada iludida?

Ou eu era ridícula como a Mia e me recusava a enxergar algo óbvio?

Chegamos ao quarto entre o silêncio constrangedor e tentativas de sorriso que sempre pareciam caretas.

Nossa, nunca antes eu quis tanto ser ridícula.

Mas o Gustavo fechou a porta atrás de nós e isso era tudo que eu queria!

Nasci pra ser ridícula.

Única coisa que já quis na vida.

Ele me encara escolhendo o que dizer. Consigo ver o esforço em seus olhos.

- Você quer tomar banho primeiro ou eu posso...?

- Pode ir. - sorrio.

Acho que é por aí que ele lembra já ter tomado banho logo antes de sair.

Não está sujo o suficiente para mais água, hesita na porta.

- Quer comer alguma coisa? - sugiro, tentando prolongar a interação.

Acho que é por aí que eu lembro de termos saído justamente para jantar.

Droga, né?

Gustavo não responde. A única coisa que há entre nós é silêncio e eu espremo os olhos.

Sou ridícula por ter achado que poderia ser mais que uma apaixonada iludida. É isso que sou.

- Esquece. - deixo o ar sair e me rendo - Vai tomar teu banho.

É aquela porcaria daquele cabelo escuro, os fios bem finos e lisos caindo por cima de seus olhos verdes. Aquele corpo firme e mãos cheias de calos de homem trabalhador. Eu queria aquelas mãos imensas no meu corpo, me arranhando inteira em lugares que eu deixo quase ninguém ver, quem dirá tocar.

- O que houve? - ele pergunta.

- Nada. - tenho certeza que meu sorriso é triste.

Sabe quando você está na cama com um cara? E ele é *até* bonitinho, *até* sabe fazer umas coisas, *até* te leva perto do orgasmo. Mas mulher nenhuma grita por causa de um "até". Você está se contorcendo pra aliviar o tormento, sem sucesso, e aí, ao invés de ficar presa no colchão com o cara em cima de você - que não te leva a lugar nenhum -, você deixa sua imaginação assumir o controle e finge que é *outro* cara em cima de você, para a sua mente - sozinha - encontrar o orgasmo que seu corpo não consegue achar.

Se você tem vida sexual ativa, já aconteceu com você.

Sei que já aconteceu comigo.

E, quando eu estou na cama com um cara que não me satisfaz... quando eu estava na cama, na semana passada, com o Luis... adivinha em quem eu penso?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Só te dou uma chance.

Pois é.

Eu penso naqueles cabelos escuros caídos sobre os olhos verdes. Grudados em sua testa suada, gemendo meu nome bem baixinho porque o Gustavo é reservado demais para gritar.

Eu tenho tanto tesão nesse homem que chega a me causar dores.

Mulher nenhuma gosta de ser largada, mas eu não ligaria de ser largada pelo Gustavo se isso significasse que, antes de me largar, ele ia me comer.

Esse é o nível que eu cheguei.

Ridícula, apaixonada e iludida. Prazer.

Viro para me afastar dele, chega de humilhação.

- Estela?

Segura meu braço e minha pulsação dispara.

Ridícula.

- Tá tudo bem? - Gustavo se aproxima, preocupado e faz... a pior coisa.

Toca meu rosto. Tira meus cabelos do caminho para encarar meus olhos que, temo, estão começando a lacrimejar.

Apaixonada.

- O que aconteceu?

O toque do seu polegar se demora no desenho dos meus lábios e eu queria tanto que ele me beijasse.

Iludida.

Engulo o gosto de bile que domina minha garganta.

Chega.

Encaro seus olhos e peço a Nossa Senhora que me ajude com o exorcismo.

Chega de ficar apaixonada por um homem que não me quer.

Chega de ficar invejando as mulheres que ele escolhe.

Chega de nutrir falsas esperanças que só fazem me machucar.

- Aconteceu que eu sou idiota. - explico - E fico enxergando coisa onde não tem.

- Foi o Luis que disse isso? - sua mão se contrai em meu rosto e seus lábios se espremem, irritados - Ele disse que você é idiota?

- Que? Não.

- Tem certeza? - desconfia - Porque eu já estou achando que ele precisa mesmo de um murro. - abre os olhos - Isso ia ser só uma justificativa.

- Ficou louco, Gustavo? Por que ele precisa de um murro?

Seu pomo-de-adão se move.

- Por deixar a namorada fazer uma viagem assim, sozinha. E ele não ligou para você nenhuma vez.

- Namorada? Que namorada?

- Você. - sibila - Vocês não estão namorando? A Mia disse que vocês estavam enrolados e ela não sabia o que era, mas eu imaginei que... bem... sabe?

Han?

- Não. Não sei.

Gustavo bagunça os cabelos, constrangido. Mas são muito lisos e finos e já estão de volta no lugar.

- É que você não é o tipo de mulher que um cara fica uma vez assim e vai embora. Então, achei que estavam juntos.

- E que tipo de mulher eu sou? - minha voz sai confusa e aguda.

- Ah, você sabe... - a mão no cabelo - Você é... - ele aponta para mim e depois leva a mão para gola, puxa a abertura na roupa como se estivesse sufocando - Bonita e inteligente e... Tem certeza que não estão namorando?

Eu sorrio.

- Tenho. - murmuro.

- Ah. - ele engole em seco, e perdeu as palavras. Encara um vazio por um momento, parecendo temer meu olhar - Você quer comer alguma coisa? - pergunta.

Meu sorriso aumenta e Gustavo puxa a gola com mais força.

- Eu ia tomar um banho? - ele me pergunta.

Eu rio baixinho e puxo sua mão antes que destrua a camisa.

- Guga. - chamo.

- Hm? - ele vira-se para mim.

Tem momentos na vida em que, ou você se fode, ou manda se foder.

Puxo sua gola para mim e ele vem obediente, direto para minha boca.

Bastou um roçar de lábios e o garoto perdido desapareceu para dar lugar ao Gustavo.

E Gustavo é um homem.

Gustavo é um homem imenso com mãos largas que agarram minha cintura como se já soubessem o que fazer com ela desde o instante que saímos do restaurante. Gustavo é um homem faminto que engole minha boca com uma maestria que só se obtém com experiência. Gustavo é um homem bruto que agarra partes do meu corpo que eu sempre sonhei em lhe dar e me beija como se a noite fosse infinita.

E é isso que eu queria que ela fosse: infinita.

Mas, se seu fim era inevitável, eu aproveitaria cada segundo entre aqui e lá enquanto nossas bocas não se soltavam e, juro por Deus, foi o melhor beijo da minha vida.

10.

Saio do banho pedindo desculpas que Mia não parece ouvir porque estou usando nada além de uma calça de moletom. Ela enrubesce. *Linda*. É um pecado deixá-la sozinha assim por um minuto que seja, mas eu precisava muito de um banho.

Agora que boa parte do estresse me abandonou, posso respirar fundo e admirar a vista. O modo como o vestido colado se agarra a suas curvas é um crime. Ou talvez o crime seja aquelas curvas ainda estarem vestidas.

Engulo em seco de modo preventivo. Minha saliva se acumula sempre que começo a pensar em abocanhar um pedaço suculento de Amélia, e o risco de babar é real. Tomo-a pela cintura e a colo em meu nariz para respirar seu cheiro.

Suas mãos pesam em meus ombros, não tão pesadas quanto suas pálpebras que se fecham no segundo que acredita não ser mais observada. Beijo sua bochecha.

Ela é linda. Estive tão desesperado que sequer me permiti deslumbrar. Sem dúvida, um mecanismo de defesa automático... meu coração me fez esquecer Mia para que eu pudesse sobreviver a noite.

Não o coração.

Os olhos.

Raspo nossos narizes e sinto minhas pálpebras pesarem assim como as dela.

Algumas pessoas acham que "amor" é uma coisa que mora nas bocas. Como se um beijo fosse uma ação plena suficiente para descrever tanta emoção. Não. Um beijo é só uma porção de lábios e salivas. Se o "amor" precisa *ficar* em algum lugar, é nos olhos que se esconde. Isso é perceptível não por uma questão física e material, mas por uma questão de desistência. Sempre que Mia se aproxima demais, eu desisto de existir de olhos abertos. Preciso fechá-los para apreciar todos os outros estímulos que sua presença exige. Mas, ao mesmo tempo, não consigo fechar os olhos por receio de perdê-la. Porque sempre que Mia se aproxima demais, eu desisto de fazer qualquer outra coisa que não seja observá-la. Ela é dona de toda minha atenção.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

O resultado são as pálpebras que se cerram pela metade, mas raramente em absoluto. Como um peso nos olhos que nem sono consegue imitar.

Beijo sua boca sentindo o sorriso que nenhum de nós consegue impedir. Deslizo os nós dos dedos por suas bochechas, raspando as covinhas que são minha eterna perdição.

- Oi. - sussurro.

- Oi. - sorri.

As curvas presas no vestidinho preto estão bem coladas em meu corpo. A pressão de seus seios contra meu tórax são ainda mais desesperadoras considerando que agora eu sei exatamente o que me aguarda debaixo daquele pano, e como é o par de tetinhas mais apetitosas que já coloquei na boca.

Essa coisa de não comer Mia está me deixando vesgo.

Nunca tive um relacionamento muito longo, admito que não conheço as etapas.

A coisa da tensão sexual, no entanto, é a única parte que eu conheço bem: Aquela pressão deliciosa que você sente na virilha e na vontade por todo o caminho até a cama. Mas a cama invariavelmente chega, substituindo tormento e intenção por alívio e intimidade.

Lindo e erótico.

Na teoria.

Na prática, Amélia era a mulher que eu não comia.

A mulher que tinha transformado o que deveria ser o curto caminho para a cama em uma maratona completa com uma escalada de bônus.

Não tinha alívio.

Não tinha intimidade.

Só tinha aquela porra daquela boca doce provocando minha resolução, fazendo-me lembrar do mel que ela trazia entre as pernas e que eu - pobre e infeliz - ainda não tive a oportunidade de saborear.

Tinha lambuzado os dedos ali uma vez só, mas ninguém mata a vontade de comer Nutella só por enfiar os dedos no pote.

Seu corpo está teso contra o meu, apoiando-se em meu pescoço.

- Que foi? - murmuro, brincando com seus cabelos.

Ela ergue *meu ombro* antes de morder o canto da boca. Beijo o ponto que ela mordiscou apenas porque posso.

Apenas porque PELO MENOS ISSO eu posso.

Mia, no dia que eu puder te comer, vou fazer isso o tempo inteiro.

É bom que fique bem confortável de pernas abertas porque não saio de cima de você nunca mais.

- Mia? - peço - Que foi?

- Foi uma má ideia ter vindo aqui? - pergunta - Não ia fazer uma surpresa, mas o Gustavo achou que seria legal.

Eis a explicação.

- Não foi uma má ideia. - prometo - Eu adorei.

- Tem certeza?

- Sei que estive ocupado, mas acabou! Chega de trabalho. - faço um carinho demorado em seus braços.

- Eu devia ter te avisado.

- Teria sido melhor. - sorrio e a beijo de novo.

Estou quase soltando sua boca, mas volto.

- Mas estou feliz que tenha vindo. De verdade. - acrescento sob seus olhos cheios de suspeita - Não acredita em mim?

- Não é isso. - balança a cabeça como se expulsasse ideias - Só

quero ter certeza que não ultrapassei alguma linha. Não vim até aqui te cobrar nada.

- E por que eu acharia isso?

- Porque... - sorri, desajeitada - Porque a última vez que nos vimos você talvez tenha dito algo sem pensar. E talvez tenha se arrependido e desistido de me encontrar no fim de semana. Talvez estivesse pensando em como voltar atrás. E talvez eu tenha aparecido aqui de surpresa e te roubado a oportunidade.

Estou levemente boquiaberto.

De todas as coisas que aconteceram essa noite... de todas as coisas erradas que Mia poderia ter percebido ou suspeitado... *isso* é o que ela concluiu? Que eu não a amo?

Meu Deus.

Estou rindo baixinho e ela me dá um tapa no braço.

- Pare de rir! Sinto como se me achasse ridícula.

- Não te acho ridícula. - prometo - Te acho adorável. Então você acha que eu disse aquilo sem pensar?

Mia passa a língua nos lábios e acena, tentando fugir da timidez encarando os arranhões leves que traça em meu peito.

- Está certa. - suspiro - Eu disse aquilo sem pensar.

Ela busca meus olhos como se sempre tivesse acreditado naquilo: como se meu amor sempre tivesse sido uma coisa incerta que ela não tem qualquer razão para confiar.

Dói.

Mais do que gostaria de admitir.

Ela fala de uma única vez:

- Vamos fingir que não acontec...

- Se eu tivesse pensado, teria deixado para dizer aquilo depois. - explico - Ou antes. Mas dizer na frente do Gustavo foi a pior opção.

Cala-se. Espera.

Torce o nariz em uma curiosidade divertida.

- Mas te amo. - aviso - Ajuda se eu repetir muitas vezes? - enfio a mão em seus cabelos - Eu te amo. E não estou dizendo isso porque quero ouvir nada em troca. Estou dizendo porque é verdade.

Mia espreme um sorriso, mas eu já o percebi.

Puxo seu rosto e tomo sua boca. Ela se permite beijar e eu me permito um pequeno excesso, descendo a mão livre até sua cintura para agarrar seu corpo.

- Não. - ela me afasta, de repente. O jeito como diz a palavra "não" me faz pensar que não está falando sobre o beijo, mas sobre outra coisa. O modo como ainda explora meu peito nu e usa o próprio nariz para acariciar o meu me faz *ter certeza* que ela não está falando sobre o beijo.

- O que foi? - tento me afastar, mas ela ainda está me segurando bem perto.

- Me diz de novo?

- Que te amo? Digo. Eu t...

- Não! - repete o "não", do mesmo jeito, com o mesmo tom. É isso que ela está negando. Mas ainda não entendi o que é - Me diz de novo... *depois.*

- Depois? Tá. Quando?

- Daqui a pouco. - pede - A Estela diz que homens se confundem e dizem "eu te amo" antes do sexo. Então... me diz depois.

- E vai ter sexo? - gaguejo.

Ela revira os olhos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Me diz depois da coisa que a gente fizer. Seja lá o que for. Pra eu ter certeza que é verdade.

Eu começo a rir.

- Combinado. - beijo sua boca devagar - Vou te dizer depois, meu amor. Vou te dizer o tempo inteiro.

Ela segura meu rosto e tenta me beijar, mas não consegue parar de sorrir.

- A gente ainda vai ver um filme? - pergunto, com a inocência mais falsa desse mundo.

Suas unhas arranham minha barba por fazer enquanto ela ruma palavras não ditas e pensamentos impróprios. É impressionante como, às vezes, uma resposta é dita sem qualquer palavra. Como se a comunicação pudesse ser feita apenas por cheiros e pensamentos.

Agora mesmo, Mia quer dizer "não". Ela quer recusar o filme e me fazer alguma proposta indecente e deliciosa, mas não encontra coragem para verbalizar sílabas, forçando-me a compreender suas intenções pelo cheiro. Pela expressão corporal. Pelo ar.

Por fim, ergue o ombro daquele jeito meigo.

Meu ombro.

- Toda vez que você faz isso. - deslizo o polegar pela pele nua de seu ombro erguido - Levanta o ombro desse jeito doce... eu tenho vontade de te morder. - sussurro, quente, em seu ouvido.

Espero sua reação.

Se ela se afastar - mesmo que um único centímetro - eu coloco um filme e passo o resto da noite no Leonardo versão Telettubies.

Mas... se ela não se afastar... *Se ela se aproximar...*

Mia busca meus olhos e hesita apenas um instante antes de me destruir:

- Vontade de me morder onde? - murmura.

Meu sorriso derrete na minha boca, canalha e obsceno.

- Tenho que escolher um lugar só? - meu polegar volta às suas bochechas, experimentando a maçã do seu rosto.

- Um só. - sorri.

- Mas isso é uma perversidade.

- É a regra.

- Hm. - o som gutural se prende, forte, em minha garganta faminta. Meu olhar desce para considerar minha resposta, encarando aquele decote apetitoso - Bem, se só pudesse escolher um... - minhas palavras escorrem pela minha boca, cheias de devassidão. Desço os nós dos dedos pelo seu pescoço até atingir seu colo, raspando um carinho erótico no topo dos seus seios - Morderia esses teus peitinhos. - provoco com palavras sussurradas que são pouco mais que uma respiração - Porque já experimentei uma vez e não foi suficiente.

Mia fecha os olhos.

A língua que ela passa pelos lábios não é intencional. É apenas um reflexo rápido que acabaria antes que ela sequer tivesse consciência. Mas eu vi aquela língua ali e a tomei na minha boca antes que se fosse. Lambendo seus lábios e sugando seus beijos.

Já fiz minhas pazes com Deus e estou pronto para sufocar, porque já decidi que não vou largar a boca de Amélia nem para respirar. Essa, no entanto, é uma decisão que me é roubada quando Mia se afasta, abandonando beijos para buscar palavras.

- E o que mais? - implora, sufocando ela também.

- Han?

- O que mais morderia? - não abriu os olhos - Se pudesse morder outra coisa?

Meu sorriso é diabólico e imenso.

- Linda... eu te morderia *inteira*.

- Me diz. - pede - Me diz o que morderia.

Está apertando as coxas como fazem as mulheres que ainda não aprenderam aonde levar as mãos.

- Não. - murmuro, doce - Não digo.

Mia hesita, implorando com os olhos. Sem palavras. Pelo cheiro, lembra?

- Mas tira esse vestido - sugiro - *E eu te mostro*.

Ela hesita.

- Não quero fazer nada... definitivo. - explica baixinho.

- Amor, a gente só faz o que você quiser. - prometo, sóbrio, antes de me permitir um pouco de malícia - Só vou te morder um pouquinho, completamente inocente.

Ela ri com gosto.

- Você decide. - aviso. Meu nariz não para de provocar sua pele. Ou talvez seja sua pele que não para de provocar meu nariz. Difícil dizer. Posso decidir depois?

- Preciso tirar o vestido?

- Prefere ficar com ele?

- É estranho tirar a roupa assim. - sua timidez é adorável. - Sem motivo.

Percebe a interpretação que só virgens conseguem fazer?

A pessoa que já teve um número saudável de orgasmos na vida *nunca* diria que nudez erótica é "sem motivo". Na verdade, depois de um tempo a gente descobre que erotismo é o único motivo - realmente válido - para nudez.

- E se fosse tomar um banho? - lambo sua boca - Seria um bom motivo para tirar o vestido?

Ela se abraça e acena.

Não está confiante, mas está disposta.

Quando eu era pequeno, mamãe tinha uma regra bem específica - e desagradável - sobre bolachas de chocolate: só eram permitidas no lanche, depois das quatro horas da tarde.

Uma regra completamente sem razão de ser, mas que, apesar de sua inconsistência lógica, regeu as nossas vidas por toda a infância. Por uma questão etária, eu aprendi a ver as horas antes de Matheus e me tornei o guardião das bolachas. Nós nos debruçávamos sobre o balcão da cozinha esperando os últimos minutos para as quatro, o pacote reluzente ainda fechado sobre o tampo de mármore provocando-nos com suas promessas de "*ainda mais chocolate*" ou "*super crocância*". Respirávamos fundo encarando o prêmio doce que nos aguardava poucos instantes no futuro, eu retorcendo os dedos ao encarar o ponteiro fino e comprido, vigiando seu avanço metódico por cada segundo, e Matheus, ao meu lado - bem mais baixo que eu, naqueles tempos - encarando-me com olhos angustiados e sofridos que gemiam a cada quinze toques do ponteiro comprido que eu observava, ao me perguntar: "ainda falta muito, Leo?"

Todo esse passeio ao passado foi apenas para ilustrar a situação da minha masculinidade rígida enquanto conduzo Mia ao chuveiro.

Ela é o pacote reluzente de bolacha que eu estou doido pra comer faz tempo demais.

Meu pau é o Matheus - Deus, ele adoraria essa analogia - olhando

para mim a cada quinze segundos e me perguntando se ainda falta muito.

O problema é que falta, meu querido. Sinto muito, mas ainda falta tempo demais.

Como naquele verão em que, assim que o ponteiro dos segundos dava sua última volta, a cozinheira entrou apressada, avisando que esqueceu de regular o horário de verão, e atrasou a porcária uma hora completa.

Uma hora completa.

Eu e Matheus causamos uma revolução na cozinha.

Uma que restou sem sucesso porque tivemos que esperar a hora adicional, ainda assim.

A impotência das crianças diante do biscoito.

A impotência dos adultos diante da vagina.

Estamos no banheiro, no entanto, e meu pau está gritando que eu pare com as divagações para tentar lhe dar uma chance. Bem birrenta é essa parte ereta do meu corpo, sempre insistindo em ser o centro das atenções apenas porque eu o amo como um pai a um filho favorito.

- Leo, você acabou de tomar banho. - está tentando aliviar o clima com comédia porque não sabe sustentar a tensão erótica por muito tempo.

Mas não tem problema.

Eu já ensino.

- Ainda estou sujo. - prometo, sem sugerir qualquer risada.

Tomo seu rosto e ela quer um beijo.

Mas o beijo é uma fuga. Como o alívio cômico.

Uma alternativa, para não precisar olhar nos meus olhos sem saber o que dizer.

- Não te fiz a pergunta mais importante. - sustento seu olhar e ela treme - Qual parte *você quer* que eu morda primeiro?

Lambo os beijos, faminto e Mia se retrai. Não se afasta, percebe. *Se retrai*. Como fazem os músculos envoltos de tesão. Aquela contração que começa no estômago e acaba em lugar nenhum, atrapalhando a respiração e o pensamento.

Desço o zíper do seu vestido e ela segura meus braços.

- Você... você pode tirar primeiro? - está vermelha como uma bocetinha rosada.

- Claro. - livro-me da calça, exibindo meu comprimento duro.

E, modéstia a parte, meus 6% de gordura corporal perdem a atenção alheia quando meu pau entra na jogada. E é esse dilema que Mia enfrenta agora, com seus olhos correndo do meu tórax para minha ereção sem saber o que admirar primeiro.

Não lhe dou muito tempo, no entanto. Já estou de volta ao seu redor, puxando suas alças para liberar seu corpo.

- Pode... pode apagar a luz?

Ah, não. Seguro o sorriso.

Mia tem vergonha do próprio corpo?

Pai do Céu. Eu só vi seus peitinhos e já acho essa vergonha incompreensível.

Quando ver o resto vou achar que é louca.

Bato a mão no interruptor e nos afundo na penumbra que só não se faz em escuridão absoluta por causa da luz acesa no quarto que entra pela fresta da porta.

Ela empurra as mangas do vestido para deixar o pano cair no chão do banheiro.

Faz um bom tempo que não engulo em seco. Estou perdendo o controle da saliva, lembra?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

E já era ruim o suficiente antes de saber que Mia não usava sutiã naquela noite. O vestido se foi, no entanto, e mesmo com pouca luz, vejo o peso de suas carnes obscenas de mamilos intumescidos.

Mia me puxa para perto como se quisesse esconder o próprio corpo em meu abraço.

Não que eu me incomode. Ela está nua, eu mencionei? Não me incomodo com proximidade alguma. Só o que me incomoda é a calcinha que ainda está entre nós.

Treme, como se de frio.

Mas não é frio.

E eu sei exatamente o que é.

Mia

Leo está perto a ponto de roubar meu oxigênio.

Ou pelo menos é isso que deve estar fazendo, porque eu não consigo respirar.

Está nu.

Estou nua.

Nunca, nunca, nunca estive assim com um homem antes.

Eu queria conseguir olhar direito para sua ereção e ver como é, mas... se eu puder investigá-lo, isso significa que ele vai poder me investigar? Ainda não estou certa se isso é algo que quero.

Ainda não estou certa se isso é algo que *consigo*.

Eu o abraço bem perto para impedi-lo de ver muito além de meu rosto. Mas o tiro que eu tão habilmente disparei, saiu com força pela culatra, porque ele não me vê, mas estou segura que *me sente*. Assim que pressiono os seios nus contra seu tórax rígido, Leonardo fecha os olhos até a metade, mordendo a boca em um gemido cru de sofrimento.

E, por outro lado, eu também consigo *senti-lo*.

Sua ponta dura cutucando meu estômago, deslizando com as primeiras gotas do líquido que os livros de Biologia me ensinaram que ele deveria expelir.

Move a pélvis devagar, roçando sua nudez em minha pele. Não solto seus braços, pela minha vida, mas não consigo impedir meus mamilos de endurecerem, provocados por sua pele quente.

- Linda. - ele pede, morno, buscando-me - Olha pra mim.

Obedeço. Cautelosa.

- Não vou fazer nada que não queira. Sabe disso, não é?

Aceno porque para falar - acabei de descobrir - é preciso oxigênio, que eu não tenho.

- E o que vai fazer? - pergunto baixinho, quando recupero o ar.

- Vou te dar um banho. - promete, rouco - Mas primeiro - desliza a mão, rude e pesada, por meu estômago, até alcançar minha calcinha e físgala com um dedo - Quero saber se posso tirar isso daqui.

Não é uma boa ideia. Mas quero *tanto* que faça isso.

Concordo com mais um gesto curto. Ele hesita, encarando-me... esperando por um gesto mais enfático que expresse minha permissão além de dúvidas.

- Pode. - murmuro - Pode tirar.

É aí que ele faz uma coisa *tão*...

Leo gruda o nariz na base do meu pescoço e o desce entre meus seios ao mesmo tempo que se abaixa para tirar a peça entre minhas coxas. Sua respiração febril traça um percurso erótico sobre minha pele. Eu acho que vai parar quando se põe de joelhos para atingir meu umbigo, mas seu nariz desbravador continua e só interrompe a jornada quando alcança o topo dos meus pelos curtos.

Estou tremendo inteira.

Já revirei os olhos por incômodo muitas vezes na vida, mas por prazer é a primeira vez. E Leonardo sequer me toca com muito além da ponta de um nariz.

- Posso mesmo morder onde eu quiser? - sua voz é rouca e grave como deve ser a dos insanos - Porque eu quero morder aqui. - seu dedo desliza entre minhas carnes: não me penetrando, mas testando as bordas dos meus lábios vaginais escorregadios do líquido lascivo que deixo gotejar.

Gostaria de dizer que recuso apenas por vergonha, mas é falta de convicção. Se Leonardo começar a me morder ali, não sei se terei forças para pará-lo.

- Não. - agarro seus ombros largos, ajoelhado aos meus pés onde está, parece um servo... acariciando minhas coxas com os nós dos dedos, provocando-as com seu hálito indecoroso - O banho. - imploro - A gente não ia tomar banho?

Leo põe-se de pé e me beija o pescoço antes de me puxar para o chuveiro.

Começo a questionar a sanidade da minha decisão porque o Leo é todo imenso, largo e duro. Tê-lo molhado ao meu redor não diminui minha cobiça.

Agarra minha cintura com vontade, fincando os dedos como garras poderosas, e me afasta apenas um pouco, baixando os olhos para admirar meu corpo. Tapo-me por instinto. Seios e vagina com minhas mãos pequenas e embaraçadas.

- Linda. - pede, com uma manha que me faz estremecer - Não fica com vergonha de mim.

- Não é vergonha de você. - prometo - É só... *vergonha*.

Ele cobre minha mão sobre a vagina com uma sua, cavando um espaço entre meus dedos bem devagar. E basta que eu lhe dê abertura suficiente para que aperte o ponto que me coloca em chamas.

Aperto seus braços com um urro desesperado.

- Calma. - pede, quando me aperto ao seu corpo, escalando-o com pernas que não consigo mais controlar - Calma, Mia. - sussurra.

- Não consigo. - aperto seus ombros - Queima. - choramingo - É insuportável.

- "Insuportável" bom ou ruim? - seus dedos param e a ausência traz a resposta imediata para os meus lábios.

- Não para! - rebolo - Bom! - respondo, aflita - Insuportável, bom!

Meus olhos se fecharam, mas sei que Leo está rindo. Escuto sua risada em meu corpo úmido. Ele me lava devagar com a mão livre, esfregando um corpo que não me importa mais, desde que ele não pare de esfregar uma parte específica.

Leo me dedilha como se eu fosse um instrumento.

E, por Deus, eu canto.

Apoio o queixo na curva do seu pescoço e sinto a angústia travar meu corpo inteiro.

- Mia, Respira. Eu preciso que você respire, meu amor.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Não dá.
Desculpa.
Cerro os olhos com força.
Prendo a respiração.
Estou tonta.
Como aquilo pode ser tão bom?
Como é possível?

De repente, a história do experimento com os ratos que, podendo escolher entre orgasmo ou comida, morriam de fome, faz perfeito sentido. Vou sufocar.

- Amélia. - Leo ralha com aquela voz rouca que é mais sensual que seus dedos - Respira ou eu paro.
- Não dá. - ofego - *Nãodánãodánãodá*. - gemo, entre dentes.
- Dá. Respira. Força o pulmão. Vamos.
Tento me obrigar a obedecer, mas é difícil.
Muito difícil.

- Se eu parar, você consegue. - diz - Mas você precisa aprender a respirar enquanto eu faço isso.
- Eu aprendo na próxima. Eu juro. - balbucio - Não para.
Esfrego meus peitos nele. Estão tão sensíveis. Cada roçada manda insanidade pelo meu corpo, condensando-se atrás do ponto que ele aperta.
Solta-me.
Vou matá-lo.

- Leonardo. - reclamo, em pânico.

Mas ele não me dá tempo para articular um raciocínio mais complexo que seu nome. Vira-me de costas, apoiando-me contra seu peito. Enfia a ereção entre as bochechas da minha bunda. Não me penetra. Não vai me penetrar. Mas se acomoda ali, entre minhas carnes, mesmo assim.

Suas mãos são enormes. Uma delas me agarra o peito, a outra desce para minha vagina. Inclino-me em seu ombro, arqueando de desejo.

- Você precisa é aprender a fazer isso em si mesma. - rosna, com os dentes travados - Para não ficar me torturando com essa vontade de te comer até te deixar roxa, para te acostumar com um gozo decente. Aqui. - ele toma minha mão e leva meus dedos ao meu entre coxas - Isso aqui é teu clitóris. - murmura. Tem tanto calor saindo da voz angustiada de Leonardo que ele vai ferver a água do chuveiro - Está vendo? - conduz meu dedo até o carocinho na parte de cima da minha vagina. Pressiona e eu volto a gemer - Achou? - seus rosnados roucos estão me deixando louca.

Balanço a cabeça vezes demais.
- A... achei.

- Não esquece dele. - ordena - Agora, você brinca com ele assim. - guia nosso movimento alternando direção e pressão. Eu deveria estar prestando atenção, mas já desisti até de viver, quem dirá ouvir - E vai piorar, entendeu? Essa sensação de que você vai perder a sanidade e explodir vai piorar. E piorar. - esfrega com mais força e eu entendo - E piorar. - aumenta a velocidade, meu gemido não para mais, é um sofrimento longo e contínuo - E vai continuar piorando até melhorar. Mas você precisa respirar ou morre antes de chegar lá.

Quero lhe dar alguma resposta, mas não consigo.
- Mia, respira. - resmunga.
Tento obedecer e acho que consigo.
A sensação é insustentável.
Ele está certo: eu vou morrer.
Que diabo é isso que te faz achar que a vida vai acabar e ainda

assim você não quer que pare?

- Acaba pra mim! - imploro, tirando minha mão do caminho. Ele provoca meus mamilos até me deixar maluca. Meus peitos estão hipersensíveis e cada aperto de Leo é pecaminoso - Acaba pra mim.

- Não. - avisa - Você precisa aprender.

Ele se distrai. Sei que se distrai porque seu indicador provoca minha entrada e quase escorrega para dentro. Leo se impede no último instante. Mas aquele dedinho roçando bem ali foi mais do que eu consigo aguentar.

- Pode colocar. - peço - Coloca, Leo. - agarro sua mão, esfregando-me como um animal - Por favor. Eu vou chorar.

Leo me agarra pela cintura com violência e parece bem perto de perder, ele também, a razão.

- Amélia, não. - ordena, grave - Calma. Pare. Você precisa...

Mas eu não preciso de nada.

Aliás...

- Eu só preciso desse teu dedo enfiado em mim. Por favor. Por favor. Por favor. - meus gemidos são altos e o Leonardo parece suar frio. Hesita em seu movimento. Gagueja em tentativas - Coloca, lindo, coloca, por favor.

Rebolo em sua mão até fazê-lo desistir.

E tão rápido ele desiste.

Fode as bochechas da minha bunda como se fosse minha vagina. Seu dedo passeia nas imediações da minha entrada e eu me contorço, ansiosa, mas ele apenas lambuza-se de mim antes de voltar ao meu carocinho.

Não importa, já estou tão perto que, sem minhas mãos desajeitadas para atrapalhar, Leo consegue ir além do "vai continuar piorando" e me faz gritar antes de trazer minha crise e, com ela, o alívio.

Espasmos involuntários dispersam-se por meus membros enquanto eu luto para abrir os olhos. Minha boca entreaberta prolongando um grito mudo que eu não tenho mais forças para continuar.

Atrás de mim, agarrado a peitos, cintura e vagina - em qualquer ordem que conseguir - Leonardo se demora em sua possessão. Meus gemidos finais, no entanto, parecem ter conseguido destruir todas as suas defesas.

Sinto o jato quente em minha bunda quando ele termina, ofegando seus próprios gemidos incompreensíveis e beijando meu pescoço com afinco.

Não lembro como terminamos o banho.

Sei que ainda deve ter demorado mais uns vinte minutos, porque Leonardo me lavou inteira e Deus o abençoe, porque eu não conseguia sequer usar as pernas.

- Não vou conseguir transar nunca. - choramingo, por fim.

- O quê? - sorri, esfregando o sabonete em meus seios e, suspeito, já fez isso antes.

- Não vou conseguir. Se só com uma mão eu já fico querendo morrer... O que vai acontecer quando for com um... Com um... sabe?

Leo me dá um beijo. É meigo e querido. Eu me aninho em seus braços dificultando sua tarefa de me dar banho.

- Vai aprender. - brinca - Te ensino devagar.

- E vai ser você? - pisco, cansada.

- Claro que vai.

- Não aceitei casar com você, Leo.

- Ainda não aceitou. - provoca, risonho.

- Tá certo. - murmuro, descrente.

Ele me seca e acho que ia continuar a conversa, mas abrimos a porta

do quarto e a conversa acabou.

Acabou porque tem uma mulher só de calcinha e sutiã na cama do Leonardo.

11.

Leo

Sabe quando você pega a fatia de pizza, a cerveja gelada e senta no sofá pronto pra assistir um filme, só pra perceber que o controle remoto está do outro lado da sala? Você está cansado depois de um dia longo de trabalho e já afundou nas almofadas do seu sofá - que te abraçam como se fossem sua mãe - tudo que quer é sentir o gosto daquele queijo derretido com molho de tomate e se perder em uma sequencia de ação que te faça esquecer a vida.

Mas a porra do controle está lá do outro lado.

Você expira dolorosamente porque sabe que suas pernas vão precisar trabalhar mais um pouco, e erguer-se do seu sofá - nessas circunstâncias - é um exercício desagradável para os músculos das coxas que a academia nunca parece ser capaz de reproduzir.

A frustração e, mais que isso, a descrença.

"Vou precisar levantar de novo".

É assim que me sinto agora.

Depois de todos esses meses, comecei a imaginar que "Mia peladinha na minha boca" era o pote de ouro no fim do arco-íris. Algo lindo de imaginar, mas... fala sério: quais as chances de ser real?

No entanto, de uma semana para cá, ali estava ela.

Pelada e molhada, na minha boca.

Dava-me arrepios só de imaginar. Bastou que ela se enrolasse na toalha, protegendo aqueles peitinhos pesados da minha visão, para que eu quisesse despi-la de novo, debaixo daquele jato de água quente.

O queijo derretido estava escorrendo. Cheio de molho de tomate. A cerveja era tão gelada que doía em meus dedos.

Ainda estávamos conversando quando eu descobri que tinha esquecido o controle remoto.

A morena usava nada além de calcinha e sutiã. E, Deus a abençoasse,

porque ela os usava bem.

E era mais ou menos aí que morava o problema: não na mulher pelada de toalha ao meu lado, mas na pelada de roupa íntima sobre o que deveria ser minha cama.

Putá merda, não é?

Como eu vou explicar isso?

- Leo... - Mia ensaia o princípio de uma pergunta.

Mas nosso movimento suspeito foi tudo que bastou para sermos notados.

A morena emite um grito curto de nervosismo irrepreensível e tapa-se depressa com os cobertores.

- Mas o que diabos...! - esconde-se nas cobertas - Quem são vocês? - ela busca o celular e eu não duvidaria se ligasse para a polícia.

A namorada do Diogo.

Uma irmã ou prima não estaria na sua cama daquele jeito.

- Você deve ser a namorada do Diogo. - arrisco, erguendo as mãos, enquanto Mia dá um passo para trás de mim.

O nome do namorado a faz pausar.

Não responde, mas nos encara esperando continuidade.

- Eu trabalho com ele há um tempo.

- Trabalha com ele? Como segurança?

- Não, não... - *não vai dar pra responder isso de um jeito que satisfaça as duas mulheres.* Não respondo - Você pode ligar pra ele? Houve uma questão com os apartamentos. Ele pode te explicar. - peço - Enquanto nos vestimos. - Pego nossas roupas, conduzindo Mia para o banheiro.

- Leo, o que está acontecendo?

- Não faço ideia. - dou de ombros e tento parecer confuso. Considerando meu estado, não é difícil - Foi a empresa que conseguiu esses apartamentos para a gente. O Diogo ficou aqui há um tempo e talvez ela tenha se confundido.

- Ah. - dobra o lábio - Nossa, coitada. Imagina o susto?

Meu coração ainda estoura no meu peito como se fosse bateria de carnaval.

Imagina o susto?

É... posso imaginar.

Ela está vestida quando saímos, tem uma expressão surpresa e confusa que me inspira simpatia.

- Sinto muito. - murmura as palavras, ainda incerta. Observa-me de cima a baixo. Não sei o que Diogo lhe disse, mas meu nome deve ter surgido na conversa, ou ela não me inspecionaria como quem verifica uma obra de arte famosa pela primeira vez.

- Não é problema. - digo, educado, conduzindo-a com um gesto para a porta.

Ela acena uma despedida breve para Mia e se vai sem dizer muito mais que seu pedido de desculpas.

Dou de ombros assim que fecho a porta entre nós e Mia ri baixinho.

- Coitada.

Conseguí sobreviver sem suar frio.

Vou considerar isso uma vitória. Acho que mereço.

- Quer ver um filme? - convido.

- Não. - toma minha mão - Agora, estou cansada. - enfatiza a palavra como se me responsabilizasse.

E eu sorrio porque a culpa é minha mesmo e é uma culpa deliciosa demais para evitar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Enfiou-se em uma das minhas camisas trazidas pelo Diogo, a noção de que ela estava nua por baixo do pano estampado me fazia querer boliná-la. Não muito... só o suficiente para fazer escorrer um pouquinho de mel doce e tímido. Queria aquele pano cheirando a ela para que eu pudesse guardar como um troféu. Talvez misturado à minhas roupas, incensando minhas gavetas com seu cheiro libidinoso.

O pensamento só não me destruiu com uma ereção completa porque eu - assim como ela - estava começando a sentir a exaustão do dia.

- Dormir. - aceito sua mão e deixo que nos leve de volta para cama. Não tem malícia dessa vez, em nenhum de nós.

Só tem Mia.

Enlaça-me com uma das pernas e eu descanso a mão sobre sua coxa.

Já fiquei com mulheres na cama. Já até dormi ao lado delas.

Mas aquele enlaçar de pernas, aquele sorriso...

Acho que intimidade é um bicho que tem três estágios: antes do sexo, durante e depois. Como uma lagarta virando um casulo e então uma borboleta. Antes do sexo, você incentiva a intimidade porque quer a nudez. Durante o sexo, você tem a intimidade que lhe é requisito básico (não dá pra ser reservado sentindo o suor do outro na sua língua, você pode tentar, mas não dá). E depois do sexo... bem, nunca cheguei nessa parte.

Normalmente, meu interesse por uma mulher some junto com a ereção.

Não me entenda mal: eu aprecio boas companhias e etc, mas a coisa toda de corpos emaranhados em fluidos e o calor de outra pessoa respirando na minha pele é o tipo de proximidade que só me diverte quando orgasmo está logo ali, virando a esquina.

Se o orgasmo ficou pra trás, o corpo febril de libido - que me excitava há dois minutos - se transforma em um corpo estranho melecado de suor.

E aí entra Mia.

Mia que eu puxo para aconchegar em meu peito porque um travesseiro de distância é espaço demais.

O enlaçar de coxas nuas que não serve a qualquer propósito erótico. Raspa a ponta do nariz em meus lábios antes de me beijar a boca e fechar os olhos.

É intimidade de um tipo diferente.

Chega a ser curioso pensar nisso: assistir a intimidade nascer como se fosse uma borboleta saída do casulo. Algo que passou tanto tempo sendo preparada e agora que está aqui, é belíssima.

Dou um beijo estalado em sua bochecha que a faz rir.

- Ei. - lembro de algo importante.

- Que foi? - pisca seus imensos olhos verdes ladeados de cílios escuros e compridos.

- Não está esquecendo de nada?

Mia gira em meu abraço, apenas um pouco: apenas o suficiente para me observar com confusão atravessada em sua expressão.

- O que?

Passo as pontas dos dedos pelo seu rosto. Um carinho desajeitado, transbordando intimidade.

- Eu te amo. - aviso.

As covinhas marcam os dois lados do seu sorriso.

Tenho vontade de mordê-la e é exatamente isso que faço.

Uma mordida gananciosa e cheia de dentes bem no seu queixo.

Ela ri, de novo, afastando-se de meus dentes.

Está quase completamente sobre meu corpo, aninhando-se em meu

pescoço, fazendo-me de travesseiro.

O calor de seu corpo é poderoso. Mas o de suas palavras é ainda mais.

- Eu também te amo. - suspira - Também te amo, Leo.

12.

Quatro meses depois...

Mia

- Não vou assistir isso. Escolhe outra coisa.
- Gustavo, você vai assistir isso, sim. - ergo a sobrancelha, controlando o sorriso.
- Amélia, não vou. - avisa.
- Diz isso agora. Mas em cinco minutos, a Estela chega. E você vai assistir o que ela quiser.
- Não vou. - rosna, com seu eterno mau humor.
- Anham.
- Já sei como a coisa toda vai se desenrolar. Pelos últimos meses, Gustavo tem sido como o personagem de um romance previsível. Pateticamente previsível.
- E onde está o Vale Nada? - provoca.
- Ele só vem no fim de semana. - explico.
- Mas o aniversário não é hoje?
- Não é um aniversário, Gustavo.
- Ele disse que era.
- O Leo não entende que aniversário se comemora a cada ano. Dez meses de namoro não é um aniversário.
- Vocês estão juntos há dez meses? - torce o nariz.
- É.
- Como eu deixei isso acontecer? - seu sorriso é bem minúsculo, mas eu o percebo e, por ele, o Guga leva um tapa.
- Ele se encolhe, puxando os braços para longe dos meus ataques, quando a porta se abre dando passagem a sua namorada.
- O que ele fez? - Estela deixa a bolsa sobre a mesa da sala.
- Adivinha. - peço.
- Deixa o Leo em paz, Guga. - ela entende, mas isso não impede meu

irmão de lhe oferecer uma careta.

Mas é uma careta breve, uma que entra e penetra na festa que é o sorriso de Gustavo sempre que a Estela se aproxima.

Não sei se a melhor parte desse relacionamento é ver a felicidade do meu irmão, a da minha melhor amiga, ou o fato de que - valha-me Deus - Isadora foi embora de minha vida.

Estela beija sua bochecha e depois sua boca. Acho que ela nunca se cansa da sensação de poder tocá-lo onde quiser. Guga a abraça e beija a ponta do seu nariz.

- É isso que vamos assistir? - ela olha feliz para o filme selecionado na Netflix.

- É. - Guga responde sem pensar. Vira-se para mim como se tivesse acabado de perceber que entendeu uma piada particularmente nociva, mas é tarde. Eu estou sorrindo e lhe mostrando a língua para que saiba que é um idiota apaixonado assim como aqueles por quem sempre demonstrou tanto desdém.

Leo

Esfrego as têmporas com força.

Estou começando a sentir um sulco nessa região da minha fronte. Se presidir a OM3 for assim pelo resto de minha vida, vou acabar deformando meu crânio.

Amanda não parece satisfeita.

Não é novidade.

Pelos últimos meses, Amanda sempre aparece nessas reuniões como se tivesse acabado de descobrir que vai precisar declarar imposto de renda uma vez por mês.

- O mercado chinês vai abrir essa regulamentação em breve. - ela reclama - É sempre assim: primeiro, eles proíbem enquanto deliberam e, assim que tiverem a definição, vão abrir o mercado.

- Está colocando fichas demais nessa cesta, Amanda. - Ezequiel é nosso consultor de assuntos asiáticos e, embora eu devesse ouvi-lo, sua dialética é péssima... o que faz com que os argumentos de Amanda pareçam muito mais racionais.

- "Ovos", Ezequiel. - ela reclama - A expressão é "ovos na cesta".

- O governo chinês não se comporta de maneira estável em assuntos digitais assim. - lembra - E o investimento que querem fazer é vultoso demais para não considerar os riscos.

- *Alt Coin* é o futuro, Ezequiel. Mesmo que o mercado chinês não abra, agora... o japonês não deve demorar a fazer isso e então...

- Por que estamos discutindo isso? - peço - Investimento em moedas digitais alternativas dificilmente é um assunto essencial pra OM3.

- É um caminho a seguir, Leo. Diversificar as operações da OM3 pode torná-la uma empresa mais bem sedimentada que...

- Fomos expulsos do mercado francês, Amanda.

- Expulsos?

- É. Quer dizer... mais ou menos. Eles passaram o equivalente a uma

lei federal por lá, a OM3 não pode adquirir mais nenhuma empresa, produtora ou desenvolvedora de bebidas alcoólicas de qualquer tipo no seu país por receio de transformar o mercado em um monopólio. A França não é o primeiro país a fazer isso e dificilmente será o último, sabe disso. - aceno - *Monopólio*. - repito - Isso significa que ninguém se diverte em uma sexta a noite em Paris sem que muitos euros venham para o bolso da OM3. Eu chamaria isso de "bem sedimentada", você não?

- Não pode simplesmente ignorar novas tendências, Leo.

- Posso. E vou. Sabe por que a OM3 é uma potência? Porque nós lidamos com comidas e bebidas. As pessoas sempre precisam comer e sempre precisam beber. Isso é eterno. Moedas digitais alternativas não são.

- Podem se tornar o novo valor corrente.

- E isso será ótimo para novos acionistas que lidem diretamente com isso. Vamos deixar que eles lucrem em seu campo e ficamos, nós, no nosso.

- É uma ótima ideia. - Ezequiel continua - Porque eu realmente acho que...

- Enquanto empresa. - aviso - Vamos ficar longe do mercado de *alt coin* como empresa. Por enquanto. - explico - É um risco que não precisamos correr, então por que fazê-lo? Mas Amanda está certa: pode ser um investimento extremamente lucrativo.

- Então o quê?

- Vamos entrar na brincadeira, mas não como influenciadores ativos. Apenas como investidores passivos. E não quero fazer isso às cegas, apenas com suposições sobre como o mercado chinês vai se portar. Vamos montar uma equipe que entenda de *alt coins*, a parte técnica. Quero uma apresentação na próxima semana. Uma aula sobre nossas principais opções. Tanto as mais estáveis e principais, como as paralelas com bom potencial. E aí montamos nossa carteira. E Amanda, fale com nosso pessoal da contabilidade, quero um número de qual o valor máximo que podemos engajar nesse investimento sem comprometer outras operações ou o *net worth* da OM3, mesmo que todo o valor seja perdido.

- Está disposto a perder um bocado de dinheiro, Oscher?

- Não se chama "investimento de risco" por motivo nenhum.

- Tudo bem e a carteira dos funcionários?

- Carteira dos funcionários?

- Sim. Nós disponibilizamos uma carteira de investimentos para nossos funcionários. A maior parte deles engaja um percentual fixo de seus salários... seguem nossa sugestão para fazerem seus investimentos pessoais. Na maior parte, seguem sua carteira de investimentos, Leo, você sempre teve um dom para o mercado de valores.

- Tudo bem. Mas não coloque como parte da carteira padrão. Emita uma circular explicando o que são *alt coins* em termos gerais, e a volatilidade do mercado. Explique que é de alto risco e, caso o funcionário queira dedicar parte dos seus investimentos a essa carteira separada, poderá fazer isso. Mas coloque um percentual máximo, principalmente para os funcionários que recebam até cinco salários mínimos. Não quero ninguém arriscando o dinheiro do pão em investimento assim, sob minha responsabilidade.

- Ótimo.

- E não incluam na circular quais *alt coins* receberão o investimento.

- Porque a notícia pode vazar e o mercado de especulações vai disparar o preço.

Concordo com um gesto e respiro fundo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Vou tomar as providências. - ela avisa, mantendo a porta aberta para Ezequiel.

Derrubo com as costas na cadeira.

- Senhor Oscher? - meu assistente entra com os contratos do dia - O jurídico precisa que leia esses e assine, senhor. Os resumos estão aqui. - balança a folha separada da pasta.

- Mais alguma coisa, Lúcio?

- Aquela jornalista do Em Tempo ligou mais duas vezes, hoje. Quer marcar a entrevista.

- Ela não vai desistir, não é?

- Não parece que vai, senhor.

- Tudo bem. Agende para daqui a duas semanas.

- Ela tem um prazo para o artigo, senhor Oscher. Não acho que vai esperar duas semanas para conseguir um comentário seu.

- Estou contando com isso. - aviso, ele sorri.

- Ela já entrevistou quase todos os membros de sua família. Disse que o perfil está praticamente pronto.

- Pois então que publique. - dou de ombros - Mais alguma coisa? - atrás de Lúcio, eu vejo Diogo apertando os braços, incomodado.

- Quer passar a agenda da semana agora, senhor?

- Não. Mais tarde. Entre Diogo.

Lúcio fecha a porta para nos dar privacidade.

- Vamos ver o jogo depois daqui? - pergunta.

- Vou tentar.

É, eu e Diogo nos tornamos amigos.

Talvez ele ache que eu já fui punido o bastante na minha vida amorosa por ter sido um cafajeste com sua sobrinha. Talvez ele tenha percebido que amadureci e me tornei um adulto.

Ou talvez - e essa é minha teoria mais forte - ele apenas goste de Mia.

Não de um jeito erótico, ou eu precisaria matá-lo.

De um jeito fraternal.

Ele gosta do Gustavo também, e deu certinho já que os dois torcem para o Santos.

Eu não sou fã de futebol e, quando meu cunhado fez a pergunta, respondi "São Paulo" (porque foi o primeiro nome que pensei) e ganhei mais um motivo para o Gustavo me detestar. Estou colecionando, aparentemente.

Mas, entre o segredo que precisava ser mantido e o hábito que precisei criar de acompanhar partidas de futebol... eu e Diogo acabamos encontrando um meio termo.

- Vai cancelar com a Mia esse fim de semana? - pergunta - Ou mantenho o helicóptero em sobreaviso?

- Vou vê-la! - alongo o pescoço, irritando-me com a gravata - Ficou louco? Tem dias que eu só sobrevivo aqui dentro fazendo uma contagem regressiva para quando poderei vê-la.

- Tem certeza? As coisas estão bem caóticas por aqui.

- É... E o Fernando não ajuda.

- Ele não desistiu do processo?

- Não. - respiro fundo - Está destruindo meus pais. Principalmente a mãe. Mas ele vai criar todo tipo de empecilho para essa antecipação de herança.

- Acha que ele vai ganhar?

- Não. Seu fundamento é torto e infantil. A única estratégia que ele tem é irritar o pai até levá-lo a desistência.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- E vai funcionar?

- Quem sabe? Sinceramente, não me importo. Só queria que essa coisa toda se resolvesse de uma vez. Mas, pelo visto, ainda deve demorar mais um bom ano. No mínimo.

- Hm. - ele espreme os lábio, colocando algum pensamento em banho maria.

- O que foi?

Aproxima-se de minha mesa, seu andar hesitante me causa receio. Diogo não é o tipo que hesita.

- Acho que você devia reconsiderar as visitas a Mia com tanta frequência.

Não.

Claro que não vou reconsiderar.

A única coisa que eu reconsidero nessa vida é a ideia estúpida que tive de mentir para aquela mulher há dez meses.

- Por quê?

Ele parece chateado com suas palavras.

- Não foi nada demais. Mas... notei algo suspeito, há algum tempo.

- O quê?

Diogo engole em seco e, quando me encara, sei que sua preocupação é genuína.

- Acho que seu irmão mandou alguém te seguir. - avisa - Acho que ele está investigando sua vida.

- Como assim?

- Tenho notado algumas coisas estranhas, nos últimos meses. Como um carro persistente atrás de nós, que eu sempre dou um jeito de despistar. Mas, no fundo, era só uma... sensação. Até que peguei alguém investigando seu lixo, há uns dias.

- Meu lixo?

- É uma ótima fonte de informações. - explica com um tom de obviedade que eu não contesto, diante da urgência do tema - De início, achei que era alguém trabalhando para essa jornalista que está escrevendo seu perfil. Por isso não mencionei pra você... mas eu persegui esse caminho e... não é ela.

- E você acha que outra pessoa está investigando meu lixo atrás de informações sobre minha vida?

- E quem é o principal suspeito no momento? - sugere.

- Acha que ele encontrou alguma coisa?

- Não. E também não está com alguém te seguindo em tempo integral ou eu já teria percebido. Não parece uma operação ofensiva... parece mais uma expedição de pesca. Ele está jogando linhas para ver o que consegue pegar e eu estou preocupado que, quando ele puxar de volta um desses anzóis...

- Encontre a Mia.

- Precisamente. E mesmo com o disfarce da fazenda... acho que seria esperto diminuir as visitas. Pelo menos até isso tudo se resolver.

- Ou seja, por um ano? No mínimo? - resmungo - Eu sei que Mia é paciente e compreensiva, Diogo, mas acha que ela vai esperar por um homem que desaparece pela maior parte de um ano?

- É um risco de qualquer modo, Oscher. - lembra - Se deixar de vê-la, pode perdê-la. Mas se for, corre o risco de seu irmão descobri-la.

- Perdê-la ou ser pego pelo Fernando? - sorrio - São minhas opções?

- Estou imaginando que não vai ser uma escolha difícil?

- Nem um pouquinho. Diga para o helicóptero ficar de sobreaviso.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Vou vê-la no fim de semana, como prometi. Vou vê-la *sempre* que puder. Fique de olho no Fernando por mim.

- Não tenho recursos ilimitados aqui, sabia? - ergue uma sobrancelha - Sou basicamente seu motorista.

- E se eu te fizer chefe de segurança da Oscher?

Diogo acena, coçando a cabeça. Sei que está considerando a responsabilidade, mas dá de ombros e concorda:

- Aí dou um jeito.

Mia

Vovó decidiu que precisava de um tempo do namorado novo.

As coisas estavam ficando muito sérias, muito rápido e ela é uma "mulher do mundo". *Palavras dela.*

Está apaixonada, *de novo*, a ainda não sabe como aceitar.

Mas, por enquanto, está de volta na sua loja de Antiguidades, como se nunca tivesse saído. Reclamando de cada detalhe que ousei mudar enquanto estava longe. Eu digo que ela está ficando rabugenta como Gustavo e ela sorri pra mim, cheia de confiança. São iguais, avó e neto: Gostam de reclamar, mas nunca ficam verdadeiramente com raiva.

Senta em sua cadeira de vime atrás da registradora, - uma preta, imensa e rabugenta que vai ser responsável por matar humanos dissidentes, quando as Máquinas assumirem o controle - e observa Odete, umas das únicas freguesas regulares de nossa loja peculiar, enquanto ela decide qual item merece sua atenção, dessa vez.

Odete tem um cabelo mais laranja que o Sol e sempre para em Itajaúna para comprar alguma besteira em seu caminho. "Pequenos prazeres" como ela chama. Deve ser uma colecionadora. Ou tem pena de vovó. Difícil saber.

Beijo sua testa - de vovó, não de Odete... não temos essa intimidade - e ela ergue os olhos carinhosos.

- Querida, pode me ajudar a pegar aquela bandeja nova lá atrás? Odete quer vê-la.

Em uma loja de antiguidades, quando alguém chama um item de "novo" quer dizer que ele acabou de chegar: Nessa loja, não nesse século.

Vovó me leva até um de seus armários e a ajuda que ela precisa consiste em curvar as costas o suficiente para pegar as coisas na prateleira próxima aos nossos pés.

- É linda. - elogio, vendo os arabescos do puxador.

- Já decidiu? - ergue as sobrancelhas.

- Vovó. - reclamo - Já disse que aviso quando decidir.

- Eu posso ajudar a pagar a mensalidade, sabia?

- Vovó...

- Eu tenho algum dinheiro guardado. Você e Estela podiam dividir um apartamento. De repente, até o Gustavo tomava coragem para aceitar essa promoção e ia junto com vocês.

- Vovó, se quer se mudar para Minas e ficar com seu namorado, faça isso! Não precisa nos expulsar da cidade.

- Uma coisa não tem a ver com a outra.

Reviro os olhos em descrença e ela me puxa pelo cotovelo.

- É um bom curso, Amélia. Um mestrado de uma universidade assim pode te abrir mais oportunidades. Você poderia ser professora universitária! Como sua mãe. Não é o que você queria? Moraria em São Paulo, *perto do Leo* - afirma, a contragosto, vovó acha que *homens* me fazem mal - com a Estela e o Gustavo. E eu poderia morrer em paz sabendo que minha missão foi cumprida.

- A missão de me atazanar até me expulsar daqui?

- A missão de ter certeza que você seguiu suas oportunidades e não vai morrer uma velha cheia de arrependimentos pela estrada que não seguiu, por medo.

- Você e o Gustavo deviam começar uma banda. Já estão cantando as mesmas músicas em sincronia.

Levo a bandeja para Odete, fugindo da discussão.

Na entrada da loja, as paredes de itens velhos circulam uma mulher de cabelos laranja e outra de cabelos escuros que parece profundamente aterrorizada.

- Estela? O que houve?

- Posso... posso falar com você? - pede.

Olho para vovó porque acabei de chegar em sua loja.

- Precisa que eu fique? - murmuro.

- Não. - toca meu nariz, maternal - Estela parece que engoliu um jabuti. Vá socorrer sua amiga. - e então lança um olhar desconfiado para Odete que parece perfeitamente satisfeita com a bandeja - Ela não deve demorar muito mais. Acho que já escolheu. Agora é só a dança do "pedir desconto". - seu olhar se torna rabugento como a máquina registradora que tanto adora - E nós duas já sabemos como vai terminar.

Vovó não acredita em descontos.

Sorrio e beijo sua testa de novo.

Estela tem os braços cruzados quando sai da loja, tomando a dianteira. Estou alguns passos atrás ainda colocando minha bolsa sobre o ombro.

- Vai me contar o que houve? - provoco pela terceira vez quando finalmente chegamos a sua casa.

Estela mantém os lábios grudados e não emite sequer uma dica por todo o caminho. Seu rosto explode em vermelho e eu sei que as palavras devem estar enchendo em suas bochechas até o ponto de não conseguir mais suportá-las.

Eu inspiro fundo para lhe dizer que está me deixando preocupada, mas, assim que fecha sua porta, as palavras ficam grandes demais e transbordam de seus lábios, velozes:

- Mia, eu tô grávida.

Certo.

Congelo onde estou.

Seguro seus braços, maternal, e não sei o que dizer primeiro.

Talvez uma mensagem de conforto, ou me assegurar que ela tem certeza.

Mas... minha cabeça decide que nada disso basta e, antes que consiga me controlar, estou rindo.

- Eu vou ser tia! - exclamo, batendo palmas.

- Sh! - ela gesticula, exigindo meu silêncio - Não! Não tenho certeza! - completa.

- Como assim "não tem certeza"?

- Certeza é uma coisa que a gente tem quando não existe dúvidas,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Amélia. - rosna - Você é toda letrada, achei que soubesse.

Faço uma careta divertida para sua gracinha.

- Tê, o que aconteceu?

- Minha menstruação está atrasada três dias.

- E você fez o teste?

- Ainda não. - segura o coração - Estou com medo.

- Tê. - meus ombros caem em decepção - Você foi de um atraso de três dias direto para o "estou grávida"? Por que está me dando esperanças assim? Quase me mata de susto no caminho pra cá! É bom que tenha um menino na sua barriga, Estela. E, se não tiver, é bom que você comece a encomendar um, porque agora eu quero ser tia.

- Vai pro inferno, Mia. - reclama - Dá pra me ajudar aqui?

- Ajudar como? Tê... três dias não são três semanas. Isso pode ser só um atraso bobo.

- Minha menstruação tem horário britânico! Nunca atrasou nem um dia! Nunca!

- Você tá estressada com essa prova. Pode ser isso.

- E se não for?

- Se não for, o Gustavo vai ser um pai incrível. Sério: ele nasceu pra isso.

- Ele vai me detestar, Mia! - esconde o rosto nas mãos, trêmula - E justo agora que a gente... a gente...

- Tê, ele não vai te detestar. - seguro suas mãos - Eu conheço o Gustavo. Juro que ele não vai. Mas você precisa falar com ele. E precisa fazer o teste.

- Não sei se consigo fazer sozinha.

- Então fala com ele primeiro. Ele vai com você na farmácia e vocês fazem o teste juntos.

- Ele vai entrar comigo no banheiro? - torce o nariz.

- Eu prefiro não saber os detalhes das interações de vocês. - acaricio seus braços - Mas acho que ele não precisa entrar, se você não quiser. Mas ele devia estar lá com você para esperar o resultado.

- E se der negativo? Vou lhe dar um susto horrível por nada.

- Bem, se der negativo, você já está levando um susto horrível por nada. E mulher não faz criança sozinha, então nada mais justo que ele levar um susto horrível junto com você.

- Tem certeza?

- Tenho, meu amor! - puxo-a para um abraço imenso e apertado - Se não estiver grávida, vai ficar tudo bem. E se estiver, vai ficar tudo bem também. O Gustavo não vai te detestar por nada nessa vida, Estela. Você já notou como ele olha pra você? - ela sorri, baixinho - Amiga, nem nos piores dias da tua paixão platônica, você olhou pro Gustavo com metade da admiração que ele tem por você agora. Então, fica tranquila.

- Falar com o Gustavo? - aperta minhas mãos, com um rosto incerto.

Eu percebo que ela deixou cair uma lágrima e a limpo prontamente.

- Falar com o Gustavo.

Leo

- Ele não está "tentando" me irritar, Leo. Está conseguindo.
Papai reclama ao permitir que o garçom sirva a garrafa de vinho.
- Pai, você conhece o Fernando. Ele é teimoso. Talvez algum tipo de acordo funcione melhor. Não estou dizendo para ceder em tudo, mas lhe dê um osso.
- Não. - rosna, engolindo o vinho - Dessa vez, não. O Fernando só é teimoso porque sempre fui permissivo. Ele cresceu mimado porque está acostumado a ter tudo. Mas dessa vez, não. Chegou a hora de aprender uma lição. Aliás, já passou da hora.
- Eu só acho que o desgaste poderia ser evitado se...
- Desgastes privados não me incomodam. É uma pena ver o que isso está fazendo com sua mãe. Mas já conversei com ela, concorda comigo. Chega de falar do Fernando. - respira fundo - Me explique essa coisa de moeda virtual, de novo.
- Moeda *digital*, pai. - sorrio.
- Que seja. - brinca, e sinto sua expressão se descontrair apenas um pouco.
- Bem, nós ainda estamos decidindo se vamos...
- Malabarista? Não acredito!
A voz feminina me deixa desnorteado por um momento. Só quem me chama de "malabarista" é o Matheus. Quer dizer, o Matheus e...
- Lu! - sorrio quando ela se abaixa para me agarrar pelo pescoço.
- Não acredito! - me aperta com força e eu levanto para abraçá-la do jeito certo.
- Quem não acredita sou eu! Você voltou?
- Talvez por uns meses, talvez para sempre. - empertiga-se, galanteadora - Já pode me pedir em casamento quando quiser.
- Vou manter isso em mente. - devolvo.
- Tio Arthur! - cumprimenta quando meu pai também se levanta para abraçá-la.
Não existe qualquer grau de parentesco entre nós. Mas Luciana é quase parte da família desde que éramos adolescentes... não lembro do dia exato que decidiu começar a chamar meu pai de "tio", mas aí estava.
- Lulu. - ele beija sua bochecha e ela devolve o gesto - Como foi a viagem?
- Horrora, os húngaros não sabem se divertir.
- Ou talvez você tenha roubado a diversão toda e deixado os coitados sem nenhuma. Senta, sua maluca. - convido e papai puxa a cadeira para ela, gesticulando ao garçom que traga mais uma taça.
- Só por um instante, vim encontrar umas amigas. - avisa - Como está a tia Madalena?
- Bem, obrigado. - papai acena, grato.
Luciana toma minha mão esquerda com um olhar curioso.
- Não está casado, ainda? Está fugindo da tia Madalena, Malabarista?
- Absurdo! Estive esperando por você.
Ela ri, alto.
Assim como Heloísa, Lu tende a ser a alegria do lugar. Qualquer lugar. Não se incomoda com convenções ou tradições, acho que por isso sempre me senti atraído por sua personalidade. E, então, atraído por ela.
Nunca nos interessamos na escola, mas sempre fomos bons amigos. Foi durante a faculdade que começamos a dormir juntos. O Matheus dizia que era o meu relacionamento mais longo.
Oito meses.

Não ininterruptos.

Não exclusivos.

Mas eu e Lu estávamos sempre pulando de uma cama para outra, apenas para acabarmos juntos mais uma vez.

Ela era uma versão feminina minha. Talvez por isso nossa sincronia fosse perceptível.

- Você vai para o casamento da Bianca, Lu? - papai pergunta - Tenho certeza que minha mulher adoraria te ver.

- Não sei. - abre os olhos para mim - Algo me diz que a irmã do noivo não vai gostar de me ver por lá.

Eu contendo a risada e papai balança a cabeça reprovando nossa gracinha.

- Se comporte, Luciana. - ele manda, como um patriarca.

- Tio, o senhor me conhece bem demais para me pedir isso.

Tingiu os cabelos de um vermelho escuro que combinou bem com sua tez. Os olhos escuros não se deixam esconder pelas sobrancelhas finas e cílios longos. Tingiu as sobrancelhas também, quem não a conhece vai achar que é uma ruiva natural. Seu sorriso exuberante preenchido por um batom escuro do tipo que não vejo a maioria das mulheres usando para uma simples refeição em dia de semana.

- Mas você vai, Leozinho? - aperta meu braço, forte demais, de propósito.

- Ai, Luciana. - tiro sua mão violenta e ela ri.

- Se você for, eu vou. Você me faz companhia e guarda uma dança pra mim.

- Uma valsa?

- Um funk, Leonardo. - pisca os olhos, entediada - Alguma coisa bem safada. Desculpa, tio.

Papai não liga. Já está acostumado com sua língua. Eu estou rindo.

- Combinado.

Ela beija minha bochecha e a de papai antes de ir se juntar com suas amigas.

Assisto-a se afastar. Ela botou silicone na bunda, eu tenho certeza. Ficou ótima, mas eu conheço suas curvas genuínas bem demais e estou reconhecendo as falsas. Luciana é pequena com um jeito de mulher difícil de ignorar.

Quando volto o olhar para papai, ele está sorrindo.

- Se ela voltou, pode ser que eu ganhe a aposta.

- Que aposta?

- Sua mãe acha que você vai casar com Sara. Eu acho que vai ser Luciana.

- Quer fazer um acordo e dividir os lucros da aposta comigo? - brinco.

Papai faz uma careta e eu entro em pânico.

- Não! - ele diz, com asco, e eu começo a imaginar a natureza sexual da aposta em questão.

- Eca, pai! - me inclino para trás, afastando-me dele - Olha, para referência futura, me deixe longe desses assuntos.

Ele volta a rir.

- Com sua ajuda ou sem... acho que vou ganhar. - acena para Lu que já sentou com suas amigas.

Ela é linda.

Tem tudo a ver comigo.

Combinamos.

Mas não vai ser ela.
Papai vai perder a aposta.
E mamãe também.

Leo

O carro já está esperando por mim assim que o helicóptero pousa.
Olho pelo retrovisor pela terceira vez.

Leo, já chega, você vai ficar paranoico.

O Diego disse que eu não estava sendo *constantemente* seguido, mas aquela pulga metafórica que se gruda atrás da sua orelha não sai jamais.

Deixo o sedan estacionado em frente ao Lugar do Eduardo. É *Javali Vermelho*, esse mês. Perdi a aposta com a Estela. Assim que empurro a porta de entrada, no entanto, é a voz do namorado dela que eu escuto.

Gustavo está discutindo arduamente com a mulher que é a razão da minha felicidade.

Não consigo controlar o sorriso, mas o nervosismo de seu irmão me faz pausar.

- Me entrega isso, agora, Amélia.

- Vai cuidar da sua vida, Gustavo.

- Não vai nesse lugar! - ergue o indicador e parece uma ordem. Parece um desespero.

- Ah é! Eu esqueci que você manda em mim. - seu sarcasmo transpareceria mesmo que ela fosse boa em fingimentos.

- Mia, isso é golpe. Golpe de gente tarada. Você sabe disso, não sabe?

- Sua descrença na humanidade me dá pena.

- Mia. - ele esfrega as têmporas - Pelo amor de Deus, me diz que você sabe que isso é golpe. Me diz que você não acreditou nessa história.

- Ai, Gustavo, para de encher o saco. Já disse que não vou. Não quero sair da cidade, lembra?

O sorriso dele imita o dos psicopatas.

- Não, não. - abana o indicador no ar, seu pânico é palpável e eu me aproximo para descobrir detalhes - Se você me diz que não vai *só porque não quer sair da cidade*, eu acho que você acreditou no tarado. Mia, por favor. - ele junta as mãos, mesmo no auge de seus ataques de inocência, nunca vi Mia deixar Gustavo tão exasperado - Por favor, *por favor*. Eu preciso ir trabalhar. Mas não posso ir antes de você me dizer que sabe que isso é golpe. Me diz que você sabe que é um tarado.

- Guga, o cara tinha um cartão!

- AH! TINHA UM CARTÃO!

- O que aconteceu? - eu me aproximo do balcão porque quero um beijo. Já superei minha precaução em beijar Mia na frente do Gustavo. Ele nunca vai gostar de mim. Já superei isso também.

- Bom que você chegou. - resmunga. Se ele está feliz em me ver, a desgraça deve ser muita - Vê se consegue colocar um pouco de juízo na cabeça dessa aqui. Você quer contar? - vira-se para a irmã, solenemente - Ou eu conto?

- Não é nada demais. - ela promete, beijando meus lábios. Seu beijo estala e eu sinto minhas pálpebras pesarem. *É esse beijo aí. Esse. O que*

me faz aguentar meus piores dias. - Um senhor esteve na lanchonete mais cedo, estava de passagem, indo para São Paulo. - explica - E ele é fotógrafo, trabalha com umas marcas grandes e importantes. Disse que eu tenho porte de modelo e me convidou para tirar umas fotos.

Enrugo minha testa imediatamente.

- Mia...

- Não, não. - Gustavo interrompe - Calma, que ela ainda não chegou na melhor parte. Conta o resto pra ele.

Estou começando a entreter calafrios.

Mia revira os olhos como se eu e o irmão estivéssemos competindo para ver quem consegue ser mais ridículo.

- Ele vai passar a noite na cidade. - eu nem quero ouvir o resto da história - Disse que eu poderia passar lá na pousada e ele tiraria umas fotos minhas, de graça, para apresentar na agência. Disse que acha que consegue me colocar na campanha que está trabalhando agora e me ofereceu um bocado de dinheiro.

- Legal, não é? - Gustavo me encara com psicopatia mais uma vez.

- Ele tinha um cartão e tudo! Tem escrito "fotógrafo" no cartão. Por que ele faria isso tudo só para enganar alguém? - gesticula - O Gustavo tem problemas.

- Mia, amor. - peço, sofrendo - É golpe. O cara é um tarado.

- Ai, até você.

- Mia, por favor. - peço, sentindo o medo do Gustavo - Por favor, não vai atrás desse cara.

- Amélia, me dá esse cartão aqui! Me dá agora! - Gustavo irrita-se.

- Dá o cartão pra ele, Mia. - imploro.

- Vocês são patéticos. Sabem que eu já vi o número, não é?

Eu e Gustavo nos entreolhamos.

Mia e sua memória sobrenatural.

É... não adianta tirar o cartão.

- Eu fico de olho nela. - aviso - Vai trabalhar.

Ele engole em seco e parece nervoso.

- Eu... meu turno acaba muito tarde hoje. Você precisa voltar pra São Paulo. Não posso confiar em...

- Eu fico. - prometo - Até você voltar. Não deixo ela sozinha.

- Vocês sabem que eu estou bem aqui, não é? - Mia reclama de nossas negociações.

- É. - Gustavo arregala os olhos - Mas você é louca. Não se pode confiar no seu julgamento.

Ele me encara mais uma vez. Não gosta da ideia de me deixar sozinho com sua irmã até tarde da noite.

- Prefere que ela fique comigo ou quer arriscar o fotógrafo?

Rosna palavras que não entendo mas posso imaginar.

- Se acontecer alguma coisa com ela, mato você.

- Nunca duvidei disso.

13.

Leo

- Acha mesmo que era um golpe?

Mia tem a capacidade de fazer eu me sentir como um adolescente.

Dezesseis anos, escondido atrás de portas fechadas, para arrancar uns beijos da namorada da vez, antes dos meus pais voltarem.

Agora mesmo, ela está deitada em meus braços. Inclinação sobre o sofá, escolhendo o próximo filme.

Escolhíamos o próximo filme, eu quis dizer.

Porque comecei a me distrair com os fios de seus cabelos imaculados, enrolando mechas macias em meu indicador enquanto me perco em um cafuné preguiçoso. Suas unhas arranham meu peito sobre a camisa, testando músculos que - nos últimos meses - ela já conhecia com a língua.

Beijo o topo de sua cabeça e respiro seus cabelos.

- É golpe.

- Por que acha isso? - vira-se para mim e vejo seus olhos verdes.

Linda.

Tão meiga, meu Deus.

Tão inocente e delicada.

- Eu te amo. - sorrio.

- Eu sei. - estica-se para me dar um beijo rápido - Mas não foi isso que perguntei.

- É golpe, Mia.

- Por que acha isso?

- Porque é golpe. - sofro.

Gustavo era um guerreiro por ter sobrevivido mais de vinte anos como guardião de Amélia.

- Mas por quê! - irrita-se.

O problema é que se moveu de um jeito perigoso e uma de suas coxas escorregou entre minhas pernas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Porque fotógrafos de respeito não convidam mulheres para seu quarto de hotel com promessas de oportunidades e muito dinheiro. Ele teria marcado com você na agência onde trabalha. Ou no escritório da marca. Teria te dado o contato da pessoa responsável pelo *casting*, ou sugerido que tirasse uma porção de fotos de rosto para um *book*.

- E ele queria que eu fosse até lá para quê?

- Ai, Mia... - esfrego os olhos - É sério?

- Ele ia me agarrar?

- Provavelmente. Sim. - espremo os lábios.

Sua coxa se move entre as minhas e eu fecho os olhos.

Há nuances do movimento feminino capazes de transformar um homem heterossexual em mingau.

Papa.

Molho batido e aguado.

E aquela coxa farta, succulenta e macia roçando na minha intimidade é transformação de homem em mingau do pior tipo.

Escorrego minhas mãos por suas costas, puxando sua cintura.

- Homens fazem isso? Mentem assim para levar uma mulher para um lugar escondido e tirar proveito?

- Fazem.

- Isso é tão triste.

- É. Pode me dar o cartão, agora?

- Leo. - ri - Eu já te disse que não vou. Você está aqui justamente para me vigiar, não é?

- É. Mas eu posso pedir para um amigo meu dar uma olhada nesse cara. Se ele for um criminoso procurado, a gente pode impedi-lo de fazer isso com outras mulheres.

- Tudo bem! - ela move a mão pelo corpo, satisfeita - Está no meu bolso.

- Ah, eu pego. - passo a língua pelos lábios e corro a mão até sua bunda antes que ela chegue lá.

Mia ri entre meus braços.

- Você também está se aproveitando de mim?

- Só se você quiser. - prometo - E se não contar para o Gustavo!

- Você nunca vai perder o medo dele?

- Não é "medo", é "cautela justificada".

- Am-ham.

Enfio a mão em seu bolso e agarro a carne da sua bunda antes de tomar o cartão.

- E como estão as aulas? - pergunto.

Mia espreme os lábios.

- Amélia. - chamo, devagar - Você está indo para as aulas, não está?

- Estou. - revira os olhos.

Não entendo como uma pessoa tão inteligente consegue ter uma convicção tão fraca para os estudos. A mulher é formada em matemática! Por Deus! Deve ter uma capacidade de suportar aulas muito acima da média. Mas quando o assunto é esse bendito mestrado...

- Mia, não desiste de novo? - peço.

- Não vou desistir. Já prometi pra você, pro Gustavo, pra cidade inteira... É só que tenho tanta coisa pra fazer. Às vezes me parece um sonho bobo. E onde eu iria ensinar, sabe?

- Isso você decide depois que tiver o título.

Não é falta de intelecto. É falta de coragem.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Amo essa mulher mais que a vida, mas ela não é dada a lutar pelo que quer. Precisa de apoio constante ou se distrai e desiste.

Mia beija minha boca e morde meu lábio inferior demoradamente.

- Está tentando me distrair para me fazer esquecer o assunto?

- Claro. - beija-me mais uma vez.

Funciona.

Sou fraco.

Seu beijo se prolonga, libidinoso.

Tem uma coisa sobre mulheres tímidas que se convertem em safadas... Algo que as inerentemente safadas dificilmente conseguem reproduzir: o contrair dos músculos.

Ela se encolhe em meu abraço, contraindo aquele corpo delicioso por inteiro, encolhendo-se de acanhamento. Mas assim que sua mão encontra meu pescoço e eu a ataco com um beijo, ela se derrete, ondulando-se com o relaxar do corpo. Esse misto de recusa com entrega é algo que só recato é capaz de produzir.

Nunca tinha funcionado para mim: eu preferia as mulheres como Luciana do que as como Sara.

Mas com Mia...

Com Mia, *tudo* funcionava para mim.

Estou duro e ela já percebeu.

Giro, prendendo-a pela cintura, cobrindo seu corpo com minha cobiça.

Lamber Mia devagar no meio da sua sala é o tipo de atividade que raramente posso realizar por motivos de Gustavo. O homem irritante que me transforma em adolescente temeroso.

Mas ele vai trabalhar até tarde.

Ele vai trabalhar até *bem* tarde.

E eu tenho muitas ideias de como gastar o tempo até lá.

Tiro sua roupa e ela já tem as mãos na minha camisa.

Ela sempre faz isso.

Em todos os nossos *encontros eróticos* (que eu evito chamar de sexo para não confundir as coisas, considerando a ausência de penetração), Amélia sempre tira minhas roupas assim que começo a tirar as suas.

Estamos... *nos encontrando eroticamente* há alguns meses, mas nunca consegui vê-la nua em toda sua glória.

Ela sempre se tapa.

Sempre apaga a luz.

Sempre evita despir todas as peças.

Sempre se esconde em meu corpo.

E sempre - *sempre* - se ocupa depressa em tirar minhas roupas também.

Acabou que Mia fez nascer em mim um tesão louco em assistir uma mulher pelada.

É meu novo fetiche: ver a mulher tirar a roupa e ficar absolutamente nua na minha frente, enquanto estou vestido.

Tesão é mesmo uma merda escrota.

Surge por uns motivos loucos, exigindo ações sem sentido.

Um dia desses, selecionando vídeos pornô para me manter acompanhado depois de uma semana particularmente longa sem Mia, quase esporro nas calças só de assistir a modelo tirar as roupas.

Eu costumava fechar os olhos, nas minhas carícias solitárias, e compor o mosaico de partes do corpo de Mia. Já tinha visto o bico do peito, já tinha visto o peso da carne, já tinha visto um pedacinho da

virilha, em outra ocasião o umbigo... Se me esforçasse, minha memória quase podia compor seu corpo inteiro.

Aí eu me tocava pensando nela.

Dançando pra mim.

Tirando a roupa.

A luz acesa.

Sem pressa.

Sem timidez.

Toda minha.

Pra morder e lambar.

- Mia... - ofego quando suas mordidas em meu pescoço se tornam perigosas demais - Quero... quero fazer uma coisa.

Suas mãos estão em meu peito nu e eu estou tentando me livrar de seu sutiã. Já teria conseguido, se ela não se esforçasse para me atrapalhar.

- O quê?

- Eu quero te beijar. - estou salivando.

- E precisa pedir permissão? - brinca - Achei que era isso que estava fazendo.

- Não. - murmuro, sóbrio. Minha mão escorrega entre suas coxas, subindo o vestido apenas um pouco - Quero te beijar aqui.

- Ah. - Mia geme, miúda. Seus olhos verdes, imensos, compreendendo minha pergunta.

Movo os dedos, subindo sua saia.

- Me peça pra parar. - murmuro, doce - Me peça para parar quando quiser.

Enfio a mão por baixo de sua saia e Mia fecha os olhos. Deixa o pescoço cair contra o encosto do sofá. Suas mãos trêmulas, segurando-me, pedindo para continuar com palavras que ela não arrisca dizer.

- Eu queria te ver. - peço - Queria te ver nua, Mia. Deixa?

Segura meu rosto. Posso ver que está aflita.

- Leo... - pede, a contragosto.

- Tudo bem. - beijo suas mãos - Só vou fazer o que você quiser.

Desisto de tirar o sutiã ou vestido, ao invés disso apenas ergo esse último. Coloco-me de joelhos no seu tapete, segurando seu abdômen com a mão quando ela tenta se sentar.

- Não. - peço - É melhor você ficar deitada aí.

Ela se joga no sofá, de novo. Entretendo seu misto de contrações e relaxamentos.

Enfio meu nariz em seu espaço e respiro fundo. Mia se contrai, hesitando de vergonha, mas agarra meus cabelos como uma vadia. É o paradoxo que me enlouquece: o modo recatado como geme, misturado ao modo arreadio como move os quadris.

Uso dois dedos para tirar sua calcinha do caminho. O cheiro de sua umidade é uma coisa poderosa, dessas que parece capaz de atacar outros sentidos além do olfato. Uma coisa transcendental do caralho, esse cheiro de boceta molhada.

Trinco os dentes, resistindo a necessidade que sinto de lambê-la.

Ainda não.

Respiro fundo. Uma vez. Duas.

Posso parecer um psicopata ali, enfiado entre as coxas mal cobertas de uma mulher eriçada, respirando o cheiro do seu mel como se fosse perfume novo o que ela tivesse besuntado nos pelos - mas não me importo.

Demoro para começar a comê-la.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

E quando começo... é em uma velocidade lenta.
Vou degustar cada gotinha desse suco.
Cada gotinha.

Mia

Sempre que as mulheres descrevem sexo oral nos livros, parece ser uma mistura de benção divina com chocolate derretido. Algo que não poderia ser melhor nem que se esforçasse muito e estudasse até de madrugada.

A mim, restava aceitar a informação e concordar. Porque discordância cabe apenas às pessoas que têm conhecimento de causa. Estou inclinada contra o encosto do sofá com tanta força que a costura se enfia em minha carne, rasgando minha pele logo abaixo do sutiã. A língua do Leonardo está me explicando o que as protagonistas dos livros queriam dizer melhor do que elas mesmas jamais foram capaz de fazer.

E então eu entendo que elas - até mesmo elas - não conseguiam descrever *como aquilo era bom*.

Leo coloca minhas pernas sobre os ombros, ajoelhado diante de mim como se cumprisse uma missão. Seus braços escalando meu corpo para agarrar os seios.

Meu corpo avança em um rebolar que segue ritmo nenhum além daquele gerado por meus próprios gemidos. Lânguida de um desejo instigado a cada nova lambida, porque não era alívio aquilo que a língua de Leo me trazia: Era tormento. Eu tinha feito alguma coisa muito errada, porque aquilo era um castigo.

Agarro seus cabelos. Quero tirá-lo dali, quero enfiá-lo mais fundo. Quero tudo. Quero nada.

A costura do sofá agarra-se a minha pele como uma faca serrilhada, não hesita em me ferir. Mas eu não consigo sequer fingir me importar.

Leo geme, o hálito quente e abafado fazendo oscilar meus pelos e minha resiliência. Sua saliva experimenta as imediações de minha virilha, raspando beijos longos em minhas coxas apenas para voltar a minha entrada mais uma vez.

De início, são apenas lambidas lentas. Cobrem-me como se quisessem deixar centímetro nenhum de fora. Agarro-me as almofadas porque os cabelos de Leo não são mais suficientes. Lambidas que sobem devagar, explorando cada vez mais ao norte.

Sei para onde está indo.

Quero, desesperadamente, que chegue lá.

Aquele pontinho bem acima de minha entrada que Leo tentou me ensinar a usar, mas que nunca aprendi plenamente como.

- Leo... - imploro.

Ele encontra meu ponto.

Prende-o entre os lábios, provocando minha alma.

- Leo... por favor... - acho que essas são as palavras que estou balbuciando. Mas tão rápido elas se tornam gemidos incoerentes...

Ele está rindo. Que lugar descarado ele escolheu para rir. Sua risada me afeta tanto quanto sua língua, o bater de sua respiração entrecortada em minha área sensível faz com que eu puxe minhas pernas, por reflexo.

PERIGOSAS

Ele, no entanto, as agarra com suas mãos poderosas e enfia-se em mim mais uma vez.

O nariz.

Penetrando-me com sua respiração.

Mordisca meu clitóris. É um maldito, mesmo. Mordisca-o e solta. Causando-me tensão e tesão em iguais volumes.

Vou romper.

Não vai demorar.

Beija minha intimidade úmida.

- Respira, amor.

- Eu sei. - ralho.

Passei meses ouvindo essa instrução, Leonardo.

Já aprendi.

Volte ao trabalho.

Abandonou mordidas e lambidas. Abandonou meu clitóris também.

Beija-me.

Está se divertindo.

Como se antecipasse o que vai fazer a seguir.

O que vai fazer *comigo* a seguir.

E o que faz enche minha garganta com um grito que não consigo controlar.

Leonardo me chupa.

Chupa meu clitóris com violência, tremendo meu ponto mais sensível em sua língua ágil, destruindo-me em um rompante de aflição como nunca senti antes. Prendo-me a seus cabelos como a um salva-vidas, as costuras cortaram minhas costas e vai doer por dias.

Esfrego minha virilha em sua boca, aceitando minha condição de animal. E Leonardo chupa.

Por Deus.

Não vai parar.

Não quero que pare.

Meu corpo amolece quando o grito me rouba de todo o ar que eu precisava.

Estou perdendo a consciência, flutuando para o vazio.

O orgasmo me atinge e toma. Controla meu corpo inteiro em convulsões rítmicas, como se exorcizasse os restos de energia que o prazer deixou para trás.

Sinto como se estivesse morrendo.

E se a morte for - de fato - parecida com isso, então viver é uma porcariazinha superestimada.

Leo

Limpo Mia inteira com lambidas.

Subo para seus seios, depois. Para sua boca.

Pretendo deixar minha saliva toda nela e, pelo modo como sorri, arranhando meu queixo, imagino que é isso que ela quer também.

- Isso foi divertido. - provoca, engolindo minha língua, quando finalmente chego aos seus lábios.

- "Divertido"? Mulher, você acaba comigo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Aproveita meu comentário para me oferecer um sorriso sapeca, descendo uma única mão entre nós. Fecho os olhos porque sei para onde sua mão pretende ir.

Mia me beija enquanto eu fodo sua mão devagar.

Não tenho pressa de chegar onde quer que seja.

Solto sua boca porque preciso beijar seu pescoço.

Solto seus cabelos porque preciso agarrar seus seios.

- Eu te amo. - murmuro, quente - Eu sou louco por você.

Não estou dizendo isso para excitá-la.

Só quero que ela saiba.

Quero que ela saiba sempre.

Mia sorri e eu beijo suas covinhas. Uma. Depois a outra.

- Eu te amo. - ela sorri em minha boca.

Meu orgasmo é educado. Um grito silencioso em minha boca quando as forças me faltam, fazendo tremer joelhos e pulmões. Ela não para de me beijar, nem quando o orgasmo se aproxima e me atravessa.

Estamos suados e parcialmente despidos em seu sofá.

Ela está considerando meus cabelos úmidos colados em minha testa, divertindo-se com a largura de meus braços.

E eu...

Eu estou considerando me casar com ela.

Divertindo-me com a ideia de tê-la na minha cama todas as noites.

Não apenas para o sexo - perceba a denominação que envolve a penetração que até aqui restou ausente - mas para ter suas covinhas em minha boca toda vez que sorrisse. E para que eu pudesse ser a causa de seus sorrisos. Não todos, não sou egoísta. Mas de muitos?

Era pedir demais?

Ser a razão da felicidade da mulher que era a razão da *minha* felicidade?

Raspei meu nariz no seu.

Mais um beijo.

Eu sempre queria só mais um.

Eu sempre precisava de só mais um.

Respirei fundo.

Estive esperando o momento certo todo esse tempo... mas não há momento certo.

- Mia.

- Hm?

- Eu preciso te contar uma coisa.

- O que foi?

Faço carinho em seus braços e a beijo mais uma vez. Mia ri de meu desespero momentâneo e belisca a ponta do meu nariz.

- Conte sua coisa, Oscher. - brinca.

Abraço sua cintura e apoio minha testa contra sua boca.

- É uma coisa sobre mim. E... pode ser que fique chateada, mas... Preciso que me escute. - imploro - Preciso que me escute até o fim antes de ficar chateada. Pode fazer isso?

- Posso. - abre os olhos, brincando com meu nervosismo.

- Eu não fui sincero sobre...

O telefone toca.

Parece coisa de filme, eu juro por Deus.

Eu estava com as palavras na minha língua. A maior parte delas já tinha saído, as que restavam ainda ficaram presas ao meu fôlego, bastaria pouco mais que uma respiração para que saíssem todas, caindo ali no colo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

de Mia.

Ela ergue o indicador e estala um beijo em meus lábios antes de enfiar-se no vestido e buscar o telefone.

Eu ainda estou sujo, mas coloco-me de volta na calça e procuro minha camisa.

Ok. Um momento para respirar e vamos fazer isso, Leo.

Não pode passar de hoje.

Explique tudo pra ela, espere o que vier depois.

E, se ela não te colocar pra fora... comece a planejar o pedido, porque você está doido por essa mulher e quer levá-la pra casa. Quer passar o resto da vida com ela. Sabe disso.

- Estela! Calma, calma! - pede, urgente.

Eu interrompo meu caminho para o banheiro para escutá-la.

- Como assim "ele não está lá"? Tê, calma! Não, ele não me disse que... Quê? Tem certeza que ele disse isso? Calma! Estela, calma! - implora.

Aproximo-me com um gesto preocupado de indagação.

Mia esfrega os olhos e eu esfrego seus braços.

- Não, eu não falei com ele ainda. Vou ligar pra lá. Você já tentou o... Como assim? E você já falou com ele? Ele não ia sumir por causa dessa notícia. Ah! Tê, calma. Tenho certeza que está tudo bem. Vou ligar pra ele, já falo com você.

Ela desliga e parece atordoada. Já está discando um número depressa.

- O que houve?

- É a Estela, ela precisa falar com o Gustavo, mas não o encontra.

- Como assim?

- Parece que ele não está no trabalho. Não foi hoje a tarde.

- Não foi? O Gustavo?

- A Estela está nervosa. Aconteceu uma porção de coisas ultimamente, ela deve ter entendido errado o que... Nildo! Oi! É a Mia! Eu posso falar com o Guga? É meio urgente. - ela espera escutando um monte de informações que, pelo seu olhar, não devem fazer sentido - Mas o que aconteceu na semana passada? Não... ele não me contou. - seus lábios se enrijecem, irritada - Tá certo. Vou tentar. Obrigada.

- Ele não foi?

- Não. - engole em seco, discando outro número - O Nildo disse que ele avisou que não iria hoje. Tinha uma consulta médica por causa do que aconteceu na semana passada.

- E o que aconteceu na semana passada?

- Parece que ele desmaiou no trabalho. - Mia está tremendo. Está rouca - Mas esqueceu de me avisar.

- Amor, calma. Você sabe como é o seu irmão, ele não gosta de ninguém se preocupando com ele.

- Vou matar o Gustavo. De verdade. Pode encomendar o caixão. - rosna - Atende! - reclama para o bocal.

- Mia, calma.

Aperto seus ombros e tento lhe dar algum nível de paz. Mas vai ser impossível.

E, pelas próximas duas horas, Amélia é uma pilha de nervos e estresse e desespero.

É só quando Gustavo estaciona o carro e atravessa a porta que ela volta a respirar.

Ele leva um tapa no estômago assim que entra na sala.

- Ai!

PERIGOSAS

- ONDE VOCÊ ESTAVA?

- Mia, escuta... preciso conversar com você.

Aquelas palavras não são boas.

Nunca são.

- CLARO que precisa! Você desmaiou, Gustavo?

- Os caras devem ter exagerado. Não foi nada demais. - espreme os olhos, percebendo que precisa se corrigir - Eu *achei* que não seria nada demais.

Enfio as mãos no bolso e engulo em seco.

Talvez eu devesse sair, mas Gustavo me olha de canto e não pede privacidade.

Ele me quer ali.

Ele me quer ali para a Mia.

- Mia. - ele aperta os braços da irmã com um carinho que raramente se permite demonstrar - Mia, eu estou doente.

14.

Dois meses depois...

Mia

"Definhar".

O ato de perder as forças.

Aliso seus cabelos enquanto dorme. O único momento do dia que não rosna comigo, mandando-me embora. Deitado na cama do hospital - amarrado a fios, tubos e poucas esperanças - Gustavo definha.

Prefiro alisar seus cabelos.

Me dói fazer carinho em seus braços, porque sou obrigada a sentir a pele frouxa, descolando-se dos ossos por culpa do emagrecimento veloz. Por culpa dessa doença faminta que lhe arrancou metade do peso em um intervalo de semanas.

Se o Superman fosse real, acho que é assim que se sentiriam seus entes queridos ao vê-lo atacado por kryptonita.

Não parecia real.

Não parecia possível.

A única pessoa que ficava no hospital quase tanto quanto eu era Estela. Vovó ainda tentava competir com nós duas, mas entre a idade avançada e o tempo que dedicava ao namorado que veio para lhe dar apoio, ela não tinha como ganhar.

Está dormindo na poltrona agora mesmo. Como uma mãe com um bebê recém-nascido: Estela dorme quando Gustavo dorme porque assim que ele acordar vai começar suas reclamações intermináveis.

A contradição que é esse irmão meu: não abandona ninguém, mas insiste para que o abandonemos.

- Mia? - Leo toca minha cintura e eu esfrego os olhos - O especialista está aqui.

Tem preocupação na sua fala e no modo como segura meu corpo... como se temesse que eu fosse cair.

Eu devo estar um desastre. Exausta e abatida, com olheiras negras e profundas que só vão desaparecer quando Gustavo melhorar, porque só aí conseguirei ter uma noite de sono decente.

Aceno e agradeço.

Toco o braço de Estela tentando não assustá-la.

- Tê? Tê, o médico chegou.

Ela pisca, lutando contra a realidade, mas então se entrega e abre os olhos com uma careta de tristeza.

Eu a entendo bem: estava se despedindo dos sonos para enfrentar a verdade que ela esperava ter sido apenas pesadelo.

- Pedi que eu te acordasse, lembra? - sussurro. Não quero acordar o Gustavo. Se forem más notícias, não quero que ele escute assim.

Ela geme, concordando. Está pálida. Exausta e abatida assim como eu. Características recorrentes dentro desse quarto.

Respiro fundo ao seguir Leo para a sala do médico. É o terceiro especialista a visitar o Guga em dois meses e Deus abençoe o plano de saúde da fábrica. Saber que o plano cobria o melhor hospital do país e uma porção de médicos assim foi a única notícia boa das últimas semanas.

- Mia, esse é o Doutor Abreu.

- Um brasileiro, dessa vez. - aperto sua mão, com um sorriso educado. O último a dar seu parecer era um neurologista alemão e eu entendi muito pouco do seu português iniciante. Brasileiros eram melhores.

- Olá, senhorita.

Estela também apertou sua mão e aceitou a cadeira oferecida.

Eu preferia ficar de pé.

Eu precisava ficar de pé.

Sempre que meu corpo ameaçava relaxar minimamente, eu era atravessada por uma sensação de omissão. Como se houvesse algo que eu pudesse estar fazendo por meu irmão. Como se estivesse me escondendo.

- E então, doutor? - Leo conduz a conversa - O resultado dos exames novos...

Ele acena, gentil, para que Leo o deixe falar.

- Senhorita Sampaio. - ele entrelaça os dedos sobre a mesa - Infelizmente, não acho que tenho boas notícias para lhe dar.

Vovó tem um rádio velho na loja. Quando éramos pequenas, eu e Estela brincávamos de tentar adivinhar as notícias de uma estação quase fora do ar. Podíamos ouvir apenas algumas palavras, e preenchíamos as lacunas com nossa imaginação infantil. Ríamos criando histórias absurdas e nos preparando para ataques alienígenas.

Engulo em seco.

A saliva arranha minha garganta como se fosse cascalho.

É assim que me sinto... *fora do ar.*

O doutor Abreu está falando sobre resultados e exames. Sobre diagnósticos e prognósticos.

Eu parei de ouvir.

A estação está repleta de chiado e eu consegui compreender pouco mais que algumas palavras.

Nada mais que possamos fazer.

Deixá-lo confortável.

Tem lutado bastante.

Poucos meses.

Essas duas palavras ficam comigo.

Poucos meses.

- Mia... Mia...

A voz está cada vez mais forte.
Não estamos mais na sala do médico.
Leo está puxando meu braço, acho que saí andando sozinha, não sei.
Estou em um dos salões do Sírio Libanês. Há sofás. Há pessoas.
O que eu estou fazendo aqui?
- Mia, eu sinto muito. - ele aperta meus ombros. Tenta me dar um abraço, mas eu não quero ser abraçada.
- As ruas. - suspiro, de repente.
- As ruas?
- *Quantas ruas faltam para eu viver.* - acho que estou chorando.
- Mia, não estou te entendendo. Isso é de algum livro?
Concordo, com um meio sorriso de desespero. O Leo já me conhece bem demais.
- Qual livro? - limpa minha lágrima com o polegar, mas logo percebe que mais virão.
- Doistoievski. - murmuro - Príncipe Michkin está conversando sobre como medir uma vida. Um prisioneiro a caminho da força mede sua vida em tempo? Quantas horas faltam para eu viver? Quantos minutos? Ou mede outra coisa? No caminho da prisão para a força... ele mede em ruas? Faltam três ruas para eu viver. Faltam duas... Falta...
- Mia...
Estou chorando.
Leo me abraça, mas eu só sinto meus olhos arderem. Meus pulmões parecem descolar da carne, pegando fogo.
- Como é o nome desse? - tenta me animar quando meu choro diminui - Qual o título? - puxa a barra da camisa para limpar meus olhos e nariz.
- O Idiota. - rio - O que você ainda não leu.
- Hm, preciso remediar isso.
Meu lábio treme. Minha força de vontade também.
- Quantas ruas faltam para o Guga viver, Leo? Quantas ruas ele ainda tem?
Leonardo engole em seco e sei que as palavras lhe doem na boca.
Mas doem mais em meus ouvidos.
- Não muitas. - sussurra.
"Definhar".
Significa murchar.
E esse é o significado que eu mais detesto.
Porque é isso que Gustavo fez.
Ele murchou.
Como se fosse uma fruta que acabou o ciclo.
O que mais me destrói é como foi repentino
Em um instante ele estava bem e agora estava contando os dias?
Não é possível que uma vida acabe assim.
Não precisa haver um protocolo? Um prazo mínimo? Algum tipo de burocracia a ser cumprida?
Porque assim, sem aviso, com o passar de uma página... não parece humano.
Não parece justo.
A enfermeira está no quarto, tirando tubos do braço do meu irmão desperto.
- Achei que você tinha ido para casa. - resmunga - Já estava comemorando.
Tento sorrir.
Mas uma tentativa é tudo que basta.

Ele já entendeu.

- Médico novo? - pergunta.

Eu assinto.

- Notícias antigas?

Não consigo responder. E essa é toda a resposta que o Gustavo precisa.

- Por que está tirando isso? - a enfermeira retirou uma porção de remédios e...

- O médico disse que não era mais necessário.

- Como não? - avanço um passo para a mulher - E ele está bom por acaso? Está curado?

- Mia! - Gustavo pede. Leo tem uma mão em meu braço. Mas danem-se os dois.

- Coloca o remédio de volta no meu irmão!

- Amor...

São tubos.

A vida é medida em tubos.

Quando ele foi internado, um novo tubo sempre me dava um novo medo. Quanto mais tubos, mais medo.

E agora... agora cada tudo retirado era como uma desistência.

E o Guga só tinha três deles. O que a enfermeira tirava agora era precioso demais para abandonar.

- Coloca o remédio de volta no meu irmão! - rosno, colérica.

Leo acena para a mulher como se implorasse e ela obedece. Tem pena no seu rosto e homicídio no meu.

- Mia, se o médico disse que não adianta...

- Gustavo, fica quieto! - mando - Se você quer desistir, desiste sozinho. Mas toma o remédio. - assisto as gotas caírem pelo tubo transparente.

Ele expira devagar.

Até respirar parece doer.

- Mia, você pode me dar licença? Estela, você também, por favor. - pede - Eu preciso falar com o Leonardo.

Leo

- Quanto tempo? - ele me pergunta assim que as duas fecharam a porta.

- Guga, a Mia deveria...

- Leonardo. Quanto tempo?

Bagunço meus cabelos.

- O médico disse três meses.

Ele aperta os lábios, resignado.

- Tem um tratamento experimental. O procedimento já começou, mas ele disse que você se encaixa no perfil que estão procurando! Eu posso preencher os formulários e...

- Não. - sua voz está rouca e sóbria.

- Gustavo...

- Quais as chances desse tratamento experimental, Leo? 1%? 2%? Para passar meus últimos meses servindo de cobaia pra um estagiário, com uma

desconhecida trocando minhas fraldas? Não, obrigado. Eu quero ir pra casa.

- Guga, eu acho que você devia conversar com a Mia antes de decidir alguma coisa.

- Eu já sei o que ela vai dizer. Ela não quer que eu desista.

- Ela não quer que você a abandone. - arrisco, apelando para o seu ponto fraco - Se for pra casa, se desistir, vai ser como se estivesse fazendo isso.

- Não, não vai. - murmura - Ela dorme aqui quase todas as noites, sabia? Parou de ir as aulas do mestrado, de novo. E não é só ela! Vovó desistiu de mudar para Minas para poder ficar comigo. E Estela... Acho que Estela não ter ficado grávida foi uma benção. - engole em seco e eu sinto a dor em seu coração. Ninguém nessa Terra nasceu para ser pai tanto quanto o Gustavo - Mas ela já perdeu duas provas por minha culpa.

- Não é sua culpa, Gustavo.

- É minha culpa. Estou arrastando todo mundo pra baixo junto comigo e por quê? Por mais três meses? Mais seis? Um ano?

- Sabe que todas elas pagariam qualquer preço pra ter esse tempo com você.

- É. E eu não posso deixar que façam isso. Eu vou para casa. - decide, os músculos da garganta contraídos com o peso das palavras - Daqui a três meses, vou morrer. E é isso.

- Cara, eu...

- Mas, antes, eu precisava falar com você. - vira-se para mim com algo nos olhos que não consigo identificar - Acha que sou imbecil?

- O quê? Não! Não acho que é imbecil!

- Um plano de saúde de peão de fábrica cobrindo o Sírio Libanês e especialistas europeus?

Enfio as mãos no bolso e encaro o chão.

- Procurei seu nome na internet. - avisa - Está mentindo pra minha irmã porque acha que ela vai te roubar? - ri - A Mia?

- Não. - respondo, depressa - Gustavo, não! Eu... Eu estou mentindo pra sua irmã porque contei uma mentira quando nos conhecemos, e depois não soube como corrigir.

- Vai precisar contar pra ela. Não pode mentir pra minha irmã. Volto pra te assombrar.

- Vou contar. Posso contar hoje mesmo, só...

- Não. Não pode contar agora.

- Não?

- Não posso deixar que ela perca duas pessoas ao mesmo tempo. Ela é forte, mas... não posso fazer. Nem você.

- Acha que ela vai me perder quando eu contar?

- Acho que é uma possibilidade. Não posso arriscar. Você conta depois. Depois da morte e do enterro e um tempo... - morde os lábios, considerando - *Depois do mestrado*. Ou ela vai usar isso também como desculpa para abandonar os estudos. Depois disso tudo... aí você conta. Mas precisa contar, entendeu?

- Prometo.

- Não, não quero que me prometa isso. Quero que me prometa outra coisa.

- Claro.

- Eu não gosto de você. - abre os olhos.

- É, eu notei. - estou rindo.

- E nunca tive certeza sobre suas intenções com Mia.

- Guga, eu só estava sendo discreto por causa do...

- Não importa. O que importa é que eu ainda não tenho certeza das suas intenções.

- Eu amo sua irmã.

- E eu estou morrendo. E a Mia... a Mia sabe se cuidar, mas ela não sabe se virar. Me preocupo com ela. É por isso que preciso te pedir uma coisa. E quero que se lembre que isso vai ser uma promessa de leito de morte e todas essas merdas, entendeu?

- Entendi. - prometo.

Gustavo respira fundo. Encara o vazio.

- Não machuca minha irmã. - seus lábios se contraem e sei que ele pode chorar. Isso vai me foder. Se o Gustavo chorar, eu acho que vou chorar também - Se você é só um cara rico a fim de uma garota difícil... poxa, Leo... tem um milhão delas no mundo pra você. Deixa a Mia em paz, por favor. Não vai te fazer diferença buscar outra.

- Gustavo, puta merda, não é...

- Mas! - ele insiste - Mas se você gosta dela de verdade. - suspira
- Então, cuida dela por mim. E a Mia, Leo... a Mia vai te dar um trabalho do cacete.

- Eu imagino. - sorrio.

- Não, não imagina. Ela vai trazer indigente pra dentro de casa, vai cair em esquema de pirâmide, vai comprar cristal medicinal e vai levar rasteira nos negócios. Ela vai te dar um trabalho do cacete, mas... se você gosta dela, cuida dela por mim. Pode prometer isso?

Eu me aproximo e aperto sua mão.

- Prometo. - garanto - E agora, Guga... Sou eu que preciso te pedir uma coisa.

Leo

Estela voltou para ficar com Gustavo e eu faço companhia a Mia na cafeteria, para deixar que os dois tenham um tempo a sós.

Ela aperta minha mão.

Não consegue ficar parada. Está assim há semanas.

É como se houvesse uma engrenagem dentro dela que vai se espatifar em um milhão de pedaços se ela parar, respirar e descansar por um único segundo.

- Você precisa descansar. Quer ir ao meu apartamento? Você dorme lá hoje.

- Não, vou ficar aqui. Estela tem aula de manhã bem cedo, ela precisa ir pra casa.

- Mia, você já está aqui há cinco noites seguidas.

- Eu sei.

Faz tanto tempo que não a vejo sorrir.

Estou com saudade do seu sorriso.

Com saudade daquelas covinhas que transformavam meu dia.

Faria qualquer coisa para acabar com seu sofrimento. Qualquer coisa.

Mas, tudo que eu podia fazer, era jogar dinheiro no problema: o melhor hospital, os melhores médicos, os melhores tratamentos. Nada fez efeito. E agora, tudo que eu podia fazer era deixar que apertasse minha

mão.

- Pode ser que ele resista, não é? - murmura - Coisas impossíveis acontecem todos os dias.

Entrelaço nossos dedos.

- Pode ser.

Tenho certeza que Mia não ouviu toda a explicação do médico, ficou a deriva flutuando pelo corredor como uma sombra, assim que as primeiras palavras foram ditas. Se tivesse ouvido, não estaria entretendo esperanças.

Eu, no entanto, nunca consegui macular a inocência dessa mulher que eu amo. Estou mentindo sobre quem sou até hoje justamente por minha tentativa de manter a salvo sua visão pura do mundo.

- Pode ser. - repito com ainda menos convicção.

Abaixo a cabeça.

- Eu queria que isso fosse romântico. - aviso.

- Han?

- Isso... isso que vou fazer agora. - explico - Queria que fosse romântico. Queria que fosse em um dia feliz. Eu ia te levar para jantar em um restaurante mexicano, ia colocar o anel dentro de uma caixa vazia de um kindle, com um par de passagens para Cancun. Ia te explicar o tanto que eu te amo, porque eu acho que, mesmo depois de todo esse tempo, você não sabe. - aperto seus dedos, sou eu quem precisa de forças agora - Ia te dizer que meu coração já é seu desde o dia que você me levou pra sua casa, feito a maluca inocente que você é. Ia te dizer que eu posso ter levado um tempinho para perceber e aceitar, mas a transferência de posse já tinha sido feita: eu era seu. Eu sou seu. Eu tenho sido seu. Eu te amo, Mia.

- Leo. - ela ergue um ombro. O meu. O meu ombro. - Eu sei. - faz carinho no meu rosto, o polegar demorando-se em meu queixo - Eu te amo também.

- Você não vai ficar sozinha. E não estou falando isso por causa do Guga, é por isso que... é por isso que eu queria fazer isso em um dia feliz. Para que você soubesse que não é por causa dele. Não é por causa de ninguém. É por causa de nós dois. É por causa do tanto que eu te amo.

- Amor - ela murmura, hesitante - não sei se estou te entendendo.

- Casa comigo?

Mia congela.

Demora uma eternidade para dizer alguma coisa. É bom que estejamos em um hospital porque eu estou bem perto de um aneurisma.

- Leo. Por quê?

- Porque eu te amo. E porque eu acho que você me ama também. Só por isso.

- Mas por que agora?

Mordo meu lábio inferior.

- Porque eu queria que o Gustavo te levasse ao altar.

É esse o argumento vencedor. Nesse contexto, nenhum outro significaria mais.

Estou vendo em seus olhos.

Mas decido continuar:

- Eu sei que é seu sonho e como é importante pra você, linda. E eu te amo demais para esperar uns meses e te roubar dessa chance. Então, eu queria te dizer isso agora. Eu quero casar com você. Se você quiser esperar, eu espero. Mas, se você quiser que o Guga... - respiro fundo e espero que ela entenda minha intenção porque eu não vou conseguir terminar aquela frase - Eu queria que soubesse que, se quiser, podemos fazer isso

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

agora. Quando você quiser. Porque não me importa se o casamento vai ser amanhã ou daqui a dois anos, eu vou te amar pelo resto da minha vida.

Ela me observa com lágrimas nos olhos. Lágrimas que tem tantas razões diferentes de existir que eu sequer imagino que seja por causa do que eu disse apenas.

- Não precisa responder agora. - beijo sua bochecha - Estou esperando, quando você quiser. Se quiser - sorrio - Mas... eu só queria que você soubesse que falei com o Gustavo.

- Foi pedir autorização?

- Não no sentido arcaico e patriarcal da coisa, prometo. - aviso, solenemente - Mas porque tinha medo que ele me matasse se descobrisse depois.

Ela ri. É só um pouco, mas a ideia de que fui eu quem colocou um pouquinho de alegria naquele dia horrível enche meu coração.

Não se preocupa, Guga.

Vou cuidar dela.

Leo

- Dá joias para as namoradas, agora, Oscher? - Lu aperta meu braço assim que saio da Tiffany & Co. Estou com o par de alianças dentro da sacola azul e elegante. Mia não vai saber a diferença entre uma Tiffany e uma bijuteria, mas se eu vou colocar algo no seu dedo na próxima semana, vai ser a melhor peça que dinheiro puder comprar. Quer ela saiba, quer não.

- Relógio novo. - minto, passando a sacola para Diogo, que as toma de um modo secreto antes que Luciana resolva investigar seu conteúdo - Achei que íamos nos encontrar no Moti?

- O carro me deixou há um quarteirão. - explica - Queria passar na Dior, vim andando.

Ela também tem sua porção de sacolas.

- Quer deixá-las no carro? - ofereço.

- Oh, sim! Obrigada! - ela as passa para Diogo.

Conheço Lu o suficiente para saber que não faz por mal, mas trata Diogo como se ele fosse um cabide e não um humano. Acho que a maior parte das pessoas em meu convívio trata os seguranças assim. Talvez seja mais um dos motivos para Mia ter conquistado um espaço no seu coração de pedra, com suas ofertas de pudim e bolo de limão.

As visitas a Amélia tinham feito de mim um apaixonado e de Diogo um viciado em glicose. Juro que ele ganhou peso nos últimos meses e culpo minha namorada, quase que exclusivamente.

Ele volta ao estacionamento para guardar os itens no carro e eu sigo com Lu pelas duas centenas de metros que faltam até o restaurante.

Ela entrelaça nossos braços, puxando-me pela cintura.

- O que está fazendo?

- Garantindo um enfarto na Sara, caso ela esteja aí dentro.

- E ela vai estar aí dentro? - pisco, entediado, recriminando seu comportamento.

- Você nunca assistiu uma novela? É claro que ela vai estar aí dentro! Precisamos engajar a audiência.

- E minha vida é uma novela? - dou risada.

- Quem falou da *sua* vida? *Eu* sou a protagonista, meu bem. E minha vida é uma novela.

- Oh, perdão. - corrijo-me.

O Moti é um dos favoritos da minha família. Não tenho qualquer amor especial pelo lugar, Lu também não. Mas ela queria me encontrar para o almoço e eu precisava passar - rapidamente - na joalheria. Era um álibi.

- Você e Sara deviam parar com essa briga infantil. - sugiro.

- Diga isso para ela.

- Você fala como se ela fosse a única culpada.

- Falo como se ela fosse a única solução, malabarista. Eu vou ser infantil até o dia que me enfiarem em um caixão.

- Pelo menos você é honesta.

Puxo a cadeira para que ela se sente.

- Já está pronta para fazer o pedido? - estou com pressa... ultimamente, entre as reuniões, o Gustavo e a Mia, estou sempre com pressa.

- Posso terminar de ler o cardápio? - abre os olhos, rindo - Obrigada.

Gesticulo, pedindo desculpas.

Gustavo vai pra casa hoje.

Contratei a melhor equipe de transporte e de *home care*. Demorou três dias para organizar tudo, mas sua casa estava devidamente preparada e equipada para recebê-lo.

- Então... - prolonga-se nas vogais - Já podemos conversar sobre *aquilo*?

- Que "*aquilo*"? Ah! - entendo - Precisa mesmo?

- "Solteiro e infisgável"? - ela ri alto.

- Luciana, se comporte.

- Não, obrigada. Quase quero casar com você só para forçar aquela jornalista a escolher outro título.

Torço o nariz para sua gracinha.

- Mas ficou legal, Leo, de verdade. Foi um bom perfil.

- Ela resistiu bravamente.

- Como assim?

- Queria uma declaração minha. Precisei fugir até o seu prazo editorial... mas ela conseguiu uma porção de adiamentos.

- E deu a declaração?

- Não. Eu fujo melhor do que ela adia. E eu não preciso responder a um chefe.

- Não acredito que deixou o Matheus contar aquelas histórias suas.

- rouba os aperitivos do meu prato.

- Ah, sim... porque eu preciso *deixar* o Matheus fazer alguma coisa.

- Verdade. - concorda - Ainda assim... ele não poupou palavras.

- Quando, na vida, o Matheus poupou palavras?

- Verdade, de novo. É tudo verdade?

- As histórias do Matheus?

- É. Eu sei que ele tem um pé na ficção, então... É verdade?

- Não sei.

- Não sabe?

- Não li.

- Não leu? - agarra meu braço - Como pode não ter lido? Acho que

não teve uma mulher solteira em São Paulo que não clicou naquele link em algum momento.

Bem... eu esperava que pelo menos uma noiva, sem redes sociais, estivesse cega a esse fato.

- Eu não sou uma mulher solteira.

- Foi um bom perfil. - elogia - E vamos ao casamento essa noite, não é?

Eu queria muito acompanhar o Gustavo até sua casa. Queria ficar lá com Mia. Queria levar as alianças e tornar a coisa oficial.

Mas o casamento da Bianca era um desses eventos que poderia destruir minha vida dupla.

- Vamos.

- Você vem me pegar?

- Posso.

- E me deixa dizer que estamos enrolados? - junta as mãos, implorando - Vai ser divertido! Por favor!

- E desde quando eu preciso *te deixar* fazer alguma coisa?

- Você é um homem sábio além dos seus anos.

- Se comporte, Luciana.

Ela revira os olhos.

Sei que não vai se comportar.

E estava certo.

Luciana é simplesmente incapaz de existir no mesmo espaço que Sara sem transformar olhares em provocações.

O embate entre as duas é antigo e reconheço minha parcela de culpa.

Sara sempre teve uma queda grave por mim. Mais suave no começo, mas eternamente presente. E Luciana era minha melhor amiga, a mulher que me beijava a boca nas festas e que ia pra minha cama no fim da noite, enquanto Sara usava minha cor favorita e fazia amizade com minha mãe.

Se você só me conheceu pós-Mia pode não entender bem o que isso significa, mas, antes da minha linda eu era um cara pervertido, safado e descarado.

O que encaixava em tudo com Luciana e em nada com Sara.

A inimizade das duas se fortalecia sempre que Lu decidia me usar como objeto de cena: desfilando-me em todos os lugares como se fôssemos carne e unha. Eu não me incomodava porque esses *desfiles* normalmente incluíam uma autorização implícita de que eu agarrasse sua bunda quando quisesse e, normalmente, se encerravam com meu pau na sua boca.

Quem era eu para reclamar, não é mesmo?

Sara, no entanto, parecia ter acumulado uma mágoa profunda. Luciana era a mulher que chupava o homem que ela queria e que não tinha pudor de falar sobre isso. Ela provocava, é verdade.

No começo, não me chamava atenção porque eu sequer desconfiava dos desejos de Sara.

Depois, não me incomodava porque eu acreditava que as investidas de Luciana poderia estimular o desinteresse de Sara.

E então, Luciana se foi e tudo aquilo tornou-se irrelevante.

Agora, no entanto, estava de volta.

Agarrada ao meu braço, beijando minha bochecha e sugerindo que não se incomodaria com alguns tapas amigáveis no traseiro.

E eu me sentia mal.

Eu sabia dos desejos de Sara e não achava que aquele tipo de atitude iria gerar um desinteresse.

Hoje, eu não podia alegar omissão ou ingenuidade.

Hoje, eu estava magoando Sara ativamente.

E foi por isso que pedi a Lu que parasse. Foi por isso que passei a me afastar sempre que podia.

Não acho que ela ficou satisfeita, mas ultimamente só tem uma mulher sobre a Terra que eu tenho intenção de satisfazer. E eu duvido muito que ela fosse querer tapas públicos para me manter engajado ou causar mágoas em outros seres humanos.

Engulo em seco e cumprimento os pais do noivo... os pais de Sara.

- Agora só nos falta Sara. - sua mãe sorri, ao beijar minha bochecha - E os interessados vão ter que agir depressa, porque ela não fica solteira muito tempo, ouviu? - soa como uma brincadeira, mas sei que não é.

- Tenho certeza. - concordo com um abraço breve - Parabéns pelo Samuel! A Bianca é uma moça incrível.

Sento na mesa que nos foi designada e Luciana apareceu com três drinks diferentes para cada um de nós.

- O que quer primeiro, Malabarista? - sorri.

Eu quero a Mia.

Quero sair daqui e quero ficar com ela.

Não quero vir para uma dessas festas sozinho nunca mais.

Quero ela do meu lado.

Merda.

Preciso contar tudo pra Mia.

Mas preciso respeitar o pedido do Gustavo.

Esfrego os olhos e viro qualquer uma das bebidas. Não me importa qual.

Mia lidando com as últimas semanas de vida do seu irmão enquanto eu estou aqui lidando com os tapas que Luciana quer na bunda.

- Leo, boa noite. - Sara se aproxima. Veste um vestido rosa muito claro. É bonito. Combina com ela.

- Sara! Olá. - levanto-me para cumprimentá-la.

Ela se estica para receber o beijo que dou em sua bochecha e me abraça de volta com acanhamento.

- Quanto tempo. Acho que a última vez que nos vimos foi pouco depois da sua viagem. Ainda não ouvi os detalhes.

- Ah, foi ótima. Acabei indo com algumas amigas.

- Leve homens da próxima vez! - Luciana interfere - E vai ser *mais* ótima ainda! - ri - "Mais ótima" é certo?

- Não acho que é. - respondo.

- Olá, Luciana. - Sara responde, polida.

- Oi, Sarinha. - beija suas bochechas - Cadê seu acompanhante? Ou veio sozinha? - faz um biquinho triste - De novo?

Sara respira fundo e vira-se para mim.

- É um prazer vê-lo, Leo. Obrigada por ter vindo, tenho certeza que meu irmão ficou muito feliz com sua presença.

- Nossa, como você é formal. - revira os olhos - Um tesão mesmo.

- Luciana! - reclamo - Obrigada, Sara. O prazer foi meu.

Ela se retira, educada e Luciana está dando continuidade ao buffet

de drinks.

- Por que está fazendo isso?

Ela dá de ombros.

- Não. - puxo sua mão, devagar - Sério? Por que faz isso com ela?

- E por que está te incomodando agora? Nunca incomodou antes. - tenta apertar minhas bochechas, mas eu a seguro a tempo.

- Luciana... você já está bêbada? A festa começou não faz uma hora. Como conseguiu essa façanha?

- Se você não chega bêbado para festas chatas, está chegando errado. - ri.

- Meu Deus.

Eu me levanto, procurando Sara no salão.

Ela se afastou poucos metros. Conversa com a mãe e não tem uma expressão feliz.

- Sara.

- Leo. - ela tenta sorrir.

Sua mãe, ao contrário, não tenta e consegue. Afasta-se piscando um olho para a filha.

Essa coisa de famílias casamenteiras seria triste mesmo que eu não estivesse apaixonado por outra mulher.

- Sinto muito pela Luciana. Achei que ela ia se comportar.

- Não é culpa sua. Eu disse ao meu irmão para não convidá-la, mas ele fez questão.

- Bem, de qualquer modo, eu sinto muito.

- Você é uma boa pessoa. - sorri - E me desculpe também. Quero dizer... última vez que realmente conversamos foi antes daquela coisa toda com o cruzeiro e eu não acho que fui exatamente educada.

- Foi perfeitamente educada. - asseguro, apertando seu braço para encorajá-la - Garanto.

- De todo modo, não acho que ela está errada. - revira os olhos e tenta brincar - Teria sido mais divertido se eu tivesse levado homens. Eu acho. - acrescenta tímida, com um sorriso e eu estou rindo com ela.

- Acho que o importante é fazer as coisas de um modo que fique a vontade.

- Acho que sim.

Uma troca de olhares.

Por Deus que ela não esteja interpretando isso como "um momento romântico".

Desvia o olhar.

Ainda bem.

- Bem! Talvez a gente possa fazer isso em outra ocasião. - sugere - Uma viagem. Como amigos! - acrescenta.

- Claro. - concordo porque não quero ser grosseiro. Não diante das circunstâncias.

Ela sorri e acena como se buscasse desesperadamente um assunto, sem saber qual.

- E como estão as coisas no...

- Senhor Oscher? - Diogo toca meu cotovelo com urgência.

- Diogo? O que houve?

- Pode me dar um instante?

Sara gesticula me liberando, insistindo que eu vá.

Despeço-me rapidamente e sigo Diogo para uma das laterais mais vazias.

- O que houve?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

- Não está com seu celular?

Bato as mãos nos bolsos.

Droga.

- Não.

- Mia esteve tentando falar com você. Acabei de receber uma ligação da avó dela.

Meu coração congela no peito.

- O que aconteceu?

- Foi o Gustavo. - Diogo trinca os dentes - Ele morreu no caminho pra casa.

15.

Mia

A vida não perde a graça porque alguém morreu, assim como não perde a seriedade quando alguém está rindo.

Não é um pensamento meu, é claro.

É de George Bernard Shaw.

É mais uma das milhares de citações que vi em algum livro.

Mas é difícil encontrar algum conforto nas palavras distantes de George Bernard Shaw ao ver meu irmão enfiado em paletó e gravata dentro de um caixão.

Não é tanto o caixão o que me incomoda.

É o paletó.

É a gravata.

Acho que Gustavo realmente só usaria aquelas roupas quando o enfiassem em um caixão e, agora que é aí que está, a escolha de vestimenta me parece horivelmente perversa.

Ele detestaria aquelas roupas.

Acharia aquilo ridículo e inaceitável.

Rosnaria até que o deixássemos de volta em suas camisas largas e calças desbotadas.

Aquilo no caixão não era o Gustavo.

Era só um monte de carne com o rosto dele e uma roupa que ele nunca aceitaria.

Foi ideia de vovó, eu acho. Só mais uma de tantas decisões feitas enquanto eu estava no piloto automático que me sustentou pelos últimos dias.

Doar seus órgãos.

Que cemitério.

Cremado ou enterrado.

Que tipo de caixão.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Pinho, noqueira, carvalho, mogno, bordo, cerejeira...

Havia mais madeira na casa funerária que nas florestas e eu não entendia que diferença faria colocar a carne com o rosto do Gustavo em um baú claro ou escuro.

Deus vai encontrá-lo mais fácil se for uma caixa mais cara?

Eu não conseguia mais chorar.

Acho que a tristeza deveria ser medida a partir da nossa incapacidade em produzir mais lágrimas.

- Não devia ter colocado o paletó. - sussurro.

Leo está me segurando. A sensação que tenho é que está sempre fazendo isso.

- Está bem assim, Mia. - sua voz é quente e infinitamente gentil - Prometo que está.

Isadora veio.

Todo mundo veio.

Eu consigo ver apenas relances. Sombras de pessoas que não consigo distinguir. Uma multidão de *ninguéns* prestando suas homenagens, oferecendo-me seus sentimentos. Quando a semana terminar haverá outro funcionário no lugar de Gustavo na fábrica, haverá outro amigo ocupando seu lugar na mesa. Eles vão esquecer.

Eles vão esquecer o meu irmão e eu quero que todos eles saiam dali.

Quero expulsá-los e chutá-los para longe.

O que toda essa gente está fazendo aqui?

Gustavo iria detestar toda essa pompa e circunstância. Ia desprezar a falsidade das palavras e dos gestos. Ia revirar os olhos para as flores e os sentimentos.

Ele não ia querer nada daquele circo. E "circo" era justamente o que eu estava fazendo.

- Isso foi uma má ideia. - murmuro.

- O quê?

- O funeral. - explico. Leo me olha como se não me entendesse. Como ele não pode me entender?

E Gustavo o detestava também.

- Acho melhor tirar o paletó. - aceno.

- Mia... - murmura - Você precisa comer alguma coisa.

Comer alguma coisa?

O que isso tem a ver com tirar o paletó do Gustavo?

Estela é a única pessoa na igreja que aparenta estar tão apática quanto eu me sinto.

Sei que a abracei em algum momento, mas nenhuma de nós duas tem muito conforto para dar. Ela perdeu o homem que amava. Eu perdi minha família.

A carne com o rosto do Gustavo.

Deitado de olhos fechados como se estivesse dormindo.

Passo os dedos nos seus cabelos daquele jeito que detestava.

Ele não resmunga agora.

Não coloca os cabelos de volta no lugar.

Se beijar sua bochecha, não vai limpá-la com as costas da mão e um torcer de nariz.

Acho que Morte não é uma coisa imperial e grandiosa. Não é um evento de proporções incalculáveis.

Morte é apenas um vazio.

Uma ausência de ação.

A mão que não levanta para limpar o rosto.

A reclamação não dita.

Gustavo morreu e, agora, "tudo que é" passou a ser a ausência de tudo que faria.

Chamar Morte assim com maiúscula parece errado.

Ela é uma coisa pequena.

Uma coisa miúda que só se percebe quando se olha com cuidado.

É o paletó que o Gustavo só veste morto porque jamais vestiria vivo.

morte.

Com minúscula mesmo no começo da frase.

Está morto, meu irmão.

E vou enfiá-lo em uma caixa em suas roupas de morto e enterrá-lo.

Vai apodrecer nas roupas que nunca usaria.

É errado.

Eu estou diante de seu caixão. Estou tomando seus braços para corrigir aquele erro antes que seja tarde quando sou interrompida.

- Mia. Calma, Mia.

Por que me mandam ter calma? Deve fazer dois dias que "calma" é tudo que escuto.

Estou calma.

Só não suporto mais ver meu irmão naquelas roupas.

Não suporto.

- Mia, o que está fazendo? - Isadora tenta me parar, mas eu quero que ela vá pro inferno.

- Me solte! O que está fazendo aqui?

- O que está fazendo? - ela repete, com carinho.

Não me demonstre carinho, Isadora! Não preciso do seu carinho. Preciso que saia da minha frente.

- Não é da sua conta. - rosno.

Parece haver compreensão em seus olhos, mas eu não quero compreensão. Quero que ela grite comigo. Quero que me diga algo inapropriado sobre minha vida para que eu tenha motivo para lhe dar um tapa.

Quero bater nela e arrancar seus cabelos.

Quero que bata em mim e arranque os meus cabelos.

Quero sentir alguma coisa - qualquer coisa - que faça as lágrimas caírem de novo porque acho que só isso pode diminuir o sofrimento.

Eu não aguento mais.

Eu vou sufocar.

E aquele inferno daquele paletó.

Estou tomando seus braços de novo quando Leonardo toma os meus.

- Mia... Mia? Mia!

- Me solte, me solte. Me solte!

- O que está fazendo, Mia? Ele se foi, meu amor. Não faça...

- Tire esse paletó dele! Alguém precisa tirar essa roupa dele!

- Amélia, não vai fazer diferença. - vovó tenta segurar minha mão, mas eu não quero que segurem minha mão.

- É uma roupa de morto! - exclamo. Meus lábios tremem. Minhas pernas ainda não.

- Uma o quê? - Leo toma meu rosto nas mãos. Tem os olhos vermelhos de dor e preocupação.

- Uma roupa de morto! Colocaram uma roupa de morto no meu irmão! - explico. Por que ele não entende? Por que ninguém entende?

Vovó está tentando me tirar dali e Isadora me trouxe um copo de

água.

Mas eu não quero uma coisa nem outra.

- Não podem enterrar meu irmão nessas roupas de morto! - imploro.

Estela chora. A sortuda. Tem lágrimas ainda. Tenta fazer carinho em meus braços, mas eu a afasto.

- Soltem-na. - Leo pede - Soltem.

- Não deixa enterrarem meu irmão nessas roupas de morto. - sussurro.

Leo é o único que me observa como se tentasse entender. Como se tentasse vislumbrar sanidade através da loucura.

- Leo, ela só precisa... - vovó tenta.

- Não. - ele murmura - Aqui. - Leonardo solta o toque suave que tinha em minha cintura para levar as mãos ao pescoço do Gustavo. Desata o nó de sua gravata com um cuidado infinito e tira o pano de seu pescoço. Desabotoa os dois primeiros botões da camisa.

Está melhor.

Está bem melhor.

- É isso, não é? - ele suspira, devagar, enquanto encaro Gustavo - Você só queria que ele pudesse respirar?

Meu lábio treme.

As lágrimas caem antes que eu consiga jogar a testa no peito do Leo.

Ele me abraça e eu choro até as lágrimas secarem de novo.

Leo

Minha testa está apoiada no tampo da mesa. O restaurante é elegante e minha postura não, mas estou pouco me fodendo.

- Nossa, Malabarista! De quem foi o enterro?

- Não me chame assim. - reclamo - Chega, está bem? Não me chame de Malabarista.

Luciana senta ao meu lado com um olhar nervoso.

- Nossa, Leo, desculpa. Está tudo bem? - toca minha mão com cuidado.

- Não. Tenho uma merda de uma reunião com os advogados do Fernando em três horas e estou com um humor péssimo.

Eu ainda conseguia sentir suas lágrimas no meu pescoço.

Eu devia estar com ela.

Devia estar lá quando acordasse. Lá quando fosse dormir.

Prometi ao Gustavo e dois dias depois do seu funeral, eu já estava quebrando a promessa.

- Se quiser pular o almoço, eu entendo. - murmura, apertando meu braço, gentil.

- Não. - respiro fundo. Não é culpa dela. Não é culpa de ninguém - Acho que preciso comer.

Mas não como.

Ou pelo menos não tanto quanto seria saudável.

Não sinto fome.

O almoço é lento assim como tudo mais quando estou longe de Mia. Luciana tenta me engajar com assuntos que me interessam cada vez menos,

até finalmente entender que minha cabeça está lotada demais para trivialidades. Deixa-me em paz e esperamos a conta em silêncio.

- Pode conversar comigo, se quiser, sabe disso? - aperta meu ombro quando estamos do lado de fora esperando o manobrista.

Trouxe meu carro primeiro e tomo sua cintura para um abraço rápido de despedida.

- Eu sei, Lu. Obrigado. E desculpe meu humor hoje. Sei que não estou bem.

- Fica tranquilo, Leo. Amigos são para essas horas mesm... - ela se distrai com algo sobre meu ombro. É breve, mas tenho certeza que algo chamou sua atenção.

Volta-se para mim com um sorriso imenso e eu estou prestes a perguntar o que houve quando ela enlaça meu pescoço com um braço.

- Algo pra tentar melhorar seu dia?

Luciana beija minha boca com paixão.

Mas não é a paixão o que me tira dos eixos... é a velocidade.

Em um segundo estávamos tendo uma conversa comum de amigos e, no outro, ela estava tentando invadir meus lábios com a língua.

Ainda tinha o meio abraço em sua cintura e, agora, uso a mesma mão que antes a envolvia para afastá-la. Travo meus lábios para mantê-la longe e encaro seus olhos semiabertos buscando uma justificativa.

- Luciana? Mas que diabos? - seguro seus braços, mantendo-a a distância.

Ela parece desconcertada, mas tenho certeza que é fingimento.

- Acho que talvez a gente precise conversar, Leo. - deixa a ponta da língua escapar por um único instante em um misto de ousadia e timidez.

Beijos inusitados de Luciana não são exatamente novidade na minha vida.

O mundo dava voltas e, de algum modo, acabávamos de volta nos lençóis do outro.

- Não acho que a gente precise. - resmungo, feroz.

Eu sou comprometido.

Noivo.

Minha data de casamento está marcada.

Mas eu sequer posso ficar indignado com sua reação porque Luciana sabe nada disso. Para ela, eu sou o solteiro que a agarrava nos cantos das festas quando quase ninguém estava olhando.

Seu lábio entreaberto denuncia o choque que ela deve sentir.

Pego a chave com o manobrista e dou o fora dali.

Sei que não foi educado de minha parte... mas hoje não estou preocupado com educação.

- Preciso desligar. - murmuro - Vou entrar em uma reunião agora. Mas... tem certeza que não quer nada? Posso levar... - o que? O que eu posso levar para substituir seu irmão? Para diminuir a dor que ela está sentindo? Existe alguma coisa?

- Estou bem, de verdade. - mente - Mas... volta assim que puder?

- Assim que puder, meu amor. - prometo, esfregando os olhos - Ainda hoje se conseguir terminar essa reunião depressa.

- Não pegue estrada de noite.

- Não vou pegar. - meu pai gesticula para mim a distância. Minha

cabeça dói - Preciso ir. Te amo.

- Também te amo.

- Tudo bem? - ele dá uma palmada de conforto no meu ombro.

Aceno porque não vou conseguir mentir.

Fernando está sentado de um dos lados da mesa e, pela quantidade de pessoas ao seu redor, parece que convidou um time de basquete para a reunião. Mas é apenas a equipe de advogados.

Do nosso lado estou eu, o pai e três advogados.

Fernando acha que vai ganhar o que quer porque trouxe um batalhão. Mal sabe ele que vai ganhar o que quer porque eu estou cansado.

Estou exausto.

Não quero mais brigar com ele.

Não quero mais ouvir as reclamações de papai.

Não quero mais precisar consolar mamãe.

Não quero mais ficar constrangido sempre que cruzo com Tatiana.

- Tudo bem, Fernando. - falo, antes de sentar - O que você quer para a gente poder ir para casa dentro da próxima meia hora?

- A inversão, irmãozinho. Eu vim primeiro, sou o primogênito. Tenho direito a tudo que o pai passou para você. Você fica com o que ele passou para mim.

- Certo. - suspiro - Mas vamos fingir por um instante que não estamos na Inglaterra medieval, e que você ser o primeiro filho significa nada diante da Lei. O que quer para podermos ir pra casa dentro da próxima meia hora?

- Nossas condições não são negociáveis. - o advogado se manifesta - Encontramos inconsistências na operação que o senhor Arthur busca fazer e, sem autorização de todos os herdeiros, você não pode...

- No Brasil. - minha advogada interrompe - Os bens submetidos à lei brasileira não podem ser transferidos sem concordância dos herdeiros, mas não estamos falando só de bens brasileiros aqui.

- Temos muitos exemplos na jurisprudência que nos permitem contestar as transferências internacionais também.

- Eu gostaria de ver essa *jurisprudência*, advogado. - ela continua.

- Está tudo aqui. - ele sorri, escorregadio, e lhe entrega uma pasta parda que ela se põe a examinar.

- Aumento em 20% o seu pagamento de dividendos, Fernando. - decido - Você fica com o jatinho e todos os imóveis brasileiros do pai. Te coloco como co-operador dos fundos da Heloísa e criamos um setor novo na Oscher para você liderar.

- *Inversão*, irmãozinho. - sibila.

- Fernando, seja razoável! - papai interfere.

- Ser razoável? EU? Você dá a herança da família inteira para um único filho e eu preciso sorrir e dizer "obrigado"? Tenho direitos. Vou lutar por eles.

- Você não vai assumir a presidência da OM3.

- Por que não?

- Porque não tem capacidade para...

- Seu amor não define a capacidade de uma pessoa. - rosna de volta - Só porque você ama ele mais, não significa que ele é melhor.

Esfrego meus olhos.

Fernando já tem dinheiro para passar o resto da vida surfando, hospedado em um hotel cinco estrelas no Taiti. Mas ele quer o *status*, o poder, as honrarias.

Não quer a responsabilidade. Não! Isso ele não quer.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mas quer poder fingir que as tem.

Gustavo te desprezaria.

Usando sua família para conseguir uma vantagem, mesmo sabendo que vai se cansar dela depois do primeiro ano.

- Eu amo todos vocês igual! Mas você está me testando!

- Ama igual? - ri - Então prove.

- Você é de uma ousadia... - papai começa, mas eu toco seu braço e peço que se cale.

- 30% de aumento nos dividendos. - sugiro - Todos os imóveis nacionais e o jatinho da família. Te dou uma promoção na OM3: o cargo de CFO, para você ser o chefe de operações financeiras. Com um aumento de 100% no seu salário.

- Ahm... - o advogado olha para Fernando, incerto - Vou precisar conversar com meu cliente.

- Faça isso depressa. - peço.

- Não precisa! - ele sorri, sabe que está me vencendo pelo cansaço e considera isso uma vitória por si só - Eu já disse o que quero. Não é negociável.

- Claro que é. - rosno

- Não, não é.

- Fernando, isso é imbecil. - toco a pasta parda com a *jurisprudência* - Papai é dono da propriedade, ele decide para quem quiser dar. Para mim, para você, para a Manuela do restaurante ali na esquina... Ele dá seus bens para quem quiser, desde que siga as leis do país. TODA a antecipação de herança está seguindo as leis. Você só está fazendo inferno porque quer arrancar mais coisa do papai apelando para emoção e para o sofrimento que está causando em mamãe.

- Você é ridículo. Não sou criança como você, Leonardo.

- Não, claro que não. Você é um adulto maduro e responsável, fincando o pé na areia e gritando bem alto porque papai não te deu o brinquedo que queria.

- Não sou o único. Heloísa também não está satisfeita.

Eu começo a rir alto.

Muito alto.

Minha advogada está constrangida.

Os advogados dele também.

Mas é hilário, não é?

Heloísa não liga para participação na empresa. Desde que seu cartão de crédito esteja pago no dia, Heloísa não liga para muita coisa.

Fernando, no entanto, decidiu usar não apenas a própria mãe em sua escalada de ambição, mas também a irmã.

É hilário que ele esteja apelando para o amor que a família tem por ele enquanto ele próprio demonstra nenhum amor pela família.

- Não acredita em mim? - vocifera, furioso - Vamos ligar para mamãe. - Vê como ele usa o nome de mamãe para provocar nosso pai a cada instante? - Elas estão almoçando juntas. Podem vir até aqui.

- Claro que podem. - estou lacrimejando.

- Leonardo! - papai recrimina - Não vai incomodar sua mãe, Fernando. - aponta um indicador patriarcal - Me ouviu, garoto?

Se Gustavo estivesse aqui...

Se Gustavo estivesse ouvindo um homem adulto, com condições financeiras blindadas, usando a própria irmã para conseguir uns trocados a mais...

Fernando está contando com o cuidado que nosso pai tem pela

família, com o amor que nossa mãe tem por ele, com a diplomacia infinita que eu sempre demonstro diante de suas criancices.

É como aquela noite no restaurante japonês.

Fernando embriagado, obrigando-me a ficar sentado e eu não tenho forças para lhe mandar ao inferno.

"Preciso fazer uma ligação" eu tinha dito, naquela noite. *"Me dão licença?"*

"Não damos" foi tudo que ele respondeu, com seu sorriso amarelo.

Gostava de me julgar, mas era ele quem estava acostumado a ser o Príncipe.

O único certo em toda aquela história era o Matheus.

- Fernando, me escuta. - falo, por cima dos advogados - Estou dizendo que sua estratégia é risível, mas ela funcionou. Parabéns. Todo mundo quer que isso acabe. Você vai conseguir o que quer. Então, vamos lá. Está pronto? 50% de aumento nos dividendos. Controle integral sobre o fundo da Heloísa. O jato, os imóveis... E a Vice-Presidência da OM3. Para irmos pra casa agora.

Seus olhos brilham.

Os do advogado também.

- Vai demitir a Amanda? - pergunta.

- Leo... - papai murmura.

- Vou realocar a Amanda. - explico

- Não quero um jato velho. - Fernando torce o nariz.

Travo meus dentes.

- Eu te compro um novo.

- Preciso falar com meu cliente. - o advogado repete, em pânico, sabe que não vai conseguir mais do que isso. Fernando, por sua vez, apenas tamborila os dedos sobre a mesa, embriagado pelo poder que sua chantagem emocional lhe conquistou.

O que Matheus tinha dito naquela noite no restaurante japonês?

"Ai, Leonardo, pela Misericórdia!" É. Era isso.

- Não. - meu irmão mais velho decide - Eu já disse o que quero, Leo. - pisca um olho.

Respiro fundo.

A vida é uma merda.

A gente precisa enterrar homens como Gustavo e tolerar moleques como o Fernando.

- Nós voltamos com uma resposta em vinte e quatro horas. - o advogado pede.

- Sim. - papai murmura, cansado - Tente colocar juízo na cabeça desse menino... já que eu não consegui.

Fernando está se levantando da mesa.

O que Matheus tinha dito?

Naquela noite no restaurante?

"Vai fazer tua ligação de uma vez, Leonardo. Fernando não é teu dono. Aliás, daqui a poucos meses... Fernando não vai ser dono de nada."

- Não. - rosno - A oferta expirou.

Papai me olha com pavor.

O time de basquete de advogados traz uma paleta de expressões que vai da decepção ao desespero.

Fernando é uma grande careta de fúria.

Chega.

- A oferta expirou. - repito - Todas elas. - toco minha gravata e me ponho de pé - A antecipação de herança vai ser concluída *exatamente*

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

como o primeiro rascunho estipulado por papai. Ele já assinou tudo e eu vou dar continuidade ao processo *na íntegra*. Se você quiser qualquer coisa, vai ter que ir a julgamento. Boa sorte.

- Não pode fazer isso!

- Não posso?

- Não pode. Mamãe não vai deixar vocês dois se colocarem contra mim.

- Ai, Fernando, por favor... - reviro os olhos.

- Aquela empresa é tanto minha quanto sua.

- Fernando. - peço.

- Você quer uma briga na justiça? Pois é exatamente isso que vai ter.

- CALA A BOCA. - estou rugindo. Foi mais alto do que antecipei. Todos me encaram assustados. Mas foda-se. Pelo menos Fernando calou a boca - Presta atenção, *seu animal*. - não consigo mais parar de rugir, é mais forte do que eu - Você NÃO TEM um caso! Isso aqui... - balanço a pasta de jurisprudência - é merda de bebê em fralda jogada fora. TUDO está dentro da lei. Papai não confia em você na frente da empresa porque você é uma besta egoísta que se preocupa mais com sua cara em uma matéria de jornal do que com o quadro de funcionários. E eu só estava disposto a dividir o espaço com você para poupar mamãe. Mas você não quer poupar mamãe, não é, seu IMBECIL? Você só quer se dar bem e foda-se o mundo! É isso que você quer.

- Eu não preciso ficar aqui ouvindo isso.

- Ah é? Mas vai ouvir. - meus olhos ardem, injetados de sangue, a fúria escorrendo pela minha boca como veneno extirpado da ferida - Sabe a parte que te coube na antecipação da herança? A *pequena* parte que te coube? - rosno, sarcástico - Pois quem vai contestar ela, *sou eu*. Se prepare para passar os próximos dez anos em uma sala de audiência convencendo juiz após juiz que você não se enquadra em um caso de exclusão de herdeiro, antes de ver um centavo do dinheiro da família. Acabou a brincadeira. Você quer sentar na mesa dos adultos? Então vou te tratar como um. Porque agora, Fernando, pela primeira vez na sua vida, você conseguiu me irritar. E agora, *irmão*, eu vou te foder.

- Já acabou? - sibila entre dentes semicerrados.

- Não. - suspiro, deixando meus ombros se relaxarem - *Está demitido*. - acrescento - Agora eu acabei.

Diogo me espera do lado de fora do carro. Abre a porta para mim, mas ergo o indicador para pedir um instante antes de entrar.

Já tenho o celular contra o ouvido, esperando os toques cessarem, quando ele fecha a porta com um aceno.

- Amor? A reunião acabou cedo. Já estou no caminho.

- Leo, me sinto mal em te pedir para pegar estrada a noite.

- Ainda não escureceu, linda.

- Mas vai escurecer já já. - murmura, entristecida.

- Mia, eu estou no caminho, amor. Já venci mais da metade da estrada - minto - Chego em meia hora. - ergo o polegar para Diogo confirmando o helicóptero e ele acena mais uma vez.

- Tudo bem. Desliga o telefone! Dirige com cuidado.

- Diogo está dirigindo. Ele está indo também.

- Ótimo. - ela ri - Fiz torta de limão, acho que ele vai aprovar.

- Vou dizer pra ele.

Ela fica em silêncio.

Me dói quando fica em silêncio assim porque sei que está lembrando do Gustavo.

- Precisamos sentar e conversar sobre os detalhes do casamento. - tento distraí-la - A data está chegando.

- Leo, não precisa fazer isso. - eu consigo imaginá-la erguendo meu ombro com sua doçura - Sei que estava fazendo só por causa do Guga, mas ele se foi. - vacila - Não precisa mais fazer isso.

- Amélia, eu vou casar com você porque a gente se ama e você não consegue manter as mãos longe do meu corpinho. - brinco e ela ri alto de um jeito genuíno - Mas se você achar que é cedo... podemos mudar a data. Você decide.

- Tem certeza?

- Absoluta. Já sou seu, você sabe. A parte técnica é só um adicional. Não me importa se vai se daqui a uma semana ou um ano. Você decide.

- Não fica chateado comigo? - sussurra.

- Meu amor... nunca.

Ela demora alguns segundos.

- Acho que seria melhor adiar alguns meses. A gente pode fazer isso com calma e...

Sinto que pode chorar.

Meu coração se aperta.

- Vamos esperar alguns meses. A gente adia a data. É melhor. - decido.

Ela murmura algo que soa como uma gratidão que não é necessária. Digo que a amo antes de desligar o telefone. Ela já sabe, mas eu sempre repito ainda assim.

O calor que ocupa meu peito sempre que escuto sua voz, no entanto, rapidamente se vai para dar lugar ao gelo que recebo do olhar conhecido que atravessa as portas principais do empresarial.

Fernando.

Fernando com o olhar preso sobre mim, investigando cada uma de minhas expressões e trejeitos.

O que tínhamos antes era uma briga entre irmãos que saiu do controle por causa do seu ego.

O que tínhamos agora era uma guerra declarada por eu ter atingido meu limite.

Ele não ia poupar esforços e o pensamento fazia minha espinha se arrepiar e congelar.

- Vamos? - Diogo abre a porta ao perceber que encerrei minha ligação.

- Vamos. Mia disse que fez torta de limão. - acrescento ao entrar no carro ainda distraído com Fernando.

É como aquele vento frio que sopra logo antes da tempestade, anunciando que tempos horrendos estão chegando.

- Essa sua mulher ainda vai ser a causa da minha obesidade.

Foi uma piada e eu sinto que deveria responder.

Mas não consigo.

Não consigo dizer nada.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

16.

Mia

Vovó me observa assim que fico de pé.

- Já vai?

- Leo está chegando.

- Hm. - torce o nariz.

- Vovó. Pare. - peço - Não fique assim.

- Eu não disse nada!

- Mas está morrendo de vontade de dizer. - belisco sua bochecha. Há menos vida nos seus olhos. Há menos vida nos meus também.

Ela respira fundo.

- Querida, você é muito nova para se amarrar a um homem assim.

- Vó, a senhora ouviu a ligação? Adiamos o casamento.

Ela se encolhe. Está me tratando com uma delicadeza infinita, mas não sou uma recém-nascida que precisa de cuidado constante.

- Diga. - peço - Seja lá o que quer dizer.

- Nada. - decide - É melhor que tenham adiado.

- Ainda não confia no Leo? Mesmo depois de todo esse tempo?

- Eu gosto dele. Sabe que gosto!

- E eu o amo!

- Sei que ama.

- E ele me ama.

Ela respira fundo.

- Acha que ele está mentindo?

- Acho que você precisa aprender quem você é sem um homem. Nunca soube. Nunca conseguiu descobrir. Gustavo, que Deus o tenha, nunca deixou. Fez isso pra te proteger... porque ele te amava muito e era tudo que sabia fazer. Mas nunca foi uma boa ideia. O Gustavo era o seu filtro do mundo, Mia, desde que você era muito nova. Ele sequer deixava você perceber que tinha um problema, e já tinha arranjado uma solução. E agora ele se foi e...

- E a senhora tem medo que o Leo faça o mesmo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Não é medo, meu amor. - suspira, deixando o corpo cansado cair sobre sua cadeira favorita - É *precaução*. Você precisa descobrir quem você é sem o Leonardo, porque, se algum dia se descobrir *sem ele*, não vai entrar em desespero. Você precisa aprender a viver sozinha. Sei que já te disse isso um milhão de vezes. Mas aí está: é errado uma mulher sempre depender emocionalmente de um homem. Nenhum deles presta, me ouviu? - o carinho que faz em minha bochecha é maternal.

- Diz a mulher que já casou um milhão de vezes. - brinco, com um sorriso sofrido.

- Oh! Porque estou certa! - abre os olhos - Se homens prestassem, eu teria casado apenas uma.

- E como está o jovem senhor Patrick? - mudo de assunto, apertando seus joelhos em uma despedida breve - Volta para nos visitar? Ou você vai vê-lo?

Ela fica em silêncio.

Quer ir ficar com ele.

Tem medo de me deixar sozinha.

Parece ser o receio comum em minha família.

Ninguém acha que eu consigo suportar a solidão.

E agora que Gustavo se foi... acho que vou descobrir se estão certos.

Fernando

É a quarta vez que recebo uma ligação de meu advogado naquela noite. Ele acredita que, se formos cuidadosos, podemos colocar a última proposta de Leonardo de volta na mesa de discussões.

Ele não conhece meu irmão.

A proposta já era.

O Leonardo é um mimado que só quis me dar esmola porque isso o faz se sentir poderoso. E ainda teve a valentia de me chamar de "criança"?

Arranco minha gravata com raiva.

EU sou a criança?

Ele fica brincando de chefe sob a vigília do pai e sou eu quem não sabe ser adulto?

O Leonardo ia afundar a OM3 com sua presidência covarde e pouco agressiva. Nas minhas mãos, a empresa ia triplicar de tamanho antes dos primeiros dois anos. Eu já tinha todo o plano e calendário pronto, a demonstração foi feita e o maricas do meu irmão mais novo recusou tudo, alegando que era um "risco acima do aceitável para o ano fiscal".

Isso é língua de medrosos e quer dizer: eu aceito ficar sem os lucros porque não quero dar a cara a tapa.

Eu precisava pegar minha empresa de volta.

Precisava.

E era uma questão altruísta, na verdade. Já imaginou a quantidade de empregos que eu poderia conseguir criar? A quantidade de dinheiro que eu daria para organizações não-governamentais de todo tipo? O que estava na moda agora? Órfãos ou o meio ambiente? Não importa, isso é fácil de descobrir.

Eu poderia tirar seis meses para ir construir casas na África. Sempre quis uma matéria dessas, já imaginou? *Bilionário presidente da maior indústria alimentícia do planeta abandona cargo por um semestre para ajudar a população carente em Angola.* Ou Serra Leoa, ou Butão ou qualquer coisa dessas. Butão fica na África? Acho que não importa também.

Até porque eu nunca ficaria lá os seis meses completos.

Isso não é hipocrisia, é apenas como as coisas funcionam.

Eu digo que vou fazer algo incrível e isso aparece nos jornais, estimula outras pessoas a fazer também. É minha contribuição para o avanço do mundo.

Mas *"Homem que controla negócios da esposa vai construir casas na África"* não é uma matéria de peso. Jornalista nenhum escreveria isso para mim.

Eu precisava da OM3.

Eu merecia a OM3.

Minha vida inteira mudaria de dimensão.

- Como foi a reunião? - Tatiana me pergunta. Mas ela não quer saber.

- Não precisa ser educada.

- Foi só um pergunta, Fernando. - exausta.

De que cacete ela está exausta?

Já sei exatamente qual a discussão que vamos ter antes mesmo de dizer as palavras: é a mesma que temos todos os dias.

- Essa aliança no seu dedo significa que você tem que ficar do meu lado, sabia?

- Eu estou do seu lado.

- Não, não está! - rosno - Você quer que eu abandone essa briga.

- Não quero que você abandone nada. Mas acho que, pela sua mãe, poderia tentar ser mais razoável com o...

- Você quer que eu abandone o que é meu de direito.

- Fernando... - ela esfrega os olhos. Lembra-me o Leonardo. Todos me tratando como se eu fosse infantil.

- Sabia que não deveria ter vindo pra casa depois da reunião de merda que tive hoje. Você dificilmente é a pessoa que eu busco quando preciso de conforto.

- O que quer dizer com isso? - Tatiana gruda os olhos em mim, assustada.

- Sabe exatamente o que eu quero dizer com isso.

Seus olhos lacrimejam e ela foge para o quarto.

Essa é a realidade dos adultos: um homem como eu tem pretendentes, Tati. Você faz bem em lembrar que, se não me servir, encontrarei quem sirva.

Como por providência do destino, meu celular toca com uma mensagem de Priscila.

"Você viu isso?"

O recado rápido traz uma foto anexada que eu não demoro a exhibir.

Leonardo.

A porra do Leonardo na frente do restaurante do clube aos beijos com Luciana.

"O que tem de mais?" devolvo.

Aqueles dois sempre foram dados a demonstrações públicas de afeto, e uma foto qualquer postada em um tabloide de terceira dificilmente seria notícia para chamar minha atenção.

"Você precisa acompanhar as fofocas mais de perto, querido"

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ela me passa o link de outra notícia do mesmo veículo pouco confiável. A matéria, postada há alguns dias, traz Leonardo e Luciana do lado de fora da Tiffany. Há ares de intimidade entre eles e um pacote azul na mão do meu irmão.

"O que será que ele comprou?" Priscila provoca em sua mensagem.

Provocação irrelevante, já que o artigo desenvolve uma longa teoria envolvendo a compra de alianças.

"Acha que Leonardo vai casar com Luciana? Por que isso seria um problema?"

"O casamento? Problema nenhum. Mas por que ele está escondendo isso dos seus pais?"

Mordo meu lábio.

Eu realmente não deveria ter vindo para casa depois da minha reunião de merda.

Deveria ter ido para a cama da Priscila.

Essa é uma mulher que estava sempre ao meu lado.

Um casamento secreto, Leo?

Isso pode ser interessante.

Leo

Paixão é coisa certa pra deixar o cara com preguiça.

O filme acabou há uns quarenta minutos, mas eu sequer me mexi. A tela escureceu e eu ainda estou parado no mesmo lugar: respirando os cabelos de Mia, raspando meu toque em carícias lentas por seus braços, espalhando beijos curtos por seu pescoço. Minhas pálpebras pesam, sonolentas, enquanto embrulho e embalo a mulher em meus braços.

Não estou com sono a ponto de dormir.

Tampouco tenho forças para fazer qualquer coisa além disso.

Sobe a mão para o meu pescoço e mexe em minha gola. Beijo seus dedos seguindo em um cafuné demorado.

- Uns seis meses? Eu acho? - ela pergunta.

- Seis meses. - concordo - Quando você quiser.

Esfrega o rosto em meu peito, coçando a bochecha.

- Tem certeza que vai querer morar aqui? - pergunta, precavida.

- Claro que tenho, linda. Ainda vou precisar viajar, às vezes. Preciso ir para São Paulo quase toda semana... Mas ficamos aqui.

- Sinto muito. - suspira - Talvez daqui a um tempo a gente possa se mudar pra lá. Sei que é mais fácil pra você, mas... mas agora eu preciso ficar aqui mais um pouco.

- Mia... não precisa explicar nada. - prometo - De verdade. A gente mora aqui. Eu vou e volto quando precisar.

Seu sorriso é torto e pela metade, mas pelo menos é presente.

Sinto falta de suas covinhas. Estalo um beijo superficial em seus lábios antes de enfiar o nariz em seus cabelos. Acho que vou dormir ali.

Estou bem perto.

São as três batidas rítmicas na porta que me despertam.

Rolar para longe de Mia exige todas as minhas forças. Ela reflete minha preguiça perfeitamente bem e exige apenas um beijo antes de me deixar ir.

Abro a porta para encontrar Diogo do outro lado, me esperando.

- Diogo! - Mia sorri - Achei que ia seguir viagem.

- Só amanhã, Mia. Boa noite.

- Entra! Toma café com a gente.

- Não precisa, vou comer no motel.

- Diogo, não acredito que vai ficar em um motel! Já te disse um milhão de vezes que pode ficar aqui. Estou começando a achar que é pessoal! - ela o belisca no braço e o puxa para dentro de casa.

Estou em silêncio porque a presença de Diogo é sinal de problemas.

- Vou colocar mais torta pra você. E um café. - decide, fechando a porta e seguindo para a cozinha.

- Obrigado, Mia. - inclina-se, mas ela já desapareceu pela porta - Você tem que vir comigo. - sussurra, nervoso.

- O que aconteceu?

- O Fernando... Eu queria poder explicar devagar, mas... - demora-se.

- Diogo, pode dizer de uma vez.

- Achei que ele estava te seguindo há um tempo... Lembra? Decidi ficar de olho aberto pra essa possibilidade. O lado bom de ser o chefe de segurança da OM3 é que tenho bons recursos, obrigado, por sinal.

- Diogo. - peço.

- Fiquei de olho nisso... para ter certeza que ele não estava te seguindo. Como eu imaginei, Fernando estava dando um tiro no escuro. Contratou alguém para filtrar você e tentar pescar algo. Não encontrou por um bom tempo. Chegou perto, uma vez ou outra, mas me certifiquei de levá-lo para a direção oposta.

- Bom trabalho. Obrigado. - disse, objetivo - Mas o que houve agora?

- O investigador que ele contratou esteve na Tiffany & Co. perguntando sobre as alianças que você comprou.

Meu coração congelou no peito.

- O quê?

- A loja foi muito discreta e não confirmou, nem negou, sua aquisição. Mas dessa vez não me pareceu mais um tiro no escuro, Oscher. O cara sabia *exatamente* o que perguntar. E *onde* perguntar.

- Como ele teve essa informação?

- Parece que aquele seu perfil romântico te colocou em evidência para os tabloides.

- Perfil romântico?

- É. Aquele que uma jornalista fez há um tempo.

- Não era um perfil romântico. Era só um artigo profissional.

Diogo riu baixo.

- Cara, você *precisa* ler a matéria. Ela basicamente te colocou em uma lista de solteiros mais cobiçados do planeta. De lá pra cá, a mídia comum tem te dado mais atenção. Fotos suas circulando em redes sociais... até a Heloísa conseguiu mais seguidores: uma multidão de mulheres brincando que quer ser cunhada dela.

- Isso é sério? - olho na direção que Mia desapareceu.

- Relaxa, a Mia não tem redes sociais. Mas você está nos holofotes. Parece que alguém tirou uma foto sua do lado de fora da loja com a sacola na mão. O resto deve ser blefe do Fernando.

- Então, ele não tem certeza?

- Não. Mas está suspeitando. E acabei de receber uma ligação do segurança particular do seu pai. Sua família está vindo para *sua fazenda* amanhã. Querem passar o fim de semana com você. Acho que Fernando está

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

suspeitando de suas escapadas para o interior e sugeriu a ideia. O que faz bastante sentido.

- Ai, merda! Merda, Diogo! O que eu faço?

- Leite? - Mia aparece na porta da cozinha e forço um sorriso de disfarce.

- Sim, por favor. - Diogo acrescenta. Sei que ele bebe café preto... está ganhando tempo enquanto a mantém ocupada - Você precisa convidar a Luciana. - murmura, objetivo.

- Por que a Luciana?

- Porque se o Fernando está perguntando sobre alianças, suspeita que você está envolvido com alguém. Acho que os melhores álibis, para você, seriam Sara ou Luciana. E algo me diz que Luciana pode cooperar melhor.

Bem melhor.

Sara iria entender o convite para o fim de semana como intimidade.

Luciana iria entender o convite como um convite.

Respiro fundo.

Vou precisar me despedir de Mia.

Detesto me despedir de Mia.

- E tem mais uma coisa. - Diogo completa.

- O quê?

- Você precisa comprar uma joia pra ela. Uma joia cara que caiba em uma sacola pequena.

17.

Luciana não está cooperando, nem de longe, tão bem quanto suspeitei. Faz meia hora que comecei a entreter pensamentos masoquistas de que - talvez - teria sido melhor convidar Sara de uma vez.

Pelo menos com Sara eu não me sentiria traído.

Quero dizer, Luciana deveria ser minha parceira no crime. Ela deveria ter entendido a deixa e ficado na dela.

Mas o bracelete de diamantes que lhe dei de presente parece ter aberto portas que eu preferia ter mantido fechadas. Agora, ela passou o fim de semana inteiro tomando-me pelo braço como se o bracelete que tivesse ganhado, na verdade, fosse eu.

É estranho. Luciana nunca *gostou* de mim.

Não daquele jeito apaixonado, emoções, *amorzinho*.

A gente fodia como dois animais enlouquecidos sempre que nos encontrávamos na solteirice ou tédio... mas era só isso. Sempre soube que era mais fácil eu entregar meu coração a ela do que receber o seu.

Então, por que diabos ela agia como se algo houvesse mudado?

Maldito bracelete.

Diogo me convenceu que seria necessário para enterrar as perguntas sobre qual teria sido a compra na Tiffany e eu esperei que Luciana levasse na esportiva.

Mas, depois de um dia em minha fazenda, estou temendo que minha amiga comece a fazer planos para o casamento.

Calma, Leo. Algo está estranho, mas ainda é a Lu.

É só a Lu.

Ela não vai confundir as coisas.

O pior são os olhares de meu pai, sorrindo para mim como quem quer dizer "sabia que eu ia ganhar a aposta".

Ou os olhares de minha mãe, procurando-me em julgamento como quem grita "não é a moça que eu preferia pra você... mas vou aceitar".

- Olha isso. - ela belisca minha coxa, exibindo a tela do celular.

A foto em seu Instagram já alcançou milhares de *curtidas*. É uma foto sua segurando o presente que lhe dei na noite anterior - o malfadado

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

bracelete - com uma legenda que lê "curtindo fds com o @ e ainda ganhei presente".

Não entendo o símbolo de "arroba" naquele contexto.

- Ah, Leo. Significa um amigo. - Luciana explica - Um bom amigo.

Mesmo que eu morasse em outra galáxia, ainda conseguiria ver Heloísa revirando os olhos. Mas, como eu estava apenas do outro lado da mesa, o revirar de olhos de minha irmã foi a coisa mais evidente que vi essa semana.

Mamãe puxou um assunto que me interessa em nada, e chamou Luciana para acompanhá-la e lhe mostrar... *alguma coisa* do assunto que parei de ouvir.

- O que significa o "arroba"? - pergunto a Heloísa, quando ficamos só nós dois ainda na mesa.

Ela dá de ombros e coloca o guardanapo ao lado do prato antes de levantar.

- Helô? - peço.

- Leo, de que adianta? Você sabe como é super protetor com a Luciana.

- O quê?

- É sempre a mesma coisa: a Luciana faz algo que não devia, eu aponto, você diz que eu entendi errado e blá blá blá.

- Você não gosta dela, Helô. E é minha amiga. Não é questão de ser superprotetor. É só que, às vezes, você exagera.

- "Arroba" é a Luciana querendo dizer pro mundo que vocês estão namorando. Ela sugere que estão apaixonados sempre que pode.

- "Sugere"? - eu duvido TANTO disso que chega a ser cômico. Não consigo impedir um sorriso curto.

- Tá vendo? - Helô aponta - Não adianta. Você não enxerga as coisas ruins que ela faz. *Principalmente quando sou eu que tento contar.* Sempre sobra pra mim.

- Maninha, não é isso. - levanto para bagunçar seus cabelos e impedi-la de ficar com raiva de mim. Funcionava quando ela tinha oito anos, mas acho que já faz bastante tempo que não funciona mais - É só porque você tem um jeito distorcido de perceber as coisas quando a Lu está envolvida. Lembra do Ricardo?

- Aquilo foi completamente diferente!

- Ela estava contratando um serviço de contabilidade e você achou que ela ia abrir uma empresa para concorrer com a sua. - sorrio.

- Ai Leo, não adianta. Não sei porque eu tento me meter entre você e Luciana. Você nunca acredita em mim. Então, vai. "Arroba" é só um "amigo". Ela não fez nada demais. Se casem e se engulam.

- Não precisa ser desagradável. - peço. Mas ela já se foi.

O domingo está acabando e eu queria muito que toda essa gente fosse embora pra que eu pudesse voltar pra casa.

Pra Mia.

Mas o sábado mal começou e papai já está fazendo planos para um churrasco no domingo. A segunda feira vai demorar a chegar como o inferno.

Pelo menos o Fernando já foi embora.

Logo cedo, de manhã... assim que percebeu que *estava errado* em suas suspeitas de que eu estaria escondendo algo. Era só um presente pra Luciana. Era só meu *eterno caso* com ela. Nada demais. Vida que segue.

Voltou para São Paulo e me deixou cheio de parentes.

Lidando com as expectativas de nossos pais e criando algumas em Luciana.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Conheço minha amiga: sua estranheza significa que está planejando algo. Ela sempre ficava assim, na faculdade, quando queria me usar para alguma coisa. Agora, não era diferente. Eu só não sabia ainda o quê ela queria, mas é questão de tempo.

Matheus ligou o Playstation na sala e eu sento no sofá ao seu lado, aceitando o segundo controle.

Sequer sabia que ele estava no país.

Tenho fingido que estou ocupado, mas a verdade é que desde nosso encontro no restaurante japonês, eu não consigo encarar Matheus com a mesma paz de espírito.

Não consegui contar a verdade.

Tem que ele revelasse para alguém. Meu irmão não é exatamente um cofre diante de mamãe e mesmo que eu confiasse em Theu com minha vida, não sei se estava disposto em confiá-lo com a vida de Mia.

"Não deu certo" foi tudo que lhe disse *"perdi o interesse"*.

Ele não precisou de provas mais profundas.

Esse era o tipo de coisa fácil de acreditar.

E seis meses depois, ele estava de volta ao Brasil e eu percebia que não sabia mais conversar com meu melhor amigo.

Assim que o mestrado de Mia acabar...

No instante que acabar, vou resolver isso tudo.

Mas primeiro, preciso cumprir a promessa que fiz.

- Pega algo que cure. - peço, olhando a escolha de herói do meu irmão, no jogo.

- Pega você. - reclama, jogando uma bolacha na boca.

- Eu jogo melhor do que você. - arrisco.

- Isso é o que vamos ver. - pisca um olho teimoso.

Jogamos até escurecer. No fim, estamos quase conversando como nos velhos tempos. Sobre superficialidades, apenas, mas ao menos é uma conversa.

- Vai casar com a Lu? - arrisca, com um sorriso sapeca, quando nos chamam para jantar.

- O quê? Não! É minha amiga.

- Achei que vocês iam oficializar isso... para a mamãe te deixar em paz com a coisa da Sara.

- Não. - limpo a garganta - Foi só um presente de aniversário atrasado.

- Um presente muito bom pra "só uma amiga".

- Vai pegar no meu pé por causa disso?

- Não. Eu não. Mas mamãe e papai não vão falar de outra coisa por meses. Você sabe, não é?

- Não é a primeira vez que dou joias a uma mulher.

- É a primeira vez que dá joias para uma mulher na sua casa, na frente da família inteira, e sai tirando fotos com ela e o presente para que compartilhe publicamente onde quiser.

- Matheus, cala a boca e começa a partida. - aponto pra tv.

Ele ri, mas não consegue dar play porque fomos convocados para a mesa de jantar.

Mia.

Mia jantando sozinha.

Eu devia estar com ela.

Amo minha família, mas nunca quis tanto que desaparecessem.

Mamãe está especialmente feliz. Talvez seja porque imagina que vou realmente casar com Luciana e lhe dar os netos que sempre quis. Ou talvez

seja só porque estivemos todos juntos - eu, Fernando e papai - por um dia inteiro, sem gritar uns com os outros.

Quem sabe?

Mas está feliz. Aperta minhas bochechas quando se senta à mesa, ao meu lado.

- O Fernando parece mais calmo! - mamãe faz sua afirmação que soa como uma pergunta - Como fecharam o acordo?

Papai olha pra mim em pânico.

- Ainda não fechamos. - murmuro - Nada decidido.

Ela acena.

- Ele deve estar amadurecendo. Foi ideia dele virmos até aqui. Passarmos o fim de semana em família.

- Sim. E onde ele está? - alfineto.

- Deve estar envergonhado, Leo. - mamãe o protege - Você sabe como o Fernando é! Late bem alto, mas a mordida é fraca. *Pobrezinho de meu filho.*

Ignoro porque não há o que fazer.

Saímos, os quatro, de seu útero e ela vai proteger a todos até o dia que morrer.

- Verdade seja dita - papai concorda - Isso tudo tem feito com que ele trabalhe mais. Está esforçado como nunca. Viu os planos de substituição da fábrica que ele organizou, Leo?

- Nada de negócios no jantar de família! - mamãe ordena.

Eu preciso agradecê-la mentalmente porque o "plano do Fernando", na verdade foi um "plano da Amanda" que ele roubou na cara de pau e apresentou ao pai como se fosse seu.

Além do mais, era uma boa estratégia, mas não era nada genial que exigisse um esforço extra. Terceirizar uma de nossas fábricas para a China era o tipo de coisa básica que fazíamos o tempo inteiro. Sempre era delicado por causa das demissões, mas o lucro era certo e a premissa era boa.

Mas, genial ou não, não era um plano do Fernando.

Não que isso importasse porque, pelos dois anos que levaríamos fazendo a transição, ele ia gritar para quem quisesse ouvir que os lucros eram louros de sua vitória. Seu mérito. Seu prêmio. Mesmo que fosse tudo feito pela Amanda.

Imbecil de merda.

O pior é que papai sabia disso, só estava tentando ser gentil em benefício de mamãe, enquanto me implora com palavras mudas para que não demita Fernando de verdade.

Bem, já o despi de seu posto, privilégios, título e salário. Se ele queria continuar a aparecer na empresa e trabalhar de graça pelo *status*, o problema era dele.

Enfio o garfo na boca.

Esse jantar seria muito mais suportável se Mia estivesse aqui. Apertando minha mão com seu pedido silencioso de calma. Beijaria minha têmpora ao se levantar e me conduziria ao nosso quarto assim que terminássemos.

A perspectiva de Mia deixava o resto mais fácil de sobreviver.

O problema de hoje é que essa perspectiva me foi roubada.

Se minha família ficasse até domingo, eu mal poderia vê-la. Se decidissem voltar comigo na segunda, seria mais uma semana de distância.

Fecho os olhos e tento lembrar da perspectiva a longo prazo, já que a imediata se tornou minha inimiga.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Seis meses.

Será minha esposa. Seis meses.

Assim como suspeitei, ficaram todos até segunda.

Voltamos juntos para São Paulo e, por Deus, Matheus estava certo: papai e mamãe não me deixariam esquecer a joia que dei a Luciana tão cedo. Agendaram um jantar. Dois. Precisei adiar. Não quero ter que fazer isso. Fernando está se desentendendo com Amanda. Está levando o crédito pelo trabalho dela e descobrindo que minha Vice-Presidente é bem menos compreensiva do que eu no assunto "ego do Fernando".

Mia.

Vou casar com Mia.

Será minha esposa. Cinco meses.

Heloísa se meteu em um negócio ridículo. Minha irmã segue um ciclo bem *engraçado*: primeiro ela encontra um palhaço que a promete investimento seguro em um negócio *genial*. Depois, ela pega dinheiro que não tem para enfiar nas mãos do palhaço. Aí, quando descobre que foi uma péssima ideia, corre para que eu resolva tudo. Não tenho mais paciência. Preciso lembrar de conseguir alguém para cuidar desses assuntos de Heloísa por mim.

Acho que Fernando e Amanda vão se matar. Estou torcendo por ela.

Luciana quis companhia para a festa de aniversário de uma amiga. Mamãe passou o dia me ligando, acho que elas saíram para fazer compras juntas. Estão arquitetando alguma coisa.

Mia.

Foco em Mia.

Será minha esposa. Quatro meses.

Matheus voltou pra Inglaterra. Preciso sentar e conversar com meu irmão qualquer dia. Não é porque eu estou enfiado na merda e não posso compartilhar minhas aflições que não posso conseguir um tempo para ouvir as dele. Tenho certeza que alguma coisa aconteceu. Meu irmãozinho sempre foi o mais estável da família, no entanto, seu humor tem oscilado como se estivesse sujeito a influência da Lua.

Amanda chamou a segurança. Colocou Fernando pra fora do prédio e acho que agora ele vai precisar lidar com o fato de que foi demitido. Ele liga pra mim a cada três horas exigindo ser tratado com respeito. Mas Amanda é mais importante pra OM3 do que ele. *Perdeu, maninho, sinto muito.* Vai infernizar minha vida, mas não há muito que eu possa fazer.

Fui pra festa da amiga de Luciana, ela usou o bracelete de diamantes. Foi um tema das conversas.

Mia.

Não falta muito.

Três meses.

O palhaço da vez roubou a Heloísa. Como eu já sabia que ia ser.

Mamãe e Luciana estão ainda mais íntimas. Arquitetando algo, como eu já sabia que ia ser.

Matheus continua com seu humor oscilante e sugeriu que está chateado com algo, embora não queira desabafar, como eu já sabia que ia ser.

Fernando está causando o Inferno na Terra por não ter mais o status que tanto ama, como eu já sabia que ia ser.

Mia.

Minha Mia.

Dois meses.

Papai decidiu cadastrar a OM3 em uma conferência que vai acontecer três dias depois do meu casamento. Não tenho como arranjar qualquer

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

desculpa viável para escapar da viagem, mas também não tenho como negar isso a Mia.

Preocupo-me com ela.

No começo, não tanto. O luto ia precisar seguir seu curso. Mas agora, meses depois, Amélia não demonstrava muitos sinais de superação enquanto - *pior* - fingia ter superado. Precisei vê-la com mais frequência esse mês.

Tati quase sofreu um sequestro. Ou um assalto. É incerto e acho que nunca vamos saber. Diogo estava com ela e impediu o pior. Pedi que ele a acompanhasse por um mês, enquanto ela se adapta a um novo segurança.

Estou contando isso porque, sem Diogo, eu perco meu álibi para os meus desaparecimentos repentinos justo no mês que mais preciso dele.

Um mês.

Só mais um mês.

Quatro semanas.

Heloísa mudou de estratégia e agora quer que eu invista nos palhaços.

Amo minha irmã. Já disse isso?

Matheus estava certo como o caralho quando disse que papai e mamãe não iam esquecer a porra do bracelete. Porque eu já esqueci. Acho que até Luciana já esqueceu. Mas papai e mamãe ainda mencionam o maldito presente sempre que começam suas longas conversas "discretas" sobre "o futuro dos relacionamentos do Leo".

Fernando desapareceu da minha vida.

Não sei se fico aliviado ou nervoso.

Mas nada disso importa.

Porque é amanhã.

Amanhã, Mia.

Amanhã.

Mia

O vestido branco está sobre minha cama.

Acabei de experimentá-lo uma última vez.

Giro a aliança em minha mão direita: Amanhã a noite serei uma mulher casada. Acho que deveria estar mais feliz.

Se eu apenas conseguisse afastar essa sensação de que há algo errado.

Você devia estar aqui.

Mesmo birrento, resmungão e torcendo o nariz.

Você me criou. Foi meu pai, minha mãe e meu protetor.

Não vai ser a mesma coisa sem você.

Amarro o cabelo em um coque para tirá-lo do caminho dos meus olhos e desço as escadas. Ouço vozes e percebo que Estela abriu a porta para

alguém.

- ... tenho certeza que sim, mas não acho que ela... Mia!

Isadora.

Desço os últimos degraus e chego a porta.

A mobília da minha sala está bagunçada. Tudo fora do lugar para dar espaço a baldes, pano de chão e produtos de limpeza.

- Só você para fazer faxina no dia antes do casamento. - ela sorri, tímida, dando alguns passos para dentro.

Parece que ela e Estela se aproximaram nos últimos meses. Algo envolvendo um pedido de desculpas emocionado da parte de Isadora que eu nunca fiz questão de escutar. Minha amiga, no entanto, foi um ser humano superior.

Nada disso é culpa dela, Mia.

Ela também o amava... ao seu jeito.

Eu, por minha vez, me descobria cada vez mais impaciente.

Eu já tinha passado por todas as fases do luto. Fui da *negação*, ao receber a notícia de sua doença, direto para a *raiva*, quando os paramédicos deram a volta na ambulância para correr de volta ao hospital.

Acho que atingi a *barganha* no dia do funeral. E, depois de alguns meses de *depressão*, finalmente aceitei.

Meu irmão morreu.

Eu precisava dizer as palavras, às vezes, para conseguir processar a realidade. Como pequenas doses de veneno tomadas a cada dia para formar tolerância.

Estela achava que eu estava me enganando. Para ela, eu ainda não tinha superado aquela tristeza lânguida e perene que se abraça ao nosso corpo quando a dor é forte demais para manter fechada dentro do peito. Mas eu sabia que tinha superado.

Estava me casando.

Estava começando minha vida com o homem que amo.

Feliz, feliz. Seguindo.

Não posso parar de nadar, se não eu morro.

- Vim te trazer um presente. - Isadora arrisca diante de minha mudez - Não quero me convidar para o seu casamento nem nada assim. - acrescenta, veloz. Depois de tudo que disse sobre o Leo, era bom mesmo que não esperasse um convite - Só um presente de casamento.

Sua voz é baixa e seu jeito é humilde.

Não parece a Isadora exagerada e barulhenta de sempre.

- Obrigada. - aceito a pequena caixa de suas mãos, sem emoção.

Mas, assim que abro a caixa, sou atingida com força no coração.

Conheço aquele colar. A corrente dourada ínfima e a pequena pérola presa em um pingente de ouro.

- Era da sua mãe. - ela diz - O Guga me deu porque achava que íamos casar e... - ela olha para Estela incerta - A gente nunca teria dado certo. - sorri - Mas tivemos nosso momento de ilusão. - brinca. Eu conheço aquele colar. Mamãe o deixou para o Guga. Disse que desse para alguém que tivesse um espacinho no seu coração. Ergo-o no dedo - É da sua família, não me pareceu certo ficar com ele.

Aperto a joia no punho e sinto vontade de chorar.

As pessoas vão e ficam as coisas. Você daria todas as coisas se pudesse ter de volta as pessoas. Mas esse é o tipo de escambo que a natureza não permite. E permanecem as coisas como lembranças maldosas do que você perdeu... até você aceitar a perda e apreciar as coisas como lembranças belas do carinho que sentiu.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Talvez Estela esteja certa. Talvez eu ainda não tenha superado.

- Obrigada. - repito, recatada e, dessa vez, sei que é genuíno.

Isadora assente, modesta e vira-se para partir.

Mas volta.

Olha-me com imensos olhos tristes.

- Eu o amava, sabe? - estreita os lábios - Não como você. Não como a Estela. - admite - Mas eu o amava também. Eu o amava o meu pouquinho. Ele vai fazer muita falta.

Estou abraçando Isadora.

Não lembro de ter decidido fazer isso, mas aí está: tomei ela nos braços e a apertei como faria a uma irmã. Como faria ao Gustavo.

- Tudo de bom pra você, amanhã, Mia. E pelo resto da vida. - murmura.

- Obrigada. - é só o que consigo dizer - Obrigada.

18.

Leo

Desde a morte do Gustavo é como se minha vida tivesse encontrado um novo ângulo pra funcionar. "De cabeça pra baixo" é uma expressão que parece apropriada porque, há um bom tempo, nada ao meu redor parece existir do mesmo jeito.

Curioso como, em momentos de tormenta, certas trivialidades se afastam de nossas mentes e corações. No entanto, com a iminência do casamento - e da noite de núpcias que certamente o segue - preciso contemplar algo que quase restou esquecido em minha alma: Faz muito tempo que não como uma mulher do jeito certo.

Quase dois anos sem uma refeição decente.

Não me entenda mal: chupar Mia e sentir seu toque curioso em meu comprimento é o tipo de coisa cuja mera lembrança me faz fechar os olhos em antecipação do orgasmo.

Mas é diferente.

Ter uma mulher na boca e nas mãos não é igual a tê-la bem peladinha rebolando sobre sua ereção. A saudade que eu sinto de uma bocetinha quente é emoção que não dá para descrever, mesmo que eu a sinta o tempo todo.

Dois anos sem se enterrar em uma mulher é coisa que nenhum homem heterossexual e sexualmente ativo devia ter que suportar.

Juro por Deus, tem noite que eu tenho tremores. Sonhos eróticos vívidos de uma Amélia que - em minha imaginação noturna - age cada vez mais como uma atriz pornô experiente. Ela me chupa, entalada com meu pau encorpado até o talo enquanto geme pedindo mais.

Eu tiro suas roupas com pressa, porque vagarosidade é coisa de homem que está esperando há dois dias e não dois anos. Eu a encaro nua, girando-a pela mão para poder dedicar a mesma quantidade de atenção aos pelinhos que cobrem sua púbis e a curva de sua bunda gostosa. Estou duro

quando ela se deita sobre a cama e abre as pernas como uma pornógrafa safada que além de *saber* o que a aguarda, *antecipa*.

Calores noturnos.

Acordo submerso em suor frio e leite quente.

Esporrando nos lençóis como um adolescente impúbere.

Ando tão excitado nesse caralho que passei até mesmo a entreter ereções espontâneas.

Ereções espontâneas!

Preciso esfregar os olhos em descrença sempre que o pensamento me ocorre. Sempre que sinto minha virilha acordar no meio de uma reunião ou caminhando pelos corredores do escritório.

Meu pau se levanta pra nada.

Parece que o coitado enlouqueceu na abstinência, despertando em horários aleatórios como se para ter certeza que, se o sexo vier, não vai perdê-lo.

Aí eu comecei a praticar meditação.

Passei a fazer umas aulas de yoga na academia.

Claro que nada disso tem adiantado, mas eu preciso resistir.

Ou melhor, *precisei*.

Porque, esta noite, serei um homem casado.

Vai ter uma Mia na minha cama, usando uma aliança e roupa nenhuma.

O pensamento me leva a um centímetro da sanidade e, embora despir minha noiva e comê-la por horas seja uma ideia maravilhosa para a noite, agora estou entrando na minha sala e é melhor manter qualquer assunto relacionado a nudez longe da pauta do dia.

É nisso que estou pensando (em não pensar em nudez) quando giro a maçaneta da minha porta e percebo que os adesivos dos carros mentem: Deus não é fiel.

Priscila está no meio da minha sala. Nua como veio ao mundo: dos seios falsos e pesados, a boceta rosa e depilada. O casaco preto - única coisa que decidiu manter - está aberto mais que o bastante para deixar seu corpo em evidente nudez. Brinca, provocativamente, com a faixa de pano que faz as vezes de cinto.

Meu queixo caiu porque foi impossível evitar.

Não estou delirando.

Sei que não estou, porque meus delírios de libido sempre envolvem Amélia.

Deus não é fiel, percebe? Se fosse, colocaria mulheres seminuas na minha sala quando eu era solteiro. E não agora que estou apaixonado e a poucas horas de ser um homem casado.

Engulo em seco, buscando o celular para pedir socorro ao Diogo.

- O que diabos está fazendo aqui? Feche isso. - indico o casaco, desviando os olhos para o chão.

Mas Priscila não parece interessada em qualquer ordem que venha acompanhada de pudor.

- A Jaqueline vai se casar.

- O quê?

- Era ela que você estava comendo, não era? É por isso que não te vejo há uma eternidade? Imaginei que tivesse se cansado do brinquedo velho e quisesse um novo.

- Priscila. Cubra-se. - ordeno.

- Faz uns meses que não consigo parar de pensar em você. - joga o casaco ao chão em uma desobediência que faz meu sangue ferver - Aquele perfil te chamando de *Malabarista*... Seu irmão entregou todos os seus

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

podres, não foi?

Dou dois passos para trás e coloco o telefone no ouvido. Priscila está muito nua, muito perto. Estou começando a ver manchas negras.

- E aí vi todas aquelas mulheres enlouquecendo na internet por sua causa. - espremeu os lábios em um bico falso e se pôs a brincar com minha gravata.

- Me solte. - afasto suas mãos.

- Virou um desafio, sabe? O cara perfeito e inacessível... agora nós todas estamos competindo por você. - riu. Estava tentando transformar aquilo em uma brincadeira enquanto gemia cada sílaba de seu discurso.

- Que todas? Diogo! - rosno no celular - Pode vir aqui, por favor? É urgente.

- Todas as mulheres solteiras. - ri, estica-se para trancar minha porta, mas eu a impeço. Nesse instante, ela percebe que estou falando sério - O que há com você, Leo?

- Tem uma mulher nua na minha sala. - explico, categórico.

- E desde quando isso é problema?

Ela tem a mão na minha coxa e a seguro antes que atinja minha virilha. Estou ereto e ela sabe disso. Olha, por Deus, eu queria ser capaz de segurar a excitação nessas horas... queria ser o tipo de cara que não ficaria ereto por outra mulher nem que ela comesse a me lambar, porque é assim que me sinto: não quero Priscila. Não quero mulher nenhuma fora Mia.

Mas, valei-me minha Nossa Senhora, faz quase dois anos.

Impedir uma ereção aqui é como tentar impedir um reflexo.

Diogo não deveria estar longe porque três batidas na minha porta anunciam sua presença.

- Vai mandá-lo entrar? - Priscila está em choque, enfiando-se desesperada no casaco.

- Entra, Diogo. - imploro.

Ele escancara a porta e a sorte - essa musa que ultimamente me tem feito poucas visitas - é que o corredor está vazio e minha secretária, ocupada. Ou os últimos relances da nudez de Priscila estariam evidentes.

- Boa tarde, Priscila. - aceno, indicando a porta.

Ela vai embora, ultrajada. Não me importo, desde que vá embora.

Ainda estou tentando controlar a respiração.

Diogo está de pé ao meu lado. Assiste Priscila se afastar, fechando a porta. Ele tem as mãos nos bolsos em uma postura descontraída de quem não se decide se é o segurança que não gosta de mim ou o amigo que prefere se divertir às minhas custas.

- Despedida de solteiro? - sussurra, segurando a gargalhada.

- Preciso de uma trava eficiente para a porta do meu escritório. - aviso - Pode resolver isso? Uma tranca com senha ou digitais ou sei lá.

- Para manter as strippers longe? - ri.

- Não era uma stripper.

- E é normal usar um casaco daqueles no verão?

- Você é estilista, por acaso? Olha! - esfrego os olhos - Só consegue uma tranca para a minha porta?

- Sim, senhor. - acena, rindo.

- Senhor Oscher? - minha secretária sorri, entreabrindo a porta - Já estão todos esperando.

- Cinco minutos. - peço, inclinando-me para que ela não perceba minha ereção.

- Quer um copo de água? Um banho frio? - Diogo está se controlando para não gargalhar quando minha secretária nos dá licença - Faz quanto

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

tempo que você não *fica* com uma mulher, Oscher?

- Você sabe exatamente há quanto tempo. - rosno, torcendo o nariz para sua gracinha.

- Sei. - abre o sorriso - Mas me divirto sempre que lembro. Está pagando seus pecados, sabe disso? Deus abençoe a Amélia. Um anjo do Senhor, cumprindo Sua Missão.

- Já acabou com as blasfêmias? - mexo nas calças tentando esconder a ereção, mas não vai acontecer. E, por algum motivo, estou sentindo um cheiro insuportável de boceta. Aqui, eu sei que estou delirando, porque é um cheiro muito específico: é o cheiro de Mia. O que sinto quanto enterro o nariz nela para lhe dar prazer com minha língua.

Será que ela vai ficar peladinha pra mim hoje? Só hoje. O corpo todo. Na luz. Para eu poder admirar com folga.

Minha cabeça explode e meu saco pesa.

Tenho uma reunião em quatro minutos.

- Diogo, preciso que me dê um murro. Acho que...

Mas Diogo não precisa de explicação. Fechou o punho com força contra meu estômago e eu estou lutando por ar.

Começo a tossir com força, inclinado sobre meu próprio abdômen. A dor atravessa meu corpo e faz minguar a ereção.

- Obrigado. - rosno, sarcástico.

- Disponha. Quer outro?

- Não. Estou bem.

- Estou aqui, se precisar.

Meu telefone toca em minha mão.

Fecho os olhos, sofrendo, assim que vejo o nome de mamãe piscar na tela. Ainda estou me recuperando do murro de Diogo... e vou receber outro de mamãe.

- O que houve?

- Mamãe. - atendo - Oi, mãe. Não, não precisa organizar um jantar. - respondo, antes que ela pergunte - Não estou namorando Luciana. Não estou escondendo isso de você. Tenho certeza que seríamos ótimos juntos, mas não há nada entre nós. - recito, entediado - Se houvesse, te contaria. E... - qual era a última coisa que ela sempre perguntava também?

- Leonardo, aquele presente não é o tipo de coisa que um homem...

Ah, é mesmo!

- E a joia foi só um presente de amigos! - repito depressa.

- ... dá para uma mulher que não ama.

- Não amo Luciana, mamãe.

- Vocês dois estão sempre juntos.

- Somos amigos.

- Eu vi a intimidade entre vocês naquele fim de semana!

- Somos *bons* amigos.

- Leonardo. - ela respira fundo - Está preocupado que eu vá ficar chateada? Meu bem, eu quero que você seja feliz. Sabe que eu sempre gostei da Sara e preferia que ficasse com ela. Mas se não a ama, é claro que eu entendo. Quero que fique com alguém que te faça feliz. Não precisa esconder isso de mim! Se for a Luciana, eu...

- Não é a Luciana.

É "Amélia" o nome dela. Tem vinte e quatro anos e nunca viu nada além da pequena cidade onde nasceu, o que é uma pena, porque aquele par de olhos verdes, com toda sua curiosidade e beleza, deveriam ver o mundo inteiro. Lê como uma bibliotecária, cozinha como uma confeitadeira e se dedica às pessoas que ama como se não houvesse outro jeito de existir. É a

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mulher mais inteligente, gentil e linda que Deus já se deu o trabalho de fazer e, mesmo que já esteja com ela há quase dois anos, não importa quanto tempo passe: sempre que ela ergue o ombro tímido ou exhibe as covinhas do seu sorriso, minhas pernas viram manteiga. Eu a amo de um jeito que poderia me levar às lágrimas ou às gargalhadas, em uma intensidade que nunca imaginei que fosse possível.

E nunca lhe dei uma joia como dei a Luciana.

Então é isso, mamãe... sinto muito, mas está errada.

- Devia pedi-la em casamento, Leo. Estão juntos há seis meses.

- Não estamos juntos há seis meses. Não estamos juntos. Já te disse isso.

Minha mãe adora famílias grandes. É por isso que teve quatro filhos e é por isso que vive implorando por netos. Eu entendo. Simpatizo. Mas está começando a ultrapassar limites.

- Mãe, eu preciso ir. Tenho uma reunião, estou atrasado. Falo com você depois. Te amo.

Desligo assim que ela diz que também me ama, mas antes que possa insistir.

- Ela ainda está pegando no seu pé? - Diogo suspira.

- Eu devia te matar por isso. - reclamo.

- E é culpa minha?

- De quem foi a ideia de levar a Luciana para a fazenda naquele fim de semana? E de lhe comprar uma joia cara?

Diogo dá de ombros:

- Seu irmão achava que você tinha comprado alianças e suspeitava de um relacionamento. Levou sua família inteira para sua fazenda para te pegar desprevenido.

- E a sua ideia acabou confirmando as suspeitas dele.

- Preferia isso ou o Fernando descobrindo a Mia?

Tento massagear minha nuca.

Minhas bolas estão queimando.

Merda.

- Precisa de mais alguma coisa? Antes de... - olha ao redor, sugestivo. Refere-se ao casamento. Ao meu. Ao de Mia. Em algumas horas. Será meu padrinho e não apenas por falta de opção. Diogo é um amigo. Um amigo estranho que gosta quando eu me fodo... mas um amigo, ainda assim. Acho que o convidaria mesmo que outros fossem opções... Bem, desde que ele e Matheus pudessem dividir o cargo, é claro.

Coloco a mão instintivamente sobre meu telefone.

Mesmo que eu ligasse para meu irmão mais novo agora... não daria tempo.

Ele estava do outro lado do oceano e mesmo que minha explicação e pedido de desculpas fossem genuínos o suficiente para que ele não me detestasse por manter esse segredo... ainda assim ele não conseguiria vir.

Matheus era minha pessoa favorita naquela família.

Logo depois de Mia, era minha pessoa favorita no mundo.

Não ia ser uma noite perfeita, porque ele não estaria lá. Meu companheiro de armas.

O cara que me ajudou com Mia mesmo em uma situação insana.

O cara que, mesmo depois de encerrada a insanidade, não exigiu explicações que eu preferi não dar.

Matheus entendia.

Mesmo quando não entendia... apoiava.

Era errado esconder isso dele.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Era errado que não estivesse lá comigo.
Mas era tarde demais.
- Está tudo certo com o Gabriel? - pergunto.
- Ele já deve ter chegado lá. Foi bem mais cedo.
- Ótimo.
- Tem certeza que vai fazer isso? A Mia já dispensou até o Eduardo, disse que quer fazer isso sozinha... não seria estranho se..
- Não vou obrigá-la a nada, Diogo. É só mais uma opção. Caso ela queira.
Ele não parece entender.
Mas apoia.
Como o Matheus faria.
Acho que o Diogo acabou sendo uma dessas surpresas da vida.
Um irmão que não nasce do mesmo útero.
Um que a gente esbarra pelo caminho.
- Senhor Oscher? - minha secretária está de volta.
- Estou a caminho. - ergo o polegar.
Já estou na porta quando volto para o meu amigo.
- Diogo?
- Hm?
- O que diabos tem escrito nesse perfil?
- O seu? - ele ri - Vários relatos safados a seu respeito, uma foto sua sem camisa e a lista da sua empresa na Fortune 500. Basicamente, diz que você é o solteiro mais rico do Brasil, gostoso e bom de cama.
- Sério? - enrugando a testa - Achei que era um perfil mais..
- Profissional? - sua risada é forte - Cara, me escuta: você precisa ler esse perfil.

Conduzo Gabriel pela igreja.
Está tudo pronto.
Nossos poucos convidados ocuparam seus lugares, o pequeno quarteto se encarrega da música.
Só falta Mia.
Só falta que ela suba o altar e case comigo.
Bato na porta onde ela está esperando e sou recebido pela careta de Estela.
- Que está fazendo aqui?
- Quero falar com ela.
- Não pode falar com ela. Dá azar, Leonardo! Não pode ver a noiva antes do casamento.
- É importante. Pode chamá-la?
- Não, não posso. Vai pro seu lugar e espera sua vez. - ordena - Não vai dar azar para minha amiga. E você quem é? - encara Gabriel que fica imediatamente desconcertado.
Ele tem a mesma idade que eu, mas uma história de vida completamente diferente.
- Tê. - peço - Eu preciso falar com a Mia. Por favor.
- O que está acontecendo? - Mia interfere, destruindo o trabalho de Estela como guardião da porta.
Seus cabelos escuros estão soltos, caindo até o decote modesto em seu vestido branco. A maquiagem é discreta, a não ser pelo batom vermelho,

forte e brilhante, que desenha sua boca carnuda e seu sorriso carinhoso.

Ela é linda.

É patético o tanto que eu sou apaixonado por essa mulher.

Sou um escravo. Um bichinho de estimação.

Hipnotizado pelo seu sorriso, esqueci o que fui dizer.

Toco seu rosto e beijo sua boca. Estela protesta, mas nenhum de nós dois liga.

Sua boca é macia entre meus lábios, enfio os dedos por seus cabelos e só consigo parar porque ela está rindo.

- Oi. - suspiro, colando nossas testas enquanto acaricio seu nariz com o meu.

- Oi. - devolve, achando graça - E aí? Como vai a vida? - brinca.

- Normal. Nada especial planejado pra hoje e você?

- Acho que vou fazer pipoca e assistir Netflix. - ri.

Estela revira os olhos e se afasta.

Mia toma meu rosto nas mãos, fazendo um carinho preguiçoso em minhas bochechas.

- Mas o que veio fazer, Leo? Fora irritar a Estela e nos trazer azar? - está rindo de seu jeito sapeca. Morde a pontinha da língua e eu lhe dou mais um beijo.

- Hm? - continuo esquecendo o que fui fazer.

- Veio dizer algo? Você disse que era urgente?

- Ah! - afasto-me um pouco para apertar seus braços. Não quero ofendê-la. Um mês atrás, aquilo pareceu uma ótima ideia. Mas vendo-a em seu vestido de noiva considero que talvez não devesse ter feito uma surpresa. - Eu queria te apresentar uma pessoa.

Mia

É uma pena que Leo não goste de paletó e gravata. Fica lindo assim. Não que mulheres apaixonadas sejam juízes imparciais para esse tipo de coisa... Mas combina com seu porte.

Derreto assim que me envolve nos braços: o gosto da sua saliva, o cheiro do seu abraço. Sim, seu abraço tem um cheiro. Sua pele tem um perfume diferente quando estou com o nariz enfiado na curva do seu pescoço, sentindo seu calor.

Gosto especialmente do cheiro dos seus abraços mais apertados. Sinto-me segura. Protegida.

Amor é realmente uma coisa única.

Enfia percepções até onde não deveria haver sentido.

É por isso que o dia de hoje deveria ser incrível, e apenas ficaria aquém disso por uma ausência que nunca deixaria de ser notada.

Meu sorriso foge por um instante, assustado pela lembrança hostil.

- Mia, esse é o Gabriel.

Leo segura uma de minhas mãos. Ofereço a outra ao seu amigo.

- Olá.

- É um prazer. - ele diz.

Agradeço com um gesto e olho para o Leo buscando um contexto para a apresentação tão emergencial.

- Vocês trabalham juntos? - pergunto.

Leonardo respira fundo. Encara Gabriel rapidamente antes de voltar toda sua atenção para mim. Ainda faz carinho nos meus braços, como se eu precisasse de apoio para o que vou ouvir a seguir.

- Não. - ele diz. Sinto que está se preparando... escolhendo palavras... talvez até arrependido de não ter ensaiado aquilo antes.

- Leo? O que houve?

- Mia, conheci o Gabriel há dois meses. Ele... teve uma doença genética grave. Hereditária.

- Oh, sinto muito. - observo seu amigo. Parece bem.

- Está melhor, agora. Está... curado. Sabe... a cura para a doença do Gabriel era um transplante. - ele fala a palavra com cuidado, deixando claro que ela é muito mais do que seu mero significado. Eu engulo em seco - Era a única coisa que salvaria sua vida.

O ar fica denso.

Pesado.

Sinto isso em minha respiração.

Não tiro os olhos do Leonardo. Não acho que consigo.

- E há seis meses... - ele fala tão baixo que quase não consigo ouvi-lo - Há seis meses, o Gustavo salvou a vida do Gabriel.

Cócegas em minhas pálpebras.

Cócegas causadas por lágrimas tímidas que caem de meus olhos antes de eu sequer senti-los inundar.

- Talvez eu devesse ter falado com você antes. - murmura - Eu queria fazer uma surpresa e me pareceu uma boa ideia. Me desculpe se não... - Leo engasga nas palavras e então desiste de seguir por aí - Sei o que hoje significa pra você, amor. Sei o quanto você queria que ele estivesse aqui. E me dói tanto que... - engasga, desiste. Não tem importância. Eu sei exatamente o que ia dizer - E eu fico pensando o tanto que ele gostaria de estar aqui. Nem que fosse para me ameaçar de morte. - brinca, com um sorriso dolorido - Mas se não pode estar aqui, e já que nada pode substituí-lo, eu pensei que poderíamos ao menos ter o seu coração.

- O coração? - gaguejo e, pela primeira vez desde que entendi o que acontecia, consigo olhar para o Gabriel - Está carregando o coração dele?

O rapaz parece ter a idade do Leo. Os cabelos claros se enrolam em uma porção de cachos largos e bagunçados. Seus olhos são escuros e gentis. É alto, mas não muito forte.

Ele acena, confirmando. Parece envergonhado, ou temeroso.

Mas a gentileza em seus olhos...

Minha visão fica embaçada pelas lágrimas.

- Eu... eu posso? - ergo minha mão em sua direção. Sei o quanto é inapropriado, mas não consigo me impedir.

Ele se aproxima e sorri.

- Claro. - permite, tirando a gravata do caminho.

Coloco a mão sobre seu peito e sinto sua pele vibrar.

É uma bobagem aquilo... deveria ser só um coração como tantos, mas minha mão está tremendo. As batidas fortes e teimosas, mantendo vivo o Gabriel apesar de sua doença. Um pedacinho do meu irmão ali: vivo. Andando pelo mundo, conhecendo pessoas, descobrindo novos lugares, indo a festas.

Um pedacinho do Gustavo está vivo.

Estou chorando.

Ou, pelo menos, eu acho.

Não tenho mais certeza.

É aí que percebo que meu luto terminou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Achei que já tinha superado sua morte e que estava seguindo em frente. Mas a verdade é que eu ainda estava deprimida. Ainda estava com raiva. Ainda estava me recusando a enfrentar a realidade. Estava vivendo todos os estágios do luto de uma vez só, enquanto tentava me convencer que estava bem.

E, pelas últimas semanas, carreguei comigo uma tristeza que parecia ser uma nova inquilina permanente de meu corpo.

Não importava o quanto vovó, Estela, Eduardo ou até mesmo o Leo tentassem me confortar, só havia uma pessoa que poderia fazer isso: e ali estava ele. Me salvando mesmo depois que se foi.

Eu te amo tanto, meu irmão. Queria tanto que você tivesse vivido cem anos. Duzentos.

Despedidas sempre são ruins... mas aquela foi especialmente cruel.

Os órgãos de Gustavo tinham mudado a vida de nove pessoas e eu nunca parei para pensar nisso.

Nove pessoas.

Abraço o Gabriel. Foi um impulso, mas acho que está tudo bem porque ele me abraça de volta.

Meu irmão está vivo. Tem pedacinhos dele em toda parte.

Vão colocar outro funcionário em seu lugar na fábrica e outro amigo no seu lugar da mesa, mas isso não o torna irrelevante. Eu sempre vou amar aquele idiota. A Estela também. E vovó. O Leo não vai esquecê-lo.

E tem nove pessoas no mundo que só estão vivas, ou tem uma vida melhor, por causa dele.

O Gustavo morreu, mas ele não *acabou*.

Estou em paz pela primeira vez em meses.

Gabriel me abraça com força. Acho que ele também precisava de um abraço.

A gentileza do desconhecido pode ser mais genuína que a de um amigo.

A doação de um estranho que salvou sua vida.

A visita de um estranho que salvou a minha.

Tem tanta bondade no mundo... tanta gentileza que parece irreal. É o abraço que a torna palpável. O abraço que eu peço é o mesmo que o Gabriel precisa.

Inclina-se em meu pescoço, ajustando as alturas. Sua voz em meu ouvido é fraternal quando promete:

- Vou cuidar bem dele.

Estou rindo porque sei que vai. E, como ele não conheceu o Gustavo, sinto que preciso lhe explicar uma coisa:

- E ele vai cuidar de você. - sussurro. Não tenho certeza se me ouviu. Mas acho que sim.

Nos soltamos e eu estou limpando as lágrimas.

Gabriel tem umas para chamar de suas e o Leo não fica muito atrás.

- Nós conversamos. - Leo continua - Sei que você já dispensou o Eduardo e disse que quer fazer isso sozinha, mas, se quiser, o Gabriel pode te levar ao altar.

Olho para o meu novo amigo.

- Não se incomoda?

- Seria uma honra. - sorri.

Aceno. Agradeço.

- Tudo bem. - Leo aperta minha mão - Eu preciso ir para o meu lugar.

Vai se afastar, mas eu o puxo para um abraço.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Agarro seu pescoço e o prendo ali.

É engraçado como as pessoas confundem "amor" com "paixão". Elas dizem que sabem a diferença, mas misturam os dois conceitos como se fossem café e leite.

Paixão é o desejo do corpo. É a vontade de ficar próximo, perdendo-se em olhares e beijos.

É uma sensação deliciosa. Sozinha, no entanto, não constitui amor.

Amor é aquele companheirismo que faz o outro saber exatamente o que você precisa mesmo quando palavra nenhuma foi dita.

Amor é aquele abraço ali.

É o que eu sinto por aquele homem que aperta minha cintura e respira em meu pescoço.

- Eu te amo. - murmuro.

Leo se afasta, beija minha bochecha e sorri.

- Eu também te amo. Agora, vai lá terminar de se arrumar - beija minha boca - que eu quero casar com você.

Estela

- Não acho que deveria estar bebendo assim. - já é sua terceira dose. Tenho certeza que é. Estive contando.

- Perdão? - abre seus olhos castanhos, pleno de curiosidade.

- Se acabou de fazer um transplante, não deveria estar bebendo. - cruzo os braços.

Não acredito que Mia deixou um estranho levá-la ao altar.

Claro que não pretendo entrar nessa discussão no dia do seu casamento. Foi ela que a morte de Gustavo atingiu com maior força... e agora parecia estar verdadeiramente feliz pela primeira vez em meses. Não pretendo roubar isso da minha melhor amiga.

Mas foi errado.

Era o lugar do Gustavo.

Não de um cara com um pedaço dele.

- Ah... - gagueja - Meu médico disse que devo me manter hidratado sempre. Mas acho que todos os médicos dizem isso. Você é a madrinha, não é? Sou Gabriel. Não acho que nos apresent...

- Chama isso de "ficar hidratado"? Três doses seguidas em uma noite? Vai ficar bêbado?

Ele engole as palavras que estava dizendo com um pouco de saliva, pois vejo seu pomo de adão mover-se assustado.

- Acho que ninguém te contou, mas o dono desse coração não ficava bêbado. Esse coração não tem o hábito de ver álcool. E já que você teve o privilégio de recebê-lo deveria, ao menos, tratá-lo com dignidade.

Gabriel está confuso. É uma anta, claramente. Não podiam ter dado destino pior ao coração de Gustavo.

- Estou perdido. Eu... eu te ofendi, de algum modo?

Olho para o seu peito.

Ofendeu.

Está vivo só porque ele está morto.

A morte dele é a razão da sua alegria.

Deve ter comemorado. Batido palmas, sorrido e festejado ao ouvir

que alguém compatível morreu.

Morreu na ambulância.

No caminho pra casa.

Para suas preciosas últimas semanas de vida.

Morreu segurando minha mão.

Você e sua família estourando champanhe, enquanto a nossa chorava o luto.

Se há ofensa pior que essa, eu não conheço.

- Olha, garoto... Você nunca vai chegar perto de entender quem era o homem por trás desse coração. O mínimo que você pode fazer é não se comportar como um moleque.

- Sei que ele só tinha uma irmã. - fala sozinho - Você era sua namorada?

- Não é da sua conta. - engulo a dor.

- Eu sinto muito... não quis... - abaixa a cabeça como se isso fosse sinal de respeito.

Mas uma cabeça baixa não muda nada.

- Claro que quis. Veio até aqui para apaziguar a culpa? Para se sentir melhor?

- Que culpa? Olha, talvez eu devesse ir...

- A Mia... Deus sabe que eu a amo, mas a Mia é idiota. Se fosse eu, iria querer o cara que comemorou a morte do meu irmão bem longe de mim. No que o Leonardo estava pensando?

- Eu entendo como está se sentindo, senhorita. Mas eu garanto que não comemorei a morte de ninguém.

- Ah, ficou triste quando recebeu o aviso?

- Você não me conhece. - leva a mão aos cabelos.

- Nem preciso. É um absurdo ter vindo até aqui. Que tipo de pessoa faz isso?

- É virgem. - acenou.

Levou um tapa imediatamente.

No meio da cara. A marca vermelha em sua bochecha no formato dos meus quatro dedos.

- Como se atreve? O que isso tem a ver?

Ainda está acariciando o rosto quando me encara, incrédulo.

- A bebida! É coquetel de frutas, sem álcool.

Eu recuo.

- Ah.

- Basicamente, é só suco de frutas. - balança a cabeça, chateado.

Talvez eu devesse pedir desculpas e, se Gabriel fosse qualquer outra pessoa, eu faria isso.

Mas ele não é qualquer outra pessoa.

Veio até ali para conseguir uma validação de bom caráter. Fazer algo pela família do Gustavo, já que lucrou com sua morte. É imoral. Indecente. Violento.

Dou-lhe as costas e vou embora.

Não vai receber minhas desculpas.

Vai receber só o tapa.

E foi bem merecido.

Leo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Estou elétrico.

A expressão "ligado na tomada" nunca fez tanto sentido.

Eu não quero soar como um escroto: a cerimônia foi deliciosa, a festa foi divertida, eu amo essa mulher e faz meses que tenho sonhos lúcidos sobre colocar uma aliança em seu dedo...

Mas faz meses que tenho sonhos lúcidos sobre *outra coisa* também.

Posso ser um merda por admitir isso, mas não estou interessado em hipocrisias no momento: comecei a ficar duro enquanto ainda subia as escadas.

Seis degraus para o seu quarto.

Cinco.

Mia segura minha mão e a situação é tão cômica que eu tenho vontade de rir. Estou tremendo enquanto ela me conduz. Suando frio e ofegando de nervosismo.

Não deveria ser o contrário?

Não deveria ser eu o guia tranquilo, e ela a parte ansiosa?

Eu já tinha feito aquilo vezes o suficiente para me considerar um especialista, enquanto Mia deveria estar perdida.

Seu vestido branco é justo nos seios e cintura, abrindo-se em uma saia longa apenas quando atinge os quadris. Perdoe a ausência de modéstia, mas minha mulher é gostosa. Meu bom Deus... a carne de seus seios exibida pelo decote me dá calafrios. Nunca tive uma vontade tão grande de comer uma mulher e, *definitivamente*, nunca precisei esperar por tanto tempo.

Ela fecha a porta do quarto e faz carinho nos meus cabelos. Eu respiro com dificuldade e isso parece diverti-la.

- Está nervoso? - ri com gosto. Suas covinhas marcando as laterais do sorriso com uma doçura gloriosa.

- Muito! - exagero, despindo o paletó - Como consegue estar tão calma? - ralho, livrando-me do nó da gravata.

- Tenho alguma experiência nisso. - ergue o ombro com uma falsa arrogância.

- Ah é? - puxo sua cintura e mordo seu sorriso - Vai precisar assumir a liderança, então, porque estou perdido aqui.

- O importante é respirar. - estreita os olhos, fazendo graça de mim.

- Boa dica. - gargalho.

- Vai sentir vontade de prender a respiração, mas não faça isso. - comanda, professoral, ainda se divertindo às minhas custas.

Tenho que beijá-la entre sorrisos porque não consigo diminuir a curva em meus lábios.

- Vou tentar lembrar. - prometo. Abri apenas dois botões da camisa quando noto o recuo de seu corpo aflito.

Hesito.

Parece que o nervosismo finalmente a alcançou e, quando o caminho acaba trazendo-nos ao destino, Mia é obrigada a encarar a inevitabilidade da nudez: que a deixa nervosa, com ou sem sexo.

Em horas assim, descubro como amor é uma merda.

Qualquer outra mulher seria beijada até abandonar seus receios e abrir as pernas.

Mas é minha Mia...

Preciso que ela esteja bem.

Preciso que ela esteja *sempre* bem.

- A gente não precisa fazer isso essa noite, viu, meu amor? - tomo seu rosto nas mãos. Mia raspa seu nariz em minha boca, respirando minhas palavras, em um dengo preguiçoso que me força a fechar os olhos - Se estiver cansada ou achar que é muita pressão... - sussurro - Podemos fazer isso outro dia.

- Leonardo! - murmura, quente - Eu esperei todo esse tempo *justamente* para poder fazer isso esta noite. Não ouse roubar isso de mim.

Seu sorriso é envergonhado, mas é seguro.

- Sim, senhora. - escorrego os polegares por suas bochechas e a trago para um beijo.

Ela procura os botões de minha camisa e os encontra um após o outro, enfiando o toque ávido entre pano e pele para me despir. Obedeço sem abandonar sua boca, enfiando minhas mãos em seus cabelos para guiar seu rosto de acordo com minha fome.

Livro-me de sapatos e meias e - por saber que ela prefere que fique, eu, nu primeiro - espero que rompa os obstáculos finais de meu cinto e calças antes de me aventurar pelo seu zíper.

Sinto o calor de sua pele assim que desço aquela porra. É sobrenatural, até porque é óbvio que eu já sentia seu calor através da roupa... mas quando o vestido cai aos seus pés exibindo sua lingerie branca, o fervor se intensifica em uma proporção irracional. Um fogo que me consome vindo de fora e, ao mesmo tempo, de dentro, como se o quarto inteiro estivesse com febre.

É um fato: eu tenho muito tesão em assistir uma mulher se despir. Culpo Amélia por essa nova fantasia recém desenvolvida, mas aí está. Ela usa nada além do sutiã e calcinha, peças brancas em seu tom virginal muito adequado ao contexto. Posso escutar minha respiração escapando de meus lábios entreabertos enquanto luto contra a vontade de puxar a tira de sua calcinha para o lado e fodê-la com pressa e sem pompas. Comer Mia com força, nada entre nós a não ser os ganidos típicos dos animais que somos.

Mas não é nada disso que faço.

Ao invés da violência erótica que anseio há meses, tudo que tenho em mim é um carinho sem precedência, forçando-me a beijar Mia inteira, colocando-me aos seus pés não por uma necessidade de submissão, mas por uma incapacidade de existir em qualquer outro lugar que não seja bem ali: a sua disposição.

Tento despi-la das últimas peças que a cobrem, mas ela nos conduz para os lençóis antes que eu consiga. Não a vejo nua e plena, o que significa que meu fetiche vive, insatisfeito, por mais um dia.

- Meu Deus, como você é macia... - sofro, beijando seu corpo.

- Ainda não se acostumou? - sua risada é baixa e tímida.

- Não. Me deixa. - agarro um de seus peitos e mordo o outro, por cima do sutiã.

Cubro seu corpo com o meu enquanto traço beijos até seu pescoço. A atitude decidida de Mia a abandonou, colocando as coisas de volta em sua ordem natural. Ela me abraça devagar com seus braços envergonhados, parece uma boneca de porcelana: frágil, mas muito erótica. Suspirando entre seus lábios vermelhos e rosto excitado.

- Tudo bem? - murmuro, ainda agarrado a sua pele.

Mia acena enfática.

- A gente vai fazer isso bem devagar, linda. - prometo - *Bem devagarzinho*. Relaxa. Você ainda não faz ideia de como isso é bom.

Ela sorri e me beija depressa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Te amo. - não deixo o beijo acabar. Apesar de minhas melhores tentativas, no entanto, ela permanece nervosa. Sinto isso em seu corpo inteiro.

Estico-me para o criado-mudo, onde deixei o pacote de camisinhas e o tubo de lubrificante. O barulho plástico da embalagem chama sua atenção.

- O que está fazendo?

- Preservativo. - explico.

- Não. - pede - A gente já fez os exames e eu...

- Mia...

- ... estou tomando anticoncepcional. Não... não quero isso, Leo.

- Tudo bem. Posso perguntar por quê?

- Ouvi dizer que é melhor sem. Não é verdade?

Engulo em seco antes de rir.

- Bem... eu não saberia dizer.

- Nunca fez sem camisinha?

- Está surpresa?

Sua expressão responde sem que ela precise de palavras.

- Não. É só que... sabe? Achei que você era experiente.

Não consigo impedir uma risada baixa de descrença.

- E é *exatamente* por isso que sempre uso camisinha. - explico.

Mia está lambendo os lábios, tentando - muito mal - impedir um sorriso.

- Hm. Então, quer dizer que é sua primeira vez também?

Ela me desarma e por isso a acompanho com gosto.

- Sim. Primeira vez. - abandono a embalagem conforme me foi instruído - É por isso que eu estava nervoso antes. Não percebeu?

- Ah, claro! - diverte-se - Mas agora acho que devia parar com as brincadeiras ou nunca vai conseguir criar um clima.

- Está duvidando de minhas capacidades? - respiro sua pele, antecipando o beijo. Ela sorriu com alguma resposta sagaz, mas minha fome não me permitiu ouvi-la.

Lambo sua boca antes de enfiar minha língua entre seus lábios. Minha mão encontra o espaço entre suas coxas para que eu possa criar o clima que ela tanto precisa. *Não vou demorar muito.*

Esfrego meu dedo por fora de sua calcinha. Mia está úmida, mas - nervosa - ainda não está *molhada*.

Provoco seu clitóris até render seu corpo. Essa sensação do dedo friccionando um pano pesado de calcinha encharcada é uma das sensações mais deliciosas da vida. Se você já bolinou uma mulher de roupa íntima, sabe do que estou falando: Primeiro, o tecido resiste às suas investidas, raspando contra o corpo ainda seco. Empurre o dedo ao longo de sua fenda (não enfiando-se, mas espalhando-se) e assista quando ela contrai as coxas sempre que você completa um ciclo de movimento. O pescoço se arqueia no meu *vai*, o tórax se contrai no meu *vem*. Linda, contorcendo-se de angústia sob meu toque ansioso. Nesse ponto, sua bocetinha começa a se render. Sei disso porque meu dedo faz o tecido da calcinha deslizar por sua entrada com maior facilidade. Seu corpo está colaborando. Deixa-me seguir o vai-e-vem sem resistência. Aperta as coxas, por reflexo, querendo me manter ali. Afasta as coxas, por intenção, querendo me deixar trabalhar.

Não posso dizer que "quero" essa mulher nua porque "querer" não é uma palavra forte o suficiente.

Deixo meu corpo pesar cobrindo o seu, prendendo-a contra o colchão e meu desejo.

"Precisar" não é uma palavra forte o suficiente.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Liberto minha ereção e seguro minha cabecinha contra a renda branca e encharcada. Sua entradinha não resiste ao meu pau mais do que resistia aos meus dedos, embriagada pelo mel que ela mesma produz. Mia geme baixinho.

"Desejar" não é uma palavra forte o suficiente.

Acho que palavra nenhuma é suficiente.

Vou ter que inventar uma nova.

Mia arranha meu peito e inclina-se para que eu possa tirar seu sutiã. Apagou a luz e não posso vê-la, mas posso senti-la. Os biquinhos rígidos arranhando meu tórax com uma força maior do que suas unhas conseguiriam. Estou tão ciente deles ali que perco o controle de minha virilha. Fodo seu entrecoxas em um ritmo ávido, deslizando minha ponta pelo seu começo.

É mais ou menos nessa altura que a desgraça acontece.

Minha ereção faminta esfrega-se em Mia até, acidentalmente, expulsar parte de sua calcinha para fora do caminho. Então minha glândula sensível e injetada de sangue encontra a carne nua de Amélia pela primeira vez. Deslizando em seu suco quente despida de preparo ou preservativo.

É aí que sou arrebatado por um pensamento cruel e inevitável: não vou durar.

Depois de dois anos sem sexo de verdade, experimentando Mia pela primeira vez e *sem camisinha*... Vou começar a gozar assim que a possuir.

Terei sorte de durar cinco segundos.

Gozar antes da mulher já é uma desonra no cenário normal. Mas na noite de núpcias? Tirando a virgindade dela?

Minha dignidade vai desaparecer como se nunca tivesse existido.

Procuro o pote de lubrificante sobre o criado mudo apenas para ser interrompido mais uma vez.

- Amor... - peço - É melhor. É sua primeira vez. Eu coloco só um pouco.

- Não. Não quero. - morde minha boca - Não quero nada fora você, Leo, por favor.

Fecho os olhos e sinto meus lábios tremerem de desespero.

Veja bem: sexo é uma coisa genérica. Essa é a verdade. São só pessoas, corpos, fluídos e prazeres.

A única coisa que torna sexo particular é a outra pessoa e o que ela significa pra você.

É por isso que eu poderia passar Eras explicando o que aquela frase de Mia fez comigo, ou o modo como o mero ondular de seu corpo abaixo do meu já seria capaz de me fazer gozar pela próxima hora e meia... Mas, mesmo que Eras se passassem em minuciosas explicações, ninguém iria entender.

Porque, para entender o desejo que ela me causa, você precisaria amá-la como eu amo.

É esse o sentimento que torna o sexo único.

É esse o sentimento que faz sexo com Mia ser o melhor que já tive, mesmo que sequer a tenha penetrado.

Escorrego os lábios pelo seu abdômen enquanto engatinho para longe de seu corpo. Atinjo seu sexo ainda coberto pela calcinha. A tira que a esconde envergonha-se para o lado, para se enfiar em sua fenda úmida quando deixou passar meu pau desavisado. Eu a pesco com o indicador, mas sou fisgado pela densidade de seu suco. Mia hesita, prende a respiração.

- Isso vai precisar sair, meu amor. - rouco.

Fecho meu punho ao redor da tira molhada que faz meu sangue ferver.

A penumbra é minha inimiga, impedindo-me de assistir a nudez de Mia

que é plena e gloriosa, talvez, pela primeira vez diante de um homem.

Mas eu não tenho muito tempo para xingar inimizades porque levo um tapa de seu cheiro.

Cubro sua boceta com minha boca e a engulo.

Empurro seus joelhos com força, mantendo-a bem aberta enquanto geme, para preservar meu plano. Mia se agarra aos travesseiros e lençóis de seu jeito típico. Já vi seu orgasmo vezes suficientes para conseguir reconhecê-lo.

Só mais um pouco.

Está arfando, prendendo a respiração porque não sabe mais o que fazer com os pulmões.

Abraço suas coxas para agarrar seus peitos, mantendo-a aberta. Sempre aberta.

Não vou resistir muito mais.

Os gritos de Amélia são inconfundíveis, o modo como se prende a mim e a tudo ao seu redor... ela chegou onde preciso: nos últimos segundos antes da versão feminina do esporro. Move a virilha de encontro a minha língua, mas eu a abandonei.

Cubro seu corpo de volta e assim que seus olhos se reviram, no instante último que antecede o orgasmo, enfio-me nela experimentando o aperto que sua carne oferece à minha.

Seu ar acaba, mas sua boca permanece aberta em um grito mudo.

Beijo seu pescoço suado e perco a lucidez.

Ela é tão quentinha, meu Deus.

Tão suave e macia e apertada.

Estou balbuciando incongruências, agarrado a um de seus peitos, enquanto provoco seu grelinho para me certificar do gozo dela assim como do meu. Encaixo-me fundo antes de voltar a mover a virilha, mas estou gozando antes da segunda estocada.

Mia atinge seu clímax arranhando meus braços com força. Não me importo, estou ocupado demais entretendo minha própria crise. Caio, pesado, por cima dela, ofegando em sua pele quente.

Ela me abraça e sorri, satisfeita.

Gostou.

É bom mesmo que tenha gostado.

Porque pretende repetir.

Pretendo repetir *muitas vezes.*

Mia

Suor.

Saliva.

Ofegos.

O martelar combinados de nossos corações.

Seu hálito quente causado arrepios em minha pele coberta de suor frio.

Minhas pernas tremem.

Eu queria que Leonardo tirasse minha virgindade, mas ele decidiu

assassiná-la. Está morta, agora. Não resta mais nenhum resquício dela.

É estranho essa coisa do *ficar nua* com alguém. Não parece muito natural. Dá-me uma vergonha sobre-humana.

Até aqui, nunca houve plenitude da nudez por motivos de minha virgindade. Mas agora que esse motivo se foi, meu marido me envolve com seus braços largos, conduzindo - nós dois - para o chuveiro, e eu contemplo a perspectiva da absoluta falta de roupas.

Sua mão foge de minha cintura para o interruptor (embora seu nariz nunca abandone minha nuca, seus lábios nunca estejam longe do meu pescoço) e eu o impeço.

Estou pronta para você e para o sexo, meu amor. Não estou pronta para essa parte ousada do ser observada sob a luz.

Leo ri de meu constrangimento, certamente por não ver razão, principalmente depois do que acabamos de fazer. Ou melhor seria dizer "depois do que ele fez comigo".

Parece um moleque ganancioso, orbitando ao meu redor, querendo um pouco mais de toque.

Mantenho-nos na penumbra quando ele liga o chuveiro. Há algo diferente em seu sorriso ao nos colocar embaixo da água, mas não me preocupo em identificar detalhes agora.

Somos casados. Vai haver tempo suficiente para os detalhes depois.

- Você tá bem? - pergunta.

Sorrio porque é a terceira vez que repete aquelas palavras nos últimos dez minutos.

- Não. - minto - Acho que vou explodir a qualquer momento - Leonardo abre os olhos, preocupado - Combustão espontânea. - exagero porque, suspeito, ele não consegue ver os trejeitos de diversão em meu rosto, culpa da iluminação reduzida.

Seus ombros caem quando ele procura meus olhos.

- Não me assusta. - pede.

Tomo seu rosto nas mãos para beijar sua boca. O jeito como me abraça é bom.

Diferente de sempre.

Talvez seja a água.

Mas acho que é a nudez. Acho que é a intimidade.

Há algo naquele abraço ali que é completamente único e eu o adoro.

É esse o modo como quero fazer amor, Leo.

Não preciso da nudez absoluta, da lascívia de olhares. Eu quero cobrir meu corpo com o seu. Quero essa sensação desse abraço.

Acho que Leonardo escuta meus pensamentos porque seu abraço fica mais apertado.

- Eu estou bem. - prometo.

Não doeu.

Eu esperava que doesse.

Tinham me dito que doía.

Mas foi tão... suave.

Estava quase gozando quando Leonardo decidiu me penetrar e acho que a adição foi muito bem recebida por meu corpo febril. E agora, pelo modo como meu ventre se contrai de antecipação, acho que quer repetir.

Leo se põe de joelhos e me toma com a boca.

É lento, hoje.

Preguiçoso como nunca antes ousou ser.

Temos a noite toda.

Temos a vida toda.

É isso que ele diz com a língua. Diz que eu sou sua, e que vai me desfrutar devagar porque não tem mais ninguém atrás dele na fila.

Nunca mais vai ter.

É delicioso tê-lo ali: com o nariz enterrado entre minhas coxas, segurando meus joelhos nas mãos grossas. Deslizo as unhas em seus antebraços, sentindo a largura de seus músculos.

Ele sobe devagar. Beijando-me o estômago... entre os seios... Está em minha boca mais uma vez.

- Posso? - ele levou o dedo a minha virilha - Posso ir de novo? - gagueja, sem conseguir impedir a libido de escorrer pelos lábios.

Aceno uma confirmação. Ele morde o sorriso que é reflexo do meu.

- Meu amor, eu vou colocar desde o começo, dessa vez. - beija minha bochecha. Tão doce, o meu Leo - Me avisa se quiser que eu pare?

Mordo o sorriso que ele nutre e então o lambo para que não precise usar palavras.

Ele guia sua carne ereta para entre minhas coxas como fez da outra vez. Agora, no entanto, sem a distração do orgasmo, eu a sinto entrar centímetro por centímetro e, Deus me salve, o Leo tem muitos centímetros.

Finco as unhas em seu ombro com um gemido curto.

- Mia? - interrompe seu curso, o que parece lhe causar dores físicas e espirituais.

- Estou bem. - suspiro - Continua.

É uma sensação estranha.

Única como o abraço.

Mas, ao mesmo tempo, única de um jeito diferente, assim como unicidade deve ser.

Ser preenchida pelo Leo, apertada contra a parede do banheiro, sentindo a água quente nos lavar.

Segue devagar. Apoia a testa contra a minha. Os olhos fechados de pálpebras pesadas, enquanto tenta respirar pelos lábios entreabertos e descobre que o ar ao nosso redor não é suficiente.

- Eu... - sussurra - Eu imaginava que isso ia ser bom. - move o quadril, enterrando-se mais fundo - Mas, por Deus, Mia... - geme, beirando a insensatez - *é melhor*.

Ele se move mais, até o limite. Nossas virilhas estão coladas em um nível tal que sei que o recebi por inteiro. Seus lábios estão frios e trêmulos, oposição perfeita às suas mãos quentes e firmes.

Move-se.

Começa uma dança que ainda não me é familiar, mas pelo desejo que me causa, suspeito que logo será.

- O que... - gemo em sua boca - O que quer que eu faça? - peço.

Ele hesita. O movimento desaparece e por um momento acho que eu disse algo errado. Mas Leo toca meu rosto, cheio de carinho, e me olha como se temesse me partir.

- *Quero que você me ame*. - pede, de olhos fechados e coração entregue. Colou seu nariz ao meu. Preciso inclinar o rosto para beijar sua testa.

- Fora isso. - sorrio, porque ele pede de presente algo que já lhe pertence.

Mas Leo não parece entender a luxúria em minhas palavras. Isso porque enquanto eu me perco em divagações sobre a perda da virgindade, ele apenas faz amor comigo.

Beija meu queixo lentamente.

- Não quero mais nada. - sussurra - Só isso.

Volta a se mover.

Sigo a deixa de sua liderança e rebolo ao redor de sua ereção.

Leonardo geme muito alto.

- Mas isso também não é mal. - ri, gostoso, em meu ouvido - Acho que me arrependi e quero isso também.

Aperto seus ombros. Beijo seu sorriso.

Rebolo como me pediu e deixo que me ame.

E ele faz exatamente isso.

Faz isso a noite toda.

Leo

Eu considero três orgasmos seguidos um sucesso.

Bem, não foram "seguidos" à risca. Houve um bom intervalo, principalmente entre a segunda vez e a terceira. Mas fiz as contas e decidi que eu e Mia precisamos transar 730 vezes antes de considerar que "começamos nossa relação sexual". Uma vez por dia, pelos últimos dois anos me pareceu um bom número. Ela riu e discordou. Mas eu lhe disse que era virgem até pouco tempo atrás. Sabe de nada, bobinha.

727 vezes agora.

Sugeri que deveríamos fechar a noite em um dez redondo. Mas depois da terceira rodada, estou vendo manchas negras.

- O que aconteceu com o número redondo? - provoca, quando saímos do banho e eu me jogo na cama.

- Uma pausa para recuperar as energias.

- Am-ham.

Eu a trago para um abraço apertado. Queria vestir um pijama, mas eu implorei que vestisse uma de minhas camisas. Acho sensual, me julgue.

Encaixo seu corpo perto do meu e aqueço meu pau na curva da sua bunda. Vou dormir assim, decidi.

Meu telefone toca e eu não sei se prefiro ignorá-lo ou destruí-lo com uma marreta. É quase manhã, quem pode estar me ligando?

- Leo? Seu telefone.

- Hm. - resmungo.

- Olha a hora, amor. - ela gira no meu abraço, fazendo um carinho nos meus cabelos e deixando beijinhos castos em minha boca - Pode ser algo grave.

Abro um único olho, enquanto ela segue deslizando o toque por meus cabelos.

- Se você quer que eu acorde e levante da cama, beijos e cafuné são uma péssima escolha. - aviso.

Ela interrompe o que fazia e eu quero me chutar.

- Não para. - agarro sua cintura e me estico, de olhos fechados, buscando por mais beijos às cegas.

- Pode ser uma emergência. - ela se agita, saindo do meu lado para buscar o telefone e, seja lá quem for do outro lado da linha, eu o detesto - É o Lu. Pode ser algum problema no trabalho. - deixa o celular cair na

cama.

O Lu.

"O Lu" é a *Luciana* que passou as últimas semanas, desde a joia, me ligando insistentemente.

Aí virou um "colega de trabalho chamado Luciano" porque... o que é *mais uma* mentira na minha vida?

- Lu? Boa noite. - resmungo, formal. Mia deita-se sobre o meu peito com um bico manhoso de "tenha paciência com ele". Faço carinho em seus cabelos quando ela me beija devagar e eu quero muito mandar Luciana se foder.

- Leo. Está acordado?

- Estou.

- Achei que ia cair na caixa. Escuta! Seu irmão colocou uma câmera no seu escritório.

- O quê? - agora eu despertei.

- É. Imaginei que você ia achar legal. Me enviou um vídeo de um loira pelada se esfregando em você. Pelo título do email acho que ele imagina que estamos juntos. Está querendo acabar nosso *relacionamento*. - ri com gosto - Leo, o Fernando sabe que eu não sou monogâmica?

Minha cabeça está girando rápido demais.

Priscila.

Fernando armou a cena para me gravar em algo comprometedor e causar um escândalo de assédio?

- De todo modo, foi um pornô bem meia boca. - reclama - Você nem se agarrou com ela nem nada. Parece um bezerro assustado fugindo da moça. Está com medo de mulheres nuas, Oscher?

- Não acredito que ele fez isso. - aperto as têmporas.

- Sério? Por que eu achei a cara do Fernando. Surpresa que ele não tenha feito algo assim antes. Bem infantil. Típico. De todo modo, acho que você devia dar uma vigiada na sua sala e falar com seu pai porque...

- Eu sei. Obrigado, Lu. Vou cuidar disso logo cedo.

- Imagina. Pra que servem os amigos se não para nos avisar de pornografia caseira?

- Eu agradeço.

Ela se despede sugerindo um almoço, ou jantar ou sobremesa, mas "sem dúvidas, a sobremesa". Eu recuso com educação e me despeço de volta.

Seu queixo está apoiado no meu peito, as unhas raspando cuidadosamente em minha pele.

- Vai precisar trabalhar amanhã? - entende.

Esfrego os olhos e respiro fundo.

Mia já foi especialmente compreensiva quando expliquei que não poderíamos sair em Lua de Mel... mas trabalhar no fim de semana do nosso casamento.

Precisa contar pra ela, Oscher.

Precisa contar pra ela, agora.

- Mia...

- Obrigada. - ela murmura, quente.

- Han?

- Pelo Gabriel. - suspira - Acho que nunca vou conseguir explicar o tanto que... - desiste de encontrar palavras - *Obrigada*. - repete, abraçando-me.

O Gustavo.

Depois do mestrado.

Foi a última coisa que ele me pediu.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Foi a *única* coisa que ele me pediu.

Ou ela vai usar isso também como desculpa para abandonar os estudos.

Bem... ela já tinha começado. E Mia é uma mulher inteligente... se eu conseguir impedi-la de abandonar as aulas ou arranjar desculpas, não deve demorar mais que um ano.

Beijo sua cabeça e embalo seu sono.

- Te amo. - murmuro. Mia geme algo como resposta.

Só mais um ano.

19.

Dois anos depois...

Estou em um encontro.

Com uma mulher.

Sexualmente interessada em mim.

Claro que não sabe que sou casado. Ninguém sabe que sou casado.

Uso minha aliança em uma discreta corrente dourada ao redor do pescoço quase tantas vezes quanto a uso no dedo.

Ela é linda. Os olhos castanhos e os cabelos claros de cachos revoltos. Sorri e insinua intimidades quando usa o próprio garfo para tirar uma porção de sobremesa do meu prato.

Aqui está tudo que alguém precisa saber sobre meus últimos dois anos: eu sou casado com uma mulher que eu amo e ninguém conhece. A antecipação de herança foi concluída deixando o Fernando com seu silêncio e eu com minha fortuna. Sara começou a namorar e, embora seja um assunto que me interessa em nada, me lembra disso sempre que pode. Luciana está solteira e, embora seja outro assunto que me interessa em nada, também me lembra disso sempre que pode.

Ah, e eu convido mulheres para sair.

É parte do disfarce.

Mantém minha máscara de playboy casual para atenuar as angústias casamenteiras da minha mãe, sempre de modo apropriado para não causar qualquer escândalo capaz de levar a morte do meu pai.

Eu as levo para jantar. Para um cinema, para um show. Espetáculo de ballet, apresentação de Sinfônicas. Se forem boas companhias e a conversa fluir, é provável que as convide de novo.

Nunca as levo para meu apartamento. Nunca aceito os convites para ir aos seus.

Não há sexo.

Não há toques românticos.

Não há beijos.

Eu sou casado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Claro que a ausência de interação física causa frustração em muitas dessas companhias e é por isso que eu defini uma estratégia: eu lhes dou presentes caros.

É muito difícil uma dama ficar furiosa quando você lhe recusa um beijo se, em seguida, você lhe oferece um par de brincos de diamante.

Funcionou pelos últimos dois anos.

Alguns jornalistas começaram a divagar sobre minha sexualidade e me supõem gay. Eu não confirmo nem nego. Podem divagar sobre o que quiserem desde que não suspeitem de Mia.

As moças, no entanto, normalmente saem do roteiro e confessam noites apaixonadas que nunca tiveram, confirmam que sou incrível na cama embora não tenham comigo qualquer experiência que lhes sirva de prova.

Suas mentiras servem ao meu propósito. Que mintam.

- O que vai dizer pra Mia quando ela descobrir? - Diogo abana a cabeça, em reprovação, ao abrir a porta do carro para mim.

- Quando ela descobrir o quê?

- Você vai contar a verdade pra ela, não vai? *Algum dia?*

- Seis meses. - suspiro.

- Já disse isso antes. - Diogo cantarola.

Eis o meu problema: Amélia é uma mulher inteligente, dedicada e esforçada. Mas desiste com uma facilidade impressionante. Não acho que é uma fraqueza ou preguiça, parece ser apenas *descaso*. É como se sua ausência de ambição fosse tão gloriosa que ela sequer consegue ver conquistas como vitórias. Para Mia, "conquistas" são apenas coisas que acontecem, às vezes. E, se não acontecerem, tudo bem.

Quando ela desistiu do mestrado, depois de seis meses do nosso casamento, comecei a temer que a promessa que fiz no leito de morte de seu irmão seria uma que eu não conseguiria cumprir.

No entanto, a admiração que tinha pela vida acadêmica e seu sonho de ser professora universitária, como sua mãe, serviram de combustível para suas intenções, e eu me mantive por perto para me certificar que ela sempre teria uma fagulha pra fazer esse combustível queimar.

E o mestrado seguinte foi o que vingou.

Um ano e meio de aulas ininterruptas.

Consegui até mesmo incluir uma pós-graduação em contabilidade nesse meio tempo e eu estava além do orgulho.

Mais seis meses e ela teria todos os títulos que buscava há anos, e não conseguia garantir apenas pela falta de teimosia e excesso de desculpas.

Mais seis meses e minha promessa estaria cumprida.

Eu poderia lhe contar tudo.

Eu *precisaria* lhe contar tudo.

Já tenho, inclusive, um plano preparado: a viagem para o México em comemoração a sua conquista, e é lá que vou lhe contar. Uma noite, depois do jantar, andando pela praia.

É possível que ela me bote pra fora do quarto nessa noite e tudo bem. Vai ser como ela quiser. Mas vai estar com seu título, como o Gustavo queria que fosse e como ela sempre sonhou conseguir embora nunca tenha tido a resiliência para admitir.

Mais seis meses.

Diogo me chama de hipócrita e acha que estou mentindo.

"Hipócrita" não é a pior ofensa que Diogo já me fez, então eu sobrevivo.

- Dessa vez vai dar certo. Ela vai defender a tese em seis meses. E

aí vou poder lhe contar tudo.

- E aí - repete - ela vai saber que você tinha encontros com mulheres às dezenas enquanto estava casado. Não acha que ela vai se incomodar?

- Vou contar *toda* a verdade. Explicar o que fiz e por quê. - dou de ombros - E vou lhe dizer que nunca houve nada impróprio com nenhuma dessas mulheres, independente do que digam os tabloides.

- E acha que ela vai acreditar? - ergue uma sobrancelha em descrença.

Seguro a porta aberta e encaro Diogo. A descrença, agora, é minha.

- Estamos falando da Mia, Diogo. A *Mia*. Acha que ela *não* vai acreditar?

Sua expressão se desfaz e ele concorda. Vou sorrir e lhe dizer que...

- ESCROTO!

Um empurrão forte em meu ombro joga-me contra a lataria do carro. Diogo intervém separando-me do agressor, afastando o homem que tenta, desesperadamente, desferir mais um golpe.

E "escroto" não era o único xingamento em seu repertório.

Toco meu braço atingido e o sinto arder.

Minha dignidade, no entanto, arde mais.

- SEU MERDA! NÓS TEMOS FAMÍLIA SABIA DISSO? NÃO DÁ PRA COMER SUA MELANCOLIA. NÃO DÁ PRA PAGAR AS CONTAS COM ELA!

Melancolia.

Respiro fundo.

Uma palavra dita e eu sei exatamente o que está acontecendo.

Não foi o meu melhor momento, admito isso.

Admito até que Fernando estava certo quando me disse para delegar a tarefa.

Mas eu ia demitir quatrocentas e dezessete pessoas.

Quatrocentas e dezessete.

"Delegar" não me pareceu justo.

Eu tinha que ir até lá e cortar a corda da guilhotina se era eu que tinha dado a sentença.

Devia ter delegado.

Ou, pelo menos, devia ter pedido pra outra pessoa escrever meu discurso de explicação. "Expressar minha melancolia" não foi a melhor opção para o momento e a expressão rapidamente correu pelos sindicatos como palavra de ordem de resistência.

Meu rosto associado a demissão.

Pessoas me perseguindo e abordando na rua.

Transferir as operações da fábrica para a China tinha sido uma decisão pragmática, fruto de anos de trabalho, mas, assim como minha *melancolia*, suspeito que meu *pragmatismo* também não servisse de alimento para quatrocentas e dezessete almas que, em poucas semanas não teriam mais um emprego.

Diogo nos enfia dentro do carro e vai embora.

- Precisa contratar mais seguranças. Já te disse isso. Pelo menos até essa coisa da fábrica esfriar.

- É, eu sei. - murmuro. Mas não contrato.

Diogo me observa pelo retrovisor e me entende.

Sinto-me um lixo.

Acho que mereço ser agredido como um lixo.

Fechar aquela fábrica foi uma assinatura em um pedaço de papel para mim. Iria definir a vida de centenas de pessoas pelo próximo ano, no

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mínimo.

Um pedaço de papel.
Centenas de vidas.

Apaixonar-se é como estar em um estado perpétuo de imbecilidade e, mesmo depois de dois anos, ainda sou um imbecil por Mia. É como se a entrada de nossa casa já fosse a cura pra minha dor de cabeça. Sinto-me em paz no instante em que desligo o carro.

Meus problemas não me acompanham até aqui.

- Mia? Amor? Cheguei!

Ela não parece estar em casa.

Confiro as horas.

Loja da avó.

Ou talvez fosse mais correto dizer "sua loja", depois que a dona Jô finalmente mudou-se para Minas e para o novo namorado, Mia herdou a loja de antiguidades e lhe dedicava um zelo ainda maior que a dona anterior.

Subo para o quarto e escuto o barulho antes de abrir a porta.

- Mia?

Ela se empertiga depressa com uma cara culpada de quem está escondendo algo. Estou rindo antes mesmo de fazer a pergunta...

- O que aconteceu?

- Nada. - engole.

Amélia não seria capaz de mentir nem que sua vida dependesse disso.

- Mia? - encorajo, sorrindo, tenho certeza que está escondendo algo e ela sabe que já percebi - O que houve?

Respira fundo e desiste.

- Te comprei uma coisa. Mas é uma surpresa! Por favor, não me faça te mostrar agora.

- Tudo bem. - ela se encolhe a contragosto por ter sido pega, e eu a tomo nos braços - Vou fingir que não vi nada. Mas você não devia gastar dinheiro comigo, Mia, já conversamos sobre isso.

- Eu sei, mas você precisa de umas camisas novas, Leonardo! Nunca vai as compras, eu...

Abro os olhos e fico muito quieto.

Mia interrompe seu discurso ao perceber o crime cometido.

- Eu acabei de te contar o que era o presente, não foi?

- Não tenho certeza, não ouvi bem. - minto. Mas minto mal e estou rindo.

- O presente não é só a camisa. - promete - Tem outra surpresa. Uma coisa pra mim que, na verdade, é pra você. - pisca os olhos, indecorosa e agora eu estou genuinamente curioso.

- Não devia ter dito isso. Agora quero ver.

- Vai ver depois, quando eu disser que pode.

- Sim, senhora. - beijo sua testa e então sua boca. Estico-me, descarado, para tentar ver a sacola que ela escondeu, muito mal, na lateral da cama e levo um tapa no peito.

- Se comporte ou não te mostro! Está com fome?

- Estou curioso. - imploro.

Mia revira os olhos e desiste. Entrega-me a sacola que tentou disfarçar.

Dentro, envolta por uma porção de papeis opacos, está uma camisa

social de mangas compridas. É verde escura e alinhada.

- Para o trabalho. - ela decide - Você precisa ter algumas dessas quando vai encontrar clientes.

Contenho-me e lhe dou um beijo rápido.

O problema com esses presentes de Mia é que ela gasta mais do que deveria em coisas que eu não preciso. Ou em coisas que poderia comprar às centenas em melhor qualidade.

- Não me olhe assim. - pede - Não gostou?

- Eu adorei. - beijo sua boca - Mas não gosto quando gasta dinheiro comigo. Já te disse isso. - raspo meu nariz no dela, com um pedido dengoso.

- Umhum, mas o dinheiro é meu. Então, eu decido, tudo bem? - me puxa pelas orelhas - Além do mais, a loja vendeu bem esse mês.

- É? Você é uma boa gerente. Quando não está dando as coisas de graça. - lembro.

- Não dou nada de graça.

- Desconto de 60% é dar de graça, Mia.

- Aconteceu só uma vez, Leo. E a Odete é cliente antiga.

- Clientes antigos podem ganhar descontos de 25%. É um desconto bem generoso. E "acontece só uma vez" sempre que a Odete está na cidade. Essa mulher está levando vantagem em cima de você.

Os braços de Mia pesam em meus ombros quando ela me encara, impaciente.

- Eu não sou estúpida, sabe?

- Não. Mas é inocente como o diabo e as pessoas se aproveitam.

- "Inocente como o diabo"? Aí está uma expressão que faz nenhum sentido.

- Você entendeu o que eu quis dizer. A Odete esteve aqui essa semana?

- Esteve.

- E levou o quê?

- Uma porção de coisas velhas.

- Deixa eu adivinhar. O jogo de copos de cristal e o vaso francês com as abelhinhas?

Mia pisca os olhos em descrença.

- Como você...?

- Porque sua avó já dizia que ela era doida por essas peças, mas não queria pagar o valor cheio. Aí bastou a Jô ir embora e ela começou a testar os seus limites para se aproveitar. Por quanto vendeu o vaso francês?

- Leo, eu cuido da loja está bem?

Sorrio porque já imagino a resposta. O vaso, pelas estimativas de Jô, deveria valer uns seiscentos reais. O que significa que Mia o vendeu por duzentos.

- Mia? Por quanto? - não consigo esconder a risada.

- Oitenta. - murmura.

Eu engasgo com a indignação.

- OITENTA REAIS? Vendeu por... Amélia, sua avó iria te matar! Não acredito que fez isso!

- Ela é uma ótima cliente, Leo! E você precisava ter ouvido as coisas que ela me contou! Está com uma situação financeira horrível. O marido está no hospital! Estão suspeitando que ele tenha a mesma coisa que o Gustavo!

- Mia, ela está mentindo. - seguro seus braços, com amor.

- Você nem sequer a conhece, Leo!
- Mas sei que está mentindo...
- Meu Deus, que mundo sombrio esse que vocês vivem. Onde todo mundo sempre mente e se aproveita. Fiz uma gentileza a uma pessoa que sempre nos quis bem.

- Se estivesse em uma situação financeira horrível não estaria viajando para gastar oitenta reais em um vaso.

- Ela está me ajudando!

- Ao te roubar quinhentos reais? Por que não levou algo que valia oitenta?

- Eu comprei um sutiã e uma calcinha! Em um desses lugares caros e safados. Já estou usando. Quer ver?

Engulo em seco.

Eu sei que ela está fazendo isso só pra encerrar a discussão, mas é uma beleza como funciona.

Perdi completamente minha linha de raciocínio e esqueci porque deveria estar discutindo.

- Não faça isso. - gaguejo.

- Fazer o quê? - sorri. Está desabotoando a camisa, exibindo a carne cheia de seus seios.

É uma realidade da vida: mulheres podem usar sexo para manipular homens a fazerem praticamente qualquer coisa.

Qualquer coisa.

Meu caso, no entanto, é ainda mais aterrorizante, já que só *tenho* Mia durante uma porção de dias na semana. Às vezes, menos.

Hoje, por exemplo, faz nove dias que não como minha mulher. É por isso que estou duro nas calças e controlando a saliva na boca assim que ela termina o caminho de botões. A pele macia coberta por uma única peça preta de renda quase translúcida em seu bordado inapropriado. Toco o tecido com os nós dos dedos, acariciando o lugar sob o qual seu mamilo deve estar. Eu a belisco ali e percebo o arrepio em seus braços.

Pelo *meu* parâmetro, a peça não é cara ou safada. Mas o conhecimento de que, para minha esposa, é exatamente isso que ela é, e mais: saber que ela a comprou e vestiu só pra mim... É apenas um pensamento, mas que me deixa duro como ferro.

- Não quero mais falar sobre essa coisa do vaso, tá? - dengosa.

Enfio minhas mãos entre pele e roupa para apertá-la contra mim.

- Que vaso?

A gargalhada faz sua garganta tremer, e é nos lábios que sinto sua risada, enquanto beijo seu pescoço do ombro ao queixo. O roçar de virilhas, o cafuné na sua nuca, o beijo na minha boca. Estamos despídos quando chegamos aos lençóis e embora eu queira muito ver a segunda parte do *meu presente*, Mia logo se cobre com meu corpo, escondendo sua nudez como sempre faz.

Tiro suas roupas íntimas dependendo mais do tato que da visão, porque o erotismo nunca exige um sentido quando pode depender do outro. Faço amor com Mia por horas. Não consigo me impedir de beijar seu corpo inteiro, depois que alcanço o orgasmo, e a fricção de minha boca com sua pele logo me põe ereto mais uma vez. Sou lento e preguiçoso, em todos os toques, nos beijos, no movimento que faço quando estou dentro dela. Amélia me envolve com as coxas e os sussurros, ficamos tão pesados, nós dois, de desejo que ele transborda, sujando os lençóis.

Quando terminamos, estamos sozinhos na cama. Travesseiros e cobertores nos abandonaram, foram expulsos do colchão pela animosidade dos

movimentos, que atingem o ápice de sua brutalidade exatamente no instante que menos conseguimos nos impedir.

O vinco de seus dentes em meu ombro, o roxo de meus beijos em seu pescoço, suados e esgotados, marcamos um ao outro não por exigência de posse, mas por falta de autocontrole.

Beija meu peito e se esconde em meu abraço. Murmura algo sobre tomar um banho e sei que vou precisar carregá-la até o chuveiro ou irá dormir ali onde está. Vai acordar horas depois, de madrugada, incomodada com o grudar de corpos suados e arrastar nós dois para a água, independente da sonolência.

Conduzo seu corpo mole para debaixo da água e só não a como de novo porque sou humano e me faltou potência. Então, limito-me a lavá-la com cuidado, mas não muito porque a água fria pede celeridade. Ela colabora apenas o suficiente para que eu não abandone minha missão, evitando provocar-me. Tivesse me deixado acender as luzes, poderia vê-la, agora, ao menos. Mas nem isso me foi permitido. Trabalho apenas com a nesga de luz que atravessa a fresta da porta entreaberta.

Seca e enfiada em uma de minhas camisas, Mia deita sobre mim. É assim que ela dorme quando estamos juntos: fazendo-me de colchão. Eu não conseguiria me incomodar nem mesmo que me esforçasse. O peso macio de seu corpo e o modo como suas curvas se encaixam às minhas é suficiente para me inundar de paz.

Enfio o nariz em seus cabelos e acho que durmo antes dela.

Consigo ver sua calcinha por baixo da camisa comprida quando ela entra na cozinha, de manhã. É uma dessas largas que quase parece um pequeno short, desenhando sua bunda como se fosse uma segunda camada de pele.

- A gente vai conversar sobre a água fria? - provoco, quando ela passa, me dando um beliscão na perna.

- Não.

- Mia, *todo inverno* é a mesma coisa! Você não pode ligar o chuveiro no mínimo desse jeito, meu amor. Queima a resistência toda vez.

- Já comprei uma nova para você trocar.

- A questão não é essa...

Amélia rouba a torrada do meu prato assim que acabei de passar a geleia.

- Lembra da época em que você me dava comida? Saudades. - brinco.

Ela rouba mais uma torrada e pisca um olho.

Segunda-feira é uma porcaria de dia detestável.

Essa casa - *nossa casa* - é meu verdadeiro lar. A maçaneta emperrada no primeiro andar, os travesseiros finos, a antena que não funciona bem em dias de chuva... Adoro cada uma dessas coisas. É minha casa. É o lugar onde eu deito e não preciso me preocupar com nada.

É por isso que segunda feira é um dia de merda.

Ela chega bem gloriosa para dizer que meu fim de semana acabou e preciso ir embora. É especialmente horrível em fins de semana como esse, em que sequer consegui chegar ao sábado.

- Está ranzinza. - ela avisa.

- Detesto segunda feira. - reclamo - Eu e todo mundo. Deviam tirar

essa porcaria de dia do calendário e pronto.

- Aí passaríamos a detestar a terça.

Bebo o café e ela beija minha boca.

- Sempre precisamos detestar alguma coisa, não é? - meu tom moribundo denuncia minhas aflições.

- O que aconteceu?

- Nada. - ergo o ombro - Só vou ficar com saudade. - estico-me para mais um beijo, mas não a convenci.

- Leo?

- É o trabalho. Aconteceu uma coisa desagradável.

- O que foi? - ela estica a mão sobre a mesa, faz um carinho gentil em meus dedos enquanto espera minha resposta.

De todas as interações que já tive em minha vida, essa, com Mia, é a mais preciosa. É ridículo de descrever... é como se ela tivesse o dom de acalmar meu núcleo. Não importa qual seja a turbulência, basta olhar para ela e tudo se dissolve.

Você é meu lar.

- O chefe. - limpo a garganta - Da empresa. Demitiu um monte de gente. Foi uma decisão técnica para economizar dinheiro e aumentar os lucros, mas... tem muita gente insatisfeita.

- Nossa. - ela aperta meus dedos. Mia é minha âncora. Às vezes, eu sinto como se fosse me perder à deriva se não fosse por ela, se não fosse aquela casa de telhado inclinado em uma cidadezinha de beira de estrada - E não há algo que se possa fazer?

- Não. Foi uma decisão da gerência. O chefe falou e está feito. Deu um discurso no dia e tudo. Falou que estava muito triste, mas precisava ser feito.

- Ele não tem dinheiro para manter esses funcionários?

- Não... Não é isso. Ele está... terceirizando.

Mia hesita.

- Então vai demitir as pessoas que já estavam com ele para contratar outras? Isso parece horrível.

Engulo em seco.

- Foi uma decisão técnica. - repito baixinho.

- Tenho certeza que foi. - dá de ombros - Acho que tem gente no mundo que é assim.

- "Assim" como?

- Dá mais valor a dinheiro que a pessoas.

- Você faz parecer simples. - ponho-me de pé - Mas não é. Às vezes, aumentar o lucro agora pode significar mais empregos amanhã.

- E é isso que essa decisão da gerência vai fazer? Criar mais empregos?

- Bem... - engasgo - Não... Quer dizer, talvez. É o objetivo. Quero dizer, quanto mais a empresa cresce mais empregos ela cria, não é?

- Umhum... mas um emprego no próximo ano não alimenta pessoas agora.

Mordo meu lábio inferior.

- É muito fácil pra você dizer isso. Você não entende que preciso dar satisfação a um monte de gente. Não entende a quantidade de ramificações de cada decisão que...

- Leo, calma. Não estou falando do seu trabalho, tenho certeza que você faz o melhor que pode, amor. - levanta-se, preocupada. O carinho que faz em meus braços não me acalma porque estou encarando o equívoco que acabei de cometer - Não é culpa sua, Leo. Não precisa defender o seu chefe, sabe?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Espremo os lábios e balanço a cabeça devagar.

- Senta e termina seu café? - pede, carinhosa - Tem uma estrada longa, sabe que fico preocupada se não comer direito.

Eu me sento, mas não sinto fome.

- Meu pai costumava dizer que um bom chefe trata seus funcionários como se fossem família.

- Seu pai era um homem sábio.

- Mas é hipócrita, não é? - murmuro - Não dá pra misturar negócios com emoções. É como dizer a uma prostituta que você a ama.

- Nossa, isso foi ríspido. - abre os olhos.

- Mas a vida é ríspida. Veja o nosso chefe: ele tomou uma decisão profissional de demitir toda essa gente, e em seguida tomou uma decisão pessoal de ir lhes dar satisfação diretamente. Agora, todos os funcionários o odeiam e atacam na rua por aplicar uma diretriz da empresa.

- Não é certo atacar alguém por qualquer motivo que seja.

- Exato! E ele só estava fazendo o que a empresa precisa. Não pode ser punido por...

- Leo... - Mia balança a cabeça - Pare, amor.

- O que eu fiz?

- Leo. - Mia toma minhas mãos e me encara como se eu fosse uma criança pequena - *É só dinheiro.*

- Han?

- É só dinheiro. - repete - Dinheiro não é mais importante do que pessoas. Se uma empresa grande pode pagar seus funcionários, deveria mantê-los, mesmo que lhe custasse um pouco mais. Mesmo que reduzisse os lucros de algum figurão no final da cadeia alimentar. *É só dinheiro.* Não defende esse tipo de conduta como se seu chefe estivesse fazendo apenas sua obrigação. Tenho certeza que ninguém colocou uma arma na cabeça das pessoas e as obrigou a demitir tanta gente. Foi uma decisão consciente e horrível que poderia ser evitada se a gerência tivesse colocado pessoas acima de dinheiro. Não tenta defender. - pede.

- Você faz parecer simples.

- Talvez *devesse ser* simples.

Não tenho uma boa resposta para isso.

Não tenho resposta nenhuma.

Beijo sua mão e deixo meu olhar cair.

- Tem dias que eu detesto meu trabalho.

- Toda segunda feira? - usa os dedos como uma pinça para prender meu nariz.

- Toda segunda feira. - sorrio.

- Devia pedir demissão.

- O quê?

- Você não gosta do seu trabalho, Leo. É perceptível. Devia pedir demissão.

- Nós precisamos do dinheiro. - lembro.

- A gente dá um jeito.

- Que jeito, Mia? - rio.

- Não sei. Mas te prometo que damos um jeito. Devia pedir demissão. Acabar com esse sofrimento. Eu ganho suficiente para sustentar a gente por um tempo, sabia?

Eu sorrio.

Não é condescendência ou sequer pena de sua inocência diante dos fatos.

É só amor.

- A gente pode vender tudo. - sugere - E ir pra São Paulo.

- O quê? - engulo em seco. Essa parte é problema.

Mia ergue um ombro, seu trejeito mais característico.

- Tenho pensado nisso. - murmura, tímida - Estela está em São Paulo, vovó foi embora pra Minas... E sem o Gustavo, eu... eu não tenho mais ninguém aqui. Fico pensando que talvez seria mais fácil se morássemos em São Paulo. Eu ficaria perto da Estela, poderia te ver mais tempo e tem cursos muito bons lá, sabe?

Ela tem bons argumentos.

E eu tenho pesadelos lúcidos de uma ida ao cinema com Mia se transformando no meu inferno astral ao cruzar com um conhecido pelos corredores do shopping.

- Mia, não acho uma boa ideia.

Ela acena, envergonhada.

- Foi só um pensamento.

Por que está com vergonha?

- Acho que devemos fazer isso, um dia. - explico - Mas... *não agora*. Vou precisar viajar muito nos próximos meses... Ia morrer de preocupação te deixando, sozinha, em uma cidade estranha. Mesmo com a Estela. Você sabe como pode ser inocente, Mia. Eu ia morrer de ansiedade sempre que precisasse te deixar sozinha lá.

- Eu sei. - seu sorriso é frio e triste - É só que... eu já estou sozinha aqui, Leo.

Suas palavras cortam meu coração.

Bem fundo.

Como se uma lâmina salgada tivesse atravessado meu peito, apenas para se certificar que, além de me matar, iria doer.

Ela se levanta para pegar uma maçã e eu a puxo para o meu colo. Estico os dedos para o seu rosto em um carinho quente até perceber seu sorriso. Ainda é tímido e discreto, mas pelo menos é um sorriso.

Não suporto vê-la entristecida. É mais forte do que eu.

- Não ia te contar isso agora. - seguro sua coxa - Ia ser uma surpresa... Mas vou tirar férias no próximo mês.

Mia abre os olhos, feliz.

- Você *nunca* tira férias! - aperta minhas bochechas.

- É. E não é só isso. Tem mais uma novidade. Está pronta?

- Estou. - envolve meu pescoço com um braço e eu aperto o toque na carne de sua perna.

- Vamos viajar. - decido - Eu e você.

- E para onde vamos?

Não respondo por um segundo para criar tensão.

- Cancun. - murmuro.

Mia solta meu pescoço e o meio sorriso se transforma em um queixo caído.

- Está mentindo.

- Não estou.

- Não brinque com as emoções de sua mulher, Oscher! Não é seguro. - move-se em meu colo para observar-me. Tem certeza que estou apenas brincando e espera encontrar uma reação que confirme a *pegadinha*. Mas está errada: estou falando sério. Muito sério.

- Daqui a cinco semanas. O que me diz?

- Está mentindo! - leva a mão a boca - Está falando sério?

Começo a rir. Mia está vibrando em meu colo.

- Cinco semanas.

- É por isso que me fez tirar o passaporte ano passado?

Não... aquilo foi por segurança.

- É! Estive economizando e agora estamos prontos.

- Leo! Tem certeza?

- Absoluta. Vamos ficar lá por dez dias. O que acha?

Amélia aperta minhas bochechas com tanta força que acho que vai levar um pedaço delas embora. Grita algumas palavras agitadas de descrença antes de me encher de beijos por toda parte. Envolve meu pescoço em um abraço vigoroso antes de se afastar e beijar minha boca. É aí onde ela mais se demora. Escorrego meus dedos em sua coxa, subindo o carinho até a calcinha larga.

Mia ofega em meus lábios.

- Tem certeza que precisa ir? - geme, dengosa.

Espremo os olhos de raiva ao olhar para o relógio e perceber que já estou atrasado.

- *Detesto* segunda feira.

Heloísa escolheu uma loja chique e cara, é óbvio.

- O que acha desse? - aponta para o relógio de coluna de dois metros de altura.

Torço o nariz.

- Alguém ainda tem um desses em casa?

- É elegante, Leonardo. - ralha.

Você não duvidaria de meu parentesco com Heloísa, não importa qual seja o ambiente. Nossa aparência é similar de um jeito que apenas fraternidade sanguínea pode produzir. Do tom de cabelo a tez da pele, somos *muito* irmãos.

Ela, no entanto, preserva com cuidado a atitude esnobe que eu lutei para extirpar.

- Precisa lhe dar algo caro e fora da lista. - decide.

- Não entendo o porquê de nenhuma dessas duas coisas.

- Caro, porque você é rico e todo mundo sabe. Se comprar algo chulo, vai parecer que não lhe prestigia. E fora da lista, porque Sara é rica e todo mundo sabe. Ela pode comprar tudo que está na lista de casamento, sem problemas. É melhor ser original e memorável. Principalmente considerando que...

Ela não termina a frase de propósito.

- O quê?

- Bem, você sabe. - dá de ombros.

- Não, não sei.

- A coisa toda com você... a Sara...

- Helô, fala comigo como se eu não fosse onisciente?

- Você e a Sara tiveram um relacionamento. Se não der um presente apropriado no seu casamento, vai parecer que guarda rancor. Não é a mensagem que quer passar.

A etiqueta da sociedade moderna me causa tonturas.

- Não tive um relacionamento com ela!

- Não teve? - ergue uma sobrancelha.

- NÃO!

- Nunca?

- Heloísa... - coço a testa, impaciente.

- Tá, mas não importa. Todo mundo acha que teve.

- E "todo mundo achar que teve" é mais importante do que "o que realmente aconteceu"?

- Ai, Leo. - agora é Helô quem aparenta impaciência - A gente pode não ter essa conversa?

- Que conversa?

- A conversa em que você tenta advogar que o importante é a verdade, ou como as pessoas são por dentro. É hipócrita, faz isso para se sentir superior a mim e minhas superficialidades.

- Helô...

- Eu sei o que você e Matheus acham de mim, está bem? Mas, apesar de todos os seus melhores discursos, ainda compram roupas caras para as festas e buscam presentes de casamento porque é o que manda a ótica. Vocês se importam com aparência tanto quanto eu, a única diferença é que eu não tento esconder. Então: sim, todo mundo acha que você e Sara se envolveram e, sim, todo mundo vai achar que ainda gosta dela se não lhe comprar um presente apropriado. Agora, irmão querido, eu posso te dizer exatamente o que comprar para passar a mensagem certa. Você pode me obedecer e ficar em paz, ou pode fazer o que mandar a sua consciência e passar a próxima década ouvindo a mamãe dizer que você é apaixonado pela Sara. O que vai ser?

Seus olhos azuis são intensos e impiedosos.

- O relógio de coluna, então?

- É uma possibilidade. - sorri diante de minha desistência - Mas preciso olhar melhor. E vai me contar?

Caminha entre as gôndolas de produtos lapidados em cristal: castiçais, caixas de joias, luminárias e uma vasta coleção de taças para todos os tipos de bebidas. Aqui e ali, para diante de um artigo selecionado para inspecioná-lo melhor. Observa o preço e isso me diz que o valor da peça deve fazer parte da mensagem, já que Heloísa não se preocuparia com esse quesito por nenhuma outra razão.

- Contar o quê? - pergunto.

- Por que nunca ficou com a Sara? Você sempre foi descarado e ela sempre foi louca por você.

- Acho que respondeu sua própria pergunta, *maninha*.

Ela investiga meu semblante buscando mais pistas. Não encontra.

- Tudo pronto pra festa? - mudo de assunto, porque esse não tem como acabar bem.

- A minha? - seu sorriso se expande. Seu aniversário sempre é seu assunto favorito no ano. *Todo ano* - Claro que não! Ainda há um milhão de coisas pra fazer e estou pensando em mudar o tema.

- A dois meses da data? Não está muito em cima?

- Eu consigo fazer milagre. - pisca um olho.

- Nunca duvidei. Quantos dias vai durar dessa vez?

- Três, como manda a tradição. Vai trazer alguém com você? Ainda não respondeu ao convite. A Sara, talvez? - provoca, com uma língua sapeca e eu reviro os olhos.

- Dá pra esquecer esse assunto? Porque se a mãe chega e te escuta...

- Tudo bem. E vai me explicar o que houve com a camisa?

- Que camis... - a camisa. Estou usando a camisa que Mia me deu. É claro que o olho treinado de Heloísa já percebeu algo estranho - Qual o problema? Não gostou da cor?

- Comprou isso onde?

- Faz diferença?

Ela ri e desiste.

Essa é a melhor qualidade de minha irmã diante de nosso contexto: ela não liga. Na verdade, suspeito que só tenha se interessado em me ajudar com o presente de casamento de Sara porque o seu status social está diretamente vinculado ao meu. Enquanto eu for o "solteiro infisgável", sua popularidade está blindada. Mas se eu for o cara que lambe as feridas porque a mulher que ama se casou com outro, ela vai ter que lidar com o ricochete.

Vejo mamãe assim que ela cruza a porta de entrada da loja. Oferece a bochecha para receber beijos de cada um de nós antes de perguntar se já escolhemos.

- Acabamos de chegar. - garanto - Mas estou pensando que o relógio de coluna pode ser uma boa ideia.

- Oh, sim! - ela aprova - Um excelente presente. E fora da lista!

Sorrio para minha irmã e ela me oferece uma piscadela secreta como resposta. Posso não falar o dialeto das duas, mas é bom saber que tenho uma interprete.

Toco em um dos castiçais de cristal que Heloísa ignorou.

Sara vai se casar.

Depois de quatro meses de namoro.

- Vocês não acham que Sara está indo rápido demais com esse cara? - penso em voz alta - Como é o nome dele?

Mamãe e Helô se entreolham.

- O que quer dizer com isso?

- Quero dizer que Sara sempre foi tão metódica. Quatro meses parece pouco tempo.

- Sabe há quanto tempo estão juntos? - Heloísa faz uma careta de receio.

- Claro que sei. Ela me disse, semana passada, quando nos encontramos.

- Se encontraram na semana passada? - mamãe junta-se a minha irmã em seu interrogatório.

- Nada oficial. - sorrio - Nos esbarramos em um evento.

- E falaram sobre relacionamentos?

- Meu Deus, qual o problema de vocês duas? - estou rindo - Foi só uma pergunta! Preocupei-me que talvez ela estivesse se jogando nesse casamento rápido demais.

- Se preocupou? - mamãe indaga.

- "Se jogando"? - Heloísa faz coro.

- Esquece. - peço - Foi só uma pergunta.

- Leo, querido... - mamãe toca meu peito e eu já estou revirando os olhos em antecipação - Se sente algo por Sara, deveria...

- Mãe, não é isso! - aperto seus braços maternos - Foi só uma pergunta! Eu juro!

- Tenta não fazer esse tipo de pergunta durante a festa, hein Leo?

Estou prestes a ridicularizar o comentário de Helô quando sou interrompido.

- Senhora Oscher! - a dona da loja se aproxima para nos atender. É uma mulher pequena de cabelos fortemente coloridos - Procurando algo especial?

- Um presente de casamento, Odete. - gagueja, ainda com os olhos em mim. Já estou arrependido de minha pergunta - Para uma pessoa muito querida!

- Ah, então por que não me seguem? Tenho algumas peças raras que

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

guardo só para os meus clientes mais exclusivos! - pisca um olho e nos convida com um gesto.

Guia nossa pequena comitiva através de portas duplas de mogno para um aposento menor com ares de escritório. AS mesas de madeira longas estão repletas de itens antigos que levaria Mia e sua avó às lágrimas.

- Nossa! - o modo como Heloísa une as mãos me causa calafrios. *Ela vai fazer uma feira.* E eu vou acabar pagando por mais que apenas um presente de casamento... - Leonardo, olha que coisa linda!

Não olho porque minha atenção já está dominada por uma porção de livros antigos, edições de colecionador em encadernações únicas. Bastaria uma desses para enlouquecer minha esposa pelo resto da vida.

Estou entretendo um meio sorriso quando mamãe me chama.

- É esse aqui! Esse é o presente que deve dar para Sara.

A peça que ela tem nas mãos arranca-me o sorriso, a alegria e a compreensão.

Mas o q...

O vaso francês é simples e elegante, adornado por nada além de figuras miúdas de abelhas em alto relevo, que se espalham em uma espiral da base ao topo, compondo imagens que lembram arranjos florais.

Eu conheço aquele vaso.

Sei *exatamente* que vaso é aquele.

Toco a peça ainda sem acreditar.

- É incrível, não é? A qualidade do material.

- Está certa! Tem que levar esse, Leo.

- É por isso que adoro antiguidades! - mamãe agradece Odete - Há algo surpreendentemente original em coisas antigas.

- É a história por trás delas. - a dona da loja sorri - Dá pra sentir na peça. Torna-a única.

- Exato!

Eu estou com a boca aberta. Não digo qualquer coisa porque ainda não consegui decidir exatamente qual o nível de minha indignação.

Busco a etiqueta branca na lateral e, ao ler a cifra de quase quatro mil reais, decido que estou obscenamente ultrajado.

- De onde vem esse? - balbucio, arisco.

- É uma peça francesa. Século XIX.

- Belíssima. - mamãe e Heloísa movem o vaso sob a luz.

- Não, não. - limpo a garganta - Quis dizer onde *você* comprou esse?

- Oh, temos uma variedade de fontes de contribuição. Muitos locais diferentes. É um trabalho de garimpagem encontrar peças assim, é preciso ter intimidade em certas comunidades.

- Quase um trabalho de explorador! - elogiam.

Claro que usaram a palavra no sentido de "desbravar novos caminhos", mas eu sinto um mau gosto na boca traduzido pela sensação de que "explorador" é uma palavra ótima para descrever essa mulher.

Odete. Mamãe a chamou de Odete.

Mordo o lábio.

- E em qual *comunidade* você encontrou esse?

- Perdoe minha memória, senhor Oscher. - ela sorri, graciosa, mas eu não estou disposto a fazer novas amizades - Não recordo exatamente de onde vem, mas posso garantir que sempre somos muito minuciosos com a procedência de nossas peças. Posso verificar no registro se sua curiosidade insistir.

- Ela insiste.

- Leo! - mamãe recrimina - Que diferença faz?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Que diferença faz?

Amélia foi roubada.

Teve sua loja descaradamente furtada por uma meliante que fez uso até mesmo da doença de seu irmão para não precisar pagar um punhado de centenas, enquanto pretendia revendê-la por um punhado de milhares.

Um ardor doentio invade minha garganta.

- Não vou comprar nada, hoje, obrigado. - decido, com um sorriso apático que dedico apenas a inimizades.

- Leo! - as mulheres de minha família estão ao meu redor, mas eu já comecei a me afastar.

Fecho minhas mãos em punhos para impedi-las de tremer.

Sabe quando você está jogando sinuca com os seus amigos e um deles puxa um assunto constrangedor só para tirar sua atenção e te fazer errar a tacada? Não é uma ilegalidade... mas você fica morrendo de vontade de lhe enfiar um murro, ainda assim.

E é isso que Odete fez. Ela roubou minha concentração. Tirou meus pontos. E age como se nada tivesse acontecido, oferecendo seu cacete de sorriso gracioso estampado na sua cara cínica.

- Leo, o que aconteceu? - Heloísa me segura pelo pulso quando estou marchando para longe de Odete engolindo as ofensas que não posso lhe fazer.

- Nada. Mas não compre nada aqui, Helô. Entendeu? Não compre nada.

- Mas... e o presente da Sara?

Dou de ombros.

- Vou comprar algo da lista.

Carboidratos e vitaminas são uma coisa do passado.

Quando chego de volta ao escritório, estou funcionando a base de cólera e indignação. Leonardo Oscher, o trem a vapor, cuspiendo fumaça em seu trajeto pelos corredores.

Não lembro de já ter sentido tanta fúria em minha vida. De verdade: nem a merda toda com o Fernando me deixou tão emputecido quanto ver o vaso de Mia sendo hiperfaturado. Tem pouca coisa nessa vida que dá tanta satisfação quanto expor gente mentirosa, e gritar para Odete que eu sabia exatamente o que ela estava fazendo seria alívio nível orgasmo.

Mas não dava para revelar a mentira dela sem expor um bom pedaço da minha.

Só percebo que estive prensando minha mandíbula com força quando ela começa a doer. Queria ser fisicamente capaz de me dar um chute, porque é isso que eu mereço. Talvez eu peça ao Diogo que me dê um murro de novo.

- Leo? Está pronto? - Amanda ergue a sobrancelha, curiosa.

Compreensível.

Estou andando de um lado para o outro como um personagem de cartoon. Se fosse o coitado, já teria rasgado um buraco no chão.

- Estou. - murmuro, esfregando os olhos e então... - Estou! - rosno, decidindo coisas demais em tempo de menos.

- Tudo bem... - ela observa-me de soslaio, cheia de incerteza - Você está bem?

- Ótimo. - tomo sua frente para nos conduzir a sala de reuniões. O grupo que nos aguarda é reduzido, mas vai servir - Não vamos fechar a fábrica. - decido, antes mesmo de alguém fechar a porta.

Os olhares de todos os presentes se voltam para mim. Tenho certeza que pelo menos dois deles estão esperando a deixa para gargalhar, assim que eu anunciar que é uma piada.

- Passem a informação para os sindicatos e a gerência. A fábrica continua como sempre esteve.

- Leo... Isso já foi resolvido. Toda a documentação já foi encaminhada, o investimento já foi feito e...

- Amanda. - coloco minha voz de volta nos eixos, mas a cólera ainda flutua no ar. Não consigo guardá-la para mim. É muita, escapa junto com as palavras - A fábrica não vai fechar. Não vamos demitir ninguém. Não vamos exportar um trabalho que pode ser executado bem aqui por pessoas que já estão conosco há muito tempo.

- Senhor. - um dos diretores se manifesta. É um dos que esperava gargalhar. Não está rindo agora. É bem mais velho do que eu e sei que me ressentirei pelo simples fato de precisar me chamar de "senhor". - Essa decisão foi tomada com o objetivo de garantir um lucro de duzentos e cinquenta milhões. Não podemos desistir de uma projeção assim.

- Em dez anos. - corrijo - Centenas de milhões em dez anos. Dinheiro daqui a uma década não vai alimentar pessoas agora.

- Senhor Oscher - ele, assim como eu, não consegue impedir a careta de repulsa. Não o julgo. - Com todo o respeito, *senhor*. Mas não estamos nesse negócio para *alimentar pessoas*. Estamos aqui para garantir lucros.

- Nestor, somos uma empresa de produtos alimentícios e bebidas. Estamos aqui *exatamente* para alimentar pessoas.

- Você entendeu o que eu quis dizer! - resmungo - Nossa prioridade é garantir uma margem de lucro alta para a empresa. Algumas pessoas vão ser prejudicadas no meio do caminho, é inevitável. É assim que negócios são feitos, Oscher. É assim que se ganha dinheiro.

Respiro fundo.

Todos os olhares da sala estão sobre mim.

Amanda parece verdadeiramente perdida.

- É só dinheiro. - murmuro.

- O quê?

- Eu disse que "é só dinheiro". Não vamos colocar dinheiro acima do bem estar das pessoas. A OM3 nos dá nada além de lucros por décadas. Podemos arcar com um pouco de peso extra se isso significa manter a salvo pessoas que já deram seu suor por nós.

- Leo... - Amanda experimenta - Eu realmente preciso te aconselhar a falar com seu pai sobre isso, talvez...

- Vai ser assim como eu disse, Amanda. A fábrica fica aberta. Organize. Ah! - lembro - E vou tirar férias. Dez dias no próximo mês. Preciso que adiante qualquer documentação ou assunto que exige minha atenção. - aceno e espero que ela confirme ter entendido - Muito bem. Agora que isso já está resolvido, qual o primeiro item na pauta?

Fernando

Nestor está me ligando.

Desde que fui *demitido* da OM3 pelo meu querido irmão, as únicas

ligações que recebo da diretoria da empresa são de caráter pessoal. É por isso que atendo Nestor com ofensas fraternais. Eu o chamo de *corno* porque sua esposa é gostosa. Ele devolve, às vezes. É nossa piada interna. Mas sua esposa é mais gostosa que a Tatiana, então eu tenho esperanças de concretizar minhas ameaças enquanto ele deve estar, de fato, apenas brincando.

- Sua esposa acabou de sair, Nestor. Ela já deve chegar aí pra você. - brinco.

Ele ri alto.

- A sua ainda vai demorar mais um pouco, Fernando. Me chupou errado, teve que começar de novo.

Devolvo a gargalhada.

- Está ligando para o quê? Quer perder mais umas partidas de tênis? Ou é golf esse fim de semana?

- Infelizmente, nenhuma das duas coisas. - ele limpa a garganta com sua mudança de assunto - Nós precisamos conversar.

Seu tom sóbrio e profissional indica que a ligação, dessa vez, não é mais pessoal.

Puxo minha camisa, ajeitando-me no sofá.

- O que houve?

- Acho que você estava certo. Tentou nos avisar que o Leo não seria o melhor caminho para a empresa e... apesar de sempre respeitar o julgamento do seu pai... começo a me ver concordando com você.

- O que ele fez agora? - mordo o lábio.

- Uma porção de decisões erradas que vai nos custar uma boa fatia de lucros. Não gosto quando mexem nos meu lucros, Fernando.

- E quem gosta? O que posso fazer por você?

- Acho que precisamos nos encontrar para um almoço. Uma reunião longa em um lugar discreto.

- E o que vamos discutir nesse almoço?

Ele demora muito tempo para responder, meu coração para de bater.

- Vamos discutir um golpe. É um problema para você?

- Não. - respondo depressa - Problema algum.

- Ótimo. O problema é que o moleque é *dono de tudo*, então vamos precisar ser cuidadosos... não sou da família, como você. Se isso der errado, vai ficar muito mal pra mim.

- Vou ser discreto. Pode confiar em mim.

- Não confio em você pra nada! - ri - Mas nesse assunto específico sei que seu interesse é maior que o meu. E tem mais uma coisa.

- O que foi?

- Ouvi rumores de que você contratou um detetive, um tempo atrás. Para buscar detalhes úteis sobre o Leo.

- Talvez sejam verdadeiros.

- Espero que sim. Porque vamos precisar de algo atômico se a intenção for nos livrar dele. Você ainda está com esse detetive?

- Não. Tornou-se irrelevante depois que a antecipação foi concluída.

- Entendo. - ele respira longamente - Fernando, o que você acha de contratá-lo de novo?

Estou sorrindo.

- Nestor... Acho uma ótima ideia.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

20.

Cinco semanas depois...

Leo

Eu acordo antes de Mia. Era noite quando chegamos ao hotel e eu *preciso* ver sua reação quando abrir as cortinas e encarar aquele mar pela primeira vez.

A zona hoteleira de Cancun fica em uma faixa estreita de terra no meio do mar. Da janela do nosso quarto, Mia vai se ver cercada pelo oceano azul por todos os lados. É uma visão poderosa e, quando ela a experimentar pela primeira vez, quero ter certeza que não vou perder.

O hotel é um quatro estrelas, antigo, mas preservado. Não é o que eu normalmente ficaria, mas já usei a desculpa do "consegui um desconto" para as passagens de primeira classe e não quero abusar da sorte.

Ainda estou sem camisa quando ligo a cafeteira na antessala. Estou rindo sozinho, na penumbra, ao lembrar do voo.

Mia nunca tinha viajado de avião e seu misto de medo e excitação foi algo curioso de assistir. De lá pra cá, o único momento em que consegui parar de sorrir foi quando estive dormindo.

Sobre minha caneca quente de café fresco, e além da porta entreaberta do quarto, eu a vejo. As coxas escapando do cobertor, entrelaçando sua pele aos lençóis.

Amo minha esposa mais que a vida e é por isso que não consigo parar de sorrir: tenho - por motivos egoístas e evidentes - poucas oportunidades de mima-la e, mesmo que estejamos nessa viagem há menos de um dia, já foi suficiente para perceber que vai se tornar um de meus hobbies favoritos.

Talvez devesse contar tudo para ela aqui.

Talvez devesse continuar a mima-la imediatamente.

Bebo o café devagar.

Ela se mexe na cama e eu abandono minha bebida para cobri-la com meu corpo. Engatinho sobre coxas e lençóis até alcançar seu ombro,

traçando beijos por suas costas até a nuca. Mia geme, enfiando o rosto no travesseiro e sorri.

- Bom dia. - deito sobre ela, pesado.

- Ai. - reclama, rindo - Sai.

- Ah, então você pode me usar como colchão todas as noites, mas não pode retribuir a gentileza?

- Você é pesado. Sai. - meu peito treme com a vibração de nossas risadas combinadas quando rolo para fora dela.

- Bom dia. - tiro seus cabelos do caminho. Ainda está enfiada no travesseiro.

- Esse lençol é uma delícia. - estica-se na cama, experimentando a textura. A roupa de cama deve ter uns seiscentos fios... é isso que ela está sentindo: a qualidade do material.

Escorrego minha mão pelo tecido. Não é egípcio ou eu saberia. No meu apartamento em São Paulo, todos os lençóis são egípcios. Estou pensando em outro presente para minha mulher quando as palavras escapam, safadas, da minha boca:

- Se achou isso bom, você precisa conhecer a minha cama. - engulo-as em choque assim que acabei de dizê-las.

Mia, no entanto, percebe apenas brincadeira em minhas intenções e ri, sapeca, no seu caminho para o banheiro. Está de biquíni, poucos minutos depois, julgando-me por ainda não estar pronto.

Enfio o calção de banho em um segundo.

- Pronto. - pisco o olho - Agora vem até aqui.

- Não! - pede, perto da porta - Vamos descer! Você me prometeu praia, Oscher!

- E é exatamente isso que estou tentando te dar. Deixa de ser teimosa e vem até aqui.

Ela atravessa o quarto a contragosto e eu a pego pela cintura, guiando-nos para as cortinas pesadas que protegem a varanda.

- Vai fazer um truque de mágica? - ri.

- Vou. - beijo seu pescoço antes de abrir as cortinas.

Mia perde o ar.

Acho que perco também... Não lembrava da vista ser tão linda. Ou talvez só seja linda assim porque ela está aqui comigo.

Abraço-a com força enquanto nos recuperamos.

- Meu Deus. - leva as mãos a boca - Meu... Meu Deus. - ri.

- Lindo, não é?

- É incrível! - gira em meus braços para me beijar - Não acredito que estamos aqui! Estamos realmente aqui!

- Estamos! - seguro seu rosto antes de beijá-la lentamente. Mia entrega-se acariciando minha língua com a sua - Melhor a gente descer logo, antes que eu desista. - murmuro, apertando sua bunda.

- Então, vamos! Você *desiste* mais tarde! - sua risada é alegre, preenchendo o aposento inteiro - O que vamos fazer hoje? - seus olhos se abrem forçosamente quando lembra de algo que parece ter ficado levemente esquecido - As ruínas? - exclama, unindo as mãos.

- Outro dia? - arrisco - Vamos vê-las! Prometo! Mas hoje, pensei em ficarmos na piscina, ou na praia. Descansar embaixo de um guarda-sol gigante, beber uma porção de drinks com nomes espanhóis e ficar bêbados?

- Que plano maravilhoso! - aperta meus braços.

- Vamos? - beijo sua boca.

- Vamos!

Deito na espreguiçadeira e peço duas bebidas. Mia ainda está de pé, despe o vestido folgado para colocar-se de biquíni e eu começo a salivar.

- Pare. - ela recrimina, sem sequer olhar pra mim.

- Admirando a vista. É proibido?

Leva as mãos aos cabelos para prendê-los e, sem perceber, alonga o corpo esguio evidenciando suas curvas naquele biquíni pequenino. Não está nua, mas é o mais perto que jamais cheguei de poder vê-la completa, com calma e sob a luz.

É linda, a maldita. Meu Deus.

- Quer que eu dê uma voltinha?

- Por favor. - imploro.

Mas Mia enrola o vestido como um chicote para me bater, e eu percebo que era sarcasmo.

Não se faz sarcasmo com essas coisas, moça. Deixar um homem duro em público não é razão pra brincadeiras.

Ela se deita ao meu lado apenas para beijar minha bochecha.

- Não vai pro mar?

- Ficou louca, mulher? Acabei de deitar. - indico minha situação plena de conforto - E tem um rapaz muito gentil trazendo bebidas geladas. Vou fazer o quê no mar?

Ela morde o lábio e eu vejo. Vejo bem ali, em seus olhos brilhantes.

- O que foi? - peço.

Mia tem um sorriso criminoso.

Meu bom Deus, ela ia responder minha pergunta com uma safadeza! Tenho certeza que ia.

Mas, infelizmente, se policiou e impediu imediatamente.

- O que foi? - seguro sua mão quando está prestes a se levantar.

- Nada! Eu não ia dizer nada!

Fico boquiaberto.

Nossa Senhora dos Maridos Aflitos, o que ela ia me prometer caso eu aceitasse ir pro mar?

Eu conseguia imaginar um sem número de cenários sensuais, eróticos e pornográficos entre eu e aquele biquíni. Mas... sei que minha imaginação é muito mais descarada que a de Mia.

- Fica aí e descansa. Eu já volto.

Deito comportado e a assisto se afastar. Está molhada quando volta, o que torna a vista ainda mais adorável. Tem dias que eu acho que meu tesão por Amélia não é saudável. Mantenho os óculos escuros grudados no nariz para que ela não veja meus olhos fazendo passeios libidinosos por sua pele úmida.

Ela está de olhos fechados, dourando ao sol, mas isso não a impede de murmurar:

- Leo... Pare.

- O quê? O que estou fazendo?

Ela ri. Não me olha. Sabe exatamente o que estou fazendo.

É o problema de relacionamentos duradouros: a outra parte começa a te conhecer como se fosse ela quem te desenvolveu e redigiu o manual de instruções.

O dia é incrível.

Uso "incrível" porque não quero arriscar dizer "perfeito" apenas para azarar nosso momento e assistir tudo desandar. Mas... "perfeito" é a palavra que me vem a boca. E não vejo como nada na Terra poderia destruir essa viagem.

Passamos o dia no resort. Mia me convence a experimentar o mar uma vez ou duas, mas eu confesso que, hoje, prefiro deitar a sombra e assistir seu corpo torneado começar a adquirir os tons de bronze por culpa do Sol.

Terminamos o dia em uma piscina de água quente, isolada da área de lazer principal por uma porção de palmeiras. O Sol está quase se pondo, a praia esvaziou e o pátio monstruoso, com suas sete piscinas, também fica cada instante mais deserto.

Mia está com os braços para fora da água, terminando seu coquetel de frutas apoiado na borda da piscina. Eu a abraço e, embora minha intenção tenha sido inocente, meus braços pesam ao seu redor.

- A gente devia ter feito isso antes. - admito, morno.

- A gente não tinha dinheiro para fazer isso antes. - gira em meu abraço e belisca meu nariz.

Ela é tão linda.

Veja bem: não é porque eu sou apaixonado por ela. Não pode ser. "Paixão" sozinha não pode fazer uma pessoa ficar linda assim. Mia é atraente de um jeito sobrenatural. Eu juro que, às vezes, sei que ela está por perto antes mesmo de vê-la. É como se sua beleza fosse tão poderosa que me atrai de onde for. Ou talvez "beleza" não seja o nome certo... talvez seja uma força profunda, avassaladora.

Seja lá o que for, é um mistério que a ciência ainda não resolveu investigar.

Ela me dá um beijo e pretende me dar outro, mas eu me desvio, porque quero um abraço. Coloco meu queixo em seu ombro e fecho os olhos. Suas unhas encontram minha nuca, seguindo em um cafuné delicioso. Acho que seria capaz de cochilar se não estivesse tão ciente de seu corpo colado ao meu.

- Vamos voltar para cá todo ano. - decido.

- Ah é? Boa ideia. - ri.

- Estou falando sério.

- Sei que está. - dá um beijo rápido em meu pescoço.

Não, não sabe.

Acha que estou brincando.

- Mia. - solto o abraço, mas não a solto por completo - Se eu te pedisse para... para largar tudo e se mudar para cá comigo.

- Para Cancún? - abre os olhos.

- Para Cancún. Você viria?

- Claro que viria! Que pergunta besta.

Sua resposta é alegre e contagiante, mas não é sério. Não pensou em sua avó ou Estela. Não pensou em nada porque não acha que falo sério.

Apoio meu nariz contra o dela e fico ali, respirando suas risadas, enquanto narra o que pretende fazer nos dias seguintes.

Há muitos roteiros associados a valores em sua descrição, mas não me importo.

Fecho os olhos.

Ela vai fazer os passeios que quiser fazer. Todo e cada um deles. Nem que eu tenha que apelar para a desculpa da "promoção" um milhão de vezes.

Vamos fazer o que você quiser, meu amor.

Minhas mãos pesam em sua cintura, testando a curva do seu quadril,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

as laterais do biquíni, a proeminência da bunda. Estou endurecendo, de olhos fechados, experimentando o corpo de minha esposa nas mãos, ganancioso para experimentá-lo na língua.

Mia descreve algo sobre uma cidade próxima, um dos lugares que quer visitar. Beijo a lateral de sua boca. Não quero que se cale porque amo o som de sua voz, acho, inclusive, que seu timbre é culpado por parte de minha ereção, no momento.

Minha mão em suas costas, em sua bunda, descendo a curva entre suas coxas até alcançar sua entrada coberta pelo biquíni.

- Leo! - Mia empertiga-se, assustada com o toque privado que eu lhe faço em público. Olha ao redor temendo testemunhas apenas para descobri-las inexistentes.

- Calma. - murmuro, apertando sua cintura em meu braço enquanto arrisco um novo dedilhar em sua entradinha.

- Alguém pode ver! - agita-se em meu abraço, agarrada aos meus ombros.

- Não tem ninguém aqui. - prometo - E não tô fazendo nada demais.

Tesão tem um jeito de fazer as palavras pesarem. A voz ficar densa. É como se o desejo sexual tivesse a capacidade de dar ao ar uma consistência cremosa. Tudo fica mais lento. Tudo fica maciço.

Mia aperta os peitos contra meu tórax e respira uma única vez para cada movimento do meu dedo.

- Leo... - implora - Não acho que é uma boca ideiaia.

- Deixa eu tentar. - peço, faminto - Deixa eu tentar te convencer.

Uso dois dedos para tirar seu biquíni do caminho do meu toque, e depois uso os mesmos dois dedos para senti-la por dentro.

Seu rebolado é tímido, mas sua boceta engole meus dedos, bem descarada, apertando como se os respirasse.

- Shh. - peço, quando sua respiração se altera.

- Leo. - sussurra, rouca - Alguém vai...

- Ninguém vai ver. Ninguém vai ver. - rosno baixinho - Goza aqui, bem quietinha. Ninguém vai ver, prometo.

Existe uma diferença entre masturbar uma mulher e *fodê-la com os dedos*.

São dois conceitos de naturezas conflitantes, porque enquanto um se resume a provocar, o outro se presta a *destruir*.

Estou duro, me esfregando em sua coxa. Ela mantém abertos os olhos e a boca. Seus peitos movimentando-se com a euforia da respiração mal controlada, espremendo as pernas em uma tentativa louca de dar destino ao tesão que a ataca.

Parece seda, essa minha mulher, gostosa de ter nos dedos.

- Shh. - peço, de novo. Um casal se aproxima a nossa esquerda. Mia ainda não os notou, mas estão entrando na água - Goza, meu amor. - mordo sua orelha - Já to sentindo na tua bocetinha aqui, bem perto. - levo o polegar ao seu clitóris, Mia treme. Ela não tem hábito de escutar certas palavras e eu estou aprendendo bem depressa o efeito que têm nela.

Fodendo com os dedos.

As turbulências na água não me deixaria mentir.

O casal entra na piscina e em quatro segundos seremos descobertos.

Mia morde a boca notando a invasão a nossa privacidade e afasta minha mão depressa. Mas eu cubro sua boceta inteira com minha mão violenta, determinado a leva-la ao orgasmo que está ali, tão perto.

- Não - pede, esfregando as coxas para livrar-se do meu toque e de sua aflição. - Não, Leo. - está ofegando.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Eu me afasto, obediente.

Ainda consigo notar os tremores em seu estômago.

A agonia.

- Desculpa. - imploro. Fraco. Tenho que dar um passo pra trás ou vou roçar em sua coxa molhada até jogar meu leite na piscina.

- É melhor... - gagueja, com os lábios ressecados apesar de inundada em água - É melhor a gente trocar de roupa. Jantar. - murmura, tentando se agarrar a coerência.

Eu aceno.

Não concordo.

Mas acato.

A aflição da piscina acompanhou Mia até o quarto.

Além do banho.

Além da troca de roupas.

Além dos quatro copos de água que bebeu.

Ela não consegue conversar.

Não consegue me encarar sem perder os olhos em meu corpo.

Não consegue manter os dentes longe da boca por muito tempo.

É o tesão dando ao oxigênio a sua típica consistência viscosa.

O que minha esposa parece ignorar é que ela precisa do alívio - dos meus dedos, da minha língua ou da minha carne - para se livrar desse peso que trás preso a virilha como um tumor.

É solução única para o mal que a agrava.

Nenhuma outra vai ter o mesmo resultado.

Insistiu em tomar banho sozinha, eu não sei por que.

Aí quando chega minha vez de me enfiar no banheiro, ela me puxa pelo braço com perguntas bobas sobre restaurantes ou que roupa usar que - eu sei - são apenas distrações para me manter no quarto enquanto ela decide se vai me atacar ou me deixar ir.

Sua doçura me dá vontade de sorrir.

Está indecisa agora, mas quando voltarmos do restaurante, decido eu.

Descasco vestido e calcinha para lambar a boceta suave até seu cheiro me contaminar a razão.

Dou um beijo em sua bochecha e garanto o horário da reserva. Meu mastro ainda está a meia altura e talvez a punheta durante o banho se faça necessária para que eu não chegue ereto na mesa do restaurante.

Estou na porta do banheiro.

- O que ia fazer? - cospe as palavras como se estivesse pensando em fazer isso desde o dia que nasceu.

- Han? - inclino-me para vê-la, retorcendo os próprios dedos, no quarto.

- O que ia fazer *na piscina*? - completa - Se eu não tivesse te impedido.

Ergo uma sobrancelha entretendo um sorriso.

- Acho que você sabe.

Amélia enrubesce.

- Ia mesmo? - incrédula - Faria *aquilo* mesmo em público?

- Te surpreende? - caminho em sua direção - Te surpreende que você vista essa porra de biquíni minúsculo - cheiro sua pele e enfio minha mão na parte interna de suas coxas, logo acima do joelho, subindo... - e eu fique doido de tesão? Sabe o que isso significa, Mia? Deixar um homem "doido de tesão?". Depois de dois anos me enlouquecendo, já deve ter aprendido.

- Mas em público, Leo... - geme.

- "Doido de tesão" significa que eu te abriria em cima da mesa do café da manhã, e te comia com geleia, se você deixasse.

- Na frente de todo mundo?

- Hóspedes e garçons. - mordo meu lábio encarado seus peitos e percebo que Mia não é a única aflita por uma agonia não saciada.

- E o casal - leva as mãos aos meus ombros, suas pálpebras quase caem e eu entendo o que ela quer - que entrou na piscina? Se eu não tivesse te interrompido...

- Tirava teu biquíni na frente deles - não é exatamente verdade, mas minha esposa quer ouvir putarias. Mesmo que não consiga admitir. Então, é exatamente isso que vou lhe dar - Te sentava na borda da piscina pra poder esfregar tua bocetinha até ela começar a babar na água quente.

Mia aperta as coxas e para de respirar.

- E o que mais? - pede, de olhos fechados.

Começo a tirar sua calcinha porque, veja bem, *não existe possibilidade* de eu sair pra jantar sem foder essa mulher até que ela fique crua.

- Por que não me diz o que queria que eu fizesse? - sugiro - Eu obedeço muito bem.

Seus olhos se abrem.

Não.

Não quer dizer.

- Sabe o que eu já percebi? - O carinho que faço entre suas coxas é superficial. Meu dedo resvala em sua entrada úmida despretensiosamente, como se nunca tivesse qualquer intenção de entrar, o mentiroso - Que você é mais safada do que quer admitir. E acho que quero te ouvir admitir.

O movimento que faz é para esfregar os seios em mim. São sensíveis, seus mamilos. Dá pra fazer Mia gozar, alto e rápido, só chupando o carocinho de um e do outro. Toco os peitos que ela oferece, massageando a carne ao redor dos mamilos.

- O que ia me dizer antes de entrar no mar, Mia? - provoco - Tentou me convencer a entrar no mar e sorriu, sacana. Sei que tinha sacanagem na tua boca naquela hora. Não mente pra mim ou eu te fodo sem morder teus peitos.

- Eu ia... - tenta - Eu ia dizer que se viesse, ia ser divertido.

- "Divertido"? E eu sou criança pra fazer algo por diversão? Diz pra mim o que ia fazer *exatamente*.

O carinho em sua carne é só pra provoca-la. Só o sussurro de um toque, ausente qualquer fricção.

- Eu ia te tocar. - promete.

- Dentro da água? Na frente de todo mundo? Sua *safada*.

- Ia ser rápido. - engole em seco.

- Rápido?

- Só pra te provocar.

- Eu não gosto de rápido. - enfio sua mão na abertura de minha bermuda e fecho seu punho ao meu redor.

Put a que pariu.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Preciso fazer um esforço para lembrar do que queria dizer.

- Não tenho uma esposa com uma bunda boa dessas pra fazer as coisas *rápido*. - guio seu movimento em minha extensão - Você ia fazer *devagar*. - fodo seu punho fechado - Eu ainda quero te ver fazer isso, Mia. Ficar pelada e virar uma puta. E puta - enfio o dedo em sua boceta para escutá-la arfar - faz as coisas *devagar*.

A lentidão com que enfio meu dedo médio em sua carne é para tortura-la.

Amélia se agarra a qualquer pedaço de mim que consegue enfiar as unhas e, quando eu enfio o segundo dedo nela, abandona minha ereção completamente.

- Era isso que eu faria se você não fosse uma *santinha*. Te comia na piscina. No mar. Na mesa do café. Te abria como um franguinho assado, passava geleia de morango nessa tua boceta quente e te lambia inteira. E depois me arrependia, porque geleia nenhuma é tão suave quanto esse teu mel.

- Leo... - ela se agarra aos meus cabelos. Tiro o dedo e uso minha mão para ajudar a cabeça do meu pau a invadi-la.

- Shh. - mando - Caladinha. Que agora você não tem mais a desculpa do público pra fingir que não gosta.

Mia geme alto, pedindo mais.

É música isso.

Música da melhor composição.

Movo o quadril e me enterro nela.

- *Ai.... caralho*. - rosno, com dentes semicerrados, sentindo o calor apertado de Amélia. Seguro sua cintura para ganhar tração.

Mia perde-se em devaneios de insanidade, agarrada aos próprios cabelos com o corpo arqueado sobre a cama.

Sequer tirei seu vestido porque eu sou uma anta. Aquele arco que seu corpo mantém, ia fazer os peitos saltarem bem na minha direção. Mordo a carne do decote porque meus dentes estão invejosos e querem participar de algum modo.

Agarro sua bunda e meu instinto é lhe dar um tapa. Uma palmada gostosa na nádega farta para ouvi-la estalar e avermelhar.

Mas é o tipo de coisa que ainda não trouxe pra minha cama e não acho que - com Mia - deveria fazer de surpresa. Então mordo os peitos. Porque isso já me foi autorizado fazer. Isso já me foi até ordenado.

Estou me enfiando em Amélia lentamente. Com força, mas sem pressa. É o argumento.

- Viu como é? - ordeno para suas lamúrias de prazer - Tem que ser assim. Sem pressa. Era assim que eu ia te comer na piscina. Você ia tá gritando até agora.

- Se estivesse me comendo assim na piscina - Mia murmura, suada e vermelha - Eu estaria gritando por *mais*. Porque nessa velocidade eu só tenho vontade de te matar.

Meu sangue ferve.

- Ah é?

Resolvo seu problema imediatamente.

Não apenas para obedecer seu pedido, mas porque suas palavras descaradas aumentaram minha potência sozinhas. Não há remédio. Estou fodendo Amélia como um animal.

Seus olhos reviram-se.

Não estamos mais falando.

Acho que não estamos mais pensando.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

O orgasmo chega e é essa coisa egoísta que torna irrelevante qualquer evento que não seja ele.

Para uma pessoa que não gosta de pimenta, Mia aproveita comida mexicana com muito gosto.

Quer mais assim que acabou o segundo prato e eu peço, sem hesitar.

- Não sabia que você falava espanhol. - rouba minha última quesadilla e eu não sei como ela ainda aguenta comer, porque eu sou um homem bem grande, mas estou em vias de desistir ou explodir.

- Tenho alguns clientes argentinos. - dou de ombros - Acabou sendo útil aprender.

- Fala mais alguma língua?

Outras cinco.

- Inglês, mas o básico.

- Essa eu sabia.

- É?

- Você lê uns artigos em inglês no celular.

- Hm.

Ela me observa por longos segundos. Estamos dividindo o sofá em uma das cabines mais reservadas do restaurante. Meu celular vibra sobre a mesa e ela me encara com o canto do olho.

- Pode atender, se quiser. Não vou reclamar, prometo!

- Não. Sou todo seu. - beijo sua boca.

Além do mais, deve ser a Heloísa me ligando pela milésima vez pra saber quem vou levar pra sua festa de aniversário. E eu devia ter comprado a porra do relógio de coluna pra Sara, porque minha fuga tempestuosa da loja de antiguidades fez não apenas mamãe, mas Heloísa também, achar que eu sinto algo pela noiva. Todas as mulheres da minha vida leram a defesa que fiz a Mia como revolta causada por ciúmes e não havia muito que eu pudesse fazer para combater sua ilusão.

Só me restava esperar que a conversa não chegasse a Sara.

Mas me preocuparia com isso depois... até porque não consigo me preocupar com muita coisa quando essa morena está na minha frente.

- Eu queria aprender. - murmura - Acho uma língua bonita.

- Inglês ou espanhol?

- Espanhol. - sorri - Mas inglês é mais útil, não é? Tive aulas na escola, mas sei menos que o básico.

- Por que não faz um curso? Tem alguns em Itajaúna.

- Leo, você é adorável. - o garçom chega com seu novo prato e ela agradece *em espanhol*, antes de apertar as mãos, satisfeita.

- Por quê?

- Hm? - distraiu-se com a comida - Ah! Porque, às vezes, age como se tivéssemos todo o dinheiro do mundo. Não consertei a pia do quintal ainda, porque não quis gastar dinheiro com o encanador esse mês, e você fala de acrescentar um custo mensal significativo como se fosse nada.

- O que houve com a pia do quintal?

- Entupiu.

Reviro os olhos.

- Sabe porque entupiu, não sabe? - pergunto.
Ela me oferece a língua.
- Não pode jogar balde da faxina ali de qualquer jeito, Mia.
- Leonardo, vamos fazer um acordo. Ou você faz a faxina sozinho, ou aceita, em silêncio, como eu faço a minha parte.
Fico quieto.
- Jogo balde naquela pia em toda faxina, como sempre fiz desde que minha mãe era viva.
- *É por isso que ela entope.* - murmuro.
- O quê? - aponta a faca para mim com um sorriso sapeca.
- Nada não, senhora. - aceno - Vou deixar dinheiro com você para o encanador. Devia ter me dito!
- Não digo. Você sempre prioriza tudo que eu preciso e passa uma eternidade sem comprar sequer camisas novas, mesmo que precise delas para o trabalho.
- Mia. - pego sua mão, esse assunto específico me causa calafrios - Preciso que me diga, está bem? Se estiver precisando de dinheiro para qualquer coisa, preciso que me diga. Vou deixar o dinheiro do encanador com você. Vou deixar dinheiro para o curso de espanhol também. E algo a mais porque não confio mais na sua palavra. - resmungo.
- Leo, não estou *precisando* de dinheiro. É só o normal. O de sempre. Às vezes, a gente tem que deixar alguma coisa pra depois.
- Não, não tem. - engulo em seco. De todas as coisas que minha mentira me obriga a fazer, essa é a que mais me incomoda.
Daqui a algum tempo Mia vai descobrir o que fiz. Vai descobrir que passou um mês sem a pia do quintal porque eu sou um mentiroso e nada mais. O pensamento corrói minhas entranhas.
Ela passa o braço pelos meus ombros e me puxa, exigindo minha boca.
- Está bem, eu aviso. Agora, desfaz esse bico. - lambe meu lábio inferior.
É aí que eu noto algo estranho.
E eu sei que deve ser *bem* estranho porque Amélia normalmente me hipnotiza. Quando ela está por perto - principalmente quando está *muito* perto, como agora, embriagando-me com seu perfume e o volume dos seus cabelos - eu dificilmente consigo notar muita coisa além de seus olhos verdes.
Mas ali, mesmo tendo sua boca na minha, o movimento na mesa ao lado foi perceptível.
O homem não tinha nada que fizesse dele digno de nota. Devia ter quarenta e poucos anos, jantava sozinho.
Talvez tenha sido isso que me chamou atenção: jantar sozinho em um restaurante romântico em um sábado a noite.
Sua expressão corporal não ajudava. Inclinado, como se quisesse ouvir a conversa alheia, mas logo se empertigou de volta, assim que percebeu meu olhar. Chamou o garçom, pediu um vinho. Sorriu. Perfeitamente educado em um espanhol impecável.
Mia seguia a conversa e eu não consigo ouvi-la bem. Ainda estou intrigado pelo homem.
Ou melhor... estou intrigado *pelo fato de ter ficado intrigado*. Confuso, eu sei. Mas é assim que me sinto.
- Leo? - chama minha atenção.
- Hm?
Ela ri e repete a pergunta.
É algo trivial.

Eu respondo.
Esqueço o homem.
Mas não tenho certeza se ele esqueceu de mim.

21.

Oitavo dia de férias. Significa que só temos mais dois.

Não contei a verdade para Mia e, se estou sendo perfeitamente sincero, confesso que *sequer lembrei da verdade* pela última semana. Tem sido como a Lua de Mel que não tivemos. Passamos o dia na praia, mergulhos, passeios de barco, expedições a cidades próximas. Voltamos ao quarto dourados de sol, fazendo amor com os corpos ainda pesados de sal. Mia fecha as cortinas, apaga as luzes, toma banho sozinha... mas meu tesão não sente qualquer fragilidade. Pelo contrário, assim que nos percebo sozinhos, fico duro. Comer Amélia duas vezes por dia vai me deixar desacostumado.

Estaciono o carro no sol. Há pouca opção de sombra aqui e apesar de nossos melhores esforços, não conseguimos sair cedo do hotel.

Por "melhores esforços" quero dizer que tentei não despir minha mulher depois do café da manhã. Mas ela decidiu trocar de roupa, e, na troca, meu desejo por seu corpo foi maior que o desejo de garantir uma vaga na sombra.

Chichén Itzá.

Ruínas de um dos maiores centros urbanos da civilização maia e Amélia não poderia estar mais satisfeita nem que passasse o resto do ano se esforçando.

No começo, ela ainda me puxa pela mão, decidindo nosso curso. Depois de um tempo, resolve que estou atrasando seu avanço e me abandona, não completamente, mas tenho a sensação de que estou sempre rindo e precisando acelerar o passo ou perco minha mulher de vista.

Divirto-me porque sua troca de roupa foi uma coisa abençoada. Trocou a calça jeans por um vestidinho curto que mistura padrões de azul com amarelo, estreito na cintura, e deixa sua bunda em evidência por causa do peso do pano.

Não me incomodo em andar atrás dela, como um tarado discreto. Encarando as carnes do topo de suas coxas que surgem, tímidas, com o balançar dos passos.

Interrompe seu percurso deslumbrado para observar o mapa e eu me

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

aproximo o suficiente para enlaçar sua cintura e colar em sua bunda. Não estou me esfregando nela, mas não escondo que *queria*. É tão gostoso... esse quentinho de uma bundinha redonda aquecendo sua virilha.

E mais do que isso: mesmo depois de anos, a ideia de posso comer essa mulher, me parece surreal. Acho que foi a longa jornada de abstinência o que me fez questionar se algum dia seria possível. E agora...

Agora, ela para pra ver um mapa, sob o sol quente no meio da cidade construída e abandonada por uma civilização antiga, e eu posso colar meu pau em sua bunda, em uma esfregadinha mínima. E é nisso que estou pensando quando beijo sua bochecha e enterro meus dedos em seu estômago como garras: estou pensando em tudo que posso fazer com ela.

Volta a andar e eu sigo meu papel de caçador. Investigando cada um de seus passos com uma atenção especial para o movimento de sua saia.

- Quer arriscar subir? - entrelaço nossos dedos quando chegamos ao Templo de Kukulcan. As laterais da imensa obra arquitetônica são retangulares e retas, como degraus gigantes. Mas há uma escadaria apropriada para os aventureiros com resistência física digna.

- Não. - Mia abre os olhos, apreensiva.

Seu medo de altura.

- Não é tão alto assim. - prometo.

- Trinta metros. - recita - 365 degraus. Um para cada dia do ano.

- Os maias não tinham ano bissexto? - provoco. Mia faz uma careta para minha gracinha e eu logo me desculpo - Vamos! Eu seguro sua mão!

- Estou vendo muito bem daqui, obrigada!

- É só altura, Mia. - mexo em seus cabelos.

- É só uma queda de trinta metros, Leo.

- Tá. Sobe pelo menos no começo pra eu tirar uma foto? Um degrau só?

Pula pra longe de mim com um sorriso quando puxo meu celular. Inclina-se nos primeiros degraus com sua alegria deslumbrante. Duas covinhas.

- Ficou boa? - arrisca.

- Perfeita. - vejo o resultado de sua foto.

Querida essa em uma moldura no meu escritório.

Querida essa como meu papel de parede.

Quando ergo os olhos, Mia se afastou. Está tirando fotos das paisagens com a câmera nova que lhe dei. É uma dessas que troca as lentes e ela aprendeu a usar surpreendentemente rápido. Não imaginei que fosse fazer tanto sucesso: estava enganado.

Tirou algumas minhas, a distância. Achou que eu não estava olhando, mas faço uma pose exageradamente máscula, contraindo os músculos para que saiba que a percebi. Baixa a câmera para me oferecer seu sorriso divertido e estou caminhando para ela quando vejo os dois rapazes ao seu lado, dando mais atenção a bunda de minha esposa que ao templo maia. Quase como se fosse ela a exibição.

Minha alegria dá lugar a uma carranca possessiva quando me aproximo para abraça-la. Encaro os dois meliantes com fogo nos olhos para que saibam que foram pegos.

Mia, é claro, está alheia a tudo. Mesmo quando os rapazes afastam os olhos com sorrisos culpados e seguem seu caminho.

Mia

O Leonardo está *doido* pra voltar pro hotel.

Nunca vai dizer isso, porque me ama e sabe que estou me divertindo aqui. Mas não consigo parar para beber água sem que ele me encoxe. Escondo meu sorriso enquanto tento lutar contra a vontade de empinar a bunda.

Esse desejo do Leo me excita quando me encara como se pudesse babar. Está mordendo os lábios agora mesmo, belisca minha cintura. Respira meu pescoço, causando-me arrepios.

- Pare. - não consigo impedir a risada baixa quando chegamos ao Templo dos Guerreiros.

- Parar o quê? - murmura, sonso. Mas sua rouquidão engana ninguém. Suas mãos nunca estão longe da minha cintura ou quadril. Inclina o corpo, respirando meus cabelos e minha pele sempre que nossos trajetos se cruzam.

- Você sabe. - recrimino, beliscando seu braço.

- Não sei. - sorri, safado - Me conta.

Ao nosso redor, a construção é um *jardim de colunas*. Estruturas de pedra, compridas e circulares, pouco mais altas que eu. Espalham-se pelo campo como uma plantação metódica. Simetricamente espaçadas umas das outras, criando um jogo de sombras a medida que o sol da tarde as atinge.

Dezenas de colunas. Centenas. Enfio-me no labirinto de pedras cinzentas e sei que meu marido está logo atrás. Aperta uma de minhas coxas em uma altura inapropriadamente próxima a nádega. Estou rindo quando me viro para ralar com ele. Dei alguns passos para trás e estou quase longe de seu ataque. Mas Leonardo dá um passo largo para frente e me enfiou nos seus braços. Tomou-me pela cintura como se pronto para tirar minhas roupas e fazer amor comigo ali mesmo.

Em público.

Como já tinha dito que faria.

Tenho seu rosto nas mãos, ele se acaricia com meu toque, manhoso como um gato carente.

- Por que quer que eu diga? - suspeito.

- Porque amo quando você é *safadinha*.

- Não sou safada! - brigo.

- Eu não disse "safada". Eu disse "safadinha". Tem uma diferença enorme! - exagera.

- Ah é?

- É.

Sua mão subiu minha coxa mais uma vez, testando as imediações da minha nádega sob o vestido.

- Leonardo! Pare! - arregalo olhos divertidos para sua ousadia.

Rende-se, fingindo se comportar, mas eu não acredito.

Há poucas pessoas ao nosso redor. Quase nenhuma agora que me aventurei pelo jardim de colunas. Misturados ao cinza, fundo como estamos, estou certa que não somos vistos.

Isso não significa que eu me sentiria a vontade com nudez, mas significa que Leonardo a arriscaria e eu acho melhor nos conduzir de volta à águas mais seguras.

- Você era mais bem comportado quando a gente namorava.

- Eu estou me comportando agora! - defende-se.

- Mas *não queria* estar se comportando.
- Ah, mas quando a gente namorava, eu também *não queria* me comportar.

- Não? - ergo uma sobrancelha.

O modo como me abraça é tão libidinoso que chega a ser imoral.

- Não - murmura, ao beijar o canto do meu pescoço.

Aperto minhas coxas.

Ele tem um cheiro bom.

Mais que "bom"... ele tem um cheiro "poderoso". Eu juro por Deus, ele sabe o efeito que causa. Quando me envolve desse jeito, eu não consigo pensar com razão. É esse beijo que ele me dá no cantinho da orelha ou as palavras doces que sussurra nessa voz grave. As pernas de uma mulher só aguentam até um limite. E o Leo o ultrapassa sem dificuldade.

Preciso me apoiar em seus braços para me manter de pé. Em seus ombros. E ele é todo duro e rígido. Aquela placa de músculos no peito, os bíceps contraídos no braço.

É o cheiro, é o abraço, é o sussurro, é o corpo de homem e o beijo no pescoço.

Não dá pra suportar, sinto muito, eu me rendo.

Estou apertando as coxas e ele sabe exatamente o que isso significa.

- Não devia ter colocado o vestido. - avisa.

- Por que não? - meus olhos já estão fechados a essa altura, pela mais absoluta falta de autocontrole de minha parte.

Sobe a mão pela minha bunda para provar um ponto. Acessa minha calcinha sem nada para lhe servir de obstáculo.

Tremo em seus braços, mas não o impeço.

Seu olhar gira pelos arredores, verifica se estamos sozinhos.

- Adivinha. - murmura.

Mas seus dedos, que antes só beliscavam minha carne coberta prometendo indecências, agora beiram minha roupa íntima desafiando a existência da última camada de pano entre seu toque e minha nudez.

Aperto os olhos.

Queria nos teletransportar de voltar para o hotel.

O quarto fechado e o aviso de "não perturbe".

- Leo, e se alguém...

- Amélia, vamos fazer assim. Você abre as pernas. - sussurra, rouco

- E se alguém se aproximar, eu paro.

- Para de fazer o que?

- Abre as pernas e você descobre.

A maldição é que o tesão - que até então só me fazia contrai-las - parece ter assinado o termo de compromisso em minha ausência, e obedeceu Leonardo, abrindo minhas pernas imediatamente.

- O que vai fazer? - sussurro, nervosa.

Mas ele já ergueu um de meus joelhos esfregando-se no espaço que encontrou entre minhas pernas, fazendo-me descobrir suas intenções assim como prometeu que faria.

Agarro seus ombros.

Gostaria de estar alheia ao fato de que estamos em público, mas a brisa fresca que agora atinge minha intimidade quase que diretamente não me deixa esquecer. O dia termina, deixando cair sobre nós uma luz morna de dourar corpos e vontades.

Leonardo não parece sofrer do mesmo mal que eu: lambe meu pescoço como se fosse água, morde, chupa. Eu não consigo me perder nele porque

estou preocupada com as pessoas, enquanto ele já se perdeu em mim, e acho que não ligaria para as pessoas nem que elas comessem a apontar e gritar.

Sua mão livre agarra minha bunda e eu não acredito que estou fazendo isso.

Alguém vai nos ver.

Vamos ser expulsos do parque.

Da cidade.

Do país.

Tenho calafrios.

- Leo, você tem certeza que isso é uma boa ideia? - gaguejo.

Acho que gostaria que ele me convencesse.

Não tenho certeza.

- Amor. - lambe as palavras em minha pele, olhos semicerrados, girando a combinação de nossas virilhas - Essa é a melhor ideia que um ser humano já teve desde a roda.

Seus dedos atingem minha calcinha. O mero resvalar do seu toque me coloca febril, mas o que me falta de ar, sobra de receio.

- Leo. - seguro seus dedos.

- Mia... - geme, parece estar quase gozando - Não tem problema, olha.

Despe o próprio botão e zíper, tira sua carne rígida para fora, deixa a brisa lambê-lo também.

- Aqui. - conduz minha mão para si e, assim que o atinjo, fecha os olhos com o cair do queixo. Leonardo não se incomoda com *onde* estamos. Na verdade, acho que sequer *se lembra*.

- Leo, eu não acho que consigo. - admito.

Ele solta minha mão. Respira devagar. Beija meu rosto.

- É bom que não esteja com sono. - cobre a ereção de volta na calça - Porque tenho planos pra você que não vão acabar cedo.

- Como pode ainda ter planos? - brinco, verificando a integridade do meu vestido antes de aceitar sua mão - Não já os gastou todos nessas férias?

- De jeito nenhum! Sempre terei planos novos, é uma questão de honra.

- De honra? - envolvo-me em seu abraço.

- Há dois anos eu não conseguia pensar em outra coisa que não fosse te comer. - murmura quente, em meu ouvido - Nunca mais vou perder uma oportunidade.

- Não conseguia pensar em outra coisa? - sorrio.

Estamos no caminho de volta à margem da *plantação de colunas*. Ainda temos alguma proteção ao nosso redor, mas já consigo ouvir os turistas bem ali do outro lado. Não vai demorar muito até estarmos completamente exposto.

- Eu não podia falar isso, na época, porque não seria gentil. Mas foram dias sombrios, na minha vida. - rosna, rouco, arranhando padrões em meu ombro.

- É? - viro-me para meu marido - Mas agora pode dizer, não pode?

- Posso. - ergue uma sobrancelha, hesitante.

- Então, diga. - provoco.

- Quer que eu te diga o que queria fazer com você naquela época?

- Quero. - peço, com um sorriso... como foi que ele chamou?
Safadinho.

Leo me toma pela cintura e me choca, devagar, contra uma das

colunas.

- Eu te achei *boa* desde a primeira noite que te vi.

- *Boa?* - estou rindo - Você tinha doze anos quando a gente se conheceu?

- "*Boa*" quer dizer "*gostosa*", Amélia. Quer dizer que eu queria tirar aquele teu avental, te abrir em cima do balcão e foder tua bocetinha devagar.

- Na lanchonete? - engulo em seco porque sua gravidade está tirando o alívio cômico de minhas piadas - Você tem muita vontade de fazer sexo em lugares inapropriados, han?

- "Fazer sexo"? Não, linda. Eu queria te comer. É diferente. É com brutalidade, percebe? Até te deixar roxa em *lugares inapropriados*.

Sua respiração atinge minha pele, morna e provocante. Estou arrepiada.

Engulo em seco.

- E aí você me convidou pra sua casa. - sua voz é pouco mais que um sussurro agora - E eu achei que você queria ficar peladinha pra mim.

- O quê? - perco o ar.

- Ah meu amor... você me convidou pra "tirar as roupas molhadas".

- E você achou que eu queria sexo?

- Não. Eu achei que queria que eu te *comesse*. A gente já estabeleceu que é diferente, não é?

Aperto-me, sentindo uma vergonha retroativa.

- Não acredito que pensou nisso!

- Eu já estava duro no caminho do carro. - beija meu pescoço - Pensando na tua bocetinha apertada, peladinha no escuro. Ia te comer assim que tirasse a chave da ignição, se pudesse escolher.

Arranho seus braços. Não foi de propósito: só faltou força em meus braços. Mas Leo geme e acho que interpretou meu gesto com todo tipo de conotação erótica.

- E aí eu te visitava naquela lanchonete e pensava em comer tua bunda. - trouxe seus sussurros quentes para minha boca, raspa os lábios nos meus e eu precisei fechar os olhos porque minha força de vontade é uma covarde e não demora a me abandonar - Você se inclinava para pegar aqueles pedidos e eu imaginava o som que teu corpo suado devia fazer quando eu me enfiasse todo.

Não sei até que parte o que ele diz é real e a partir de onde é só ficção para me excitar. Está funcionando de um jeito ou de outro. Meus olhos seguem fechados. Minha força de vontade foi se esconder em outro país.

Sinto os dedos do Leo subindo pela minha coxa.

- E aí teve o dia do cinema. Quando o refrigerante escapou da minha mão e caiu nos teus peitos.

Ele faz silêncio por uma eternidade enquanto ergue a mão até atingir minha calcinha.

- O que teve? - gaguejo - Naquele dia? - imploro por continuidade.

Ele ri, rouco, na minha boca. Pede um beijo. É rápido e bruto, pouco mais que um esmagar de lábios.

- Eu queria me abaixar e te lambar. Passei o filme todo imaginando qual era a cor dos teus biquinhos, e qual o gosto da Coca-Cola nessa tua pele doce.

Seu toque alcançou minha entrada. Ainda me testa por cima do pano, mas esse limite logo vai ser ignorado, como todos os outros.

- Leo. - olho ao redor, subitamente consciente de nossa

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

localização.

- Ninguém vai ver. - geme, dengoso - Ninguém.

- Promete?

- Prometo. - lambe minha boca.

- Mas e se formos pegos? - perco o ar.

- Vai valer a pena. - murmura. Seu dedo me invade devagar e já está valendo a pena desde agora.

Reviro os olhos, refém do tesão, e deixo minha cabeça cair contra a coluna. Sua carne dura está fora das calças, de novo, e não deve passar muito tempo experimentando a brisa antes de começar a *me* experimentar.

- Geme bem baixinho. - pede.

- Não vou gemer. - prometo.

- Ah, não. - faz um bico contrariado - Não faz isso comigo. Geme, linda. - ele guia a cabeça do pau para dentro de mim - Nem que seja só no meu ouvido. - a pressão que ele faz basta para começar a me invadir.

Já está sendo feito.

Já estou transando ao ar livre.

Em público.

Melhor, pelo menos, tentar gozar.

Escuto vozes se aproximando, atrás de mim.

- Vão nos ver. - rebolo. Leo geme, de olhos fechados.

- Não vão.

Eu rebolo de novo. Ele me agarra pelo quadril, gagueja incongruências, parece morrer aos poucos.

As vozes ficaram mais altas. Estão vindo em nossa direção, é inegável.

- Leo. - suspiro.

- Me dá esses peitinhos aqui. - ordena, mordendo meu decote.

Dispo a parte que ele precisa apenas para que tenha acesso a minha carne. Morde um de meus mamilos e eu paro de me importar com as vozes. É o jeito como ele rola meu bico rígido na língua como se fosse uma azeitona gorda, é isso que me enlouquece.

Arfa contra minha pele, degustando seu prato favorito.

Rebolo mais rápido. Não sei se decidi fazer isso, mas aí está.

Leonardo aumenta a força das investidas, chocando-nos contra a coluna e de repente tenho medo que a derrube. Ele não parece se importar e, assim que as vozes ficam inescapáveis, ele me belisca o clitóris e paro de me importar, eu também.

Abro o boca porque o grito que se formou em minha garganta pede liberdade. A mão rude de meu marido toma minha boca, tapando-me o grito, abafando o tesão insuportável em pouco mais que um grunhido.

Me come.

É o que ele faz.

Diferente de sexo.

Diferente de fazer amor.

Tem ganas de derrubar a coluna, o Leonardo. Tem ganas de derrubar a *plantação* inteira. Agarro-me a homem e pedras quando o orgasmo me rasga. Sufocando meu grito em sua mão, sem conseguir impedir a saliva de escapar, em desespero.

Ele me cala enquanto busca suas estocadas finais, preservando seu clímax para depois que o meu foi certo.

E "certo", ele foi. Beija minha pele suada e nos coloca, veloz, de volta nas roupas, antes de sermos pegos.

E somos pegos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Não na nudez, Deus nos abençoe.

Mas naquele estágio imediato depois do esporro, em que é impossível mentir sobre o que aconteceu. Os sorrisos não deixam. A família que cruza nosso caminho tem um pai e uma mãe que nos encaram com olhares juizes de quem sabe o que se passou ali mesmo que nenhuma ilustração seja necessária.

Toma minha mão e nos leva para longe dali. Minhas pernas ainda tremem. Estou morta, agora. Lânguida e destruída como a civilização que um dia aqui se ergueu. Porque é isso que acontece: toda vez que o Leonardo me toma, me deixa em ruínas.

Leo

Mia pegou no sono no banco do passageiro. Ainda temos mais uma hora e meia de estrada a nossa frente, então a deixo dormir. A música toca em um volume baixo pelos alto falantes do carro: latina, ela não nos deixa ouvir outra coisa. Até sinto vontade de trocar sua playlist pela minha, e só desisto porque tenho certeza que assim que esticar a mão para fazer a troca, ela vai acordar.

Então, escuto sua música latina enquanto sigo pela pista 180D, de volta para Cancún.

Ficar sozinho com meus pensamentos não é tão bom quanto ficar sozinho com minha esposa. Ela é doce, gentil, engraçada e gostosa. Meus pensamentos, por sua vez, são um bando de imbecis cruéis e mesquinhos que querem me ver sofrer.

Eu preciso sair desse buraco que cavei. Duas vidas é vida nenhuma. E a única que quero é com ela. Então, porque cacete é tão difícil pra mim simplesmente dizer as palavras?

Abrir a boca e dizer "Meu amor, menti pra você e preciso te contar a verdade".

Era bem possível que ela entendesse. Mia me ama e é o ser humano mais empático e compreensivo que Deus colocou sobre a Terra. Talvez ficasse tudo bem.

Ela podia entender, e podíamos seguir como se quase nada tivesse acontecido. Nos mudaríamos pra São Paulo, ela conheceria minha família... Em um ano estaria grávida.

Grávida.

Um bebê.

Putá merda, essa ideia era tão deliciosa que me fazia querer fechar os olhos mesmo no meio da estrada.

Férias anuais de família para o México e idas frequentes a Minas para visitar a bisavó.

Era tão bom que era imoral.

Mas Mia desperta quando chegamos ao hotel e eu não digo nada.

Diogo está certo quando diz que eu sou um covarde. Tenho tanto medo

de perdê-la que me contento em não tê-la por inteiro.

Bem covarde. Não tem outra palavra.

Enrola-se em meu braço e caminha pelo hall do hotel com o rosto apoiado em meu ombro. Ainda está sonolenta. Precariamente desperta.

- Piscina? - provoco - Sair pra jantar?

- Cama. - geme, cheia de sono e dengo, ainda pendurada em meus ombros.

- Certeza? O dia está longe de acabar. - brinco.

- Cama. - repete, com uma atitude falsamente rabugenta.

- Ah, mas ir para cama cedo é coisa de... - entalo no meio da brincadeira.

Algo estranho.

Algo estranho de novo.

Acho que é o homem.

Acho que é o mesmo homem do restaurante.

É possível, Leo. Deve ser só mais um turista de tantos.

Mas... ele está me observando? *De novo?*

Empertiga-se quando me percebe e eu sou atacado pelo receio real de que ele esteja me seguindo. Não seria a primeira vez que acontece...

- Amor, pode me dar um instante? - deixo-a esperando o elevador - Te encontro lá em cima. Só preciso resolver algo.

Marcho até o homem suspeito. Talvez eu o conheça de algum lugar? É por isso que me olha de soslaio?

- Boa noite. - cumprimento ainda a alguns metros de distância - Eu...

Mas ele vira e se vai.

Tenho certeza que me ouviu.

Absoluta.

Mas foi embora ainda assim.

Depressa.

Desaparecendo pelas portas de entrada como quem já concluiu o que veio fazer.

Está fugindo.

Não consigo respirar muito bem até sentir uma mão na minha.

- Leo?

Aperto seus dedos longos e sinto-os gentil.

- Está tudo bem?

- Tudo. - mordo a palavra - Achei que o conhecia. Nada demais.

Mas não o conheço.

Talvez seja apenas paranoia minha. Ou talvez ele esteja me seguindo.

- Certeza? - pergunta.

- Absoluta. - beijo sua testa.

Sorrio para tranquilizá-la. Funciona.

Mia não tem dificuldades em acreditar na alternativa mais agradável.

Já eu, por outro lado...

Fernando

- Senhor Oscher?

- Maurício. - cumprimento - Mais de uma semana sem notícias. O que

aconteceu?

Consigo ouvir seu sorriso do outro lado.

- O tal Diogo é muito precavido. Eu nunca conseguia um bom rastro do seu irmão no Brasil. Mas tive uma oportunidade na última semana. Queria ter certeza que tinha algo bom para o senhor dessa vez. Então... me *certifiquei*.

- E tem? Algo bom?

- Oh... - sua risada é forte - Sim. Tenho algo que o senhor vai adorar.

- O que é?

- Seu irmão não tirou férias sozinho. Está acompanhado de uma jovem senhorita.

Torço o nariz.

Nada de novo sob o Sol.

- Maurício... achei que você tinha seguido o Leo por tempo suficiente para perceber que isso dificilmente é novidade.

- É verdade. A "novidade" é que ele está usando aliança. E ela também.

Entalo com a saliva.

- O Leonardo se casou em Cancún? Minha Nossa Senhora! COM QUEM?

- Vou te mandar as fotos. Ainda estou tentando descobrir mais detalhes. Mas o nome "Amélia Oscher" é conhecido pra você?

- *Amelia Osc...* Não! Caralho! Ela já trocou o sobrenome?

Claro! CLARO que trocou o sobrenome.

Estou rindo. Finalmente algo que eu posso usar! Algo que vai tirar sangue de verdade!

- Senhor Oscher... não é só isso. Não acho que eles se casaram em Cancún.

- É uma Lua de Mel? Ele se casou no Brasil? Em segredo? Maurício, QUEM É ESSA MULHER?

- Precisa de acalmar. - pede - Tenho certeza que vou conseguir responder todas essas perguntas em pouquíssimo tempo. Mas, enquanto isso, temos algo mais urgente a discutir.

- O que pode ser mais urgente do que isso?

- Tenho parceiros no meu escritório que fizeram buscas pela certidão de casamento do seu irmão... E tem algo no documento que o senhor vai adorar.

Leo

Estou com um gosto ruim na boca.

Sabe quando você faz uma prova e tem certeza que se deu mal... mas, enquanto espera pela nota, começa a nutrir esperanças e imaginar que *não pode ter ido tão mal assim*. O professor pode ter sido simpático, não é? Aí seus colegas começam a receber suas notas e, a medida que mais e mais alunos são reprovados, você começa a encarar a inegável realidade: você também se fodeu.

Aquele frio na espinha quando o professor chama o seu nome e você faz o longo caminho até a frente da sala, para pegar a prova, e descer os olhos para descobrir sua nota. É esse frio que estou sentindo nesse exato

instante.

Diogo me garantiu que tudo está bem em casa, mas eu sinto que isso não vai durar.

Ele está tentando descobrir se eu posso ter sido seguido do Brasil, mas não imagina quem poderia fazer isso. Fernando não se interessa mais por minha vida há anos e a questão com a fábrica foi terminantemente resolvida. Além disso, meu chefe de segurança me assegura que tem medidas de prevenção para manter curiosos distantes.

Suspeito que essas medidas não tenham me acompanhado ao México.

Então, Diogo investiga e eu fico inquieto.

Mia bagunça meus cabelos.

- Eu também estou irritada. - confessa, abraçando-me.

- O quê? - desperto.

Sobre a cama, nossas malas já estão quase feitas.

O último dia de férias.

As últimas horas.

- Também estou irritada. Não queria voltar pra casa. - dobra o lábio, entristecida - Mas não há jeito, Oscher, a vida nos chama. - dá um tapa animado em meu ombro e estala um beijo em minha bochecha - Então, desfaça essa carranca de enterro e vamos aproveitar as últimas horas?

Não consigo responder. Ainda estou analisando o que disse.

Meu celular apita. Observo a tela e vejo a mensagem enigmática de minha irmã.

"Já decidi quem vai trazer?" ela pergunta "Sua demora em responder não tem nada a ver com a desistência da Sara, tem? Porque isso vai dar um escândalo!"

Não faço ideia do que Heloísa está falando, mas a mensagem foi recebida e eu ainda estou pensando no que Mia disse: a realidade está me chamando de volta.

Será que é só isso?

Será que essa minha sensação desagradável de desconforto é apenas a realização subconsciente de que nossas férias acabaram?

Sorrio, discreto.

Não sei se ela está certa...

Espero que sim.

Deixei Mia em casa com uma porção de dinheiro a mais dentro da gaveta da cabeceira. Só lhe avisei disso quando já estava na estrada ou ela teria me enchido a paciência.

Chego ao escritório nesta quarta-feira especialmente ranzinza.

Voltar pra casa de noite tem sido uma tarefa difícil. A casa vazia e a cama fria.

Acho que sou casado demais para suportar essa vida de solteiro.

A aliança voltou para a corrente em meu pescoço, escondida por uma camisa cara, uma gravata de seda e minha cara de pau que, a cada dia que passa, me enoja ainda mais.

É minha última reunião do dia e o humor de minha Vice Presidente parece pior que o meu.

Amanda bate as unhas na mesa enquanto repete seu pedido.

- Leva ele pra almoçar. Leo, você é o dono de tudo, mas precisa da diretoria. Se o Nestor não está satisfeito, ele pode dificultar sua vida.

- Por que ele não estaria satisfeito?

- Essa coisa da fábrica...

- Amanda, sabe quanto dinheiro eu, pessoalmente, já consegui para o Nestor? Através de decisões *minhas* que até ele discordou? Ou carteira de investimentos que eu montei? Ele sobrevive com os custos de manter a fábrica no Brasil. Não vai falir por causa disso.

- Leonardo! Cale-se! - rosna - Você... Você... - ela aperta os punhos como se entalada com as palavras - Você é um riquinho mimado de educação utópica!

- Perdão? - abro os olhos.

- Parece que se esquece como o mundo funciona! Nem todo mundo joga limpo, Leonardo! Nem todo mundo está satisfeito com *continuar sendo rico*. As pessoas jogam sujo e elas querem *mais* dinheiro. Você acha que as pessoas são como cachorrinhos fieis que nunca vão te morder porque você lhes deu um biscoito. Sabe o que fazem as pessoas? Elas te mordem, levam teus outros biscoitos e te deixam passando fome!

- Acha que Nestor vai prejudicar a empresa por causa de uma fábrica?

- Acho que você tomou uma decisão que irritou o Nestor e muita gente. E, embora você seja um ótimo gestor da OM3... melhor que seu pai, *com certeza* melhor que seu irmão... isso não muda o fato de que pessoas ainda podem jogar sujo pra te tirar do caminho. Você não precisa ser presidente só porque é dono. - ela pausa e se certifica que eu entendi - Pare de agir como se o mundo fosse ideal e você estivesse sempre a salvo. Leve Nestor para almoçar. Tranquilize-o de que essa decisão foi um ponto fora da curva e que, na verdade, você sempre vai decidir em favor dos lucros da empresa. O que for melhor para a diretoria e seus bolsos.

- Isso é nojento.

- Isso é necessário. Não crie inimigos em alto escalão. Se você seguir tomando decisões baseadas no coração e na consciência, garante um filme lindo da Disney... mas não garante sua presidência.

Prometo que vou pensar e abandono a mesa de reuniões para voltar a minha sala.

Estou entretendo os horrores da hipocrisia que será esse almoço com Nestor... mas, pela expressão no rosto de minha secretária que me persegue assim que chego em minha sala, as aflições do dia estão longe de acabar.

- Senhor Oscher?

Verifico o celular que esqueci sobre minha mesa.

Meu coração para de bater.

Vinte e oito ligações.

Não pode ser a Heloísa para falar dessa porcaria de aniversário, de novo... Não pode.

Pressiono o dedo sobre o botão de informações.

- Senhor Oscher, o seu pai ligou. - minha secretária anuncia e eu não duvido. Das vinte e oito ligações, muito mais da metade são dele. O resto é de minha mãe, Heloísa e Matheus.

- O que houve? - as batidas do meu coração explodem em minha garganta, não consigo respirar - Algum acidente? Meus pais estão bem? - ligo de volta.

- Não sei, senhor. Seu pai parecia muito alterado. *Furioso*. - acrescenta - Queria falar com você imediatamente, está vindo para cá. Pediu que o esperasse.

A ligação estava no primeiro toque quando Diogo invadiu minha sala. Seu olhar era de um tipo que eu conhecia bem.

Na época da faculdade, antes de começar meu rolo interminável com

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Luciana, eu tive uma namorada que eu tinha certeza que me traia. Ela era gostosa pra cacete, mas eu não gostava dela o suficiente para me importar. De qualquer modo, sua fidelidade sempre foi algo que eu duvidei profundamente durante os dois *longos* meses em que estivemos juntos.

Foi no dia depois de uma das festas da turma, que eu não pude ir: Um dos meus amigos mais próximos me encontrou para almoçar e, antes mesmo que abrisse a boca, consegui ver nos seus olhos que tinha más notícias. E, considerando o contexto, eu sabia exatamente quais elas seriam.

"Ela está te traindo" é o que ele iria dizer.

Assim como meu amigo, alguns anos atrás, Diogo agora me encara como se precisasse tornar reais minhas piores suspeitas.

A diferença é que eu não me importava com a namorada da faculdade... enquanto a mulher sobre quem Diogo trazia notícias era a pessoa mais importante da Terra.

Meu lábio tremeu quando inspirei fundo para lhe perguntar o que houve.

A voz do meu pai, no entanto, tirou-me do transe.

- LEONARDO? - bradou, do outro lado da linha, ignorando a formalidade do "alô".

- Pai? O que houve? - balbucieei, frio.

Você sabe o que houve, Leo.

Sabe exatamente o que deve ter acontecido para Diogo ter invadido sua sala com essa cara fúnebre.

O problema é que você não quer admitir.

O problema é que você não quer que seja real.

- Isso é verdade? Leonardo... - ele respira pesadamente, consigo ouvir sua angústia - Me diz que isso é uma das *gracinhas* do Fernando. Como a vez que ele armou com a assistente, na sua sala, pra tentar te filmar em uma situação comprometedora. Foi isso que aconteceu, não foi? - ele não me deixava falar. Não respirava sequer no intervalo entre as palavras. Acho que, assim como eu, meu pai também estava vivendo um pesadelo e queria, desesperadamente, que alguém o salvasse - O Fernando inventou essa história pra questionar seu caráter. Foi isso. Não foi isso? Leonardo!

Eu tremia.

Não sabia a resposta porque ainda não tinha certeza da pergunta.

- Pai, eu preciso de um pouco de contexto, aqui.

E "contexto" foi o que Diogo me deu, ao tomar a frente da minha secretária para me entregar o próprio celular. A tela brilhava, exibindo a matéria que tinha feito meu pai parar de respirar. O artigo era de um dos jornais de maior circulação do país e, embora dificilmente fosse notícia de primeira página, ainda assim estava lá: para quem quisesse ler.

A foto me atingiu primeiro.

Era eu.

Mas... mas importante do que eu: era ela.

A praia. As mãos dadas. O foco nas alianças.

A revelação de um casamento secreto que já seguia por dois anos, a viagem para o México.

Desci os olhos pela matéria, em pânico.

Cada parágrafo fazia meu coração explodir mais feroz.

- Você não leu? - meu pai berrava em meus ouvidos - Não leu essa insanidade que saiu nos jornais hoje? Diz que você é casado com uma desconhecida! Como se você fosse ter um relacionamento de anos e não contar pra sua família! PRA SUA MÃE! - reforça, com animosidade - Então só preciso que você confirme que isso não é verdade, Leonardo. Para que eu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

possa processar toda essa gente por calúnia, difamação e o inferno! Me diga que não é verdade! - eu engulo em seco - Me diga que não está mentindo para sua família há dois anos. E, acima de tudo, *pelo amor de Deus*, me diga que essa certidão de casamento que o jornal exibiu é falsa.

- Certidão de... - *ah, merda.*

Corro os olhos pela notícia e lá está.

- Leonardo. - papai murmura, frio e dolorido - Leonardo, isso é verdade?

Eu estou mudo. Ele continua com a facada final:

- Você casou em comunhão universal de bens?

Não sou capaz de falar. Não seria capaz de sequer gaguejar. E meu pai não acabou:

- Tem uma desconhecida no interior de São Paulo que é dona de metade da OM3?

Mas eu ainda tinha os olhos no artigo e vi algo que fez a descoberta da certidão se tornar irrelevante.

Estava lá.

Estava tudo lá.

Um perfil com seu nome completo, currículo e cidade de residência.

Eles sabem onde ela mora.

É só uma questão de tempo agora.

Meu pai ainda bradava perguntas ao celular e, talvez, em respeito ao meu genitor eu devesse ter respondido todas elas antes de me preocupar com qualquer outra coisa.

Mas não consegui.

Sequer percebi quando deixei a mão do celular cair.

Meus olhos, aflitos, ardem quando encaro Diogo de volta, vendo nele o reflexo de minha apreensão.

Eu só consigo pensar em uma coisa. Diogo acena antes mesmo que eu diga a palavra.

- Mia. - gaguejo - Eu preciso falar com Mia.

22.

Mia

Com a pia do quintal desentupida, Eduardo acompanha o encanador até a porta.

- Não acredito que o Leo te pediu para vir até aqui.

- Ele se preocupa com você, sozinha, Mia. E eu adoro uma boa desculpa pra vir ver como você está.

- E precisa de desculpa? - estou rindo.

Ele me abraça, paternal.

- Sabe que não gosto de me meter! Quando o Gustavo era vivo, não gostava dessas intrusões na casa dele. - pisca um olho - Acho que te trato do mesmo jeito.

Beijo sua bochecha ao me despedir.

"Quando o Gustavo era vivo".

É quando escuto uma frase assim e não sinto mais doer que eu sei que o luto acabou.

- Obrigada por ter vindo. Tem certeza que não quer um café? Fiz biscoitos!

- Certeza! Obrigado. Tenho que correr de volta pra lanchonete, estamos fazendo revisão de estoque, se deixo o Geraldo sozinho, o resto do mês vai ser um caos. E tranque as portas. - avisa. Eu esqueço, às vezes. O Leonardo quase botou um ovo quando descobriu.

Estou abrindo a porta e prometendo que vou seguir sua instrução quando percebo alguém na frente da minha casa.

- Com licença. - ela é alta, usa os cabelos escuros soltos sobre o terno elegante. Traz algo na mão que parece um gravador - É a senhora Oscher?

- Sim. - respondo, confusa. Eduardo espera para descobrir se vou precisar de ajuda.

- Senhora Amélia Oscher? Esposa do senhor Leonardo Oscher?

Eu respiro fundo para responder, mas Eduardo me interrompe.

- O que está acontecendo? Por que quer saber?

- Sou da Gazeta de São Paulo. - explica - Será que eu poderia entrar por um instante? Adoraria uma entrevista rápida, se puder incomodá-la só por uns momentos.

- Entrevista? - pergunto - Sobre o quê?

- Sobre seu marido e... bem. - ela sorri como se minha pergunta fosse tola - Sobre toda essa situação.

- Não, a Mia não quer dar entrevistas. - o Eduardo decide e é bom que ele esteja ali porque não sei se teria a mesma presença de espírito - E você precisa dar uns passos para trás porque está pisando em propriedade privada.

A jornalista ensaia uma insistência, mas Eduardo é mais determinado e tem, ao seu lado, a ameaça de chamar a polícia. A mulher se afasta e entra de volta em um carro estacionado... mas não vai embora.

- Mia, você quer que eu fique?

- Não. - balanço a cabeça ainda tentando colocar sentido nos eventos - Você tem a coisa com o estoque. - dou de ombros - Vou descobrir o que foi. Tenho certeza que está tudo bem.

- Certo. Mas não fale com essa gente, Mia. Nunca se sabe o que querem. Me ouviu?

- Sim, senhor. - sorrio - Vou ligar pro Leo.

- Faça isso. - acena - E Mia?

- Hm?

Seu tom é sombrio quando olha ao redor, desconfiado.

- Tranque as portas. - repete.

Eu obedeço sua sugestão antes de procurar meu celular.

Não sei onde se enfiou... acho que a última vez que o vi foi antes do encanador chegar. Não estou particularmente preocupada... essas coisas estranhas acontecem de vez em quando, e sempre acabam tendo uma explicação simples que nos faz rir de nossa própria bobagem.

Demoro uma eternidade para encontrar o celular entre meus travesseiros e, quando está em minhas mãos, vejo o aviso de ligações não atendidas.

Até então, eu não estava preocupada.

Aquele aviso na tela do celular é o que muda tudo.

Dezessete chamadas não atendidas.

Todas do Leo.

Ligação após ligação.

Ele estava tentando falar comigo como um desesperado.

Tentei ligar de volta.

Sem sinal.

Começo a entrar em pânico.

Se ele estivesse na estrada, não conseguiria falar com ele por uma boa hora. Mas havia mensagens de texto não lidas e segui para elas.

Eram várias.

Uma após a outra, como as ligações.

"Amor, não sei se viu o jornal, mas eu posso explicar. Estou indo até aí para te explicar tudo. Não fale com ninguém, feche as cortinas e tranque as portas. Estou chegando. Sinto muito. Eu te amo tanto. Estou chegando."

Tenho certeza que Leo mandou aquele pequeno texto com a intenção de me acalmar. Seu efeito, no entanto, foi o exato oposto.

Seja lá o que tinha acontecido, parece ser grave.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Pelo horário das mensagens, se ele estava saindo de São Paulo ainda deve demorar uma eternidade para chegar em casa. Não vou conseguir esperar.

Corro até a televisão e me atrapalho com o controle até conseguir ligá-la e trocar os canais. De um por um, compulsivamente, procurando qualquer notícia emergencial explicando um incêndio ou desastre ambiental... Qualquer coisa que justifique a insanidade. Mas... nada.

Nada.

O que está acontecendo?

Verifico se as portas estão trancadas e fecho as cortinas para...

Mais carros.

Há mais carros do lado de fora. Mais dois. Não são dos vizinhos. Um deles é uma van, grande e bege com um logo pintando em azul na lateral. Uma emissora de tv.

Puxo as cortinas até tapar o sol e encaro o relógio.

Ainda falta tempo demais para o Leo chegar. Tempo que vai se arrastar lentamente segundo por segundo.

Barulho... pessoas se aglutinando do lado de fora. Não parecem ser muitas, mas com certeza mais do que o normal para minha vizinhança.

O que diabos está acontecendo?

Cruzo os braços no meio da minha sala e sou atacada pela impotência. Ter que esperar alguém trazer explicações me causa um desconforto visceral. Quando me volto ao celular é com intenção de ligar para Estela, mas primeiro preciso descobrir o que aconteceu.

Abro o navegador.

Acesso a internet.

Digito "Leonardo Oscher".

Eu não consegui ler todos os artigos.

Na verdade, não consegui ler nenhum deles até o fim.

Devia ser essa a sensação experimentada por personagens de Saramago: a de viver algo completamente surreal, preso em uma história que não deveria fazer sentido, envolto por eventos que não deveriam estar acontecendo.

As palavras que li flutuam ao meu redor como se estivesse em um musical. Se metade do que li tivesse qualquer nível de realidade, meu marido tinha uma vida em São Paulo completamente diferente da que me contou.

Por que ele faria isso?

Por que tentaria esconder essas coisas de mim?

Do que ele sente vergonha?

A casa está na penumbra.

Não por alguma necessidade sombria de minha parte... mas apenas porque ainda estava claro quando sentei na poltrona da sala, agarrada ao meu celular, e me perdi em pensamentos.

Agora está escuro e a única luz acesa é a da cozinha, porque esqueci de apagá-la antes.

Estico a mão para o abajur ao meu lado e considero apertar o botão e cobrir a escuridão que me envolve com um pouco de luz. Engulo em seco.

Não pode ser verdade.

Tem que haver alguma explicação lógica pra isso.

Algo simples que transforme todas as minhas aflições em bobagem.

Ousei voltar às janelas apenas uma vez, e percebi que os jornalistas tinham crescido como ervas daninhas. Circulando minha propriedade com seus microfones e gravadores.

Esperando.

Como a plateia sádica diante de um picadeiro e uma força.

Esperando para ver se o enforcado morreria com o quebrar do pescoço ou com o sufocar dos pulmões.

Há movimento do lado de fora.

Consigo ouvir a mobilização dos jornalistas, formando um coletivo de vozes nervosas que se assemelha ao farfalhar de asas de abutres.

A única palavra que escuto sobressair-se do turbilhão de perguntas no quintal é meu sobrenome. *Oscher.*

Coloco-me de pé ao ouvir as chaves na porta. Minha memória auditiva me leva de volta para um lugar feliz. O quente que sinto no fundo do peito sempre que escuto aqueles sons e vejo meu Leo cruzar a porta de casa. Sinto saudades dele de um modo profundo, tanto que basta sua presença para me fazer sorrir. Assim que escuto aquelas chaves, agora, desejo seu abraço. Enfiar meu nariz no seu peito, sentir seu cheiro e esperar que ele faça a loucura parar.

Ele chegou depressa... Sorrio involuntariamente.

Ele vai explicar tudo.

É CLARO que ele vai explicar tudo.

Em vinte minutos, quando ele terminar, estarei rindo aliviada de meu desespero desnecessário. Meus ombros se relaxam quando respiro fundo para cumprimentá-lo.

E aí algo estranho acontece...

O redemoinho lá fora deve ter contaminado o espírito do Leo, porque ele entra veloz e aflito, como se nossa casa tivesse acabado de pousar sobre a Bruxa Má do Leste. A luz acesa da cozinha atrai sua atenção, primeiro. Vira-se para lá e eu o vejo se afastar.

- Mia?

Posso chamá-lo.

Posso dizer onde estou.

Mas não faço isso.

O que ele está usando?

O paletó que usa lhe veste melhor que o de nosso casamento. O corte, o acabamento... parece que ele nasceu vestido naquela peça escura. A gravata é linda. Não é uma das suas, tenho certeza: Leo tem exatamente três gravatas, detesta todas. Roupas formais não são seu forte.

Não é?

Sua roupa elegante não apenas é de um tipo que eu nunca vi, mas é do tipo que nunca imaginei que ele possuísse. Seu cabelo não está bagunçado e natural como sempre o usa, mas o oposto: meticulosamente coberto por gel, penteado para que nada ficasse fora do lugar, a não ser nos pontos em que o nervosismo parece tê-lo forçado a enfiar os dedos.

Sua voz parece mais grave. Parece mais alto, mesmo que não faça sentido.

Até seu cheiro está diferente.

Não é ele.

É como se alguém estivesse vestindo seu corpo como uma segunda pele. Um estranho vestindo a carne do meu marido.

E se não houver explicação?

E se for exatamente isso que eu li?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Eu me abraço, antecipando explicações, querendo - com todas as minhas forças - que ele me diga que foi tudo um engano estúpido. A alternativa é inconcebível.

- Mia? - ele sai da cozinha e já colocou o primeiro pé na escada quando o interrompo e acendo o abajur.

- Leo. - murmuro.

Ele engasga entre os degraus e me procura com o olhar angustiado. Parece perdido. Acho que estamos juntos, então.

Caminha devagar na minha direção. A luz atinge seu rosto e os vincos de preocupação em sua testa. A sensação é horrível.

O homem entre eu e a escada é meu marido, mas também parece ser um completo desconhecido. Como se alguém tivesse invadido minhas memórias, roubado uma porção delas e substituído por outras.

- Mia. - observa-me cauteloso, ergue as mãos como se eu fosse um animal arisco que ameaça fugir - Teria vindo antes, mas... normalmente tenho um transporte pronto, esperando por mim. Hoje, eu... - ele sorri. De desespero. Desiste - Não é importante. Precisamos conversar.

Cada uma de suas palavras é dita com uma calma tão profunda que beira a indecisão.

Não consigo olhar em seus olhos.

- Leo, o que está acontecendo?

- Mia, eu... - aperta os olhos, irritado. O estudante despreparado que esqueceu todas as palavras da lição - Não fui honesto com você.

Aperto o abraço que tenho ao redor de mim mesma e sou possuída por um arrepio desagradável. O clima está perfeitamente ameno e é por isso que sei que o frio que sinto não é do corpo, mas da alma. Ele percebe e se aproxima. As mãos, que erguia com receio, agora ergue com carinho. Toca-me nos braços, acolhedor, mas o frio me ataca com força, obrigando-me a fugir de seu toque.

Leo me solta, educado. Sofre, percebo. Mas não posso impedir meu espírito.

Está lindo. Parece, realmente, mais alto e forte com suas roupas elegantes.

Seu cheiro é diferente, mas é delicioso.

Só agora percebi que usa um daqueles lenços no bolso do paletó, combina com sua gravata.

Não parece o meu Leo.

É outro homem.

Assim como o das fotos nos artigos da internet.

Ele tem uma outra vida.

Em São Paulo, longe daqui.

Uma vida que o envergonha o suficiente para sentir necessidade de mentir e esconder.

Mas... por quê?

- Não foi honesto sobre o quê? - pergunto.

Espreme os lábios procurando algo em meus olhos. Não sei o quê, então não posso lhe dar.

- Eu não sou um representante comercial. - arrisca me tocar mais uma vez. Toma meus ombros, deslizando os polegares em minha pele. Dessa vez, meu espírito permite a proximidade, e eu concordo - Sou presidente... não - corrige-se - Sou dono de uma empresa em São Paulo. Uma empresa... grande.

Forço-me a olhar em seus olhos. Forço-me a ver o azul e desejar a verdade.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- É a mesma empresa onde trabalhou como representante? Foi... promovido? - tento entender.

- Não, meu amor. - intensifica o toque em meus ombros - Nunca fui representante comercial.

- Mentiu pra mim?

Engole em seco. Encaro seus olhos e imploro por objetividade

- Menti. - sussurra, miúdo - Sinto muito. Eu acho que ten...

- Por quê? Essa empresa é alguma coisa criminosa? É por isso que está cheio de jornalistas aí fora?

- Não!

- Então, por que tem vergonha dela? Por que achou que precisava esconder isso de mim?

- Amor... - o vínculo entre nossos olhares lhe dá confiança o suficiente para abandonar meus ombros e tomar meu rosto. Seu toque é quente e a proximidade de sua boca sempre consegue abalar minhas pernas - Não foi minha intenção. Só... aconteceu. Fui um idiota, menti e depois não soube como contar a verdade.

- Não soube?

- Tive medo que não entendesse. Tive medo de te perder.

- Por que me perderia por causa de uma empresa, Leo?

Faz carinho em meu rosto como se eu fosse preciosa. Acho que, se eu o deixasse se prolongar, choraria.

- Não por causa da empresa. Por causa da mentira. - explica.

- E não pretendia me contar nunca?

- Depois que se formasse. Não queria que uma briga entre nós se transformasse em um motivo para você trancar os estudos de novo.

- Por que eu faria isso?

- Mia. - encara-me por me conhecer - Você faz isso! Já trancou os estudos porque o cachorro da vizinha ficou doente.

- Ela tem oitenta anos! Precisava de ajuda!

Leo sorri. Puxa meu rosto e beija minha boca.

Seu gosto é incrível. Espalho as mãos em seu peito e sinto o tecido gostoso de sua camisa.

- Está com fome? - murmura, com seu carinho infinito. Alisa meu rosto e meus cabelos como se temesse que eu pudesse me quebrar - Vou fazer uns sanduíches, a gente come no quarto e eu te explico tudo, do começo.

- Eu tenho um monte de perguntas. - aviso. Ainda não decidi quais são, mas tenho certeza que elas existem.

Ele cola nossas testas e ri.

- Respondo todas.

Dou um beijo rápido em seus lábios, sentindo-me um pouco menos confusa. Posso não saber as respostas para a insanidade, mas elas estão bem ali...

Outro movimento na porta e Leo toma minha frente em um instinto protetor.

- Senhor Oscher?

Diogo entra apressado.

- Os policiais já chegaram, o acampamento dos jornalistas não vai durar.

- Ótimo. - Leo acena.

Ele está mais tranquilo.

Eu estou mais confusa.

- Mas tenho uma questão que exige sua atenção. - Diogo ergue um celular em nossa direção ao avançar, devagar, pela sala.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- O que houve? - Leo quer saber.

Eu estou tremendo.

Frio da alma está de volta, fazendo-me sentir, desde a espinha, que algo está horivelmente errado.

- É... - Diogo me observa antes de concluir a frase - É ele. - murmura, enchendo o pronome de significado.

- Ah. - Leo gagueja - Amor, só um minuto, eu vou...

- Não, não vai. - aceno, resoluta - Isso acaba, agora, Leo. Pode atender na minha frente.

Os dois homens em minha sala se entreolham, julgando as possibilidades. Encaro Diogo com animosidade e ele passa o celular para meu marido, temendo uma represália minha.

- Diga pra ele que ligo mais tarde. - Leo murmura, recusando o celular - Não vai adiantar falar agora.

- Senhor Oscher. Precisa atender...

- Mais tarde, Diogo.

- É sua mãe. - sibila, aflito - Ela se sentiu mal. Estão no hospital. Seu pai quer falar com você.

O frio em minha alma congelou minha espinha e a estilhou em um milhão de pedaços.

- Sua mãe? - pergunto - Seus pais... você... Eu achei que... - tenho certeza que existe uma pergunta em algum lugar em minha cabeça, mas os absurdos são tantos que não consigo lhes dar uma forma.

Leonardo olha de mim para o celular em desespero.

- Vou explicar tudo. Amor... - promete. Mas ainda tem sua atenção parcialmente voltada para o aparelho aceso que Diogo lhe oferece. Está na dúvida entre eu e sua mãe.

Meus olhos ardem.

- Leonardo! Atende o telefone! - insisto com um gesto.

Ele hesita, procurando uma confirmação em meus olhos. Eu lhe dou o que precisa para atender a ligação em paz, mesmo que "paz" seja uma coisa que não existe pra mim.

Ele tem família?

Um pai e uma mãe?

Por que não...

Por que não me contou?

Por que disse que era órfão?

Tem vergonha da família?

- Pai? Estou aqui. - murmura, tenso - O que houve com...

Ele esfrega os olhos e a testa, uma expressão corporal que se traduz em "estresse" e "descrença".

Sempre adorei ser uma mulher apaixonada, mas nesse instante, essa é uma qualidade detestável: Leonardo esteve mentindo, estou chateada e ele precisa saber disso. Mas como vai saber se a cada segundo que ele aperta os olhos, triste, eu luto contra uma vontade insuportável de abraçá-lo?

Encaro Diogo, mas ele desvia do meu olhar.

- Você também não é um representante comercial, não é? - pergunto, seca.

Ele faz um gesto negativo com a cabeça.

- Está chamado o Leo de "senhor Oscher". - não é uma pergunta, mas Diogo encontra coragem para me olhar de volta. Tem um respeito contido e apreensivo em seus lábios estreitos quando respira fundo e responde:

- Sou seu segurança.

Engulo em seco.

É bom que Leonardo acabe essa conversa e comece as explicações, porque a sensação de ter sido traída não está se diluindo... pelo contrário: está crescendo.

Diogo desvia do meu olhar mais uma vez.

Leonardo se despede e devolve o celular.

- Como está sua mãe? - espremo minhas mãos.

- Foi só um susto. Ela está bem.

- "Viva" já é uma novidade bem grande pra mim. - meus lábios tremem

- Tem mais algum parente escondido, Leo? Uns primos, talvez um irmão mais velho? - provoco.

Ele respira fundo de um modo tão lento que eu antecipo a notícia ruim.

- Dois irmãos e uma irmã. - sua voz é tão baixa que é quase inexistente.

Sinto que posso chorar.

- Dois irmão e uma... - entalo com as palavras - Família grande. - minha voz é um gemido triste.

- Mia, não foi minha intenção fazer as coisas desse jeito. - tenta tomar meus braços de novo, mas dessa vez eu o impeço.

- Eu não entendo por que escondeu isso de mim, Leo? Um trabalho? Uma família? Qual a razão? Do que você tem tanta vergonha?

- Deixa eu te explicar do começo. Foi no dia que nos conhecemos: o dia do guincho, você lembra?

Raiva é uma coisa contraditória. Por um lado eu o encho de perguntas, por outro, não tenho qualquer interesse em ouvir as respostas. O tremor de meus lábios espalhou-se para o meu corpo e agora eu me abraço não por um frio emocional, mas por fúria.

- Você é próximo deles? - pergunto, abrupta.

- De quem? - confunde-se, interrompendo as tentativas de explicação.

- Dos seus pais! Da sua família! - brado.

- Sim. Um dos meus irmãos, em especial. - responde, temeroso.

Torço o nariz e sinto toda minha face se contrair em uma careta.

- E eles nunca fizeram questão de me conhecer? Por quê?

Leo engole em seco, abre os olhos como se não esperasse aquela pergunta.

Meu coração se aperta. Comprimido até ficar miúdo, menor que um ponto final.

E então eu compreendo.

- Eles não sabem que eu existo? - minha intenção era só fazer a pergunta, mas as palavras escaparam cheias de dor - Não contou para eles que se casou?

- Mia, meu amor... - ele pega minhas mãos e fecha os olhos com força, apoiando-se contra minha testa, em um esforço desesperado de me fazer sentir seu carinho, já que seu discurso não está tendo muito sucesso.

Mas minhas palavras seguintes são ainda mais frágeis:

- *É de mim que você tem vergonha.*

- Mia, não! - aperta minhas mãos e eu noto algo novo - Não é isso! Não tem nada a ver! Se alguma coisa eu...

Abaixo meus olhos.

- Leonardo, onde está sua aliança?

Ele engasga.

Já deve ser a oitava vez da noite.

Travo meus lábios até que eles sejam pouco mais que uma linha.

- Eu... ah... eu uso aqui. - ele leva a mão ao pescoço e pesca uma corrente dourada.

Está falando alguma coisa sobre "*perto do coração*" ou qualquer outra bobagem que o valha, mas eu não estou mais comprando essas porcarias que ele tenta vender.

- As pessoas acham que você é solteiro? - meu tom foi firme, feroz.

- Mia, é uma máscara. Esse homem que eu sou lá, não é o homem que eu sou de verdade.

- Um punhado de pessoas aqui em Itajaúna sabe que você é casado e apenas? Em São Paulo, todo mundo do seu trabalho, sua família, amigos, conhecidos, *pessoas da internet*... - ergo o celular - Todo mundo acha que você é solteiro? E você não lhes desmente?

- Não existe desculpa pra isso...

- PODE APOSTAR que não existe! Então, eu fico aqui sendo sua esposa nos 365 dias do ano, enquanto você é um marido no sábado, domingo e feriados?

- Mia, a gente pode ir pro quarto? Você está com fome? Eu faço...

Reviro os olhos. Nunca senti vontade de bater em alguém. Talvez na Isadora em seus piores dias, e só. Mas o Leonardo está chegando perto.

- Não! Eu não quero comer! Não quero ir pro quarto! Não quero sanduíches! Quero entender por que diabos você... Meu Deus! - levo as mãos aos cabelos - Eu estive aqui durante as últimas horas pensando em por que você teria vergonha dessa sua outra vida, quando, na verdade, a *outra vida* sou eu! É de mim que você tem vergonha. É da nossa vida juntos.

- Já te disse que não é isso, se me deixar explicar.

- Explique, então. Se não tem vergonha de mim, como não conheço sua família?

- Quer conhecê-los? Sem problemas! - exclama - Vem comigo pra São Paulo, é aniversário da minha irmã, ela vai fazer uma festa imensa no fim de semana, você conhece o clã inteiro. Vou te provar que não tenho vergonha de você! Meu amor, eu...

- Você disse que tinha que trabalhar esse fim de semana. - engulo - *Cliente importante em Cuiabá.*

Ele hesita.

Cala.

Eu quero chorar.

- Mentiu pra se livrar de mim durante a festa de aniversário da sua irmã?

- Mia...

Tarde demais.

Eu estou chorando.

- Sai. - sibilo.

- Eu fui imbecil! Não soube como contar a verdade e acabei...

Desisti de ouvir.

Estou cozinhando em raiva e perguntas.

- Seus pais descobriram agora? É por isso que está aqui? É por isso que está me contando? Porque descobriram e aí não teve escolha?

- Eu ia te contar...

- Meu Deus! - levo a mão à boca - É por *isso* que sua mãe passou mal? Por *minha* causa? - estou enojada. Leonardo não nega. Ao invés disso começa com mais uma de suas tentativas de explicar, mas estou farta - Ela passou mal porque descobriu que você casou em segredo com uma *qualquer*?

- Mia!

- Nosso casamento é de verdade? Os documentos? Ou...

- É claro que é de verdade!

- Ah, e seria um absurdo se você tivesse mentido sobre isso *também*? Perdão. - rosno, sarcástica e ele aceita, sem reclamar - Estou errada por imaginar que *isso* também seria possível? Que eu sou só um hobby pra você?

- Mia...

- Só uma diversão para os fins de semana do garoto rico da cidade? Ficar com a garota humilde do interior e fingir que leva uma vida simples, como se fosse uma pesquisa de campo.

- Amélia, não é nada dis...

- Deixando dinheiro na cabeceira como faria a uma prostituta!

- Mia!

- SAI DA MINHA CASA!

- Mia, a gente precisa conversar sobre isso. Você precisa me ouvir.

- Não preciso! Sai! - estou tremendo.

- E isso vai resolver alguma coisa?

Enfio o rosto nas mãos, não consigo respirar.

- Sai, Leonardo. Sai daqui.

- Mia...

- Sai - rosno - ou eu chamo o Gustavo e ele vai... - eu entalo.

Não tem Gustavo.

Estou sozinha.

Sozinha.

As lágrimas que, antes, eu segurava com nobreza, agora caem humilhando-me.

- Mia... - Leo tenta me abraçar, em pânico, mas eu o afasto.

- Não. - imploro - Vai embora. Por favor, Leo. - não consigo parar as lágrimas, curvo o rosto para escondê-las - Eu quero ficar sozinha. Por favor.

Eu sei que os dois passos que ele dá pra longe de mim exigem uma força que nem ele mesmo sabia que tinha. Está em pé, parado por um instante, orando a algum deus ou santo para que eu reconsidere.

Mas não há reconsideração.

Leo acena como se tivesse perdido um diálogo interno, assim como perdeu o externo, e se afasta resignado.

- Posso voltar amanhã? - pede, baixinho - Por favor?

Eu balanço a cabeça.

Pode ter sido um "sim".

Pode ter sido um "não".

Não resolvi.

Deixo que ele faça isso por mim.

Hoje, não tenho forças para mais nada.

23.

Não é dor de cabeça isso que estou sentindo.

É dor no coração.

O pouco sono que eu tive foi permeado de pesadelos em que Leonardo invadia nossa casa para confessar outras mentiras e eu não sabia quantas mais poderia suportar.

É pouco depois das cinco e eu já estou de pé. Minha cama não foi minha amiga pelas últimas horas e, se é pra ser assim, é melhor nos separarmos de uma vez. Prendo meu cabelo em um rabo de cavalo improvisado enquanto desço as escadas. Troquei de camisa e me enfiei em um sutiã, mas o short ainda é o do pijama.

A caneca quase transborda de café: não foi falta de atenção, é proposital porque eu tenho certeza que o dia vai ser longo. Os jornalistas foram embora da minha casa. Alguém de um escritório de advocacia de São Paulo apareceu depois que o Leonardo foi embora, fez ameaças que eu não seria capaz de compreender, mas estava do meu lado e fez o acampamento em frente a minha porta debandar, então... pelo menos uma boa notícia.

Passo os dedos pelas rachaduras na mesa de madeira. Cresci nessa casa. Sentada a essa mesa.

Essas rachaduras viram meus melhores e piores momentos. Conquistas e quedas que, para um pedaço de madeira, fariam pouca diferença.

Encaro minha aliança com olhos pesados de sono e incredulidade.

Acho que acabou, não é?

Não posso confiar nele.

Não depois de quatro anos de mentiras.

Sua família não iria aprovar o casamento, quero dizer, *meu Deus, sua mãe foi parar no hospital por causa disso!*

E ele passou os últimos quatro anos como um homem solteiro? Será que teve encontros? Namoradas? Levou essas mulheres para uma casa que eu nunca fui convidada a conhecer? Dormindo em uma cama que ele chamava de sua, mas que a própria esposa nunca pôde compartilhar?

Sua fidelidade era o tipo de coisa fácil de descobrir... ele era um homem público, como acabei de descobrir. Bastava uma pesquisa em um site de buscas e eu teria minha resposta.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Tiro minha aliança e a deixo sobre as rachaduras.

Eu não quero saber a resposta.

Acabou.

Leonardo destruiu nosso casamento.

Não há qualquer modo de seguir em frente.

Vou duvidar dele sempre que me disser qualquer coisa... e eu não sou do tipo de pessoa que gosta de duvidar. Não combina com minha natureza, eu iria sofrer em uma vida desconfiada por anos a fio.

Eu o amo.

Mas não quero isso.

Não consigo.

Ainda não deu sete horas quando escuto a chave na porta.

Bebo um gole longo do café.

Ele entra na cozinha de cabeça baixa, como se pedisse desculpas. Senta na cadeira ao meu lado sem dizer qualquer palavra, acho que espera por mim. Mas eu também não tenho nada pra dizer e mantenho minha boca ocupada com o café.

Abandonou o paletó e a gravata, mas ainda usa a roupa do dia anterior. Não sei onde deve ter dormido e não pergunto. Pelo menos seu cabelo voltou ao normal. Está lavado e livre de gel, bagunçado como ele prefere.

Quer dizer... se é que ele prefere assim.

Como vou saber?

Como posso ter certeza de qualquer coisa sobre o estranho com quem me casei?

- Oi. - murmura. Mantenho meu olhar baixo e ele me acompanha. Toca a aliança que abandonei sobre a mesa - Não está mais usando? - acho que tentou sorrir. Não deve ter conseguido.

- Estava me sentindo ridícula sendo a única a usar. Resolvi te seguir.

Raspa seu toque em meus dedos. É superficial e desajeitado, como se não tivesse decidido se ia ou não pegar minha mão. Mas eu vejo sua aliança de volta em seu dedo, onde sempre fica quando vem me visitar.

Toco o aro de metal e o giro devagar em sua pele.

- Não vou tirar mais. - sussurra - Nunca mais.

Pouco sabe que suas promessas valem mais nada.

- Acho que deveria. - sou eu quem sussurra agora - Não acho que isso vai dar certo.

- Mia... o que está dizendo?

- Leo. - enfio a testa nas mãos - Para, por favor. Para de agir como se isso fosse um problema que você pode fazer passar com um beijo e umas palavras bonitas.

- Eu só quero saber o que está dizendo. - engole em seco.

- Estou dizendo que mentiu pra mim por quatro anos, me escondeu de sua família, fingiu que era solteiro, levou duas vidas separadas... estou dizendo que não posso mais confiar em você. E como posso ficar casada com você, assim?

Ele fica em silêncio.

Acho que, assim como eu, Leo deve ter passado uma boa noite em claro imaginando todo o tipo de diálogo que poderíamos ter no dia seguinte.

"Pedido de divórcio" certamente esteve no seu espectro de possibilidades.

Estica os dedos e toma minha mão. Dessa vez é um gesto convicto,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

decidido. Não há hesitação.

- Você me ama? - pergunta.

- Isso é irrelevante.

- Pode ser. Mas ama?

- Leo... *sabe* que amo.

Balança a cabeça, não sabe se minha sentença o condena ou absolve porque a realidade é que ambas seriam ditas com as mesmas palavras.

- Eu menti. - admite, com uma voz firme - Te enganei e manipulei. Omiti. Fui um merda e um imbecil. Isso tudo é verdade e não há desculpas. Mas... Mia. Tem *uma coisa* que sempre foi verdade, acima de qualquer outra. - pausa para buscar meus olhos, mas não tenho coragem - Eu te amo. - sua voz é baixa e quente - Nunca menti sobre isso. *Nunca*.

- Acho que isso também é irrelevante, Leo.

- Pode ser. Mas eu ainda quero envelhecer com você.

- E como vamos fazer isso?

- Você vem pra São Paulo comigo? A gente se muda pra lá. Você conhece minha família, meu trabalho... Eu te explico tudo, respondo todas as suas perguntas. E eu te prometo, meu amor, que eu nunca mais minto pra você. Sobre *nada*. A gente está em um buraco que eu cavei, Mia, mas eu posso tirar a gente daqui. Você só precisa me dar uma chance.

Não aceito.

Mas também não recuso.

Isso lhe dá forças para continuar:

- Eu te amo. Muito! E eu sei que fui um imbecil e que pode não parecer agora, mas tudo isso que eu fiz foi só por medo de te perder.

- Quer que eu vá pra São Paulo?

- É o aniversário da minha irmã. Ela faz essas festas imensas que duram o fim de semana inteiro. É horrível, você vai detestar. - brinca, sorrindo. Balança nossas mãos unidas, estimulando-me - Jantamos com eles na sexta?

Eu não consigo conter uma risada de frustração.

- O que foi? - seu sorriso se alarga. Interpretou minha ação como alegria quando, na verdade, é apenas descrença.

- Achei que não queria que eu fosse pra São Paulo. - lembro - Tinha que viajar e ficaria preocupado se eu estivesse sozinha.

Leo murcha.

Seus ombros se curvam como se ele fosse pouco mais que uma casca.

- Mia...

- Não me queria em São Paulo porque tinha medo que meu caminho cruzasse com o de alguém conhecido? - não preciso que ele responda - Estava tentando proteger sua vida dupla. Não se importa que eu estivesse sozinha lá.

- Isso não é justo. É claro que não queria você sozinha lá.

- Mas não se importou que eu estivesse sozinha *aqui*. - balanço a cabeça, pesada de tristeza - Não se importava que eu estivesse sozinha. - murmuro - Desde que fosse longe de sua outra vida.

- Amor, isso não...

- Teve medo que eu te roubasse, Leo? - acho que aquele pensamento era o que mais doía. É por isso que eu precisava arrancá-lo de mim antes que infeccionasse - Foi por isso que não me contou que tinha dinheiro?

- Meu amor! Não! Não foi nada disso, eu juro! Eu...

- Eu acho que nunca vai fazer sentido. - sibilo - Suas mentiras... acho que nunca vou entender.

- Talvez. - geme - Mas não estou te pedindo pra entender, linda.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Estou te pedindo para me dar uma chance de explicar.

Inclina-se para mexer nos meus cabelos, toca meu queixo como quem queria ter coragem de pedir um beijo.

- Vem comigo? Me dá uma chance? Você pode mudar de ideia, e eu te trago de volta no mesmo instante. Mas... só uma chance?

Eu o amo.

Tanto.

Não sei se consigo ficar com Leo, mas não quero precisar ficar sem ele.

- Minha mãe sempre quis uma família grande. - explica - Ela vai te adorar! E o Matheus... é o meu irmão, ele é escritor. Lê umas dez vezes mais do que eu. Vocês vão se dar muito bem. Vai ser divertido. Amor, por favor... só uma chance?

Só uma chance.

Puxo seu rosto para o beijo que ele não teve coragem de pedir. Segura meu queixo com aquele seu carinho que me derrete e toma minha língua, prolongando o que deveria ser apenas um beijo rápido de concordância.

Estou ofegando quando me solta.

- Vem comigo?

- Vou. - suspiro - Mas não estou prometendo nada.

- Tudo bem. - aperta minhas mãos antes de se colocar de pé - Vamos?

Leonardo de pé no meio da minha cozinha querendo ir... para onde?

- O quê? Agora?

- Não? - abre os olhos, confuso - Achei que você viria.

- E você disse que o jantar era sexta. Sexta é amanhã. Não hoje.

- Ah! Mas... - olha para porta como se tentasse desvendar um caminho que levasse nós dois para onde nos quer, ao invés de só ele.

- Você precisa voltar pra São Paulo, hoje. - entendo.

- Posso ficar com você.

- Sua mãe se sentiu mal e você quer voltar para ver como estão as coisas.

Leo enfia as mãos nos bolsos e expira de uma vez.

- Não só isso... Eu preciso trabalhar, Mia. Volta comigo? Hoje? Não precisa levar nada. Compramos o que você precisar. Minha irmã vai adorar te levar pra fazer compras, acredite! É tipo o habitat natural dela. E você pode precisar de roupas para o fim de semana, então...

- Leonardo, não. Eu vou usar minhas roupas. - ergo as sobancelhas e ele se cala imediatamente - Há algo errado com elas?

- Não. Nada errado. - gesticula - Só pensei que você poderia gostar de ir as compras, enquanto eu trabalho. Mas se não quiser, não tem problema.

- Vou ficar aqui. Vou fazer as malas com calma e encontro você amanhã. Tudo bem?

- Tudo bem. - engole em seco - Eu venho te buscar. De manhã? Pode ser?

- Eu vou dirigindo.

- Mia, eu preferia que não fosse sozinha.

- E eu preferia que você não tivesse passado os últimos dois anos achando que o uso da aliança era opcional. Mas, é a vida.

Ele se cala e faz uma reverência obediente.

- O Diogo pode te levar? Aceitaria isso? Se o Diogo ficasse com você?

Reviro os olhos e respiro fundo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Tá bem.

- Certo. Ele fica. E você vai... quando?

Disse que iria "amanhã", mas sei que estou apenas querendo adiar o inadiável.

- Posso ir hoje. Mais tarde.

- Ótimo. Perfeito! Espero você em casa.

Torço o nariz para a palavra que ele escolheu usar e...

- O apartamento. - acrescenta - Que eu moro. Quando estou em São Paulo. É seu também. Pode ser sua casa. Nossa casa. - aperta os olhos, corrigindo uma frase precária com outra pior ainda - Ou podemos ir pra outro lugar. Ficar aqui. Onde você quiser. Eu chamo de "casa", mas quero dizer...

- Leonardo, eu entendi. - absolve - Vai trabalhar e ver a sua mãe. Dirige com cuidado. A gente se vê a noite.

Sorri.

Acho que quer um beijo de despedida, mas eu já lhe dei o máximo que conseguia.

Viro as costas e subo as escadas.

Ele se despede e diz que me ama.

Não respondo.

Tenho que fazer as malas.

Leo

Fernando começa a dar risada no mesmo segundo que cruzo a porta.

- Isso vai ser divertido. - brada, entre gargalhadas.

Meus pais ainda moram no mesmo lugar desde que se casaram, uma mansão em Jardim Paulista, com mais de 900 metros quadrados e duas piscinas. Minha mãe sempre quis uma família grande e precisava de uma suíte para cada filho. Agora, com todos os filhotes fora do ninho, ela quer passar as suítes de herança para os netos, que pretende receber com frequência. O problema é que, até agora, nenhum de nós decidiu colaborar com a parte de *fazer* os netos.

A sala tem o pé direito duplo com janelas triangulares e colossais subindo até o teto. A decoração é clássica e acolhedora em tons de bege e marrom. Nenhuma televisão aqui, apenas uma lareira adornada por arabescos dourados e uma tapeçaria persa que se estende na parede, como um quadro, até os quatro metros de altura.

Matheus levanta do sofá para me receber.

- Não precisava ter vindo. - dou um abraço no meu irmão caçula.

Ele não precisava estar aqui. Mas estou feliz que esteja.

- Está brincando? E quem vai servir de testemunha no julgamento, quando nossa família for condenada por te engolir vivo?

- Você precisa mesmo ser tão criativo nos argumentos?

- Canibalismo é visto como honra em algumas culturas.

- Está preparando um livro?

- Sobre a história da sua vida? Até semana passada, não. Era tudo bem desinteressante. Mas um casamento secreto pode render bons frutos. - dá um tapa amigável em meu ombro.

Fernando está no bar. Serve outra dose de seu veneno favorito e nos

observa a distância. Sua risada ruidosa se foi, mas seu olhar ainda está cravado em nós.

- Ele está se divertindo? - murmuro para Matheus.

- Oh, como uma criança com um brinquedo novo feito de algodão doce.

- Acho que facilitei as coisas pra ele, han?

Matheus coça a sobrancelha e não responde.

- Fernando. - cumprimento a distância.

Ele apenas ergue o copo em um brinde silencioso e mantém o sorriso sádico.

- Onde eles estão? - pergunto.

- Mamãe está no quarto, em repouso. - Fernando responde - Papai e Helô estão com ela, o doutor Magalhães veio fazer uma visita. Sabe, Leo... - continua - O propósito de receber uma antecipação de herança é que você *não precisa mais* matar nossos pais para ficar com a grana, maninho. Não estou entendendo seu plano de matar os velhos do coração.

- Fernando, cala a boca. - Matheus pede.

Atravesso a sala em direção às escadas, para ver nossa mãe. Fernando está se divertindo com mais alguma frase de efeito que deve ter passado as últimas horas elaborando. Não lhe dou o gosto. Subo dois degraus de cada vez e Theu me acompanha.

- Leo, espera. - ele segura meu cotovelo assim que alcançamos o primeiro andar. Enfia a mão nos cabelos, bagunçando-os. Está tentando ser reservado em meu benefício, mas vai precisar de um pouco de informação se for servir de escudo entre eu e nossos pais. Respiro fundo.

- Pergunte, Theu.

- Mas que merda, cara? - explode, o mais baixo que pode - Você casou?

- É uma longa história.

- Normalmente é. Mas achei que, quando acontecesse, o resto de nós seria convidado a participar.

- Eu sinto muito. Não tenho o que dizer, cara, de verdade. Só... sinto muito.

- Leo... - ele troca o peso de pé - Vocês têm filhos?

- QUÊ?

- Shh! - pede ao gesticular, exagerado. Nossos pais estão no fim do corredor atrás da porta fechada do quarto, mas não podemos contar com a sorte - Você me ouviu! Tem filhos? Ela engravidou?

- Não, não engravidou! Espera... É isso que estão achando? - aponto para o quarto dos nossos pais.

- É. É a teoria em andamento. Um casamento secreto e às pressas com uma pessoa que ninguém conhece. "Gravidez" é uma boa razão pra algo assim. E você não é exatamente um falido. - ergue a sobrancelha, sugestivo - *Golpe da barriga* não é um absurdo de imaginar.

- É isso que estão achando? - aperto minha testa - Estão achando que Mia é uma golpista?

- Mia?

- É, Theu. - encaro meu irmão - "Mia" é o nome da sua cunhada. *Apelido*, na verdade. Mas é bom se acostumar.

Ele se cala. Observa-me por um minuto inteiro. Estou quase constrangido quando ele diz:

- Você está apaixonado.

- Eu a amo. - corrijo - Não casei com ela porque engravidou, casei porque a amo. E não foi "às pressas".

- Não?

- Não. Estávamos juntos há mais de um ano.
- Como conseguiu manter isso em segredo?
- Importa?
- Não, mas eu tô curioso pra caralho.
- Então, te explico depois. Mais alguma coisa que eu precise saber antes de entrar lá?
- O pai quer que você se divorcie.
- Não vai acontecer.
- Seja gentil. Ele está preocupado.
Aceno antes de me afastar.
- Leo.
- Hm?
- É a garota do restaurante?
- Que restaurante?
- Há uns anos, você estava com uma garota e uma porção de pessoas em um restaurante. Quando eu e o Fernando chegamos você me pediu para ser discreto, porque a garota não sabia quem você era.
Engulo em seco.
- É ela? - pergunta.
Eu confirmo.
- Poxa, Leo... Você me disse que não tinha dado certo. Podia ter me contado a verdade.
- Eu sei. Não foi o único erro que cometi nos últimos anos, Theu. E eu te amo, você sabe disso, mas no momento eu tenho tanta merda pra consertar que espero que você me perdoe por esse deslize. Porque eu não tenho como te dedicar muita atenção agora.
- Eu sei. - ele não me condena, mas está magoado. Eu também estaria se estivesse no lugar dele.
Respiro fundo e abro a porta do quarto.
Os olhos de mamãe se enchem de lágrimas, os de papai, de fúria.
- Leo, meu filho. - ela está sentada na poltrona, o doutor Magalhães termina de auferir sua pressão e me cumprimenta com um menear de cabeça.
- Doutor. - cumprimento - Mamãe, o que houve? - vou ficar perto dela.
Segura minha mão, matriarcal e pesarosa. Evito os olhos do meu pai.
- Nada. Minha pressão, você sabe como é. - sorri e aperta meu nariz
- Estou ótima.
Busco doutor Magalhães procurando respostas.
- Ela vai ficar bem. Mas precisa repousar! - sua entonação sugere que não é a primeira vez que diz isso - Está bem, Leo? Faz tempo que não o vejo. - aperta minha mão.
Devolvo cordialidades até que ele se despeça e se vá.
- Mãe, você nos deu um susto - me abaixo ao seu lado para segurar sua mão. Ela me aperta com gentileza e sorri, mas não há muita alegria ali. Tenta me reconfortar, mas a mágoa está forte demais para esconder.
- Leonardo. - papai diz meu nome como se fosse uma ofensa - Vamos deixar sua mãe descansar.
Olho para ele pela primeira vez.
- Bobagem, estou bem.
- Claro que está. - ele beija o topo de sua cabeça - Mas precisa descansar. Matheus fique com sua mãe.
Prende Matheus no quarto porque sabe que ele é o único que vai me defender.

O filho caçula, sentando no braço da poltrona de mamãe, dando-lhe um abraço amoroso enquanto me observa sem muita esperança.

- Ela precisa dormir um pouco, papai, é melhor deixá-la. Não é, mãe? - meu irmão tenta surgir em minha defesa.

Nossa mãe concorda, exonerando Matheus de sua obrigação.

Papai não diz uma palavra.

O ar no quarto é pesado apesar das janelas abertas e da brisa fresca, assim como deve ser o ar frio no pátio das prisões. Não importa o quanto dê pra ver o céu, a animosidade ao meu redor seria capaz de fazer sufocar, oprimido pela violência das angústias.

O patriarca abre a porta do quarto e nos guia de volta para a sala. Heloísa hesita, mas nos segue.

Dobro as mangas da camisa libertando meus antebraços, porque o que está diante de mim não é trabalho braçal, mas vai me tirar energia como se fosse. Fernando ainda está no bar, no mesmo lugar em que o deixei, e serve uma dose para papai, mas não uma para mim.

- Ela está grávida? - é a primeira pergunta que me faz.

Deus abençoe Matheus, porque já estou pronto pra essa.

- Não.

- Tem um filho seu?

- Não. Nada disso.

Ele balança a cabeça e parece que um peso se dissipou... não um peso *grande*, mas um peso, ainda assim.

- Aqui está o que vai fazer - meu pai começa, ao virar a dose oferecida pelo primeiro filho como se fosse necessária, mas não suficiente - Primeiro, vai se divorciar.

- Não. - interrompo.

O problema é que papai tinha acabado de respirar fundo, sugerindo que "divórcio" ia ser o primeiro item de uma longa lista de exigências. Minha discordância em uma etapa tão inicial era um problema. É como ir ao supermercado comprar o que precisa para um churrasco e descobrir que não tem carne. Não vai funcionar.

- O que disse?

Papai me encara furioso.

Eu estou bem fodido por uma causa simples: meu pai esteve se controlando, desde que cheguei, em benefício de sua esposa, a mulher que ele ama mais que a vida. Suas palavras eram reservadas e até a cólera que exalava do coração, passava por um filtro delicado, antes de ser exposta ao mundo. Agora, no entanto, sua esposa estava protegida por um lance de escadas e uma porção de medicamentos. Estávamos a sós e ele não ia demorar a perceber que podia arreganhar os dentes afiados e me engolir.

Talvez Matheus estivesse certo e canibalismo fosse uma alternativa, no fim das contas.

- Disse que não vou me divorciar. Mia é minha esposa. Nos amamos e estou decidido a...

- "*Nos amamos*"? - pelo modo como o pai me olha, parece que eu acabei de sugerir abriremos uma organização nazista pelo direito dos judeus. Leva as mãos as cabeças e acho que vai enlouquecer. Quer dizer um milhão de coisas, mas não consegue achar palavras para nenhuma delas.

Fernando volta a suas gargalhadas estridentes. Acho que meu irmão mais velho acabou de arranjar um novo lazer favorito.

- Eu sei que pode ser difícil de entender, mas... - pergunto.

- Leo... - Matheus pede - Acho que o papai só quer dizer que é complicado aceitarmos a sua versão dos fatos tão cegamente quando sequer

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

conhecemos a moça.

Que merda, Theu? Achei que você estava do meu lado.

- E é por isso que eu a trouxe para São Paulo. Vai jantar conosco amanhã. E eu gostaria muito se...

- Ela já está aqui? - papai pergunta.

Estou começando a ficar irritado.

Eu sei que fiz merda e não mereço um perdão imediato, mas puta que pariu, a sensação que tenho é que desde ontem não consigo sequer terminar uma frase.

Como todo mundo quer explicações se não me deixa falar?

Será que podem rir e achar minhas justificativas ridículas *depois* que eu as der? Ao invés de antes?

Mordo minha boca e respiro fundo.

- Amanhã? - Heloísa se manifesta - *Não, não, não!* Leo! Não vai transformar meu aniversário em intriga de família!

Mais essa agora.

Eu estou aqui preocupado com meus pais, Mia, a empresa, Fernando... e minha irmã faz caso por causa de uma *festa*?

- Heloísa, seu aniversário foi na terça. Já jantamos, te demos presentes e te desejamos os parabéns. Três dias de celebração é algo que funcionava nos tempos romanos, mas hoje em dia é insanidade de gente fútil que não tem jeito melhor de ocupar o tempo.

- Leo! - Matheus pede.

- Achei que você estava do meu lado! - verbalizo meu receio.

- Você precisa se acalmar. - pede.

Fernando ri e eu fecho os punhos.

Preciso limpar a imagem de Mia, primeiro. Vai ser mais fácil se desprezarem só a mim.

- Helô, Mia é sua cunhada. Ela é família. O jantar de amanhã é para família, não é?

- Você disse que ela já está em São Paulo - lembra - Por que não a conhecemos hoje?

- Não. Essa situação não está sendo fácil pra ela também, quero que tenha um tempo para respirar e se acostumar. Consegui convencê-la a me dar uma chance, mas se a pressão familiar for muito forte, ela acaba se decidindo pelo divórcio e aí vocês vão adorar...

- O quê? - o pai fica pálido - Ela falou em divórcio?

Abro os olhos e só não dou risada porque o desespero é mais forte.

- Qual o problema? Achei que eu me divorciar era seu novo sonho favorito. - lembro.

- *Você se divorciar dela, Leonardo!* - ralha - *Não ela se divorciar de você.*

Olho pra Matheus porque estou genuinamente confuso.

- Faz diferença?

Fernando sorri e se estica no balcão.

- Quer saber se "faz diferença" caso a desconhecida dona de metade da OM3 já tenha procurado um advogado para o divórcio e já esteja considerando *exatamente* quanto ela ganha caso se separe de você? - ri.

- Tem que partir de você, Leonardo. - papai exige - O divórcio tem que partir da empresa.

- E a empresa casou com alguém? - aceno, ridículo.

Amo meu pai.

Detesto quando ele começa a falar da OM3 como se fosse o quinto filho.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Calado, garoto. - aponta.

É a diferença entre eu e Fernando.

Eu tremo.

Nunca deixei de ver meu pai como "meu pai". O chefe da casa, dono das regras, a ordem que não se desobedece. Pensei muito sobre isso durante os debates da antecipação de herança... eu nunca teria conseguido fazer com papai o que Fernando fez, não apenas por uma questão de caráter - que eu tenho e meu irmão, não - mas porque bastaria que papai me olhasse como fez agora, chamando-me de garoto e mandando calar, e eu esqueceria que sou um homem e não uma criança.

Obedeceria sem questionar.

Engulo em seco.

A situação, aqui, é mais complexa.

Não posso obedecer.

Não sem questionar.

- Essa menina não pode arranjar um advogado, me entendeu? - ordena
- Ela não pode passar *nem perto* de um! Nós vamos decidir todos os termos e você vai convencê-la a assinar para acabar com essa piada de mau gosto.

- "Essa menina" é minha esposa. E não acho que entendeu, pai, então eu repito: não quero me divorciar. Eu a amo. Pretendo continuar casado.

Ele trava os dentes como um carnívoro.

- Então "continue casado", mas mude o regime de bens.

- Você não conhece Mia. Nenhum de vocês conhece! Ela nunca se aproveitaria disso por dinheiro.

- Ah não? - ele abre os olhos, sarcástico - Porque ela é feita de doces e arco-íris? ACORDA, Leonardo!

- Porque ela é decente! - corrijo - Porque ela é a pessoa mais gentil e transparente do planeta. Ela não está comigo por dinheiro! Casou achando que eu era pobre! Quis colocar a comunhão universal de bens para que eu *pudesse ter o que era dela*.

- Então, a ideia foi dela? - papai congela.

- Quando você fala assim, parece nefasto.

Sua respiração falha e ele abre dois botões da camisa:

- Leonardo... - esfrega os olhos - Como *sabe* que ela achava que você era pobre?

O pensamento é tão demente que eu não consigo impedir uma gargalhada.

- Acha que Mia *me enganou*? Mia? - estou rindo.

- E por que não? Você tem o pior histórico com relacionamentos.

- O que quer dizer?

- Sabe o que quero dizer! Por que acha que sua mãe vivia desesperada para vê-lo casado? Porque ela temia que algo EXATAMENTE assim acontecesse!

- Sério, pai? Mamãe temia que eu me apaixonasse por uma garçonete em uma cidade de beira de estrada e casasse em segredo, escondendo isso de vocês por anos? Que medo específico.

- Leonardo, eu juro por Deus... - estreita os lábios, sem achar graça de minha brincadeira. - Sua mãe queria você com a Sara porque você tem *um tipo*. - rosna - Você gosta de mulheres *perigosas*. Se envolve com as que não prestam e só te querem porque sabem que podem te usar: por dinheiro, por posição social, para subir na carreira.

- Nossa, assim você me comove.

- Olhe pro seu histórico! Você é PÉSSIMO para escolher companhias! Envolvendo-se com funcionárias da OM3! Mesmo que eu te peça UM MILHÃO DE

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

VEZES para não se meter em escândalos assim. Sua mãe vivia em pânico que, um dia, uma dessas furasse o preservativo e te desse um filho para arrancar seu dinheiro. Você sabe como família é importante pra ela! Um neto nesse contexto... sem amor... por dinheiro... ia destruí-la. Ela queria você casado e depressa para impedir esse tipo de desastre. Mas você nunca se envolvia sério com ninguém... quer dizer... a não ser com a garota na faculdade, que te traiu. Ou com a Laila, que só queria seu dinheiro. Ou com a Luciana que, Deus proteja seu coração, eu a adoro, mas não é nem de longe uma companheira estável pra se ter. E agora, está "amando"! - vocífera, com nojo - E nós devemos simplesmente acreditar no seu bom senso para escolher mulheres? CLARO, VAMOS TODOS ACREDITAR NO LEONARDO!

- Pai... - Matheus toca seu ombro - Pai, calma.

- SEU MOLEQUE! Você deu metade da empresa para uma pessoa que ninguém conhece! METADE da empresa! A empresa que está nessa família há anos! Eu achei que você ia fazê-la crescer.

- Pai, vamos tentar manter o foco. - Matheus interfere.

- Ai, cala a boca, bebê. - Fernando pede - O pai está certíssimo e o Pequeno Príncipe precisa ouvir uns gritos. Para de bancar a turma do Deixa Disso.

- O importante aqui é tentar descobrir o que fazer a seguir. - Matheus trava os dentes e ignora nosso irmão mais velho - Se o Leo está apaixonado, não adianta discutir ou exigir que ele se divorcie. Você se divorciaria da mamãe?

- Matheus... - papai brada, colérico - Não ouse comparar as coisas.

Ele é alto, meu pai. Quase tão alto quanto eu ou Matheus. Quando nos encara com seus olhos azuis e intensos, precisamos fincar os pés no chão para nos lembrar que somos adultos. Homens feitos.

Matheus respira fundo e continua:

- Não estou comparando, pai. Estou apenas pedindo um pouco de empatia. Essa... *loucura* que o Leo fez não é simples. Ele não vai conseguir explicar em dez minutos, e nem você conseguiria entender. Vamos todos precisar de tempo. Então, por que não respiramos fundo?

O pai não percebeu, mas está obedecendo Matheus.

Eu murcho e o deixo assumir. Faz isso melhor do que eu.

- A mamãe está bem. Foi só um pico de ansiedade. - aperta seu ombro

- A empresa não deve sofrer nenhum impacto imediato por causa disso...

- As ações... - começa, em pânico.

- ... vão se recuperar em um instante. - Matheus promete - As pessoas sempre precisam comer e beber, lembra? Isso não vai mudar para os investidores. O Leo ainda é o melhor presidente que a OM3 já teve e tenho certeza que ele tem uma porção de reuniões e coisas importantes agora, não é?

Eu afirmo. Fernando emite um muxoxo de desagrado. Matheus está vencendo.

- Estamos bem! - o caçula repete para enfatizar o fator psicológico

- Agora, só nos resta conhecer a Mia. - continua, suave, sabendo que esse território é um campo minado - Já sabemos que ela não está grávida, isso é um ponto positivo, não é? - encoraja e papai assente - Leo diz que ela é decente! Se for, mamãe vai adorar fazer uma festa de renovação de votos para os dois. E Leo vai convencer Mia a aceitar, em benefício de mamãe, não é? - me encara com força. Eu concordo imediatamente - Vão envelhecer juntos e ter uma porção de filhos.

- E se não for? - Fernando incentiva - E se não for *decente*?

É o anjo e o demônio, um em cada ombro de papai, eu juro por Deus.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Se não for, nós vamos perceber... e Leo vai se comprometer a proteger a empresa em primeiro lugar. Vamos à justiça, se for preciso, e não adianta chorar porque é nesse ponto que estamos. Mas vamos dar uma chance a moça, han?

- E meu aniversário? - Heloísa ergue a sobrancelha.

- Leonardo a conhece melhor e disse que ela precisa de um tempo. Eu acho isso justo. Qualquer um de nós precisaria de um tempo. Então, vamos conhecê-la amanhã a noite.

- Mas amanhã...

- Helô! Pensa que vai ser algo diferente! A etapa "jantar de família" no seu aniversário é sempre um tédio. - sorri, carinhoso - Desculpa, maninha, mas é verdade. Nunca é o ponto alto do fim de semana. Esse, pelo menos, vai ser diferente. E a parte importante mesmo é a festa do sábado, não é? Vai dar tudo certo. A novidade pode até chamar mais atenção da imprensa pra sua festa.

- Sei que está tentando me manipular, viu Matheus?

- Claro que sabe. A pergunta é: estou conseguindo? - sorri.

Ela ergue um ombro e um meio sorriso.

- Ainda gostaria de passar na sua casa hoje e conhecê-la, Leo. - ela pede.

- Por quê? - pergunto.

- Porque, insanidade à parte, ela é família. E se você não pode ficar com ela durante o dia, alguém deveria fazer isso.

- O Diogo está com ela. Garanto que não vai ser sequestrada. - sarcástico.

- Você vai precisar desapegar, Leonardo. - Helô murmura, firme - Está acostumado a ter a Amélia só pra você. Mas isso vai mudar bem depressa e um monte de gente vai querer um pedaço dela. E tem pessoas que...

- Helô, deixa que eu me preocupo com a Mia, está bem?

- Leo, isso é bobagem. - pede - Deixa eu conhecê-la logo e...

Olho pra Matheus pedindo resgate.

- Helô, a situação já é delicada. - implora, por mim - Vamos fazer o que o Leo pediu? Por favor?

Ela concorda, mas eu não estou seguro.

- Ótimo. - ele encerra o monólogo.

Papai caminha incerto de um lado para o outro. Encara o chão e não diz palavra até começar a se afastar.

- Vou ficar com sua mãe. - murmura. Eu tento me despedir, mas ele já se foi.

Fernando sorri e serve mais bebida. O show acabou e ele está bem perto de ficar bêbado.

Deve estar comemorando.

Foda-se.

- Ela precisa de roupas? - Heloísa experimenta.

- Helô... - Matheus geme, exausto e ela se rende - Vem, eu te levo até o carro.

Ainda consigo ver o show da alegria de Fernando através das janelas, mesmo quando estamos na lateral da casa, caminhando pelo gramado até a entrada dos carros.

A sensação de sobreviver a um afogamento está de volta.

Existe pouca coisa nessa vida tão desesperadora quanto sentir que até mesmo oxigênio é capaz de te fazer sufocar.

Não há nada que te ajude.

Nada que te salve.

Seus pulmões se apertam e seu coração explode.

Estou suando.

Ergo as mangas, de novo, em um reflexo involuntário que chega a ser quase cômico.

- Cara - bato no ombro do meu irmão - não tenho como te agradecer...

- Você precisa fazer a Mia assinar esse documento. - diz, sem respirar.

- O quê? - inclino-me, descrente.

- A Mia. Os advogados da OM3 vão preparar uns papéis para modificar seu regime de bens e você precisa convencê-la a assinar.

- Matheus, eu achei que...

- Eu disse o que foi preciso para aliviar a tensão. Se eu deixasse rolar, vocês iriam se engolir!

- Eu esperava isso do Fernando. Do papai, da Heloísa... mas você? Colocando *dinheiro* acima de amor?

- Não estou preocupado com dinheiro, Leo. Minha parte está a salvo e você me rendeu dinheiro pra caralho com os investimentos do último ano.

- De nada. - rosno.

- Mas essa situação é uma merda bem fodida. E eu gostaria que ainda fôssemos uma família quando ela acabar. Então preciso me preocupar.

- Com o quê? Com a Mia?

- Não! A Mia já tem muita gente preocupada com ela. Você, papai e mamãe não vão pensar em outra coisa pelas próximas semanas. Heloísa está preocupa com Heloísa. E Fernando está preocupado em te foder. Então, eu preciso me preocupar com o que resta.

- E o que resta?

- Papai e mamãe. - acena - E você. - sorri - Eles não são mais jovens, Leo. Não podem aguentar estresse e tensão com tanta facilidade. Você sempre foi o filho querido. E agora os magoou.

- Porque me casei?

- Não seja simplista, não combina com essa tua cara de pau. - brinca - Você sabe como a mãe é louca por família. Ela sempre quis uma família grande, queria te ver se apaixonar, casar, ter filhos. Você roubou parte dessa experiência dela. Pode ser uma besteira para você ou para mim... mas... você conhece a mãe? Ela vai te perdoar porque te ama. Mas ela nunca vai esquecer. E o pai... Não importa o quanto você queira ou deseje pra uma estrela cadente, Leo... papai não vai confiar em Mia tão cedo. Isso é uma realidade que você precisa lidar. E enquanto ela for um risco pra empresa, ele vai mantê-la a distância.

- E se Mia assinar uns papéis pode resolver isso?

- Pode ajudar.

Encaro o chão.

A pressão em meu peito voltou.

Eu escuto as palavras de Matheus e elas fazem sentido.

Mas isso não altera o fato de que elas doem.

Estou erguendo minhas mangas de novo.

Começo a rir.

- O que foi?

Observo meus braços despidos e as mangas enroladas que sobem cada vez mais.

- Acho que é algum resquício genético de homens das cavernas. - indico minha camisa - Subir as mangas quando se está nervoso, mesmo que não tenha trabalho físico a fazer. - ergo o ombro - Não sei por que pensei nisso... é só... - minha mente divaga, Matheus está em silêncio - Está

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pensando que eu sou ridículo?

- Estou pensando que homens da caverna não deviam usar mangas. - sorri.

Tenho vontade de abraçá-lo.

- Theu - peço - fecha os olhos...

- Literalmente, ou é só pra provar um ponto?

- ... e finge que eu estou certo. Imagina, só por um minuto, que Mia é decente e me ama. Passou dois anos casada comigo e agora descobriu que estou mentindo. Que *estive* mentindo. E aí, assim que ela descobre a verdade, a primeira coisa que eu faço é lhe dar um monte de documentos para assinar, para proteger meu dinheiro. No lugar dela, o que você pensaria?

Ele nem hesita.

- Que você não confia em mim e acha que vou te roubar.

- Não posso fazer isso com a mulher que eu amo, entende?

- Leo, me escuta... - segura meus braços, fraternal. Ele me encara daquele jeito de quem diz "eu te amo, mas..." - Você fodeu tudo. - e aí *está* - Fodeu com força! Não tem saída fácil. Alguém vai se machucar. E eu sei que você precisa do meu apoio, mas não sei se vou poder te ajudar.

- Por que não?

- Porque você ama a Mia e quer protegê-la. Papai e mamãe te amam e querem te proteger dela. Percebe? - estreita os olhos - Ninguém está tentando proteger o pai e a mãe. Fernando e Helô não ligam. Você não pode. *Precisa* ser eu. - ergue o ombro - Então, eu sinto muito. Mas eu acho que você deveria fazê-la assinar os documentos, e lidar com as consequências.

Estou cansado a ponto de sentir dores no corpo.

- Quando você ficou tão pragmático? Achei que você era um romântico... o que aconteceu? - sorrio.

- A vida aconteceu. - dá de ombros, despedindo - Aconteceu pra mim, do mesmo jeito que está acontecendo pra você.

Mia

O elevador abre as portas no meio da sala.

Eu chamo de *sala*, mas acho que *salão* seria mais apropriado.

Diogo traz minhas malas e me estimula a entrar com um sorriso amigável. Eu não sei para onde olhar primeiro. Não fazia ideia que apartamentos podiam ter um teto tão alto. O *salão* retangular segue desde a imensa varanda virada para o Parque, dividindo-se em quatro ambientes, até terminar em um corredor largo do outro lado. A mobília é uma coisa como nunca vi. Leonardo tem uma porção de sofás e poltronas que, juro por Deus, tem uma aparência mais confortável que minha cama.

Parece cenário de filme. Ou de novela. Casa de gente rica do tipo que a Globo faz.

Os tapetes parecem pelúcia e os lustres, obras de arte em madeira reluzente, flutuando simétricos sobre a sala a cada poucos metros.

Há uma parede de vidro fosco separando a mesa de jantar dos outros ambientes, ladeada por um aparador de madeira escura, decorado por vasos verde-escuro e um dos conjuntos de café mais lindos que já vi na vida.

Não há *nada* no apartamento de Leonardo que parece custar menos do que eu ganho no mês.

Seguro minha bolsa sobre o ombro como faria a um colete salva-vidas. Sinto-me menor a cada passo dado, abraçando-me em uma tentativa de me proteger da imensidão que ameaça me engolir.

- O quarto é por aqui. - Diogo segue pelo corredor largo que se bifurca em mais de um caminho. Escolhe o da direita e passamos por três portas fechadas antes de alcançarmos uma imensa escada de vidro.

- Tem outro andar?

- Tem mais dois, na verdade. - explica, erguendo minhas malas.

- Eu não sabia! - encaro sua dificuldade de manusear minhas duas malas escada acima - Teria trazido uma mala só. Deixa eu te ajudar.

- Senhora Oscher, não precisa, de verdade.

O modo como diz meu sobrenome me causa calafrios

- Diogo, me chama de Mia, por favor. - peço - Já tem estranhice demais na minha vida.

- Tudo bem, Mia. - sorri - Não preciso de ajuda. - promete.

Mas precisa e eu apanho a mala menor ainda assim.

- Você é teimosa. - ergue a sobancelha.

- E acho que sou sua chefe, em algum nível, então precisa me obedecer. Eu levo essa. - decido.

Ele abana a cabeça como se soubesse que não há muito futuro em discutir aquilo. Guarda suas forças pra próxima.

Chegamos ao andar superior - ou seria "*intermediário*"? - quando quase esbarro em alguém. Ela é baixa e magra. Tem rugas bem marcadas e um sorriso simpático. Gosto dela imediatamente.

- Olá. - cumprimento.

- Olá. Você deve ser a senhora Oscher!

- "Mia" está bem.

- Sou Adriana. Por favor, me avise se precisar de qualquer coisa.

Diogo aproxima-se com explicações:

- Adriana trabalha com o senhor Osc... com o Leo. - corrige diante de meu olhar - há alguns anos.

- Já está tudo pronto, no quarto. O senhor Oscher me pediu que liberasse espaço no closet. Vamos, por aqui. - convida.

Olho para Diogo esperando coragem. Não sei se encontro.

As escadas acabam em uma antessala quadrada, ocupada por um divã de couro branco e um piano de madeira preta. Engulo em seco.

Seguro a bolsa.

Abraço-me.

Dou um passo.

Passamos por mais quatro portas fechadas, e um grande portal de vidro decorado que dá para uma varanda circular, antes de chegar as portas duplas de madeira escura que Adriana abre sem muita pompa.

Perco o ar assim que o quarto de Leonardo me atinge.

As paredes são todas de tijolo aparente do chão ao teto, a não ser por uma delas que parece feita de pedra rústica e crua. O chão de madeira escura corrida traz um pequeno tapete cinza e circular sob um jogo de poltronas.

A cama é imensa.

Deve ser duas vezes a minha.

Não acho que vendem coisas dessa proporção em lojas convencionais.

A roupa de cama é escura, combinando com a cabeceira acolchoada e o divã estreito aos pés da cama. Conteí oito travesseiros. Os móveis de cada lado da cama alternam madeira com metal e, assim como os lustres e o resto da casa, parecem mais decorativos que funcionais.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Há um imenso painel em uma das paredes, com cores simples que lembra o de um filme antigo. Mas deve ser falso ou obscuro, porque nunca ouvi falar do filme. Do outro lado, cravada na parede de pedra, descansa uma televisão colossal.

Diogo se afastou demais e minha noção espacial está confusa. Olho para o lado onde deveria ser o fim do quarto, mas vejo aberta uma imensa porta de correr, dando passagem a um closet que é basicamente o tamanho do meu quarto, em casa. Há um espelho de corpo inteiro em uma moldura de madeira escura e um banco acolchoado no meio da passagem larga. Uma porção de portas e gavetas estão abertas e vazias.

Tem espaço demais ali e eu trouxe pouco mais que um pijama e um par de meias.

Tudo bem.

Tento respirar fundo e falho.

- O banheiro é pra lá. - Diogo indica a porta fechada depois do closet e algo em seu celular chama sua atenção - Vou precisar ir até a OM3. - resmunga - Mia, você vai ficar bem?

Não.

De jeito nenhum.

- Vou. Vai fazer suas coisas.

- Adriana...

- Eu cuido dela. - promete e sorrimos uma para a outra.

- Mia, se precisar ir a algum lugar, tem dois carros do Leo aí. Pode usar qualquer um, Adriana sabe onde estão as chaves e os documentos. Você sabe dirigir carro automático?

Balanço a cabeça, negando.

Ele hesita.

- Bem, talvez seja melhor me ligar então, caso precise sair. E eu volto. Tudo bem?

- Não acho que vou sair. Vou ver um filme. - sorrio - Se conseguir ligar a televisão.

- Adriana te leva até a sala de cinema. Ela sabe como tudo funciona.

- Sala de cinema?

Sorri, fraterno.

- Talvez você devesse começar com um tour pela casa?

- Talvez.

- Se precisa de qualquer coisa...

- Eu ligo! - prometo.

Ele agita a cabeça em sua típica reverência de que não confia em minhas palavras, mas precisa ir e vai.

- Tour pela casa? - Adriana convida.

Eu não me sinto bem.

Parece que comi algo que vai me fazer horivelmente mal a qualquer instante. Aquela sensação forte de estar sempre nas imediações do vômito.

- Na verdade, acho que vou tomar um banho. - decido - Estou um pouco cansada.

- Claro! Posso te fazer algo para comer?

- Não, obrigada. Não estou com fome.

Adriana sorri, concordando e, assim como Diogo, se vai.

Estou sozinha no meio do quarto e ainda não tirei a bolsa do ombro. É como se meu corpo inteiro estivesse preparado para fugir. Estou rígida e dolorida.

Minhas malas ainda estão fechadas. A maior sobre o banco no closet,

PERIGOSAS

a menor sobre a cama.

Meus lábios estão trêmulos e gelados.

Olha ao redor pelo imenso quarto do meu marido e me sinto pequena.

Minúscula.

Acho que nem no funeral do Gustavo eu me senti tão sozinha.

24.

Eu achava que teria problemas para ligar a televisão, mas isso foi porque eu ainda não tinha visto o chuveiro.

Meu Deus!

É um chuveiro!

É só uma caixa pra jogar água na sua cabeça!

Por que precisa de tantos botões e alavancas?

O banheiro, como todo o resto, é imenso. Todo feito em pedras cinza e vidro. O balcão tem duas pias cravadas em mármore escuro com torneiras em aço escovado. O box é grande o suficiente para deitar e dormir, desde que esteja sozinha... se estiver acompanhada e quiser deitar e dormir, aí você precisa ir para a banheira do outro lado. Imensa e circular, enterrada em mármore assim como as pias, decorada com plantas por todos os lados.

A gente vê esses filmes na Sessão da Tarde em que a mulher encontra um bilhete de loteria e fica instantaneamente rica e parece divertidíssimo: ir às compras e morar em uma mansão.

Talvez eu devesse me sentir assim.

Talvez eu devesse me divertir com tudo aquilo.

Meu marido é rico. "*Eba*", certo?

Aperto um dos botões e um jato de água no meio da parede se ativa, escaldando minhas costas. Saio do seu caminho, resmungando ofensas.

Não estou me divertindo.

Não consigo, porque olho ao redor e penso se meu marido transou com mulheres naquele banheiro. Se as colocou contra a parede e se enfiou nelas, como faz comigo.

Olho pro seu quarto e me pergunto quantas vezes ligou pra mim, deitado em sua cama feita sob medida, e mentiu dizendo que estava em um motel barato com uma televisão que não funcionava.

Pergunto-me se era naquela gaveta que ele deixava a aliança quando saía para um de seus encontros.

Toda essa riqueza ao meu redor me traz nenhuma paz ou diversão.

São apenas coisas que servem como lembrança constante de algo deprimente: Leonardo me tinha como motivo de vergonha, ou lazer extra.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mesmo que me ame e queira mudar as coisas agora, a verdade ainda permanece: por quatro anos, tudo que fui pra ele foi uma dessas duas coisas, ou ambas.

Pensar em sua família me causa constrangimento ainda maior.

Com certeza, vão me detestar.

E o que não devem imaginar a meu respeito?

Consigo fazer o chuveiro funcionar com uma água gelada que vai ter que servir, porque me recuso a ligar para Diogo para perguntar como funciona um maldito chuveiro. O banho é rápido e logo estou enfiada em um vestido longo simples e um casaco fino. De ontem pra hoje, parece que sinto frio o tempo todo.

Há sete ligações não atendidas no meu celular.

A maior parte de Estela. Algumas do Leo.

Para minha amiga, mandei uma porção de mensagens explicando onde estava e que falaria com ela em breve. Mas, no exato segundo, não estou com cabeça para longas conversas, julgamentos e decisões.

Acho que é por isso que evito Leonardo também. Imagino o que ele quer e como essa conversa vai ser.

Eu queria me enfiar debaixo dos cobertores e desmaiar.

O problema é que encarar a roupa de cama escura só me trazia mais angústia.

Não estou com fome, mas ficar deitada na cama de Leonardo perdida em pensamentos do que ele já deve ter feito sobre aqueles lençóis não me parece saudável e, por isso, faço o caminho de volta, descendo as escadas, em minha busca por Adriana.

Acho que deveria ter aceitado o tour. O lugar é imenso, estou perdida. Há um escritório minimalista geminado a uma biblioteca íntima, estantes de madeira pesadas de livros indo do chão ao teto. Um quarto de hóspedes e o que parece ser uma sala de jogos. Não achei o cinema e, quando finalmente encontro a sala por onde entrei, dou graças a Deus porque pelo menos é familiar.

Minha gratidão, no entanto, não vai durar.

Um apito suave e melódico anuncia a chegada do elevador. Suas portas se abrem dando passagem a uma mulher ruiva e... *linda*. Suas roupas são dignas de uma passarela e o seu porte também. Tem os olhos baixos para o celular quando entra na sala, mas mesmo assim seu caminhar é altivo. Sua tez é alva e deve ser uma ruiva natural, porque as sobrancelhas também trazem o mesmo tom de vermelho. Usa um vestido rubro que deveria ser simples se não fosse o corte elegante. A saia é muito curta e as mangas compridas se abrem a partir do cotovelo, até ficar completamente folgadas nos pulsos. O tecido elegante contorna sua silhueta e eu percebo que seria difícil não me sentir intimidada, mesmo que ela usasse apenas um saco de batatas.

Porque a questão não é seu corpo, seu rosto ou suas roupas.

A questão é a intimidade com que entra no apartamento de Leonardo, como se conhecesse a imensidão de seu labirinto tão bem quanto sua própria casa.

Os óculos escuros estão presos no topo da cabeça e quando ergue o olhar do celular para me encontrar, seu rosto se ilumina com uma diversão quase infantil.

- Oh. - surpreende-se - Você deve ser Amélia.

Ela se aproxima e o tamanho de seus saltos faz eu me sentir ainda menor.

- Olá. - aceito a mão que ela oferece - Nos conhecemos?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Não, querida. - ela gesticula com naturalidade. Seu sorriso se expande - Li a seu respeito. É por isso que estou aqui, inclusive.

- Por minha causa? - gaguejo.

Ela faz uma careta divertida e amigável.

- Bem, não exatamente. Eu sou Luciana, pode me chamar de Lu. Eu e o Leo somos... - ela revira os olhos como se o relacionamento fosse difícil de descrever - melhores amigos. Estou tentando falar com ele desde que li a novidade. Acho que preciso dar os "parabéns"! - acena, animada e me puxa para um abraço que, pelo menos de minha parte, foi constrangedor - Quero puxar a orelha dele por ter escondido isso de mim! Ainda não consigo acreditar que o safado fez isso.

Acho que não são tão amigos assim, han?

Ou ele teria contado.

- Ele não está. - aviso - Só deve chegar a noite.

- Liguei para o escritório, de manhã, me disseram que ele não estava lá.

- Devia estar na estrada.

- Ah! Vocês acabaram de voltar?

- Ele voltou antes. Cheguei há pouco, com o Diogo.

- E o Leo já falou com os pais?

Parece que ela está me pressionando contra a parede.

Suas palavras são educadas e sua expressão, polida. Mas age como se eu lhe devesse explicações de minha vida com detalhes. Não estou com vontade de falar sobre nenhum desses assuntos.

- Não sei. - ergo um ombro e espero que ela perceba que não estou a vontade.

- E vai passar o dia aqui esperando por ele?

- Ahm... ainda não decidi o que...

- Oh! - ela bate as palmas, animada - Vamos fazer compras!

- O quê?

- Eu e você! Lili... posso te chamar de "Lili"? Nós vamos ser amigas, Lili. Acabei de resolver.

Acho que não gosto dela.

E eu gosto de quase todo mundo.

Mas só porque é expansiva e intrusiva não significa que é má pessoa.

- Obrigada, mas eu estou cansada.

- Meu bem, nada revigora o espírito como gastar três mil reais em um par de sapatos.

Eu entalo.

- Pega o cartão do Leonardo e vamos.

Fico parada no meio da sala.

- Senhora Oscher? - Adriana apareceu e eu quero me abraçar em seu corpo magro e miúdo e me esconder atrás dela.

- Dri! - Luciana pisca um olho - Vou levar a Li pro JK. Se o Leo chegar antes de nós, diga que prometi devolvê-la inteira.

- Eu não... não acho que devo... Talvez seja melhor...

- Amélia, gata - ela se aproxima e coloca meus cabelos atrás da orelha - A gente ainda não se conhece, mas deixa eu te explicar: eu sou muito teimosa e não vou sair daqui sem você. Dri, você traz a bolsa da Amélia, por favor? - sorri antes de se voltar para a mim - Você mesma disse que estava cansada! - aperta meus ombros - Você precisa de uma tarde de garotas.

Eu devia ter atendido as ligações de Estela.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Porque se era para ter uma tarde de garotas, algo me dizia que Luciana seria a pior opção.

As roupas são tão caras que eu tenho receio de tocar em qualquer coisa. Com minha sorte ultimamente, vou acabar manchando algum vestido e precisar vender um rim pra pagar a primeira parcela. Mantenho minhas mãos unidas e o corpo tenso.

Eu devia ter dito "não". Devia ter ligado pro Diogo.

Respira Mia.

Foi pra isso que veio pra São Paulo, não foi? Pra conhecer os amigos dele. A família dele.

Não adianta de nada alienar a melhor amiga, já no primeiro dia.

Luciana escolheu um vestido ousado e dá uma volta para mim assim que sai do provador.

- O que acha desse?

- É lindo. - é verdade. É deslumbrante. E ela o veste muito bem.

- Acha que serve para o aniversário da Helô, amanhã? Você vai, não é?

Sorrir e acenar se tornou minha nova regra de conduta padrão.

Sei que fui convidada, mas... pelo Leonardo. Não pela aniversariante. Sequer sei se ela está satisfeita com a ideia.

- Já escolheu o que vai usar? Não me incomode se quiser experimentar esse. - toca a saia ao redor dos quadris - O Leonardo tem uma queda imensa por fendas em vestidos. O homem tem uma tara por coxas! Mas... - sorri - Pra que estou te dizendo isso? Você sabe. Quer experimentar esse?

Espremo o sorriso. Falso e dolorido.

- Não. Obrigada.

- Vou te dar uma dica. - começa. Eu já imagino como vai terminar. Luciana me deu exatamente três dicas desde que saímos do apartamento. "Experimente bronzeamento artificial, o Leonardo adora marcas de biquíni". "Deixe sua unha crescer mais, o Leonardo gosta de arranhões". E "nunca esqueça a depilação, porque o Leonardo..."

Eu entendi, sabe?

As pessoas confundem minha inocência com estupidez, e Luciana queria deixar claro que já tinha transado com meu marido, mas sem me dar munção para taxá-la de inapropriada.

Então, me dava dicas, que sempre se encerravam com uma menção a "eu só sei disso porque nós dois somos muito amigos". Frase que vinha acompanhada de um sorriso imoral que dizia tudo menos "amizade".

Está concorrendo comigo.

É imbecil por dois motivos.

Primeiro, porque eu estou cansada e sem nenhum ânimo para embates de qualquer tipo.

E segundo, porque já casei com ele. Logo, eu ganhei.

Nada disso, no entanto, fazia diferença. E lá estava Luciana oferecendo-me uma quarta dica, mesmo quando as três anteriores não me interessaram.

- Use um vestido curto para o aniversário da Helô. Sei que ele é seu marido, mas vai ser sua primeira vez em uma dessas festas e acredite: a concorrência vai ser real mesmo que esteja usando uma aliança com o nome

dele. Há umas vinte amigas da Helô que não resistem e sempre querem tirar uma casquinha do Leo. Eu juro! - ela ri como se eu compartilhasse da piada - Ele precisa se agarrar a mim com todas as forças para sair a salvo delas.

Percebe como ela disse "a salvo *delas*" e não "a salvo" e pronto?

Está sugerindo que saiu a salvo *das* outras. Mas não de si.

A mulher usa as palavras como armas e sabe o efeito que elas têm.

- Não se deixe desaparecer perto das outras, sabe? Ser simples funciona em casa quando tem a atenção dele só pra você. Mas perto das outras, precisa se destacar. Então minha dica é: use um vestido *bem* curto! Porque o Leonardo gosta de coxas.

Gosto de pensar que estou me tornando boa nessa coisa de fingir sorrisos. Ou isso, ou Luciana está tão completamente alheia à minhas emoções, que não perceberia diferença entre meu sorriso falso ou minhas lágrimas genuínas.

Ela compra o vestido.

Não é o primeiro do dia.

- Luciana, isso foi ótimo, mas acho melhor eu voltar. O Leo deve estar chegando e nós precisamos...

- Bobagem, querida. Ele liga assim que chegar. Precisa fazê-lo esperar um pouco. Faz bem.

- Não. Eu acho melhor voltar. Posso pegar um táxi, obrigada pelo...

- Li, só preciso passar em mais uma loja. Depois, te deixo em casa. - aperta as mãos com um sorriso sapeca - Só mais uma? Prometo! Vai gostar dessa, tenho certeza! E você ainda não comprou nada!

Meu corpo está pesado. Parece que as memórias dos últimos anos se encheram todas de rancor. Como uma mala jogada na piscina... as roupas estão encharcadas e eu não consigo mais me erguer com a mesma facilidade. É por isso que Luciana me carrega para este lado e aquele. Estou à mercê das intenções dos outros porque minha resolução está pesada e inerte, não há como reagir.

A loja que Luciana escolhe a seguir me faz sentir saudade dos vestidos caros que me deixavam com medo.

Aqui, como antes, os preços são exorbitantes. No entanto, aqui, você paga *mais* por *menos* pano.

Penduradas em cabides de veludo negro, roupas íntimas cobrem todas as paredes da loja. A decoração é clássica, misturando negro com tons de amarelo. Poltronas reluzentes talhadas em madeira escura e couro, com uma única linha amarela descendo suave pela lateral do encosto. O tapete de veludo escuro se prolonga por toda a extensão do lugar e a única coisa que me constrange mais que a decoração rica da loja ou o produto que ela vende, é o olhar arrogante das duas vendedoras que se aproximam.

Fico um passo atrás de Luciana e deixo que resolva, já que, ao contrário de mim, ela está perfeitamente inserida em seu ambiente.

Ela já escolheu três peças e eu ainda não consegui me aproximar da primeira. Tudo naquela loja é lindo. Mais erótico do que estou acostumada... mas *lindo*. O manequim mais próximo usa um conjunto de roupas íntimas preta, coberto por uma túnica curta, preta e translúcida, decorada com pequenos arranjos florais.

Estico a mão para tocar o tecido. Se fosse possível costurar manteiga, acho que essa seria a textura do resultado. Parece ser a coisa mais deliciosa que alguém já inventou de colocar sobre o corpo. Verifico a etiqueta com o preço.

Pisco os olhos, minhas pálpebras parecem maciças e encorpadas...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sobrecarregadas com o peso das memórias que eu não consigo afastar.

Lembranças de poucas semanas atrás, quando a vida ainda fazia sentido.

Lembranças de palavras que eu disse e nunca revisei, porque sempre as percebi corriqueiras.

"Eu comprei um sutiã e uma calcinha! Em um desses lugares caros e safados. Já estou usando. Quer ver?"

Leonardo deve ter me achado ridícula. Ele estava excitado, mas deveria estar rindo por dentro. Mia boba e ignorante. Achando que as peças que comprou em liquidação poderiam ser chamadas de "cara" pelo conceito dele também.

"Caras" e "safadas" eram as peças que Luciana usava quando eles transaram.

As minhas eram nada em comparação.

Acho que você ganhou em alguma coisa, afinal, Luciana.

- Li! Vem até aqui experimentar isso.

Sequer sei o que ela quer que eu vista, mas já sei que não vai acontecer.

- Precisa manter o guarda-roupa atualizado. - ela traz duas peças nas mãos que eu evito olhar porque não quero me comprometer - E tem que... AH MEU DEUS! - ela abre um sorriso imenso para algo atrás de mim.

Entro em pânico.

Não por qualquer motivo racional, mas apenas porque é a única reação que me parece apropriada diante do desconhecido, desde que digitei o nome do Leo em um site de buscas.

- Olha pra isso! *Precisa experimentar um desses!*

Luciana tem um dom de dizer que eu "preciso" fazer coisas que me causam profunda repulsão. Pelo menos uma vez, no dia de hoje, eu queria concordar com ela e conseguir fazer algo que sugeria. Mas não aconteceu até agora e, olhando para a peça que ela sugere, vai continuar não acontecendo.

São tapa-mamilos e eu não tenho uma palavra melhor para descrever aquilo.

Dois adesivos redondos decorados com lacinhos pretos minúsculos que mais parecem decoração do manequim do que uma peça efetivamente a venda.

Primeiro, eu acho que é piada da Luciana. Então, vejo a tarja com o preço da peça e acho que é piada da loja.

Fico tentada a sorrir, mas a vendedora me oferece uma peça para teste e eu estou perdida.

- Não? - é uma resposta, mas minha entonação não deixa isso claro - Obrigada, mas estou bem. - decido.

- Li - me puxa com ares de segredo - deixa eu te contar uma coisa e te dar uma sugestão.

Mais uma dica. Eba.

- Quando a gente era adolescente, eu e o Leo estávamos na Europa com uns amigos. E o Leonardo sempre foi louco! - ri - Mas quando era novo, ele era *bem pior*. Ficou sabendo de uma festa em Saint Tropez e me convenceu a fugir com ele pra... *não acredito!*

Ela interrompeu a história e, não me entenda mal, achei isso ótimo.

Mas sua excitação com algo que viu às minhas costas me causou outra crise de pânico. E se fosse algo pior que o tapa-mamilo que ela quisesse que eu experimentasse dessa vez?

- Sara! Não acredito! Que coincidência *ótima!*

Viro-me para ver a mulher atrás de mim que acabou de sair dos

provalidores.

É loira e pequena. Tem olhos gentis.

- Comprando algo especial pra noite de núpcias? - Luciana pergunta
- Ah, não! Eu quase esqueci. O casamento foi cancelado, não foi?

- Olá, Luciana. - seu menear de cabeça é digno de realeza. Não conheço o contexto, mas acho que a recém-chegada também está sendo vítima de provocações. Simpatizo. - Sim. O casamento foi cancelado.

- Não foi por causa do Leo, foi? - sinto o veneno em sua voz. E veneno normalmente é uma coisa que eu não percebo, então sei que deve ter sido muito - Porque *isso* seria curioso.

As duas se entreolham em silêncio. Estão se medindo. Se matando.

Eu quero a Estela.

Quero minha vó.

O Diogo. Até o Leonardo serve.

Quero sair desse lugar e de perto dessa gente que parece que vai se engolir - ou *me* engolir - a qualquer instante.

- Você já conhece a Amélia? - ela pergunta sem me dirigir o olhar.

- Não, não acho que nos conhecemos. Olá.

- Olá. - devolvo.

- Li, essa é a Sara. - ainda não me olha - Lembra que eu falei que teria muitas mulheres na festa de olho no seu marido? *Essa daqui* é a que você mais precisa se preocupar.

Sara me encara, confusa.

- O que...? *Seu marido*?

- Ah! Você não sabe? - Luciana está sorrindo - Essa é Amélia Oscher, Sarinha. Ela é casada com o Leonardo. Esposa dele. Com aliança no dedo e assinatura na certidão.

Sara não me observa, de início. Mantém os olhos em Luciana como se a desafiasse a fazer seu pior. Quando se volta para mim é com um sorriso educado que parece verdadeiro.

- Parabéns. - deseja - Não nos conhecíamos. É um prazer.

Oferece uma mão que eu aceito.

- Estou servindo de guia pra Lili. Quero dizer, olhe pra ela! - sorri, passando os dedos pelos meus cabelos - *Precisa* de um guia.

Luciana.

Luciana e seu talento para me dizer que *preciso* de coisas que *detesto*.

- Você vai para a festa? - pergunto, gentil - O aniversário da... - *meu Deus como é o nome da irmã do Leonardo*?

Acho que meu esquecimento se tornou transparente porque Luciana me olha com uma diversão que não cabe na Terra.

A mulher que transou com meu marido e a que queria transar com ele.

Acho que nenhuma das duas vai me salvar da humilhação. Melhor me render e aceitar...

- Acho que sim. - Sara responde como se eu tivesse cometido gafe alguma. Volto a respirar - A Heloísa não recebe muito bem cancelamentos de última hora e eu já tinha me comprometido. - faz uma reverência breve com a cabeça e eu agradeço com um sorriso tímido.

Heloísa.

- Ah. - não sei o que dizer, Luciana ainda está em silêncio. Acho que acabou de perceber que me deixar falar pode render frutos bem mais interessantes que seus monólogos - E você... conhece o Leo há muito tempo?

- Se ela conhece? - Luciana volta ao seu modo normal - Querida, ela quase casou com seu homem.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Ah. - murmuro.
- Luciana... - Sara pede, estreitando os lábios.
- Bem... não "quase". Na verdade, não chegou nem perto! Mas, Deus, como ela queria! Não é, Sarinha?
Sara desvia os olhos para o chão.
Não sei de quem sinto mais pena.
De Sara por servir de vítima, da Luciana por precisar fazer vítimas, ou de mim que *preciso* estar ali para assistir.
- Eu preciso ir. - ela sorri, apenas para mim. Deixou suas compras sobre um dos sofás na sua saída apressada - Amélia, foi um prazer. Espero vê-la de novo. *Luciana*. - cumprimenta, seca.
- Foi um prazer. - digo, baixinho, quando ela passa por mim.
Está fugindo da loja.
Fugindo da Luciana.
Quase grito que espere por mim, pois quero ir também.
Sei nada sobre Sara, mas o simples fato de ter ficado constrangida com aquele show de horrores já me inspira simpatia.
- Não ligue pra ela. Está deprimida. - Luciana voltou a escolher sutiãs - O Leonardo teve um ataque quando foi comprar o presente de casamento dela. A história se espalhou, e uma semana depois Sara cancelou o casamento. Todo mundo sabe que foi por causa dele. Ela tem esperança, sabe? E aí pouco tempo depois, *you appear!* - gargalha - Eu *juro por Deus!* Essa história toda é *impagável!*
Será que essas palavras são só pra me atingir?
Ou será que é real?
Sara não pareceu discordar quando Luciana mencionou suas intenções.
Sento na poltrona reluzente de couro escuro e espero meu destino. Minha *guia* parece mais e mais um *guarda de prisão*, e eu espero, ansiosa, por minha liberdade.
Passa quase uma hora entrando e saindo de lingerie antes de colocar um monte delas sobre o balcão. Percebo que comprou também as duas que Sara deixou para trás e uma de presente para mim.
Implorei que não fizesse isso, sequer vi a peça que ela escolheu e tinha alguma convicção que provavelmente não teria coragem de vestir. Mas era inútil e ela a comprou ainda assim.
- Só mais uma parada rápida? - ela pede.
- Luciana, vou chamar um táxi. Não quero te incomodar, de qualquer modo. E já está ficando tarde.
- Li, por favor. Olha. - ela segura minhas mãos - Eu sei que sou meio intensa e difícil de engolir. Mas o Leo é o meu melhor amigo no mundo. Ele é muito importante pra mim, então você também é. Gostaria muito que fôssemos amigas e estou sentindo que esse dia de compras não foi tão divertido pra você como foi pra mim. Só mais uma parada? Por favor? Um sorvete? - sorri feliz - Você me conta um pouco sobre sua vida e...
- Acho que não.
A voz feminina às minhas costas me sobressalta.
Luciana entretém um meio sorriso de incredulidade.
- Oi! O que... como vai? - decide, incerta entre muitas perguntas.
A mulher atrás de mim é alta. Tem os cabelos escuros caindo em uma cascata metódica de cachos largos. Os olhos têm um azul muito familiar.
- Sara me ligou. - pisca um olho - Ela disse que você precisava de resgate. - oferece uma mão para mim. Eu aceito, mas ainda estou *muito* confusa.
- Sara é uma exagerada. - Luciana defende - Estamos bem. Já ia

levar Li pra casa. Vamos só tomar um sorvete.

- Não vão. Ela vem comigo. - acena.

Nem a conheço, mas já temos um caso de amor verdadeiro.

Sim, por favor, estranha, me leve embora!

- Não precisa ser rude. Pode vir conosco, se quiser.

- Rude? Luciana, deixa de ser ridícula.

- Ridícula?

- Essa tua conversa só funciona com o Leonardo porque vocês são amigos antigos e ele não percebe que você mudou. A Amélia está passando por um turbilhão na vida dela e seu primeiro pensamento é *levá-la às compras* e exibi-la pra Sara? Então: é! Ridícula. Vem comigo, Mia.

Mia.

Ela me chamou de Mia.

Eu a sigo, incerta.

Luciana fica para trás e eu me despeço com pouco mais de um aceno.

- Não se incomode com ela. - ordena, cobrindo os olhos com os óculos escuros ao nos guiar pela saída para o estacionamento descoberto - Está amarga e infantil. Ignore qualquer coisa que ela tenha dito, certo?

- Certo. E... quem é você? - peço.

Ela para, com um sorriso torto.

- É verdade. Não nos conhecemos. - ergue a mão, divertindo-se com a insanidade de nosso contexto - Meu nome é Heloísa Oscher. Pode me chamar de Helô. Acho que sou sua cunhada.

Heloísa é elegante e altiva. Mesmo dirigindo nunca perde a nobreza. Não sei o que dizer para essa mulher que é minha família, mas que nunca conheci.

E, agora que não há mais terceiros com quem possa gritar, parece que ela também não sabe o que fazer comigo.

Seu carro é grande, daquele tipo jipe, só que de uma marca que não conheço. O azul escuro da lataria brilha como se tomasse um banho de cera todo dia antes de pisar no asfalto. Há um bilhão de botões no volante e arredores, lembra-me o chuveiro do Leonardo.

Acho que gente rica deve gostar de botões.

O motor ronca suave enquanto seguimos pelas ruas de volta ao apartamento, que me aguarda, gigante e solitário.

- Desculpe ter aparecido assim. - quebra o silêncio - Mas eu conheço a Luciana e pelo jeito que a Sara falou, eu imaginei que você estivesse precisando de ajuda.

- Imagina. - sorrio, agradecendo, embora suspeito que, dirigindo e preocupada, ela não veja gratidão ou sorriso - A Luciana é um pouco *intensa*.

- Você é educada. - observa-me com o canto do olho. Acho que não é a primeira vez que faz isso. Está me medindo.

Medindo-me como fizeram Luciana e Sara.

Tentando desvendar o mistério que é meu relacionamento com Leonardo.

Acho ótimo. Se uma delas descobrir a resposta, espero que me conte.

- Luciana é *impossível*. Desagradável. - acrescenta - Não acredito que o Leo te apresentou a ela primeiro. É como pedir ao lobo pra tomar

conta das ovelhas.

Engulo em seco.

- Oh, sinto muito. - ela me observa, cautelosa - Não quis ofender, é só que...

- Não ofendeu. - prometo - E não foi o Leo quem me apresentou. Ela *apareceu* na casa dele. Disse que eram melhores amigos e me convidou pra sair.

- Ele já tinha te falado sobre ela?

Enrugo a testa, não entendi a pergunta.

- Han? Não. Leo nunca me falou sobre nenhum de vocês.

Heloísa leva uma eternidade para fazer a pergunta seguinte, parece que ela está tentando entender a resposta sem precisar falar as palavras.

- E você disse "sim" pra uma desconhecida e entrou no carro dela? Simples assim? E se ela estivesse mentindo?

- Por que mentira?

- Pra se aproveitar de você.

Eu preciso sorrir.

- Você parece o seu irmão.

- Perdão?

- O Leo. Ele vive achando que alguém vai se aproveitar de mim.

- É o que as pessoas fazem, Mia. Elas se aproveitam.

- Tenho certeza que sim. Mas, Helô, eu não tenho muita coisa para justificar alguém querer se aproveitar, sabe?

Não quero ser mal educada e por isso controlo a gargalhada. Mas é muito difícil porque o modo como me encara - como se não acreditasse que eu existo - é *muito* idêntico ao olhar do Leo. E considerando que os dois têm praticamente os mesmos olhos, a cena é ainda mais engraçada.

Controlo-me porque acabamos de nos conhecer e prefiro não passar a imagem errada, de que sou uma desvairada, rindo por motivo nenhum.

- E ela mentiu? - pergunto.

Heloísa respira fundo.

- Sobre alguma coisa, tenho certeza que mentiu. Mas não sobre tudo. Eles são amigos. *Muito* amigos, infelizmente.

- Posso perguntar por que não gosta dela? Não quero me intrometer é só que...

- Porque ela é uma egoísta maluca que só gosta das pessoas que pode usar.

Fico em silêncio.

Eu não ter gostado do jeito de Luciana não faz dela uma pessoa necessariamente má, e o relato de minha cunhada não serve exatamente como prova: sempre há contexto para as pessoas desgostarem umas das outras. Fora dos contextos, as inimizades raramente fazem sentido.

Leonardo era, depois do Gustavo, a pessoa mais desconfiada que já conheci. Não tive a melhor primeira impressão de Luciana, mas duvido que ela seja assim, tão horrível e aproveitadora, e que o Leo nunca tenha percebido.

Heloísa deve ter razões para não gostar dela.

Outras razões.

Acho que meu silêncio estimula Helô a continuar.

- Ela não foi sempre assim. Mas ultimamente... E o Leo não percebe porque eles dois têm uma sincronia, sabe? Funcionam de um jeito parecido.

O que significa "funcionar de um jeito parecido", meu Deus?

Minha vida se transformou em um mistério interminável. A cada resposta recebida, descubro que tenho mais vinte perguntas. As que Luciana

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

inspirou, no entanto, são do tipo que preciso guardar para o Leo, ao invés de desabar em sua irmã.

- Chegamos. - estaciona na entrada para visitantes - Acho que nos vemos amanhã?

Hesito.

- Sim! Amanhã! Obrigada... pelo resgate. - brinco.

Ela sorri. É mais acolhedora, dessa vez.

- E espero que venha no fim de semana, Mia. - convida - Acho que o Leonardo já te disse que é meu aniversário?

- Sim, sim! Parabéns! - digo, sem jeito.

Helô me observa de um jeito dubio. Não sei se me quer bem, talvez ainda não tenha decidido.

- Precisa que suba com você?

- Não, o Diogo me apresentou na portaria, já tenho a senha.

- Ótimo. Até amanhã.

- Até.

Quando eu fiz dezoito anos, Gustavo levou eu e vovó em um desses restaurantes chiques com mais garfos na mesa do que cadeiras. Amo meu irmão por ter pensado em fazer algo diferente, mas a realidade é que passei a refeição inteira me sentindo inapropriada.

É uma sensação equivalente ao que sinto subindo o elevador no apartamento do Leonardo.

Não é minha casa.

Sou uma visita glorificada.

O salão de entrada está mergulhado na penumbra quando entro e nem arrisco me aventurar pelos milhares de interruptores. Uso a lanterna do meu celular até encontrar a luz do corredor e sigo dali pela escada acima.

Fecho a porta do quarto como se me escondesse, esperando que a privacidade me dê uma sensação - mesmo que falsa - de segurança.

Sento aos pés da cama.

Certo.

E agora o quê?

Espero o Leonardo chegar?

Tento encontrar a cozinha?

Desbravo os botões do chuveiro ou da televisão?

Meu cérebro está agitado e sequer consigo me concentrar em uma coisa sem começar a pensar em outra. A briga mal resolvida com o Leo, o jantar com sua família, as indiretas de Luciana, a paixão de Sara, o resgate de Heloísa.

Minha vida inteira estava girando e era um problema que o quarto estivesse tão parado e silencioso. Eu preciso de ação, mas não tenho forças.

É por isso que desisto de tudo que tem o potencial de exigir de mim mais energia do que tenho pra dar, e sigo o que fazem as pessoas entediadas: pego o celular na minha bolsa, na certeza que há ali dois ou três jogos inocentes que não vão ter dificuldade em me manter distraída.

O alerta de wifi avisa que encontrou uma rede.

O sinal é forte, mas eu não tenho a senha: fato que só reforça minha sensação de estranheza. Ativo minha internet 4g e encontro uma tomada para enfiar o carregador.

Juro que já tinha até clicado no ícone de um dos jogos quando um pensamento se agarra a mim como uma doença.

Não há na vida ditado mais verdadeiro do que "A curiosidade matou o gato".

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Curiosidade mata.

Se não com a descoberta, então com a ansiedade da busca.

Volto ao menu principal e abro o navegador.

Digito três palavras na aba de busca.

"Leonardo oscher sara"

Minúsculas ou maiúsculas, irrelevante.

O tempo que o 4g demora pra carregar o resultado deve ter sido nove meses, porque o nervosismo que sinto é digno de uma gestação.

Nada.

Algumas fotos e matérias sobre o Leo... como se fosse apenas o nome dele o que eu tivesse buscado.

Nada dos dois.

Isso significa que nunca ficaram juntos?

Mas por que Luciana disse que quase casaram?

Meu desejo por respostas nesse assunto específico é quase mórbido. Bem nenhum pode vir de sacudir um vespeiro, por mais que ele pareça morto. Na melhor das hipóteses, você ainda se suja.

No entanto, aí estou eu: clicando na barra de busca para trocar o nome "sara" pelo nome "luciana".

Aparentemente aquela era a senha correta para os Portões do Inferno, porque se abriram.

Agora há fotos.

Há festas, há abraços, há beijos.

Um deles, na boca, parece ser o mais recente e exala um grau de intimidade que quase me causa inveja, mas certamente me causa ciúmes.

Preciso de mais detalhes.

Luciana... que mesmo quando não está presente ainda é mestre em me fazer precisar de algo que odeio.

Vou clicar na foto quando uma das matérias chama minha atenção.

É uma foto do Leo, ele tem um sorriso charmoso e uma sensualidade evidente, parece ter sido escolhida a dedo para o propósito impróprio do conteúdo que traz consigo. A manchete lê "solteiro e infisgável".

Corro os olhos pelas linhas, com pressa. Não tenho interesse nos detalhes. Ou talvez eu esteja apenas funestamente ansiosa para chegar logo na parte da "morte" que sempre vem com a curiosidade.

E ela não demora a chegar.

"Dei a ele o apelido de malabarista - diz Matheus Oscher, o irmão mais novo de Leonardo - Porque ele tem bolas demais no ar, ao mesmo tempo. Está sempre lidando com uma porção de mulheres e nunca deixa alguma cair. Não sei como consegue. O Cirque du Soleil devia contratá-lo (risos). - O caçula Oscher é reticente em compartilhar os malabarismos mais afiados do seu herói, mas não poupa exemplos de casos mais simples - O Leonardo se esforça para levar as mulheres pra cama. Não imagine que porque ele é interessante, rico e bonito, ele tem a vida ganha. Há pouco tempo, estava desesperado porque fez uma aposta com a mulher da vez, em que ela aceitaria um encontro desde que ele arranjasse um livro que já leu e ela não. Ele esteve bem dedicado no seu plano de conquistar essa, ele a chamava de bibliotecária e me disse que estava sendo difícil como o inferno, palavras dele. - Eu pergunto se Leonardo teve sucesso em garantir mais essa presa, Matheus apenas ri antes de confirmar - O que você acha? - ele me diz."

Sequer cheguei na metade do artigo, então tenho alguma convicção que o pior ainda estava por vir. É impossível matar a curiosidade porque ela sempre te mata primeiro.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Apertei o botão de retorno, cheia de desgosto.

Um evento que, para mim, era doce e sagrado, para meu marido tinha sido uma piada cheia de indiretas eróticas.

O botão de retorno, no entanto, me trouxe provocação ainda maior: a foto do beijo entre ele e Luciana me tentava mais uma vez.

Toco na foto e me torturo com os detalhes do artigo de um tabloide sensacionalista qualquer.

"Leonardo Oscher e Luciana Enriques, no Amadeo Bar, poucos dias depois de serem vistos - juntos e íntimos - saindo de uma das mais luxuosas joalherias da cidade. Romance no ar?"

Eu achava que meu coração estava doendo, mas a verdade é que, até aqui, era só desconforto.

Dor foi o que senti quando vi a data da imagem.

Repulsa foi o que eu senti.

Nojo.

Parece que seus pulmões e seu coração são muito amigos, porque quando um começa a doer, os outros param de funcionar.

Meus lábios tremem enquanto eu encaro o conjunto de números na publicação e tento me convencer que me enganei.

Mas não há engano.

Eu *nunca* vou me enganar em relação a essa data.

Dois dias depois do enterro do Gustavo.

Eu estava de luto, sozinha.

E Leonardo me deixou assim para ficar aos beijos com a *melhor amiga* em um bar.

Se há possibilidade de um casamento sobreviver a isso, é tão pequena que daqui, de cima da minha desilusão, eu não consigo enxergar.

Estela atende no primeiro toque.

- Mia! Ainda bem! Olha, eu tô tentando respeitar teu espaço, mas eu tô pra enlouquecer aqui de preocupação. E curiosidade, não vou mentir. E eu queria te dizer que se...

- Tê! Escuta.

- Mia? - ela ouviu o choro em minha voz. Teria ouvido mesmo que eu fosse boa em disfarçar - O que aconteceu? Quer dizer, além de...

- Tê. Você pode vir me buscar? Eu sei que você precisa estudar e eu sinto muito, mas...

- Onde você está?

- No apartamento do Leonardo. Te mando o endereço.

- Manda e desce. Tô indo aí, agora.

25.

Leo

Há uma parte de mim que tem certeza que ela foi embora.

Não é algo que eu consiga entender ou explicar, eu apenas *sei*.

Mia não atendeu minhas ligações o dia inteiro. E além de um aviso breve para que eu soubesse que chegou, também não respondeu minhas mensagens. Estava magoada e me ressentia, não posso culpá-la. Imaginei que seria assim.

Tenho esperanças... claro que tenho.

Ela aceitou vir pra São Paulo. Aceitou me ouvir.

Eram bons sinais.

Mas não era suficiente para afastar o frio em minha espinha. Encontrar a casa mergulhada em escuridão serviu muito bem para piorar minha ansiedade.

- Mia? - chamo, para o vazio nas sombras.

Ela não estaria sozinha na sala, te esperando, Leo. Deve estar no quarto.

É. Deve ser isso.

O corredor está iluminado, outro bom sinal, estou colecionando todos os que encontro.

A sensação desagradável em meu estômago já está comigo há tanto tempo que decidi adotá-la como bicho de estimação e lhe dar um nome carinhoso. Não acho que vai embora tão cedo.

Subo dois degraus por vez e encontro as luzes acesas também no hall do primeiro andar.

Posso contar como outro bom sinal?

Vou contar.

Cada lâmpada é um sinal. Eletricidade servindo como medidor da existência de nosso relacionamento.

- Mia?

Abro a porta e o medidor deixa de servir.

Todas as luzes estão apagadas.

Sei que devo contá-las como mau sinal, é apenas justo já que é exatamente isso que estive usando como parâmetro até aqui. Mas meu cérebro triste muda sua análise, como uma empresa de estatística que quer, desesperadamente, encontrar um resultado e não outro.

É só uma luz, não significa nada.

Olhe pra mim: manipulando os dados para não precisar lidar com o fato de que a perdi.

- Mia?

Acendo a luz.

Seus pertences estão espalhados pela cama. Uma mala menor entreaberta sobre meu lençol e a maior sobre a cadeira no vestiário. Algumas de suas roupas já ocupam espaço no meu armário, não são muitas, mas se você me acompanhou na jornada de minha porta até aqui, sabe que não ligo para a quantidade de roupas, ligo para a qualidade dos sinais. E roupas ainda aqui é um sinal do melhor tipo.

- Mia? Amor? - bato na porta do banheiro e espero que ela responda
- Mia, estou entrando.

Giro a maçaneta e há um pedaço enorme do meu coração desejando que a porta resista, trancada, e não me deixe entrar.

Uma porta trancada significa alguém do outro lado.

O que eu encontro, no entanto, é uma porta aberta e um banheiro vazio.

Tiro o telefone do bolso no caminho de volta para a cozinha, porque eu preciso de comida ou de álcool. As chamadas se multiplicam até atingir o inevitável beco sem saída da caixa de mensagens.

Ela não vai atender.

Não atendeu o dia inteiro.

Cancelei as últimas duas reuniões que teria pra hoje... mas deveria ter cancelado todas.

Deveria ter ficado em casa.

Eu sei que tinha algo importante e inadiável para hoje, mas, andando pela penumbra de minha casa solitária, atormentado pela ausência de minha esposa, não consigo lembrar o que era.

A mensagem que digito é apressada, o autocorretor me fode em umas três palavras, mas quem consegue prestar atenção em erros pequenos quando sua mulher te largou porque você passou anos sendo um merda mentiroso que não usava aliança?

Mulheres têm três armas em uma discussão que são absolutamente nucleares contra homens: sexo, lágrimas e silêncio.

Abstinência já é algo que eu esperava depois do jeito épico como estraguei tudo. Mia ia demorar uma eternidade para me deixar tê-la nua e eu supero. Até porque... eu mereço.

Lágrimas, ela já tinha derramado antes de vir e tinham me destruído mais que qualquer outra coisa. Pergunte a qualquer homem que ama uma mulher - e não precisa sequer ser no sentido erótico da coisa - a porra do choro te fode. É contra sua natureza ver a mulher que você ama sofrendo. Deve ser um resquício genético de homem das cavernas, também. Nós deveríamos manter o fogo aceso e trazer a caça. Aí ela chora porque está com frio e com fome e você sabe que é um cacete de um inútil que serve pra nada além de consumir oxigênio. Coisa de homem das cavernas, certeza. Aliás, preciso confirmar com o Matheus, mas acho que sim. Mia chora e eu tenho vontade de enfiar agulhas nos meus olhos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

E agora que ela já tinha usado as armas número um e dois... chegava a hora da última: o tratamento de silêncio. Eu respiro fundo e aceito de cabeça baixa porque, repito, eu sei que mereço. Mas não sei por quanto tempo ainda consigo suportar.

"Mia, você pode atender? Estou preocupado. Por favor." É a mensagem sem erros.

Estou sentado no sofá da minha sala encarando as portas metálicas do elevador - porque parte de mim acredita que sua resposta será "estou subindo" e eu não quero demorar pra abraçá-la - quando ela retorna a ligação.

- Mia?

- Leo. Desculpe, eu estava no banho. Não vi suas ligações agora.

Banho?

Estou com a boca entreaberta.

LEONARDO, CACETE, fala em voz alta!

- Banho? - pergunto - Onde... onde você está?

- Vim ver a Estela. Estou na casa dela.

- Ah. Certo. - gaguejo - Eu... eu posso te pegar. - não sei se é uma pergunta. Não soou como uma pergunta - Me liga quando estiver pronta?

- Acho que vou dormir aqui, hoje.

Esfrego meus olhos.

- Tem certeza? Porque eu não me incomodo em...

- Tenho.

- Achei que a gente ia conversar. - lembro.

- Acho que é melhor a gente conversar amanhã.

- Amanhã é o jantar, Mia. Seria bom se a gente pudesse se ver antes disso.

- Se você puder me encontrar no almoço... Mas se não puder, não tem problema. A gente conversa no fim de semana.

Está adiando.

E eu estou tentando ser gentil por causa da culpa.

- Mia. - expiro, desistindo - O que está fazendo?

- Conversando com a Tê.

- Não... não é isso. - faço uma pausa. Não sei o que dizer, mas ela sabe o que estou pensando e por isso espera que eu decida voltar a falar - Mia, eu fiz uma merda imensa e estraguei as coisas. Eu sei! Mas a gente precisa conversar. Adiar não vai melhorar as coisas. O problema não vai desaparecer, amor. Volta pra casa, por favor. Vem conversar comigo. Me deixa tentar explicar.

Silêncio.

- Mia?

- Leo... eu não sei.

- O que aconteceu? Você veio pra cá porque queria me dar uma chance. *Queria* conversar. E agora mudou de ideia?

- Não sei. Já disse. - sua voz traz uma mágoa profunda que soa cada vez mais como fúria.

Aconteceu alguma coisa.

- Mia, acha mesmo que conhecer minha família quando estamos cheios de assuntos pendentes vai ser a melhor estratégia?

- Conheci sua irmã. - suspira - Ela foi gentil.

Calma.

É o quê?

- Conheceu quem?

- Sua irmã. A Heloísa. Nós conversamos, e ela foi gentil. Acho que

se sua família for como ela, vai ficar tudo bem. Nós conversamos amanhã.

Foi gentil.

Mas seja lá o que disse, te fez desistir de conversar comigo.

Vou matar Heloísa.

Seu egoísmo e intrusão não conhecem limites! Eu pedi, COM TODAS AS LETRAS, para que deixasse Mia em paz... mas acho que ela devia estar decidindo qual legenda falsa postar em sua *selfie* com Mia.

Se ela tiver colocado fotos de Mia na internet, juro por Deus...

- Mia, Heloísa é uma pessoa complicada. Eu pedi a ela que te deixasse em paz. Pedi que não falasse com você hoje. Mas a Helô... ela só faz o que quer. Sinto muito se isso te colocou em uma situação delicada. Vou falar com ela para que isso não se repita.

- Pediu pra que ela me deixasse em paz?

- É. Ela me disse que queria te ver e eu disse que não achava uma boa ideia.

- Por que não?

Ai.

Droga.

Achei que estava sendo cuidadoso e protetor.

Mas, aparentemente... estou errado.

- Achei que queria que eu conhecesse sua família.

- Sim! Claro! Mas amanhã!

- Em um ambiente que você pode controlar?

- Mia, se acha que eu posso controlar a casa dos meus pais, não faz ideia de como está errada.

- Não faço mesmo! Não conheço nenhum deles.

- Amor, eu já pedi desculpas! Eu sei que fodi tudo! Sei disso! E sinto muito. E posso pedir desculpas por todos os detalhes de coisas erradas que fiz... mas é inútil pedir desculpas pela mesma coisa um milhão de vezes. Já me desculpei por isso. Ou você consegue me perdoar ou não consegue, amor. É por isso que a gente precisa conversar.

- Não. - murmura, fria.

- Mia. - peço.

- Não. Não posso, Leo. Por favor. Hoje, não.

Lágrimas.

Não tenho certeza se está chorando, mas acho que sim. E o "achar" é suficiente para me colocar de volta no modo homem das cavernas. Estou olhando ao redor para tentar lhe dar o que precisa... seja fogo, caça ou espaço.

O que precisar.

- Tudo bem, tudo bem. - acrescento depressa - Almoçamos amanhã? Posso pegar você?

- Pode. Boa noite.

Ela desliga antes que eu retribua o cumprimento.

Minha próxima ligação é para minha irmã e meus lábios tremem quando ela atende.

- Ficou louca?

- Leo?

- Eu te pedi, pedi EXPRESSAMENTE para não encontrar com Mia. Pedi para que a deixasse em paz! Mas não consegue fazer nem isso?

- Leo...

- Quer dizer que você nunca liga para ninguém da família, nunca. Não liga, não aparece, não se incomoda se estamos bem ou não... a não ser quando a gente TE PEDE PRA FAZER O OPOSTO? Qual o seu problema?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

- Leonardo, escuta...

- Você não entende que existe vida fora de você? Está tão preocupada com o que *you* quer ou com o que *you* precisa, que não sabe respeitar o espaço das outras pessoas! Droga, Heloísa! Você tem ideia de como fodeu as coisas pra mim? Não, não tem ideia. Por que fez isso? Han? Heloísa?

Encaro a tela do celular.

Ela desligou.

Desligou na minha cara.

Travo os dentes com ódio e estou prestes a refazer a ligação quando o elevador apita anunciando a chegada de alguém.

Mia.

Veja bem, eu sei que *you* não pode ser ela. Não estou dizendo que é racional, só estou dizendo que foi meu primeiro pensamento quando me joguei para as portas metálicas.

- Leo?

- Luciana? - hesito, confuso - O que está fazendo aqui?

- Vim te ver. Não consigo falar com você desde ontem. - aperta meu braço com carinho. Sua testa se enrugou de preocupação - Está bem?

- Não. - aceito - Estou um trapo.

- Bem, eu trouxe ajuda. - ergue a mão e mostra a garrafa de Chateau Lafite - Vinho sempre ajuda. Três taças? E você me apresenta a Amélia propriamente?

Enfio as mãos nos bolsos e respiro fundo.

- Quero me desculpar por hoje. - acrescenta miúda - Posso ter sido intensa demais, estava preocupada em fazê-la se sentir incluída. Mas a Heloísa não facilitou as coisas.

- Heloísa? - sobressalto-me - Você também estava com elas. - entendo.

Lu concorda com um gesto tímido.

- Sei que a Heloísa não faz essas coisas por mal, mas acaba prejudicando o resto de nós.

Estou rindo.

Como fazem os loucos e desesperados.

- Quer conversar? - convida.

Quero.

Preciso da minha amiga.

Prefiro Luciana quando estamos a sós. Na frente de outras pessoas, ela desenvolveu o hábito de ser exagerada e dada a estranhices. Quando somos só nós, no entanto, ela é *minha amiga*. A maluca a quem eu confiaria minha vida.

Uma das minhas pessoas favoritas no mundo, apesar de nossos eventuais obstáculos no caminho.

- Não saberia por onde começar.

- Começa pegando as três taças e me apresentando a Amélia. - decide.

- Lu... Mia não está aqui. Longa história. - aperto minhas têmporas, exausto.

Luciana me observa com carinho por um segundo antes de sorrir.

- Duas taças, então?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mia

"Amiga" é uma coisa que serve pra curar quase tudo.

E, precisa ser dito, "dor no coração" e "de cotovelo" são suas especialidades.

- Acho que estão todas mentindo. A Sara, a Heloísa, mas *principalmente* essa Luciana. - decide.

- Tê, não podem estar *todas* mentindo. Estavam dizendo coisas opostas.

- Eu acho que a Sara é apaixonada pelo Leo e quer roubá-lo de você. A Luciana parece ser o tipo de gente que só gosta de assistir o planeta pegando fogo. E a Heloísa não deve gostar dela. Provavelmente por causa da coisa do fogo no planeta e tal. Respeito a Heloísa, acho que gosto dela. Talvez ela seja a única que não está mentindo.

- Não faz diferença que estejam todas mentindo ou falando a verdade. O Leonardo mentiu. Isso é o que importa.

- E que mentira, viu amiga? Não sei se digo "credo" ou "deus abençoe".

- Acho que "credo" faz mais sentido.

- É... mas...

- Não, Estela, não fica do lado dele!

- Mia, presta atenção. Ele mentiu sobre quanto dinheiro tem, verdade. Mas olha pelo lado bom: melhor descobrir que ele tem muito dinheiro do que muita dívida. E o Leo sempre foi cheio de mistério. O Eduardo achava que ele era fugitivo da polícia.

- Mentira!

- Há *muito* tempo. Mas considerou isso sim. Acho que de todas as descobertas que poderiam ter sido feitas sobre o Leo, "milionário" é a melhor.

- Ele não usava aliança, Tê.

- Porque estava mentindo. Não significa que saiu com alguém.

Engulo em seco.

Ainda não tinha contado essa parte.

- Que foi? - abre os olhos, antecipando minha confissão.

Pego meu celular e digito os nomes.

O dele.

O dela.

Mostro a tela para a Estela e sua reação é imediata:

- Filho de uma... Isso foi quando vocês já estavam juntos? E "Luciana" é...?

- É. A própria.

- Cachorro! Vou arrancar as bolas dele!

- Estela...

- Calma, Mia. Só as bolas. Eu deixo o pau, pra você ainda usar ele se quiser.

- Estela, olha a data da foto. - sei que não preciso dar qualquer explicação aqui. Se há alguém sobre a Terra que lembra dessa data tão bem quanto eu... é a mulher na minha frente.

E ela arregala os olhos com nojo.

- Não acred... - engasga - Vou arrancar as bolas e o pau. - rosna - Desculpa, Mia, mas isso aqui merece um trabalho completo.

- Entende agora?

Ela não tirou os olhos da foto.

- Não acredito que ele faria isso com você. Quer dizer, *não acredito que fez*. Isso é... - Estela não consegue achar uma ofensa apropriada. Eu também não - O que vai fazer, Mi?

Não olho pra ela.

Mas digo a mais absoluta verdade:

- Não faço ideia.

- Ama ele?

- É meu marido. - abraço-me.

- Não foi isso que perguntei.

- Amo, Tê. Mas como posso perdoar isso?

- Tem certeza que não é montagem?

- Tenho.

- Como?

- Porque é minha vida. Não uma novela mexicana.

- Amélia, seu marido é um milionário com uma vida dupla, rodeado por mulheres querendo roubá-lo. Você praticamente plagiou a novela. Tem uma produtora mexicana em algum lugar te caçando pra cobrar os direitos autorais.

Ela torce o nariz em uma careta de pavor que é simplesmente hilária.

Eu começo a rir porque não tem outra coisa que eu possa fazer.

Acho que é desespero.

Bem possível que seja.

- Quando você fala assim, soa ridículo.

- Quando eu falo assim, me sinto estúpida. - acrescenta.

- Estúpida?

- Por não ter percebido.

- Eu também não percebi.

- É. Mas você também não percebeu que seu cachorro, Cedrico, tinha morrido.

- O Gustavo levou ele pra fazenda! Aqueles procriadores...

- Ai, Amélia, toma vergonha nessa tua cara. Você já tinha dezesseis anos. Quando você viu cachorro ir pra fazenda? E procriador de vira-lata?

Hesito.

- Pode ser verdade.

- É. Pode. E o Leo pode só ter se enganado todos esses anos. Vai ver ele achava que você sabia. Pronto. - sarcástica.

- A gente pode falar de outra coisa? - peço - Não sei se ainda aguento esse assunto muito tempo.

- Gata, você vai precisar decidir o que fazer. É bom se acostumar com esse assunto.

- Eu sei. Mas estou há vinte e quatro horas sem pensar em outra coisa. - gesticulo - Chega. Me conta da tua vida. Como está o curso?

Estela me encara e eu leio a chateação em seus olhos.

- Que houve? - pergunto.

- Adivinha quem está na minha sala. - seu sorriso anuncia que a resposta vai ser péssima.

- Lúcifer? - arrisco - Pela sua cara.

- Gabriel. - rosna.

Estou confusa.

- O anjo?

- Que anjo?

- Eu disse "Lúcifer", e você...

- Não, Amélia, meu Deus, presta atenção! Gabriel! O idiota que roubou o coração do Gustavo e que você deixou te levar ao altar.

- Tê, ele não "roubou" o coração.

- Semântica.

- Não, não é. Foi uma doação. Mas do jeito que você fala, parece que o Gabriel invadiu o cemitério com uma pá e um bisturi.

- Dava no mesmo. Não sei como você deixou ele te levar ao altar!

- Você precisa parar de responsabilizar esse rapaz.

- Você não se incomoda com o cara que comemorou a morte do seu irmão?

- Ele comemorou porque ia viver, Estela.

- Dá no mesmo.

- Não dá. - murmuro, complacente. Esse assunto é sempre delicado pra ela.

- E o jeito como ele se comporta! - irritou-se - Sempre bebendo, em festas, saindo com um monte de mulheres!

Ergo a sobancelha.

- Ele tinha que se cuidar melhor! E não usar o coração dos outros pra... pra ficar pulando de cama em cama. Tivemos duas comemorações do curso nesse fim de semana, e ele foi com uma mulher diferente em cada dia! Acredita nisso?

- Um homem solteiro, tendo encontros? Que absurdo! Não, não acredito. Na minha vida, quem sai em encontros são os casados. - resmungo.

- Dá pra você ficar do meu lado?

- Eu tento, mas você não facilita. Tetê... Me responde uma coisa, e diz a verdade: você está a fim do Gabriel?

- VOCÊ TÁ LOUCA? Perdeu o juízo?

- Isso não foi uma resposta, amiga.

- Não! Que nojo! Claro que não!

Sua voz fica imediatamente aguda, sílabas preenchidas por risadas nervosas que até poderiam ser discretas se eu não conhecesse Estela a vida inteira.

Quem é a inocente agora?

- Umhum.

- To falando sério.

- Sei. - esse assunto não vai ser produtivo.

- Ai, vai pro inferno. Se você visse como esse garoto me provoca! Não tem como gostar de alguém assim, é impossível!

- Você acha que ele sabia?

- O quê? Quem?

- O Gustavo. - engulo em seco - Acha que ele sabia sobre o Leo?

Estela fica em silêncio. Revisitar o passado é doloroso pra nós duas. Uma dor que cicatrizou mas ainda lateja.

- Claro que sabia.

- Como tem certeza? - encolho-me.

- O hospital. - sussurra - Eu nunca suspeitei e, sinceramente, me sinto estúpida, de verdade. Mas acho que estava tão preocupada com... *todo o resto*, que nem pensei nisso.

- O quê? Como assim?

- As contas. O Gustavo ficou no melhor hospital de São Paulo, fez todos aqueles exames e tratamentos super caros. Até recebeu visitas de especialistas estrangeiros.

Estou tremendo.

PERIGOSAS

- Você acha que foi o Leo?
- Você não? O Guga era montador em uma fábrica, Mia. Que plano de saúde era esse?
- Mas o Gustavo disse...
- O Gustavo mentiu... E se mentiu, é porque sabia a verdade.
- Se sabia, por que não me contou?
Ela dá de ombros.
- Acho que vai precisar perguntar pro Leo.
Puxo os cobertores de Estela para me cobrir. *Frio*. O frio que me ataca sempre que sinto esse vazio no coração.
- Acha que ele gastou um monte de dinheiro para o Gustavo?
- Acho que ele te ama, Mia. A dúvida nunca foi essa. A questão é se você consegue perdoar a mentira e a infidelidade.
A resposta continua a mesma.
- Não sei.
- Claro que não sabe. - acena devagar - Precisa conversar com ele, Mia. Precisa ter todas as informações antes de decidir e adiar não vai servir de nada.
- Você está soando como o Leo.
Ela só dobra o lábio, enfatizando seu ponto.
- Mas é isso, amiga. Você está tentando desviar, é o que você sempre faz diante de um problema: você procura jeitinhos de escapar. Eu te amo, mas sabe que faz isso! E agora... agora mais que em qualquer outro momento, você precisa aprender que, às vezes, o único modo de superar um problema é atravessá-lo.
Fico em silêncio por um instante, digerindo suas palavras.
- Quando foi que você ficou tão esperta?
Dá de ombros e joga os cabelos em uma falsa arrogância especialmente exagerada.
- Acho que tenho que falar com Leo.
- Acho que sim.
Suspiro.
- Tê... você me dá carona de novo?

Leonardo me traiu. Ficou com Luciana enquanto estávamos juntos.
O lado bom é que ainda não éramos casados.
O lado ruim é que foi dois dias depois do enterro do meu irmão.
Mas... talvez tenha sido apenas uma despedida de solteiro? Um "adeus" a vida de antes? Ou talvez tenha sido um engano! Eu não sei o que aconteceu!
Aperto minha testa, mas queria me apertar inteira. Estou tentando arranjar desculpas para o seu comportamento. Isso significa que quero perdôá-lo?
Não importa.
Se ele ajudou Gustavo, eu preciso, ao menos, ouvi-lo antes de decidir.
E se meu irmão sabia e não me contou, eu gostaria de saber o motivo.
Os fatos pareciam simples e evidentes, mas a verdade é que eu ainda não tinha ouvido a versão do Leonardo sobre nada daquilo. Poderia estar aqui morrendo por uma coisa que sequer acont...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

As portas metálicas do elevador se abrem na cobertura, com seu apito suave característico, e eu sou presenteada com a visão de meu marido e Luciana, sentados no sofá, dividindo uma garrafa de vinho com ares de intimidade.

E você já está achando ruim, mas eu sequer disse que eles estavam na penumbra com uma MPB de plano de fundo.

O Leonardo está tendo um encontro romântico com a mulher bem debaixo do meu nariz!

Fecho as mãos em punhos.

O divórcio não será mais necessário. Em meia hora serei viúva.

- Mia! - não existe criatura no planeta que fique de pé tão depressa quanto homem culpado.

- Estou atrapalhando? - ergo a sobrancelha.

- Não, imagina. Pode entrar. - Luciana atrapalha-se com as palavras.

Fui assaltada uma vez.

Estava em São Paulo, com Estela, e um garoto, que deveria ter treze anos, bateu na minha janela e ameaçou: "estou armado, abre a janela e passa tudo pra não morrer agora". Estela duvidava que estivesse armado, mas assim como eu, achou que era mais saudável não questionar. Abri a janela e lhe entreguei nossos celulares e uma das carteiras. Ele conferiu o que lhe agradou e, antes de se afastar, disse "certo, pode fechar a janela agora".

Pois eu fiquei com as janelas abertas até voltar para Itajaúna.

Estela achou que eu estava doida, mas garanto que não era isso.

Só percebi bem depressa que o mais incômodo naquele assalto não foi a perda dos itens (era um celular velho e uma carteira sem dinheiro) ou o receio pela minha vida (duvido que uma criança fosse cometer um assassinato). O que mais me irritou naquele dia foi a sensação de impotência.

A vontade que eu tinha era de descer do carro e ralhar com aquele menino que voltasse pra escola e deixasse as pessoas em paz. Queria pedir o telefone dos seus pais e levá-lo em casa para ter uma conversa com seus responsáveis.

Mas eu não podia fazer nada disso porque... *ele podia estar, de fato, armado*. E, apesar de minhas maiores descrenças, ele podia nos matar.

O medo de arriscar fez de mim refém das vontades de uma criança de treze anos.

A impotência.

É por isso que deixei os vidros abertos.

Porque eu lhe entregaria o dinheiro e o celular, mas o carro era meu e eu fechava o diabo da janela se eu quisesse! Quem ele pensa que é pra me dar ordens? Quem ele pensa que é pra me autorizar a fazer alguma coisa?

É por isso que as primeiras palavras que saem da boca de Luciana me fazem considerar homicídio como uma opção viável.

Pode entrar.

Quem ela pensa que é?

Sou casada com o Leonardo, então metade dessa casa é minha! De preferência, a metade sem ela.

Eu entro se eu quiser!

E se quiser ficar parada aqui na entrada do elevador, faço isso também.

"Pode entrar"... A OUSADIA!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

A ousadia é o mais irritante. Beba vinho com meu homem e tenha... - como é que a Heloísa tinha dito? - ... uma *sincronia* com ele. Pode fazer isso, a vontade.

Mas não me diga o que fazer!

- Se eu estiver atrapalhando, posso voltar mais tarde.

- Mia...

- Não, Li! Imagina. Junte-se a nós, eu pego uma taça pra você.

Veja bem, não houve NADA em minha frase que sugeriu que eu pretendia, realmente, *voltar mais tarde*.

Nada.

Então, ou Luciana é dissimulada ou é mais inocente do que eu.

Considerando a tarde que tivemos juntas, já imagino qual seja a resposta certa.

Encaro Leonardo porque é bom que ele suma com essa mulher da minha frente, ou eu vou materializar os papéis do divórcio nem que seja por geração espontânea.

- Amor, não é o que está parecendo. - ele tenta me tranquilizar, reconhecendo que o contexto parece culpado - A Lu é uma amiga antiga, só veio conversar.

- E precisa de meia luz, vinho e música pra uma conversa?

- Li, é tudo coincidência...

- Ninguém me chama de "Li". - engulo em seco. Meus lábios tremem, estou agarrada a alça da minha bolsa - Você pode parar, por favor? Meu nome é Amélia.

Luciana olha pra Leo como se eu tivesse feito uma pequena grosseria, e sorri como se ela fosse a pessoa superior que vai deixar isso pra lá.

- Amélia - corrige-se com um carinho falso - Foi só coincidência! Eu juro. Uma coisa levou a outra e a música foi ideia minha. - observa meu marido, cheia de cumplicidade e eu tenho vontade de chorar - E olhe pelo lado bom. - sorri, tentando quebrar o gelo - Pelo menos ele não está sem camisa.

- Ele estava sem camisa? - vou matar Leonardo. É isso que vai acontecer. - Por que estaria sem camisa?

- Não! - ele gesticula - Ela está brincando.

- Foi uma piada. - Luciana sorri, sem jeito.

- Mia, a Luciana já estava de saída. Não é, Lu?

Ela se atrapalha só para deixar claro que estava de saída coisa nenhuma.

- Claro! Claro...

- Não. - mordo meu lábio - Fica, Lu.

Raiva é uma coisa muito engraçada.

Primeiro, ela te dá vontade de destruir os outros.

Depois, te dá vontade de se destruir.

Assim que o convite sai de minha boca, percebo que cheguei no nível mais masoquista da cólera. Ele quer ficar com ela? Pois que a engula.

- Fica. Termina o vinho. - convido seca - O Leonardo te faz companhia.

- Mia...

- Fica, Leonardo. - rosno, como faria a um cachorro, antes de seguir pelo corredor e subir as escadas para o quarto.

Estou tão furiosa que minhas mãos vibram. A bolsa, que antes eu agarrava ao ombro como faria a um colete salva-vidas, agora eu jogo em cima da cama, responsabilizando-a pela minha desgraça na ausência de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Leonardo.

Sento aos pés da cama, balançando as pernas compulsivamente, enquanto conto cada segundo que ele demora pra se livrar dela e vir ao quarto. Confesso que imaginei que demoraria mais. Parte de mim até quis que demorasse, eu já tinha razão suficiente para gritar com ele, mas gostaria de mais algumas, só pra garantir.

Abre a porta com um cuidado digno de zelador de zoológico diante da jaula da onça.

- Acabou? - pergunto.

- O quê? - gagueja.

- O encontro? Se soubesse que tinha planos só teria voltado amanhã.

- Mia, Luciana é uma amiga. Só isso. - ele parece querer se esmurrar, como se não conseguisse acreditar que conseguiu chegar ao fim do poço e ainda deu um jeito de cavar mais um bocado. Somos dois, porque eu também não acredito que ele conseguiu essa façanha.

- Leonardo, me poupe! - meu tom de voz sai mais exaltado do que planejei, mas dane-se. Acho que estive me comportando bem até demais diante de toda essa loucura - Não tenta vender essa historia de "só uma amiga"! Você a beijou!

- O quê? - torce o nariz, indignado - Não, não beijei!

- Beijou, sim!

- Mia, eu não beijei. Quem te disse isso?

Enfio a mão na bolsa e tiro o celular.

Quer me fazer passar por maluca, querido? Hoje, não.

Digito os nomes na busca e sinto um calafrio ao imaginar que não deve demorar muito até aquela pesquisa ficar cadastrada no meu navegador como um "favorito". Quero dizer... já pesquisei a porcaria três vezes em um intervalo de poucas horas.

Seleciono a foto em questão e enfio no nariz dele.

Leonardo leva dois segundos para processar o que está acontecendo.

- Ah... quando você diz "beijei"... não quis dizer *hoje*.

- Ah. - repito sua interjeição, ridicularizando sua compreensão tímida - Quer mudar o argumento de defesa?

- Eu e Luciana tivemos um *rolo* na vida... mas nunca significou nada, pra nenhum de nós. E ela é só uma amiga. Hoje.

Abro um sorriso imenso pro meu marido. Ele não me devolve porque sabe que minha expressão não é de alegria, é de homicídio.

- Sabe qual o problema em contar mentiras, Leo? Que um dia, mesmo que esteja dizendo a verdade, as pessoas param de acreditar. Você é o menino na vila gritando "lobo", e eu sinto como se tivesse vindo te socorrer vezes demais. Mesmo depois que todo mundo já te abandonou, sabendo que é mentira: eu ainda estou aqui. Mas não grite "lobo" de novo, Leonardo. Porque eu juro por Deus... já basta.

- Mia, é verdade!

- É verdade. É claro que é! Até eu descobrir que não é. Aí você faz o seu "ah" e se corrige. Você está BEIJANDO essa mulher DOIS DIAS depois do enterro do Gustavo! - balanço o celular no seu rosto.

- O quê? Não! Mia, eu não fiquei com ninguém depois que começamos a namorar! Nunca!

- E eu te pedi... te pedi que não mentisse pra mim! Te pedi que terminasse o namoro mesmo que fosse por mensagem. Lembra?

- Mia, eu nunca te trai! Eu juro!

- E de que me serve? De que me serve suas palavras? Tem uma foto e uma matéria de jornal dizendo que você é um mentiroso, Leonardo. Eu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

costumo confiar nas pessoas, mas não sou imbecil.

Ele pede meu celular e eu lhe entrego. Verifica a matéria com uma expressão de descrença quase que absoluta. E então...

- Ah! - murmura.

- "Ah"... - ridicularizo mais uma vez - Outro "ah". Suponho que tem explicação pra esse beijo também?

- Ela me beijou! - explica, enfático - Não fui eu! Foi ela!

- Claro que foi. - murmuro.

- É sério, Mia! Nós só tínhamos saído para almoçar. Eu estava na merda, por causa do Gustavo, por não saber como te contar a verdade, por ter uns problemas no trabalho que me obrigaram a te deixar sozinha... Saí com a Luciana porque ela é minha amiga e eu precisava de uma amiga. E aí, do nada, quando já estávamos indo embora, ela me beijou. Essa foto foi oportuna, eu juro! Porque esse beijo não durou um segundo! Eu a afastei no mesmo instante.

- Leo, está ouvindo o que estou te dizendo? Não importa! Eu não consigo mais acreditar em você!

- Mia... - ele esfrega a testa como se não soubesse mais o que fazer, então se coloca de joelhos - Eu te conto absolutamente tudo! Desde o começo. Com todos os detalhes. Respondo todas as suas perguntas! Se me confundi com essa foto, é só porque foi tão insignificante que eu nem lembrava que tinha acontecido.

- Sua irmã disse que vocês dois tem uma sincronia.

- A Heloísa disse o quê?

- *Funcionam de um jeito parecido*, foi o que ela disse. Talvez devesse ter casado com a Luciana, então, como as revistas suspeitavam que faria. E não acredito que eu fui uma piada para você contar pro seu irmão!

- Qual irmão? - ele arregala os olhos, em pânico, tentando acompanhar a velocidade da minha ira.

- O mais novo. O que te chama de "malabarista". - não consigo evitar a careta.

- Como... - gagueja, de novo, pondo-se de pé - Como sabe... Você encontrou com o Matheus, também? Mas que inferno, minha família inteira apareceu aqui?

- Não, mas que bom que a perspectiva de eu conversar com sua família te faz tão bem. - sarcástica - Foi o artigo.

- Artigo?

- É! Seu irmão disse que você contou pra ele da "bibliotecária"? A garota que só sairia com você em troca de um livro. Disse que eu estava "dando trabalho como o inferno" pra ir pra cama com você, Leo? - pela primeira vez meus rugidos parecem mais mágoa do que cólera.

- Como... - ele balbucia as palavras, completamente incrédulo - Que artigo é esse? Como algum jornalista ficou sabendo dessa história?

- ISSO é o que você acha importante agora?

- Mia, me desculpe! Mas, seja lá quem escreveu isso, tirou tudo de contexto. Eu disse pro meu irmão que gostava dessa garota... de você! Ele tentou me ajudar com ideias. Alguém perverteu tudo nesse texto que você leu. Por isso minha pergunta.

- Um tal de "solteiro e infisgável" - resmungo.

Os olhos dele se abrem em compreensão.

- Leonardo, se você disser "ah" mais uma vez, eu juro por Deus...

- Amor, esse artigo é uma piada! Coisa de jornalismo de segunda. Não acredito que o Matheus falou algo assim...

- Sabe que o artigo existe mas nunca leu?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Nunca li.

- Escreveram um artigo sobre você e não leu?

- Mia... eu não leio tudo que escrevem sobre mim. Meu nome em artigos, não é algo... raro.

- Pois eu, no seu lugar, arranjava tempo pra ler esse. Parece que te colocaram nos classificados.

- Eu entendo que você tá com raiva. Faz sentido e você está certa de ficar furiosa. Tem muita coisa que eu não te contei.

- Percebi.

- Mas você também percebe que está piorando o problema?

- Eu? A culpa é minha, agora?

- Você não me deixa explicar. E aí cada dia vai descobrir uma novidade diferente e me responsabilizar por não ter contado. Pode me culpar pelos erros que cometi, Mia. Mas não adianta ficar me culpando milhares de vezes pela mesma coisa. O pecado aqui é o mesmo: eu escondi um bocado de coisas, mas estou disposto... estou *desesperado* para mudar isso agora. Só que você não me escuta porque, sozinha descobriu uma coisa ou outra e se revolta porque não te contei. Eu não gritei "lobo" várias vezes, amor. Eu gritei uma só. Você acha que está com raiva de algo novo, mas está com raiva da mesma coisa.

- O que a Luciana estava fazendo aqui? - cruzo os braços. Levanto da cama porque proximidade com o Leonardo não faz bem pra minha resolução. Eu amo o homem, aí ele tem esse cheiro bom, eu sinto saudades... e, se não me cuidar, daqui a pouco o perdoei sem que tenha decidido fazer isso.

- Tudo bem, isso é algo novo. É bobagem, porque ela é só uma amiga. Mas é novo. Ela veio falar com você. Queria pedir desculpas caso tenha sido inapropriada.

- E por que teria sido inapropriada?

- Ela me contou que te levou pra sair? - aguarda que eu confirme - E disse que a Heloísa apareceu e transformou tudo em um pequeno inferno. - respira fundo - Minha irmã não faz por mal, mas tem o hábito de achar que a vida é seu palco particular e que todo mundo é figurante ou objeto de cena. Desculpe se não pude apresentar vocês duas do jeito certo.

- É isso que aconteceu?

- Mia, a Helô é complicada e...

- A Helô é complicada? Mas a Luciana, não?

- Amor, eu sei que você está com ciúmes. Mas não precisa. A Lu é minha amiga. É uma das pessoas mais confiáveis no mundo. E aqui em São Paulo, entre as pessoas que eu conheço... prefiro ela perto de nós do que qualquer outra pessoa. Ela só queria conversar com você, meu amor. Te conhecer melhor.

- Aí viu que eu não estava em casa e pensou "bem, então já que eu tô aqui, abre um vinho e tira a camisa"?

- Amélia, ninguém tirou a camisa. Prometo.

- Não gosto dela! - sei que estou soando infantil assim que digo as palavras.

- Claro que não. E como poderia gostar? Você acabou de encontrar uma foto de um beijo, que na verdade é um fóssil: morto, enterrado e esquecido. Mas que te magoou ainda assim. Ela foi a primeira pessoa que você encontrou em um momento delicado e depois a encontra no sofá com seu marido, tomando um vinho, sem conhecer o contexto. Não há como gostar dela. Mas se lhe der uma chance, vai ver que isso é bobagem, meu amor!

- Para de me chamar de "meu amor", Leonardo.

Ele acena, obediente, e eu continuo:

- O que você ia achar se me encontrasse toda linda e arrumada em um sofá com um Heitor? Na penumbra, ouvindo uma música suave e dividindo um vinho?

Ele engole em seco e eu sei que está funcionando.

- E se fosse em uma noite em que eu achava que você não ia dormir em casa, e ele fizesse piadas sobre eu estar sem camisa? Você ia achar "bobagem"? Mesmo *sabendo* que ele é só meu amigo?

Seu silêncio é uma resposta. Mas, depois de um instante, decide usar palavras ainda assim.

- Não. Eu não ia achar bobagem. Você está certa. Me desculpe.

Cansaço não é uma coisa interna. Não é uma sensação que surge no seu corpo ou músculos.

Cansaço é uma coisa externa. É o ar ao seu redor que se condensa e te oprime, roubando teu oxigênio e esmagando seus ossos.

- Eu não aguento mais conversar disso agora. - vou ao armário para buscar um pijama.

- Certo. - ele se levanta, com as mãos nos bolsos. Olha ao redor medindo minhas intenções. - Esses travesseiros estão bons? Quer um diferente?

- Estão ótimos. - expiro, exausta. Já estou com a mão na maçaneta do banheiro.

- Mia? - pede. Seu sussurro é dolorido.

- Hm?

- Eu... eu posso dormir na cama com você?

Respiro fundo buscando a resposta certa, mas ela não existe.

Então, eu escolho a verdade. Por mais ríspida que ela possa parecer.

- Faz o que você quiser. A casa é sua. - murmuro antes de entrar no banheiro - Eu tô só de passagem.

Leo

É realmente inacreditável que eu tenha conseguido descer tão fundo. Parece que eu atingi o fundo do poço e continuei determinado a escavar até encontrar petróleo. Ou as ruínas do meu casamento...

Mia tem o hábito de me usar como colchão. Sempre que estou em casa, ela gira pra mim, no meio da noite, enfia o nariz no meu pescoço e me cobre com sua coxa. Dorme aninhando seu corpo quente em mim. É um desses hábitos incômodos que só agrada aos apaixonados, porque eu *adoro* quando ela faz isso. Sinto como se tivéssemos ultrapassado todos os limites da intimidade, Mia buscando meu corpo mesmo desacordada. Como se uma força subconsciente nos mantivesse unidos. Quando estamos juntos, não consigo dormir até que ela se enrosque em mim.

Essa noite, ela não fez isso.

Se estou contando maus sinais, esse é o pior deles.

Mesmo em seu sono, desprovida de todo juízo de valor, Mia não me procurou.

Eu sabia que ia demorar pra ela me perdoar, não era?

Nunca imaginei que fosse ser imediato.

Mas, se estou sendo honesto, também nunca imaginei que ia me enfiar

em uma situação tão fodida assim, antes de sequer conseguir fazê-la me ouvir.

Adriana pretendia levar o café da manhã para a mesa na varanda onde sempre o tomo, mas Mia estava na cozinha antes que alguém pudesse impedi-la e, cara, quando você é um homem casado, se tem uma coisa que você não faz é contradizer sua mulher quando ela está com raiva.

Adriana nos deixa sozinhos na cozinha para arrumar a casa. Sei que estou olhando pra Mia como um filhotinho com fome, mas apelar pra pena é a única ferramenta que me restou. Meus planos não deram exatamente certo, fui pego em uma mentira atrás da outra (mesmo que nem todas tenham sido intencionais) e ela nem ao menos me deixou explicar.

- Posso desmarcar minhas reuniões para hoje. - murmuro, como quem pede desculpas - Trabalhar em casa.

- Pode trabalhar em casa? - ergue uma sobrancelha - Todo esse tempo, podia trabalhar em casa, se quisesse?

Vê isso?

Putá merda, eu não dou uma dentro.

- Não é o ideal. Mas posso fazer isso hoje.

Ela termina o suco de laranja.

- Não. Vai trabalhar. Acho que vou ver a Estela. Ou ler. Peço a Adriana pra me explicar como a televisão funciona.

Eu tenho uma sala de cinema no meu apartamento. Mas, ultimamente, toda vez que eu digo algo achando que vai ser só um comentário inocente, ele se volta contra mim e me esmaga como se eu fosse um besourinho. Então, dessa vez, só aceno e concordo.

Mia se levanta, me dá as costas e está saindo da cozinha.

Eu sempre achei que "a última gota d'água" era, na verdade, uma sequência de eventos. Uma porção de coisas que acontecem e te levam a enlouquecer. Nunca imaginei que fosse um evento único: uma só coisa que acontece e você, que no instante anterior estava são, agora está louco.

Mas estive errado.

"A última gota d'água" é exatamente isso: só uma gota. Algo que mesmo sendo pequeno e inócuo, traz em si o potencial para destruir tudo.

Mia levantar, dar as costas e sair da cozinha, foi *minha* gota d'água.

Eu a amo.

Não quero perdê-la.

E me dói que tenhamos nos tornado estranhos ou inimigos.

Amélia era a pessoa que mantinha minha paz. Seu sorriso conseguia curar minha dor de cabeça. Eu sobrevivia aos meus piores dias, encarando sua foto que mantinha escondida e pensando em abraçá-la assim que a semana acabasse.

E agora...

Fazia tempo demais desde a última vez que a tive em meus braços ou minha boca.

Tempo demais sem ver seu sorriso.

E embora esses pareçam ser os tipos de pensamentos que homem nenhum tem, fora de um poema do século XVIII, ainda assim é só nisso que consigo pensar.

A ausência de Mia me faz mal.

E sua ausência quando está ali tão perto é especialmente nociva.

- Amélia?

Ela para a porta e me observa, esperando.

Sei o que preciso perguntar, mas tenho tanto medo da resposta que

demoro muitos segundos até conseguir dizer alguma coisa.

- Acha que vai conseguir me perdoar? - murmuro - Sei que é cedo para saber, mas... acha que consegue? Por que se não conseguir... - não consigo olhar pra ela. Encaro o chão.

- Leo. - sua voz é quente, atrai meu olhar e eu vejo a dor em mim espelhada em seu rosto - Eu não sei o que você quer ouvir.

- A verdade, Mia. Seja qual for.

Ela se abraça. Está com frio? Quero abraçá-la também. Quero protegê-la de tudo, inclusive de mim mesmo. É tão preciosa, essa mulher que eu amo, tão inocente, pura e delicada. Como me atrevi a fazer isso? Como pude ousar trincá-la?

- Eu não sei. - responde, miúda - A verdade é que eu não sei se consigo te perdoar.

É, campeão. Você fodeu tudo. Esperava algo além disso?

Estou prestes a levantar também. Começar a me preparar para desistir: ato que vai exigir muito mais dedicação do que ganhar. Mas ela não terminou.

- Não sei se consigo te perdoar. - suspira - Mas eu *queria* conseguir.

Um sorriso.

Não nela.

Em mim.

- Isso é tudo que eu preciso. - prometo - Eu te amo. Diz pra mim que você sabe disso.

- Eu sei disso. - ela diz.

Mas algo dentro de mim congela.

Conheço Mia bem demais.

E ela está mentindo.

Mia

Assim que a porta de Estela se abre, minha visão é absolutamente tomada pelo torso nu de um homem malhado. A cicatriz em seu peito revela sua identidade antes que consiga erguer os olhos para seu rosto.

- Oi Gabriel. - cumprimento, confusa.

- Mia! Oi! Entra.

Gabriel ganhou peso nos últimos anos, tem uma aparência muito mais saudável agora do que no dia que nos conhecemos. Os músculos se definiram com cuidado e os ombros atingiram uma largura realmente adorável. Seu cabelo claro ainda se espalha para todos os lados em cachos revoltos, e seu sorriso imenso com uma única covinha permanece marca registrada de sua personalidade.

Ele me dá um abraço apertado e eu sinto seu coração vibrando em minha pele. Adoro o Gabriel. Acho que ficar perto dele me faz bem.

- O que aconteceu? - encaro sua falta de roupas, curiosa.

- Ah! Tua amiga está tentando me matar. Nada fora do normal. - ergue os ombros com seu jeito sapeca.

- Cala a boca, garoto! Se eu estivesse tentando te matar, estaria morto!

A voz de Estela vem da cozinha: cômodo que eu preciso entrar com

cuidado porque o chão está coberto de água e restos de macarrão cozido. Vejo a camisa encharcada de Gabriel jogada sobre o espaldar da cadeira e começo a entender o contexto.

- A Estela jogou uma panela de macarrão em você? - pergunto, assustada.

- A água estava fervendo. - ele confessa, arregalando os olhos.

Estela respira, devagar e furiosa, passando o pano de chão na superfície inundada.

- Não estava fervendo! E foi um acidente. Menino, deixa de ser dramático.

- Fervendo! - berra, exagerado, para a outra - Eu devia chamar a polícia, sua maluca! - mas sorri, indicando que não pretende fazer algo além de provocá-la - Biscoito, Mia? - ele me oferece um pacote sobre a mesa.

- Não, obrigada.

- Isso não é seu pra oferecer! - Tê rosna, mas Gabriel já enfiou dois biscoitos na boca e eu não acho que ele vai parar por aí - Vai colocar uma camisa!

- Que camisa, garota? Você ferveu a minha.

- Coloca na secadora, então. Sei lá! Faz alguma coisa! Sai da minha frente!

Gabriel estira a língua pra Estela e desaparece para o banheiro, depois de jogar a camisa na secadora.

Ela ainda está tremendo de raiva e sequer me disse "oi". Pego um pano de chão para ajudá-la e arrisco:

- Vai me contar o que está acontecendo?

- Eu estou enlouquecendo. É isso que está acontecendo.

- Por causa do Gabriel sem camisa? - sufoco a risada.

Estela me encara como se me detestasse. Como se fôssemos inimigas juradas ao invés de amigas de infância.

- Acha que gosto dele sem camisa? Só de ver aquela cicatriz eu tenho vontade de vomitar. - resmungo - Não sou você.

- Umhum. - finjo que acredito em sua repulsa - E quer me contar o que ele está fazendo aqui?

- Destruindo minha vida. Cala a boca, Amélia. - ralha, quando eu ameaço rir.

- Vou chutar que tem algo a ver com o curso?

- Trabalho em dupla.

- E escolheu o Gabriel?

- Se com "escolheu" você quer dizer "entrou em pânico quando chegou atrasada na aula, e descobriu que ele já tinha colocado o seu nome em dupla com ele", então é: *escolhi*.

- VOCÊ IA FICAR SEM DUPLA! EU TE FIZ UM FAVOR! - brada, do meio do corredor.

- PARA DE OUVIR A CONVERSA ALHEIA!

- SEU APARTAMENTO É MINÚSCULO! QUER QUE EU TAPE OS OUVIDOS?

- QUERO QUE VOCÊ CAIA DO PLANETA!

- Gente, calma. - peço.

- E você tá legal, Mia? - Gabriel entra na cozinha com uma cara sonsa e lavada, como se estivesse envolvido em discussão nenhuma.

- Olha pra isso! - Estela altera-se - Esse menino é bipolar!

- Shh, Estela, estamos conversando. Deixa de ser mal educada. - provoca.

Ela prende a respiração e infla como um baiacu. Por um instante,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

temo que vá matá-lo.

- Tá fazendo o quê em São Paulo? - pergunta, roubando mais alguns biscoitos.

- Descobri que meu marido é rico e estava escondendo uma família e uma empresa de mim. E você, como tem passado?

Gabriel engole com dificuldade.

- "Uma família" do tipo "outra mulher e filhos"?

- Não! - levo a mão ao peito, chocada - Pai, mãe e uns irmãos.

- Ah! - ele expira, em alívio - Que susto.

Estela usa uma espátula para bater em sua barriga.

- E acha que não é ruim o suficiente? O cara é rico e ninguém sabia!

Gabriel torce o nariz com uma expressão culpada.

- Você sabia? - Tê murmura em um tom rouco e assassino. Veja bem: ela não precisa de razões para querer matá-lo, mas temo que Gabriel acabou de lhe dar uma.

- Nunca perguntei! - defende-se - Mas a coisa toda do transplante deveria ser sigilosa e ainda assim ele me encontrou. Uma pessoa não faz isso sem dinheiro, sabe? Então, eu sempre suspeitei que ele tivesse grana e vocês vivessem de um jeito mais humilde por opção.

- E nunca te ocorreu comentar isso? - ela rosna.

- Comentar minhas suspeitas sobre algo pessoal que eu achava que era evidente pra todo mundo? Não, senhora, nunca me ocorreu. - faz pouco da raiva dela.

Eles se entreolham de um jeito raivoso que beira o tesão e o ultrapassa.

Estela e Gabriel estão apaixonados.

Não sei se já perceberam... acho que não. É triste, porque minha amiga parece estar ativamente lutando contra isso com todas as forças que tem.

Mas está apaixonada por ele como um dia estive por meu irmão.

Gabriel é um homem bom. Fico feliz por ela.

Meu coração dói instantaneamente.

O começo de um amor é uma sensação deliciosa.

Mas como é o fim?

Será que, assim como "se apaixonar", o "se desapaixonar" é o tipo de coisa que você nunca percebe direito quando está acontecendo *com você?*

Sinto falta do meu Leo.

Sinto falta de beijá-lo, abraçá-lo, falar com ele. Sinto falta de sua companhia, de seu carinho, de sua personalidade.

Mas, ao mesmo tempo, parece que estou tentado agarrar névoas, prendendo-me a algo que nunca existiu. Algo que não está mais lá.

Não menti pra ele mais cedo: queria consertar tudo. Queria ficar bem, de novo.

No entanto, sempre que penso sobre isso, parece que estou me enganando.

- Então, você não sabia? - Gabriel pergunta.

- Não.

- Poxa. Mas deve ser bem legal. Tipo ganhar na loteria, não é?

- Acho que sim. - dou de ombros.

O olhar de Gabriel se abaixa, procurando o erro.

- Tá tudo bem, Mia?

Eu sei que é puramente supersticioso, mas não consigo mentir pra esse homem.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Parece errado.

- Não. - admito - Não está tudo bem e, sinceramente, estou começando a ficar com medo que nunca fique *tudo bem*.

- Achei que tinha feito as pazes ontem. - Estela se aproxima - Não foi pra isso que voltou pra casa dele?

- É. Aí encontrei ele, bem romântico, no sofá, com a Luciana.

- MENTIRA!

- Quem é Luciana?

- Ela ainda teve o disparate de me convidar pra entrar e beber um vinho.

- TE CONVIDOU PRA ENTRAR NA SUA PRÓPRIA CASA?

- Quem é Luciana?

- E ainda fez uma piada sobre ele estar sem camisa.

- RIDÍCULA!

- QUEM É LUCIANA?

- Não te interessa, garoto, fica quieto. E o Leo estava mesmo sem camisa?

- Olha, a tal Luciana jogou macarrão nele também? Porque nesse caso...

- Ele não estava sem camisa. - explico - Foi só uma "piada" - faço as aspas com os dedos - E a Luciana é uma ex-namorada do Leo. Uma que ele beijou logo depois do enterro do Gustavo.

- E vocês já estavam juntos nessa altura, eu suponho. - Gabriel entendeu - Poxa, que merda.

- Ele disse que foi só um mal entendido: a Luciana o beijou do nada e ele se afastou imediatamente.

- E você acredita? - Estela toca meu braço.

- Acredito. Mas não sei se faz diferença.

Gabriel fica em silêncio. Não peço pra ele sair, me sinto a vontade quando está por perto.

- O que isso quer dizer? - a preocupação na voz de Tê é tão evidente que me causa desconforto. Não era minha intenção incomodá-la com nada daquilo, principalmente quando eu mesma ainda não conseguia colocar meus sentimentos em palavras.

- Quer dizer que eu estou muito confusa. Tudo indica que o Leo me traiu, não é? Mas quando ele nega, eu acredito. Então fico presa nesse furacão onde queria acreditar nele, mas não sei se devo. Acho que no fim... Eu só queria que as coisas voltassem ao normal, mas... ao mesmo tempo...

Não queria.

Porque não faz sentido.

- "Ao mesmo tempo" o quê? - ela pergunta.

- Não sei. - respondo - Não sei o que eu quero.

É verdade.

Não faço a menor ideia.

O carro do Leo é um desses que eu só tinha visto na televisão e duvidava que existisse um de verdade andando pelas ruas do Brasil. Ela abre a porta para mim e sorri enquanto coloco o cinto.

Dirigimos pelo pôr-do-sol em direção a casa dos seus pais: Uma mansão que parece imensa por fora, mas, suspeito, deva ser ainda maior por dentro. Há alguns carros já estacionados na garagem e minha respiração

falha.

Certo.

Aqui vamos nós.

Não estamos bem, eu e meu marido.

Mas não brigamos hoje e eu decidi acreditar em sua versão dos fatos sobre a Luciana. Era só uma amiga, o beijo foi um acidente, o encontro da noite anterior foi coincidência. Vou perdoá-lo dos maus lençóis em que se enfiou desde que cuide para nunca mais se encontrar em outros semelhantes. Porque desculpar uma vez é bondade, duas é apelação.

A sala de entrada é colossal, as janelas triangulares que seguem até o teto devem inundar o ambiente de luz durante o dia. Mas, mesmo durante a noite, o lugar já é bastante excepcional. A lareira está acesa assim como um jogo de luzes baixas que nos ilumina bem, mas nunca de modo direto. A mobília é irmã daquela que descobri no apartamento de Leonardo: Sofás e poltronas que parecem feitos para dormir, e não para sentar visitas rápidas.

Mas são as pessoas na sala que atraem minha atenção imediata.

Conheço apenas uma delas.

Leo me guia pela cintura até estarmos perto o suficiente para apresentações. A mulher mais velha é a primeira a se aproximar.

- Mia, essa é minha mãe, Madalena. Mãe, essa é Mia.

- Olá, querida, seja bem vinda. - ela aperta minha mão, com carinho. Tem um sorriso acolhedor, mas cansado.

- Obrigada, sua casa é linda. - não sei se minha voz está saindo direito. Espero que sim.

- Meu pai, Arthur. Pai, Mia.

- Como vai? - pergunto, aceitando a mão que ele oferece.

- Bem, obrigado. Você também, eu espero. - ao contrário da esposa, ele não sorri. Bem depressa tirou a mão da minha e escondeu a boca em um copo de bebida.

- Acho que já conheceu Heloísa. - aponta.

- Sim. Olá.

Ela faz pouco mais que uma reverência breve e se afasta para o bar.

Sinto uma pontada fria no estômago. Heloísa foi gentil comigo no dia anterior e era minha única conhecida em um campo de estranhos. Esperei que fosse encontrar simpatia, pelo menos nela. Mas algo aconteceu ali e ela parecia chateada. Se não comigo, com os fatos. Mas fatos não podem sofrer a retribuição dos humanos, então, sofreria eu.

- E esse aqui é o Matheus. - abraça o irmão rapidamente.

- Mia, é um prazer. - seu sorriso é imenso - O Leo me disse que você gosta de ler.

Meu semblante de simpatia se desfaz em uma careta de horror.

Isso deveria ser uma piada? Uma indireta sobre como seu irmão tomou a virgindade da "Bibliotecária"?

Leonardo arregala os olhos em pânico e faz um gesto para o caçula. Acha que eu não percebi, mas foi tão evidente que até Luciana, lá dá casa dela, deve ter percebido.

Matheus engasga nas palavras e não sabe se pede desculpas ou explicações.

- O Theu é escritor. - Leo tenta salvar - Ele estuda literatura, imaginei que vocês dois teriam muitos assuntos em comum.

- É Escrita Criativa, o nome do curso, Malab... Leo.

Outro que tenta ser discreto e falha.

A noite começou *linda*.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

A mãe já está exausta, o pai me detesta, a irmã desistiu e o irmão é um desastre.

Legal.

- O que importa é que ele é escritor. - Leo brinca, desajeitado.

- Somos todos escritores, maninho - pelo menos seu sorriso é bonito

- Só que nem todos escrevem.

Minha risada é baixa.

- Saramago. - murmuro.

- Exato. - Matheus aponta - Mia, nós vamos ser amigos.

Por alguma razão, eu duvido.

Mas fico quieta.

26.

"Inapropriada".

Como no restaurante chique que Gustavo me levou, ou subindo para o apartamento do Leonardo.

É assim que me sinto quando sento em uma poltrona, com a taça de vinho que a mãe do Leo insistiu que eu aceitasse, e observo sua família. Parece que estou assistindo um filme: posso até me emocionar com seus eventos, mas nunca posso participar deles.

Olho pro tapete e calculo o tamanho do desastre que seria derrubar aquele vinho ali. Minhas palmas estão suando porque o corpo é mesmo uma estrutura maravilhosa: estou em pânico para não derrubar algo e o que meu organismo faz? Decide enviar suor para minhas mãos, deixando-as bem escorregadias.

Heloísa não olha pra mim. Na verdade, mal levanta os olhos do celular para quem quer que seja. Mas nas poucas vezes que me dirige qualquer atenção, ela sempre vem com um bocado de rancor. Ainda não sei se está chateada comigo, ou se brigou com o Leo e o afastamento é apenas uma tentativa de puni-lo. O motivo por trás de sua frieza, no entanto, não faz diferença alguma, já que sou eu que tenho que lidar com suas consequências.

- Quer mais um pouco, querida? - Madalena oferece mais vinho.

É a terceira vez que faz isso e eu sequer bebi dois goles.

Não sabe o que dizer.

Quer destruir o silêncio constrangedor, mas não sabe como.

- Não, obrigada. - tento sorrir, para demonstrar simpatia com gestos já que palavras faltam.

- Ela nem terminou a primeira taça, mãe. - Matheus intervém. A pouca conversa que temos acaba dependendo dele - Estamos esperando o Fernando, para servir o jantar, Mia. - explica - É o irmão mais velho, mas age como um caçula. Ou um mascote. - perde-se - Está atrasado de propósito.

- Matheus. - sua mãe ralha, como se preferisse que o filho se comportasse na frente de visitas. E é isso que sou: uma visita. Não parte

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

da família. E, pelo modo como seu pai me analisa em silêncio, *nunca* parte da família.

- Mas é verdade! - ri.

Leonardo senta ao meu lado e mexe na gravata uma infinidade de vezes.

Quer que a noite termine.

Quer jantar depressa e me tirar daqui.

- Sua tapeçaria é linda, senhora Oscher. - elogio - Minha avó trabalha com antiguidades, ela enlouqueceria.

- Ah, então preciso conhecê-la. Sua mãe também trabalha com antiguidades, Mia?

- Não. Ela... era professora. Nós a perdemos quando eu ainda era muito nova.

- Oh, sinto muito. Seu pai a criou sozinho?

- Não. Minha vó. - sorrio e espero que essa resposta baste - E meu irmão.

- Então, preciso realmente conhecê-los.

Meu sorriso mingua. Estou desconcertada. Vou precisar falar de morte, de novo, em um intervalo de quinze segundos.

- Gustavo faleceu há alguns anos, mãe. - Leo me salva, acariciando minhas costas para me dar conforto.

- Oh, Deus. - ela ergue a mão devagar - Sinto muito.

O cansaço em seu rosto vai, aos poucos, virando pena.

Acho que prefiro o cansaço.

O silêncio se prolonga.

Matheus inspira fundo tentando salvar a ocasião e eu temo que faça mais um de seus comentários sem jeito. Quer dizer, tenho certeza que ele deve ser ótimo, mas entre contar nossos segredos para um tabloide e me receber com uma indireta não-intencional... preciso confessar que ele não causou a melhor primeira impressão.

- Mas a tapeçaria é realmente linda. - repito, tentando trazer o assunto de volta para algo mais ameno.

Madalena sorri e vai fazer um comentário quando:

- Foi um presente de Sara. - seu pai interfere. Senta no sofá a nossa frente, ao lado da esposa. Passa o braço em seus ombros e lhe dá um beijo na bochecha antes de voltar sua atenção para o resto de nós - Já conheceu Sara, Mia?

Heloísa emite uma risada baixa de quem antecipa desgraças ou comédias.

- Isso vai ser divertido. - resmunga, sem tirar os olhos do celular.

- Rapidamente. - respondo - No shopping, ontem. Pareceu uma boa pessoa.

- Ela é ótima. - seu pai continua - Amiga da família há muito tempo.

- Arthur. - sua esposa pede, discreta.

Ele se volta para a esposa com um sorriso carinhoso. Suas atitudes não são para me ofender, mas para protegê-la. Não está querendo me agredir, está querendo enfrentar o filho em defesa da mulher que ama. Respeito sua posição, mas, assim como a indiferença de Heloísa: se a culpa é minha ou de Leonardo, não faz diferença. Quem recebe os golpes sou eu.

- Faz um tempo que Madalena queria fazer um desses jantares para Sara. - ele acrescenta.

Estou confusa.

- De aniversário? - olho para Helô. Ela se diverte com minha inocência.

O tempo que levei para perceber sua diversão foi o mesmo que precisei para compreender o comentário do meu sogro.

- Não. - ele responde ainda assim. Leo se mexe desconfortável e eu sei que Matheus quer mudar de assunto - Fomos todos pegos de surpresa com esse... - aponta para mim - *anúncio* do Leonardo. Madalena jurava que seria Sara. Eu, confesso, torcia pela Luciana. Mas, olhe pra nós, estávamos os dois, errados em...

- Pai, já chega. - Leonardo pede.

- Foi só um comentário. - ergue os ombros alegando nada demais.

Encaro minha taça de vinho.

Todo esse tempo, Leo ficou preocupado em falar comigo, quando eu preferia que tivesse se dedicado a falar com seus pais. Se era para alguém ainda estar fervendo de raiva naquele ambiente, eu preferia que fosse apenas eu.

- Será que a gente pode falar sobre momentos constrangedores da minha infância, ou algo assim? - meu marido quase implora - Como famílias normais fazem quando um filho traz a namorada pra casa?

- O problema é que você não trouxe uma namorada, não é, Leonardo? Trouxe uma esposa.

- Arthur, pare. - sua esposa pede.

- Trouxe uma mulher que ninguém conheceu, que ninguém *aprovou*.

- Com licença? - Leonardo se põe de pé - E preciso da sua aprovação?

- Não *precisa*. - o patriarca rosna - Mas imaginei que a buscaria, mesmo assim. Mas ao invés disso, você mente por anos...

- Se vai fazer isso, eu vou embora! Mia, vamos.

- Não. - Madalena pede, em pânico - Arthur, peça desculpas! Peça desculpas agora mesmo.

Leonardo parece com o pai.

Os traços são idênticos. A mesma linha do queixo, os mesmos lábios rudemente desenhados, os olhos azuis escuros. A única diferença é que o cabelo de Arthur já começou a pratear. Bem... isso e o fato de que ele me detesta.

Mas é no modo como olha pra esposa que eu vejo a semelhança mais forte. Eu conheço aquele olhar de carinho e devoção bem demais. É assim que Leo olha pra mim quando dou um desconto muito grande na loja de vovó ou queimo a resistência do chuveiro pela oitava vez.

Aquele olhar de amor e paciência que supera qualquer coisa.

Leo já está de pé quando busco sua mão. Volta-se pra mim, surpreso com o carinho. Não olho pra ele, mas aperto seus dedos em um pedido mudo para que tenha paciência com seu pai.

- Desculpe. - Arthur expira, obedecendo a esposa - Isso não tem nada a ver com você, querida. - o modo como me chama de "querida" não traz qualquer gentileza - É uma questão de família, só isso.

Solto a mão de Leo para me encolher de volta.

O fato de uma questão de família não me dizer respeito, por si só, já é uma coisa que me diz respeito.

- Se é uma questão de família, então envolve Mia. - Leonardo defende - Ela é minha esposa. Você precisa aprender a lidar com isso.

Seu pai tem uma resposta pronta que Leonardo encara com agressividade. Sua mãe implora por calma, enquanto Heloísa encara o celular ignorando a presença de qualquer um de nós.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Pai e filho trocam animosidades por minha causa e estou tão constrangida que gostaria bastante de desaparecer.

- Já viu o jardim? - Matheus experimenta, baixinho.

- O quê?

- Não é por sua causa, de verdade. Quando esses dois começam a discutir, pode levar meses. Vem, eu te mostro o jardim. Papai vai ficar te pedindo desculpas e querendo marcar churrascos assim que voltarmos pra dentro. Você vai ver. - pisca um olho.

Leonardo parece entretido na briga com seu pai e eu sigo a deixa de Matheus para sair da sala. Madalena tem olhos tristes, então esconde-os atrás das mãos como se vivesse um tipo muito particular de pesadelo.

- Mia? - Leo me descobre a meio caminho da porta.

- Vocês vão gritar um com o outro por horas. - Matheus toma a dianteira - É tipo uma forma de lazer pra vocês dois, mas é bem chato pro resto de nós. Então, vou mostrar a casa pra Mia enquanto se divertem.

Leo não tira os olhos de mim, mesmo quando seu pai ameaça voltar a discussão. Está esperando alguma confirmação de minha parte. Tento sorrir para Matheus e lhe pedir que me mostre o caminho.

A noite está sendo péssima, mas ali fora não parece tão má. O ar está carregado de um cheiro gostoso de grama molhada e o jardim é realmente lindo, mesmo no escuro. A piscina tem um piso escuro e faz a curva, escondendo-se no meio de uma vegetação que parece ter sido metodicamente escolhida para dar um efeito selvagem a um poço urbano feito de cimento.

É incrível.

Deve ser ainda mais bonito de dia.

Ou em uma noite que eu não esteja sentindo a pressão social esmagar meus ossos como se fossem gravetinhos.

- Não leve o pai a mal. - murmura - Não tem a ver com você, de verdade.

- Já disse isso. - sorrio. Não acredito nele, mas de que adianta?

- Foi a mentira. É isso que magoou eles.

- Simpatizo.

- É. - coça o cabelo desajeitado - Imagino que você também não tenha gostado dessa parte.

O gesto lembra o Leo. Há algo similar entre os dois, mas nada evidente. Nunca reconheceria os dois como irmãos em uma fila de supermercado: Matheus era uma cópia precisa da mãe, enquanto Leo tinha plagiado o código genético do pai.

Mas o modo como coçou o cabelo... o jeito moleque como sorri ao erguer o braço para fazer um gesto descontraído. Se ainda não soubesse que eram irmãos, aquele gesto seria capaz de me fazer suspeitar.

- O Leo é o favorito do pai. - explica - Se fosse eu, o Fernando ou a Helô... o pai não ligaria pra mentira. Acho que até *esperaria* isso de nós três. - ri sozinho - Nós somos perdidos. Em planos de existência *completamente diferentes* um do outro, mas cada um perdido no seu quadrante. O Leo sempre foi o guia. O cara para quem você pode ir com um problema, na certeza que vai voltar com uma solução. Um mercador de respostas, se quiser pensar assim. Imaginar que ele se meteria em...

- *Um problema?* - concluo.

- *Confusão* é a palavra que eu escolheria usar.

- Faz diferença?

- Sempre. - promete - Ele está na pista certa, só está indo no sentido errado. Basta um retorno e tudo está resolvido. É diferente, por

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

exemplo, de estar em um barco procurando uma cidade no interior. Faz sentido?

- Não. Mas nada na minha vida faz sentido há alguns dias, então você se encaixou bem.

- Obrigado. - olha por cima do ombro, pelas janelas da sala, investigando o caminhar da briga de sua família.

- Não me incomode se precisar voltar pra lá. Fico bem sozinha e você deve estar preocupado.

- Não. Que nada. - desfaz-se com um gesto sossegado - Estou bem aqui com você. Então, que tipo de livro você prefere?

Dessa vez eu entendo que não é uma indireta. Está buscando um caminho seguro.

- Sou bem eclética. - dou de ombros - E você?

- Ah, eu leio qualquer coisa obscura que possa me fazer soar como um intelectual condescendente.

- Ah é? - ele me faz sorrir, deve ser a primeira vez.

- Pode ter certeza. Meu ego é uma coisa de aspirações intergalácticas. Tem algum favorito?

- Um livro?

- É. Acho que dá pra saber muito sobre uma pessoa se souber o seu livro favorito.

- Por que não me diz o seu e aí eu vejo se é verdade?

- Justo. - Matheus é simpático. Por qualquer motivo que seja, ainda não consigo confiar nele completamente. Mas sua empatia é uma coisa graciosa - "*A Noite dos Tempos*". - anuncia, categórico.

Preciso estreitar os olhos por um instante.

- René Barjavel?

- Você conhece? - torce o nariz e parece genuinamente admirado.

- Eu leio bastante. Mas você é bem obscuro. - elogio, já que esse parece ser o tipo de enaltecimento que lhe apetece.

- E gostou?

- Acho que eu era criança quando li esse. Mal me lembro. Mas se vamos falar sobre expedições ao Polo Sul, meu favorito é Montanhas da Loucura.

- Lovecraft? - ri, baixinho.

- Sim. - minto - É meu autor favorito.

Matheus me encara como um policial em um interrogatório, duvidando da minha versão dos fatos por encontrar inconsistências demais.

- Agora sei que está mentindo pra mim. Você não tem a mínima cara de quem é fã de Lovecraft.

- E tem "uma cara"? - provoco.

- Sim. Ninguém sabe descrever exatamente como é, mas parece envolver uns tentáculos ou algo que o valha.

Dessa vez eu estou rindo alto.

- Certo, deixa eu tentar adivinhar, então...

- Fique a vontade. - convido - Mas fique sabendo que os homens da sua família não tem muito talento em tentar me desvendar com literatura.

- Posso tentar por autores, pelo menos?

Dou de ombros. Não faz diferença.

Matheus espreme os olhos enquanto pensa. Não precisa de muito tempo para começar as suposições.

- Me diga se eu estiver ficando quente. - pede - Jane Austen?

- Não.

- Margaret Mitchell?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Definitivamente não.

Matheus tem um sorriso discreto nos lábios, como se tivesse acabado de descobrir a meu respeito tudo que jamais precisaria saber.

- Louisa May Alcott. - não foi uma pergunta dessa vez.

Engulo em seco. Meu sorriso não se foi, mas... *não acredito.*

Meu cunhado acena percebendo que encontrou o que precisava.

- *Adoráveis Mulheres.* É um bom livro. - percebe.

Não confirmo.

Mas não acho que precise.

O silêncio o traz de volta a realidade, lembra que deveria estar preocupado com as discussões de sua família e encara as janelas mais uma vez.

- Vai lá. - peço - Eu fico bem. Prometo.

- Tem certeza?

- Absoluta.

- Mando seu marido aqui pra fora em dois minutos. - sorri.

Está mentindo.

Olhe pra mim: desconfiando das pessoas, Gustavo ficaria orgulhoso.

Uma brisa surge de lugar nenhum, balançando a vegetação que esconde a piscina. Encaro a água, é escura por causa da escolha do piso, mas a iluminação do pátio monta um ambiente suave, ainda assim.

Estou cansada de mentiras.

Leonardo, seus amigos e família não parecem ter verdades pra mim. Seu pai é quem mais chegou perto, mas ainda se esconde atrás de subterfúgios, em suas alegações de que sua indignação "não tem nada a ver comigo", quando é evidente que tem *tudo* a ver.

- Deixe-me adivinhar. - diz uma voz masculina familiar - Amélia?

Viro-me esperando o Leo, mas encontro... outra pessoa?

O estranho se parece tanto com meu marido que, na penumbra do jardim, quase me confundo e acho que é ele. É uma coisa insana! A semelhança é ainda mais forte que entre Leo e seu pai. É praticamente o mesmo rosto, o mesmo sorriso... e os olhos... Meu bom Deus, é o mesmo homem.

Ele se aproxima, oferecendo uma mão, e eu noto uma diferença: a altura. Leo é mais alto e, embora a constituição dos dois também seja similar, mais forte. Fora isso, há muito pouco que sirva de distinção. Uma curva nos traços, uma nuance do sorriso. Nada mais.

Aceito a mão que oferece, mas tenho noção de que ainda estou levemente embasbacada.

- Eu sou Fernando. O mais velho.

- Prazer. - sei que estou encarando.

- Algo errado?

- Não! Me perdoe! É só que vocês dois são muito parecidos.

- É. - não parece particularmente satisfeito com meu comentário - Escuto isso o tempo todo.

- Sinto muito, não quis ofender!

- Não! Não ofendeu. Chegaram faz tempo? - sua atenção se desvia para as janelas laterais e a discussão efervescente que se desenrola na sala dos seus pais.

- Meia hora, talvez.

- E já te expulsaram da sala? - ergue uma sobrancelha - Perdi um pouco do respeito pela educação dos meus pais.

Suas palavras não são gentis. Mas são tão genuínas que não consigo me incomodar.

- Não acho que "fui expulsa". - experimento.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- E qual expressão usaria?

- "Retirada estratégica"? - observo-o, entretida, ele tem algo de familiar. Além do fato de se parecer e soar imensamente com meu marido, quero dizer. Já o vi antes e não apenas nos traços do Leo.

Abre um sorriso alegre que não deve ter muito a ver comigo.

- Pois bem, eu esperava que minha família fosse durar mais que meia hora antes de lhe forçar a uma retirada estratégica. Estou decepcionado. - dá de ombros - Ou talvez você tenha merecido. Acho que nunca vou descobrir.

- Talvez não devesse ter se atrasado. Teria participado do Primeiro Ato e saberia de tudo.

- Vou manter isso em mente. - ele ainda me observa quando sorri, parece intrigado com algo que não consigo compreender.

Colocamos-nos de lado, eu e ele, observando o engajar de seus pais e irmãos na sala iluminada como se fosse um palco o que tínhamos diante de nós. Leonardo e Arthur interpretavam os protagonistas, de pé entre os holofotes, cuspindo argumentos enérgicos uma para o outro. Matheus era o intermediário, o secundário que servia como alívio cômico ou juiz, dependendo da cena. Madalena era a dama que esperava sua deixa, e, reconhecendo que seu momento não tinha ainda chegado, permanecia sem dizer qualquer palavra, embora não poupasse reações.

Helô era pouco mais que uma figura de cenário. Comemorando seu aniversário quase nos bastidores.

- É realmente impressionante quando isso acontece. - comenta, enquanto permanecemos, os dois, na proteção da penumbra - Leo e o pai brigando. É tão raro ver acontecer, assim, com tanta majestade. Percebe como ficam de pé? Não conseguem discutir sentados, esses dois. É bonito de assistir. Como uma dança.

Meu murmúrio é um de infelicidade.

- Não está gostando do espetáculo? - pergunta.

- Sinto como se estivesse me intrometendo nos assuntos de uma família.

- É, mas é sua família.

- Não exatamente. - encolho-me.

Fernando me observa longamente.

- Não tem a ver com você, sabe? O pai e o Leo... eles não estão acostumados a se desentender. Vai lhes fazer bem.

Ele busca meu olhar, mas eu o ignoro.

Mentiras.

Mais mentiras.

- O que foi? - insiste.

Bem... dane-se.

- Está mentindo. Assim como Matheus tentou fazer. Eu agradeço, mas já percebi que sua família não está exatamente feliz com minha presença. E, sinceramente, Fernando, estou mais cansada das mentiras do que de qualquer outra coisa.

- Não quer ouvir mentiras agradáveis?

- Nem um pouco.

Fernando enfia as mãos nos bolsos. Será que ele sabe que o Leo tem o mesmo hábito? A mesma postura?

- É por sua causa. - assente.

Dessa vez eu busco seus olhos de volta.

- Ele quer o divórcio. - continua.

- Quem?

- Nosso pai. Ele não gosta de você. - acrescenta - Não é pessoal, lógico, nem sequer te conhece. Mas não gosta das circunstâncias. O Leo é o filho favorito, sempre esperou muito dele.

- O Matheus disse algo assim.

- É, mas o Matheus é um daqueles peixes que fica seguindo o tubarão pra se alimentar de restos. Ele, com certeza, te disse isso de um jeito engraçado e curioso, pra te deixar a vontade. Deve ter deixado de fora uma porção de coisas.

- Rêmoras - eu digo.

- O quê?

- O peixe. Que se gruda ao tubarão.

Fernando vira-se para mim, com um sorriso divertido no rosto.

- O que ele deixou de fora? - pergunto - A porção de coisas que ele não me contou... o quê, por exemplo?

- Bem... - respira fundo, move os ombros, alongando-os, sem tirar as mãos dos bolsos - Pra começar, todo mundo achou que você tinha engravidado.

- Engravidado?

- É, golpe da barriga, sabe como é. Foi um dia bem divertido na casa dos Oscher, mamãe passou mal e precisou ser socorrida, achando que Leonardo ia criar um filho bastardo, longe de São Paulo, para não precisar dividir os bens da família com uma mulher qualquer. A "mulher qualquer", no caso, sendo você.

- Essa parte eu entendi. Acharam que eu tinha feito isso?

- Na verdade, papai acredita que esse ainda é o plano.

- Então, eu tenho um plano?

- Está casada com um bilionário, Amélia. É claro que tem um plano.

- *Bilionário*? - arregalo os olhos.

Meu desespero aqui parece divertir Fernando mais do que qualquer outra coisa que disse hoje.

- Mia... Posso te chamar de Mia? Você faz ideia de *quão rico* o seu marido é?

- Eu sei que ele tem um bocado de dinheiro e uma empresa, mas... - não sei como concluir essa frase - A empresa vale mais de um bilhão?

Fernando começa a rir.

E há algo no modo como me observa... quase como se duvidasse que eu tivesse um plano, mas estivesse, ele mesmo, preparando um.

- Você realmente não sabia, não é? - estreita os olhos entre os suspiros da risada.

- De quê?

- Que Leo tinha *um bocado de dinheiro*.

- Acha que estou mentindo?

- Acho que é possível.

Seu jeito verdadeiro é tão refrescante que sequer consigo me sentir ofendida.

- Não, eu realmente não sabia.

- E não está grávida?

- Não.

- E pretende ficar?

- Isso já não é mais da sua conta.

- Justo. Eles vão te fazer assinar um monte de papeis. Sabe disso, não é?

- Quem?

- Papai. O Leo. Para ter certeza que não vai roubar nada.

- Seu pai pode suspeitar de mim, mas o Leonardo sabe que eu nunca faria algo assim.

- Não importa. Porque você meio que já fez.

- O que quer dizer?

- Casou com ele. E agora estão todos desesperados para que você não perceba que seu regime de bens te dá direito a metade da empresa da família. Papai não quer que você pense em divórcio sozinha, ou vai procurar um advogado. Então, ele quer que o Leo tome a dianteira e resolva tudo.

- Ainda não decidimos se vamos nos separar.

- Mia, se você não gosta de mentiras, é bom parar de dizê-las para si mesma. A realidade mudou, querida, seu casamento não depende mais só de vocês dois.

- Seus pais iriam interferir a esse ponto?

- Papai trata a empresa como se fosse um filho. E você apareceu do nada para dividir a criança no meio. Mamãe... mamãe sempre teve sonhos despertados sobre como seria a festa de noivado e casamento do Leonardo. Acho que, se a deixassem ter sua vontade, organizaria até a Lua de Mel. E não só ele lhe roubou de todos esses eventos, como acabou escolhendo uma mulher que sequer está na sua lista de candidatas.

- Ela tem uma lista de candidatas para o Leo?

- É um papel com o nome da Sara escrito. Ouvi dizer que se conheceram.

Encolho-me ainda mais.

A sensação é horrível. Ali está um homem que estou acostumada, há anos, a ter como meu, e, de repente, surge um monte de gente dizendo-me que pertence a outra. Parece que estão entrando em meu quarto e roubando minhas coisas.

Ladrões de intimidades, e não há nada que eu possa fazer para impedi-los.

- Rapidamente. - respondo - Ela e a Luciana.

- Conheceu a Luciana também? - ri - Ai, coitadinha de você! Bem, seja como for... o divórcio serve a mamãe tão bem quanto a papai. Leonardo vai bater o pé no chão como uma criança mimada, mas, no fim, vai fazer como estão pedindo.

Engulo em seco.

- No seu lugar, Mia, eu arranjaría um advogado.

- Por que está me dizendo isso?

- Porque é injusto o que vão fazer com você. E porque você não faz ideia de onde está se metendo. Confia em mim, procura um advogado. Posso te dar o contato de um, se quiser. - ele me oferece seu cartão. Estou desconcertada, mas aceito - Gostaria de poder conversar mais, mas daqui a pouco o Leonardo percebe que estou aqui conversando com você e vai marchar para fora de casa como um rottweiler para nos afastar.

- Por que acha que ele faria isso?

- Porque não gosta de mim.

- Não gosta...?

- Tudo bem. Eu também não gosto dele.

- É por isso que está me aconselhando a procurar um advogado?

- Também. Mas isso não muda nada.

- Por que não gosta do seu irmão?

- Porque eu acredito que ele se aproveitou de uma situação para roubar algo que deveria me pertencer: a empresa da família. Recebeu todas as honras enquanto eu fui exilado, apenas porque ele é o favorito do pai e

eu não acho isso justo. Tem uma rixa entre nós, como você logo vai descobrir e eu... eu não lidei com isso muito bem, confesso. - dá de ombros - O Leo... ele é um cara bom, sabe? - consigo ouvir a genuína admiração que sente, sua pausa é longa, entretém um sorriso - E eu acho que tomei um monte de decisões erradas no calor do momento... mas nada disso importa agora.

- Acho que não.

- O que está fazendo? - Leonardo sai de casa, bradando, com seu olhar furioso.

- Oi Leo. - pisca um olho pra mim antes de cumprimentar o irmão - Conheci Mia, estávamos conversando.

Leonardo não pede a ele para se afastar, mas me puxa para perto de si e acho que pretende traçar um círculo ao meu redor e ordenar a Fernando que não cruze a linha.

- Hm. - é tudo que diz - Estávamos esperando você. Está atrasado.

- Cheguei há um tempinho, eu e Mia estávamos daqui assistindo o show. - aponta para as janelas.

- Mamãe vai servir o jantar. - abraça-me - E o papai quer te pedir desculpas.

- Quer? - Fernando sorri.

Leonardo rosna como se fosse capaz de morder e o outro se desculpa, sapeca, percebendo meu sorriso.

Guia-me pela cintura de volta para a casa. O pedido de desculpas que espera por mim é morno e genérico. Falso, como todo o resto. Eu aceito apenas por educação e por uma absoluta necessidade de acabar com o drama. A conversa durante o jantar nunca assume qualquer contexto íntimo ou profissional. Matheus nos guia por amenidades, mantendo o nosso frágil barco longe das duas margens: esta, que nos leva para assuntos de casamento, ou a outra, que nos leva para assuntos da empresa.

Não é, por qualquer padrão, uma noite agradável. Estou feliz quando ela termina.

- Nos vemos amanhã a noite, então. - Madalena me dá um abraço gentil, ao se despedir - Na festa da Helô.

- Que horas vocês chegam ao hotel? - Arthur pergunta ao filho. Parece mais um interesse em continuar a discussão com meu marido do que uma preocupação com nosso bem estar.

- Ainda não decidimos.

Helô me cumprimenta de um modo quase formal. Matheus e Fernando são mais receptivos.

Leo me coloca de volta no carro e acho que nunca deve ter dirigido para fora da casa dos pais com tanta pressa.

- Bem. Sobrevivemos. - respira fundo - Sinto muito pelo meu pai. Acho que ele vai demorar um pouco para se acostumar com a ideia que não lhe conto tudo.

- Leo... você fala como se fosse culpa dele. Como se não tivesse lhe contado que decidi fazer uma tatuagem ou trocar o tipo de leite que compra pra casa. Foi uma decisão bem grande que tomou e nunca contou pra ninguém. Eu não sou uma marca de leite. É claro que sua família se incomoda.

Ele me procura com o canto do olho. Toma minha mão e a leva aos lábios.

- Não acho que é uma marca de leite, Mia. Não foi isso que quis dizer. Claro que foi uma decisão importante. Mas meu pai está preocupado demais com as coisas erradas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Que coisas?

Me conte.

Me conte da empresa, do divórcio, dos receios.

Por favor, me conte.

- Seu próprio ego. - é tudo que me diz. É frustrante em um nível irracional.

Não solta minha mão. Benefícios de um carro automático, eu acho. Quero fazer um milhão de perguntas, sinto-as chocando-se contra minha língua, querendo sair. Mas tenho medo.

Tenho medo que ele minta.

Tenho medo que fale a verdade.

São perguntas com o potencial para um massacre: não vão deixar sobreviventes e é melhor que eu não as faça se não estiver pronta para enfrentá-las.

O carro mergulha em silêncio por todo o trajeto de volta.

Um silêncio ensurdecedor que me faz querer gritar e correr.

Até dois dias atrás, Leo era minha família. E, hoje, eu não sabia mais ficar ao seu lado sem constrangimento.

Acho que nada mata um relacionamento de modo tão eficaz quanto as dúvidas que surgem aos poucos. As grandes se resolvem logo, mas é nessas pequenas que se esconde a verdadeira peçonha.

- Mia?

- Hm?

- O Fernando... o que ele te disse?

- Como assim? Só conversamos.

Leo passa a língua no lábio inferior e prolonga o silêncio.

- Gostei dele. - murmuro.

- O quê?

- Gostei do Fernando. Acho que foi a pessoa da sua família que eu mais gostei.

Leonardo parece entalar com a indignação.

- *O Fernando?* Perdeu o juízo? - sorri - Você conheceu o Matheus?

- Gostei do Fernando. - repito.

- *Por quê?* - Leo quase cospe - Eu sequer ouvi o que disse, mas tenho certeza que foi grosseiro.

Preciso rir.

- E foi. Mas sabe o que mais? Pelo menos foi verdadeiro. Não ficou tentando me enfiar um monte de mentiras.

- Mia, por favor. - engasga - Não pode ouvir o que Fernando diz. Certo? Esse é um daqueles momentos Mia-Inocente-Fazendo-Besteira. - implora - Me escuta! Não confia no cara. Não importa o que ele tenha te dito: é mentira.

- Ah é? Ele me disse que vocês dois tem uma rixa, que você é um cara bom e ele fez um monte de besteiras das quais se arrepende. Devo desconsiderar qual parte? Ou tudo?

Estou com o Leo há tempo suficiente para conseguir ler sua expressão: e a de agora, é uma de incredulidade.

- O Fernando disse isso? *O Fernando?*

- Foi.

Balança a cabeça, compulsivo:

- Está aprontando alguma coisa. Com certeza está.

Leonardo está ranzinza quando chegamos de volta ao apartamento.

Não sei se por culpa minha, de sua família ou do universo. Nada o agrada desde que mencionei minha conversa com Fernando e eu gostaria de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

dizer que me importei o suficiente para tentar acalmá-lo.

Mas não foi o que aconteceu.

Enrolo-me nos cobertores ao seu lado e sinto o vazio tomar conta das minhas emoções.

Meu marido tenta ser gentil apesar de suas aflições.

Sua gentileza não me comove, sua irritação não me abala.

Mordo os lábios e sinto uma lágrima arder nos olhos ao perceber o que estou começando a sentir por ele.

Indiferença.

Leo

- *Leonardo Oscher.* - Elena deixa meu nome escorrer pela língua como se fossem palavras safadas o que diz, e não nomes próprios.

Minha mão está presa à de Mia quando entramos no hall do hotel. Dedos entrelaçados e corpos distantes. A imagem típica do casal que está se agarrando as raízes de um relacionamento moribundo, enquanto o chão se abre para nos enterrar.

Ela colocou tudo de volta na mala.

Eu sei que Mia não trouxe muita coisa: "apenas o que preciso para o fim de semana" ela tinha dito. Mas não fez diferença. Ver vazia a parte do armário que agora é sua me causou calafrios. Tentei argumentar para que deixasse duas blusas e uma porção de produtos de higiene para trás. Em minha mente desesperada, a escova de dente em meu banheiro era uma âncora que a mantinha presa em nosso casamento.

Mas... ela colocou tudo de volta na mala.

Sua proximidade a Fernando, mesmo que breve e superficial, me causou constrangimento maior que qualquer outro evento dos últimos dias. Foi o mais inesperado de todos os fatores e o que mais me causava pesadelos vívidos.

Essa mulher inocente que eu amo mais que a vida colidindo com a pessoa sobre a Terra que mais me quer mal.

Fernando tem uma lábia boa o bastante para enganar mesmo aqueles que são bons juizes de caráter. Apenas imagino o que ele seria capaz de fazer com Mia.

"Relaxa, as coisas ainda vão piorar antes de melhorar" foi o único conselho que Diogo me deu e era esse que me acalmava acima de qualquer outro. Ele era o único que conhecia Mia e sabia, além de qualquer dúvida, que todos os receios de minha família eram irreais.

Esse era o tipo de comportamento que eu esperava de Matheus.

Mas me enganei.

Meu irmão caçula se esforçava bravamente para ficar ao meu lado, mas suspeitava cada vez mais que eu estava cego de paixão e que Mia nunca poderia ser tão tola para os assuntos da vida quanto eu e Diogo a descrevíamos.

É... eu também demorei a acreditar que alguém pudesse ser tão transparente. Mas hoje sei que é real, e a amo por isso.

Será que ela ainda me ama de volta?

Naquele sábado, tivemos uma dança curiosa, Amélia e eu.

Sabe quando você entra no elevador, carregado de malas, e dá de cara com um vizinho que você conhece mais ou menos?

Aí vocês começam toda aquela troca constrangida de simpatias. Ele te ajuda segurando a porta, você agradece, esbarra nele, pede desculpas. Ninguém consegue apertar o botão do andar direito porque vocês estão no caminho um do outro de um jeito embaraçoso e nenhuma das partes que invadir o espaço pessoal da outra?

Isso foi meu sábado com Mia.

A diferença é que o elevador era uma cobertura de luxo, eu não tinha qualquer mala, e a vizinha semi-conhecida era minha esposa.

A estranheza de elementos que deveriam ser familiares tornava toda a situação ainda mais desagradável.

Mia entrava no quarto e eu não conseguia respirar de tanta tensão. Medo de dizer a coisa errada ou de reagir de modo a lhe inspirar dúvidas. Eu ficava quieto, em silêncio, dizendo nada além de afirmações genéricas. Ela, por sua vez, me imitava como se tivéssemos aprendido a coreografia com o mesmo professor. Dançávamos ao redor um do outro sempre que nos cruzávamos no corredor: eu acidentalmente impedia a passagem dela, mas assim que tentava mudar de lado e lhe dar espaço, ela me copiava e impedia minha passagem como retribuição. Alguns segundos se passavam nessa dança desajeitada que sempre terminava com uma troca de sorrisos esquisitos e uma dor no pulmão.

Assim que ela se afastava, eu conseguia respirar e isso não é jeito de viver.

Mas a cereja em cima do sorvete que foi essa merda de dia realmente foi a Elena lambendo meu nome assim que chegamos ao hotel naquela tarde. O modo como escorrega a mão pelo meu braço, cheia de libido, ao me cumprimentar, é ainda pior.

Elena não chega a ser uma ex-namorada.

É uma *ex-mulher-que-esteve-na-minha-cama-duas-vezes-porque-chupa-muito-bem-e-uma-vez-só-não-bastou*.

- Elena. - sorrio, aceitando a bochecha que me oferece para um beijo estupidamente rápido - Conhece minha esposa? Mia. - apresento depressa.

O efeito que a palavra "esposa" causa em Elena é imediato. Seu queixo cai de um jeito indecoroso quando encara Amélia sem sequer tentar disfarçar.

- Como vai? - Mia sorri, apática.

- Esposa? - ela aperta a mão de Amélia, mas é para mim que olha - Quando isso aconteceu?

Mia não responde. Apenas me encara com um sorriso amarelo de quem adoraria ouvir a resposta.

- Há alguns anos. Fomos discretos. - experimento e sei que foi uma péssima ideia porque Mia ri alto.

- *Discretos*. - repete para si mesma.

Elena não sabe qual de nós dois deve encarar por mais tempo, então distribui seu tempo do melhor modo que pode. Sua boca permanece vazia de palavras, mas em seus olhos eu consigo contar a quantidade de dúvidas que minhas poucas frases criaram.

- Ah, bem, parabéns. - decide, sem muita empolgação. Não acho que é rancor ou inveja. Parece apenas surpresa.

- Obrigado. - aceno, encaminhando-nos para o *check-in*.

Nossas chaves já estão esperando no *concierge* que nos acompanha até

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

uma das suítes presidenciais. O rapaz que trouxe nossas malas desaparece pela porta assim que recebeu a gorjeta.

- Piscina? - pergunto, com um sorriso. Sei como Mia adora água, isso pode fazer bem ao nosso humor coletivo.

Ela balança a cabeça de um jeito etéreo e começa a abrir a mala, tirando os sapatos primeiro.

- Quantas ex-namoradas suas eu vou conhecer hoje? - pergunta, casualmente.

Aperto meus olhos.

Nosso relacionamento é uma coisa tão boa. Simples, fluida.

Mas, nos últimos dois dias, tem parecido um daqueles gifs de trem descarrilhado com um vagão estourando por cima do outro a cada segundo que passa e, quando você acha que não dá pra ficar pior, vem a locomotiva e explode tudo.

Não sei o que responder porque considerando a quantidade de amigas da Heloísa que eu já comi, a resposta verdadeira seria "*algumas, talvez muitas*". Mas eu estou daqui calculando qual a probabilidade de Mia ouvir isso e não me atacar com os sapatos em sua mão.

- Mia, faz muito tempo e nenhuma delas significa nada. - parece seguro.

- Então: "*algumas*"? - arrisca por mim - Mais de dez? Menos de dez?

O que mais me machuca é seu tom desinteressado.

Acho que preferia que me atacasse com os sapatos. Seu desapego me deixa aflito.

- Menos de dez. - dou de ombros. Não vai ter como fugir da pergunta, é melhor encará-la de frente.

Mia ergue no ar o biquíni e o vestido de praia que trouxe antes de se enfiar no banheiro.

Alguém bate na porta do quarto nesse exato segundo e eu tenho vontade de chorar.

Estou cansado. Exausto.

Com minha sorte, deve ser Luciana. Ou Sara. Ou as duas juntas. Uma porção de amigas da Heloísa com uma apresentação de powerpoint para explicar porque eu sou um cachorro.

Mas Deus abençoe, é o Matheus.

- *Cê tá sozinho?*

- Mia está no banheiro, trocando de roupa. - dou um abraço rápido no meu irmão quando ele entra no quarto.

- Como vocês estão? O jantar não foi ideal.

- Belo eufemismo. Foi um desastre, Theu.

- Vai precisar lidar com os desastres, Malabarista, o pai não vai...

- Sh! - olho pro banheiro - Não me chama assim. A Mia leu a entrevista.

Vejo no sorriso sapeca de Matheus que ele está me julgando.

- Sério, cara? Vai ficar em pânico porque sua mulher sabe que você já transou com outras antes? Isso não parece um relacionamento saudável.

- Matheus, você falou sobre o negócio da aposta do livro e da "*bibliotecária*".

- Eu falei várias histórias, mano, você disse que eu podia ficar...

- É a Mia. - sussurro - A *Bibliotecária*.

Os olhos de Matheus se arregalam de horror.

- É. - murmura finalmente - "*Não foi ideal*" foi um eufemismo. De fato. Nossa, Leo! Desculpa, não foi minha intenção.

- Eu sei que não. Mas eu estou perdendo pontos com minha mulher em

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

uma velocidade bem rápida. Seria legal ter um pouco de calma entre um desastre e outro. Evita o "malabarista", por favor.

- Certo. - acena.

- Vai pra piscina? - pergunto - Acho que nós vamos descer, mas imagino que vamos precisar de companhia. Não quero Mia sozinha nessa festa. Nunca se sabe quem pode encostar e querer se aproveitar. Pode me ajudar?

O mesmo olhar.

Meu caçula está me julgando de novo.

Reviro os olhos.

- Meu casamento não é assim, Theu. Não vivo escondendo coisas da Mia ou controlando quem ela conhece. É só um momento delicado.

O que era apenas um olhar de desprezo vira uma expressão inteira. Matheus emite um murmúrio incômodo e enfia as mãos nos bolsos.

- O que foi? - pergunto.

- Nada. - balança seus cabelos claros - Não sei se vou pra piscina. Mas tenho certeza que você se vira sozinho.

- Han? - enrugo a testa. O que foi que eu disse de errado dessa vez?

Matheus está quase na porta.

- Matheus? Matheus. - seguro seu cotovelo - O que foi?

- Nada. - torce o nariz em uma careta de raiva - Absolutamente nada. Vai cuidar da tua esposa e da tua vida. - coloca a mão na maçaneta.

- Que caralho, Matheus! Não faz isso! Não você!

- "Não eu?" - rosna, virando-se - "Não, eu?" o quê? Quem você pensa que é pra me pedir mais favores?

Dou um passo pra trás. Seu comportamento agressivo parece gratuito e desmedido.

- Theu? O que tá acontecendo?

- Sempre confiei em você. - fecha os punhos, irritado - Sempre foi meu irmão favorito, meu melhor amigo, o cara pra quem eu contei tudo. E você passa por isso sem contar nada pra mim? Nem pra mim? Olha, Leonardo, seu plano de mentir pra todo mundo foi uma merda escrota do caralho. Coisa estúpida desde o começo. Mas mesmo que você fosse levar algo tão fenomenalmente ridículo até o fim, eu esperava ter sido a exceção. Porque aí eu poderia ter enfiado juízo nessa tua cabeça idiota.

- Eu sinto muito. De verdade, Matheus. Sabe que sinto. Mas você nem estava no Brasil! De que ia adiantar te colocar nessa confusão? E você acha mesmo que a melhor hora de discutir isso é agora? Essa semana, você disse que entendia. Não tenho como dar atenção a todos vocês ao mesmo tempo.

- Não, você só tem como dar atenção pra Mia.

- Matheus. - respiro fundo - Cuidado, agora.

- "Cuidado" por quê, Leo? Vai bater em mim? No seu irmão? No cara que te conhece a vida inteira? Vai bater em mim caso eu diga algo que pode ser considerado ofensivo em relação a mulher que você conhece há dois minutos?

- É minha esposa. Não é uma "mulher que eu conheço há dois minutos".

- Não se preocupe. Não vou ofendê-la. E, se escolhesse fazer isso, usaria palavras que você não entenderia, mano, então dá no mesmo.

- Veio até aqui só pra isso, Matheus? Qual foi? Está com ciúmes da minha mulher?

- Vai tomar no cu, Malabarista. - cospe o nome que pedi para evitar

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Acha que ligo pra mim? Meu Deus! O Fernando estava certo! Você é um egoísta de merda.

- É o quê? - começo a rir.

- A MAMÃE FICOU CHORANDO! Você sabia disso, seu puto? Você deu as costas com sua esposa, cantando pneu pra sair da casa dos seus pais, e deixou sua mãe chorando. Nem ligou pra ver como ela estava depois do espetáculo de horrores que foi sua discussão com o pai. A dona Madalena que é essa criatura inocente na Terra... Você sabe como ela tem essa fraqueza pela família! Ela só queria nos ver casados, dando-lhe netos. É quase sua única aspiração na vida. A mulher tem mais dinheiro que alguns países e a única coisa que quer na vida é ver a família bem. E aí você traz seu furacão pra dentro da casa dela e não se incomoda nem em pedir desculpas. Ela tem o problema de pressão, já estava passando mal por sua causa, e aí, no meio do divórcio do Fernando, você traz essa batata quente no meio da família e...

- Divórcio do Fernando? - engasgo.

Matheus entala no meio do discurso, encara-me com incredulidade e começa a rir.

- Você não sabia? Poxa... e olha que sou eu que "nem estou no Brasil". Egoísta de merda. - repete, com asco - É, Leo. O Fernando e a Tati estão considerando se divorciar. Não percebeu que ela não foi pro jantar, ontem?

Eu hesito.

Matheus volta a rir de desgosto.

- Não sabia. - continua - Não se incomoda nem em saber como está sua família. E sua ideia de solução é passar meia hora gritando com papai, um homem de idade, que nunca fez nada na vida além de te proteger e colocar em primeiro lugar. Dá as costas para sua mãe, para o seu irmão que sempre confiou em você. E ainda teve a ousadia de gritar com a Heloísa quando ela só tentou ajudar.

Travo os dentes.

- Eu PEDI a Heloísa para não ir atrás da Mia. Você estava lá na hora!

- Estava. Advogando por você. Não sei por qual razão, já que você merece merda nenhuma. Você sequer conversou com a Heloísa? Sabe por que ela foi atrás da Mia?

- Ela soube que a Luciana apareceu e não quis ficar pra trás na novidade. Você conhece a Helô.

- É, Leo. Eu conheço a Helô. Mas acho que *você não*.

Engulo em seco. Matheus me encara com fogo nos olhos.

- Você fodeu tudo. Desgastou papai, decepcionou mamãe, me traiu, injustiçou a Helô e ligou o foda-se para o Fernando e a Tati. Então, me explica: a Mia apareceu e aí nenhum de nós importa mais? E você ainda tem A CARA DE PAU de dizer que o "casamento de vocês não é assim". Suas palavras, Malabarista: "não escondo coisas dela nem evito que conheça pessoas". É SÉRIO? PRESTA ATENÇÃO, Leonardo! É SÓ ISSO que você faz!

- Existe um contexto para...

- A desculpa do contexto não funciona pra sempre, querido. Tá na hora de mudar a fita.

- Tudo bem, então você está certo e eu devo desculpas para todo mundo. E todo mundo vai recebê-las. Mas você não sabe como o pai pode ser, Matheus. Você não conhece todos os lados dele, como eu. Se você colocá-lo contra a parede, ele só se importa com a empresa.

- Igual a você. - ruje - É engraçado como você o critica, mas é

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

igualzinho: vocês dois escolhem a coisa que mais importa e foda-se o resto. Eu tentei te defender porque imaginei que, NO MÍNIMO, você teria aprendido com os erros do passado. Mas bastou um dia e você já ignorou a mãe, brigou com a Helô e está repetindo as mesmas mentiras com a Mia. É a definição de insanidade, Leonardo: repetir as mesmas merdas e esperar resultados diferentes.

- Eu a amo!

- Ótimo. Parabéns pra você. Mas isso significa que tem que amar menos o resto de nós?

- O pai quer que eu peça o divórcio, Matheus!

- E qual o problema?

Fico sem palavras por alguns instantes. Os olhos dele brilham de raiva.

Isso não deve ser só por minha causa.

Não pode ser.

- Leonardo, lembra. Não existe possibilidade sob o Céu dessa menina não saber quem você é há muito tempo. Mesmo que ela não tenha descoberto sozinha, *ninguém* ao redor dela notou? Quais as chances? Basta que uma pessoa tenha percebido e dito pra ela. Ela sabia que você é rico. Não tem alternativa. Deixa de ser idiota. Você está cego e apaixonado e isso deixa o resto de nós em pânico.

- Você não a conhece.

- Mesmo que ela seja a pessoa mais estúpida sobre a Terra e nunca tenha notado... e daí? Você é rico. Ok. Vida que segue. É o mesmo homem que ela ama, só que com uns bilhões a mais. É tipo a megasena. O que ela tem pra ficar chateada? Qual a razão desse drama além de te manter engajado com ela e distante da sua família? Como você sabe que não foi ela mesma quem vazou a notícia pra o jornal?

- Essa é a nova teoria da família?

- Essa é a *minha* teoria.

- Está errado.

- Pode ser. Mas qual o problema em assinar uma porção de papais para proteger a empresa? Se ela não liga pra dinheiro não tem por que ficar ofendida, não é? Nenhum de nós a conhece, é lógico querermos um pouco de proteção para algo que está na nossa família há gerações. Você tem que assinar essa porra, Leonardo. E tem que convencê-la a assinar também.

- Matheus escute o que está dizendo.

- Não, Leo. Escute você: se você só quer a Mia e a Mia só quer você, qual o problema de separar a empresa do problema? Se por mais nada, pelo menos pela paz de espírito de papai. Com a empresa a salvo ele não teria qualquer problema com seu relacionamento. Leonardo... você sempre teve os *piores* relacionamentos. Já comeu mais da metade das amigas da Heloísa. Comeu a Luciana na piscina dos nossos pais, com eles em casa.

- Matheus...

- Quase casa com uma mulher que só queria teu dinheiro. Fode uma estagiária diferente por semana, a maioria delas em cima da sua mesa.

- Matheus, chega.

- Você acha que alguém liga se você estiver fodendo a garçonete?

Eu o agarro pelo colarinho. Fosse qualquer outra pessoa do planeta, levaria um murro agora mesmo.

- CALA a boca. Já chega. - rosno, colérico.

- Você não liga pra ninguém, Leo. - murmura - E agora, ninguém mais liga pra você. O único que resta é o papai, porque ele liga pra empresa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- E você quer que eu assine um divórcio para me livrar do papai? É isso que você quer da nossa família? Um monte de egocêntricos lutando pelos próprios interesses?

- Não é o que eu quero, Leo. Mas você e Fernando nos transformaram nisso. Agora, é tarde demais.

Mia

- Vó? - sorrio assim que escuto sua voz.

A porta do banheiro está fechada e eu precisei de dois minutos para trocar de roupa antes de decidir ligar pra ela.

- Amélia! Está atrasada! Esperou todo esse tempo pra ligar pra sua avó? Perdeu o juízo?

- Desculpe, vovó. - murmuro, quente - Mas eu já sabia o que a senhora ia dizer.

- Aposto que não sabia!

Você precisa aprender a viver sozinha. Não te disse isso um milhão de vezes? É errado uma mulher sempre depender emocionalmente de algum homem na vida, porque homem nenhum presta. Só o Gustavo. Às vezes.

- Sabe o que eu ia dizer? - ela continua - Eu ia dizer que você precisa aprender a viver sozinha! É isso que eu ia dizer! Não te disse? Um milhão de vezes, eu disse! Não é certo isso de uma mulher sempre depender emocionalmente de um homem. Homem nenhum presta! Homem nenhum! Só o Gustavo, quando era vivo. E só às vezes. Sabia que eu ia dizer isso? Sabia?

Preciso sorrir.

- Não sabia. Imaginei que só iria me dar apoio.

- Rá. Dar apoio. Sou sua avó, não seu sutiã. Eu vou dizer que você estava errada em casar com esse rapaz tão depressa logo depois da morte do Gustavo. Você devia ter aprendido a viver sozinha! Não já te disse isso?

- Um milhão de vezes, vovó.

- Um milhão! E como ele está te tratando, Mia? Porque eu vou até aí dar uma surra nele em um instante. Duvida?

- Jamais. Ele está me tratando bem. Sempre me trata.

Minha voz oscila. A de vovó fica mais firme.

- Amélia. Essa gente está te tratando mal porque você é pobre?

- Por que acha isso? - engulo em seco.

- Porque, ao contrário de você, eu tenho experiência de vida e nenhum osso inocente no esqueleto.

- Não estão me tratando mal, vovó.

- Está mentindo pra sua avó?

- Não, senhora.

- Pois eu duvido. Você mente pra mim o tempo todo. Acha que está me protegendo. Só não sei do quê, porque quem está no buraco é você.

- Obrigada pela honestidade, vó. - reviro os olhos.

- De nada, minha filha. Onde você está?

- Em um hotel. É aniversário da irmã do Leonardo. Ela parece ser uma boa pessoa.

- Isso significa nada. Todo mundo parece ser boa pessoa pra você.

Quer que eu vá até aí?

- Não, vovó. Fica tranquila. Está tudo sob controle.
- Está mentindo pra sua avó, Amélia?
- Não, senhora.

Ela fica em silêncio.

Lembra o Gustavo quando faz isso. Fica muda, ouvindo minha alma.

- Mia. - murmura, cheia de carinho - Você não precisa de ninguém, me ouviu?

- Sei disso.

- Não sabe. Não sabe porque nunca te deixaram perceber. Mas não precisa de ninguém. Mesmo que ame o Leo. A gente ama mais de um homem na vida, eu te prometo que ama. Se estiver te fazendo mal, *volte pra casa*. Amor é o que te faz bem. Se estiver fazendo mal, então é outra coisa. Não é mais amor. Ouviu?

- Sim, senhora.

Digo que preciso ir, só liguei para dizer que estava bem. São duas mentiras e ela sabe. Mas eu *realmente* preciso ir: não porque tenho algum lugar que me chama, mas porque a voz de vovó está bem perto de me fazer chorar. Então, ela me libera.

Jogo um pouco de água fria no rosto apenas para me recompor antes de abrir a porta.

Sou atingida pelos resmungos enfurecidos na antessala assim que chego ao quarto.

- ... você o critica, mas é igualzinho: vocês dois escolhem a coisa que mais importa e foda-se o resto.

A porta está entreaberta, as vozes do outro lado, apesar de fortes o suficiente para serem ouvidas, abaixam-se em uma tentativa de discrição e eu preciso me aproximar da porta para ouvir mais.

Toco a maçaneta na dúvida sobre revelar minha presença ou não. Mas a voz do Leo decide por mim:

- O pai quer que eu peça o divórcio, Matheus!
- E qual o problema? - seu irmão responde, sem hesitar.

Congelo com a mão ainda esticada para a porta.

Meu coração se aperta de um jeito tímido.

Você já imaginava isso, Mia. Não deixe doer. Você já tinha percebido que não foi bem quista pela família. Não finja surpresa.

O gosto de bile sobe a minha garganta.

- Leonardo, acorda. - a voz de Matheus se exalta - Não existe possibilidade sob o Céu dessa menina não saber quem você é há muito tempo. Mesmo que ela não tenha descoberto sozinha, acha mesmo que *ninguém* ao redor dela notou? Quais as chances? Basta que uma pessoa tenha percebido e dito pra ela. Ela sabia que você é rico. Não tem alternativa. Deixa de ser idiota. Você está cego e apaixonado e isso deixa o resto de nós em pânico.

- Você não a conhece.

- Mesmo que ela seja a pessoa mais estúpida sobre a Terra e nunca tenha notado... e daí? Você é rico. Ok. Vida que segue. É o mesmo homem que ela ama, só que com uns bilhões a mais. É tipo a megasena. O que ela tem pra ficar chateada? Qual a razão desse drama além de te manter engajado com ela e distante da sua família? Como você sabe que não foi ela mesma quem vazou a notícia pra o jornal?

Afasto-me da porta como se tivesse acabado de descobrir que ela quer me engolir.

E acho que quer mesmo.

A voz de vovó está agarrada aos meus ouvidos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Você está bem?

Está mentindo para sua avó?

Eu não estou bem. Mas não posso dizer isso pra ela: que bem vai fazer minha avó, idosa e preocupada, lá em Minas Gerais?

Abraço-me ao sentar na cama.

Preciso de alguém.

Meu peito arde com cada inspiração.

Vovó sempre esteve certa. Eu nunca aprendi a *não precisar de ninguém.*

Gustavo supriu o vácuo deixado por minha mãe. E o Leo ocupou o espaço do Gustavo.

Nunca estive sozinha.

Nunca precisei.

E, agora, não sei o que fazer.

Aperto meu celular nas mãos. Presa em um hotel caro com essa gente que acha que sou uma ladra, mentirosa, aproveitadora ou pior. Tendo que assistir o desfile de mulheres que querem dormir com meu marido ou já o fizeram. Ouvir de sua família o desgosto com nosso casamento. Enxergar nele um estranho que me causa mais desconforto que familiaridade.

Eu poderia ligar pra Estela. Mas com seu temperamento, será que pode piorar a situação?

Gostaria de ter intimidade com Gabriel, mas...

Não há ninguém.

Não há ninguém nessa cidade que possa me ajudar.

A não ser...

Aperto o abraço ao meu redor antes de digitar uma mensagem apressada. Não é um pedido de socorro ainda. É só uma tentativa de abrir comunicação com alguém que não vejo há algum tempo. Um grito desesperado para descobrir se há alguém no abismo além do escuro e o eco.

Ele responde meu cumprimento.

Não é a solução para o meu problema.

Mas pelo menos não estou sozinha.

27.

Eu não vou conseguir entrar na piscina.

Veja bem, a área de lazer do hotel é na cobertura.

E por "cobertura", leia-se "telhado de um arranha-céu". Estamos tão perto das nuvens que eu sinto até uma fraqueza nas pernas. O lugar foi fechado para Heloísa e convidados desde a metade da tarde até a noite, pelo que entendi. Como conheço quase ninguém ali, se são hóspedes do hotel ou amigos de minha cunhada, pra mim não faz qualquer diferença.

Estou agarrada ao braço do Leo. Não porque superamos o estranhamento, mas porque a piscina tem uma borda infinita que, do ângulo onde estou, parece desaguar nas nuvens. E isso não faz bem ao meu estômago.

Há um casal particularmente perto da borda e, quando a garota impulsiona-se sobre os braços, observando a vista com um sorriso imenso, eu sinto tremores que beiram a intenção do desmaio.

O que as pessoas veem de belo em altura é algo que me ilude.

- Você está bem? - Leo murmura em meu ouvido, quando finco as unhas em seu antebraço.

- A altura. - engulo em seco.

- Não olhe pra borda. - sugere, beijando minha bochecha, mantendo-nos distante das varandas ainda sob a área coberta.

- Mia! Que bom que veio! - Heloísa me abraça com uma intimidade que não temos. Ainda estou tonta com o lugar, a gente e a altura, então sequer hesito. Deixo-me abraçar e devolvo a proximidade que é falsa para qualquer uma de nós.

- Parabéns, de novo, Helô. Muitos anos de vida.

- Obrigada, querida. - está mais sociável comigo hoje do que no jantar da noite anterior. A razão disso, eu não sei. Mas suspeito que nem vou saber, então evito me prender a detalhes.

Tomo a mão de Leonardo de volta assim que ela me solta.

Ele sorri carinhoso e beija minha bochecha de novo. Está interpretando os sinais do jeito errado: meu excesso de contato não é amor, é medo.

- Leo, quero te apresentar umas pessoas! - Heloísa avisa - Daqui a pouco. - acrescenta e já se virou e se foi.

A música que preenche o ar é uma versão lounge de um ritmo latino, uma batida preguiçosamente sensual que se arrasta fazendo dançar uma

porção de casais. Homens e mulheres vestindo sorriso e poucas roupas de banho, tocando-se sugestivamente com a permissão da música.

O ar está atípico, úmido e quente. A água, na piscina, brilha como um espelho líquido, refletindo em parte o sol morno, em parte a festa ao nosso redor.

Longas espreguiçadeiras brancas e bege espalham-se pela borda da piscina, dispostas sobre o espelho d'água de poucos centímetros de profundidade, enquanto garçons vestidos a rigor carregam bandejas prateadas, carregadas dos drinks mais elaborados que já vi.

A decoração segue um tema cabana rústica, exagerando nos tons de marrom e adereços de madeira crua. Mesas e cadeiras na parte coberta, sofás, puffs e poltronas na área aberta, sempre seguindo a paleta de cores que é regra.

Percebo que alguns dos garçons, na verdade, trazem comidas, mais rebuscadas que os drinks, com nomes que eu nem sempre sei pronunciar. O bolinho de frango caipira com cream cheese é gostoso. Deviam chamar apenas de coxinha de frango com catupiry, porque é isso que ele é, e facilitaria nossas vidas: a minha e a do pobre garçom, que não parece ter mais sucesso do que eu tentando pronunciar "cream cheese" sem se sentir inadequado.

- Mia. - Luciana se aproxima. Aprendeu meu apelido certo. Melhor.

- Luciana. - ela beija minha bochecha de um jeito desajeitado. Não é tão boa em fingir amizade quanto minha cunhada, mas não é má.

- Está linda. - toca meu vestido de um jeito despretensioso - Vocês já começaram a beber? - sorri, primeiro para mim, depois para o meu marido.

- Não. - Leo responde - Mas pretendo começar em breve. - oferece um cumprimento quase íntimo, tomando cuidado para não me soltar.

Ela ri um pouco alto demais ao aceitar seu meio abraço e eu ainda estou agarrada ao Leonardo, analisando a altura com o canto do olho. Se ele me soltar, eu volto pra Itajaúna, juro por Deus.

Sou guiada para um bar e uma lista imensa de opções de bebidas. Eu já estou com medo da altura, da solidão e da rejeição. Não sei se adicionar bebida na soma é uma boa ideia, mas encarar isso tudo sóbria parece pior, então escolho algo que parece gostoso e peço ao rapaz atrás do balcão para não exagerar no álcool.

A cada gole da bebida, meu pânico se dissipa mais um pouco e, quando se vai, eu começo a perceber que estou sendo observada.

E dizer "estou sendo observada" soa até gentil, considerando o modo desavergonhado como um terço das pessoas ao redor me encara. Professores na semana de prova não recebem atenção tão cativa de seu público quanto eu na festa da Heloísa. Era mais fácil me colocarem em um palco sob um holofote.

Encolho-me imediatamente, sentindo o medo de altura ser substituído pelo medo do escrutínio.

Leonardo e Luciana começaram a conversar sobre algum colega da escola que ela encontrou essa semana. A mão dele está sempre pesando em minha cintura, um aviso quente de que não me abandonou e nem pretende fazer isso.

Não há conforto em seu calor.

O frio que vem dos outro é forte demais.

Não há como se aquecer com um fósforo no meio de uma nevasca.

- Leo! - o homem alto se aproxima com ares animados - Como vai? Preciso conversar com você.

- André! - afasta-se de mim apenas um pouco para cumprimentar o

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

recém-chegado - Ótimo e você? Conhece minha esposa, Mia?

- Olá. - aperto a mão do estranho e assisto sua expressão confusa.

- Oh, não sabia que tinha se casado. Parabéns. - gagueja, sem jeito.

Mantenho o sorriso para tentar manter a dignidade. A verdade é que já estou me acostumando com essa reação.

- Esse é André. - apresenta-me - Está tentando me roubar há anos, mas eu não deixo.

- Rá! - o outro brinca, divertindo-se - Seu marido é uma águia! Mas tem dois clientes dele que ainda serão meus.

- Leonardo! Oi André! - a aniversariante invade nossa pequena conversa.

- Helô! Parabéns, linda!

- Obrigada, Andrezinho! Não vi que tinha chegado!

- Acabei de chegar! Vim direto para o seu irmão, tentar fazer alguns negócios antes do jantar. - provoca, piscando um olho para ninguém em especial.

- Nada de negócios no meu aniversário! - ri - Ou o Leonardo não consegue dar dois passos sem ser interrompido por alguém querendo falar de dinheiro.

Leo respira fundo sem abandonar o sorriso simpático, mas sua expiração é uma de cansaço.

Não devem deixá-lo em paz.

Nunca.

É por isso que sempre chega em casa esgotado.

Aperto nossos dedos entrelaçados e ergo os olhos para observá-lo. Está com olheiras emoldurando seus olhos azuis. A barba por fazer me incomoda os beijos, mas é linda de observar. Dá a ele um ar ainda mais másculo, uma virilidade crua que o Leonardo sequer precisa, porque já é um homem forte e imenso do tipo que não dá pra ignorar.

Abaixa o rosto para mim e eu encaixo a curva do meu nariz na lateral do seu pescoço. Um carinho curto e rápido, mas quando o vejo de novo, me encara com olhos tristes.

Quer um beijo.

Toco sua camisa verde-clara na altura do peito. O tecido é delicioso e, por baixo dele, o tórax rígido de meu marido me traz saudades e arrepios.

- Leonardo, quero te apresentar uma pessoa! - sua irmã exclama, arrancando nós dois de nosso momento - Vem até aqui.

- Quem? - ergue a sobrancelha, suspeito.

- É um amigo! Ele acabou de abrir uma empresa incrível! Está procurando investidores.

- Helô - a expiração cansada está de volta - Você acabou de dizer que não queria negócios no seu aniversário.

- Mas isso não é uma negociação! É só uma oportunidade de investimento incrível pra você! Não quero que perca a chance de entrar nisso cedo, vem até aqui! - repete a ordem, agarrando o pulso do irmão.

- Toda vez que você diz que algum amigo tem uma "oportunidade incrível pra mim", normalmente você só quer que eu dê uma oportunidade incrível para algum amigo. - recusa, mas ela o puxou com força e não vai aceitar um "não".

Leo me observa, pesaroso, e eu solto sua mão com um sorriso tímido de incentivo.

- A Mia vai ficar bem. - Helô promete - Você não vai se afastar

três metros, se acalma, Leonardo. - ralha, afastando-nos.

Estou com André e Luciana e, agora que Leo se foi, fica escandalosamente evidente como André tem *nada* a dizer para qualquer de nós. Ergue o rosto com uma surpresa fingida e tenho certeza que o aceno feliz que deu foi para ninguém. Então, pede licença e se afasta de nós para ficar sozinho no bar.

Sozinha com Luciana. E não sei se tenho mais para dizer pra ela do que tive para André.

- Queria pedir desculpas pelo outro dia. - ela começa - Eu sou meio intensa, acho que não respeitei seu espaço como deveria ter feito. Sinto muito.

- Acontece. - perdoo - É uma situação estranha para todos nós.

- Acho que sim. - sorriu - Mas então, como foi que vocês se conheceram?

Preciso de um segundo, não para lembrar, mas para deixar a memória me aquecer. Parece que foi há cinquenta anos.

- O carro dele deu algum problema na estrada. Estava uma chuva horrível, fiquei com ele enquanto esperava pelo guincho.

- Amor a primeira vista? - empurra-me com o ombro.

- Definitivamente não. - desconcerto-me - Acho que demoramos bastante.

- Mia. Como vai? - Madalena toca minhas costas e me dá um beijo na bochecha - Que bom vê-la de novo. - suas palavras são educadas, mas não parecem genuínas.

- Mia. - Arthur Oscher abana a cabeça em uma reverência curta e distante. Esse nem tenta soar verdadeiro. Melhor assim. - Lu, seu pai não sabe perder. - puxa Luciana para um abraço e beija o topo de sua cabeça de um jeito paternal. Ela lhe devolve um meio abraço e fica presa ali.

- Ele disse que o senhor não sabe pegar leve, tio Arthur! O pobre estava adoentado.

- Coisa nenhuma! Uma gripe besta! E ele pegou leve comigo no jogo de tênis depois de minha cirurgia de catarata?

- Você aguenta. - ela estira a língua com intimidade fazendo rir meus sogros.

Matheus se une ao grupo trazendo, na mão, um copo de uísque puro, e no rosto, uma expressão de enterro.

- Problemas no Paraíso, Theu? - Luciana belisca seu queixo.

- Você não acha isso ridículo? - resmunga, com a boca colada ao uísque - Como as pessoas mencionam a ideia de Paraíso como um ideal de perfeição?

- Ai meu Deus. - Madalena deixa os ombros caírem antecipando do filho uma postura que parece conhecer bem.

- Como assim? - Luciana arrisca.

- Budistas, egípcios, cristãos, muçulmanos... todos têm suas ideias a respeito de um lugar para onde você vai, depois da morte, caso *mereça*. O obstáculo na lógica de todas essas interpretações é sempre o mesmo: as recompensas que recebemos no paraíso são apenas aquelas que nossos corpos desejam ou nossas mentes elaboram. Um lugar que é da alma deveria transcender o corpo e a mente, e não ficar acorrentado a eles como se fossem um.

Arthur e Madalena nem se manifestam diante da epifania do filho.

Luciana parece querer rir, enquanto Matheus mastiga os próprios lábios. Não está embriagado, mas vejo em seus olhos que *queria estar*.

- Neil Gaiman diz que inferno e paraíso não devem ser lugares para

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

onde você vai, mas só coisas que você carrega com você. - sugiro - Talvez a resposta seja essa.

- É. - resmunga - Ou talvez o paraíso não exista. Ia ser bem apropriado, não é? A piada final de Deus e seu sadismo sobrenatural. Só um inferno e nada mais.

- Que bicho te mordeu? - Luciana ri.

- Sara! E Dani! - Madalena cumprimenta e eu percebo as duas novas adições a nossa roda de conversas macabras que se amplia cada vez mais - Está linda! Quanto tempo!

As pessoas ao meu redor se conhecem e trocam gentilezas. Todas, menos Matheus, que, assim que percebe a aproximação das duas mulheres, leva quatro goles para virar o copo de uísque completo.

Sara usa um vestido branco belíssimo, com adornos dourados fazendo as vezes de colar. Os cabelos estão bem presos e seus olhos são simpáticos. No entanto, é a outra que chama minha atenção. *Dani* usa uma saia longa sobre o biquíni e tem um corpo escultural de fazer inveja. Usa os cabelos castanhos curtos e arrepiados em mechas de tamanhos desiguais, no que apenas pode ser descrito como um "bagunçado intencional". Seus olhos são azuis e muito vivos. Sagazes... quase como se estivessem sempre desafiando todos a provocá-la apenas para que pudesse provar que não recebe desaforo em silêncio.

- Madalena, obrigada pela mensagem. - Dani diz - Eu a recebi por mamãe

- O prazer foi meu, querida. Que bom que pôde vir.

Matheus engole em seco com uma careta e aponta para o copo, assim que o garçom passa, exigindo outra dose.

- Sim, foi apertado por causa da agenda do Elliot. - explica.

- É seu noivo, Dani? - escuto a dor na voz de Madalena.

- Acho que... - Dani atrapalha-se na definição e bagunça os cabelos sapecas para todos os lados.

- Ah, esses relacionamentos modernos. - Arthur salva, percebendo a ausência de resposta da garota.

Matheus não diz uma palavra. Nem sequer se move. Apenas prensa os lábios como se quisesse preservar o vácuo dentro de si.

- Bem, foi um prazer vê-los. Se me dão licença, preciso encontrar o Elliot. - olha ao redor, buscando seu parceiro.

Ela se vai sem esperar confirmação de todos, até porque, suspeito, a de Matheus não viria.

O garçom aparece com a segunda dose de uísque e meu cunhado é um poço de amargura.

- Foi esperar o destilado envelhecer? - rosna - Traz logo outro, então. Com essa demora, quando você voltar, já terei terminado.

- Dani está linda! Que bom ver que ficaram amigas, Sara!

- Sim, ela é ótima. - Sara sorri - Excelente companhia. Talvez um pouco mais *divertida* do que estou acostumada. Mas é uma pessoa incrível.

Agora é Luciana quem torce o nariz.

Estou satisfeita em ter deixado de ser o centro das atenções. Se tudo der certo, essa gente vai ficar brigando entre si até o Leonardo voltar e estarei a salvo.

- Você devia tê-la chamado pra sair quando teve a chance, Matheus! - sua mãe ralha - Fiz de tudo para juntar vocês dois.

- Umhum. - engole seu uísque.

- Vocês combinariam tão bem! Mas agora perdeu a oportunidade. Sorte para o tal de Elliot que vai...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Eu vou atrás desse garçom descobrir por que caralho esse uísque demora tanto. - encara o copo vazio, com raiva.

- Matheus! - sua mãe recrimina o vocabulário, mas ele já se foi - Ai de mim, só quero o melhor pra esses meninos e eles se recusam a enxergar. - aperta a mão de Sara com todos os sinais de uma amizade antiga - Acho que, no fim, não vou conseguir nenhuma das noras que eu queria, ou... Ela engasga.

Compreensível.

Esqueceu que eu estava ali.

Lembrou logo depois do comentário.

Sei disso porque me observa, lívida como um pedaço de papel.

- Mia, querida, sinto muito, eu não quis...

- Não tem problema. - sorrio.

É engraçado esse sorriso que a gente oferece quando está sangrando por dentro.

Bem típico.

- Tudo bem. - tento ser gentil - De verdade.

Ela me oferece uma expressão de contida gratidão enquanto busca desesperadamente um modo de mudar de assunto.

Sara engole em seco e parece tão perdida quanto eu.

A única que se diverte é Luciana.

Bem... ela é:

- Mas não disse nada demais, meu amor. - Arthur abraça a esposa - Estávamos ontem mesmo dizendo a Mia o tanto que Madalena queria ver você e o Leo casados, Sara. Sempre foi como uma filha, em nosso coração.

Sara está constrangida.

Deus a abençoe.

Se estivesse se regozijando, eu morreria de vergonha.

Não sabe para onde olhar, mas sempre que é para mim, seus olhos opacos parecem pedir desculpas.

- Que nada. - murmura - Eu e Leo somos muito diferentes. É uma benção que ele tenha encontrado a Mia.

- Mas eu confesso que apostei em você. - meu sogro aponta para Luciana.

- Arthur. - Madalena recrimina.

- O que foi? É verdade.

Ao contrário de Sara, Luciana é só sorrisos.

- E nós consideramos algumas vezes. - ela admite sem qualquer pudor - Mas já imaginou? Não acho que a família Oscher está preparada para mim.

Ela e Arthur riem satisfeitos, enquanto Sara tenta buscar uma desculpa para fugir e Madalena parece nutrir uma pena de mim que é cada vez maior.

Ergo os olhos. A poucos metros de distância, Leonardo está preso ao braço de Heloísa ouvindo as afirmações de um garoto loiro vestindo nada além de um calção de banho vermelho. Duvido que esteja prestando atenção, porque seu foco é todo em mim. Parece entediado pelo que ouve e preocupado com o que vê.

Consigo forçar um meio sorriso porque não quero que brigue com o pai, mas nunca fui boa em mentir e Leonardo me conhece bem demais. Não demora um segundo para se livrar da irmã e estar de volta conosco.

- Qual o assunto? - invade a roda de discussões, envolvendo-me com um braço super protetor.

Tarde demais.

Já recebi todos os golpes, Leo. Não preciso mais de um escudo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Estávamos elogiando a Dani. - Madalena acena, decidindo que isso era tudo que se falava antes de Leo voltar - Você já conheceu Daniela?

- Conheci. Rapidamente. Estava tentando convencer o Matheus a sair com ela, mamãe?

- Não. Ela está noiva. Matheus perdeu sua chance.

- Acho que ele vai superar. - o braço de Leo em minha cintura, puxa-me para si de um jeito quase libidinoso. Preferia que não fizesse isso. Sara está desconcertada com nossa intimidade. Não me sinto bem.

Não que minha vida com meu marido lhe diga respeito... mas sei que ela foi cuidadosa comigo até aqui, não vejo motivos para não retribuir.

Coloco a mão sobre o peito de Leonardo e, educadamente, exijo um pouco mais de espaço.

Ele cede imediatamente.

- Matheus perdeu a chance dele e você perdeu a sua. - Arthur segue em suas tentativas de fazer passar agressões como se fossem brincadeiras.

Seu plano é tão evidente que é quase infantil.

Ele quer deixar claro que não sou bem vinda para me afastar do seu filho. O inferno é que ele não deve conhecer o filho que teve, porque Leonardo é teimoso como satanás. Basta lhe dizer que não pode ficar comigo e está agarrado a minha cintura como se tivessem me embebido em cola industrial.

- Arthur, por favor. - Madalena pede, mais uma vez.

- Vocês me dão licença? - Sara sugere assuntos a tratar com mais alguém, apenas para fugir de assuntos que não lhe dizem respeito.

Leo tem os olhos cravados no pai. A careta que nutre é a mesma de quem sentiu o gosto de algo que não lhe agradou. Conheço bem essa expressão. Em sua mente, deve estar no meio de uma contagem regressiva. Se seu pai não der um passo para trás, Leo não vai ficar em silêncio.

- Mia, você quer dançar? - Arthur convida e eu suspeito de suas intenções.

Esse homem não me quer bem.

- Ahm... claro.

- Não sou um bom dançarino, mas sirvo para o gasto. - promete, tomando minha mão.

A música romântica é inapropriada em tantos níveis diferentes... mas não quis recusar o que me pareceu - na melhor das hipóteses - um pedido de trégua.

Leonardo está tendo dificuldades em me deixar ir. Mantém os olhos em mim como um caçador.

E é só quando já demos três passos que Arthur diz uma coisa e evidencia sua verdadeira intenção:

- Pegue a Luciana para dançar, enquanto isso. - sorri, calculista.

- Boa ideia! - Luciana decide - Essa coisa de ficar aqui parada não está funcionando comigo.

Leo se desvia antes que ela coloque as mãos nele e, antes até que eu perceba o que aconteceu, já me tirou dos braços do pai.

- Posso falar com você? - resmunga para seu progenitor, com dentes semicerrados - Só vai levar um minuto.

- Leo, querido... - sua mãe parece aflita.

Ela é educada e gentil, mas não deve estar acostumada a ver aqueles dois discutindo e certamente me culpa pela mudança no padrão familiar.

- Só vamos conversar, mamãe. - beija a bochecha da mãe, apertando-a em um abraço - É uma coisa da empresa, acabei de lembrar. Vamos?

- Claro. - o pai aceita.

Eles se afastam de volta para dentro do hotel e eu espero, do fundo do coração, que não continuem brigando por minha causa, porque, se nos separarmos, todo esse desgaste terá sido em vão e, se ficarmos juntos, toda essa briga é contraproducente.

- Me dão licença? - Madalena repete as palavras de Sara com seu eterno sorriso diplomático.

Deve estar cansada também.

Estamos todos cansados.

Leo

O amigo de Heloísa é um surfista que acha que vai revolucionar a indústria de jeans. Não tenho nada contra surfistas ou jeans, mas vou recusar a "oportunidade de investimento" que me oferece, ainda assim. Primeiro, porque ele é inexperiente e arrogante, segundo, porque sua ideia é estúpida, e terceiro, porque ele teve a cara de pau de estimar em dezenas de milhões uma empresa que - no meu dia mais benevolente - não pode valer mais de cem mil.

- E então? Quando vai me dar o cheque? - ele sorri. É uma dessas brincadeiras que, no fundo, é um pouco séria.

Não tenho estômago pra sorrir de volta.

Gente inexperiente e arrogante agarrada a ideia estúpida é o inferno do mundo empresarial, é o lugar aonde investimentos vão para morrer.

- Murilo, vou ser honesto. - mexo na gola da camisa e Heloísa me olha com uma cara feia, exigindo que eu seja solícito. O conflito entre eu e minha irmã é o seguinte: eu só coloco dinheiro onde existe lucro, e ela quer que eu coloque dinheiro *onde existe homem que lhe interessa*. Percebe como as duas posições nunca ficam em paz? - Sua ideia é razoável, mas precisa de lapidação. A indústria do jeans é bem sedimentada, não acho que sua ideia é capaz de *revolucioná-la*. Não ainda. Acho que você precisa amadurecer melhor alguns desses pensamentos. Contrate um designer, cote valores de produção um pouco melhor para descobrir até onde pode baixar seu custo. Tente uma plataforma de financiamento online, que não vai servir para te dar o investimento completo que precisa, mas é uma ótima ferramenta para testar interesse do público e engajamento do consumidor.

- Leo, ele vai fazer tudo isso. - Helô defende - Mas você não pode ficar de fora! Essa empresa vai crescer! Você ouviu as projeções dele?

Ouvi.

Mas quando um cara de calção de banho, virando doses de tequila, me diz que sua estimativa para o ano seguinte é "milhões de euros", para uma empresa nascente com base no Brasil... pode me chamar de conservador, mas eu fico reticente em acreditar.

E o que mais me incomoda não é sequer a escolha aleatória de uma moeda estrangeira, mas o fato de que ele sequer é capaz de especificar *quantos* milhões.

- Entre três e oito milhões. - foi a melhor resposta que consegui me dar.

Só não começo a rir porque é aniversário de minha irmã e não quero

lhe fazer uma desfeita.

Esse menino de calção teve uma ideia idiota sobre um design para uma calça. Ele não é da indústria da moda, nunca trabalhou com roupas, nunca teve uma empresa sua. E agora, milagrosamente, apareceu com *três a oito milhões*. É realmente mágico. Se apenas eu pudesse dirigir a OM3 assim. Já imaginou? Dizer "esse ano o faturamento será de dezoito bilhões" e, só porque eu disse as palavras, elas se tornariam realidade e todos os investidores me afogariam com dinheiro.

Infelizmente, nem todos podemos viver no Mundo Mágico de Murilo.

Esfrego as têmporas.

Quando levanto os olhos de volta, não consigo mais focar em Helô e seu amigo.

Além deles, Mia se abraça, tímida. Matheus está com eles e, apesar de nosso último encontro, sei que meu irmão não faria mal a uma mosca... enquanto ele estiver por perto, ela deve estar relativamente segura.

Engulo em seco.

Seu vestido verde é simples, descendo até os joelhos ao cobrir o biquíni. Por causa da borda infinita, duvido que ela decida entrar na água, mas gostaria que ela fizesse isso. Amélia tem um amor por mar e piscinas que é uma coisa difícil de comparar, acho que um mergulho aliviaria seu humor.

Seus cabelos caem em cachos largos e majestosos, e meus lábios se curvam com o calor da memória.

A primeira vez que a vi.

Ela era tão mais linda agora do que naquela noite de chuva.

Tinha os cabelos presos em uma trança e uma saia longa. "Não é a mulher mais gostosa que já vi, mas é bem boa". Estou sorrindo. Era isso que eu tinha pensado quando a vi no Lugar do Eduardo.

Linda, meiga, inteligente, doce.

Eu me apaixonei por aquela mulher tão rápido que sequer seria capaz de descrever como foi que aconteceu. Em um dia, eu tinha certeza que ela me causou nenhum interesse. E no seguinte, eu estava disposto a dirigir quatro horas por dia, só para passar algumas horas vendo seu sorriso.

"Homem apaixonado" é uma raça diferente de "homem em seu estado normal". O *normal* consegue tomar decisões coerentes e manter seu instinto de autopreservação. O *apaixonado* é um boneco de pano, com mingau no lugar de colhões, que não consegue pensar em nada que não seja o calor que sente no peito sempre que sente o cheiro *dela*.

Tempo acalma os calores furiosos da paixão recente. Quatro anos depois daquela noite, eu não fico excitado apenas com o perfume do seu cabelo, ou o roçar de sua unha em meu braço. A paixão arrebatadora abriu espaço para um amor silencioso. Um que pode ser mais discreto, mas é muito mais eterno.

Eu amo Mia.

Aquela aliança que coloquei no dedo dela é por causa disso.

É porque eu não consigo ver nada, nem ninguém, quando ela está por perto. Não há preocupação na minha vida que seja maior do que mantê-la feliz. Nem mesmo preservar a mim mesmo é tão importante quanto preservá-la.

Matheus está certo.

Esqueci tudo e todos.

Mas não é porque sou um egoísta distraído.

É porque sou um idiota apaixonado.

E amor é insanidade que te faz esquecer até de si mesmo, quem dirá

dos outros.

Devo desculpas a minha família, é verdade. Mas para cuidar das feridas de alguém, antes eu preciso parar de sangrar. E pelo modo como Mia me olha... o modo alheio e distante como me toca... o modo inseguro e mentiroso como afirma que sabe que eu a amo...

Não vou parar de sangrar tão cedo.

Mas não consigo olhar pra ela sem sorrir.

Mia me causa essa sensação absoluta de felicidade que, mesmo em nossos piores dias, ainda é inquestionável.

O que é um problema, nesse exato momento, porque, enquanto sorrio pra minha esposa, Murilo acha que sorrio pra ele.

Seu discurso se tornou mais virulento nos últimos segundos e eu culpo minha divagação. Tento focar em suas palavras, mas é inútil: as divagações de Murilo são piores que as minhas e, agora, está entretendo a ilusão de que vou lhe dar dois milhões de reais por uma ideia de merda.

- Murilo, sinto muito. - explico - Se você conhece a OM3 minimamente sabe que nossa experiência passa muito longe de moda. Talvez Heloísa fique mais a vontade para investir no seu negócio. Mas eu não acho que poderia contribuir.

- Cara, o negócio se mantém sozinho! A única contribuição que precisa é a grana. É sério: você joga a grana no negócio e ele cospe o dobro de volta, eu juro.

Eu juro.

Argumento administrativo irrefutável.

Quem precisa de demonstrativos anuais e análise de livro caixa?

O Murilo jura.

Do outro lado, Matheus foi embora. Deixou Mia com ninguém além dos meus pais, Luciana e Sara.

Isso não vai dar certo.

- Por que não conversamos sobre isso depois? - livro-me - Marcamos uma hora no escritório.

Não esperei sua resposta e já dei o fora.

Heloísa, no entanto, me conhece um pouco melhor.

- Leo! Não se desfaça dele assim.

- Não me desfiz de ninguém. Ele vai no escritório, é melhor para conversamos.

- Eu te conheço, Leonardo. Ele *nunca* vai conseguir marcar uma hora com você. Basta um pedido seu e sua secretária vai garantir isso.

Abro e fecho a boca.

Ela está maravilhosamente certa.

- A empresa é incrível! Vale o investimento.

- Heloísa. - seguro seu cotovelo - Ele não tem uma *empresa*, ele tem uma *ideia*. Empresa precisa de registro, empregados, capital, produto ou serviço, expectativa concreta de lucro específico. Tudo que ele tem é um rascunho de uns designs de bolso.

- Não é só isso! Ele... Certo, você não quer investir. Tudo bem. Mas eu quero.

- Você não tem dois milhões líquidos.

- E você é o responsável pelo meu investimento. Liquide o que precisar, libere o dinheiro.

- Heloísa, você não vai dar dois milhões pra esse cara.

- Por que não?

- Porque ele vai sumir com teu dinheiro! Olha... - Mia se encolheu. Está a dois metros de distância e, pela voz do pai, sei que estão

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

obrigando Amélia a ouvir algum absurdo - A gente conversa depois. Eu e você. Tudo bem? Se realmente quiser fazer isso, damos um jeito. Mas não acho que deveria... Qual o assunto? - invado o grupo de minha família, tomando Mia nos braços para protegê-la do que for.

Leo

O problema é exatamente o que antecipei: meu pai não conhece limites.

Tento proteger Mia de seus comentários agressivos, mas a verdade é que tudo que sai da boca de meu pai, é culpa minha.

Ele é meu dono.

Sempre agiu como meu dono.

E eu sempre encontrei desculpas para deixá-lo fazer exatamente isso.

Nenhum dos meus irmãos colocou "agradar o papai" como objetivo de vida no mesmo nível que eu.

Por mais que tenha tentado me rebelar ou afastar, no fim, sempre fiz tudo que ele quis. E agora, é com isso que está acostumado: com o Leonardo obediente, o filho favorito que pode até se afastar um pouco do caminho, mas nunca muda o destino do curso.

Suas agressões veladas a Mia são calculadas.

"Não estou satisfeito com você, Leonardo. Mude."

É isso que está tentando me dizer. Condição a acreditar que basta sua opinião para que eu reestruture minha vida inteira a seu bel prazer.

É culpa minha.

Eu fui submisso e permissivo. A dor é apenas perceber que Mia também se tornou vítima de minha falta de espinha diante de papai.

Chama minha esposa para dançar com um meio sorriso simpático, mas, assim como Heloísa viu minhas intenções diante de seu amigo, eu também vejo às de meu pai diante da música. Seguro Mia comigo, resistindo em soltá-la.

Sua mão quente em meu braço, pedindo para que a deixe ir.

Ela acha que ele está fazendo apenas uma gentileza.

Tem receio de ofendê-lo.

Tem receio de ser a razão do estranhamento entre pai e filho.

Mas nada disso lhe diz respeito, meu amor.

Meu pai está apenas tentando afirmar seu poder sobre mim em todas as coisas.

- Pegue a Luciana para dançar, enquanto isso. - meu pai, sugere, tentando levar Mia consigo.

Mas eu não vou deixar.

Mia é meu limite, como o patriarca Oscher já vai descobrir.

Mia é o ponto em minha vida que ele não tem autorização para interferir.

- Posso falar com você? - peço, amargo - Só vai levar um minuto.

- Leo, querido... - mamãe está nervosa.

Ela estava chorando.

Deixei-a às lágrimas na noite anterior.

- Só vamos conversar, mamãe. - beijo sua bochecha para garantir que tudo está bem - É uma coisa da empresa, acabei de lembrar. Vamos?

- Claro. - papai aceita e me segue.

Deixar Mia sozinha, mais uma vez, me causa desconforto. Mas no ponto em que estamos, preciso falar com o pai ou nenhuma solução será definitiva.

As palavras de Heloísa, no entanto, são de uma precisão maldita: eu não consigo andar dois passos sem alguém se aproximar querendo falar de dinheiro. E pior: agora que cheguei acompanhado, as mulheres - que normalmente me cercam como tubarões - estiveram esperando resignadas, atrás de uma linha amarela inexistente, pelo momento em que poderiam me abordar com segurança.

Preciso pedir um número imenso de "desculpas" e "licenças" para conseguir voltar para o interior do hotel. Meu pai nos guia para o elevador e sua suíte. Não questiono sua decisão, apenas o sigo em silêncio esperando um lugar onde seja apropriado começar a discutir.

Ele senta em uma das poltronas da antessala e me observa como um alpinista experiente faria a um novato. Ele já sabe aonde vai dar aquele caminho e o que tem no alto da montanha, apenas se diverte me ouvindo dizer que acho que ele está errado, quando - em sua mente - não tenho a mínima condição de contestar sua experiência superior.

A questão que foge ao meu pai é o fato de que *minha* vida é *minha* montanha. E não a dele.

- Você queria conversar? - sorri, fingindo inocência - Converse.

- Por quanto tempo ainda pretende continuar com isso?

- Continuar com o quê?

- Pare com isso, pai. Só pare, está bem? Eu não sou idiota, nem você. Não gosta da Mia e quer deixar isso claro para tentar nos forçar a uma situação constrangedora e um divórcio. Pelo menos me trate com respeito e admita. Não vou passar mais uma hora ouvindo suas defesas de que "Não fez nada demais", assim como no jantar de ontem.

Ele encara os polegares enquanto considera meu pedido de honestidade. Respira fundo e se rende.

- Não gosto da Amélia. - acena - Acho que ela está se aproveitando de você. Mas também acho que está apaixonado, e por isso não adianta discutir. Não vai ouvir a razão.

Sento no sofá a sua frente.

- E como vamos resolver isso? - murmuro - Está certo em apenas uma coisa: estou apaixonado. Eu a amo e me incomoda profundamente que minha família a faça tanto mal em tão pouco tempo.

- Leonardo. - inclina-se, paternal e autoritário - Eu sou seu pai. Eu te amo como ninguém nessa vida, fora, provavelmente, a sua mãe. Só quero que você fique bem e feliz.

- E se para ficar "bem e feliz" eu precisar de uma mulher que você não aprova?

- Silêncio, garoto. Ainda estou falando.

Dou uma risada baixa de desdém.

- É assim que você quer começar uma conversa honesta?

- Por toda minha vida eu te guiei para o caminho que sei que é melhor, porque tenho mais experiência que você... - ignora minhas interrupções.

- Quer começar me diminuindo? Me chamando de "garoto"? Acha que isso vai me deixar mais receptivo a escutar sua sisudez?

- ... e SEI quais escolhas fazem um bom futuro e quais o destroem.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Essa piada que você chama de casamento foi inconsequente...

- "*Piada*"? - deve ser mesmo, porque estou rindo.

- ... inoportuna e infantil. - seu tom de voz começa a se elevar para tentar me calar.

- Eu vou ali buscar um café, me avisa quando terminar o monólogo.

- CALE-SE, Leonardo! Você assinou um papel e deu para uma desconhecida metade de tudo que nossa família construiu por gerações.

- Não *dei* nada. Só não quis que houvesse uma divisão de bens entre nós.

- E se ela se divorciar?

- Você escuta os absurdos que diz? O único jeito de Mia *levar metade* da empresa é se divorciando de mim. Enquanto estivermos casados, não há problema. E o que você quer? QUE ELA SE DIVORCIE!

- Quero que se divorcie SOB NOSSOS TERMOS! Já conversamos sobre isso, sou muito velho pra me repetir.

- SEUS termos? QUAIS termos? Quem casou fui EU!

- Você é uma criança! E pensar que eu confiei em você para cuidar da empresa.

- Ah, coitadinho de você. Aumentei o *net worth* da OM3 em quase 25% em dois anos! - cuspo, enfiando meu indicador no próprio peito - Levei seus oitenta bilhões para noventa e seis. Entrei em dois novos países que você nunca conseguiu acesso e fiz o lobby perfeito para leis, na China e Índia, para aumentarmos nossa penetração. E você está reclamando porque eu casei com a mulher que eu amo? O Fernando está destruindo a própria vida um dia de cada vez, a Heloísa jogaria dinheiro pra cima como o Silvio Santos se ninguém ficasse de olho, o Matheus não parece estar no seu momento mais equilibrado da vida e você liga para alguma dessas coisas? Não.

- Nenhum deles está na frente da empresa.

- E só o que importa é a empresa, não é?

- Eu não disse isso!

- Você é uma graça, pai. E o Matheus tenta te defender dizendo que você faz isso tudo porque me ama... o seu caçula não te conhece.

- Menino, não seja ingrato.

- Não é ingratidão, é percepção. É diferente. Você guiou toda minha vida porque queria um gestor ideal pra OM3. Você me ama, pai, e eu te amo, também. Mas sua interferência na minha vida não tem nada a ver com carinho: é pragmatismo. É por isso que antecipou a herança. Não porque acha que eu mereço. *E eu mereço*. Não porque acha que eu faria um trabalho melhor que o seu. *E eu faço*. Mas porque queria manter o *controle*. Queria ver como nos comportaríamos sem você e o que eu faria na sua ausência. Queria ver se a vida inteira que montou pra mim ia funcionar como planejou. Só isso.

- Leonardo...

- E eu dediquei minha vida toda a te deixar em paz com essa decisão. Só o que te peço é que não ofenda essa mulher que é tudo pra mim. Só isso. Não estou pedindo para gostar dela. Não estou pedindo para convidá-la para todos os jantares ou lhe fazer uma festa de boas vindas. Só estou pedindo para não ofendê-la.

- Se ela te ama, vai resistir.

- Ela é decente e vai ficar humilhada. Não vai aguentar a pressão da minha família e vai embora. É com isso que está contando.

- Não. Na verdade, estou contando que ela vai ficar com medo de ser pega com a mão no pote de biscoitos e vai assinar qualquer coisa para sair

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

dessa com um bom lucro.

- Pare com isso! Você nem sequer a conhece.

- Mostre isso pra ela. - ela pesca da mesa um calhamaço legal e eu rapidamente compreendo por que escolheu vir ao seu próprio quarto.

- Um contrato de divórcio? - mal preciso analisar as páginas - Está andando por aí com isso no bolso, pai?

- Mostre pra ela. Vocês podem se casar de novo, depois, se quiserem. Mas faça-a assinar isso, primeiro. Faça ela te devolver a OM3 inteira.

- Por que não uma alteração contratual no regime de bens? Já que a empresa é a única coisa que te preocupa? Por que precisa ser um divórcio?

Ele respira fundo.

- Porque você vai querer se divorciar depois que lhe mostrar esse documento, filho. Esse contrato não dá a Mia direito algum. Já este daqui. - ele tira outro calhamaço da gaveta, mas não me dá - Este daqui lhe dá cento e cinquenta milhões para desaparecer.

Mordo meu lábio entendendo seu plano.

- Você vai levar esse documento para Mia e lhe pedir que devolva a empresa, sem lhe dar nada em troca. Mas... ela não vai assinar. Vai chorar, se fazer de indignada... vai apelar para suas emoções. E aí, quando isso acontecer, você vai entender que ela só está com você pelo dinheiro. Então, você vai lhe mostrar esse. - balança o documento que ainda tem na mão - E esse... com mais de cem milhões de reais... esse ela vai assinar.

- Você quer que eu peça a Mia para assinar um divórcio só para proteger uma empresa?

- Quero.

Sinto meu queixo tremer.

Eis o dilema: não quero me divorciar de Mia. Preciso me impor diante do meu pai.

Mas se me imponho diante do meu pai, ele não a deixará em paz e eu conheço a mulher com quem casei: ela não é exatamente boa em se manter firme diante de obstáculos. Mia é o tipo que desiste e, se meu pai apertar demais, morro de medo que desista de mim.

Não posso colocá-la como alvo em uma competição que fui eu que criei.

Preciso levar as porradas, eu mesmo.

- Tudo bem. - tomo uma caneta de sua escrevaninha e vejo seu queixo cair discretamente enquanto assino todas as páginas que ele quer - Vou levar isso pra Mia assinar. - prometo o fato sem prometer um prazo - Mas quero um favor em troca.

- Que é?

- Você lhe dá uma chance. Chega de agressões veladas e comentários desagradáveis sobre outras mulheres ou suas expectativas. Você dá uma chance pra Mia. Ela é minha esposa, não é demais pedir que a trate com respeito.

Ele demora uma eternidade para responder. Mas acho que ver minha assinatura nos papéis que ele tanto preza funciona a meu favor. Matheus estava certo.

- Tudo bem. - acena.

Trocando meu bem estar em uma transação de negócios.

Nunca senti tanto nojo de meu próprio pai.

Fernando

Acho que foi Leonardo que vi se afastando no corredor, em direção às escadas. Sorte não ter escolhido o elevador para subir os dois andares até a cobertura ou teria dado de cara comigo, e eu prefiro cruzar com o Leonardo o mínimo possível.

Principalmente já que meu plano falhou.

Acho que ele é um bom Presidente, no fim das contas... porque a notícia de seu casamento secreto sequer fez hesitar os investidores.

Eu ainda tenho amigos na OM3 que preferiam me ver ocupando a cadeira do meu irmão mais novo, mas é difícil concorrer com a quantidade de dinheiro que Leonardo coloca em suas carteiras a cada trimestre.

Sua decisão de não fechar a fábrica seria seu primeiro prejuízo real desde que colocou as mãos na presidência e eu precisava capitalizar em cima disso.

- Preciso conversar com você. - papai diz, assim que entro em sua suíte.

Preciso me controlar para não receber sua afirmação com uma gargalhada.

- Não precisa. - aviso - Já sei o que você quer.

Espreme os lábios. Não gosta de precisar de mim, mas não sabe sujar as mãos do jeito necessário para se livrar de uma certa pessoa.

- E o que eu quero? - experimenta.

- Você quer se livrar da tal Mia. Mas o Filho Pródigo não vai ser um bom garoto, dessa vez. Você já fez o que pode: falou, gritou, tentou assustar a garota, ligou pro departamento jurídico arranjar uma solução... Mas precisa resolver as coisas de um jeito definitivo. E tem medo de fazer o que é preciso.

Ele não diz uma palavra.

- Porque sabe que, se fizer... - continuo - o Leonardo vai te detestar. E é por isso que eu estou aqui.

- Quero essa garota longe daqui, Fernando. - murmura - Longe do Leo. Ele já assinou o divórcio, mas...

- Ele assinou? - por essa eu não esperava.

- Assinou, disse que vai levar pra ela, mas não sei se é verdade.

Um plano.

Um plano tão lindo.

Caindo no meu colo, assim, de graça.

- Não se preocupe, pai. - sorrio - Eu resolvo tudo.

Mia

Leo ainda não voltou.

Mexo no meu cabelo e tento manter o queixo erguido. É difícil

porque, com a quantidade de gente que me encara sem qualquer pudor, a vontade que eu tenho é me enfiar entre os puffs e morrer.

Meu celular vibra.

"Você tá legal?"

Um sorriso inesperado.

Tecnologias são especialmente importantes nessas horas: quando você acha que está sozinha, mas um amigo lembra de você e te garante que não está.

"Mais ou menos" respondo a verdade.

"Quer que eu vá te buscar?"

"Não precisa" já disse isso antes, mas repito.

"Mia, não é incômodo, eu juro"

"Eu sei, obrigada. Mas está tudo bem, de verdade"

"Nunca acredito em você quando diz que está tudo bem"

Meu sorriso se expande apenas um pouco.

"Está me chamando de mentirosa? Blasfêmia! Eu não minto"

"Umhum. Rumores de uma faxina eterna que prova justamente o contrário"

Escolho apenas carinhas sorridentes como resposta.

"Mas olha" ele continua "estou em casa hoje, então se precisar de carona, me avisa que vou até aí te resgatar"

"Sem planos em um sábado a noite? A vida em São Paulo não está combinando com você?"

"Ah, mas ficar em casa é diferente de não ter planos. A cerveja está estupidamente gelada, a pizza está chegando e já liguei a Netflix"

Olho ao redor para a festa onde sou muitas coisas, menos bem vinda e injeito meu plano com mais força do que quero admitir.

"Não vou te incomodar"

"E eu já disse que não é incômodo. Te levo pra Itajaúna ou pra casa da Estela, sem problemas."

Encaro meu celular sem saber como agradecer. Espero não precisar de sua ajuda essa noite, mas ele é um doce por oferecer, ainda assim.

Meu celular vibra mais uma vez.

"Ou você pode ficar aqui em casa até a amanhã. Eu te escondo."

A carinha sorridente tem a intenção de manter a frase como uma brincadeira, mas sei que é um tema delicado entre nós.

- Ah, não posso te deixar sozinha, ou meu irmão me mata! - Heloísa aparece, sua voz é alta e contagiante - Mia, essas são...

Tenho certeza que ela disse quatro ou cinco nomes, mas pela minha vida não sei quais foram.

Tem quatro mulheres ao meu redor, então devem ter sido quatro nomes.

Suas vozes, afirmações e perguntas se misturam em tons excitados e idênticos, não consigo distingui-las.

- Então, você é a esposa? - pergunta a massa de vozes ao meu redor.

- Qual foi o truque? Precisa compartilhar o segredo com as amigas! - segura-me. *Somos amigas?*

- Ignore-as, é só inveja. - sua voz é mais sóbria que a das outras e, por isso, me atrai. Ela tem os olhos muito azuis e os cabelos muito loiros... de um tipo que não parece ser natural e essa parece ser a intenção

- Elas morrem de vontade de saber como é. - pisca um olho.

- "Saber como é"? - estou confusa.

- Você sabe... - balança os ombros, sugestiva.

Não, eu não sei.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- A Priscila está se exibindo porque já fez uma degustação do seu produto, Amélia. - alguém dá uma gargalhada.

- Se vocês vão falar sobre as proezas sexuais do meu irmão, eu vou embora! - Heloísa decide, horrorizada.

- Então, vai embora! - Priscila a empurra, em tom de brincadeira, fazendo as outras explodirem em risadas eufóricas. Mal Helô deu as costas e ela já se virou para mim - Ele ainda faz aquela coisa com a língua? - provoca. Seu tom sugere que ainda está seguindo a deixa da brincadeira anterior. A revolta de Heloísa (que ainda não se afastou o suficiente) e as risadas contínuas das outras indicam que é só uma grande piada. Mas, nos últimos dois dias, eu já fui ofendida por comentários que se fingiram de carinhosos, pontuais, dúvidas genuínas ou observações inocentes. "*Piada ofensiva*" era nada no meu cardápio.

Engoli em seco e mantive o sorriso.

O que essas mulheres não percebem é que sinto mais pena do que ciúmes.

Muito mais pena do que desconforto.

A que ponto chega o ser humano que precisa humilhar uma mulher, só porque o marido dela te interessa?

- Priscila está querendo nos deixar com inveja! - outra ri - Acho que vou embora junto com a Heloísa.

- Ah, Sandrinha... até parece que você nunca *degustou* o Leo, também! - gargalhadas.

- Mas nunca *fui até o fim*, com ele. - defende-se.

- E desde quando "*degustar*" é só "*ir até o fim*"? - risadas. Tantas risadas.

- Menina, nesse caso vai ser difícil achar alguém nessa festa que *não tenha* degustado o Leo!

- Vai ser difícil achar alguém em São Paulo!

- E não só na capital, aparentemente. - aponta pra mim - Você precisa desculpar as brincadeiras, gatinha! É que seu marido é meio que domínio público a essa altura.

- Principalmente, nas festas da Heloísa.

- Oh, sim! Uma vez por ano, o Leo é item de buffet! Pra pegar quando der vontade e repetir quantas vezes quiser.

Desisti de tentar sorrir porque acho que essa gente não merece nem minha educação, quem dirá minha gentileza.

- Eu confesso que superei. - Priscila dá de ombros - Não sei... acho que ele é muito superestimado.

- AN-HAM! - as outras riem, sarcásticas - Agora, você vai dizer que ele "*nem é tão gostoso assim*"?

- Olha o despeito, Priscila!

Uma delas pegou o celular e encontrou uma quantidade enorme de fotos do Leonardo sem camisa. Em festa na piscina ou algo que o valha.

- Vê essa foto aqui e me diz que não tem vontade de lamber a tela do celular.

- Gente, a esposa dele tá bem aqui. - uma delas sufoca a risada.

- Ah, mas isso é elogio. Você sabe, não é, bebê? Estamos só te invejando.

Dou um sorriso amarelo como resposta porque... não vou usar palavras com essas aí.

Um toque suave em meu ombro.

- Mia, já repuseram o camembert. - Sara se aproxima, gentil - Você disse que queria. Deixa eu te mostrar onde está.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Eu gosto dessa pessoa.

Eu não disse que queria o camembert, veja bem, eu não sei sequer o que é isso.

Ela está tentando me salvar.

- Sim! - sorrio - Obrigada, Sara!

- Ah, não vai abandonar conversa de sexo com as amigas pra comer queijo, não garota! Você come o polenguinho do seu homem depois.

- O Leonardo é limpinho demais pra polenguinho.

- *Homem nenhum* é limpinho demais pra polenguinho. - Priscila decide.

- Eu lambia o do Leo, fácil! - - revira os olhos, com um tesão que me incomoda.

- Que nojo, Alissa! - risadas intensas.

Priscila está me segurando pelo punho. Não com força, mas não me deixa sair discretamente ainda assim.

- Priscila, deixa a Amélia em paz. Ela quer experimentar o camembert.

- Por que toda essa curiosidade - pisca olhos ferinos - Não tem camembert na roça?

Hesito.

Até agora todas as ofensas que recebi foram veladas. Do tipo que posso ignorar e fingir que não ouvi.

Mas, dessa vez, não há como escapar.

Priscila me ofendeu. Foi um tapa.

Agora eu reajo ou me escondo.

Então, ela começa a rir como se fosse outra piada.

Sara não parece ser muito melhor do que eu em confrontos e, embora claramente queira me ajudar, não parece saber como.

- Desculpe pelas brincadeiras, querida, eu não resisto. E as meninas estão certas: é só inveja sim. O Leonardo é delicioso, lógico. Mas quando o homem é rico e impiedoso desse jeito, é de dar um sofrimento nas coxas.

Sei que está se esforçando para me irritar, mas uma palavra que disse chamou minha atenção.

- *Impiedoso*? - elas ainda estão conversando, não sei se me ouviram.

- Eu tenho um tesão forte em homem poderoso assim.

- Até porque homem só fica poderoso quando faz certas coisas, não é?

- *Certas coisas*? - pergunto.

- Acho que elas devem estar falando desse contrato novo da OM3 com a China. - uma das garotas me explica - Ao contrário de vocês, não tenho tesão nenhum em ver tanta gente demitida.

- *Tá certo*. - Priscila torce o nariz, sarcástica - Você ia recusar o Leonardo Oscher, pelado na tua cama, só porque ele demitiu um monte de gente pra levar uma fábrica pra China e reduzir os custos. Gente rica precisa fazer essas coisas, é assim que ficam ricas, sabia?

Sinto um frio desagradável no meu estômago.

Essa história é familiar.

A decisão imoral que o Leo descreveu como sendo de seu chefe. A mesma que ele tentou defender.

- E eu trabalho lá dentro - Priscila continua - Se essas demissões te incomodam, você nunca teria estômago para ser uma Oscher, viu, querida? A quantidade de atrocidades que eu já vi serem cometidas com trabalhadores naquela empresa. Fale o que quiser sobre o Leonardo, mas o homem sabe

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ganhar dinheiro e é um tesão sim. A Mia deve concordar comigo, lógico. - ri - É isso que ele sussurra pra você na cama, gata? Quantos desempregados ele fodeu nessa semana?

As afirmações da Priscila me forçam a confrontar uma verdade: Leo mentia sobre seu trabalho, então, tudo que me contou era alguma forma de adaptação da verdade. Todas as coisas nocivas, violentas e nojentas que seu chefe tinha feito ao longo dos anos... na verdade, deveriam ter sido atitudes suas, ou do seu pai.

Era ele quem fazia todas aquelas coisas que o enojava, e as fazia por dinheiro. Então, entrava em um carro, dirigia por uma porção de horas, entrava na minha casa, tomava um banho, colocava a cabeça no meu colo e me usava como escape. Todas as conversas até tarde da noite não eram para desabafar sobre a falta de ética de outros, eram apenas para aliviar sua própria consciência. E eu, sem saber, fui ferramenta em seu método grotesco de perdoar a si mesmo pelas atrocidades que cometia contra trabalhadores inocentes que, ao contrário dele, viviam de salário a salário.

- Vocês me dão licença, preciso fazer uma ligação. - agarro meu celular.

Sara dá uma risada de desdém para Priscila, claramente responsabilizando a outra por meu constrangimento.

- O que foi? - Priscila pergunta - Qual o seu problema, Sara? Estamos só conversando.

- Ela não quer que ninguém além dela se aproxime da Amélia. - Luciana brotou do Inferno - *Esse é o problema.* Na cabecinha iludida dela, já é parte da família. Eu tomaria cuidado se fosse você, Mia, ou ela rouba seu homem.

- Como se ela conseguisse. - Priscila faz menos de Sara.

- E olha que ela já *tentou*. - Luciana conclui.

Sara espreme os lábios e então abre um sorriso imenso.

- Bia! - acena para alguém mais afastada de nós.

- Sara! - a mulher tem uma beleza discreta em seu vestido azul comprido. Parece tímida e comedida - Estava te procurando!

Assim que as duas se abraçam, Luciana parece ter sido vítima de um empalamento. Dura, pálida e muda.

- Você está linda! - Sara elogia - Já conheceu Mia? A esposa do Leo. Mia, essa é Bianca, é minha cunhada.

- Olá. - aperto sua mão.

Ela tem um sorriso agradável.

- Nossa! Li a história de vocês em um desses jornais - gesticula - Sei que deve ser bem estranho, então me perdoe a intromissão, mas achei tão romântico.

Certo...

- Obrigada? - sorrio confusa.

Ela toca meu braço, simpática.

- Foi um elogio. Eu não sou muito boa com palavras. - abaixa os olhos, parecendo envergonhada - Só achei uma história bem única.

- Com certeza, é. - agradeço, um pouco mais enfática.

- E você lembra da Luciana? - a voz de Sara se derrete em algo que soa como doce vingança.

Bianca engole em seco e oferece um sorriso amarelo.

- Olá.

A outra não devolve o cumprimento, apenas balança a cabeça parecendo capaz de vomitar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- E onde está Samuel? - Sara é a vida em pessoa, unindo as mãos em alegria - Quero apresentá-lo a Mia. Vamos atrás dele? Mas a Luciana queria conversar com a Mia. Pode trazê-lo aqui?

- Nós já acabamos. - Luciana resolve, dando de ombros - E eu estava mesmo indo atrás do Leo. - encara Sara, com suas provocações intermináveis - Precisamos conversar. Mando ele atrás de você quando acabarmos, Mia.

- Mais uma que já *degustou* o Oscher. - ri, baixinho.

- Fica quieta, Priscila. - Luciana revisa os olhos - Porque se os rumores forem verdadeiros, você tá molhando seu patinho no lago e na lagoa, e já tem um Oscher pra chamar de seu.

Bia se despede, fugindo do diálogo, porque precisa ir ao banheiro e promete nos reencontrar em breve.

Sara aproveita a deixa e me puxa consigo, escondendo-se na premissa de me apresentar ao seu irmão. As outras liberam-me, seja porque acreditaram, ou porque já espremeram de mim tudo o que queriam.

A trilha sonora latina foi substituída por uma música eletrônica estranha o que parece ter dado ainda maior permissão para os casais na pista de dança tocarem uns aos outros, sugerindo todo tipo de indecência.

Alguns dos convidados mais velhos se afastaram para a parte fechada da cobertura onde uma imensa mesa de frios - que eu ainda não tinha visto - se escondia.

Sara segura meu pulso ao me conduzir pelos grupos que se formam ao redor da piscina, nos afasta da música o suficiente para o volume deixar de ser incômodo.

- Desculpa te puxar assim. - ela diz depressa. Mas eu já tinha um "obrigada por me salvar" pronto na língua, o que a faz rir - Aquelas garotas lá atrás... Luciana, Priscila... Sabe que não pode levá-las a sério, não é?

- Hm. - concordo - Inveja, ciúmes e nenhum amor próprio?

- Isso resume bem. Não acho que elas fazem por mal. A Milena, inclusive, é ótima pessoa, nas raras ocasiões em que se consegue afastá-la da manada. Acho que é só uma coisa meio territorialista. Estão protegendo umas as outras contra a pessoa nova.

- A intrusa. - murmuro, definindo-me.

- Não pode pensar assim. De todo modo, não vai durar. Assim que você não for mais novidade, elas passam para a próxima. Não se incomode.

- Vou tentar. - minha boca se curva em um sorriso triste de pouca convicção. Nós duas aceitamos uma taça de champanhe do garçom mais próximo e encaramos os próprios pés enquanto não conseguimos engatar um novo assunto.

O silêncio seria constrangedor se Sara não me observasse como quem sabe exatamente o que quer dizer.

- O que foi? - convido.

Ela respira muito fundo, daquele jeito que faz o próprio respirar ser uma antecipação do assunto que pretende abordar.

- Temos boas pessoas aqui, sabe? A Bianca, que você acabou de conhecer, é a esposa do meu irmão. Podemos marcar um almoço com ela. Vai adorá-la, prometo. E a Dani também é incrível. A Lorena...

- Por que está me dizendo isso?

Engole em seco.

- Sara. - peço, com cuidado - Pode falar a verdade. Na verdade, eu prefiro se fizer isso.

Ela acena, concordando devagar. Não consegue me olhar exatamente nos olhos, mas se esforça para manter-se perto.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Você parece assustada. - murmura - Como se estivesse processando informação demais de uma vez e gostando de muito pouco.

Sorriso.

- Pode me julgar por isso?

- Não. Ninguém pode. Não posso imaginar como deve ser pra você. Mas... seria triste ver você tentar se afastar, ou se esconder, só porque uma porção de maçãs podres te convenceu que a cesta inteira deve ser jogada fora. Tem muita gente aqui que ia adorar te conhecer, de verdade. Luciana e Priscila não são a voz mais forte.

- Mas são bem altas. - sussurro - Luciana principalmente. - abano a cabeça com uma falsa alegria - Ela e Leo são muito próximos, de um jeito quase inapropriado, e ela faz bastante questão de deixar isso claro.

Dessa vez, o sorriso triste fica por conta de Sara.

- Não é por sua causa. - dá de ombros - É culpa minha.

- Culpa sua?

Seus olhos fogem para o chão. Sua respiração parece querer expulsar a timidez que ainda prende suas palavras.

- Eu sou meio apaixonada pelo seu marido. - ergue os olhos para me encarar - Faz muitos anos. É bem ridículo, na verdade. - coça a testa - Ele nunca se interessou por mim, *claramente*. - gesticula, indicando-se, e eu não entendo o que quis dizer - Mas as *piadas* que fazem a meu respeito... são verdadeiras.

Ela se cala esperando uma sentença. Uma condenação.

Mas eu a respeito por sua modéstia.

Mais ainda por sua honestidade.

- Vocês já namoraram? - pergunto, com cuidado para não ofender a única amiga que os últimos dias me trouxeram.

- Não! - ela ri como se a mera ideia fosse absurda - Não por falta de tentativas de nossos pais. *Ou minha*. - admite com pesar - Não que eu seja muito boa nessa coisa de "dar em cima de um homem". Acho que sou péssima, se estamos sendo sinceras. Acho que só quero dizer que nunca houve qualquer interesse por parte do Leo. - afirma.

- Tem que perdoá-lo por sua idiotice.

- Com licença? - arregala os olhos.

- Sei que ele namorou com Luciana quando eram mais novos. Ficar com uma mulher como a Luciana. - torço o nariz - E recusar uma como você... Leonardo deve ser idiota. Ou tem um tipo muito específico. - enrugando a testa - E, nesse caso, acho que ficamos eu e Luciana no mesmo subgrupo e, subitamente, me sinto ofendida.

Sara começa a rir.

É completamente genuína, divertindo-se com minhas considerações a respeito das preferências de meu marido.

- Ele sempre foi um homem bom. - defende - Apesar de seu eterno jeito moleque e mulherengo. Sempre foi uma pessoa decente, coesa. Um homem trabalhador. Sempre admirei isso. - ela acena comedida, querendo fazer os elogios que acredita cabíveis, sem exagerar a ponto de beirar a admiração romântica. Não sei se tem sucesso em sua empreitada, mas (ao contrário de todos os outros) me mostra respeito com o simples fato de tentar.

- Você me ressentido? - pergunto, devagar - Se é... ou se *foi* apaixonada por ele... te magoa que ele seja casado comigo?

Sara me observa com uma placidez invejável enquanto considera sua resposta. Em sua demora, não acho que está buscando palavras educadas, mas palavras verdadeiras.

- Quando recebi a notícia, fiquei feliz que ele tenha casado com

alguém que não fosse Luciana. - engole em seco - E fiquei surpresa quando te vi pela primeira vez... o Leo tem um tipo, que sempre foi algo bem perto da Luciana. Mulheres-Modelo-Padrão, exuberantes e exageradas, falando alto e atraindo olhares. Mas você... com todo o respeito, Mia! - acrescenta depressa - Mas você parece mais...

- Com você? - entendo, com um sorriso simples.

- É. - abaixa-se, envergonhada - Você não parece o tipo que normalmente orbita ao redor do Leonardo. E aí acho que senti ressentimento, sim. Ele finalmente se apaixona de verdade, por uma mulher parecida comigo. - dá de ombros - Mas, mais uma vez, não sou eu.

- Obrigada pela sinceridade, Sara. - mastiga as palavras, devagar.

- Ah, mas eu não acabei! - sorri - O ressentimento que senti não foi a você, sabe, Mia? Foi a situação. Não é pessoal.

- Eu entendo.

- E então eu cheguei, hoje, na festa da Heloísa e tudo mudou.

- Mudou?

Seu sorriso se amplia.

- Você estava bem ali - aponta - quando Heloísa puxou o Leo para conversar com um amigo. E eu... eu vi o jeito como ele te olha.

- Perdão?

Sara ri, divertindo-se sozinha.

- É ridículo dizer isso, não é? Que dá pra perceber amor com um olhar? Parece o tipo de frase brega que você encontra em romances cobertos de açúcar. Não o tipo de coisa que acontece na vida real. Mas eu estava ali, observando você. Observando ele. - respira fundo - O Leonardo é disperso. Sua atenção nunca fica muito tempo no mesmo lugar, ele não é o tipo de homem que espera por nada nem ninguém. E definitivamente não perde tempo esperando por uma mulher. E eu... bem, como eu já te expliquei, eu me esforçava para conseguir sua atenção. Roupas que poderiam atraí-lo, assuntos que poderiam agradá-lo, ambientes que poderia frequentar. Descobri sua cor favorita, o programa de tv que mais assiste e estilo musical que prefere. Um esforço diário e avassalador para encontrá-lo em uma festa como essa e saber que eu teria pouco mais de cinco minutos para tentar conquistar sua atenção e engajá-lo. Nunca foi uma tarefa fácil, principalmente concorrendo contra toneladas de mulheres que, ao contrário de mim, eram o tipo dele. - ela parece tímida, mas, ao mesmo tempo, parece aliviada - A atenção de Leonardo Oscher: era um prêmio. E mesmo que eu dissesse a mim mesma, um milhão de vezes, "ele não te quer, supere"... bastava que o encontrasse em algum lugar, e lá estava eu: me esforçando, de novo.

Não sei como reagir. Mas não acho que é importante porque Sara não parece ter terminado e, agora que começou, não tem dificuldades para continuar.

- E aí eu te vi ali. - repete, apontando para o mesmo lugar de antes - E o Leonardo não tirava os olhos de você. Estava cercado de mulheres fazendo fila para conseguir seus cinco minutos, discutindo negócios, sobrevivendo ao furacão Heloísa... mas não tirava os olhos de você. É impressionante. Você não precisa se esforçar, não é? Tem toda a atenção dele só por existir. E eu te invejo, por isso, é claro, passei anos apaixonada pelo homem. Mas, ao mesmo tempo... algo clicou dentro de mim.

- O quê?

- Se você precisa se esforçar, não é amor. Não vale a pena. Se algum dia eu conseguisse convencer o Leo a ficar comigo, eu nunca saberia

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

se era vontade genuína ou desistência por exaustão. Eu nunca me sentiria segura. Parte de mim achava que o Leo não estava pronto, e se eu ficasse sempre por perto, quando ele finalmente amadurecesse, seria minha vez. Patético, eu sei.

- Não é patético.

- É, um pouquinho. - dá de ombros - Mas você me libertou. Fez isso agora mesmo. Estive esperando por ele, mas, todo esse tempo, *ele estava esperando por você*. Ele é seu. Então, eu estou livre. Faz sentido?

- Acho que sim. - sorrio - A Luciana disse que acabou seu casamento?

- Meu noivado, na verdade.

- Foi o Leo?

- Não. - responde sem hesitar - Vou passar a vida ouvindo as pessoas fofocarem o contrário, mas juro que não foi o Leo. Fui eu.

Quero perguntar "por que", mas acho que não é a hora. Sara está compartilhando muito mais do que eu e não quero ultrapassar limites além dos que já transpus.

- A Luciana só fala essas coisas para me irritar. - completa.

Torço o nariz mais uma vez.

- Foi... - lembro - Você disse que a Luciana não fazia isso por *minha* causa, mas por *sua* causa. O que isso tem a ver com o Leo? É porque ela também gosta dele?

- Não. - ri - Bem... defina "gostar". Eles são amigos, isso é um fato. Mas a Luciana não gosta do Leo de modo romântico ou sexual. Apesar disso, estive ativamente tentando casar com ele pelos últimos dois anos.

- Por quê?

- Porque ela me detesta.

- Sara, eu estou tentando não ser intrusiva, mas...

- Ela é apaixonada pelo meu irmão. O Samuel.

Estreito os olhos.

- O... o marido da Bianca?

- O próprio.

- Mas o que você tem a ver com isso?

- Bem... - respira fundo, está cansada - Fui eu quem separou os dois. Fui eu quem apresentou Samuel a Bia. Luciana nunca me perdoou por isso. E, desde então, ela usa o Leo como arma no seu cinto de utilidades. Sabe de meus sentimentos, sabe como fico constrangida perto dele e por toda essa situação. E passou a vida inteira usando isso como vingança.

- Por que... por que separou os dois?

- Vai ouvir muitas versões dessa história, Mia. - promete - Mas a verdade é que eu a vi traindo Samuel. E meu irmão... meu irmão é um homem maravilhoso, mas é inocente como um filhotinho. Era louco de paixão pela Luciana e nunca aceitaria isso. Tive que usar a verdade como uma marreta e bater na sua cabeça para que percebesse. Luciana o amava, mas sempre foi um espírito livre e *bem* não-monogâmico. Ela magoou o Samuel mais de uma vez e, se não fosse por mim, teria magoado muitas vezes mais. Então, me meti. E a Luciana... Foi pra cama com o Leonardo, pela primeira vez, na mesma semana.

- E isso faz tempo?

- Ah, a Luciana guarda rancor como poucos. Passou anos entrando e saindo da cama do Leonardo, enquanto fazia questão de deixar isso bem evidente pra mim. Ela o acompanhava em todas as festas, viagens, segredos. Estava sempre pendurada em seu braço, sussurrando obscenidades em seu ouvido enquanto me encarava para ter certeza que eu estava atenta. Eu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

gostaria de dizer que não doeu, mas seria mentira.

- E o Leonardo deixou que fizesse isso?

- Não acho que ele sabia. Não naquela época.

- Ela é louca. - murmuro - Deixou de viver só pra magoar outra pessoa.

- Não foi sempre assim. Ela foi embora por alguns anos. Morou em outros países. - gesticula - Mas voltou assim que soube do casamento do Samuel. Eu sei que ela o ama. Mas é meu irmão e ela lhe fazia mal, enquanto a Bianca combinava com ele em tudo. Nada disso importa pra Luciana, é claro. Parece que decidiu que, já que Samuel tinha se casado com Bianca, por culpa minha, ela se casaria com Leonardo, por desforra. E é isso que você tem visto. Toda essa exibição gratuita de ódio e agressões por parte dela não tem nada a ver com você. É só que, desavisadamente, você invadiu seus planos de vingança. Só isso.

Compreendo o que quer dizer e sinto por ela.

Sinto que tenha que sofrer as alfinetadas de Luciana. Sei bem como são afiadas.

- Tem razão em pelo menos uma coisa. - suspiro - Do pouco que conheço Luciana, não duvido que ela passe o resto da vida fofocando sobre o fim do seu noivado.

Ela sorri a satisfação dos valentes. Ao contrário de mim, está acostumada com aqueles espinhos, sabe lidar com eles.

- Se incomoda se eu perguntar por quê? - falo as palavras devagar com receio de soar ríspida. - Por que acabou o seu noivado?

Dá de ombros.

- Desde que consigo lembrar, minha família está tentando me arranjar um namorado. Um *marido*. - ri - E eu acho que caí nessa lenda de que preciso de um homem, não sei por qual razão. Casar por pragmatismo não me pareceu honesto. Acho que preciso aprender a ficar sozinha.

Aprender a ficar sozinha.

É. Talvez eu esteja precisando aprender algo parecido.

Engulo em seco, ainda tentando digerir as palavras de Sara apenas para descobrir que ficam atravessadas em minha garganta.

Penso em fazer uma pergunta ou três.

"É verdade que ele demitiu um monte de funcionários?"

"É verdade que ele foi pra cama com a tal Priscila, que trabalha pra ele?"

"É verdade que ele fez amor com Luciana na piscina da casa dos pais? A mesma que eu vi, essa semana mesmo, e achei tão bonita e tranquila?"

Engulo minhas perguntas assim como engoli as palavras da Sara apenas para senti-las atravessadas, do mesmo modo.

Desisto de perguntar.

Não é que eu não queira saber as respostas.

Não é que eu já saiba o que ela vai dizer.

Desisto de perguntar porque - acabei de perceber - não me importo mais.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

28.

Os últimos dias têm redefinido a palavra “solidão” pra mim e é impossível fazer as palavras da minha avó pararem de ecoar em meus ouvidos.

Essa fraqueza que eu sinto sempre que penso em realmente ir embora, e me separar do Leo, é só porque o amo e não quero perde-lo? Ou é porque tenho medo de ficar sem ele?

Porque tenho medo de ficar *sozinha*?

Decidi me esconder de volta no quarto porque o Leonardo estava demorando pra voltar e, quando finalmente o fez, foi interceptado por Luciana e uma profusão de outras companhias que...

Ah, *dane-se*.

Não me fazia bem ficar ali.

E, pelos olhares que ainda recebo de seus pais, acho que não sou a única afetada negativamente com minha presença ali naquela festa.

Escondo-me no quarto.

Vazia de coragem ou resiliência.

Talvez o Leo me procure e encontre, mas acho que há uma parte de mim que preferia que ele não fizesse isso.

Acho que preciso ficar sozinha, nem que seja para descobrir se é disso mesmo que tenho medo.

Alguém bate a porta, porque basta que eu tenha decidido encarar a solidão de frente para que o Destino resolva me roubar a chance.

Não pode ser o Leo, ele tem a chave. Entreabro a porta e encontro seu irmão mais velho.

- Mia? - Fernando hesita, desconfortável - Desculpe. Eu estava esperando encontrar o Leo.

- Oi, Fernando! Entra. Ele está na festa.

Ele aceita meu convite com passos incertos. Fecho a porta.

- Pressão social foi um pouco demais pra você?

- A ponto de me dar tonturas. - sorrio.

Fernando me observa em silêncio por um segundo longo demais. É charmoso. Não tanto quanto Leo, mas tem um sorriso bonito.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Posso te ajudar?

- Não... eu... - ele tem uma porção de coisas na mão. Agora que entrou, parece não saber o que fazer consigo mesmo.

- É algo para o Leo?

Fernando respira fundo. Seu silêncio é quase sagrado e não consegue me olhar nos olhos.

Más notícias.

- Fernando? - peço - O que houve?

Estou tão cansada.

- São seus papéis do divórcio. - entrega-me a imensa pilha de documentos, sua postura me lembra a do funcionário que me entregou o atestado de óbito do Gustavo. É o olhar funesto de quem não consegue nos encarar diretamente sem demonstrar pena em excesso - Não sabia que já tinham decidido. Sinto muito.

Pego os papéis de sua mão porque ele está estendendo-os ali, no vazio. E assim como uma mão esticada em cumprimento, os documentos que Fernando entrega exigem uma reação.

- Nós... nós não... - a frase em meus lábios fica eternamente incompleta porque eu não sei como concluí-la.

O homem na minha frente, no entanto, parece ter entendido tudo que precisava pelo contexto.

- Ai, Mia, sinto muito! - sua voz treme, nervosa - Eu achei que vocês tinham conversado porque... Eu sou imbecil! Nunca imaginei que... - ele também tem dificuldade com as frases - Sinto muito!

- Não é culpa sua. - perdoo - Dou pro Leo assim que... - desço os olhos para os papéis e...

Estão assinados?

Há uma rubrica na primeira página. Uma caneta preta de um tom que nunca vou esquecer. A tinta fica rala no último traço da assinatura curta, quando Leonardo começa a tirar a caneta do papel, mas a ponta esférica ainda desliza mais um pouco, fora de controle.

Fora de controle como a minha vida.

Passo as folhas sentindo meus dedos arderem.

Estão assinados.

Todas as páginas rubricadas e uma assinatura plena na última. Parecem ser seis vias.

- Nossa. - sussurro. A dor começa a subir pela minha garganta - E ele fez questão de fazer muitas cópias.

- Uma pra cada um de vocês, e uma pra registro.

Encaro os papéis nas minhas mãos. A conta não fecha.

- Tem duas versões aí. - Fernando entende meu problema - São dois divórcios diferentes.

- Ah é? Pode me dar a versão resumida? - peço. Não é culpa dele, mas dor é essa coisa amarga e ferina, como uma bala perdida que mata mesmo que tenha nada contra a vítima.

- Em um deles você não ganha nada. No outro, leva alguns milhões. Eu realmente achei que o Leo já tinha...

- E ele ia querer que eu assinasse qual?

- Mia, isso realmente não é da minha...

- Fernando. - peço, lenta. Engulo em seco. Queria dizer que estou chorando. Em luto pelo fim do meu casamento. Mas seria mentira. Na verdade, parece que estou aliviada: como se alguém tivesse tirado das minhas mãos um problema que era impossível de resolver. Leonardo decidiu por mim. *Melhor.* - Por favor.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Enfia as mãos nos bolsos. Parece o irmão quando faz isso.

- Até onde me disseram... ele deveria te oferecer, primeiro, o que não te dá nada. O de "milhões" só se você recusasse.

Aceno.

- Entrego a ele assim que o encontrar. - prometo, deixando os documentos sobre a mesa.

- Mia, eu não quis...

- Eu sei. Obrigada, Fernando. - esfrego os olhos - E você me avisou, não foi?

- Perdão? - interrompe-se, no caminho para a porta.

- Você me disse que o divórcio não seria mais minha escolha. - sorrio, triste - Você me avisou.

Ele cala pelo que parece uma eternidade.

- Sinto muito.

Vai-se me deixando no vazio. Com nada a me fazer companhia a não ser a coleção de documentos que, em certo nível, conseguem ser mais mórbidos que o atestado de óbito.

Então é isso.

Acabou.

A pior parte é que sequer estou surpresa.

Nunca esperaria isso do homem com quem me casei. O problema é que o homem que usa uma aliança com meu nome, agora, *não é* o homem com quem casei.

É um estranho.

O pensamento me traz um alívio peculiar.

Uma compreensão.

Uma resposta para todas as perguntas que me fiz desde o dia que o caos desceu em minha vida.

É isso.

Quase tenho vontade de sorrir.

- Mia?

Leo entra no quarto e parece um júri voltando para o veredicto.

O Ato Final.

- Meu amor, estava te procurando. - ainda há um resquício de pânico em seu rosto que logo se dissipa. *Achou que eu tinha ido embora.*

- Estava ficando cansada. Dia longo. - explico. Minha voz é baixa, sem vida. Parece a segunda rodada do dia em que descobri a verdade. Eu cheia de perguntas. Leo cheio de explicações.

A diferença é que, agora, desisti de ouvi-las.

- Claro. - vem pra perto de mim. Faz um carinho lento em meus braços, segurando-me com se temesse meu desaparecimento - A gente não precisa voltar pra lá.

- Vai perder o bolo e o parabéns da Helô?

- Ela não vai se incomodar.

- Mas eu vou. Não quero que se afaste por minha causa.

Há frieza em minhas palavras causada pelo documento em cima da mesa. É complicado ter o Leo tão perto porque, apesar de minha mais

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

recente percepção, seu corpo ainda me causa calafrios.

O desespero nos seus olhos assim que me afasto é algo que entendo bem: essa vontade de gritar até colocar as engrenagens da vida de volta em uma posição que funcionem. Ele quer nos consertar. Talvez haja uma verdade por trás dessa assinatura no divórcio... mas não importa mais.

- Não vai ser assim pra sempre. - promete, suave - Eu sei que agora parece que nós dois não sabemos mais como fazer isso. Mas eu te amo. - tenta se aproximar - Nós somos uma família e vamos encontrar o trilho de novo, mesmo que... - mas o bloco de papel em cima da mesa chama sua atenção. Acho que já o tinha visto com o canto do olho, e esse foi apenas o tempo que seu cérebro levou para processar o fato - O que é isso?

A pergunta não é para mim.

É para o Universo.

É como se Leo estivesse bradando com o Universo para que, *pelo amor de Deus*, lhe desse pelo menos um minuto de descanso antes de mandar outro Dilúvio.

Mas era tarde. As águas chegaram.

- O Fernando trouxe pra você. - murmuro.

Leonardo fecha os olhos e deixa a cabeça cair.

Há mais em seu ato do que em qualquer palavra que poderia ter dito.

Leva as mãos a cabeça e espreme os lábios de um jeito que é próprio apenas dos loucos. E então... *começa a rir*.

- O Fernando trouxe? - vira-se pra mim e, por um instante, parece que estamos de volta em casa, brincando sobre a resistência do chuveiro enquanto eu roubo suas torradas. Sua expressão de diversão é plena enquanto a gargalhada nunca está muito distante de sua garganta - O Fernando trouxe os documentos de divórcio pra você? E sentou pra ler as cláusulas? - ri, insano - Trouxe uma caneta também? Um oficial do cartório?

- Leo...

Ele agarra os documentos com tanta força que amassa as primeiras páginas. Deve ter rasgado algumas, sem dúvidas.

- Você sabe que ele está fazendo isso de propósito, não é?

- Ele estava procurando por você. Veio trazer pra você, não pra mim.

- Ah! Que solícito da parte dele! Ter vindo até o nosso quarto quando eu estava na festa e você não. Isso é uma piada! - rosna - *Não acredito que ele fez isso*. - vocifera para si mesmo, parece tão decepcionado. Mais que isso... parece *magoado* - Ele me prometeu que ia dar um tempo. Prometeu que ia dar uma chance.

- O Fernando? - não consigo entender.

- Não, esse aí está bem no seu habitat natural com essa palhaçada de "te entregar o contrato por engano". Estou falando de outra pessoa.

- De quem?

Ele respira fundo.

Dói nele.

E dói em mim vê-lo sangrar.

- Meu pai. - murmura. Suas pálpebras baixam como devem ter feito no dia que lhe contaram que Papai Noel não existe. Uma tristeza amarga de alguém que foi enganando por tempo demais por alguém em quem deveria confiar.

Sua expressão de decepção verte-se em uma de cólera e eu não sei qual das duas é mais digna de pena.

- Eles estão fazendo isso para nos separar. Meu pai não nos quer

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

juntos e está fazendo um verdadeiro espetáculo circense para conseguir o que quer. Acho que vou precisar lembra-lo que NÃO É MEU DONO! Sabe qual é o problema, não sabe? - está salivando. Percebo que é de sua cólera que sinto mais pena - Está acostumado a me ter na coleira E EU SEMPRE DEIXEI! Passei tempo demais permitindo que essa putaria se prolongasse, está na hora de cortar o cordão. Está na hora de *cortar pra sempre*. - *ele ama o pai*. Não sabe como lidar com a desilusão. Entendo o conflito. *Entendo bem demais*. - Vou resolver isso agora mesmo. - ataca os documentos sobre a mesa e dá as costas. Acho que vai embora. Pra guerra, pela postura.

Mas eu preciso lembra-lo de algo.

- Você já assinou. - meu sussurro é rouco, mas atinge Leo como um tapa. Ele se vira de volta pra mim com uma boca aberta e vazia. Quer dizer meu nome, mas não sabe o que dizer depois - Você assinou, Leo. - assinto, calma.

- Mia... - aí está: meu nome e mais nada. É tudo que ele consegue dizer. Balança a cabeça vezes demais como se o gesto da negativa tivesse o poder de voltar o tempo e negar os fatos.

- Eu estive aqui nesse quarto, na última meia hora, tentando entender por que você teria assinado. - falo, já que o silêncio se prolonga sem que ele tenha capacidade de ocupa-lo - Acho que você me ama. Mas talvez o amor que tem pelo seu pai o compelissem a algo assim. O amor pela empresa.

- Mia... - *meu nome, de novo, apenas*.

- Talvez fosse um mal entendido. - ergo a mão para que me deixe falar - Talvez uma falsificação. - sorrio, tímida - Mas aí eu percebi uma coisa, Leo. - mordo o lábio - Eu percebi que não faz diferença. Nunca vou conseguir entender por que você assinou sem falar comigo porque, na verdade, *eu não te conheço*. - ele tenta interferir, mas eu o impeço - Estive aqui sentada, sozinha, tentando decifrar o motivo por trás dos seus atos, apenas para perceber que são os atos de um estranho. A sua razão pode ter sido qualquer uma dessas. Ou pode ter sido outra. Ou talvez nunca tenha me amado. Ou talvez ame outra.

- Mia, pare. Use qualquer argumento que quiser. Me dê um soco ou me abandone. Mas não diga que eu não te amo. Não me diga que há qualquer parte de você que acha isso.

- Não faz diferença. - me dói o tanto que as palavras saem límpidas. Calmas. Pacíficas - Você é um estranho.

- Não sou! Amélia! Você sabe quem eu sou! Sempre soube!

- Ah, então você é mesmo um órfão? Um representante comercial? O cara que precisa viajar por cidades do interior para pagar as contas? - abro os olhos - Meu Deus! Precisamos avisar a todas essas pessoas! - concluo, sarcástica.

- Você sabe o que eu quis dizer.

Assim como nele, há mágoa em mim.

A mesma que sente pelo pai, é a que me causou.

- Sabe o que mais machuca, Leo? - espremo os lábios, sentindo a calma, que tinha há pouco, me abandonar - Que nós poderíamos ter morado juntos em São Paulo, todo esse tempo. Poderíamos ter ficado juntos todos os dias. Sem essas separações arbitrárias que me pareciam tão injustas, mas ao mesmo tempo necessárias. Era o que eu mais queria: o dia em que ia poder dormir e acordar com você, sempre. Mas você me roubou disso.

- Mia. Meu amor, escuta...

- Você decidiu quanto do seu tempo eu merecia. Quanto queria me dedicar. Vivia sua vida aqui, com seu trabalho, sua família, seus amigos,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sua história. E, pra mim, Leo... você pode dizer que me ama e usar as palavras bonitas que quiser. Mas pra mim, só sobraram restos.

- Você acha que eu não me arrependo? Te contei uma mentira estúpida no dia que a gente se conheceu porque achei que nunca mais ia te ver de novo! Mas aí eu me apaixonei por você. E me destruía não saber como te contar a verdade, porque era tudo que eu queria. TUDO que eu queria era te trazer pra casa. Era acordar todo dia com você, Mia, porque ficar longe de você só me trazia angústia.

- E por que não fez isso? Teve meses antes de começarmos a namorar. Teve anos antes de casarmos. Teve anos casados. *Nunca* achou um momento?

- O Gustavo ia me colocar pra fora da sua casa no instante que soubesse que menti.

- Não. - peço.

Aqui o assunto faz uma curva violenta.

O nome do meu irmão me faz tremer do jeito errado.

- E mesmo quando descobriu, o Gustavo, ele...

- Não, Leo, isso não. - imploro - Não coloca o nome do meu irmão aqui, por favor. - minha voz vai perdendo a força.

Leonardo parece enfiado em um poço de pânico onde a única corda que poderia salvá-lo é exatamente a que o impeço de usar.

Passa a língua nos lábios retraídos. Esmaga as palavras na boca em respeito a minha dor, mesmo que isso cause nele dores de outro tipo.

- Você saía com mulheres, dizendo-se solteiro e usando a aliança em uma corrente no pescoço... - murmuro - E quer colocar o nome de Gustavo nesse plano? Acha que há qualquer parte disso que meu irmão aprovaria?

- Mia, não quis ofendê-lo. Você sabe que não.

- Aí é que está: eu não sei. É meu ponto, percebe? Eu não te conheço!

Leo esfrega os cabelos, desesperado para fazer a loucura parar. Mas foi ele quem criou a loucura. Agora, precisa lidar com ela.

- Leo. - fecho os olhos - Acho melhor eu ir.

- Ir? - encara-me, em pânico - Ir pra onde?

- Você me pediu pra tentar e disse que se eu quisesse voltar pra casa, não ficaria em meu caminho, lembra?

- Mas Mia! - implora - Faz dois dias! Você chama isso de tentar? Meu amor! Calma. - engole em seco, encarando o chão, como se fosse capaz de desenvolver alguma habilidade mágica que me convencesse - Calma. A gente não precisa apressar nada. Olha, fica. Fica pelo menos um mês. Uma semana! - pede, ao ver desagrado em meus olhos.

- Tempo não vai resolver, Leo. A gente teve anos.

- Mia. - trava a mandíbula - Não vai embora por causa dessa palhaçada do Fernando e do meu pai, por favor. - aponta para o documento - Por favor, não me deixa por causa disso.

Aí está a verdade.

A minha verdade.

- Não estou indo embora por causa disso, Leo. Não estou indo embora por causa do divórcio assinado, ou porque seu pai me detesta. Ou porque sua mãe preferia te ver casado com quase qualquer outra pessoa. Ou porque você me escondeu e teve vergonha de mim. Ou porque mentiu. Ou porque saiu com outras mulheres enquanto eu te esperava em casa, sozinha. Não estou indo embora por causa de nada disso. - aceno - Eu quero ir embora porque não te amo.

Leonardo congela.

Seu rosto se abre em uma risada insana, mais uma vez.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Mia, por favor. - revira os olhos em incredulidade - Esse é o argumento que vai usar? Sério? Quer dizer que me amava até a quarta-feira de manhã. E aí 72 horas depois, não me ama mais? E quer que eu acredite nisso?

- Eu não disse que não te amo *mais*. Na verdade, eu só percebi que nunca te amei. - dizer as palavras assim, em voz alta, soltando-as em um quarto de hotel para receber o frio e a poeira, torna-as reais... acho que vou chorar.

Mas precisa ser feito.

- Nunca me amou? - pausa.

Abraço-me.

- Eu me apaixonei pelo cara simples e trabalhador que dava um nó na própria vida para ter poucos momentos do dia comigo. O que chegava em casa cansado de uma semana na estrada e ainda tinha amor e paciência para minhas loucuras. Eu me apaixonei por um homem transparente. O que me contava tudo e que me prometeu que nunca mentiria pra mim. O homem que eu confiava e que merecia minha confiança, Deus sabe que ela pode ser cega... - sorrio - Eu me apaixonei pelo homem que passou anos economizando para conseguir me levar na viagem dos meus sonhos. O homem que queria passar mais tempo comigo, mas tinha medo de me deixar sozinha em uma cidade desconhecida enquanto ele precisava ficar longe. Eu me apaixonei por um homem que me tinha como prioridade. - respiro fundo. Fecho os olhos - Você não é esse homem.

A primeira lágrima cai e eu não me ocupo em limpá-la porque eu sei que não será a única.

Na minha frente, Leonardo desaba aos pouquinhos.

Assim como eu, ele também não vai durar.

Preciso continuar:

- É como aquela história boba, da mulher que tinha dois pretendentes e escolheu o que lhe deu dez maçãs, ao invés do que lhe deu cinco, sabe? Sendo que ela não sabia que o rapaz que lhe deu as dez tinha mil. Enquanto o outro só tinha as cinco que lhe deu. Eu aceitei o pouco que você me deu, com todo meu amor, porque era tudo que você tinha pra dar. *Você precisava trabalhar, precisava estar sempre longe*. E agora, eu descubro que não era verdade. - minha voz falha - Você não é o homem por quem me apaixonei. Você é o homem que me manteve sozinha e a distância para não complicar sua vida dupla. Você é o homem que me via quando dava. O que contava minhas loucuras como piada, em uma mesa de bar, para o seu irmão. O que mente pra mim. O que me trai. O que podia me levar na minha viagem dos sonhos quando quisesse, mas preferiu não fazer isso porque não era conveniente. Percebe, Leo? O homem por quem me apaixonei JAMAIS faria isso. - as lágrimas. No plural, agora - E eu vim até aqui, e sobrevivo a toda essa humilhação, porque eu o amo tanto. Eu amo aquele homem mais que qualquer coisa na vida e estou agarrada a ele com todas as minhas forças. O problema é que ele nunca existiu! Ele é só uma coisa que você criou. Uma fantasia. E agora ele se foi.

Fico em silêncio.

Acabaram minhas palavras e, com elas, minhas forças.

- Meu amor. - Leo se aproxima. Toma meu rosto nas mãos, mas é tarde. O encanto se foi - Meu amor, se eu não te dei tudo que tinha não foi por falta de vontade. Foi porque eu não sabia *como*. Mas agora eu sei. - beija minha testa - Agora eu sei. Só preciso que você me dê uma chance de provar. - beija meu nariz - Me dá uma chance? Por favor. Só uma? - está beijando meu rosto. Minhas bochechas. Minha boca.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Eu o beijo de volta.

Enlaço seu pescoço porque é um beijo de despedida. Entrego minha língua enquanto tomo a sua. Leo aperta minha cintura com força. Acho que não vai me deixar respirar. Acho que não vai me deixar ir.

Mas já está decidido.

Tem um sorriso mínimo em seus lábios quando o solto e afasto.

Entendeu meu beijo do jeito errado.

- Fica? - pede. Toca os cabelos em minha franja, coloca-os atrás da orelha.

Não vou conseguir ficar.

Mas também não vou conseguir me despedir.

- Fico. - minto. *Bem.* Pela primeira vez.

- A gente não precisa ir para a festa. A gente fica aqui no quarto.

- Não, Leo. É aniversário da sua irmã. Sua família já me detesta.

- Vamos rápido, então. - promete - Heloísa já estava trazendo o bolo quando saí. Só o parabéns e voltamos. E não te solto por um instante.

- Não quero ir.

Enruga a testa, confuso.

- Eu te espero aqui. - minto - Não posso ir.

- Então eu fico com você.

- Leonardo, não faz isso. - imploro, enfiando as mãos em meus cabelos - Se você disser que não vai, por minha causa, vai acabar me forçando a ir. Não faz isso comigo, por favor. Só vai. A gente conversa quando você voltar.

Ele balança a cabeça devagar e obedece.

Beija minha boca de novo e promete estar de voltar em quinze minutos.

Não sei se o beijo.

Não sei se seu hábito em ver através de minhas mentiras.

Mas ele acredita.

Ele acredita no até logo.

Era um adeus.

29.

Ajusto a alça da minha bolsa sobre o ombro enquanto me arrasto pelo hall principal, no caminho para a saída.

Preciso ganhar o máximo de distância entre eu e o quarto de hotel ou Leonardo me alcança. E, com ou sem a percepção da ausência do meu amor, o homem ainda me causa *coisas*. Foi dono do meu coração, ele, por tanto tempo, que é difícil combater isso quando vejo seu rosto.

As portas de vidro do hotel. Bem ali. Poucos passos e estarei no estacionamento. No carro. A caminho de casa quando ele perceber que acabou.

- Não vai se despedir?

Não é a voz do Leo.

Mas é familiar ainda assim.

Viro-me para encontrar Diogo. Não parece surpreso com minha fuga.

- Para onde está indo, Mia?

- Vai me impedir? - mordo o lábio, preocupada. Vou precisar correr do Diogo? Vou precisar gritar?

- Não. - abre os olhos, horrorizado - Você não é prisioneira. - sorri - Na verdade, já estive imaginando que ia fazer isso, há algum tempo.

- O Leo também? - murmuro - Foi ele quem pediu que você...

- Não. O Leo segue na ilusão de que ele pode consertar as emoções dos outros como uma decisão empresarial. Não o culpe, ele é bom no que faz e é cego quando o assunto é você.

Não consigo responder. Já gastei quase dez minutos até aqui. Só tenho mais cinco e o Leonardo me alcança.

- Ele te ama, sabe disso?

- Sei. - é verdade - Mas não importa mais.

Diogo faz uma reverência curta como se entendesse o que eu quero dizer melhor do que eu mesma.

- Ele passou por muita coisa pra conseguir ficar com você. - continua - Sei que parece que é um riquinho mimado, mas não foi fácil pra ele. Arriscou um bocado. O Oscher te ama *muito*.

Ofereço ao meu amigo um pequeno sorriso de gratidão, mas ele já percebeu o que quero dizer.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Não vai mudar de ideia, não é?
- Não. - ergo o ombro - Talvez um dia. - sinto a dor em minha voz -
Mas não hoje.
- Tudo bem. Deixa eu te dar uma carona?
- Diogo...
- Não digo pra ele onde te deixei. Até porque se eu te deixar pegar estrada, de madrugada, sozinha em um táxi desconhecido... - torce o nariz
- *Ele me demite.* - brinca, conduzindo-nos pela porta de vidro.
Sorrio pela sua gentileza.
Mas não entendeu o que eu quis dizer.
Menos de cinco minutos.
- Não é isso. - explico - Eu já tenho carona.
- Ah?
O carro estacionado na passagem está ligado e Diogo segue a deixa de minha indicação. Inclina-se para ver através da janela do motorista.
Heitor ergue a mão em um cumprimento desajeitado e Diogo parece lutar contra a vontade inapropriada de me fazer um milhão de perguntas.
Melhor que vença a luta porque não estou disposta a responder.
Levaria tempo demais.
Mas ele apenas acena. Torce o nariz como se estivesse batalhando para manter no estômago algo de gosto particularmente ruim. Ajuda-me com as malas.
- Diogo? - seguro a porta que ele mantém aberta - Posso te pedir uma coisa?
- Claro, Mia.
- O Leo... ele vai querer vir atrás de mim.
- Vai.
Respiro fundo.
- *Não deixa?*
Diogo me observa com o canto do olho, reconhecendo que meu pedido é impossível demais para cumprir.
- Mia, se o Leonardo Oscher quiser te encontrar, não vai haver como impedi-lo. - suspira - Mas eu vou tentar.
É suficiente.
Vai ter que ser.

Leo

Certo. Novo plano.
Foda-se o resto do aniversário da Heloísa, vou pegar Mia agora mesmo e levar nós dois para o aeroporto.
Foi meu erro desde o começo: não devia tê-la trazido tão rápido. Minha família fodeu tudo. Preciso de um tempo a sós com ela, para que me perdoe e lembre do tanto que eu a amo. Só isso.
Eu diria "México", mas não deve ser longe o bastante.
Quero colocar muita terra entre nós e minha família.
Pensei em Paris, mas não tem mar.

Taiti.

Esse é o plano.

Um resort cinco estrelas, no Taiti. Algum lugar onde eu possa deixar Mia na água, sem lidar com qualquer altura.

Abro a porta do quarto.

Não vou sequer fazer as malas.

Temos que ir agora, ou não iremos mais.

Conheço Mia o suficiente para saber que ela beirou seu limite. Não vai demorar a desistir, então eu realmente preciso...

O quarto está escuro.

- Mia?

Não.

Acendo as luzes.

- Amor?

Vou direto ao quarto.

Vazio.

Suas coisas se foram.

Não, não, Mia.

Por favor, não.

Esfrego meus olhos e tenho vontade de me espancar.

Leonardo, seu estúpido de merda! É óbvio que ela estava indo embora!

Pego o celular apressado e quase derrubo a porcaria. Ligo uma vez.

Duas.

Ela não vai te atender.

Mordo a boca com força para dar vazão a fúria que sinto de mim mesmo.

Verifico as horas. Ela deve ter tido vinte minutos de vantagem. Não pode estar longe.

Ligo pra Diogo depressa, preciso ir atrás dela. O plano do Taiti não precisa acabar assim... estou quase na porta quando noto os documentos alinhados sobre a mesa.

Em cima deles, o pequeno aro dourado que, por dois anos, Mia carregou no dedo.

Meu coração bate com força.

Escuto nada além dele, rítmico em meus ouvidos.

Não.

Toco o aro primeiro. A aliança de ouro que, fora de seu dedo, significava "fim" de um modo mais pleno do que palavras conseguiriam descrever.

A aliança deixada pra trás já diz *tudo*. Na dúvida, no entanto, Mia deixou também os papéis. Toco-os e sinto minhas pernas desistirem.

Sento na cadeira ao lado da mesa. Não acho que vou conseguir levantar tão rápido quanto pretendia.

Ela assinou.

Assinou apenas um.

Não preciso verificar para ter certeza que é o que lhe dá direito a nada. Ao contrário de meu pai e irmão, eu conheço a mulher com quem casei.

Mas talvez não tão bem quanto imaginei ou teria ouvido sua mentira.

- Oscher?

Por um segundo aperto o telefone. Acho que Diogo atendeu. Mas então percebo que a ligação caiu há muito tempo. Ele entrou no quarto e está de pé atrás de mim. Pairando como uma sombra de maus agouros.

- Mia. - murmuro. Preciso limpar a garganta porque minha voz se foi

- Mia foi embora, eu...

- Eu sei.

- Sabe? - busco sua confirmação - Ele te disse para onde...

Assim como a aliança.

Assim como os papéis.

O rosto de Diogo também diz coisas demais sem precisar dizer coisa alguma.

- Ela se foi, Leo.

Leo.

Diogo chamando-me de "Leo" quando estamos sozinhos é mau sinal.

Está com pena.

- Onde ela está?

- Não acho que deve ir atrás dela.

- Legal. Pena que não ligo para o que você acha? Onde ela está?

Meu corpo inteiro vibra. Parece que minha alma quer sair pelos ouvidos.

- Ela me pediu, Leo. - murmura com o tom de amizade mais genuíno que já o vi proferir - Ele me pediu para não te deixar ir atrás dela. Mia precisa de um tempo. Sufocá-la, agora, não vai fazer bem algum.

- E o que eu faço? Sento aqui e espero uns dias? - não consigo manter minhas mãos estáveis. É a alma querendo fugir para encontrar Mia, e, talvez, matar o Diogo no meio do caminho.

Ele me observa em silêncio, mas não foi uma pergunta retórica.

Eu *realmente* quero saber o que fazer.

Preciso que alguém me diga.

Mia roubou meu adeus.

Roubou aquela chance final que eu teria para me agarrar às esperanças e implorar que ficasse.

Diogo está tentando me ajudar com conselhos que servem de nada. Não estou ouvindo. Em minha mente, estou de volta alguns anos atrás quando, pela primeira vez, percebi que um homem apaixonado é um homem sem dignidade. *Porque não nos incomodamos em perdê-la.*

Minha dignidade não é tão importante quanto Mia.

Nada é.

Me colocaria de joelhos agora, se ela estivesse aqui.

Mas não está.

E essa mera percepção me tira as forças.

Implorar pelo telefone é uma coisa fodida do cacete justamente por ser o último recurso. *Se não funcionar, não sobra mais nada.*

Mas nem mesmo isso Mia me deixou.

Foi-se.

Do mesmo jeito que veio.

De repente e quando eu não estava esperando.

- ... estava sofrendo. - as palavras de Diogo me trazem de volta a realidade, forçando me a abrir os olhos para receber o pânico.

- Está sofrendo? Mia? O que houve? - *preciso encontra-la.* Estou de pé, estou na porta. *Alguém está machucando Mia?*

- Leo, calma. - Diogo acena - Está me ouvindo? Estou falando da situação toda. Ela está sofrendo *por sua causa.*

Por sua causa.

Sabe quando você decide comer algo suspeito no meio da rua e a primeira mordida já revela que você vai passar o resto da noite passando mal?

Aquelas três palavras são minha primeira mordida.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sou eu.

Sou eu quem está machucando ela.

- Ela... o que ela disse? - gaguejo.

- Disse que não ia mudar de ideia agora. Talvez um dia. Mas não agora.

Deveria ser óbvio, mas... mas preciso da aliança, dos papéis e do olhar fúnebre do Diogo para entender algo que Mia deve ter passado os últimos dias tentando me dizer.

Sou eu.

Sou eu quem está lhe fazendo mal.

O apaixonado que não se incomoda em perder a dignidade.

O apaixonado que não se incomoda em perder *nada*.

O apaixonado que é capaz de qualquer coisa para mantê-la feliz.

- Então é isso? - murmuro.

Diogo parece desgostar da resposta que precisa dar tanto quanto eu.

- É isso. - é tudo que diz.

- LEONARDO! - a voz de meu pai na porta do meu quarto - Ficou louco? Saiu desesperado logo depois do parabéns, a Heloísa queria brindar com a família e... - se ele soubesse o tanto que passei a detestar sua voz, calaria. Esfrego os olhos sentindo uma cólera profunda tomar conta do meu espírito - O que aconteceu? - olha de mim pra Diogo, finalmente percebendo que algo se passou.

- *O que aconteceu?* - repito. Não sei se é nojo ou descrença. A essa altura, deve ser uma combinação bem pouco saudável dos dois. - Você ganhou. - sorrio, sem alegria - Foi isso que aconteceu.

Arthur Oscher encara o quarto vazio fazendo a soma.

- Leo, eu não sei o que você acha que...

- Seu esqueminha com o Fernando foi genial. *Eu te disse!* - rosno - Eu te disse que Mia era decente e ia se sentir humilhada! Mas você não se importou! Não se importou em magoar a mulher que eu amo. Não se importou com o que faria comigo.

- Você assinou!

- Porque o Matheus... - abro os olhos - O Matheus está no plano de vocês? - esfrego minha testa. Tenho certeza que nunca senti tanta raiva na minha vida. *Certeza.* - Vocês três se juntaram pra decidir o que seria da minha vida? Não pensaram em me convidar? Porque essa é uma reunião que eu não iria perder.

- Acho melhor eu sair. - Diogo murmura, profissional.

- Não. Você fica. *Ele* está saindo.

- Leo, filho... - sua expressão doce de quem quer fazer as pazes.

- Não! - ergo o indicador - Não, já chega. EU CONFIEI EM VOCÊ! Você disse que ia lhe dar uma chance! Mas mentiu pra mim e foi pedir ajuda para o Fernando, pelas minhas costas! PARA O FERNANDO!

- Leo, você não queria ouvir a razão, filho. - toda a raiva que ele parecia sentir de mim, pelos últimos dias, desapareceu. Desapareceu, assim como Mia. *Ele ganhou.* - Mas agora nós podemos focar no que...

- Quer ver qual ela assinou? - rosno, colérico - Quer ver qual dos contratos ela escolheu assinar?

Não responde.

- Vai. - convido - Dá uma olhada.

Ele se inclina e não precisa de muito tempo para descobrir.

- É. - respondo, mesmo sem olhar o documento - Quer continuar defendendo a tese de que ela só me queria por dinheiro?

- Isso não muda nada. - engole em seco - Ela pode querer que você

vá atrás dela, ou...

- Diogo, pega o carro. - peço.

Ele obedece prontamente e se vai.

Enfio-me no quarto e recolho meus poucos itens.

- Leo, sei que está chateado agora, filho. Mas não faça essa desfeita a sua irmã. Você precisa ficar com sua família, agora.

- Família? Mas eu não tenho família? São um bando de mentiroso, traiçoeiros. Cada um preocupado com os próprios interesses. A última família que me restava assinou um divórcio e foi embora.

- Está sendo injusto.

Talvez.

Mas a ira é forte demais.

Eu estou vendo vermelho.

- Você não faz ideia do tanto que eu te admirava. - rosno - O tanto que eu te respeitava. E agora... com essa *palhaçada* do Fernando? Você é só um homemzinho miúdo e sem caráter.

- Me respeite, garoto! - infla de volta.

- Chega. Eu perdi minha família. E você perdeu um filho.

Ele fica rígido como se duvidasse da possibilidade do que digo.

- Toda vitória tem um preço, pai. Você ganhou. Parabéns. Agora, pague.

Dez dias depois...

Sinto-me fraco.

Ela vendeu a casa.

Vendeu a loja da avó.

Abandonou o mestrado.

Acabou as aulas com as crianças e pediu demissão ao Eduardo.

Desapareceu.

Estaciono na rua da Estela porque já me tornei íntimo de sua caixa de mensagens e desisti de ser ignorado.

Toco a campainha.

- Estela.

- Eu devia chamar a polícia. - ela reclama, ao abrir a porta.

- Estela. - espremo os lábios - Preciso falar com você.

- Leonardo, se você quer falar com a Mia, liga pra ela.

- Não tenho seu número novo.

- Isso é sinal de que *ela não quer falar com você*.

Mordo a boca. *Desespero* é a pior sensação do mundo. E é cruel que o Universo tenha me mergulhado em nada além disso pelas últimas semanas.

- Ela disse que precisava de tempo. - explico devagar, porque não posso perder a Estela. Ela é a última ligação que me resta - Me afastei por uma semana inteira. Nem sequer tentei ligar! Respeitei seu espaço! Mas agora descubro que ela sumiu da face da Terra.

- Se ela fez isso é porque não quer que ser encontrada. - ela não me deixa entrar em seu apartamento. Ao invés disso, mantém a porta entreaberta como se eu fosse um meliante e ela temesse o ataque iminente.

- Pode me deixar entrar?

- Não tenho nada pra falar com você.
- Estela, pare! Eu não quero mal a Mia! Por que me trata como se eu...
- Ela não quer te ver, Leo. Você devia ter recebido a dica: uma mulher não se desfaz de tudo e some no mundo se quer que o cara...
Esfrego meus cabelos com violência.
- Acha que eu não sei disso?
- Então por que não para de me ligar, por dias, esperando que...
- Eu só quero saber se ela está bem! - vocifero, orando para que Estela me escute por cima das próprias palavras - Eu *entendi a dica*, Tê. Entendi muito bem. "Ela não me ama" - recito as palavras abstratas que significam alguma coisa para Mia e só dor pra mim - Acabou, eu entendi. O divórcio está assinado, não é? Ela desapareceu. Eu sei.
- Leo. - quase parece sentir pena.
- Eu só quero saber se ela está bem. Não vou atrás dela, Tê. E Deus sabe que *se eu quisesse encontra-la*, faria isso. E seria bem fácil. - aviso - Mas se ela fez isso tudo, é porque não quer ser encontrada e eu não vou desrespeitar sua vontade por mais que isso... - engulo as palavras que se embolam em minha garganta - por mais que isso me foda mais que... - desisto. *Ah, pro inferno, não vou conseguir terminar a frase mesmo* - Ela não me ama. - decido - Mas eu... eu vou amar aquela sua amiga maluca pelo resto da minha vida. E eu não acho, Tê... eu não acho que acabamos isso do jeito certo. Mas talvez seja como perder um membro, não é? Nunca vai parecer certo, sempre vai coçar e doer. Sempre vai ser como se faltasse algo. Ou talvez a gente se acostume, eu não sei. - coço a testa, estou rindo porque não sei mais o que fazer - Mas eu a amo. E só quero saber se ela está bem. Só me diz isso, por favor.
Estela me encara.
Pena.
Definitivamente pena.
- Ela está bem. - promete - Arranjou um apartamento legal em outra cidade e vai começar outro curso. Não vai terminar, de novo, você conhece a Mia. - brinca e eu sorrio. Meu peito se aperta até não me deixar respirar - Mas está bem.
Eu aceno.
- Obrigado.
- De nada. - assente, polida.
- E Tê?
- Hm?
- Se... se algum dia ela precisar de qualquer coisa... se tiver uma dívida - dou de ombros - Ou precisar de dinheiro. Ou estiver doente... - minha voz falha - Ou... - *merda. Não consigo terminar uma frase* - Você me diz? Me conta?
Estela não usa palavras. Mas confirma com um gesto e um sorriso curto.
Viro para ir embora. Acho que Estela não acredita que é realmente só isso que eu quero. Bem, nem ela nem Diogo:
- Não vai mesmo atrás dela? - pergunta assim que volto ao escritório.
- Ela não quer que eu faça isso. - murmuro, rouco.
Largo o corpo em minha poltrona e me sinto murchar.
- E vai desistir? Assim, tão fácil?
Ergo os olhos para o seu absurdo.
- Quem falou em desistir?

Diogo pausa, não parece compreender.

- Foi você mesmo quem me contou... ela disse que "talvez estivesse pronta um dia", mas não está pronta agora. Precisa de espaço e é isso que vou lhe dar. - dou de ombros, finjo que é fácil. Fácil fazer essa coisa que é a mais difícil que já enfrentei - Mas acho, de verdade - murmuro, quente - que um dia ela volta. E mesmo que demore uma eternidade... é a Mia, Diogo. - sorrio - *É a Mia*. Meu coração vai ficar esperando.

Diogo engole em seco e o que diz a seguir é a verbalização de meus temores mais profundos:

- Oscher... e se ela nunca voltar?

Engulo em seco.

A verdade me envolve com facilidade.

- Então eu vou esperar pra sempre.

Epílogo

Um ano depois...

- Senhor Oscher? Tenho mais alguns recados do seu pai.
- Diga que estou ocupado, Patrícia. - não levanto os olhos do meu trabalho. Patrícia é nova, mas sei que a lenda de que eu me envolvo com funcionárias já atingiu todos os ouvidos em um raio de vinte quilômetros. Não quero que ela veja intenção onde existe nada.

- Eu já disse, senhor. Mas ele insiste que está tentando falar com o senhor desde segunda.

- Deixou recado?

- É sobre o aniversário da sua mãe, no fim de semana. Quer saber se vai.

Movo os ombros.

Aniversário da minha mãe.

Evitei todos os encontros de família pelo último ano sem qualquer peso na consciência. Mas o aniversário de minha mãe não seria tão fácil quanto os outros.

Não quero vê-lo.

Foi difícil nos primeiros meses. Acho que nunca reconheci o fato de que meu pai era como um de meus melhores amigos. Foi apenas quando discutimos, além de qualquer reconciliação, e eu o afastei da minha vida por completo, que percebi o tanto que sentiria sua falta.

Tarde demais para voltar atrás, no entanto. Ia fazer um ano que não trocávamos qualquer palavra que não fosse um cumprimento polido, e eu não tinha humor para ser o idiota que desistiria da teimosia, primeiro.

O que ele fez foi indesculpável.

Não que faça diferença: ele sequer reconheceu ou *pediu desculpas*.

- Eu resolvo isso depois. - observo o relógio. *Droga*. - Diga pra Luis trazer o carro. Já estou atrasado.

É engraçado o conceito de "estar atrasado" quando se é o dono de basicamente *tudo*.

As pessoas sempre me esperam.

Minha gafe de não chegar na hora sempre resta perdoada.

Mas esse atraso específico me estressa porque já era para a mudança ter sido concluída.

- O que o empreiteiro disse sobre a reforma do nono andar? - pergunto.

- Ele disse que está "quase pronta", senhor.

- "Quase pronta". - resmungo - Está dizendo isso há um mês. E enquanto não fica pronto eu preciso me deslocar metade da cidade para uma única reunião. Patrícia, ligue pra ele. Diga que quero meu nono andar pronto para receber a mudança e a equipe na segunda. Se não estiver pronto, diga que está demitido. - Estou fazendo uma reforma pra receber

justamente um departamento de arquitetura e a porcaria demora uma eternidade? *Mau agouro.*

- Mas senhor, já é sexta. - engole em seco - Como ele vai conseguir acabar até segunda?

- Ele disse que falta pouco, não é? O fim de semana tem dois dias *inteiros*. Tenho certeza que vai ser suficiente. É só isso, Patrícia.

Ela faz uma reverência curta com a cabeça antes de voltar a sua mesa.

Visto o paletó. Verifico a gravata.

Comprei a Moura & Valença há quatro meses e ainda não consegui colocar tração nos meus planos do novo semestre. *Detesto atrasos.*

Passei a detestá-los ainda mais no último ano.

Meu trabalho se tornou meu templo e eu virei um trator.

Não tenho paciência para trivialidades ou cortesias.

Eu faço dinheiro.

Muito dinheiro.

- Leo? - Amanda se aproxima, cautelosa.

Deve achar que vou demiti-la.

Não tive uma boa semana, confesso.

Mas já tinha passado da hora de limpar a casa e, depois de afastar oito diretores ligados a Fernando no último ano, chegou o momento de demitir todas as pessoas relacionadas a qualquer um deles que ainda estava aqui dentro.

Amanda acha que estou concentrando poderes.

Amanda está certa.

A OM3 é *minha*.

Paguei por essa porra com sangue e se o Fernando - ou qualquer um - acha que pode inventar esquemas e tramoias, pelas minhas costas, para arrancar ao menos uma mísera parcela do meu poder aqui, está profundamente enganado.

Eu concentro tudo.

Sou o Presidente desse caralho.

Sou o dono.

Sou o Imperador.

Pode me chamar de majestade.

Não quero o Fernando por perto. Não quero o meu pai. Não quero ninguém.

- Preciso que reveja os planos do evento. Já está tudo certo com o hotel e eles enviaram a agenda da programação. Mas não quero confirmar sem sua autorização. - explica.

Peço que deixe com Patrícia. *Estou atrasado*. Vejo quando voltar.

Estou quase saindo quando o vejo na minha porta.

- Senhor Oscher? - oferece a mão em cumprimento e eu a aperto.

- Lucas. - espremo os lábios - Tinha esquecido que marquei com você. Entre.

- Se estiver de saída, posso vir depois, senhor.

- Não. Agora. Preciso resolver isso logo.

Ele entra e fecha a porta atrás de si.

- Já te explicaram o que precisa fazer? - pergunto.

- Quer um consultor para pequenos investimentos?

- Bem... minha família não faz exatamente *pequenos* investimentos.

Mas sim: são "pequenos" se comparados com o que normalmente lidamos aqui.

- Entendo. - sorri.

- Você foi muito bem recomendado pela chefe do departamento. Pelo

que me disse tenho que tomar cuidado para não perde-lo ou será concorrência.

- A Alice é muito gentil. Estou aprendendo muito com vocês.

- Ótimo. Porque isso que preciso que faça... será uma verdadeira provação.

- Não me escondo de trabalho, senhor.

- Era isso que eu queria ouvir. Fiquei sabendo que você está no caminho para um pouco mais de independência no departamento? Pronto para lidar com alguns clientes maiores?

- Se vocês acreditarem que sim. - acena, confiante.

- Então, pense nisso como seu último teste, tudo bem?

- Claro, senhor Oscher. Mas... o que é o trabalho?

- Nada demais. - respiro fundo - Preciso que cuide pessoalmente dos investimentos da minha irmã.

Lucas espera que eu acrescente mais coisas a lista de tarefas, mas é só isso.

Heloísa é trabalho em tempo integral, como ele já vai descobrir.

- Só isso?

- Só. - quase sinto pena do coitado. Mas precisa ser feito e meu tempo e paciência para esse assunto específico já se esgotaram - Patrícia vai te passar todos os detalhes que precisa. Nos falamos em algumas semanas para ver como está indo. - aperto sua mão e ele se vai.

- Senhor? O carro já está esperando. - Patrícia avisa assim que abro a porta.

- Conseguiu falar com o empreiteiro?

- Já deixei a mensagem.

Agradeço no caminho para o elevador.

Desço até o subsolo considerando a lista de coisas que tenho que fazer.

Precisei reduzir o número de reuniões com o pessoal da Moura & Valença ou passaria a semana inteira no trânsito. Só há uma pessoa na vida que eu passaria tanto tempo em um carro para ver, e definitivamente não é um bando de diretores e arquitetos.

Encaro o relógio de novo.

É uma compulsão.

Meu tempo é precioso demais para gastar assim.

Preciso trazer esse escritório para a sede de uma vez.

Luis mantém a porta aberta para que eu entre no carro.

- Para onde, senhor?

- Moura & Valença.

Já estou sentado no banco traseiro quando meu celular toca.

- Sarinha? - sorrio. Desenvolvi um carinho especial por sua voz nos últimos meses. Basta ouvi-la para que sinta uma calma. Não é absoluta, mas é uma calma ainda assim. E tenho tido pouco disso em minha vida.

- Leo! Tudo certo para hoje a noite?

- Com certeza!

- Ótimo. - sua voz hesita.

- O que houve?

- Nada, é só que... preciso conversar com você. Tem uma pessoa que está de volta na cidade e achei que você iria querer saber.

Mia.

- Quem? - aperto o telefone em meus dedos ávidos.

- A Laila. - suspira. O que eu sinto é a definição de um anticlímax.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

- Ah. - desfaço-me.

- Ela vai querer encontrar com você, cedo ou tarde.

- Tarde é melhor. - dou de ombros.

Sara escolhe o restaurante e eu confirmo a hora.

Oito. Como sempre.

Se eu não me atrasar na reunião.

Luis segue pelas ruas engarrafadas. São Paulo deixando-me ainda mais atrasado.

Sinto falta de dirigir.

Adorava meus carros esportivos e velozes, deslizando pelo asfalto em uma velocidade quase imprudente.

Mas não tenho tempo.

O motorista fez-se necessário para que eu trabalhe até mesmo no percurso.

Diogo o escolheu a dedo quando o transferi de vez para chefia do departamento de segurança.

Meu telefone toca de novo.

Normalmente, em um trajeto simples e rápido, ele toca cinco vezes, então ainda não estou incomodado.

Mamãe.

- Alô?

- Leo. - sinto seu sorriso. Não temos mais tanto contato quanto antigamente. Sempre fica especialmente satisfeita quando nos falamos. Eu a amo. *Só não... não consigo.*

- Mamãe. Como está?

- Bem, querido. - murmura, temerosa - E você?

- Trabalhando. - *sempre* respondo isso.

- Claro, claro. Leo, gostaria que viesse esse fim de semana, filho. - pede, devagar - Faz tanto tempo que não te vejo. Por que não vem? Traga a Sara! Ouvi dizer que tem se encontrado bastante. - sua voz traz um toque de esperança.

Um toque de esperança que eu me apaixone e case pela mulher que escolheu, que entenda toda a traição de minha família como plano do Universo para me trazer até aqui e perdoe tudo. Final feliz, rola os créditos.

Não.

Não consigo.

Não consigo olhar pra cara *dele* sem pensar em suas ofensas.

Não consigo olhar pro Fernando sem pensar nos documentos que ele deixou em um quarto de hotel *por acidente*.

Não consigo olhar pro Matheus sem lembrar que ele me convenceu a assinar.

Não consigo olhar pra Heloísa sem pensar naquele fim de semana maldito.

Não consigo.

É minha família e eu deveria conseguir.

Sei que não é culpa de mamãe e, por Deus, eu sei que tenho *muita* culpa.

Mas não consigo.

Que o Diabo me condene e me leve.

- Vou tentar. - é tudo que digo - Mas tenho muito trabalho.

- Mesmo no fim de semana, filho?

- Especialmente nos fins de semana. - murmuro - É quando eu consigo fazer algo sem ser incomodado a cada quinze segundos. - explico - Mas vou

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

tentar. Está bem?

Luis encontrou algum caminho mais rápido porque já chegamos.

- Está bem, eu...

- Mamãe, preciso desligar. Tenho uma reunião. Um beijo.

Ela me devolve o beijo, mas eu já estou desligando o aparelho.

Trabalhar no fim de semana.

É verdade.

É só como eu tenho ocupado meu tempo ultimamente.

Até mesmo meus falsos encontros - que existiam apenas para irritar meu pai além de qualquer limite - se foram. Não tenho mais paciência.

Sento sozinho em meu apartamento, de noite, e considero o que minha vida poderia ter sido.

É tão estranho entreter essa sensação de "acabou". Sou muito jovem para um epílogo, não é? Mas ainda assim, é nesse ponto que sinto que cheguei.

O fim.

O momento que a história acaba porque depois daqui tudo vai ser igual. Um estado perpétuo de tédio e infelicidade. O mais maldito dos pontos finais.

Ernesto Moura e Edgar Valença já estão me esperando no hall de entrada com uma comitiva digna da Coroa. A razão de tanta pompa e circunstância, eu desconheço.

Subimos os vinte e oito andares como um furacão de palavras, cumprimentos e trivialidades. Tenho paciência para nada disso.

Nada.

Cruzo o andar para a sala de reuniões, incomodado com o volume de pessoas.

Preciso levar essa porcaria para o meu nono andar.

Quem sabe assim minha chegada deixa de ser um evento e eu posso ser mais produtivo com o pouco tempo que temos.

Tiro o paletó e o coloco no espaldar da cadeira.

Reunião geral.

Isso vai demorar como o inferno e é melhor que eu mantenha meu estado de espírito.

Estão todos falando ao mesmo tempo, como é de praxe. Preciso pedir que se calem. Querem mostrar serviço, mas se a baderna continuar, o avanço se torna impossível.

Traço algumas regras, um roteiro para nosso andamento daqui pra frente.

- A mudança é a parte mais importante. Antes de discutirmos o resto. Preciso que estejam todos prontos na segunda.

- Já na segunda? - alguém pergunta.

- De nossa parte já está tudo pronto desde a semana passada! - outro se manifesta.

- Com um setor do tamanho do seu é mais fácil!

- Você chama de fácil? - indigna-se.

Ah, a baderna.

Aí está ela, de novo.

Esfrego os olhos, bebo um copo d'água.

Um movimento na porta chama minha atenção.

Algo...

Alguém.

São as curvas, o que me atrai.

Não pelo desejo, mas pela familiaridade.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

A familiaridade do desejo.

Eu conheço aquelas curvas, enfiadas em uma saia justa e uma blusa de seda. Conheço aquele cabelo.

Conheço aquele cabelo melhor que minha própria pele.

Ela se vira para fechar a porta e eu sou atacado pelo par de olhos verdes que, por tempo demais, foi minha benção e minha perdição.

Mia.

Ela fecha a porta e se foi.

Mas era ela.

Tenho certeza.

Certeza absoluta.

Não consigo mais pensar.

Não consigo mais ouvir.

Sei que, ao meu redor, a reunião tem ganas de continuar, mas minha mente gira tentando colocar lógica no caos.

O que diabos ela está fazendo aqui?

Engulo em seco. Estou tremendo, preciso de uma desculpa que me deixe sair dessa sala, mas passo minutos demais considerando.

Quando finalmente saio da sala, preciso buscar, perdido, pelas salas e corredores. Parece que estou andando em câmera lenta. Enfiado em algum tipo de gasta invisível que impede meu movimento.

Ela deve ter ido embora.

Deve ter fugido como...

Ali.

É a quinta sala que procuro, mas lá está ela. Sentada em uma das mesas em uma antessala dedicada a secretárias.

Mia.

Acho que meu coração parou de bater.

Acho que ele acelerou.

Ao mesmo tempo.

Como é possível?

"Me diz de novo?"

- Ah... - bato na porta entreaberta.

"A Estela diz que homens se confundem e dizem 'eu te amo' antes do sexo. Então... me diz depois."

Ela não ergue os olhos para mim.

- Senhor Oscher. - tem outra pessoa na sala. Não a notei antes. Não tenho certeza se, mesmo agora, consigo nota-la - Precisa de alguma coisa, senhor?

Mia encara os próprios dedos. Não me olha.

Queria que me olhasse.

Tenho tanta saudade daqueles olhos. Saudade daquelas covinhas. Daquela boca.

"E vai ter sexo?"

Vejo suas pernas cruzadas pelo tampo de vidro da mesa. A coxa que escapa da fenda da saia, o topo dos seios através do decote.

Queria dizer que é só de seu rosto que sinto falta, só de seu toque e da sua voz. Mas a carne é essa coisa fraca e sem jeito.

E eu sinto saudade de tudo.

Acho que tem uma pessoa na minha frente que ainda está esperando uma resposta

- Ah, sim! - gaguejo, ainda não consegui parar de observá-la - O... ah... essa sala. Essa sala é do...

- Do senhor Rodriguez, senhor. - explica.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

É uma mulher.
Pela voz, deve ser.
Não consigo olhar pra ela muito tempo.
É o poder sobrenatural que Amélia sempre teve de ficar mais linda com o tempo.
Passou-se um ano. Faça as contas.
Não posso olhar diretamente pra ela ou corro o risco de chorar.
- Sim! O Rodriguez. Eu preciso... - *preciso que olhe pra mim, Mia. Preciso que me diga por que está aqui. Preciso que me diga que era mentira o que disse na última vez que nos vimos* - Preciso dos relatórios. Do trimestre.
"Me diz depois da coisa que a gente fizer. Seja lá o que for. Pra eu ter certeza que é verdade."
- Quais relatórios, senhor?
"Combinado. Vou te dizer depois, meu amor. Vou te dizer o tempo inteiro."
- Os do... - calo. Não adianta continuar essa dança, é inútil - Vocês são suas secretárias?
- Sim, senhor.
- Umhum. E trabalham aqui há muito tempo?
- Eu estou há quase dois anos. A Amélia chegou essa semana.
- Essa semana? - não tento esconder meu interesse. Falharia se tentasse.
- Sim, senhor.
- Prazer, Amélia. - meu sorriso é trêmulo e incerto - Bem vinda. - *olhe pra mim, por favor, olhe pra mim.*
Ofereço a mão.
Mia me encara com um sorriso dolorido.
Toca minha mão e eu sinto aquela eletricidade que é característica dessa química que existe entre alguns. Escorrego meu polegar por seus dedos, testando sua pele suave que me fez tanta falta.
É apenas por um instante, mas minha mão vai arder o dia inteiro.
- Senhorita...? - olho para a outra em uma tentativa débil de disfarçar.
- Oh, Renata, senhor.
- Um prazer. - aperto sua mão também.
- O senhor ainda vai querer os relatórios? - pergunta.
Estou quase de costas. *Que relatório?*
Ah é!
- Resolvo com Rodriguez. Não se preocupe.
Viro as costas e sigo para o elevador.
Não terminei a reunião.
Não sei o que estou fazendo no elevador.
Não sei por que apertei um botão qualquer. Não é sequer o térreo.
Estou enlouquecendo, acho que vou...
Um sorriso.
Um sorriso curto em meus lábios.
Não estou enlouquecendo.
Respiro fundo.
Passo a língua em meu sorriso crescente e aperto o número vinte e oito, de novo.
Ela voltou.
De um jeito ou de outro, voltou para minha vida.
Sou jovem demais para um final, não é?

Isso não é um epílogo.

Não pode ser.

Porque se Mia voltou, então essa história está apenas começando.

Table of Contents

[Prólogo](#)

- [1.](#)
- [2.](#)
- [3.](#)
- [4.](#)
- [5.](#)
- [6.](#)
- [7.](#)
- [8.](#)
- [9.](#)
- [10.](#)
- [11.](#)
- [12.](#)
- [13.](#)
- [14.](#)
- [15.](#)
- [16.](#)
- [17.](#)
- [18.](#)
- [19.](#)
- [20.](#)
- [21.](#)
- [22.](#)
- [23.](#)
- [24.](#)
- [25.](#)
- [26.](#)
- [27.](#)
- [28.](#)
- [29.](#)

[Epílogo](#)

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI